Catherine Clément

A Viagem de Théo

Romance das Religiões

Cia. Das Letras

Catherine Clément

A VIAGEM DE THÉO

Romance das Religiões

Tradução:
Eduardo Brandão

Cia. Das Letras

Título original: *Le voyage de Théo*
Copyright © 1997 por Éditions du Seuil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser
utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

C626

Clément, Catherine. 1939 -
A Viagem de Théo: Romance das Religiões [recurso eletrônico] / Catherine Clément; tradução de Eduardo Brandão. São Paulo, SP: Editor Schwarcz, 1998.
recurso digital
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7164-819-7 (recurso eletrônico)

1. Religião e Espiritualidade. 2. Religiões. 3. Livros eletrônicos. I. Clément, Catherine. II. Brandão, Eduardo. III. Título.

06-4048 CDD: 133.9

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Schwarcz Ltda.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
O4.532-002 – São Paulo - SP
www.companhiadasletras.com.br

Para Titus, a sardinha

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Página de Créditos

Dedicatória

Sumário

A cólera dos deuses

- A família de Théo
- Fatou
- Uma doença misteriosa
- Pânico a bordo

1. Uma história à moda de Marthe

- Uma tia extravagante
- Tia Marthe chega
- As surpresas do primeiro jantar
- O mistério dos preparativos
- A pítia transmite uma mensagem
- Natal antecipado
- O anel de Melina

2. Ano que vem em Jerusalém

Judeus, cristãos e muçulmanos

Duas festas de Páscoa e alguns messias

No começo era a confusão

Os três primeiros guias de Théo

O Ser que diz a Lei

O Deus sacrificado

A derradeira revelação de Deus

Guerras e paz

Abraão no umbigo do mundo

3. Um Muro e um Túmulo

Lamentações pela Arca perdida

As tribulações da última aliança

A mensagem do Muro

Théo recapitula

A barafunda das igrejas cristãs

Os filhos de Balkis e do rei Salomão

A misturada de Lugares Santos

Sara, a enfermeira

Os mistérios do dicionário

A pítia no telefone

Músicas na noite

4. A noite dos justos

Um bairro reservado

As chamas azuis

A solução do primeiro enigma

O Natal em Belém

Saber renunciar aos “por quês”

5. Uma barca solar e dez lentilhas

Adeus, Jerusalém!

Amal, a egípcia

Os caras em cima das colunas

Duas metades e três elementos

A barca solar do faraó Quéops

Théo descobre o Inferno

As lentilhas da ressurreição

6. O arqueólogo e a sheikha

Moisés e José, dois judeus egípcios

O senhor arqueólogo está atrasado

A mensagem da sheikha

Ísis, Amon, Aton

A dança de Théo

O buquê do sr. Laplace

7. Sete colinas, uma pedra

Os crocodilos e as aves

O Egito em videogame

Um pingente em forma de olho

O cardeal e os pagão

As vestais e o culto do fogo

Os primeiros cristãos

Línguas de fogo e línguas dos homens

Mártires e conquistadores

8. A glória e os pobres

Um Estado diferente dos outros

A maior igreja do mundo

Mensagens para Théo

Amar os inimigos

“Eles” chegaram …

9. As imagens de deus

Reencontros

O primeiro balanço de Théo

Um deus com uma naja em volta do pescoço

Terceira pista: serpente, tridente

A grande fúria de Melina

O deus cuja mulher tinha se inflamado

Théo absolve o cardeal

O cardeal determina o protocolo

10. A índia de sete faces

As angústias de tia Marthe

As oito religiões da Índia

Ila, e alguns animais

Théo escolhe o deus-elefante

O religiorama

A cidade sufi

Um jantar em família

11. O Mahantji

A cabine de comando do comandante Lumba

As quatro cabeças do deus Brama
O grão-sacerdote do macaco divino
A aula de respiração
Ramayana
A bênção do macaco divino

12. As lições do rio

O Ganges ao alvorecer
A demonstração do professor Gaiato
Théo e o seu guru
Um chá bem no meio
Casamentos e liberdade
As fogueiras
O Mahantji revela a mensagem

13. Demônios e maravilhas

Do campo aos bazares
Os dois guardiães da porta
A fabulosa lenda do Buda
Tia Marthe ensina o budismo
A mesquita do terrível imperador
Um Ganesh em cartão-postal

14. Raios bentos

Histórias de dois veículos
Uma corda e seis macaquinhos
Uma cidade de bruma
O templo tibetano
A estranha doutora de Darjeeling

Uma opção difícil
Um abade, chá, manteiga e a prece
O punhal-relâmpago
O mais feio dos sábios
Duas echarpes brancas

15. Entre o Céu e a Terra

Uma parada em Calcutá
Maiorias contra minorias
O que é o sincretismo?
Sacrifícios: do homem ao animal, do animal ao pão
As estradas do céu
China, ou a Ordem do mundo
O Sábio feio e o Sábio oculto
O enigmático sr. Sudharto

16. Os ancestrais e os imortais

Um coquetel de sangue de cobra
Adivinhação no pagode
Maus espíritos e bons gênios
Almoço em casa do sr. Sudharto
O Caos, o ovo, o homem e os Soberanos
As surpresas da cozinha chinesa
No país dos peixes em festa
Resultados surpreendentes

17. Mães e filhas do Japão

Tia Marthe é posta contra a parede
Maoísmo e taoísmo

A inutilidade das flores de cerejeira

A alma de Théo se perturba

A srta. Ashiko

A crueldade do peixe cru

História de uma moça, de um rapaz e de um sabre divino

Primeira lição de zen

18. Flor, mulheres, chá

O segredo de Ashiko

Um estranho teatro

A criança fantasma

A arte da flor

Conversa entre tia Marthe e Melina

Sacerdotisas e xamãs

Mal-entendido debaixo de uma cerejeira

As quatro virtudes do chá

19. A melancolia das cerejeiras

A lição da sra. Aseki

A surpresa de tia Marthe

No carro

O véu de Amaterasu

V. I. U., vulgo LÁ

Théo fica com remorso

Despedida à beira do lago de Ashi

20. A religião do sofrimento

Théo arrasado

Salada russo-soviética

A morte vermelha

As casas em pés de galinha

Alexei Efraimovitch

Não tocar na ducha

Os sofre-paixões

O museu do ateísmo

A múmia de Lênin

21. A terra-mãe e o dom das lágrimas

Tia Marthe está cansada

O degelo da Mãe úmida

A adoração da beleza

A fonte das lágrimas e o segundo batismo

A cidade de três nomes

Pombinho

22. Islã: o abandona a Deus

Théo mente

Do amor ao fanatismo

Nasra, a muçulmana

O Corão

Os múltiplos ramos do islã

A peregrinação a Meca

Istambul

23. O amor louco

A visita do lama Gampo

O ícone entre a cruz e o crescente

Cinco vezes por dia

O éter

O manto de lã

Além do “eu” e do “tu”

A ronda dos planetas

24. O livro ou a palavra?

O trabalho dos místicos

A revelação

Querela sobre o islã negro

Amendoim e prece

Os filhos de cadáveres

O tantã e a palavra

25. A vida dos ancestrais

Tristeza da África

Almas gêmeas ao pé do baobá

O nascimento dos mortos

Deus não se cansa

Uma pele de sereia e um pilão de milhete

A estrela serere

Eletrochoque à vista

26. O boi, a cabra, os galos e o iniciado

N’doeup

Os gênios num cesto

O cavaleiro montou!

Cobras e aranhas

Os possessos

Uma em transe, o outro não

A outra África

Os reis da floresta

O vermelho consagrado

As mulheres de Bignona

A ilha dos escravos

27. A cavalgada dos deuses

O cargueiro Belmonte

Profetas e misturas

Índios, pretos e brancos

O professor Carneiro da Silva

O primo Brutus se transforma

Os orixás

Três meses de convento

Oxum, Iemanjá e Xangô

Tia Marthe encontra quem lhe dê ordens

Erro fatal

28. O grande protesto

Mau começo na Grande Maçã

Quando o papa se torna o Anticristo

Quando o mundo cristão se esfacela

Emoções africanas

A liberdade, e os excessos

Cruzes e pontos

A força do Espírito

Noémi

Théo trapaceia

A capela universal

29. Volta às origens

A despedida de Brutus e tia Marthe

Por que Praga?

O cálice da liberdade

O John louro e o John moreno

Cidras, palmeiras, chifres e coroas

O túmulo do Maharal

A princesa Shabat

A prece velha-nova

30. A viagem acabou, a viagem começa

Vovó Théano

A árvore de Théo

Quando as cargas chegarem

O oráculo da Pítia

Sede ternos convosco

Agradecimentos

Colofão

Notas

A cólera dos deuses

— Théo! Você viu que horas são? THÉO!

Théo não estava dormindo de verdade. A cabeça enfiada debaixo do lençol, entregava-se à deliciosa suavidade do despertar. No momento preciso em que sua mãe entrava no quarto, seus pés já começavam a deixá-lo e ele ia poder se erguer nos ares, sem seu corpo … Que sonho incrível! E teria de parar! Quando vagava tão bem entre o sono e o dia, por quê?

— Anda, chega! — exclamou Melina Fournay. — Desta vez, você vai se levantar, senão …

— Não! — gemeu uma voz sufocada. — Sacudir o travesseiro, não!

— É sempre assim — protestou a mãe. — De tanto demorar para dormir, você acaba acordando mal. A culpa é sua também!

Théo levantou-se com dificuldade. O mais duro era passar para a posição vertical e enfrentar a leve vertigem da manhã. Um pé surgiu da cama, depois uma perna, depois Théo inteirinho, remexendo os cabelos cacheados. Ficou de pé … E cambaleou. Sua mãe conseguiu ampará-lo e sentou-se com ele na beira da cama. Suspirando, Melina examinou os livros espalhados em cima do cobertor.

— *Dicionário do Egito antigo*, mitologia grega, *Livro dos mortos* tibetano … Que horrores são estes? Não é para a sua idade, Théo! Até que horas ficou acordado esta noite? — perguntou ela repreensiva.

— Hum … não me lembro — resmungou Théo meio adormecido.

— Você fica lendo até tarde — murmurou ela franzindo as espessas sobrancelhas negras. — Vai acabar ficando doente, sabia?

— Que nada — respondeu Théo bocejando. — Só estou com um pouco de fome.

— Está tudo na mesa e preparei suas vitaminas — disse ela beijando-o na testa. — Sua amiga Fatou vai chegar daqui a pouco. Rápido! Agasalhe-se bem, está fazendo um frio danado. E não se esqueça de passar pela farmácia para pegar suas ampolas. A receita do médico está no aparador da entrada à Théo!

Mas Théo já corria para o banheiro, apoiando-se nas paredes. Pensativa, Melina voltou para a cozinha, onde seu marido, Jérôme, lia o vespertino do dia anterior.

— Esse menino não está bem — disse ela a meia voz. — Não está nada bem.

— Quem? Théo? — replicou o marido sem erguer a cabeça. — Primeiro, aos catorze anos ele não é mais um menino. Segundo, o que você está vendo de errado nele?

— Ora, você nunca enxerga nada. Ele está com uma cara péssima, tem dificuldade para se levantar …

— Descartes também detestava se levantar de manhã. O que não o impediu de ser filósofo.

— É que parece que tem vertigens e …

— Você sabe perfeitamente que ele fica lendo até tarde — interrompeu Jérôme, tranquilo.

— Viu as leituras dele? — exclamou Melina. — Dicionário de mitologia, *Livro dos mortos* tibetano … *O Livro dos mortos*!

— Escute aqui, querida, Théo não teve nenhuma educação religiosa. Estávamos de acordo quanto a esse princípio, você e eu … não tem nada de mais ele próprio se informar! Deixe que se informe. Se quiser escolher uma religião, que tenha liberdade para isso … E, depois, ele cresceu um bocado. O exame médico anual não mostrou nada, que eu saiba, não é?

— Você está brincando, Jérôme! O exame médico da escola? Auscultação, reflexos, raio X a jato, quando fazem, e ponto final … não, está decidido, vou levá-lo para uma consulta com Delattre.

— Pare com isso, Melina! Você o entope de fortificantes e o mima como se fosse um bebê! Ele fica lendo até tarde, é verdade. Mas eu acho até que isso é bom. Vamos, sente-se.

— Ele está com alguma coisa — disse ela entre dentes. — Tenho certeza.

— Tudo bem — suspirou o marido fechando o jornal. — Marque uma consulta com Delattre. Ele vai pedir o exame de sangue que você quer. E eu, se me permite, vou já para o meu laboratório. Será que mereço um beijo?

Melina estendeu o rosto sem responder.

— E não quero mais ouvir falar das vertigens do seu queridinho! — ameaçou saindo da cozinha.

Só, diante do seu café, Melina ruminava esperando Théo.

A família de Théo

Até este último inverno, o humor da família Fournay estava excelente. Nada de desemprego, nada de brigas. O pai de Théo era diretor de pesquisas do Instituto Pasteur, tocava piano maravilhosamente e se revelava o melhor dos maridos. Melina tinha muita sorte: professora de ciências naturais do liceu George Sand, onde Théo estudava, tinha colegas animados e alunos comporta dos. As irmãs de Théo adoravam o irmão: a mais velha, Irène,

começava o curso de economia, e Athéna, a mais moça, ia entrar na quinta série. Não fossem as meias misturadas no cesto de roupa suja e algumas batalhas campais para ver quem tirava a mesa, Théo não tinha nenhum problema com as irmãs. Mas era frágil, aí é que está.

Antes de se casar, Melina Chakros passara por momentos difíceis. Ainda era criança quando, em 1967, ameaçados pela ditadura militar da Grécia, Georges Chakros, seu pai, um jornalista, e sua mãe, uma violinista, tiveram de se exilar em Paris, cidade sem oliveiras e sem sol. Depois disso Melina cresceu, passou nos exames, conheceu Jérôme, se casou com ele, os filhos nasceram, a ditadura dos coronéis cedeu lugar à democracia e seus pais voltaram para Atenas. Em memória do país reencontrado, os filhos dos Fournay tinham nomes gregos. Por isso a mais velha se chamava Irène, isto é, paz, e a menor, Athéna, que quer dizer sabedoria. Quanto a Théo, seu nome completo era Théodore, que em grego significa "presente de Deus". Evidentemente, para Théodore e Athéna não era fácil suportar esses nomes na escola, mas logo seus colegas se acostumaram a chamá-los de Théo e Attie.

Tudo teria sido perfeito, não fosse a saúde de Théo.

O rapaz teve um nascimento tumultuado. Melina esperava gêmeos. Eles nasceram pouco mais de um mês antes do termo, mas somente Théo sobreviveu. Por isso tinha um sono difícil e uma verdadeira fragilidade. Para não o perturbar mais, Melina decidira que não lhe diriam nada do gêmeo natimorto, cuja existência ele ignorava. Théo foi um bonito menino um tanto magricela, com cachos negros e uns olhos verdes que enchiam de inveja suas irmãs.

"A beleza do diabo …", dizia a falecida mãe de Jérôme, Marie, sua avó francesa que acreditava nas fadas e nos duendes das florestas. "A beleza dos deuses!", replicava vovó Théano, sua avó grega, que fartava o neto com

mitologia antiga e religião ortodoxa. Théo era tão bonito, tão vulnerável que, quando as duas avós se extasiavam com os encantos do menino, Melina persignava-se discretamente e batia na madeira sem ninguém ver, para esconjurar o azar. Porque, embora não acreditasse em Deus, a mãe de Théo era terrivelmente supersticiosa.

Na família, todos sabiam, Théo não era como os outros. Sempre o primeiro da classe, lia sem parar; começara pequenino, o nariz constantemente enfiado nos livros. E quando o arrancavam de suas leituras, plantava-se diante do Macintosh, no qual explorava seus CD-ROMS com paixão. Nestes últimos tempos, Théo não largava um jogo mitológico em inglês que sua mãe lhe dera de presente, *Wrath of the gods* [A cólera dos deuses], em que um jovem herói via-se confrontado a tudo o que a Grécia tem em matéria de sereias, gigantes e monstros, enquanto uma pítia de cabelos ruivos dava conselhos perversos para desorientar o jogador.

Apesar de suas reticências aos videogames, Melina não resistira à *Cólera dos deuses*, por causa da Grécia. Horas e horas seguidas, Théo passeava no monitor pelo país natal de sua mãe, sob as oliveiras gregas, horas a fio jogava procurando a identidade do herói que se parecia com ele como um irmão. Bonito garoto, espertíssimo, meio magrelo, o herói da *Cólera dos deuses* tinha de enfrentar várias vezes o inferno a fim de encontrar seu pai verdadeiro, Zeus, o rei dos deuses gregos. Quando Jérôme Fournay procurava competir com o filho, acabava no inferno e nunca saía de lá … porque era um fato comprovado: valendo-se de pedras preciosas, martelos, filtros e anéis misteriosos, só Théo conseguia encontrar o rei dos deuses com seu Macintosh. Todo mundo sabia que Théo era um menino muito inteligente.

O fato de ele ser um geniozinho não preocupava ninguém. Mas ele era frágil, frágil demais. Melina enumerava: aos três anos, teve uma

primoinfecção; aos sete, uma escarlatina violenta debilitou-o por um bom tempo (hoje estava com catorze e essa já era uma velha história); aos dez, tinha quebrado a tíbia jogando futebol. Depois cresceu muito, o esporte cansava-o, seus professores falavam de estafa, em resumo, Théo tinha uma estranha fraqueza. Será que era um problema hereditário? Aos catorze anos sua mãe tivera uma forte anemia. Ou teria sido uma simples hipoglicemia? A não ser que tivesse sido uma mononucleose …

Fatou

— Bom dia! — gritou uma voz no corredor. — Sou eu, Fatou!

Como sempre, Fatou era de uma pontualidade exemplar. E, como sempre, chegava esbaforida, sacudindo suas trancinhas minúsculas rematadas por contas douradas. Fatou, a senegalesa, era vizinha deles e a alegria das manhãs.

— Já? Nem ouvi a campainha!

— Lógico — respondeu a menina pondo a mochila numa cadeira. — Cruzei com seu marido, ele me abriu a porta. Théo está pronto?

— Claro que não — suspirou Melina. — Sabe como ele é. Sente-se e tome um café.

— Não dá tempo. Vamos acabar chegando atrasados e temos uma chamada oral de história esta manhã. Vou buscá-lo.

— Bata antes de entrar! Ele está no banheiro! — gritou Melina em vão.

Como se Fatou se incomodasse em ver Théo pelado … cresceram juntos desde o pré-primário. Na rue de lá'Abbé-Crégoire, nunca se via Fatou sem Théo, nem Théo sem Fatou. Ela ria o tempo todo, salvo durante as passeatas — numa delas, um rapaz tinha sido assassinado num subúrbio. Quando tinha passeata, Fatou corria para a casa de Théo e pegava-o pela

mão: "Ande", dizia ela, "vamos para a passeata". Théo não podia viver sem Fatou, que o arrancava de seus livros contando-lhe como era o Senegal.

O nariz comprido das pirogas surfando na crista das ondas, os baobás de braços atormentados, os escuros celeiros de palha sobre pilotis, as praias em que os pescadores descarregavam as barracudas, o voo pesado dos pelicanos, os grandes olhos vermelhos dos hipopótamos que apareciam a cada dez anos nas margens do rio Senegal … Fatou falava e Théo sonhava. O sr. Diop, pai de Fatou, era viúvo. Filósofo e funcionário da UNESCO, evocava as férias que um dia, com toda a certeza, passariam juntos África. Mas todos os anos as duas famílias se encontravam em La Baule, onde, na praia, Abdoulaye Diop comparava melancolicamente as ondas cinzentas dos mares da França com as vagas turquesa de seu país.

— MELINA! — berrou de repente Fatou no banheiro. — Depressa!

Melina apressou-se. Estendido nos ladrilhos do chão, Théo virava os olhos. Fatou dava-lhe tapinhas no rosto sem resultado. Melina pegou um copo, encheu-o na torneira e jogou a água no rosto do filho, que pestanejou e espirrou.

— Não se mexa, meu amor — sussurrou a mãe. — Espere … vamos te levantar.

Mas quando ficou de pé, o nariz de Théo começou a sangrar.

— Cabeça para trás, Théo — mandou Melina com uma voz decidida. — Fatou, uma toalha, por favor. Molhe-a. Bem fria. Agora me dê … vamos passá-la na testa. Não foi nada.

Mas ela não acreditava no que dizia. Não era verdade que não era "nada". Melina não se enganara: Théo estava doente. E enquanto o sangramento parava, ela apalpava o pescoço do filho. Cheio de gânglios. A fisionomia de Melina ficou tensa.

— Fatou, Théo não vai à escola esta manhã — decidiu. — Vou fazer um bilhete para o diretor.

— Sim, senhora — respondeu Fatou petrificada.

— Não me chame de senhora! — trovejou Melina. — Théo, vá se deitar. Eu levo seu café na cama.

— Oba! — exclamou Théo. — Adoro tomar café na cama!

— Preguiçoso! — disse-lhe Fatou. — Daqui a pouco torno a passar aqui. Não se preocupe, Théo.

— Não estou nem um pouco preocupado — replicou Théo. — Por que estaria? E para estar?

Uma doença misteriosa

O dr. Delattre tirou a pressão de Théo, verificou seus reflexos, apalpou os gânglios do pescoço, tateou as axilas e as dobras da virilha, detendo-se um instante num hematoma que Théo tinha na coxa.

— Quando se machucou? — perguntou com o semblante carregado.

Mas Théo, que vivia batendo em tudo, já não sabia direito nem onde, nem quando. Em seguida o médico fez um exame minucioso na pele do rapaz e encontrou na barriga outro hematoma, o que o deixou mais preocupado. Auscultou, fez Théo mexer os músculos, os membros, verificou a movimentação do pescoço, depois se levantou sem uma palavra, sem nem sequer se despedir. Théo ficou atrás da porta, para ouvir o que o médico ia dizer à sua mãe.

Ao sair do quarto do garoto o dr. Delattre deu um enorme suspiro.

— Sem os exames de sangue não dá para saber — falou após um longo silêncio. — Ligue para este número e mande o laboratório vir colher. Já.

— O senhor quer dizer que não posso levá-lo ao laboratório? — perguntou Melina angustiada.

— Prefiro que fique de cama. Temos que ser prudentes com esses sangramentos de nariz.

— Doutor, tem alguma coisa errada, não é?

— Com certeza — disse o médico. — Assim que eu receber os resultados, ligo para a senhora.

— Mas o que pode ser? — gemeu Melina.

— Minha senhora, pare de se torturar e vamos esperar até amanhã. Aliás, a senhora não dá aula hoje?

— Claro, daqui a duas horas. Mas enquanto isso …

— Enquanto isso, alimente-o bem, dê-lhe o que ele quiser e deixe-o em paz! Não deve ser nada grave!

Satisfeito da vida, Théo voltou para a cama. Se não tinha nada grave, ia passar uma semana sossegado, com seus livros, seu computador e a tevê. A mãe ia levar todas as manhãs uma bandeja com chá, torradas e um ovo quente, e ele não seria mais obrigado a abandonar seus sonhos noturnos. Foi o que aconteceu naquela manhã: Melina levou a bandeja, o ovo, as torradas e o chá, depois foi para a escola e ele dormiu de novo como um bebê.

Evidentemente, antes de Melina sair, a enfermeira do laboratório tinha espetado o braço de Théo para colher o sangue. Mas não era um preço tão alto assim para aquele dia de delícias, e afinal as injeções eram velhas conhecidas de Théo.

Na manhã seguinte, Théo ouviu sua mãe telefonar ao dr. Delattre, depois fechar a porta. O que ser que o médico podia estar lhe dizendo?

Melina reapareceu, com um ar triste.

— Vista-se, Théo. Vamos ao hospital para uns exames complementares. Temos uma consulta de urgência marcada.

Hospital? Urgência? Théo sentiu-se fraquejar, mas não quis mostrar nada à mãe. Essa história de hospital estava cheirando mal. Bem, na pior das hipóteses, ele estava um ano adiantado na escola.

— Que exames são esses? — perguntou com uma vozinha sumida.

— Nada, meu amor. Vão colher um pouco de medula óssea. Vai doer um pouquinho.

— Medula não é tutano? Desde quando sou osso de sopa? — brincou corajosamente Théo.

Pânico a bordo

Quando chegaram os resultados do hospital, tudo mudou.

A família ficou alvoroçada. A mãe escondia as lágrimas, o pai voltava mais cedo, Attie vinha o tempo todo até o quarto do irmão e Irène chorava. Quanto a Fatou, não ria mais. Théo até que tentou provocá-la por causa de suas tranças, que andavam meio desfeitas, mas Fatou se contentava com um sorrisinho triste de partir o coração. "O que será que eu tenho?", perguntava-se Théo.

Naturalmente, ninguém lhe dizia nada. O estranho é que não voltou ao hospital. Passou-se uma semana. Théo não se sentia nem muito pior, nem muito melhor. Flutuava num oceano de fraqueza que não era nada desagradável. Quando Fatou lhe perguntava: "Então, Théo, como está se sentindo hoje?", ele respondia invariavelmente: "Um pouco cansado, mas tudo bem".

Nem pensar em ir à escola. Dois dias depois do resultado da punção medular, o pai resolveu o problema num abrir e fechar de olhos. Fatou traria as lições, Théo estudaria em casa, faria as provas e as lições, os professores

concordaram em corrigi-los, o diretor também. Não ia perder o ano, nenhum problema, dizia o pai.

O pai tentava garantir o bom funcionamento do arranjo. Comprou uma mesa adequada para usar na cama, uma linda mesinha de pés curtos que armavam sobre os lençóis. Deu-lhe uma caneta que deslizava maravilhosamente no papel … Sim, o pai cuidava de tudo. Mas Théo preferia seus queridos livros aos manuais de matemática, e Fatou, que sabia disso, não parecia se indignar nem um pouco com essa preferência.

Certa manhã ela lhe trouxe um colar no qual pendurava um escorpião de contas negras. "Um amuleto da minha terra", explicara, colocando o colar no pescoço de Théo. "Meu pai que deu. Use-o, só para me agradar … vai te proteger, Théo." O animal protetor era engraçado com seus olhos de botões brancos, e o rapaz mexia nele feliz, pensando nas estranhas divindades que zelavam por ele na longínqua África, onde nascera Fatou.

Naquele dia, Fatou sorrira. Mas, depois, nunca mais, e Théo estava inquieto. Pior era a mãe, com sua coragem e seus olhos vermelhos de tanto chorar. Claro, Théo engolia remédios todos os dias, mas agora que não tinham nem caixas nem bulas, ele não podia saber para que eram indicados. O médico passava com frequência, para examinar a pele, vigiar o aparecimento de novos hematomas e apalpar os gânglios. Mamãe levava os comprimidos e o copo d'água e sentava na beira da cama sem pronunciar uma palavra. Certa manhã, ele perguntou se estava com aids e mamãe teve um sobressalto. Não, Théo não estava com aids. Depois ela fugiu bruscamente, com lágrimas nos olhos.

Não, tudo o que ele sabia é que estava doente e que talvez, bem, talvez fosse até morrer. Mas isso ele não diria a ninguém, e aliás não tinha cem por cento de certeza.

1

Uma história à moda de Marthe

Uma tia extravagante

Na segunda semana, Théo voltou ao hospital. Sala de espera, coleta de sangue, sala de espera, tomografia, sala de espera, radiografia, ecografia, sala de espera … não acabava mais Théo tinha tanto medo que não opunha resistência. Um objeto, era o que tinha virado. Deitavam-no, ligavam fios nele, passavam-lhe no peito um gel incolor e gelado, levantavam-no, pronto, mudavam de sala, e assim por diante. De vez em quando Théo perguntava se tinha uma doença grave, mas contentavam-se com dar lhe um sorrisinho. As enfermeiras eram amáveis e a mãe estava tão infeliz que, para não ceder muito à angústia, Théo levava consigo sua mitologia egípcia.

— Como você consegue ler coisas tão sérias assim? — suspirava a mãe. — Por que não experimenta um bom romance? *Os três mosqueteiros*, que tal?

— Argh! — fazia Théo. — Já li. Nem existiram. Athos e Milady não são de verdade.

— Por isso mesmo! O que não é verdade é mais interessante! E você acha que esses deuses do Egito existiram, por acaso?

— Acho que sim — resmungava Théo.

Depois tornava a mergulhar num universo em que os íbis eram sábios, as leoas, amorosas, e os abutres, mães. Mas no fim do dia estava exausto. Aqueles enormes aparelhos na penumbra, e aqueles silêncios …

Uma noite, quando voltavam para casa, o pai acenou com um telegrama.

— Desta vez conseguimos! — exclamou. — Ela chega amanhã!

— Ela quem? — perguntou Théo.

— Tia Marthe — respondeu a mãe. — Ela vem de Tóquio.

— Amanhã? O que deu nela? — perguntou de novo o rapaz.

Não teve resposta. Deitaram-no e trancaram-se no escritório. Ali tinha dente de coelho. Mas, tratando-se de tia Marthe, não era de espantar.

Tia Marthe era uma figura e tanto. Aos vinte anos, quando percorria o mundo de bicicleta, Marthe Fournay se casara com um japonês que encontrara nas estradas da Tailândia. Cinco anos mais tarde, o japonês saíra da sua vida de maneira tão esquisita como entrara, e tia Marthe se tornara, por um segundo casamento, mulher de um rico banqueiro australiano, com quem cruzara na Califórnia, entre Los Angeles e San Diego. Tia Marthe se instalara em Sydney com John Mac Larey, e não se tinha mais ouvido falar dela, salvo nas festas de fim de ano. Depois, tio John morreu num acidente de automóvel e tia Marthe encontrou-se de posse de uma imensa fortuna. Por fidelidade ao tio John, que ela adorava, jurou nunca mais se casar e, como não tinha filhos, voltara seu afeto para as sobrinhas e o sobrinho, que inundava de presentes vindos do mundo inteiro. Quimonos para as meninas, vitaminas americanas, facas japonesas especiais para fatiar peixe cru, *matriochkas*, turquesas da China e, da Indonésia, especiarias … Tia Marthe era de uma criatividade inesgotável.

É verdade que ela viajava sem parar. Depois de enviuvar, aproveitara seus estudos de línguas orientais para pesquisar os tecidos tradicionais. Mas como não tinha a menor necessidade de trabalhar, gostava mesmo é de correr o mundo, para alegria da família. Tia Marthe, cuja vida sentimental parecia complicadíssima, tinha amigos em toda parte, de quem falava com uma simplicidade aristocrática, para exasperação de sua cunhada Melina, que a achava esnobe. Rechonchuda, viva, usava umas roupas estranhas, adorava joias, fumava cigarrilhas e fazia ioga.

Era uma mulher extraordinária, mas o pai achava-a meio maluca. "Ah, isso é uma história à moda de Marthe", dizia ele quando uma coisa lhe parecia meio maluca. Viam-na raramente, mas ela telefonava muito, principalmente quando pretendia ir visitá-los. "Chego daqui a um mês." No dia seguinte: "Não, daqui a quinze dias, chego de Katmandu". No dia seguinte: "Chego sexta às oito da noite, no voo de Toronto". E tia Marthe desembarcava sem avisar? A última vez que chegou assim, foi para a morte de vovô.

Era óbvio que ela ficara sabendo da doença de Théo.

Tia Marthe chega

Envolta num xale indiano que desenrolou com majestade, tia Marthe sentou-se pesadamente numa poltrona.

— Crianças, estou gelada — anunciou. — Melina, você se aborreceria se eu pedisse para me trazer uma aspirina? Irène, que tal preparar um chá, querida? Procure na sacola grande, vai encontrar um chá do Japão, chá verde. Attie, na minha pasta, o saquinho de cetim vermelho é para você, mas vá ver no seu quarto. Quanto a você, Théo …

Deitado no sofá, Théo fitou-a inquieto. Todos tinham saído sem protestar, até Irène, que detestava preparar chá. Tia Marthe soltou um suspiro profundo.

— Seu presente nós vamos ver depois — disse ela. — Então, você está aprontando, hein? Está doente? Pode me dizer, é para valer ou é brincadeira?

— Sei lá — respondeu Théo enroscando seus cachos.

Apertada numa túnica pequena demais, com um boné nepalês de feltro bordado, tia Marthe estava mais ridícula do que nunca. Como se lesse seus pensamentos, olhou para o sobrinho intensamente e Théo sentiu-se culpado.

— Juro, tia Marthe, não me disseram nada, nada mesmo — balbuciou.

— Mas alguma coisa você deve imaginar — resmungou ela.

— Isso sim — murmurou Théo.

— E então?

Com um ar severo, tia Marthe não tirava os olhos dele. De repente Théo pôs-se em prantos.

— Pobrezinho — suspirou ela abraçando-o. — E você acha que eu vou ficar aqui sem fazer nada?

Théo não parava mais.

— Meu amorzinho — sussurrava tia Marthe — meu menininho …

De repente ela o soltou.

— Levante-se — mandou.

— Não me deixam levantar! — soluçou.

— Conversa! — fez ela. — Vamos! De pé!

Eletrizado, Theo se ergueu e ficou ali, balançando os braços.

— Pronto, está vendo? — disse ela. — Não! Não deite de novo. Ande um pouco … Isso. Muito bem. Agora pule.

Decididamente, tia Marthe era doida. Pular, quando estava doente, acamado, condenado? Mas, afinal de contas, por que não? Théo deu um

pulinho minúsculo.

— Bom. Não foi muito alto, mas foi um pulo. Você acha que seria capaz de carregar esta mochila? — perguntou ela apontando para uma bagagem esquecida.

Sem protestar, Théo pegou as alças da sacola preta. Era um pouco pesada, ele cambaleou.

— Tem certa dificuldade — constatou ela. — Lógico, está de cama o tempo todo. Era exatamente o que eu pensava.

E o que pensava tia Marthe? O que tinha na cabeça? Théo sentiu-se invadido por uma estranha excitação.

— Ei, tia Marthe, você trouxe alguma coisa pra mim? — disse ele correndo para o colo dela.

— Claro, meu filho — ela respondeu com ternura. — Vai saber o que é daqui a pouco, na hora do jantar. Enquanto isso, vá se vestir. Prefiro ver você de jeans.

— Não vá me dizer que trouxe uma gravata — falou Théo. — Porque detesto isso …

— Bobinho. Basta pôr um lenço no pescoço. Fica ótimo assim.

As surpresas do primeiro jantar

Théo escolheu uma camisa vermelha, um jeans bege e um lenço preto. Era roupa para dia de sol, está certo, mas tia Marthe era capaz de trazer o verão em pleno inverno. Por via das dúvidas, já que estava de pé, carregou *A cólera dos deuses* em seu computador e consultou a pítia.

Com seu sorriso de top model, ela o fez pagar cinco pontos pela pista para a solução do enigma do dia. Théo pagou e espiou a resposta: “Que azar …”, zombou a pítia impertinente, “vai ter de passar de novo pela

Floresta Sagrada …” A Floresta Sagrada? E Théo que achava já ter explorado tudo … desligou o computador e foi para a cozinha. A mãe temperava a salada.

— O que vai ter no jantar? — perguntou.

— Por quê? Está com fome, meu amor? Tem minestrone e *mezzés*, e eu fiz também uma torta.

— De maçã?

— Não, de pera, com suspiro — murmurou Melina preocupada. — Está bom?

Desde que não tivesse carne vermelha no menu, tudo bem para Théo. Andou pelo apartamento, passou pelo quarto de Irène, que, como sempre, grudada no celular, falava com o namorado. Théo se afastou educadamente e foi provocar Attie, como nos bons tempos. Mas Attie deixou-se provocar sem reagir. Faltava o escritório do pai.

— Que é isso, Théo, de pé? Que brincadeira é essa? — zangou-se o pai. — Vá descansar … A gente te chama para jantar.

Desanimado, Théo foi para a sala e deitou de novo no sofá. O jantar foi sinistro. A mãe falava com uma alegria forçada, Irène não comia nada, Attie lambiscava e o pai se calava. Já tia Marthe não parava de falar. Na sobremesa, ela atacou.

— E o seguinte, Théo — disse ela lançando um olhar circular em torno da mesa. — Decidi levar você para dar a volta ao mundo.

Volta ao mundo! A tia Marthe estava pirada!

— Está doida? E a escola? — replicou Théo com uma vozinha sumida.

— Ora! — fez tia Marthe. — Para a escola tem tempo. Já eu, não sou eterna. Diga se me engano: você não está um ano adiantado?

Atordoado, Théo olhou para os pais. Com o nariz metido em seus pratos, eles não se manifestavam. Como se tivessem recebido uma ordem invisível,

Irène e Attie se levantaram da mesa e sumiram.

— Estou doente, tia Marthe — declarou Théo corajosamente. — Acho que não …

— Por isso mesmo! — ela exclamou. — Esses doutores são uns asnos. Vamos correr o mundo consultando médicos a meu modo. Mas não nos hospitais. Está bem?

Essa era mesmo uma história à moda de Marthe! Se não era nos hospitais, onde seria?

— Porque, sabe, não vai ser uma volta ao mundo qualquer, Théo — prosseguiu ela. — Não conte comigo para fazer turismo! Não vai ver as muralhas da China, nem o Taj Mahal, nem as quedas do Niágara …

— Mamãe … — gemeu Théo. — Diga a ela!

— Não vou te sequestrar — cortou tia Marthe. — Não vá me dizer que está pensando que seus pais ainda não deram seu consentimento! Deram ou não deram, Jérôme?

O pai aquiesceu sem falar nada. Mas o que a mãe ia dizer?

— Vamos, Melina — incentivou tia Marthe. — Coragem.

— É verdade, Théo — disse a mãe erguendo a cabeça. — Dissemos sim.

— Então estou curado? — exclamou Théo cheio de alegria.

— Em todo caso, vamos telefonar todos os dias — disse tia Marthe, loquaz. — Aliás, tenho um celular que comprei em Tóquio, um modelo incrível, você vai ver, não vamos ter o menor problema …

— E você vai fazer exames de sangue em cada etapa — continuou a mãe. — Estou com o nome de todos os hospitais e …

— Ah! — fez Théo.

— Em toda parte há médicos excelentes, e vocês vão leva os remédios, e …

— Ah! — repetiu Théo tristemente.

Tia Marthe fulminou Melina com o olhar.

— Não quero mais ouvir falar de hospital e de medicina! — ela exclamou. — Vamos, tirem a mesa. Meninas! Venham ajudar!

Autoridade era o que não faltava à tia Marthe. Como por encanto, Irène e Attie reapareceram e num piscar de olhos a mesa estava vazia.

— Jérôme, traga um atlas, por favor — ordenou tia Marthe. — Vou mostrar para vocês. Então. Começamos por …

— Vamos visitar as pirâmides? — cortou Théo, excitadíssimo de repente.

— Não vá me interromper a cada instante! Attie, na minha bolsa há umas etiquetinhas vermelhas redonda autoadesivas.

— E o Kremlin? — perguntou Théo.

— A múmia de Lenin te interessa, é? — respondeu tia Marthe colando as etiquetas com atenção. — Vou avisando, não está nos meus planos.

Fascinado, Théo acompanhava o surgimento dos pontos vermelhos no mapa-múndi. Roma, Delfos, Luxor …

— Já sei! — disse Théo. — É uma volta ao mundo das antiguidades.

— Nada disso — rebateu tia Marthe, impassível. — Olhe aqui.

— Am-ti-srar — decifrou Théo.

— Am-rit-sar — corrigiu tia Marthe. — Eu sei, é difícil de pronunciar.

— Que é isso? — indagou Théo.

— A cidade sagrada dos sikhs — interveio o pai. — Fica no Penjab.

— Quem são os sikhs?

— Os fiéis de uma religião que você não conhece — respondeu a mãe.

— Ah, é? — fez Théo. — Pode ser. Com o barulho que isso tudo faz na escola … Sexta-feira para os muçulmanos, sábado para os judeus, domingo para os outros, e você ainda diz que não conheço as religiões!

— Quero ver — disse tia Marthe com um sorriso. — Continue, estamos ouvindo.

— Os judeus são os mais velhos do mundo — começou Théo. — Eles rezam sábado numa igreja que chamam de sinagoga e foram massacrados pelos nazistas durante a guerra. Chamam esse massacre de Shoah. Viviam em Jerusalém e foram expulsos de lá. Depois devolveram a terra deles, Israel, mas eles brigam o tempo todo com os muçulmanos.

— Faz de conta que está bom — resmungou tia Marthe. — Quem é o deus deles?

Théo ficou de boca aberta.

— Muito bem — ironizou a tia. — Os judeus têm um só deus, que não têm o direito de representar sob nenhum pretexto, nem de invocar o nome. Um. São o povo eleito de Deus, que selou uma aliança com eles. Dois. Esperam o Messias, que voltar no fim dos tempos. Três. Continue …

— Espere aí. Quem é o Messias? — perguntou Théo.

— O salvador do mundo.

— Então é Jesus! — exclamou Théo.

— Não para os judeus, ora essa! Jesus é o Messias dos cristãos. Os judeus ainda estão esperando o deles.

— Mas quanto aos muçulmanos é fácil — replicou Théo, ofendido. — O deus deles se chama Alá, é grande e Maomé é seu profeta. Rezam sexta-feira na mesquita, virados para Meca, sua cidade santa, onde os verdadeiros muçulmanos vão em peregrinação uma vez na vida. Tornam-se então *hadjís*. Não têm padres, mas marabus.

— Foi melhor — concedeu tia Marthe. — Mas de onde você tirou esses marabus? Eles só existem na África!

— Minha amiga Fatou me explicou — respondeu orgulhoso. — Ela é senegalesa e muçulmana.

— E os cristãos, Théo? — indagou tia Marthe.

— Eles creem em Jesus Cristo, que foi sacrificado pelos romanos porque o chamavam de "rei dos judeus". Jesus era Filho de Deus Pai, que o enviou à terra para redimir os pecados dos outros. Os cristãos vão à missa domingo, engolem hóstias, abraçam-se no fim e os padres usam umas túnicas bordadas bem esquisitas.

— Admitamos — suspirou tia Marthe. — Que diferença você vê entre o Deus dos judeus, o dos cristãos e o dos muçulmanos?

— Exceto o fato de que judeus e muçulmanos parecem acreditar num só deus, não tenho a menor ideia — respondeu o rapaz, perplexo. — Porque, no caso dos cristãos, eles são dois, mais uma pomba, que se chama Santo … esqueci o nome. Santo Padre?

— Espírito Santo — corrigiu Melina. — Você não ouviu direito vovó Théano.

— E as outras religiões? — sussurrou tia Marthe.

Os cristãos, os judeus, os muçulmanos, ele já tinha dito. Os protestantes, hã …, e os ortodoxos, pois sua família era grega, os budistas, os animistas …

— Muito bem, Théo! — disse seu pai.

— Foi Fatou — explicou Théo. — Ela me contou dos velhos deuses da África. Quer dizer, velhos …

— Que mais? — cortou tia Marthe.

— Que mais? Hum … Os índios?

— Índios ou indianos? — indagou ela. — Da América ou da Índia?

— Da América — respondeu Théo sem hesitar. — Porque tenho o CD *Sacred spirits*. Depois, num episódio do *Texas Ranger,* o caubói entrava numa cabana de fogo, tinha a visão de uma águia e encontrava o garoto ferido pelos bandidos. E há também uma religião do outro lado, na Índia.

— Existem oito religiões na Índia — disse meigamente tia Marthe. — Está se vendo que não sabe tudo.

— O zen! — lançou triunfalmente Théo. — Irène diz o tempo todo que é zen!

— Digamos — admitiu tia Marthe. — E no Brasil?

Théo não soube responder. Sobre a China, acabou deixando escapar o maoísmo.

— Nada mal — disse tia Marthe. — Um pouco desvalorizado, talvez, mas não é má resposta. Você não quis dizer "taoísmo", por acaso?

Mas Théo não conhecia a palavra. Voltou a mergulhar no mapa.

— Darjeeling? — indagou surpreso. — Nem sei onde é. Na Birmânia?

— Mas Marthe, os hospitais de Darjeeling … — a mãe.

— Não vá começar tudo de novo, Melina. Fica a seis horas de estrada de Calcutá e a duas de avião de Delhi. Previ tudo.

Fez-se um silêncio em volta da mesa.

— Bom — disse Théo. — Já entendi. Vamos dar a volta ao mundo das religiões. É isso?

Era isso mesmo.

O mistério dos preparativos

Mas não era simplesmente "isso". No dia seguinte, como se a coisa tivesse sido decidida desde toda a eternidade, começaram os preparativos para a partida. Ora, tramavam-se então coisas bem esquisitas. Tia Marthe fazia listas. Nada mais normal. Lista de hotéis, de amigos, de trens, aviões, navios, tudo bem.

Mas, e a lista de que ela só falava com as sobrinhas, hein? Mal ele aparecia, Irène escondia seus papeis e Attie ficava toda vermelha — também com sua pele de ruiva … Por que tantos mistérios? Théo tentou fazer Fatou falar.

— Ah, Théo, isso é segredo — disse ela. — Dei minha palavra.

— E para minha doença? Remédios?

— Claro que não! — exclamou Fatou. — É muito mais divertido!

Mais divertido do que a doença? Fatou tinha cada expressão curiosa! Como se Théo pudesse se divertir quando sabia estar muito doente, talvez até fosse … não. Não, e não queria pensar na morte. A morte com certeza devia doer muito, senão ninguém teria medo dela. Um enorme sofrimento e, depois … Théo tinha certeza de que em seguida começava uma viagem cheia de vento, repleta de provas e complicações. Segundo os egípcios e os tibetanos, a vida depois da morte não era nada prazerosa … A angústia comprimiu-lhe o coração. O pior era que a mãe não suportaria. E que talvez Théo não voltasse a vê-la. Não! A única solução era não morrer.

Uma noite, quando achavam que estava dormindo e ele voltou para pegar um iogurte na geladeira, surpreendeu uma estranha conversa na sala de jantar.

— Eu tinha dito um escaravelho, não uma tartaruga! — gritava tia Marthe. — Estava na lista! Você vai ter que voltar à loja.

— Está bem, pode deixar, eu acho seu tesouro! Para que etapa é mesmo?

— Para esconder debaixo …

Intrigado, Théo meteu a cabeça para dentro da sala e tia Marthe não terminou sua frase.

— Já para a cama, seu nanico!

Théo ficou um tempão se perguntando por que cargas-d'água tia Marthe queria esconder um escaravelho. Procurou a tal lista, sem sucesso. Simplesmente, notou que tia Marthe tinha acrescentado a suas malas um grande saco fechado a cadeado, assim como uma caixinha trancada à chave. Em resumo, aquilo tudo estava cheirando a conspiração. Presentes? Surpresas?

Faltava cerca de um mês. Tia Marthe passava o tempo nas agências de viagem. De noite, voltava agitadíssima: "Imaginem só! Não há conexão aérea entre Bagdogra e Jacarta … é preciso passar por Calcutá! Inacreditável!". Ou não conseguia encontrar um quarto no hotel escolhido, que estava cheio, ou fechado, ou não existia mais … em casa, ela telefonava do celular para lugares impossíveis, em inglês, alemão, enrolando a língua com pronúncias estranhas e grandes gritarias.

"Mahantji", urrava no telefone, "*it's so good to hear you … Yes, I am coming. No, in Paris for the time being. Oh, you have an e-mail in Varanasi? OK. OK. But I am not alone. My nephew will be travelling with me. Yes …*"[1].

E então, curiosamente, baixava o tom.

Quando terminava a conversa com o interlocutor invisível do outro extremo do mundo, fechava o aparelho com um ar satisfeito e comentava num aparte: "Mahantji ficou encantado". Ninguém sabia quem era Mahantji, mas tia Marthe parecia tão contente que não lhe perguntavam. Tanto mais que o telefone trazia todos os dias sua cota de desconhecidos encantados com sua ida: a srta. Oppenheimer, a sra. Nasra, o rabi Eliezer. "Ótimo!", suspirava ela, folheando seu caderno de endereços. "Então, para o Brasil, Brutus Carneiro da Silva", e ia em frente.

O pai de Théo, que tinha conhecidos no Ministério das Relações Exteriores, cuidou dos vistos do filho, o que não era coisa simples. Melina juntou toda a sua coragem e foi falar com o diretor da escola. O sr. Diop, pai de Fatou, encarregou-se do percurso na África. Quanto a Théo, aplacava sua angústia consultando a pítia em seu computador.

A pítia transmite uma mensagem

A ruiva não andava muito falante naqueles dias. A toda pressa, Théo passou pelas primeiras provas, que conhecia de cor: dar um diamante à mendiga, depositar um biscoito no altar, fazer aparecer a serpente que lhe ensinou a língua dos animais. Rápido, o herói correu para o norte, evitou com cuidado o reino dos mortos — Théo não fazia a menor questão de visitá-lo — antes de se embrenhar numa floresta … uma estranha floresta escura e densa que nunca havia aparecido na tela.

A Floresta Sagrada!

A pítia piscou os olhos e pôs um dedo nos lábios. Depois transmitiu sua eterna mensagem: "Isso vai lhe custar cinco pontos …". "OK", pensou Théo. "Vamos, diga logo, dona." Um clique na pítia. Ela prossegue: "Leve um anel com você e encontre o rei …"

A pítia desapareceu e cedeu lugar a uma paisagem paradisíaca, banhada de sol e de flores, um sonho de campo sob as oliveiras gregas. Perto de um templo em ruínas, uma sombra velada esperava. "Está com o anel?", indagou ela com uma voz trêmula. "Se estiver com ele e se encontrar o rei, não vai morrer e vai encontrar sua família. Senão …"

Mas Théo não tinha o anel e a tela sumiu num negro infinito. Fim do jogo. Desta vez Théo tinha perdido. Clicou e tornou a clicar, mas a pítia não piscava mais o olho, não falava mais de anel e a sombra de voz trêmula não voltou a aparecer.

Isso o perturbou muito.

Natal antecipado

Só faltavam dois dias. Fatou não saía mais da casa deles. Na última noite, houve grande agitação na cozinha, em que Théo não teve permissão de entrar. Vinte minutos antes do jantar, o pai veio avisá-lo: "Ande, vá se

arrumar!". O pai estava de smoking, como se fosse à ópera. Théo obedeceu: jeans preto, camiseta com o mais lindo dos tigres estampado, tênis brancos e o escorpião de contas de Fatou.

Quando abriu a porta da sala de jantar, até parecia Natal. A mãe estava de vestido longo, aquele verde. Irène estava de grande dama, com um bustiê vermelho; Attie, de bailarina, com um curioso tutu azul; tia Marthe vestia uma túnica marroquina preta bordada de branco, e Fatou … Ah, Fatou! Ela tinha vestido a túnica preferida de Théo, a vermelha com círculos dourados. Na mesa, o cuscuz árabe estava pronto. E num canto, um pinheiro decorado pisca-piscava sobre um presépio … Já?

— Mas ainda não é Natal! — exclamou ele.

— Decidimos antecipar — explicou Melina. — Esta noite, árvore de Natal e presentes.

— Ah! — suspirou Théo. — Porque no Natal pode ser que eu não … quero dizer …

— Bobalhão! — explodiu tia Marthe. — No Natal vamos estar viajando, só isso!

— Onde vamos passar o Natal? — perguntou Théo desconfiado.

— Você vai ver — respondeu a tia, misteriosa. — Depois você vai ter que descobrir a próxima etapa da nossa viagem. Sozinho, como gente grande.

— Mas … mas … — gaguejou Théo.

— Não tem mas nem meio mas. Eu vi você jogando no computador aquele jogo americano, aquele troço, como se chama? Você sabe, com a pítia …

— *A cólera dos deuses* — soltou Théo. — E daí?

— Daí que você vai jogar para valer — respondeu o pai. — Você também vai ter que resolver uns enigmas.

— Em cada cidade vai ter que encontrar uma coisa, ou alguém — prosseguiu tia Marthe. — Você é que vai adivinhar nosso próximo destino.

— Fácil — replicou o rapaz. — Já sei de Roma, Luxor, Amritsar, Darjeeling e Delfos. Não devia ter me mostrado!

— Não pense que sou idiota — protestou tia Marthe. — No mapa marquei cidades a que não iremos necessariamente. Um. Você vai ter que decifrar enigmas de verdade. Dois. Olhe, se eu disser: "Vá ao coração sagrado da cidade da pirâmide", o que você me responde?

— Cairo, ora essa!

— Pois bem, é Paris! — disse ela triunfante. — No Cairo há várias pirâmides, mas em Paris só existe uma, a do Louvre … E o Sacré-Coeur[2] de Montmartre, não se lembrou dele? Você vê que não é tão fácil assim …

— Mas eu não sei nada! — assustou-se Théo. — Vou me estrepar!

— Não vai não. Preparei uma mala cheia de livros para te ajudar. Vai te dar um trabalhão, concordo. Mas seus pais e eu estamos de acordo quanto a esse esforço.

— E se eu errar, a gente volta para casa? — perguntou Theo com uma voz sumida.

— De jeito nenhum. Se você errar, vai poder telefonar para Fatou. Ela te dar umas pistas. Como a ruiva do computador.

Fatou de pitonisa! Essa era a melhor. Théo estava perplexo. Então ela já sabia de tudo … deu um pulo e correu para beijá-la.

— Não conte comigo para te contar segredos! — disse Fatou recuando.

— Não, mas só uma pistinha, vá, cinco pontos — murmurou ele levando-a para o seu quarto.

— Fiquem aqui! Não comemos a sobremesa … — exclamou Melina.

— Deixe para lá — falou Jérôme. — Vão ficar um bom tempo sem se ver. Se é que vão voltar a se ver …

Ao cabo de cinco minutos, Jérôme foi buscar Théo e Fatou.

— Agora os presentes de Théo — disse.

De joelhos, debaixo da grande árvore de Natal, Théo procurou no presépio. Esbarrou no burrico, derrubou o boi, fez os reis magos caírem, afastou delicadamente Maria e José, levantou o menino Jesus. O envelope estava debaixo da palha. Uma passagem de avião Paris — Tel Aviv, classe executiva.

— Só isso? — espantou-se.

— O que mais você quer? — ralhou tia Marthe, ofendida.

— O resto está nas bagagens, Théo — falou o pai. — Você vai descobrir seus presentes em Jerusalém. É a primeira prova.

— Não está certo! — exclamou ele. — Por quê?

E sem querer, pôs-se a chorar. Melina precipitou-se.

— Mamãe — soluçava o garoto — vou embora …

Palavras tão simples, "vou embora". Houve lágrimas em todos os olhos, porque todos compreendiam o outro sentido da frase, aquele em que era proibido pensar.

— Mamãe — gemia Théo — mamãe …

E enquanto ela o levava devagar para o quarto, ele cochichou:

— Mamãe, por favor, me dê um anel seu. Só um anel, qualquer um …

Melina parou.

— Um anel?

— Um anel seu, por favor …

Perplexa, Melina olhou para as mãos, nas quais brilhava o ouro de um só anel, sua aliança.

— Este? — ela murmurou. — Claro.

Sem hesitar, tirou-a do seu dedo e colocou-a no indicador do filho.

— Você sabe o que ela representa. Não vai perdê-la, não é, Théo?

— Prometo — segredou Théo. — Assim, tenho certeza de voltar.

"Agora tenho o anel que a pítia queria", pensou ele fechando a mão sobre seu tesouro. A aliança que papai tinha dado a mamãe era o mais seguro de todos os talismãs.

O porquê da viagem continuava sendo enigmático. O porquê da viagem sem dúvida tinha alguma coisa a ver com aqueles estranhos médicos que não estavam nos hospitais. Mas tia Marthe não ia começar a acreditar em milagre nesta altura! Era mesmo uma tremenda história à moda de Marthe essa viagem.

Tudo o que Théo, sabia é que não estava curado, que estava muito doente e que esperavam muita coisa dessa viagem. Tudo o que sabia é que, se tinha de ir, era melhor viajar com tia Marthe do que ir para o outro mundo. E o que também sabia é que em Paris chorariam muito enquanto ele decifrava os enigmas.

Théo, não conseguia dormir. Agora que tinha o anel, que diria a pítia no computador? Como evitar o reino dos mortos, como não topar com o guardião do Hades, o horrível esqueleto chamado Caronte?

Ainda tremia quando tia Marthe entreabriu a porta e enfiou a cabeça.

— Tia Marthe — disse com uma voz angustiada — queria te perguntar uma coisa. Será que eu vou morrer?

— Isso, meu filho, está proibido — respondeu tia Marthe acariciando seus cabelos cacheados.

2

Ano que vem em Jerusalém

Que despedida cruel! No aeroporto, foi difícil para Melina conter as lágrimas; Jérôme, que a vigiava, segurava-a pelo braço para enfrentar aquele momento aflitivo. Não podiam deixar Théo sucumbir à emoção! Que coragem tiveram, o filho e a mãe, murados no mesmo silêncio, com a mão na boca para não rebentarem em soluços … Por sorte, Fatou salvou a situação.

— Não se esqueça de me trazer os estojinhos que dão nos aviões — disse a Théo sacudindo as tranças. — Sabe, aquilo com meias e escovas de dentes desmontáveis. Quero todos eles!

— Es … tá bem — murmurou Théo fungando. — Que mais?

— Os sabonetinhos, os xampus dos hotéis, as amostras de perfume. Ah! E os menus também, por favor …

— Está bem. Vou te telefonar sempre …

— Vai custar cinco pontos! Sou sua pítia agora … venha me dar um beijo.

No avião, depois da comida trazida em bandejas, tia Marthe mergulhou nos jornais. Théo experimentou todos os botões dos braços da poltrona,

acendeu e apagou a lâmpada de cima, chamou a aeromoça sem querer, reclinou a poltrona e pôs-se a cochilar. De vez em quando, sua cabeça escorregava até o ombro da tia Marthe e ele acordava de repente. “Durma, Theozinho”, murmurava ela.

Mas a angústia o apertava com tanta força em suas garras que Théo não conseguia nem mais respirar. Pensou em Jerusalém, que aparecia tantas vezes na tevê com uma cúpula dourada atrás do “enviado especial, ao vivo”. E, ao longe, campanários branquíssimos, tetos cor-de-rosa tão sossegados que era difícil imaginar a violência lá embaixo, os tiroteios, as bombas. No entanto, enviado especial falava sempre de atentados e de negociações de paz.

— Tia Marthe, o que é a cúpula dourada que domina Jerusalém? — perguntou.

— A Cúpula do Rochedo. Um dos grandes santuários dos muçulmanos.

— Mas os judeus também têm sua sinagoga em Jerusalém! Ela é menor que a mesquita, então?

— Primeiro, a Cúpula do Rochedo não é uma mesquita resmungou ela. — Depois, de fato os judeus tinham construído seu Templo em Jerusalém, mas ele foi destruído há muito tempo. Escute aqui, não comece com suas perguntas que você vai acabar me confundindo!

— Pelo menos me explique por que vamos começar por Jerusalém.

— Entre todas as cidades do mundo — afirmou tia Marthe com gravidade — Jerusalém é a mais santa. A mais magnífica, a mais comovente e a mais atormentada. Imagine só! Foi na montanha de Jerusalém, no século VIII antes da nossa era, que o rei Salomão construiu o Templo do Deus único, várias vezes destruído, várias vezes reconstruído, antes de ser arrasado pelos romanos … Foi lá, em Jerusalém, que Jesus entrou para pregar a Boa Palavra, acompanhado por seus fiéis que agitavam ramos em

sua homenagem, porque ele era o Filho de Deus feito homem, o que podia parecer assombroso. Lá, na cidade santa dos judeus, foi preso, julgado, crucificado numa colina, e foi em Jerusalém que ele ressuscitou … Enfim, foi de um alto rochedo de Jerusalém que o profeta Maomé subiu, por um salto de sua égua alada, até o céu! Satisfeito, meu camarãozinho?

— Não sei quem é o rei Salomão — respondeu ele queixoso. — Nem que Maomé montava uma égua alada! É incrível como sou ignorante!

— Você sabe quem é Jesus, pelo menos?

— Claro! Ele nasceu num estábulo entre o burro e o boi, sua mãe era a Virgem Maria, e seu pai, José, o carpinteiro, só que seu pai de verdade era Deus. O resto é mole: ele morreu, ressuscitou e se mandou para o céu.

— Se mandou! — indignou-se tia Marthe. — Jesus subiu ao céu, faça-me o favor. Aliás, esse dia se chama Ascensão.

— Se entendi direito, foram dois os que saíram voando — constatou Théo. — Jesus e Maomé. E do lado dos judeus?

— Ninguém. Os judeus têm ancestrais fundadores, reis, profetas, heróis, mártires e chefes guerreiros, mas nenhum deles subiu ao céu. Ir para junto de Deus? Impossível! Pois ninguém tem o direito de olhar para ele!

— Ah, é? Mas então o que as pessoas fazem?

— Ouvem-no. Em Jerusalém, Deus se exprime em várias línguas. No hebraico dos judeus, no árabe do Corão, no latim, no armênio e no grego dos cristãos … às vezes é difícil ouvi-lo, porque os homens são meio surdos e falam demais. Muitas vezes, por causa da diferença das suas línguas, eles não se entendem e se matam. Conhece a história da torre de Babel?

— Mais ou menos — disse ele. — Os homens tinham metido na cabeça construir uma torre que subiria até o céu, tão alta que Deus se zangou. Vá saber por que isso não agradava a ele … em todo caso, ele deu um jeito de parar a obra.

— Ele simplesmente inventou as línguas do mundo. Até então, os homens falavam a mesma língua, era simples, todos se entendiam. Mas quiseram rivalizar com Deus! Aí Deus os puniu. De repente, as línguas. Plaf! Quando reiniciaram sua construção gigante, não se entendiam mais e tudo parou.

— Então Jerusalém é a torre de Babel? — perguntou Théo.

— Mas é também o centro do mundo, o lugar da criação de Adão, pai de todos nós, o lugar em que todos os ventos antes de soprar sobre a terra, vêm se inclinar diante da Divina Presença … Você me ouviu dizer várias vezes que eu não acreditava em Deus, não é? Pois bem, nas alturas de Jerusalém é diferente. Essas três religiões que exprimem seu amor a Deus com vigor, esse sopro de grandeza que paira sobre as velhas pedras, essas bocas que oram juntas e separadas …

— Essas mãos que colocam bombas e disparam metralhadoras … — acrescentou Théo. — Se Deus existe, o que está esperando? Ele poderia detê-los, não?

— Parece que o mundo não está pronto. Se estivéssemos maduros para a paz, dizem que Deus a concederia imediatamente.

— Isso não cola. Se ele nem sabe fazer a paz, como provar que ele existe?

— Está aí uma pergunta que você pode fazer a vida toda! E vou te prevenindo: ela não tem resposta …

— A existência de Deus, uma pergunta sem resposta? — riu Théo. — Está brincando! Como fazem milhões de pessoas na terra para acreditar em Deus? Deve haver uma razão!

Tia Marthe deu um grande suspiro e se calou. O avião sobrevoava o Mediterrâneo. Pela janela, Théo percebia ilhas cujo nome não sabia. O céu era de um azul leve, tão próximo, tão calmo, que sentiu vontade de afundar nele.

— Se Deus existe — sussurrou — não vejo por que vou morrer. Ou então é que ele não é de nada, hein, tia Marthe?

Judeus, cristãos e muçulmanos

O avião ia pousar no aeroporto de Lod, não longe de Tel Aviv. Como tia Marthe previra, os controles de segurança eram de um rigor absoluto. Revista integral das bagagens.

Mas, passado o controle da polícia, tia Marthe avistou um jovem de terno.

— Uh, uh! — gritou ela agitando a mão.

— Querida Marthe — murmurou o rapaz inclinando-se.

— Querido amigo, que gentileza ter vindo nos esperar! — disse tia Marthe, dengosa. — Este é meu sobrinho, Théo. Théo, o cônsul-geral da França em Jerusalém.

— B-bom dia — gaguejou Théo, que entendeu que o cônsul era também general.

O carro oficial esperava, com o motorista. Tia Marthe deixou-se cair no banco traseiro; Théo instalou-se na frente. O motorista partiu, rumo a Jerusalém.

— Seu carro é sempre blindado, imagino — comentou negligentemente tia Marthe.

Carro blindado, como no cinema! Théo nem acreditava no que ouvia.

— Esperemos que, um dia, isso vá ser supérfluo — respondeu o cônsul. — Mas, sabe, depois dos últimos atentados, todo cuidado é pouco. Os palestinos vivem numa tensão permanente e os observantes não estão nada tranquilos …

— Quem são os observantes? — perguntou Théo da maneira mais polida que pôde.

— Théo! Não se deve interromper os adultos! — exclamou tia Marthe. — Mas já que eu lhe falei sobre nossa viagem, quem sabe você não poderia responder, querido amigo …

— Diabo — fez o cônsul. — Vou tentar. Aqui, rapaz, você está no Estado de Israel. Em sua grande maioria, os cidadãos são judeus, e o judaísmo é a religião do país.

— Como os católicos na França — cortou Théo.

— Muito mais — replicou o cônsul. — Na França, a Constituição da República respeita todas as religiões igualmente, e a religião católica é apenas a mais praticada. Aqui, em Israel, não há Constituição. O judaísmo é a religião do Estado, mas as outras religiões são perfeitamente autorizadas.

— Não entendo — interrompeu-o Théo. — Em nosso país, a religião não tem nada a ver com o governo, não é? Então em Israel não é igual?

— Não exatamente — disse o cônsul. — As leis do judaísmo são muito estritamente aplicadas. Vou lhe dar um exemplo. Na França, não se trabalha aos domingos, porque é o dia da ressurreição de Cristo para os católicos, mas também para que todos tenham pelo menos um dia de descanso.

— O fim de semana — retorquiu Théo. — É sagrado!

— Mas em Israel cessam todas as atividades na sexta-feira a partir do pôr-do-sol, até o sábado na mesma hora. É o dia do Shabat, com o qual não se brinca … Os observantes, isto é, os judeus muito religiosos, querem aplicar os princípios religiosos segundo os quais, durante o Shabat, o judeu deve se consagrar à prece sem ter o direito de acender o fogo, ligar a luz, cozinhar ou pegar o elevador. Tudo é extremamente controlado. Mas devo acrescentar que muitos israelenses são simplesmente laicos.

— Ateus, então? — indagou Théo.

— Seu sobrinho é bem informado, querida Marthe — disse o cônsul. — Mas há uma grande diferença entre o ateísmo e a laicidade, rapaz. *Ateu* quer

dizer que você não crê em Deus, enquanto *laico* significa que você respeita as leis civis do seu país, mas não mete a religião em tudo o que faz. Uma pessoa pode ser católica e laica, judia e laica, protestante e laica …

— Muçulmana e laica, também? — perguntou Théo.

— Théo tem uma amiguinha senegalesa — explicou tia Marthe. — Mas volte aos observantes.

— O judaísmo é a religião do Estado de Israel, mas nem todos os cidadãos a praticam da mesma maneira. Alguns contentam-se com crer no Deus dos judeus e com seguir os mandamentos, outros são ateus, outros, enfim, são muito religiosos. São os observantes. A ideia deles é bem simples: enquanto existir na terra um só judeu que não respeite o descanso do Shabat, o Messias não poderá vir libertar o mundo. É por isso que os observantes exigem a estrita aplicação das regras. Na maioria dos casos, você pode reconhecê-los pela barba e pelo gorro redondo que trazem na cabeça, a quipá de tricô.

— O que é a quipá? — quis saber Théo.

— Segundo o costume, o homem judeu deve ter a cabeça coberta diante de Deus. Na maioria das vezes usam a quipá, às vezes chapéus pretos ou então gorros com borda de pele.

— Mas o que os observantes observam mais que os outros?

— A religião deles em sua forma mais rigorosa, mas, principalmente, muitos sonham com um grande Israel — suspirou o cônsul. — Não querem palestinos em suas terras. Foi um "observante" que assassinou Yitzhak Rabin, por exemplo, porque ele buscava a paz com os palestinos.

— Que são todos uns muçulmanos terroristas — disse Théo. — Isso eu sei.

— Não diga besteira! — exaltou-se tia Marthe. — Um, os muçulmanos terroristas não representam o conjunto dos palestinos. Dois, esses

muçulmanos extremistas se parecem como duas gotas d'água com os observantes do outro lado: não querem a paz. Enfim, Théo, se há palestinos muçulmanos, também há palestinos cristãos.

— Opa! — fez Théo. — Palestinos cristãos? Espere um pouco … aqui, no começo, estavam os judeus. Certo?

— Depende de que começo — respondeu tia Marthe entre dentes. — No começo eram os cananeus, que veneravam no vale de Geena deuses e deusas a quem ofereciam sacrifícios para fazer cair chuva, molhar a terra, obter boas colheitas. Alguns afirmam, inclusive, que sacrificavam os próprios filhos …

— O quê! — atalhou Théo. — Crianças vivas?

— Mas nem todo mundo tem essa opinião — disse ela. — Seja como for, os cananeus adoradores de estátuas firmaram uma aliança com o minúsculo povo dos hebreus, que adoravam um deus único cujo nome era proibido dizer. Só diziam suas iniciais: IHWH.

— Eu sei! — exclamou Théo. — *He who does not have a name*: "aquele que não tem nome". Está no filme. Quando um arbusto começa a pegar fogo diante dos olhos de Moisés. Eu vi, com Charlton Heston e Yul Brynner. *Os dez mandamentos*, Cecil B. de Mille, 1956.

— Isso é que é cultura! — comentou o cônsul. — Mas então, Théo, você sabe tudo …

— Não, porque no filme, tirando o fato de que Deus se expressa por intermédio do fogo, que tem uma voz de homem e que mais forte do que os deuses do Egito, não sei direito o que ele quer.

— Como poderei explicar? — suspirou o cônsul. — Em linhas gerais, ele quer que as pessoas o adorem, e só a ele, que sejam dignas dele e que só obedeçam a seus mandamentos.

— Nesse caso — continuou Théo — os judeus devem ter desobedecido à beça, porque foram escravos no Egito …

— Vez por outra desobedeciam — disse o cônsul. — Deus os castigou pesadamente. Sabe, as relações entre os judeus e Deus não são livres de violência. Deus se zanga frequentemente com seu povo …

— Mas Deus dá a eles uma mão e tanto, afinal! — exclamou Théo. — No momento em que Moisés decide tirá-los do Egito … A vara transformada em serpente, a pestilência verde que desce do céu e se arrasta pelas ruas, uma loucura! Depois eles voltaram para cá. É isso?

— Voltam, vão, voltam … — disse o cônsul. — Foram deportados para a Babilônia pelo rei Nabucodonosor, mais tarde foram expulsos pelos romanos depois da queda do Templo …

— Vamos ver o Templo? — perguntou Théo todo excitado.

— Não, porque foi destruído nessa ocasião. Foi aí, quando seu Templo foi arrasado, que o povo judeu, expulso de casa, partiu para um longo exílio pelo mundo afora. Primeiro na Grécia e no Egito, mais tarde no Norte da África, na Espanha, na Itália, na Rússia, na Polônia, na índia, na China … Em seguida nos Estados Unidos da América do Norte, na América do Sul, na África, de século em século, pelo mundo todo mesmo. E através dos séculos não pararam de ser perseguidos, principalmente entre 1933 e …

— Eu sei — interrompeu Théo. — Contaram na escola. A Shoah, durante a última guerra. Como é que o mundo inteiro permitiu isso, eu nunca vou entender.

— Ninguém ainda entendeu, Théo — disse tia Marthe.

— Enfim — prosseguiu o cônsul, — já que esta terra tinha sido deles, a comunidade internacional decidiu restituir aos judeus este país que se tornou o Estado de Israel em 1948, por causa dos milhões deles massacrados pelos nazistas.

— Fizeram muito bem! — exclamou Théo.

— Só que as terras eram povoadas por palestinos e muitos deles foram, por sua vez, para o exílio … Houve guerras, tréguas, revoltas, caminhões suicidas, pedras atiradas por garotos, levantes sangrentos e negociações … Hoje, israelenses e palestinos tomaram o caminho da paz, mas, de ambos os lados, não é fácil aplicá-la. Entre os palestinos, os extremistas não querem saber de paz e, entre os judeus, os partidários do grande Israel, laicos ou religiosos, se opõem a ela.

— Mas isso não me explica por quê — disse Théo. — Eles não querem dividir?

— Não — respondeu o cônsul. — Para os observantes, este país pertence apenas aos judeus, como está escrito na Bíblia.

— Continuo sem entender de onde vêm os palestinos cristãos — insistiu Théo.

— Vamos, pense um pouco — resmungou tia Marthe.

Théo vasculhou rapidamente sua memória. Os cristãos acreditam em Cristo e Cristo era …

— Achei! — exclamou. — Cristo nasceu na Palestina e morreu em Jerusalém. A Palestina também pertence aos cristãos.

— Também — concordou tia Marthe. — Tudo está nesta palavrinha *também*.

— Tanto mais que ela também é dos muçulmanos — emendou o cônsul, pensativo.

O carro se dirigia para Jerusalém acompanhando as colinas. De vez em quando passava um jipão com homens armados. Brilhava um sol forte sobre as aldeias cor-de-rosa e os cumes desmatados.

— Cidade três vezes santa — murmurou o cônsul. — Yerusha-layim, santa para os judeus. Jerusalém, santa para os cristãos. AI Qods, santa para

os muçulmanos.

— Santa para os judeus, eu entendo — disse Théo. — Para os cristãos, ainda vai. Mas para os muçulmanos?

— Não se afobe — pediu tia Marthe.

— Não teve alguma cruzada por aqui? — perguntou o rapaz com hesitação.

— Exatamente — aquiesceu o cônsul. — Na época em que os muçulmanos dominavam Jerusalém, combateu-se muito dos dois lados pelo túmulo de Cristo, é verdade. Quando, sob as ordens de Godofredo de Bouillon os quinze mil cruzados tomaram de assalto Jerusalém a fim de restaurar a cristandade nos Lugares Santos, eles exultaram de alegria, mas mataram todo mundo … foi no dia 15 de julho de 1099, uma noite terrível para Jerusalém. Os cruzados cristãos massacraram dezenas de milhares de muçulmanos, queimaram os judeus trancados em suas sinagogas e lavaram piamente as mãos do sangue de seus inimigos.

— Que papelão — interveio Théo. — Cristãos!

— Ah! Mas depois disso vestiram alvas bem limpas e foram descalços seguir os passos de Jesus! O reino dos cristãos durou até o grande chefe muçulmano, Saladino, retomar Jerusalém em 1187. Mas, ao contrário dos cruzados, ele poupou as igrejas e autorizou a volta dos judeus … Quantas batalhas em torno do túmulo de Cristo!

— Esquisito — comentou Théo. — Porque, pela lógica, não há nada dentro dele. Ou então Cristo não ressuscitou.

— É exatamente o que dizem os judeus e os muçulmanos replicou o cônsul. — Que ele não era um deus, mas um simples profeta como já tinham aparecido vários antes. Um profeta já é muita coisa para eles. Mas não é só o túmulo de Cristo que temos em Jerusalém, você sabe. Há a Cúpula do Rochedo, um dos lugares mais sagrados para os muçulmanos …

E o Muro das Lamentações, onde os judeus vêm chorar diante do que resta de seu Templo destruído.

— Já vi na tevê — disse Théo. — Eles colocam uns papeizinhos no muro, com pedidos.

— "Ano que vem em Jerusalém", anunciou tia Marthe solenemente.

— Todos os judeus no exílio disseram essa frase no dia da Páscoa.

— Quer dizer que eles também festejam a Páscoa? — espantou-se Théo. — Que não trabalham no sábado, eu vi na escola. Mas que festejam a Páscoa!

— Só que não é a mesma … — falou tia Marthe.

Duas festas de Páscoa e alguns messias

Não era de jeito nenhum a mesma Páscoa.

Os judeus celebravam a memória da terrível noite que antecedeu sua saída do Egito, onde haviam sido reduzidos por muito tempo à escravidão por Faraó.

Os cristãos a festejavam em lembrança do miraculoso dia em que Jesus, morto na cruz três dias antes, ressuscitara.

A Páscoa judaica consistia numa ceia especial, em que as pessoas comiam de pé um cordeiro macho assado no fogo, com ervas amargas e pão sem fermento.

— O pão ázimo — precisou Théo todo orgulhoso. — Papai traz para casa.

Já a Páscoa cristã celebrava um dia alegre com uma missa magnífica; de manhã bem cedo, os sinos voltavam de Roma, para onde tinham ido em sinal de luto por três dias.

— Bem, não passa de um costume e nada mais — disse tia Marthe, — porque não há sinos no Novo Testamento.

Foi preciso explicar tudo. O cônsul entregou os pontos, de modo que sobrou para tia Marthe.

A noite de Páscoa tinha sido terrível no Egito, não para os judeus, mas para os egípcios. Porque, para conseguir o direito de sair desse país em que os judeus levavam uma vida pavorosa, Moisés tinha amaldiçoado Faraó e seu Egito, sobre o qual se abateu uma porção de maldições de que Théo se lembrava perfeitamente, por causa do filme: nuvem de gafanhotos, inundações de sangue, epidemia funesta e, por fim, a última e pior: no dia marcado, todos os primogênitos dos egípcios morreram, mesmo o filho de Faraó. É por isso que os judeus celebravam a ceia da Páscoa em lembrança da noite que precedeu o dia de sua libertação. Desde os primeiros raios de sol, estavam prontos para partir, de pé e já de sandálias. Não tiveram tempo para fazer a massa do pão, por isso ele foi assado sem fermento, o que dava um pão sem miolo nem crosta, fininho e quebradiço. Quanto às ervas, tinham o amargor da escravidão que terminava. Guiados por Moisés, os judeus tinham partido ao raiar do dia. Depois Faraó quis alcançá-los.

— Eu me lembro — disse Théo. — Moisés abriu o mar em dois, os judeus passaram entre as águas e, quando o exército de Faraó passou atrás deles, o mar se fechou. Bem feito!

E Cristo morreu na cruz em Jerusalém, porque os judeus o consideravam um impostor perigoso para o judaísmo. Ele se pretendia filho de Deus e isso era inadmissível, diziam os judeus. Ninguém era filho de Deus. Deus não tinha nem rosto nem corpo, nem família. Pior, alguns tomavam Jesus pelo Messias, o salvador anunciado por Deus a seus profetas e que viria trazer a salvação à terra. Claro, alguns profetas tinham predito que um dia o Messias viria, mas não aquele rapaz pobre, não um filho de carpinteiro, esse joão-ninguém que decidiu se proclamar Filho de Deus! Em resumo, os judeus

tinham pedido aos romanos que os livrassem do incômodo Jesus, filho de Maria e de José, o carpinteiro.

Os romanos na época ocupavam a Palestina. Em teoria, eles não se intrometiam nos assuntos religiosos salvo quando os sacerdotes dos judeus lhes pediam para restabelecer a ordem ameaçada. Ora, o clero judaico, com o sumo sacerdote Caifás à frente, acusava Jesus de semear a desordem no país, deixando-se chamar de "rei dos judeus", o que não era verdade. Caifás tinha um argumento de peso: na época, o único rei em exercício dos judeus era … o imperador Tibério, o romano. Aparentemente o governador romano não estava convencido da culpa do acusado, um contestador inofensivo. No entanto, foi esse romano que condenou Jesus à crucificação. Mas lavou solenemente as mãos antes de pronunciar a condenação, para não endossar essa injustiça.

— Esse cara é o Pôncio Pilatos? — indagou Théo. — Papai costumava dizer: "Lavo minhas mãos, como Pôncio Pilatos".

Portanto, por motivos políticos, Jesus foi condenado à crucificação e não se defendeu. Foi flagelado em público; cobriram sua cabeça, para ridicularizá-lo, com uma coroa de espinhos bem pontudos; obrigaram-no a carregar nas costas a trave principal da cruz ao longo do caminho que levava ao lugar dito "do crânio", o Gólgota, onde ia morrer. Presos pelas mãos, os pés amarrados um em cima do outro, os condenados eram destinados a uma morte atroz e lenta: quebravam-lhes as tíbias, o corpo não era mais sustentado, os pulmões cediam ao peso, eles não podiam mais respirar e morriam de asfixia. O "rei dos judeus" teve direito a um tratamento especial: porque, se não lhe quebraram as pernas, pregaram na madeira da cruz seus punhos e seus pés, que sangraram. Sua cabeça também sangrava, por causa dos espinhos da coroa. Ladeado por dois ladrões condenados à mesma pena, Jesus morreu antes deles, dando um grito terrível. Só que não ficou muito

tempo morto. Três dias mais tarde, seu túmulo foi aberto, sua mortalha desenrolada e ele aparecia radiante a umas pobres mulheres desconsoladas que choravam diante da sua sepultura. No entanto, já poderiam todos ter compreendido que ele era o Filho de Deus, porque, na hora exata da sua morte, depois do grito pavoroso, caiu um raio e a terra tremeu. Então, Cristo era o Messias ou não?

Era, disseram os cristãos, era, porque ressuscitou dentre os mortos. Não, diziam os judeus desde esse dia. Não. O povo judeu viu passar vários outros messias depois de Jesus. Com frequência, nas comunidades judaicas no exílio, levantava-se um inspirado que se pretendia o Messias, como outrora Jesus. Às vezes, por exemplo no século XVI, a vida deles acabava numa das inúmeras fogueiras acesas pela Inquisição, na época em que a Igreja Católica praticava uma perseguição desenfreada contra os judeus. Mas às vezes alguns deles alcançavam franco sucesso, como aquele Sabbatai Zvi, que se proclamou Messias, que no século XVII se tornou a luz dos judeus exilados na Europa e que, por medo da morte, acabou se convertendo à religião muçulmana.

— Agora fiquei perdido — falou Théo. — Ele, o Messias, virou muçulmano?

Tia Marthe admitiu que era mesmo para se sentir perdido. O que era importante compreender era que, de tanto esperar eternamente o Messias, o povo judeu estimulava o aparecimento de vários deles. Ainda hoje, certos "observantes" estavam convencidos de que o Messias, o verdadeiro, estaria para chegar. Nos anos 90, ele quase desembarcou de avião, vindo de Nova York, na forma de um velhíssimo e santíssimo rabino americano chamado Menachem Schneerson. Um belo dia, em Jerusalém, as agências de notícias receberam o anúncio da chegada do Messias em Israel num voo da El Al proveniente dos Estados Unidos, naquela mesma noite; sua casa estava

pronta, seria um acontecimento notável. Mas ele não veio e, depois, aos noventa e dois anos de idade, morreu no Brooklyn, Nova York. Daria para acreditar que se extinguira a fé nesse Messias dos tempos modernos … Que nada! Dois anos depois do falecimento desse, seus fiéis repetiam que o rabi Schneerson não morrera, que ia reaparecer. Em Israel mesmo, outros sustentavam que o Messias — mais outro — ia aparecer na Judéia para libertar o mundo inteiro.

— Na Judéia? — espantou-se Théo.

— Estes judeus querem se separar de Israel e fundar seu pequeno Estado, a Judéia — interveio o cônsul. — O mais espantoso, no entanto, é a "síndrome de Jerusalém". Imagine só garoto, que todos os anos uns trezentos excêntricos, judeus ou cristãos, perambulam pela Cidade Santa descalços e de túnica, anunciando o fim dos tempos, porque todos são messias.

— Malucos! — exclamou Théo.

— É o que as crianças gritam para eles em árabe: *mejnun*! Louco! Em geral não são perigosos, mas ainda assim um deles incendiou uma importante mesquita para precipitar o fim do mundo. Ou seja, é preciso estar de olho neles …

— Sim, prosseguiu tia Marthe, o povo judeu tinha um antigo hábito de messias. Mas outros povos também, porque nos Estados Unidos de vez em quando surgia algum. Por exemplo, contou ela, no século XIX, um cidadão americano que não tinha nada de judeu, Joseph Smith, de catorze anos, também declarou que tivera uma revelação. Deus tinha lhe permitido descobrir no Estado de Nova York um novo livro da Bíblia, intitulado o *Livro de Mórmon*, do nome desse profeta desconhecido que o teria transcrito. Com isso, tendo fundado dez anos depois seu movimento, Joseph Smith era um novo Moisés, ou um novo Messias, não se sabe direito. Por ter defendido sua visão de armas na mão, foi linchado por uma multidão

furiosa que atacou a prisão em que estava encarcerado. Depois da sua morte, seu sucessor organizou os mórmons numa nova religião, a "Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias".

— E o que é isso? — quis saber Théo.

O cônsul protestou: tia Marthe não tinha o direito de chamar de "religião" uma seita, importante sem dúvida, mas que não era uma religião verdadeira. Tia Marthe retorquiu que não via nenhuma diferença entre uma seita e uma religião, a não ser que se dissesse que uma religião oficial não passava de uma seita que teve sucesso. Ora, os mórmons eram milhões, logo, nos Estados Unidos, representavam uma religião.

O cônsul se zangou: por acaso ela estaria insinuando que a religião cristã no início era uma seita que, depois, teve grande sucesso? Isso mesmo, afirmou decidida tia Marthe. O cônsul fechou a cara.

— Mas as seitas são uma coisa muito perigosa — interveio Théo. — O tempo todo a gente vê reportagens na televisão sobre elas … Seus gurus são uns patifes! Estupram as mulheres, são servidos como príncipes! Ou então se matam e matam os outros com eles … em todos os casos, levam o dinheiro das pessoas. Como é que esses doídos conseguem ter sucesso?

— Em geral têm estranhos olhos magnéticos — explicou tia Marthe. — São eloquentes, mas também sabem se calar para melhor fascinar seus discípulos. Atraem os infelizes instáveis como o papel gomado atrai as moscas … impossível livrá-los de um guru!

— Ficam colados, então — disse Théo. — É como uma droga?

— Mais ou menos. É tão difícil tirar um louco da sua seita quanto um louco da sua droga, porque os adeptos precisam do guru como se ele fosse uma substância química. A loucura também é injetável.

— E mata — concluiu o rapaz. — Mata muito.

Não se podia dizer que Théo estava errado, como provavam os massacres dos "davidianos" em Waco, Texas, os suicídios coletivos do Templo Solar na Europa e no Canadá nos anos 90, sem se esquecer — mas Théo era pequeno demais para ter ouvido falar — da terrível matança da Guiana, na América do Sul, onde em 1978 um iluminado fez centenas de fiéis tomarem suco de laranja envenenado, com o consentimento de alguns.

— Ah! É nojento! — exclamou Théo. — Se os seus mórmons são assim, as seitas são um horror!

Não, os mórmons não eram desse gênero, não eram nem um pouco perigosos. Tia Marthe e o cônsul acabaram concordando em dizer que a antiguidade também tem sua importância e que, tendo em vista seus dois mil anos de existência, o cristianismo já não tinha muito a ver com a seita que fora no início. Quanto aos mórmons, bastava esperar um milênio para ter uma ideia melhor deles. Em todo caso observou tia Marthe, os mórmons haviam construído uma cidade famosa no mundo inteiro, Salt Lake City.

O carro se aproximava dos subúrbios de Jerusalém, sobre a qual pairava a ligeira bruma das grandes cidades. O cônsul olhou seu relógio: dali a uns quinze minutos chegariam. Bem na hora do almoço.

— Aliás, os católicos também têm uma ceia, como os judeus — disse Théo. — Eles não comiam pão, não bebiam vinho na missa, no começo?

— Isso mesmo. Só que, — falou o cônsul, — não se podia comparar a ceia da Páscoa dos judeus com a missa dos cristãos, porque esses a celebravam todos os domingos em lembrança da última ceia de Jesus. Na verdade, apesar de Jesus tê-la celebrado em Jerusalém no dia da Páscoa judaica, nada era mais oposto do que essas duas ceias: a primeira, a dos judeus, comemorava o fim de uma dolorosa escravidão, enquanto a segunda, a dos católicos, comemorava os últimos gestos da vida do Messias e, portanto, o começo de uma nova história.

— Falando em ceia, o que tem para o almoço? — perguntou Théo bocejando.

No começo era a confusão

O grande portão se abriu lentamente diante dos olhares das câmeras eletrônicas e o carro entrou no jardim do consulado. O mordomo veio pegar as bagagens e avisou "o senhor cônsul-geral" de que sua reunião já tinha começado. O cônsul saiu apressado.

O quarto de Théo ficava no alto de uma escada em caracol e o de tia Marthe um pouco mais embaixo. Bruscamente, subindo os degraus, Théo teve uma tontura. O mordomo carregou-o para a cama. Tia Marthe ficou branca como cera.

— Vou levar uma bebida quente para ele tomar — cochichou o mordomo. — Esse menino enjoa em aviões?

Ou talvez, no corre-corre, tivessem esquecido de lhe dar um remédio. Tia Marthe tirou da bolsa uma lista que consultou cuidadosamente.

— Raio de remédios! — grunhiu ela entre dentes. — Ah! No dia em que estivermos livres deles! Está aí. Esquecemos um, Theozinho. Um copo d'água e pronto!

Pronto. Théo engoliu sua cápsula e fechou os olhos. Não se sentia propriamente cansado, mas a cabeça girava bastante. Bem que gostaria de consultar sua amiga, a pítia, mas compreendia vagamente que em Jerusalém não havia nem monstros, nem gigantes, nem dragões, nem oráculo; que nenhuma provação oriunda dos mitos gregos conseguiria pôr de acordo judeus e cristãos, sem esquecer os palestinos, cristãos ou muçulmanos, que não estavam de acordo nem com uns nem com outros.

— Está dormindo — murmurou tia Marthe fechando a porta atrás de si. — Não lhe tragam nada, não o incomodem.

Mas Théo, que não conseguia pegar no sono, se perguntou o que tinha vindo fazer naquele país em que as pessoas se matavam religiosamente em nome de Deus, como se esse Deus não fosse o mesmo. Porque, afinal de contas, judeus, cristãos e muçulmanos falavam todos de um deus único. E então? Então sem dúvida amanhã ele compreenderia. Ou mais tarde, se é que teria tempo. Ou nunca.

Ah, não! Não ia entregar os pontos já! Coragem! Théo ainda não tinha olhado suas bagagens, onde o esperavam os presentes de Natal. Levantou-se prudentemente para abrir a grande sacola que continha todos eles, cada qual com sua etiqueta … O presente do pai era uma máquina fotográfica com zoom, levíssima. O de Attie, um celular último modelo. O de Irène, um rádio-relógio que marcava a hora de todas as partes do mundo. Sua mãe se decidira por um presente útil: uma parka e botinas forradas. Quanto a Fatou, que nunca fazia nada como todo mundo, ofereceu a Théo um minúsculo rolinho com versículos do Corão, guardado num estojo de couro com um cordão. Théo logo o pendurou no pescoço, por cima do primeiro colar de Fatou, o amuleto do Senegal.

No fundo da sacola de presentes, estava um caderno. A etiqueta trazia uma menção inesperada: "Da parte de todos os professores". Era um bonito caderno vermelho, com uma esferográfica. Théo disse consigo mesmo que, afinal, não era uma má ideia e que um caderno era feito para escrever. O que ele fez: JUDEUS E MUÇULMANOS = DEUS ÚNICO. OS CRISTÃOS ACREDITAM QUE O MESSIAS É JESUS, OS JUDEUS AINDA O ESPERAM. PÁSCOA JUDAICA = LEMBRANÇA DA PARTIDA DO EGITO. PÁSCOA CRISTÃ = LEMBRANÇA DA RESSURREIÇÃO DE JESUS. JERUSALÉM, CIDADE SANTA PARA OS JUDEUS, OS CRISTÃOS,

OS MUÇULMANOS. Mas o Deus dos cristãos era único ou não? E os muçulmanos também tinham uma espécie de Páscoa em lembrança de um acontecimento importante? A viagem começava com tamanha confusão!

— Ano que vem em Jerusalém — resmungou Théo, que caía de sono. — Bom, no Ano Novo, não sei. Mas o que é certo é que no Natal estaremos em Jerusalém.

No que se enganava, mas ainda não sabia.

Os três primeiros guias de Théo

— Théo! Sabe que horas são? THÉO!

O quê? Será que tinha perdido a hora de acordar? Ia chegar de novo atrasado na escola, com certeza … Depressa, de pé. Um pé fora da cama, o outro, abriu os olhos …

Mas não era sua mãe na sua cabeceira, era tia Marthe, e ele não estava em Paris, na rue de l'Abbé-Grégoire, mas em Jerusalém, onde o almoço o esperava. Tia Marthe sugeriu uma rápida toalete: mudar de camisa, um lenço no pescoço, pentear os cabelos … pegar também a parka, porque estava frio.

— Devagar na escada — disse tia Marthe apoiando o sobrinho. — À direita … vire … pronto.

Os degraus terminavam no terraço, de onde se avistavam as muralhas da cidade, de uma brancura de sonho. Sufocado pela beleza do lugar, Théo ficou imóvel. Parecia uma cidadela de cavaleiros de um conto de fadas. Além das muralhas elevavam-se bulbos, torres e campanários, rodeados de compridos e sombrios ciprestes. O ar era transparente como no primeiro dia e, sobre a relva amarelada, as trilhas pareciam pertencer a outro tempo.

— Não é bonito? — comentou uma voz grave às suas costas. — Daqui você avista a muralha otomana. Venha conosco, rapaz.

Ofuscado pela luz intensa, Théo virou-se e viu três homens no terraço. Três velhos senhores barbudos que sorriam delicadamente para ele.

— Este é o nosso Théo — disse tia Marthe empurrando-o na direção deles. — Mas antes de mais nada ele precisa comer. Prepararam um bufê para nós. O que você prefere? Salada de tomates e frango frio, ou rosbife com purê?

— Mas não vamos esperar seu amigo, o general cônsul? — perguntou Théo.

— Geral, cônsul-geral! Não é como entre os romanos! — exclamou tia Marthe, chocada.

— Bah! — fez Théo. — Entre os romanos eram generais, depois cônsules, depois viravam imperadores, logo …

— Bom. Ele mandou dizer que a reunião não tinha acabado — atalhou tia Marthe. — Vamos, sirva-se.

Frango com salada.

Com o prato em cima dos joelhos, Théo devorou o almoço, examinando os três homens. Olhando bem, não eram tão velhos assim; a barba deles é que dava essa impressão, uma branca sobre um longo manto, uma castanha sobre um terno cinza, outra loura, complementada com uma rodela presa nos cabelos, uma quipá. Que estariam fazendo no terraço?

— Deixe que me apresente — disse o homem de barba loura. — Rabi Eliezer Zylberberg. Sua tia me pediu para lhe mostrar a Jerusalém dos hebreus.

— Eu sou o padre Antoine Dubourg — disse o homem de terno. — Vamos visitar também a Jerusalém dos cristãos.

— E eu sou o sheik Suleyman Al'Hajid — disse o terceiro com uma voz um pouco trêmula. — Vou lhe mostrar a Jerusalém dos muçulmanos. Mas iremos os três juntos, se quiser.

— Quer dizer que vocês não estão brigados uns com os outros? — espantou-se Théo. — Eu achava … tinham me dito …

— Tinham dito a você que em Jerusalém, nós, homens de Deus, estamos sempre em guerra? — e o sheik suspirou. — Muitos de nós rejeitam esses absurdos. Por muito tempo os judeus e os muçulmanos conviveram aqui se entendendo. Na época da dominação dos turcos, os judeus viviam em paz nestas terras … E quando, no fim do século XIX, começaram a se instalar de novo na Palestina, os árabes não os repeliram. O islã sabe ser tolerante.

— Você acha? — insurgiu-se Théo. — Não é o que se diz, em Paris.

— Claro! — interveio tia Marthe. — Com todos esses atentados … não peçam a Théo para compreender tudo antecipadamente! Não se esqueçam de que ele não tem nenhuma educação religiosa, eu já lhes disse e repeti …

— Mas por onde começar? — indagou-se o rabino.

— Pelo que nos une — sugeriu o sheik. — Veja bem, caro rapaz, nossas três religiões têm em comum o Deus único, o Criador. Não o chamamos pelo mesmo nome, é verdade. Para os judeus é Elohim …

— Adonai — resmungou o rabino. — Adonai Elohim.

— Não complique as coisas — ralhou o sheik. — Para os cristãos, é Deus Pai e para nós, muçulmanos, Alá. Nossos três livros sagrados começam pela mesma história, a de Adão e Eva, o primeiro casal humano. O Criador tinha lhes dito que podiam comer de todos os frutos do Paraíso, com exceção de um só, o fruto do conhecimento do Bem e do Mal.

— É a história da árvore e da serpente — comentou Théo. Não se devia comer a maçã. Deus não queria. Por quê? Que pecado mais bobo, roubar uma fruta …

— Ora, Théo! — exclamou tia Marthe. — Há pecado quando se faz uma coisa proibida, é simples!

— Nisso estamos todos de acordo — interveio o rabino Eliezer. — Quando Deus ordena, deve ser obedecido.

— Ah, é? — espantou-se Théo. — Por que três religiões, então?

— Porque — prosseguiu o rabino, — nós, judeus, não cremos que Jesus seja filho de Deus.

— Nós também não — emendou o sheik. — Profeta, sim. Filho de Deus, não!

— Não estou entendendo — disse Théo. — E o que separa vocês?

Os três senhores se olharam em silêncio.

— O mais simples — decidiu tia Marthe — é que cada um de vocês explique os princípios de sua religião.

— Eu começo então — falou o rabino. — Porque nós, judeus, temos o privilégio da precedência. Ninguém pode tirá-lo de nós! Jesus e Maomé vieram depois.

— Temos profetas judeus entre os nossos! — protestou de imediato o velho sheik.

— Fique quieto, Suleyman — murmurou tia Marthe. — Não é sua vez de falar.

O Ser que diz a Lei

— Eu estava dizendo, então, que fomos os primeiros a afirmar a existência de Deus — retomou o rabino. — O que isso quer dizer? Pois bem, ele é. Ele é o próprio Ser.

— O Ser, que nome engraçado para um deus! — espantou-se Théo.

— Porque não é um deus, Théo, é Deus. Absolutamente Deus. Ele engloba o tempo. Ele é, entende?

— Não — respondeu Théo.

— É complicado, o Ser. Nós, homens, quando queremos agir, não nos basta dizer. Não basta mesmo! Mas quando Deus cria, basta-lhe dizer: "Seja a luz', e a luz é.

— Espere aí — interrompeu Théo. — Se eu digo "Eu sou Théo", eu não existo?

— De que Théo está falando? — indagou o rabino. — O de agora, a criança que você foi ao nascer ou aquela que você será mais tarde, com ajuda do Eterno? Nós temos o ser, mas não somos o próprio ser. Você pode ver que você não é o ser. Você se transforma, você cresce, o tempo muda você, ao passo que Deus é o tempo todo. O Eterno!

— Para quem acredita nele! — insurgiu-se Théo.

— Mesmo se não acreditar, isso não vai impedir que o Eterno exista — respondeu o rabino. — Mas é para você que vai ser difícil viver. A que vai se agarrar? A seus pais? Um dia eles vão morrer. A seu país? Pode desaparecer. A você mesmo então? Mas você vai mudar. Quem vai lhe dizer a lei? Quem vai lhe dizer o que é proibido? Você se autorizaria a matar alguém, Théo? Não, é claro. Sem dúvida você imagina que não matará simplesmente porque é errado e porque você tem bom coração … equívoco seu! Você não matará porque este é o sexto dos dez mandamentos do Eterno. Você não matará porque o judaísmo transmitiu ao mundo as leis morais da relação com os outros. E o mesmo vale para as nove outras, que constituem o conjunto dos dez mandamentos, o Decálogo, a base do judaísmo.

— Acho que eu teria posto a proibição de matar em primeiro lugar — murmurou Théo. — Que mandamentos vêm antes deste?

— O primeiro consiste em não amar nenhum outro deus que não seja o Eterno. O segundo em não se prostrar diante de nenhum ídolo, de nenhuma imagem, de nada falso. É por isso que não representamos o Eterno, porque toda imagem seria falsa com respeito ao Ser.

— Mas se fazem retratos de Jesus!

— Lembre-se que, para nós, Jesus não é Deus — disse o rabino. — O fato de o representarem é uma prova disso, se é que uma prova é necessária. O retrato de Deus! Ora, vamos, rapaz … não se pode nem mesmo dizer o nome do Ser … é o terceiro mandamento, sabe? Não pronunciar em vão o nome do Eterno. Na verdade, é pelo mesmo motivo, porque se você invocar o tempo todo o nome do Ser, vai acabar deixando de lado o essencial. Então nem imagem, nem enunciação do nome do Eterno, nosso Deus … O quarto … ah! O quarto é importantíssimo, Théo: "Lembra-te do dia do Shabat para te santificar, seis dias trabalharás, mas o sétimo é do Eterno". Não sou dos que querem proibir os carros de circular no sábado, mas entendo o sentido do sétimo dia.

— Eu também. É preciso descansar!

— Não, meu rapaz — rebateu docemente o rabino. — O sétimo dia é o do vazio. Você finalmente para. Só depois pode recomeçar a fazer. Porque se você fizer o tempo todo, diga-me, que vida terá? O sétimo dia não é o descanso, é a festa do silêncio. A alternância entre o mundo e você. Um vazio necessário.

— Mais ou menos como o sono, então?

— Um sono bem acordado! Porque durante o Shabat os judeus velam … Em lugar de sono eu falaria de férias, porque a palavra *vacar,* isto é, estar em férias, também significa vazio. O sétimo dia é o das férias, do vacar reservado ao Eterno. Um momento abençoado!

— Eu adoro as férias. E o quinto mandamento?

— Você vai gostar — respondeu o rabino. — "Honra teu pai e tua mãe, para que se prolongue tua própria vida na terra, que o Eterno te dá". Seu futuro depende disso, meu rapaz. Honrar seus pais é respeitar a vida deles, não a criticar, preservar a memória deles e abrir o futuro aos filhos que você mesmo terá …

— Se basta honrar os pais para prolongar a vida, não corro nenhum risco — suspirou Théo. — Mas os médicos não parecem ser dessa opinião, sabe?

— Os médicos não conhecem os projetos do Eterno! — replicou o rabino vigorosamente. — Só ele comanda … E ele comanda bem. Pode decidir pela sua cura.

— Só quero ver! — exclamou Théo.

— Eu suplicarei a ele! Depois da honra devida aos pais, vem o sexto mandamento: "Não matarás". Porque se não aceitar a afirmação do Eterno, se não respeitar as férias do Ser, se não honrar seus pais, você não será capaz de compreender por que não se deve matar. Você não é o Eterno. Nenhuma vida pertence a você.

— É verdade — murmurou Théo impressionado. — Não tinha pensado nisso.

— Os outros quatro mandamentos proíbem fazer amor com a mulher de outro, roubar, prestar falso testemunho, não cobiçar o que é de outro. Compreenda que, a partir do respeito aos pais, o Eterno estabelece a lei das relações de você com o outro. Você não tem o direito de prejudicar o outro. Não tem o direito de introduzir a falsidade na verdade do Ser, nem o engano do adultério, nem o roubo, nem a mentira, nem a inveja. É por isso que nós, judeus, fundamos a moral. É tão verdade isso que nossos rabinos afirmam que, uma vez enunciados, os dez mandamentos forram simultaneamente

traduzidos em setenta línguas para serem compreendidos pelo mundo inteiro …

— Não sabia disso — notou Théo. — É para o mundo estar infinitamente grato a vocês!

— Não ficou tão grato assim — disse o rabino com um sorrisinho. — Acusou-nos de todos os males. A Bíblia diz que somos o povo eleito. Isso deu inveja a muita gente! Ser o povo eleito é terrível: e os outros povos? Privados do Eterno, abandonados, mal-amados? Eles não percebem a que ponto é terrível também para nós, judeus. Estamos sempre em dívida para com o Eterno … sabe o que significa Israel?

— O Estado judeu?

— Sim, mas Israel é antes de mais nada o nome dado pelo Eterno a seu povo. A palavra *Israel* vem da contração de duas raízes em hebraico: combate e Deus. O primeiro a receber esse nome se chamava Jacó. Certa noite ele sonhou com uma escada que ia até o céu, pela qual os anjos subiam e desciam … O Eterno estava a seu lado e lhe prometeu a posse do país. Depois Jacó teve de enfrentar seu próprio irmão, Esaú.

— Seu próprio irmão? — espantou-se Théo. — O povo eleito comporta brigas entre irmãos?

— Desde o começo do mundo — suspirou o rabino. — Caim, filho de Adão e Eva, matou o irmão, Abel. Esaú e Jacó combateram. E o Eterno sempre escolheu seu bem-amado: Abel, Jacó … durante a noite que precedeu o combate entre os dois irmãos, um anjo desceu do céu para lutar com Jacó e feriu-o nos quadris. Ora, Jacó defendeu-se bravamente. Ao raiar o dia, quando o anjo procurava fugir, Jacó pediu-lhe para abençoá-lo. Foi depois dessa luta com o anjo que Jacó, ferido mas vencedor, recebeu o nome que o Eterno lhe dava: Israel. “Porque” disse-lhe o anjo, “tu combateste com o Eterno e venceste.” Jacó era o eleito de Deus. No dia seguinte, Esaú e Jacó

se reconciliaram. Mas o longo combate de Israel começava. Porque o povo de Israel enfrenta sem cessar o Eterno, seu Deus.

— Não gosto nada disso — murmurou Théo. — Por que combater com Deus?

— Porque somos homens — replicou o rabino. — Porque os irmãos disputam a herança. Porque ninguém obedece espontaneamente. Porque, finalmente, como é difícil obedecer aos mandamentos do Eterno! Todos os mandamentos, os dez ao mesmo tempo? Não é brincadeira! É um longo caminho que temos a percorrer … E é tão longo esse caminho, que é mais simples crer num messias vindo à terra. Ufa! O Messias chegou, o Messias está aí! Acabou a luta! Descansar! Ou nada disso. Com o Eterno, nunca tem fim. Na verdade, o Eterno quis que seu povo fosse exemplar e mostrasse o caminho aos homens. Somos o povo eleito, fácil dizer! Temos de enfrentar essa aposta impossível … somos o modelo do mundo, puxa, que dificuldade, está vendo? Ah! Pagamos caríssimo por essa responsabilidade! Mas resistimos. Não é por nada que o Eterno nos chama de "povo de cabeça dura" …

— O Eterno não é muito amável — observou Théo.

— O Eterno não tem nem qualidades nem defeitos! O Eterno é o próprio Ser!

— Essa sua história está meio furada — disse Théo. — Deus tem acessos de cólera, faz as pazes, perdoa, logo tem qualidades e defeitos. Até parece um pai!

— É essa a imagem que nós, homens, projetamos Nele — precisou o rabino. — Sim, a Bíblia afirma que Deus é grande, sábio, triste, desiludido, condescendente, onipotente e ciumento. Terrível em sua cólera e generoso em sua bondade. Às vezes ele dirige a si mesmo uma prece para aplacar sua cólera e ficar bom de novo … não há meio de vê-lo de outro modo. A Bíblia

tem de falar a linguagem dos humanos para se fazer entender. Mas os homens têm toda a liberdade para escutar o Eterno ou permanecer surdos ao que ele diz, Théo.

— Liberdade? — espantou-se. — Com os mandamentos?

— Que faz Jacó? Luta com o anjo … Sim, o homem é livre diante do Eterno. É isso que é interessante! O Eterno lança um apelo ao homem, persegue-o, interpela-o; cabe à humanidade responder! Ou então se zangar …

— Essa é boa! Quer dizer que há judeus que se zangam?

— Houve um — respondeu o rabino. — Chamava-se Jó. Era tão crente, que o Eterno resolveu testá-lo. Arruinou-o, cobriu seu corpo de feridas repugnantes, reduziu-o a nada, e sempre, com grande sofrimento, o pobre Jó persistia em crer no Eterno, cerrando os dentes. Seus amigos achavam que ele devia ter cometido alguma falta em algum momento, senão por que aqueles castigos tão tremendos? Não, dizia Jó. Nunca fiz nada errado. Não. Creio no Eterno, mas não o compreendo …

— Que paciência tinha esse cara! — constatou Théo.

— Que nada! Jó se revolta! O que o Eterno, seu Deus, quer? Por que persegui-lo? Além do mais o Eterno ralha com ele … "Quem és tu para contestar meus planos? Onde estavas quando criei a terra?" Aí Jó compreende. "Calo-me", respondeu. "Falei demais. Não passo de um homem." A crise passou. Jó recuperou a saúde, a riqueza e foi cumulado de bens.

— É o fim da picada! — comentou Théo após um silêncio. — Espero que o Eterno não faça a mesma coisa comigo.

— Pois eu espero que sim! — exclamou o rabino. — Porque assim você vai se curar …

— Bem! — cortou tia Marthe em boa hora. — Você falou bastante tempo, Eliezer. Agora, pela ordem cronológica de aparecimento na terra, é sua vez, padre.

— Nosso nome de cristãos vem da palavra *Cristo* — começou o padre Dubourg. — *Chrestos* em grego é o equivalente de *Machiah* em hebraico, e significa "aquele que recebeu a unção". Na religião judaica, trata-se do sumo sacerdote consagrado, que tem a cabeça banhada de óleo santo, o único capaz de fazer oferendas ao Eterno em seu Templo. Ora, na opinião dos judeus de sua época, Jesus não é consagrado. Não recebeu a unção ritual … É essa a razão pela qual Jesus tem contra si o sumo sacerdote Caifás, o ungido oficial do Senhor.

— O malvado — comentou Théo.

— Não — replicou o padre. — O guardião do Templo não podia aceitar um homem que se dizia Filho de Deus e que não tinha a unção. Ora, acontece que Jesus recebeu-a em circunstâncias bem curiosas. Foi em Betânia que Maria Madalena, uma mulher que pecara, abaixou-se humildemente aos pés de Jesus para untá-los com um óleo caríssimo. Os discípulos exclamaram: que desperdício! Tanto dinheiro jogado fora por um gesto de amor? Mas Jesus deixou-a continuar, derramar o óleo perfumado em seu corpo e espalhá-lo por fim em sua cabeça, dizendo: "Ela prepara meu corpo para meu sepultamento".

— Como se passa óleo no cadáver antes de enterrá-lo? — indagou Théo.

— Isso mesmo! Cristo ainda não estava condenado, mas já pensava em sua morte assim como em sua gloriosa ressurreição. Maria Madalena, que não estava a par de nada disso, não hesitou, porém: instintivamente ungira a cabeça de Jesus com o mais caro óleo, como uma serva faz com um príncipe. Por ter a humilde pecadora compreendido, Jesus era o Ungido do Senhor …

— Quer dizer uma espécie de rei?

— Os sumos sacerdotes de Israel eram ao mesmo tempo reis e sacerdotes, é isso mesmo. O óleo da unção era feito com olivas espremidas e por isso os cristãos chamaram Jesus de "oliva santa": porque ele foi espremido na cruz como o fruto da oliveira no lagar[3] e o óleo tornou-se seu sangue … Porque Jesus era mais do que um rei, Théo, ele era Filho de Deus! Este é o ponto. Em vez de fazer uma oferenda ao Templo, ele próprio se oferecia em sacrifício: ele, o Deus … E é uma simples pecadora que o designa como o "Ungido do Senhor", pelo acaso de um encontro. Que divina loucura! Pela primeira vez Deus consentiu em encarnar num homem. Tornou-se pai de um filho que morreu e ressuscitou. Mudança radical, mas sequência lógica da Bíblia, já que o povo judeu esperava o Messias.

— E uma vez que desembarcou na terra, o Messias mandou o judaísmo passear! — atalhou Théo.

— Jesus não rompeu com o judaísmo, Théo. Jesus nasceu judeu e não renegou os dez mandamentos … Ao contrário! Ampliou-os. Cristo retomou no Livro do Levítico uma formulação do último mandamento: você se lembra, não roubar, não cobiçar a mulher alheia, não causar dano ao outro. "Ama a teu próximo como a ti mesmo." Importantíssimo! Isso significa que é preciso amar a si mesmo primeiro para amar ao próximo, que o egoísmo natural homens, o amor a si, pode e deve se aplicar a todos os homens, sem exceção. Igualdade perfeita entre si e o outro: o que Jesus traz são os mandamentos de Deus ao mundo inteiro.

— Os judeus já falavam do modelo do mundo — observou Théo.

— Mas Jesus é Filho de Deus! O Eterno é o Pai que envia seu Filho à terra na forma de um homem feito de carne e osso, que bebe, come, dorme, sofre e morre. O Eterno não é mais apenas a voz invisível que comanda: ele se

aproxima das suas criaturas. Prodigiosa aventura! Deus desce entre os homens! O Verbo se faz carne!

— O verbo? Como na gramática?

— É, como na gramática, porque na frase o verbo designa uma ação. Ora, justamente, para os judeus como para nós, cristãos, o Verbo divino age, já que cria. Mas antes do nascimento de Cristo, os homens só se comunicavam com Deus por meio do ouvido … Na Bíblia, Deus ordena, se zanga, consola, mas ninguém o vê. Isso não era o bastante; os homens sempre resistiam. Então o Verbo se fez carne: podemos tocá-lo, discutir com ele, segui-lo pelos caminhos, compartilhar suas refeições, contemplar seu olhar, ver seu sangue correr … Deus se fez homem. Que alívio! E o nascimento de Deus, que história!

— Por falar em nascimento — disse Théo —, você podia me explicar como é que alguém pode nascer de uma virgem. Isso não é possível!

— De fato — respondeu o padre Dubourg, — não deveria ser. De Maria, sabemos pouquíssimas coisas. É uma moça consagrada a Deus, segundo o costume que os judeus chamam de nazaritismo. A pessoa se devota por um tempo a Deus, não bebe uma gota de vinho, não come uvas, não corta os cabelos. Maria vive em Nazaré, uma aldeola obscura, um lugarejo perdido, que talvez nem tenha existido. É noiva de José, o carpinteiro. Deus escolheu a mais desconhecida das judias. É natural! Porque a mensagem de Jesus se dirige aos pobres e aos simples.

— Tudo bem — replicou Théo com uma ponta de impaciência. — Mas como ela fez para dar à luz sem homem?

— É precisamente o que ela responde ao Arcanjo Gabriel, quando ele lhe anuncia que ela vai abrigar o filho concebido por Deus. “Como vai ser, se não conheço homem?”

— Ela conhece José! — rebateu Théo.

— Bem — hesitou o eclesiástico, — "conhecer" quer dizer, no texto … enfim … deitar-se com. Maria simplesmente diz que é virgem, está entendendo? A resposta do anjo chega como um murmúrio. "Por isso aquele que vai nascer de ti é sagrado." Nesse momento preciso, Maria compreende que o sopro do anjo já entrou em seu ventre. "Vai ser", mas já estava feito! Ela crê sem hesitação. Canta sua alegria porque é a eleita de Deus. Sabe que idade ela tem então? Catorze anos …

— Você não me explicou como Deus entrou nela — protestou Théo.

— Acabei de dizer! — retorquiu o padre Dubourg, irritado. — Um sopro, um murmúrio, um silêncio … A voz de Deus!

— Bem, então Maria é Moisés mulher, está claro — concluiu Théo. — Ela ouve Deus. Puxa vida, Deus não costuma pedir a opinião das pessoas, hein! Ele escolhe, ele decide …

— Ele escolhe uma virgem, Théo, para resgatar o pecado outra virgem, Eva. Irineu, um dos que chamamos de "Pais da Igreja", grandes sábios cristãos, escreveu: "Era preciso que uma virgem, constituindo-se advogada de uma virgem, destruísse a desobediência de uma virgem pela obediência de uma virgem".

— Êpa! — gemeu Théo. — Espere aí … A desobediência de uma virgem, é Eva. A obediência, Maria. Mas por que advogada?

— Porque Maria se torna advogada de todos os que pecaram. Ela sempre intervém para defender diante de seu filho a causa dos humanos, ela tem sempre piedade. Por não ter duvidado um só instante, Deus lhe concede benefícios. Maria tem o poder de defender os homens, de adverti-los e de consolá-los. Maria não morreu como todo mundo. Ela adormeceu e seu corpo elevou-se ao céu. Chamamos seu sono de "dormição" e sua subida ao céu de "assunção", o que significa "elevação".

— Então ela não morreu direito — disse Théo.

— Não — concordou o padre Dubourg. — Você consegue imaginar a decomposição do corpo da mãe de Jesus? Impossível! Tão impossível que, no século XIV, os sábios doutores da Igreja afirmaram que Maria mesma não tinha sido contaminada pelo pecado de nossa mãe, Eva. Seus pais a conceberam imaculada … Deus tinha preparado o nascimento da Virgem eleita.

— Me diga o seguinte: se Jesus também é Deus, ou muito me engano, ou Maria é filha de seu filho, não é?

— Pois é isso mesmo — respondeu o padre Dubourg. — É o que diz santo Agostinho.

— Nunca se viu uma coisa dessas — murmurou Théo desconcertado. — E o coitado do José nisso tudo?

— Ah! Mas José era de boa família! Ele descendia do rei Davi. Tinha de ser porque a Bíblia anunciava que o Messias seria da linhagem desse rei … além disso, José era um homem excelente, um judeu piedosíssimo. O anjo também falou com ele. Quando lhe disse: "Toma contigo Maria, toma o filho e a mãe", José obedeceu sem discutir …

— Só que ele não era o pai verdadeiro de Jesus!

— O pai de Jesus é Deus. Cremos num Deus em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

— Já estava esperando por esta! — exclamou Théo. — O que é exatamente o Espírito Santo?

— O sopro de Deus — respondeu o padre Dubourg. — A voz do anjo que fala com Maria. O Pai decide, o Filho salva e o Espírito Santo inspira: a Santíssima Trindade. Deus em três pessoas, uma das quais é o Deus dos judeus, a outra seu filho único, o Salvador do mundo, e a terceira a inspiração que surge entre nós.

— Afinal, o que Jesus trouxe aos homens? — perguntou Théo. — O fato de ele ser um dos nossos? É muito pouco!

— Não — disse o padre Dubourg. — Jesus traz a esperança da salvação, a divisão entre todos a que chamamos caridade e a memória viva do seu sacrifício, que celebramos no curso da missa. Porque, durante sua última ceia, Jesus dividiu o pão com seus doze apóstolos, dizendo: "Tomai e comei, este é o meu corpo". Fez o mesmo com o vinho: "Este é meu sangue". O Verbo se fez carne, mas fez ainda mais porque o corpo de Deus encarna no pão e no vinho.

— Comam meu corpo, bebam meu sangue. Parece canibalismo! — comentou Théo.

— De maneira nenhuma! — indignou-se o eclesiástico. — Jesus sacrificou-se, mas a substância do seu corpo passa para o pão e o vinho! O sacrifício do corpo de Jesus é o último, o derradeiro … Depois nós o comemoramos com o pão e o vinho da vida: "Comei todos dele" disse-nos antes de morrer. Todos, está ouvindo Théo? Absorver o corpo sagrado de Jesus é tomá-lo na boca, tocá-lo com a língua, engoli-lo, é algo e que acontece no organismo, o pão ázimo, que chamamos de hóstia, não é carne humana, é o corpo transformado de Deus … Não é canibalismo coisa nenhuma, é uma divina partilha universal, ora essa!

— A fé de vocês é muito mais complicada que a dos judeus — concluiu Théo. — Viu a quantidade de milagres em que é preciso acreditar? Uma virgem concebida sem pecado, que concebe sozinha com o Espírito Santo, um Deus feito homem, morto e ressuscitado, cuja carne se torna pão e o sangue vira vinho … Para que serve isso tudo?

— Para aproximar — disse o padre Dubourg. — Deus e os homens, em seguida os homens entre si. Como Deus se aproximou dos homens, nós podemos representá-lo. Pintar quadros de seu nascimento, da sua vida, de

seu suplício e de sua ressurreição, esculpir seu corpo vivo ou morto, pagar atores para representar seu papel no cinema e restituí-lo a nossos olhos, humano e divino ao mesmo tempo. Esse sacrifício repetido serve para salvar do pecado. Para perdoar. Para apagar de um só lance os sofrimentos do povo de Israel, para firmar um novo pacto de esperança e de fraternidade, uma Nova Aliança. O sacrifício de Deus serve para voltar ao Paraíso, de onde fomos expulsos.

A derradeira revelação de Deus

— Agora é sua vez, meu caro Suleyman — disse tia Marthe como boa mediadora dos debates. — Você tem sorte, pois terá a última palavra.

— *Inch'Allah* — respondeu o sheik, torcendo a barba. — Com a ajuda do Todo-Poderoso. Enfim você tem razão, cara amiga, porque nós, muçulmanos, somos os últimos mesmo. A primeira revelação de Deus não converteu o povo dos judeus à obediência: como você ressaltou, Eliezer, os judeus persistem em lutar com o Eterno. Quando veio a revelação de Jesus, o sacrifício da sua vida também não bastou, pois ainda restam no mundo homens e mulheres demais que não creem no Deus único. Não é verdade, caro Antoine? Foi por isso que o Todo-Poderoso escolheu Maomé para a última revelação a um profeta, depois da qual nenhuma outra é possível. Porque o Todo-Poderoso revelou ao Profeta a totalidade da sua lei.

— O que não tinha sido dito ainda? — perguntou Théo. — Não vejo …

— Para começar o Todo-Poderoso não esquece nada, Théo. Ele recapitula. Quando diz a Maomé o texto do Corão, recorda a dos profetas, Adão, Abraão, Noé, Moisés, Jesus, que transmitiram, todos eles, sua palavra. Também são nossos profetas. Os dez mandamentos são nossos. Nós também não representamos a fisionomia de Deus, nem mesmo a dos profetas.

Simplesmente, o Todo-Poderoso enunciou suas leis muito claramente. Em vez de "Só adorarás o Senhor teu Deus", a Palavra divina passa a ser: "Não há outro deus além de Deus e Maomé é seu Profeta". Isso significa que a Revelação se acaba. Maomé foi, e será, o último dos profetas de Deus.

— O que é que o seu Maomé tinha de especial?

— Nosso Profeta, louvado seja seu nome, não se dizia filho de Deus. Como Deus poderia ter um filho? Como os judeus, pensamos que Deus é o Eterno Criador. Mas se ele é o Criador, ele é ingênito, certo?

— Ingênito … — hesitou Théo. — Ninguém o gerou?

— Exatamente. Ninguém gera o Criador que não gera ninguém, pois não está submetido nem ao tempo, nem à vida, nem à morte. Se gerasse, se fosse pai, o Eterno entraria no tempo! Isso é totalmente incoerente. É por esse motivo que nosso Profeta não se diz filho de Deus, mas eleito. Escolhido por Alá, que enviou o anjo Gabriel para lhe ordenar que estabelecesse uma religião perfeita e justa.

— OK — disse Théo. — E que mais?

— Quem era ele? Um homem paupérrimo, nascido em Meca em 570 e que, para ganhar a vida, pôs-se a serviço de uma viúva rica, Cadidja. Depois de se casar com a mulher para a qual trabalhava, Deus falou com ele.

— Como com Moisés — notou Théo.

— Sim. Nessa época, na Arábia em que vivia, os homens brigavam selvagemente e maltratavam as mulheres, que eles raptavam e violentavam. Adoravam mais de trezentos ídolos de pedra ou de barro, deuses e deusas das colheitas e da terra, como outrora os cananeus, na época do nascimento do judaísmo …

— Quer dizer que nada mudou depois desse tempo todo? — indagou Théo.

— Infelizmente não — suspirou o sheik. — Era preciso recomeçar. O Todo-Poderoso decidiu acabar de uma vez por todas com os adoradores de estátuas. Inspirou esse homem que ele tinha escolhido para mensageiro, pôs seu corpo e seu espírito à prova para lhe dar a força de falar claramente. Na verdade, foi um monge cristão que descobriu nele os primeiros indícios da eleição divina … Ainda era adolescente quando Bahira lhe disse: "És o Enviado de Deus, o Profeta anunciado por minha Bíblia!".

— Mais uma de messias, mais uma! — murmurou Théo.

— Profeta, Théo, e não messias — retificou docemente o ancião. — Maomé tinha quarenta anos quando adquiriu o costume de se retirar solitário para o monte Hira, perto de Meca. No começo da Revelação, passou por dolorosas provações, a inspiração divina lhe causou sofrimentos horríveis … O anjo Gabriel, o mesmo que anunciara a divina mensagem a Maria, se apossava dele. Maomé achou que estava ficando louco, tinha a cabeça em fogo e somente sua esposa o apoiava. Depois o anjo Gabriel ditou-lhe o Corão. Mas como transmitir a Revelação que era passada a ele, um homem simples?

— É verdade — concordou Théo. — Moisés teve muitas chateações, Jesus morreu por causa disso. E Maomé?

— O Profeta era justo e bom. Tinha o dom do Todo-Poderoso em si, um coração complacente, uma palavra invencível que tocava a gente humilde … Um dos primeiros convertidos foi um escravo negro, Bilal; ele foi também o primeiro a chamar para a prece, a quem damos o nome de *muezim*. Os beduínos começaram a seguir os ensinamentos de Maomé, depois converteram os incréus a uma vida decente, digna do Todo-Poderoso. Guiado por ele, o Profeta triunfou sobre inimigos muito mais numerosos do que seus próprios fiéis e fundou a comunidade dos crentes, a "Uma".

— A Uma? É árabe?

— O Profeta viveu na Arábia, então recitou a Revelação em árabe. A primeira Revelação tinha sido expressa em hebraico, a segunda em grego e a última em árabe. Mas note bem! O árabe do Corão não é simplesmente uma língua como as outras, a inspiração do Todo-Poderoso que guiou o Profeta se exprime pela beleza … A língua do Corão vibra como a música, envolve em seu esplendor, protege! É por isso que a palavra Corão significa "Leitura em voz alta" ou "Recitação": o texto da Revelação habita a boca do crente. Não basta lê-lo, é preciso falá-lo, respirá-lo …

— Bom — disse Théo. — Tudo bem que, como Jesus, Maomé seja um profeta. Mas, se ele retoma os ensinamentos da Bíblia e do Evangelho, o que faz além disso?

— É preciso compreender, antes de mais nada, que não aceitamos a ideia do Filho de Deus — insistiu o ancião. — É com os judeus que debatemos faz tantos séculos. A aliança que eles firmaram com o Eterno é uma guerra. Uma guerra de amor, é certo, mas ainda assim um combate. Em sua última Revelação, o Todo-Poderoso quis pôr fim à guerra entre os homens e ele. Basta eles admitam a verdade: "Não há outro deus além de Deus e Maomé é seu Profeta", que a guerra para. O crente convertido entra então na Uma. E a Uma, Théo, é extraordinária! Igualdade, justiça, prece, simplicidade, partilha, comunidade total … Não há clero, não há papa, não há Igreja, não há imagens, não há estátuas … Todos vivem no abandono a Deus, junto com seu irmão, seu igual. Sim, a guerra termina entre os homens e Deus. É essa a Revelação do Profeta.

— Não há mais guerras? — exclamou Théo. — Era só o que faltava! Os muçulmanos passam o tempo se combatendo … Como é mesmo que chamam isso? … A ji-qualquer-coisa … jibad?

— *Jihad* — suspirou o sheik. — A guerra santa. O Profeta foi obrigado a defender a Revelação com as armas, no início, é verdade. Mas *jihad* significa

esforço, e se trata antes de tudo do esforço sobre si mesmo. É só contra si mesmo que o crente deve guerrear para respeitar a lei divina. A mensagem do islã é a mensagem da paz definitiva. E que paz, Théo! Doce, exaltante, profunda como a noite, luminosa como as estrelas, perfeita, enfim … Sim, perfeita, não vejo outra palavra.

— Mas o mundo não é perfeito — retorquiu Théo. — Vocês também não tiveram sucesso.

— A paz vai vir, Théo, a paz para todos …

— Então por que brigar entre cristãos, judeus e muçulmanos? — exclamou Théo. — É completamente idiota!

Os três homens de Deus trocaram um sorriso. Sobre isso, não tinham a menor divergência.

Guerras e paz

— Vocês não responderam — observou tia Marthe.

— Porque — disse o sheik — as batalhas que nos opõem faz tantos séculos são querelas de terras e questões de poder.

— Porque — disse o rabino — Deus ainda está nos pondo à prova e nos faz avançar lentamente no caminho da paz.

— Porque — disse o padre — os homens não sabem dividir o que lhes pertence.

— E por que não dizem isso a eles? — indignou-se Théo.

— E o que fazemos — respondeu o padre Dubourg. — Mas eles nem sempre ouvem. Que fazer de Jerusalém? Os judeus a querem para eles apenas, os muçulmanos reivindicam sua parte e os cristãos procuram preservar o lugar do martírio de Jesus. Dividir? Um dia isso vai acontecer. Quando? Não sabemos, mas trabalhamos para que aconteça.

— É por isso que nós três nos reunimos para lhe mostrar Jerusalém — acrescentou o sheik.

— Agora vocês têm que decidir sobre nossa programação — interveio tia Marthe. — O que vão mostrar a Théo?

Puseram-se a discutir. Para o rabino, a visita devia ser cronológica. Os judeus tinham, podia-se dizer, inaugurado Jerusalém três mil anos atrás; logo, começariam pelo muro do Ocidente, o que restou do Templo de Jerusalém, lugar das lamentações e orações de todos os judeus do mundo. O padre Dubourg achava mais sensato, dado o cansaço de Théo, começar pelo Santo Sepulcro …

— Santo o quê? — perguntou Théo.

— Sepulcro. É uma palavra que significa túmulo — explicou tia Marthe.

… o Santo Sepulcro, túmulo de Cristo, onde todos os ramos da cristandade tinham se reunido.

— Nem todos — observou tia Marthe. — Os protestantes não estão lá.

O sheik aproveitou para frisar suavemente que Jerusalém era uma cidade árabe ocupada pelos israelenses e que, a bem da justiça, devia-se agradecer aos verdadeiros protetores do lugar, os muçulmanos.

— Vamos devagar — disse tia Marthe. — Eu lhes pedi que não cansassem Théo. Isso dá uma ou duas visitas para cada um de vocês. Virem-se!

O padre Dubourg propôs o Santo Sepulcro, o monte das Oliveiras, onde Jesus preveniu seus discípulos sobre o que lhe ia acontecer e a via-crúcis, o caminho que ele seguira para chegar ao local do suplício. Tia Marthe intimou-o a reduzir a lista.

O rabino ergueu os braços para o céu. Como escolher entre o Muro das Lamentações, o Museu de Israel, o Memorial de Yad Vashem, dedicado à memória dos milhões de judeus assassinados pelos nazistas, e o bairro

religioso de Mea-Shearim? Estavam lhe pedindo um exercício nos limites do possível! Tia Marthe replicou secamente que cabia a ele decidir.

O velho sheik permanecia estranhamente silencioso.

— Não vai dizer nada, Suleyman? — espantou-se tia Marthe.

— Não — murmurou ele. — Não vale a pena.

— Cheguem a um acordo — ela decidiu. — Ou então deixem Théo escolher.

Três pares de olhos brilhantes viraram-se na direção de Théo. Mas Théo estava de olho mesmo era nas sobremesas banhadas em mel, puras delícias tornadas inacessíveis pelas disputas dos santos barbudos.

— E então? — insistiu tia Marthe.

— Então vamos fazer como quando eu era criança — respondeu Théo. — Porque essa trapalhada toda está me confundindo. Bom. Vamos lá.

E apontando o indicador na direção dos barbudos, pôs-se a contar: "Uni, duni, tê, salamê mingüê, um sorvete colorê, o escolhido foi você". O cê caiu no sheik.

— Está resolvido, vamos começar por você, Suleyman — concluiu tia Marthe caindo na risada. — Posso apostar que vocês não estavam esperando este tratado de paz!

Abraão no umbigo do mundo

Finalmente, todos os três se resignaram. O sheik tinha se contentado com a Cúpula do Rochedo, o dominicano optara pela visita ao Santo Sepulcro, e o rabino, depois de ter recebido de tia Marthe a garantia de que Théo visitaria sinagogas em outras etapas da viagem, escolheu a contragosto o Muro das Lamentações e o bairro de Mea-Shearim. Puseram-se então a caminho da Cúpula do Rochedo, como tinha decidido o sorteio de Théo. Na vasta

esplanada que dominava o Muro das Lamentações, Théo percebeu o dourado da cúpula e o brilho de outra, coberta de prata. Mulheres perambulavam em longos vestidos pretos bordados de rosa e vermelho, com o rosto rigorosamente coberto por lenços, e homens levando na cabeça um véu branco mantido preso por um círculo de couro caminhavam com majestade.

— Cá estamos — disse o sheik quando o pequeno grupo chegou em frente do santuário com teto de ouro. — Ali você está vendo a mesquita El'Aqsa, construída aproximadamente na mesma época, no século VII. Estamos no alto da Cúpula do Rochedo, no mesmo lugar em que ainda existe um fragmento do monte Moriah. Este lugar sagrado se chama "umbigo do mundo", a pedra que Alá escolheu no jardim do Paraíso para utilizar com fundação do universo. As almas de todos os nossos profetas se acham num poço aberto debaixo da rocha, e continuam orando ali … Aqueles arcos que você avista entre a cúpula e a mesquita servirão para pendurar as balanças que pesarão as almas no momento do acontecimento final.

— Que acontecimento? — espantou-se Théo. — Eu achava que o islã não esperava nada.

— Espera sim — murmurou o sheik. — Esperamos o próprio fim do tempo. Mas, por enquanto, falemos do começo. Porque foi aqui que se desenrolou o sacrifício do profeta Ibrahim, que os judeus e os cristãos chamam de Abraão, louvado seja. Naturalmente, meu rapaz, você conhece sua história, não é?

— Hã … — fez Théo. — Para dizer a verdade, não.

— Ibrahim — começou o sheik — era um grande profeta, pai de todos os crentes. Eis como contamos a história de Ibrahim. Como sua velha esposa Sara não tinha filhos, ela convenceu o marido a conceber um filho com a

jovem Agar. Depois, por sua vez, Sara teve um filho. Ibrahim tinha, portanto, dois filhos: o de sua mulher Sara, que se chamava Isaac, e o de Agar, sua amante, que se chamava Ismael. Mas Sara, enciumada, pediu que Agar fosse mandada embora, e Ibrahim acompanhou-a com Ismael ao deserto, onde a deixou sob a proteção do Todo-Poderoso. Os judeus se dizem filhos de Isaac, os muçulmanos, de Ismael, e é por isso que Ibrahim é o pai de nós todos. O patriarca dos patriarcas.

— Você se lembra, Théo? — murmurou tia Marthe. — Faz alguns anos, em Hebron, um fanático judeu pegou a metralhadora massacrou os fiéis num lugar chamado "túmulo dos Patriarcas", onde descansam Abraão e Sara, sua mulher, e até, segundo dizem, Adão e Eva, adormecidos por toda a eternidade … Era o único lugar do mundo em que judeus e muçulmanos podiam rezar juntos.

— E continua sendo assim — interveio o rabino, — mas sob a guarda de nossos soldados. Não vou pronunciar o nome daquele que cometeu essa barbaridade! O túmulo de Abraão é o ponto de encontro de nossas religiões. Porque Deus quis experimentar Abraão: ordenou-lhe que sacrificasse seu filho único, Isaac …

— Mas ele tinha dois filhos! — exclamou Théo.

— Bem … — fez o rabino, embaraçado. — Isaac era o filho legítimo. Enquanto, segundo nossa Bíblia, o outro era filho de uma criada, enfim, um bastardo. Mas essa distinção não é válida para todo mundo, admito. Para nós, judeus, Isaac é o primeiro filho. Se não fosse, a provação infligida por Deus não teria a mesma importância. Isaac nasceu temporão, quando sua mãe, Sara, tinha quase cem anos …

— Cem anos! — exclamou Théo. — Está brincando!

— Sara também riu muito quando os anjos lhe anunciaram que ela ia ter um filho naquela idade. Mas era verdade. Portanto, Théo, imagine os

sofrimentos desse velho pai a quem Deus manda levar o filho ao alto da montanha e lá cortar-lhe o pescoço … E Abraão obedeceu.

— É assim o Deus de vocês? — reagiu Théo. — Ele é horrível!

— Ele é exigente — retrucou o rabino. — É diferente. E você sabe que ele é bom. Prova disso é que, quando Abraão ergueu a faca sobre o filho, que ele tinha amarrado, um anjo deteve seu braço … Então Abraão viu um carneiro cujos chifres tinham se prendido num arbusto e, em lugar do filho, sacrificou o animal. E Deus lhe disse: "Agora sei que não me recusaste teu único filho. Por causa disso teus descendentes serão tão numerosos quanto as estrelas do céu e os grãos de praia". Isso aconteceu onde estamos pisando.

— Você se esqueceu de dizer que Isaac ficou cismado com esse curioso sacrifício — lembrou o padre Dubourg. — Seu pai tinha levado um burrico para carregar a lenha e o fogo para queimar o corpo da vítima, normalmente um cordeiro. Mas não havia cordeiro nenhum! Isaac perguntou onde estava o cordeiro, sem adivinhar que o cordeiro era ele. Mais tarde, quando apareceu neste mundo, Cristo aceitou ser o verdadeiro cordeiro, sacrificado para valer na cruz. O Cordeiro de Deus.

— Esse Deus de vocês continua não me agradando — condenou Théo. — Por que querer a morte de uma criança? Por que querer sacrificar Jesus? Que sentido tem isso?

— Lembre-se de Jó — disse o rabino. — Deus nos põe à prova. Exigir a morte de um filho pode parecer monstruoso, mas como Isaac sobreviveu …

— Claro, mas Jesus não — observou o padre Dubourg. — Ele soube que ia morrer e disse sim.

— Isso admitindo-se que ele era filho de Deus — cortou o sheik. — Admitindo-se também que Sara era a preferida de Ibrahim e Isaac o filho querido dele. Não é o que pensamos. Porque, segundo o Corão, Ismael é que foi poupado pelo Todo-Poderoso, a fim de procriar as várias gerações

futuras … Nós também, filhos de Ismael, descendentes de Ibrahim e de Agar, somos numerosos como as estrelas do céu. E acreditamos não ser necessário passar pelo sacrifício do filho de Deus na cruz. Jesus é um profeta, cuja grandeza reconhecemos, o filho de Maria que recebeu o Verbo de Deus, mas o Criador não pode gerar um filho encarnado na forma de homem. Impossível.

— Afinal, o que é verdadeiro nisso tudo? — exclamou Théo. — Abraão, Ibrahim, Jesus, Maomé?

Um longo silêncio se instalou. Num frufru de asas, alguns pombos aproveitaram para bruscamente levantar voo.

— Escute bem, Théo — interveio tia Marthe com certa rispidez. — Agora é minha vez. E vocês, me deixem falar sim? Já sei que não vão concordar. Para mim, a religião não é uma questão de verdade. Você crê ou não crê. Por exemplo, eu não creio em Deus. Em nenhum deus. Mas admito que as religiões fizeram a humanidade progredir. Esse Deus tão cruel, que não te agrada, proibiu, graças ao povo judeu, práticas mais bárbaras ainda. Lembre-se dos cananeus … A grandeza do sacrifício de Isaac está precisamente no fato de que ele não morre. Deus faz aparecer um carneiro para o sacrifício. O homem não é mais um animal que é degolado num altar em honra a um deus. Não é um avanço?

— Vendo a coisa assim … — respondeu Théo — concordo. Mas foi mesmo preciso tanto tempo para chegar a isso?

— Se foi, Théo! — exclamou o rabino. — Depois de milhares de anos de barbárie, fomos os primeiros a crer que Deus tinha criado o homem à sua imagem. A sua imagem significa que o homem tinha em si uma parcela de divindade … E foi Abraão que firmou o primeiro pacto entre o homem e seu Deus, passando a chamá-lo Adonai Elohim, o Senhor da Aliança. Antes da Aliança o homem e o animal tinham o mesmo valor para o sacrifício.

Depois dela, acabou-se. A separação entre o homem e o animal aparece pela primeira vez em nossa Bíblia.

— O pecado também vem da Bíblia — falou tia Marthe. — Deus não deixou o homem no Paraíso.

— É por isso que Deus sacrificou seu próprio filho à humanidade, para resgatar esse primeiro pecado — acrescentou o padre Dubourg. — E não apenas em favor de um povo eleito, mas de todos. Foi um progresso considerável.

— Para que tanto sangue? — suspirou o sheik com sua voz trêmula. — Por que a crucificação? Por que a aliança entre os judeus e Deus não funciona logo da primeira vez? De onde vêm essas revoltas, esses sobressaltos? O Profeta não declarou o fim da história entre Deus e os homens? A submissão ao Todo-Poderoso basta …

— É o que *você* acha — ralhou Théo.

— Eliezer e Antoine também! — exclamou o sheik. — Nós três reconhecemos os mandamentos de Deus! A única diferença é a continuação da história dos homens … Para Eliezer, é a espera do Messias. Para Antoine, é a crucificação de Jesus. Para nós, graças ao Profeta, bendito seja seu nome, tudo está dito. Deixe eu lhe contar a visão do Profeta. Ele estava no terraço da sua casa, em Meca, quando apareceu a égua Burak, um animal alado com cabeça de mulher …

— Entendi — insinuou Théo. — Alada como o cavalo Pégaso. Está no meu videogame.

— Vai me deixar terminar, menino? — disse docemente o sheik. — Então a égua do Profeta apareceu e trouxe-o aqui. O Profeta amarrou a égua na muralha, o animal bateu o pé no rochedo e saltou! O anjo Gabriel levou o Profeta até o sétimo céu, e no caminho ele encontrou Adão, Noé, José e Moisés, antes de ficar cara a cara com o patriarca Ibrahim. Por fim ouviu Alá

lhe ditar as preces muçulmanas e voltou a Meca, transformado pelo êxtase …

— Não existem retratos de Maomé em êxtase? — perguntou Théo. — Gostaria de vê-los …

— Nunca representamos o rosto do Profeta — precisou o sheik. — Você pode encontrar às vezes representações religiosas populares, mas sua cabeça está velada de branco. O êxtase é próximo demais do Todo-Poderoso para ser representado … A visão do Profeta era de inspiração divina. É por causa dessa saída do tempo, desse salto do Profeta além da vida humana, que Jerusalém é a terceira cidade sagrada do islã, depois de Meca, onde ele nasceu, e de Medina, onde ele morreu. Aliás, quem construiu a cúpula em cima do rochedo? O califa Abdel Malek, em 685.

— Mas o rei Salomão construiu o primeiro templo — falou o rabino. — No mesmo lugar.

— E os cruzados — disse o padre Dubourg — edificaram cruz gigantesca, aqui mesmo. Assim, Théo, nossas três religiões se encontram no lugar do sacrifício de Abraão, nosso patriarca comum. Reconhecemos o mesmo livro sagrado, a Bíblia, cujo nome, em grego, significa "livro". É por isso que nos chamam de as três religiões do Livro. Quem se dispuser a bem refletir verá que, no fundo, é o mesmo livro.

— Ah, não! É o Corão!

— E o Decálogo, o que vocês fazem dele?

Voltavam a querelar. Théo achou-os um pouquinho chatos e afastou-se para contemplar as muralhas douradas pelo sol que se preparava para desaparecer devagarinho. O ar vaporoso pôs-se a ressoar com centenas de sinos que se misturavam com os chamados dos muezins e com o rumor das preces. Jerusalém era uma cidade muito complicada, disputada pelos que

acreditavam no Deus único, nos que acreditavam no Profeta e nos que acreditavam no Filho de Deus.

— Em que está pensando? — indagou tia Marthe pondo as mãos nos ombros do rapaz.

— Nesse Deus que não é capaz de reconciliar esses três — respondeu Théo.

3

Um Muro e um Túmulo

Lamentações pela Arca perdida

O rabino tinha facilmente obtido a prioridade sobre o padre Dubourg, sempre em nome da história e da cronologia. Para começar, os três homens de Deus iriam ao muro que recebia o nome "das Lamentações". À medida que se aproximavam, Théo sentiu-se tomado por uma estranha excitação. Fazia quase dois mil anos que os judeus vinham chorar diante daquelas grandes pedras ancestrais, fazia quase vinte séculos que se lamentavam por seu Templo perdido … De longe, ouviu os graves murmúrios de uma prece vinda do fundo das idades. O rabino guiou-o até a multidão de fiéis vestidos de negro. Théo ficou arrepiado.

— Então é este o famoso muro — sussurrou. — É muito maior do que na tevê …

— Sim — murmurou o rabino. — É imenso, como a dor dos judeus. Ao raiar do dia, as pedras se cobrem de orvalho, que são as lágrimas do povo de Israel expulso da Terra Santa. Das dez medidas de sofrimento que o Eterno

distribuiu pelo universo, nove são para Jerusalém … ponha isso na cabeça, Théo, é obrigatório.

— Uma quipá? Que legal ela é — disse Théo colocando o solidéu de veludo azul sobre seus cachos.

— Vamos ficar na fila da esquerda — falou o rabi Eliezer. — Temo que tenhamos de esperar um bocado.

Diante deles, a interminável fila dos homens de preto balançava a parte de cima do corpo lendo as preces em voz baixa ou cantava lancinantes melopeias. Traziam na cabeça chapéus redondos de feltro preto, solidéus de tricô ou então uma curiosa caixinha de couro, presa por tiras também de couro … alguns tinham grandes cachos caindo sobre as orelhas. Ao chegar perto da alta muralha, punham a mão nas pedras, apoiavam a testa no muro e depositavam entre as pedras seus rolinhos de papel com mensagens escritas.

Um pouco mais longe, à direita, as mulheres formavam outra fila; muitas tinham os cabelos cobertos com um lenço cuidadosamente preso. Às vezes elas se punham a soltar gritos dolorosos. Tia Marthe ficou afastada, com o padre Dubourg e o sheik Al'Hajid, não longe do lugar em que chegavam por fax as mensagens para o Muro, vindas do mundo inteiro. (02) 62 12 22. O Muro tinha se modernizado muito.

O muro que os cristãos chamavam "das Lamentações", e os judeus, muro Ocidental, era o que restava do terceiro Templo de Jerusalém. O primeiro era o de Salomão, rei de Israel; o segundo, aquele que, após a destruição do primeiro, foi autorizado pelo rei Ciro, dos persas; e o terceiro foi reconstruído pelo rei da Judéia, que queria dar-lhe novamente seu esplendor inicial. Esse rei, que se chamava Herodes, tinha sido nomeado pelos romanos; por nascimento, era apenas metade judeu, e os judeus não gostavam nem um pouco dele.

E esse último Templo não era como o primeiro. Claro, era esplêndido, coberto de placas de ouro tão brilhantes que ofuscavam a visão; mas, no Santo dos Santos, o Debir, o próprio centro do Templo, somente o vazio indicava a presença de Deus. A Arca da Aliança, que continha o pacto com Deus, não estava mais no Templo reconstruído por Herodes.

— A mesma arca que Indiana Jones vai buscar nos *Caçadores da Arca Perdida*? A que contém radiações atômicas? — indagou Théo.

— Bem … — hesitou o rabino, que não tinha visto o filme. — Radiações atômicas, com certeza não. A Arca da Aliança entre o Eterno e seu povo viajara por muito tempo numa carroça puxada por bois brancos, e o Templo fora construído pelo rei Salomão para abrigá-la, pouco depois dos judeus terem parado em Jerusalém, na época do rei Davi. Para honrá-la, o rei Davi dançara diante da Arca tocando harpa. No entanto, apesar da sua retumbante vitória obtida com a funda contra o gigante Golias, representante do inimigo, não foi o pequeno rei Davi que construiu o Templo de Jerusalém, porque ele se tornou culpado de tamanho pecado que o Eterno lhe vetou essa felicidade.

— Que pecado foi esse? — perguntou Théo, curioso.

— Ele se apaixonou por uma mulher lindíssima e mandou matar o marido dela, por concupiscência — contou o rabino.

— Pelo quê?

— Concupiscência — repetiu o rabino, aborrecido. — Um desejo proibido pelos mandamentos. A fila está andando!

— Ele queria ir para a cama com ela, imagino — disse Théo.

Imaginara certo, mas o rabino não insistiu no assunto. Em vez de se preocupar com a palavra *concupiscência*, mais valia se interessar pela Arca da Aliança, cujo conteúdo suscitava todo gênero de curiosidade. Por exemplo, entre os romanos como entre gregos, cada templo continha a

estátua de um deus, um deus por templo. Então, essa Arca, que não era uma estátua, lhe parecia estranha …

— Mas o que havia, de verdade, na Arca? — perguntou Théo intrigado.

— Os mandamentos que o Eterno deu a Moisés no monte Sinai depois da partida do Egito, só isso.

— Só palavras, então?

— A palavra do Eterno! Depois que ele a ditou a Moisés no monte Sinai, o povo judeu ficou sabendo o que o Eterno queria dele.

— Mas eu achava que Deus as tinha gravado em lâminas de pedra — disse Théo, — e que, depois, Moisés, num acesso de raiva, tinha quebrado essas lâminas porque, na sua ausência, os hebreus tinham feito um deus-bezerro todo de ouro, parecido com uma divindade egípcia … Moisés ficou fulo de raiva!

Mas as tábuas da lei haviam sido refeitas, pois tinham desaparecido no momento da destruição do Templo. Os mandamentos haviam sido transcritos posteriormente em longos rolos. Tudo era especificado: o que se podia comer, o que não se devia comer, o que se devia fazer e o que não se tinha o direito de fazer. A voz do Eterno falara a Moisés com uma precisão exaustiva, notadamente sobre o regime alimentar, que, de acordo com o livro da Bíblia intitulado Levítico, o Manual dos Sacerdotes, proibia os animais impuros, especialmente o porco, a coruja, o camaleão, a lagartixa, a lacraia, o gavião, a cegonha e a lebre …

— Lebre ao molho pardo é impuro? — espantou-se Théo parando.

— É. Bem — prosseguiu o rabino, aborrecido, — nem sempre é fácil compreender hoje em dia o sentido exato dessa dieta de três mil anos, admito. Não me interrompa o tempo todo! Vamos perder nossa vez … olhe, quando o Eterno se exprime, a gente não discute. Ele troca sua proteção pelo respeito às regras que ele decide, e ponto final. Na época em que Moisés

recebeu os mandamentos, o povo judeu tinha dado mostra suficiente de indisciplina para que se tornasse necessário obrigá-lo a obedecer …

Porque, continuou o rabino, não era a primeira vez que o Eterno firmava uma aliança com seu povo preferido. Depois que foram expulsos do Paraíso, Adão e Eva conheceram a dureza da vida dos mortais. Geração após geração, os homens se degradaram tão profundamente que o Eterno decidiu puni-los infligindo-lhes o Dilúvio, uma gigantesca inundação que destruiu o mundo. Mas, para preservar sua Criação, o Eterno escolheu Noé, um homem justo. Mandou que construísse um gigantesco barco, em que se apinhou um casal de cada um dos animais, bem como exemplares de todas as espécies vivas. Esse navio salvo das águas chamou-se Arca de Noé, e foi a primeira Arca da Aliança. Encarapitada no cume do monte Ararat, escapou do desastre. O Dilúvio cessou, o sol voltou e um vasto arco-íris apareceu, arco luminoso entre o Eterno e os homens.

— Estou me perdendo — disse Théo. — São quantas as alianças?

— Três ao todo — respondeu o rabino. — A primeira foi a Arca de Noé, a segunda foi firmada com Abraão, que aceitou ser circuncidado aos cem anos, e a terceira foi a Arca da Aliança, contendo os mandamentos ditados a Moisés.

— A circuncisão, uma aliança? Essa é boa!

A primeira aliança não durou muito tempo. Houve outras faltas e outras sanções. O Eterno decidiu encontrar um segundo homem justo: foi Abraão, capaz de aceitar sacrificar seu filho, seu primeiro filho. A segunda aliança, firmada com Abraão, exigiu a circuncisão dos meninos, a fim de deixar no corpo dos judeus um vestígio inapagável, a marca de Deus. Um pedaço de carne a menos, sinal da falta no homem, por não ser o Ser.

Ora, mesmo esse timbre gravado na carne dos filhos de Israel não bastou para fazê-los obedecer. Então, depois da punição com a escravidão no Egito, veio a terceira aliança ordenada a Moisés no monte Sinai em seus menores detalhes.

É isso que depois da saída do Egito durante a longa marcha de volta à terra prometida pelo Eterno a seu povo, os hebreus transportavam por toda parte a Arca que continha os mandamentos de Deus. Por sua ordem, ela foi construída com madeira de acácia, folheada de ouro puro. Depois foi instalada em Jerusalém: separada do resto do Templo por um véu roxo e vermelho pendurado em quatro colunas postas sobre pedestais de prata, a Arca era invisível aos fiéis. Donde a curiosidade dos não-judeus …

— Eu sei — disse Théo. — A gente fica com vontade de ver, nesses casos.

— Se as pessoas tivessem sido apenas curiosas, ainda passaria! — suspirou o rabino. — Mas não! Os soberanos gregos, depois de conquistar a Palestina, desprezaram tanto nossa religião que um deles instalou no segundo Templo uma estátua de Zeus.

— Mas, na Grécia, Zeus era o rei dos deuses — comentou Théo. — Não é tão ruim assim! De que os hebreus se queixavam?

— Você sabe muito bem que, para os judeus, existe um só Deus — respondeu pacientemente o rabino. — Mesmo o rei dos deuses não vale nada, comparado com o Eterno … Os hebreus não suportaram essa profanação e iniciaram uma guerra para reconquistar seu Templo e sua cidade. Conseguiram. Infelizmente os romanos sucederam aos gregos, e foi então que entregaram Jerusalém ao rei Herodes.

— Aquele que era meio judeu?

— Isso, aquele homem mau que quis matar todos os recém-nascidos judeus, porque os reis magos tinham lhe predito que um deles viria a ser rei

dos judeus … Designado pelos romanos, o rei Herodes foi o primeiro perseguidor de Jesus.

— Já entendi — disse Théo. — Um verdadeiro colaboracionista, como os da França sob o regime de Vichy![4]

— Sem dúvida. Mas os romanos também eram curiosos. Pompeu, grande general romano, fez questão de penetrar no terceiro Templo, reconstruído por Herodes, a fim de ver a famosa Arca, que não estava mais lá. Pompeu só viu o vazio.

— Bem feito! — fez Théo. — Os judeus devem ter morrido de rir!

— De jeito nenhum! — protestou o rabino. — O romano tinha passado do outro lado do véu! Sacrilégio! Os judeus não perdoaram nem os romanos nem Herodes. Revoltaram-se. Até o dia em que outro general romano decidiu acabar com aqueles rebeldes exaltados. O Templo foi destruído, com exceção do muro. E Jerusalém tornou-se uma cidade romana, com o nome de Aelia Capitolina. A cidade santa não era mais que um amontoado de ruínas, mas isso não bastava! O imperador Adriano ordenou sua destruição completa. Tivemos seiscentos mil mortos, e os sobreviventes foram obrigados a partir para o exílio.

— E voltaram depois da guerra — disse Théo.

— Qual? — retorquiu o rabino. — Jerusalém viu tantas … alguns judeus nunca deixaram a Palestina. A maior parte foi embora e, por séculos a fio, tiveram de fugir dos países em que tinham se refugiado, à medida que a Igreja cristã os perseguia. Para converter os heréticos, o monge Domingos fundou na Idade Média a Ordem dos Dominicanos, que por sua vez fundou a Inquisição. Para nós, a Fornalha de Ferro!

— Quem são os heréticos?

— Na linguagem dos cristãos, herético era aquele que não acreditava na integralidade do cristianismo — suspirou o rabino. — Os heréticos, pois

bem, éramos nós, os judeus, por causa de Jesus, é claro … Cuidado! De tanto dar chutes você vai acabar machucando alguém, Théo … ah! Eu sei que, para a Inquisição, não éramos os únicos heréticos, mas éramos particularmente visados. A Inquisição nos perseguia, nos controlava, verificava nossas origens judaicas, nos julgava em seu tribunal e nos assava nas fogueiras. Na melhor das hipóteses, nós nos convertíamos e praticávamos o Shabat em segredo. A Igreja tinha decidido nos chamar de "cristãos-novos", mas as multidões acharam um nome melhor: "marranos". Porcos. Nós, judeus, porcos! Que indignidade!

— Cachorros! Cachorros não, suínos! — exclamou Théo.

— Era só o começo, Théo … depois disso, ainda fizeram pior. No entanto, o exílio não expulsou todos os judeus para sempre. Em 1492, quando o rei da Espanha forçou-os a escolher entre a conversão e a expulsão, numerosos judeus decidiram regressar à Palestina, onde o Império Otomano lhes dava liberdade de culto. Não havia mais Templo, quase não havia mais cidade, mas era Jerusalém afinal de contas.

— Ainda tem algum? — indagou Théo.

— Descendente dos judeus que voltaram nessa época? Claro que sim! A família Eliachar, por exemplo. Quatro séculos mais tarde, após a longa agonia de Jerusalém, nossa cidade começa sua ressurreição. Isso se iniciou por volta de 1840, quando o Império Otomano concedeu aos judeus os direitos de súditos iguais aos outros, assim como a nomeação de um grão-rabino da Palestina: a primeira desde a destruição do Templo … Pare de sapatear assim! Ande! … Eu estava dizendo que os judeus voltaram, reconstruíram, ergueram hospitais, escolas, bairros, editaram jornais, o mundo inteiro se meteu …

— Mas o Estado de Israel não existia! — atalhou Théo.

— Ainda não. Foi no fim do século XIX que o estranho acontecimento se produziu. Um homem chamado Theodor Herzl, judeu ateu, jornalista vienense, foi enviado a Paris … Só mais um pouco, Théo, estamos chegando … Então, em Paris, Herzl acompanhou o processo do capitão Dreyfus, acusado de ter traído segredos militares por ser judeu …

— Eu sei — disse Théo. — Era mentira.

— Claro. Quando Herzl voltou a Viena, escreveu um livro chamado *O Estado judeu*. Para ele, a única maneira de evitar a perseguição era ter um Estado para os judeus. "Sião" é o outro nome de Jerusalém; Theodor Herzl fundou então o "sionismo". Na sua época, os judeus vienenses o tomaram por louco! Mas os judeus pobres da Galícia e da Polônia foram em massa ao seu enterro … Herzl não estava errado: o Estado judeu era possível. Os judeus voltaram em número cada vez maior para Jerusalém, até o nascimento do Estado de Israel, em 1948. E o Muro em que os judeus se lamentam sobre o Templo perdido não parou de acolher os pesares, as queixas e os desejos … aqui está ele. Diante de você.

A mensagem do Muro

— É sua vez — concluiu o rabino. — Preparou um papel?

— Não! — exclamou Théo, confuso. — Eu não sou judeu!

— Não tem importância — replicou o rabino. — Eu me lembrei. Pedi sua cura.

Pousou as mãos nas pedras, encostou a cabeça murmurando uma prece, depois introduziu o rolinho num dos buracos e abaixou-se piamente. Mas quando se virou, tinha outro rolo na mão.

— Aconteceu uma coisa incomum — cochichou. — Quando depositei nosso papel, encontrei outro no chão. Tome, pegue esta mensagem. É para

você.

— Para mim? — espantou-se Théo. — Uma mensagem do Muro?

Desenrolou depressa o papel. *Sou meu próprio pai e sou uma ave imortal. Quando me encontrares, saberás o país aonde vais*. Somente isso.

Uma mensagem em francês? Bruxaria em estado puro! A não ser que … E se fosse o primeiro sinal da caça ao tesouro?

— Tia Marthe! — gritou Théo. — A primeira mensagem!

— Ótimo, filho — respondeu tia Marthe de longe. — Só falta você entendê-la. Por enquanto, vamos voltando para casa.

— Escute, Eliezer, quando você falou da reconstrução do Templo por Herodes, não esqueceu de mencionar que foi no tempo do nascimento do menino Jesus, não é? — perguntou o padre Dubourg, aproximando-se.

— Esqueci! — fez o rabino. — Desculpe.

— Na véspera do Natal! Não tem vergonha, rabi? — ralhou o padre Dubourg, meio zangado, meio achando graça.

— Mas, senhor Eliezer — interveio Théo, — o senhor tinha me falado da predição dos reis magos e do massacre dos recém-nascidos decidido por esse sujeito.

— Sim, é verdade — murmurou o rabino. — Esqueci.

— Por falar nisso, Eliezer — tornou o padre Dubourg aborrecido, — você falou da circuncisão?

— Claro que sim, Antoine! Expliquei a segunda aliança!

— É — fez Théo. — Não há necessidade de aliança com Deus para ser circuncidado: eu mesmo fui, quando era pequeno. Papai me disse que eu tinha em torno do pinto uma espécie de luva apertada demais, que era preciso tirar.

— Olhe, Théo, você vai encontrar com frequência marcas no corpo, nas religiões — observou tia Marthe. — Sabe que em vários países cortam um

pedaço do sexo das meninas?

— Fatou me contou! Que coisa horrível, a excisão … Ela disse que o Corão não fala nada a esse respeito. Parece que é um troço que os homens inventaram para implicar com as mulheres.

— Às vezes implicam com eles mesmos — replicou a tia. — Numa tribo do Pacífico, os homens abrem a pele do pênis, para sangrar todos os meses, como as mulheres.

— Barbáries abomináveis — rosnou o rabino. — Nós nos contentamos com um pedaço de carne inútil. E não somos os únicos: muçulmanos também praticam a circuncisão, não é verdade, Suleyman?

— É — respondeu o sheik. — O islã não renegou as prescrições dos primeiros profetas, ele as completou.

— Nós, cristãos — interveio o padre Dubourg, — renunciamos às intervenções sangrentas no corpo de nossos fiéis. Para um recém-nascido entrar no reino de Deus, basta imergi-lo na água, como João Batista, que praticou a conversão mergulhando os que queriam no rio Jordão. Vestindo peles de animais e alimentando-se de gafanhotos com mel, ele anunciava a vinda de Jesus: "Não sou o Messias", dizia ele, "porque mergulho na água, enquanto ele mergulhará vocês no Espírito Santo". É a Nova Aliança.

— O batismo! — exclamou Théo. — Mas por que você fala de imergir? É simplesmente pôr água na testa e um pouco de sal na língua!

— No começo da Igreja, imergia-se o corpo inteiro. Depois o rito simplificou-se. Hoje, não se põe mais sal na língua dos bebês … O batismo é mais forte assim, porque é o símbolo da entrada no Reino do Pai.

— Sim — comenta o rabino. — Simbólico, mas invisível. O Eterno quer que o corpo conserve uma marca inapagável da Aliança. A verdadeira.

Théo recapitula

Deitado na cama, Théo lia e relia o papel encontrado na fenda do Muro. Uma ave que seria seu próprio pai? Como Maria era filha de seu filho? Francamente, tia Marthe estava exagerando!

Aliás, Jerusalém também estava exagerando. Para pôr um pouco de ordem naquela confusão, Théo abriu seu caderno de notas. DEUS DOS JUDEUS = O SER QUE DÁ A LEI AO POVO MODELO. DEUS DOS CRISTÃOS = DEUS PAI DÁ SEU FILHO JESUS EM SACRIFÍCIO A TODOS OS POVOS PELO SOPRO DO ESPÍRITO SANTO. DEUS DOS MUÇULMANOS = O TODO-PODEROSO DÁ A IGUALDADE A TODOS OS HOMENS POR INTERMÉDIO DE SEU ÚLTIMO PROFETA, CONTANTO QUE ELES SE SUBMETAM A ELE. Estava mais ou menos claro. Em seguida a coisa se complicava. JUDEUS = PRIMEIRA REVELAÇÃO — À ESPERA DO MESSIAS. CRISTÃOS = SEGUNDA REVELAÇÃO — O MESSIAS CHEGOU. MUÇULMANOS = FIM DA REVELAÇÃO. Vá lá. ALIANÇA DOS JUDEUS COM DEUS = 1) ARCA DE NOÉ, 2) CIRCUNCISÃO COM ABRAÃO. 3) ARCA DE MOISÉS. 4) CRISTÃOS: NOVA ALIANÇA. E o Estado de Israel, o que tinha a ver com isso tudo? A quarta aliança, quem sabe? Ainda faltavam tantos mistérios inexplicados! Por que o papa no Vaticano? Por que os muçulmanos iam a Meca? E olhem que todos eles adoravam o mesmo Deus!

… Onde podia existir uma ave imortal? Em que país? Na Índia ou na Grécia?

A barafunda das igrejas cristãs

No dia seguinte, tia Marthe o fez levantar cedo. Se quisessem evitar os turistas que se comprimiam em massa por causa das férias de Natal, tinham de ir cedo. Ir aonde?

— Aos Lugares Santos — explicou tia Marthe. — Enfim, é uma maneira de falar, porque em Jerusalém tudo é santo. Você vai ver, a história dos Lugares Santos é muito mais complicada que a dos judeus.

Era a vez do padre Dubourg. O carro não parou longe de uma pracinha em que já se acotovelavam os grupos de visitantes. Tia Marthe chamou o sheik e o rabino de lado.

— Nosso amigo Antoine vai ter muita dificuldade para explicar o conjunto da situação — disse-lhes ela. — Deixem-no a sós com Théo desta vez. Se vocês se meterem, não me responsabilizo, sabem como ele é, tem um coração de ouro, mas …

— Se esquenta fácil — concluiu o rabino. — Querida Marthe, você tem toda a razão. É melhor aproveitar o sol aqui fora.

— Eu tenho uma coisa a dizer a Théo, quando saírem — murmurou o sheik.

Erguia-se diante de Théo a basílica do Santo Sepulcro, uma construção maciça coroada por uma grande cúpula de pedra. Sem a imensidão do Muro, sem a graça do dourado da Cúpula do Rochedo. Mas foi ali que Jesus escapou vivo do domínio dos mortos.

— Vamos ver então o túmulo de Cristo — disse Théo assim que passaram a porta.

— Não exatamente — replicou o padre Dubourg. — Primeiro, não se vê quase nada porque, após a crucificação de Jesus, havia aqui um templo greco-romano. Depois, um imperador romano, Constantino, converteu-se ao cristianismo em 313 e Jerusalém passou a ser a capital oriental da nova religião. A mãe do imperador, santa Helena, procurou a sepultura, que

acabou descobrindo assim como as três cruzes, a de Jesus e as dos dois bandidos que tinham sido crucificados ao mesmo tempo que ele. Destruíram o templo grego, construíram uma basílica, destruída por sua por vez por um califa alguns séculos mais tarde …

— Então esta é a segunda — disse Théo parando no vestíbulo onde ecoavam as preces e os passos dos fiéis.

— Não, a terceira, construída pelos cruzados e que não parou de ser modificada. A basílica enfrentou muitos transtornos. Um incêndio, um terremoto … sobre o chão natural foram edificados altares em todos os cantos, porque as igrejas da cristandade dividiram tanto entre si o lugar que, da primeira vez, a gente se perde. Olhe acima da sua cabeça: está vendo aquela fileira de lampiões pendurados nos ornamentos em forma de ovo de avestruz? São quatro para a Igreja grega, quatro para a Igreja latina e três para a Igreja armênia.

— Quanta Igreja para um Cristo só! — exclamou Théo. — Que história mais complicada …

— Psiu! — fez o eclesiástico. — Estou aqui para lhe explicar, mas não grite, estamos numa igreja …

— E onde está o tal túmulo? — sussurrou Théo.

— Bem, o túmulo … é complicado — respondeu o padre Dubourg, — mas está bem diante de você, entre os castiçais. Olhe aquela pedra vermelha. Está vendo aquela senhora que parece estar limpando a pedra? Na verdade, ela recolhe no pano a água benta que jogam na pedra, sem dúvida para curar uma ferida. É a pedra da Unção. O conjunto deste espaço se chama Gólgota, o lugar da crucificação. Quanto à pedra vermelha, foi ali que o corpo de Cristo foi embalsamado. Mas os cristãos ortodoxos acreditam que é a pedra em que deitaram o corpo de Jesus para tirar os pregos das mãos e dos pés. Os católicos não são dessa opinião.

— Não me diga que os cristãos brigam entre eles! — exclamou Théo.

— Nem mais nem menos que os judeus em Israel — retorquiu secamente o padre Dubourg. — Nós também temos o direito de ter divergências!

— OK, OK, não precisa se zangar …, Mas se todos acreditam em Jesus Cristo …

— Como você vai ficar sabendo, Théo, há várias formas de cristianismo. Não falemos dos protestantes, que não têm o que fazer aqui …

— Ué! — espantou-se Théo. — Por quê?

— Porque para eles, Théo … ora! Mais tarde você vai entender — disse o padre Dubourg, irritado. — Não, eu estou falando das Igrejas cristãs envolvidas na proteção do Santo Sepulcro, que você está vendo à sua frente com suas capelas, seus conventos, seus claustros e suas rotundas. Isto é, a Igreja latina, a Igreja ortodoxa, a Igreja etíope, a Igreja armênia e …

— Calma! — exclamou Théo. — Está indo depressa demais!

— Tudo bem. Eu explico enquanto andamos.

As cúpulas rumorejavam com as preces e os cantos. À esquerda do vestíbulo, invadido por uma multidão de turistas, descobria-se um emaranhado de divisórias e colunas, de paredes brutas talhadas na rocha ou cobertas de mármore dourado. Théo apertou o passo.

— Não vá tão depressa, Théo — pediu o padre Dubourg. — O túmulo está aqui.

Théo parou no ato.

— Não estou vendo nada — sussurrou, sacudindo a cabeça. — Tem gente demais.

— É que quase não dá para ver, eu tinha dito, Théo. As pessoas rezam, só isso. Pelo menos, aqui, todos os cristãos podem se pôr de acordo. Em frente. A Igreja dita latina foi historicamente a primeira, a que são Pedro, primeiro dos apóstolos, fundou. É por isso que é chamada "apostólica", um adjetivo

que vem da palavra *apóstolo*, que significa "enviado de Deus". E como são Pedro foi crucificado em Roma, nossa Igreja é, portanto, a santa Igreja latina, apostólica e romana. É a mais importante.

— Ah, não! — protestou Théo. — Não foi o que minha avó disse! E a Igreja ortodoxa, hein, você não leva em conta?

— Tinha me esquecido de suas origens gregas — murmurou o padre Dubourg. — Sua avó não está errada, Théo. Porque a Igreja ortodoxa foi a primeira a construir uma basílica em honra do túmulo de Cristo, na época de Bizâncio. É por isso que o estilo do conjunto é meio bizantino. Sabe o que foi Bizâncio, Théo?

— Sei, sim — respondeu. — Na escola, falaram da queda de Bizâncio. Em 1543 … não, em 1453! Os turcos sitiaram a cidade, como os sérvios fizeram com Sarajevo, mas acabaram ganhando, ao contrário dos sérvios. Um desastre! Só não entendi direito por quê.

— Porque os cristãos perderam a mais ilustre de suas capitais, a do Oriente — explicou o dominicano. — Mas muito antes da queda de Bizâncio, um infeliz divórcio tinha separado as Igrejas de Cristo. De um lado, em toda a Europa, a Igreja católica obedecia ao papa; do outro, no Império Bizantino, os cristãos obedeciam ao patriarca de Bizâncio. Hoje a cidade conserva seu nome turco, Istambul. Mas não vou falar dela, você vai vê-la.

— Quer dizer que vou a Istambul? — exclamou Théo com olhos brilhando. — Não tinha visto isso no atlas de papai!

— Na verdade, Théo … não é o que eu queria dizer — falou embaraçado o padre Dubourg.

— Sim, sim, eu ouvi perfeitamente.

— Não encha, Théo. Bom, tudo bem, você vai conhecer Istambul. Mas não diga nada à sua tia, ouviu? Senão ela vai me dar uma bronca …

— Vou dizer que você me falou de Bizâncio, ela não vai perceber …

— Mentira por omissão, mas … então, entendeu direito que, antes da queda de Bizâncio, as Igrejas cristãs tinham se dividido quanto ao papel do chefe supremo: o papa para uns, o patriarca outros. É o que se chama de cisma, palavra que quer dizer "separação". O primeiro separou os católicos dos ortodoxos em 1054, e o segundo, em 1439, separou as Igrejas católicas e as do Oriente, embora estas continuem obedecendo ao papa.

— Que saco de gatos! — suspirou Théo. — E sobre o que não ficaram de acordo, desta vez?

— Sobre o casamento dos padres, por exemplo. As Igrejas orientais o autorizam.

— Como os ortodoxos e os protestantes — observou Théo. — Causa o maior rolo na França os padres não terem direito de se casar. Gostaria de saber por que é proibido para eles.

— Porque … — hesitou o padre Dubourg. — Você perturba a paciência com essas perguntas! Para que eles não se distraiam com suas ocupações familiares, só por isso. Os católicos latinos e os orientais também não concordam quanto ao batismo. Para eles, assim que uma criança é batizada tem o direito de comungar. Enquanto, para nós, é preciso esperar a idade da razão, de forma que a criança possa confirmar livremente a escolha dos pais. Não acha sensato?

— Acho — concordou Théo. — Meus pais não quiseram nem mesmo nos batizar, para que a gente pudesse decidir sozinho. É ainda mais sensato.

— Bem — cortou o eclesiástico com irritação. — Estamos chegando ao setor guardado pela Igreja armênia. Não é a única Igreja católica oriental, mas a Armênia foi o primeiro país a se converter ao catolicismo, por isso eles têm a honra de participar da manutenção do Santo Sepulcro.

— Desta vez, está claro — comentou Théo. — E a Igreja dos etíopes?

— É uma longa história.

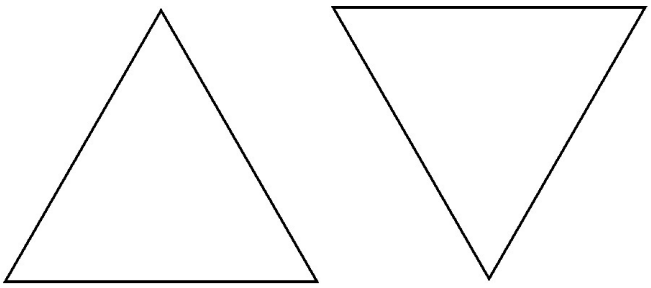
Os filhos de Balkis e do rei Salomão

Eles também representavam uma tradição antiquíssima, vinda da África, além da nascente do Nilo, na Etiópia.

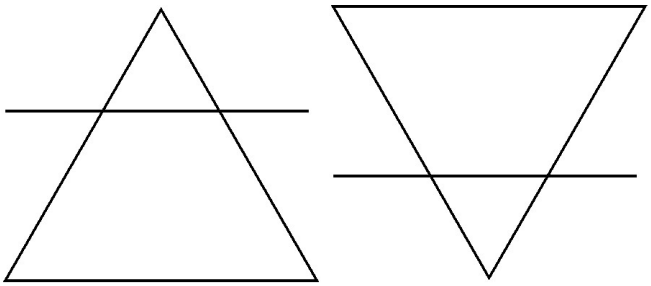
Porque talvez tenha sido na Etiópia que viveu a rainha de Sabá, a famosa Balkis, a quem um mercador etíope descreveu a grandeza do rei Salomão com tantos detalhes admiráveis, que ela tomou a decisão de ir visitá-lo. Era na época da construção do Templo; o rei dos hebreus mandava vir de longe as madeiras mais preciosas, os metais mais refinados. Esse sábio detinha os mais misteriosos segredos do céu e da terra, os cálculos mais sagrados, as fórmulas mais mágicas …

— O rei Salomão, mágico? — espantou-se Théo.

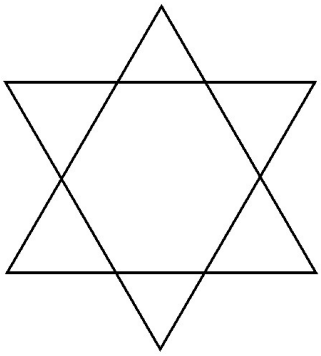
Um mágico sapientíssimo e poderosíssimo. Como todos os soberanos, Salomão possuía um timbre, insígnia de poder e de autoridade sagrada. O timbre de Salomão compreendia um primeiro triângulo com a ponta para cima, representando o fogo. O outro, o triângulo apontado para baixo, representava a água.



Quando o triângulo do fogo era truncado pela base do outro, esse sinal designava o ar; e quando o triângulo da água era por sua vez cortado na base, tinha-se o sinal de terra.



Assim, encaixando os dois triângulos um no outro, obtinha-se uma estrela de seis pontas, que constituía o conjunto dos elementos do universo.



— Mas eu conheço essa estrela! — exclamou Théo. — É a que tá na bandeira azul e branca do Estado de Israel!

O timbre de Salomão, também chamado estrela de Davi, de fato faz parte da bandeira israelense. Tamanho tinha sido o poder do grande rei que ele ainda impregnava a consciência do povo judeu … Era tão poderoso, aliás, que, segundo o Corão, dizia-se que ele tinha como espiã uma poupa, passarinho que lhe trazia informações vindas de longe. Salomão mandou

então sua poupa, chamada Jafur espionar Balkis. Como a poupa lhe fez um relatório entusiasmado sobre a graça e a sabedoria da rainha de Sabá o rei resolveu aceitar a visita de Balkis. Balkis e Salomão rivalizaram em artimanhas, um testando o poder do outro. Mas o jogo era de cartas marcadas, porque Balkis não tinha uma poupa como espiã …

Enfim, ofuscada com o saber infinito do grande rei, ela partiu. A viagem foi longa, cansativa, desconfortável. Salomão recebeu de braços abertos a rainha que vinha de tão longe. No entanto, como tinha ouvido dizer que as mulheres do reino de Sabá tinham pés de cabra, primeiro fez Balkis entrar numa sala coberta de água, de modo que ela teve de levantar o vestido para não molhá-lo. A água calma cumpriu sua missão de espelho … Balkis tinha pezinhos encantadores, sem pelos nem casco. Salomão resolveu recebê-la em seu palácio, mas ela, prudente, o fez jurar que não a tocaria, porque era virgem.

— Estou achando que não vai continuar virgem por muito tempo — comentou Théo.

Em compensação, Salomão fez a rainha jurar que não pegaria nada sob seu teto. Depois, no banquete em sua homenagem, ele serviu a Balkis pratos tão fortemente temperados que durante a noite ela estava morrendo de sede. Às escondidas, a rainha foi até um jarro de água que, maliciosamente, Salomão mandara pôr no quarto dela. Bebeu um grande gole … e Salomão apareceu. Pegando o jarro d'água, Balkis tinha faltado com a sua palavra: por sua vez, o grande rei faltou com a dele e entrou na cama da rainha.

— Espertinho — falou Théo.

Encantada, a poupa Jafur gorjeou a noite inteira … O encontro dos esposos reais transformou-se em amor louco, do qual nasceu um menino, Menelik, que se tornou o primeiro soberano da Etiópia. Quando voltou a seu país, o rapaz se apossou, por um estratagema, da Arca da Aliança no

Templo edificado por seu pai. Dizem que Salomão percebeu, teve um acesso de fúria, depois se acalmou, porque seu filho era digno da Arca que tinha roubado. Foi por isso que, segundo os etíopes, a Arca da Aliança desapareceu do Santo dos Santos: desde então, ela ficou escondida na Etiópia, onde talvez ainda esteja.

— É por isso que Indiana Jones faz sua expedição! — exclamou Théo. — Entendi!

Arca ou não, a rainha Balkis tinha se convertido ao judaísmo que se implantou em seu país. Alguns séculos depois, chegou o bispo Frumêncio, que converteu os etíopes ao cristianismo.

— Ora — prosseguiu o padre Dubourg, — como eram herdeiros desse remoto encontro entre Balkis e o rei Salomão, os cristãos da Etiópia passaram a se designar como os judeus se designam: povo eleito. No país deles, existe uma imensa basílica escavada na rocha …

— Uma gruta?

— Não, eles cavaram, cavaram, de modo que a igreja fica no pé de um penhasco. As procissões são magníficas … se você visse, Théo! Protegidos por guarda-sóis de brocado, os sacerdotes trajam coroas de ouro e capas de veludo bordadas, e dançam a dança de Davi, ao som de sistros e tambores …

— Gostaria de ver — murmurou Théo.

— Quando estiver curado. Os cristãos da Etiópia chamaram esse lugar de "Lalibela", em lembrança de um jovem príncipe martirizado. Mas Lalibela também é, dizem eles, a "nova Jerusalém". Porque, na tradição etíope, o povo da África descende do rei Salomão e conseguiu evitar a destruição da sua Jerusalém. Os sacerdotes etíopes são impressionantes. Você não vai vê-los aqui em toda a sua majestade, mas venha, vou lhe mostrar o convento deles do terraço.

Subiram escadas cada vez mais estreitas. Os últimos degraus davam para um terraço e, no fundo dele, erguiam-se pequenas celas de portas verdes, à sombra de uma romãzeira.

— Chegamos — disse o dominicano. — Os etíopes estão entre os cristãos mais antigos do mundo. Este terraço é um lugar tranquilíssimo, o único talvez no interior do Santo Sepulcro. Na Etiópia também existiam, não faz muito, antiquíssimas comunidades compostas de judeus africanos descendentes dos tempos lendários da rainha de Sabá, que talvez tenham ido para o Egito na época da escravidão. Esses judeus de pele negra são chamados de "falachas"; eles esculpem estátuas de sacerdotes com a Torá nos braços. Muitos deles emigraram para Israel. Certos rabinos exigiram reeducá-los, como se não fossem judeus de verdade. Nós, cristãos, não nos incomodamos com os etíopes. Eles têm seus ritos, que respeitamos.

Com exceção de monges altos de fisionomia ascética, não havia mais ninguém no terraço. Nem um só visitante. Théo tirou primeira foto com a máquina automática que o pai lhe dera de presente.

— Que bonito — disse ele. — Ela também tinha pele negra?

— Ela quem?

— A rainha de Sabá!

— Sem dúvida. Era linda.

— Sei — murmurou Théo sonhador. — Linda e negra como minha amiga Fatou. Vamos descer. Já não vimos tudo?

— Você não me deixou terminar, agora há pouco. Falta a Igreja copta, a dos cristãos do Egito. Os coptas egípcios são quase todos ortodoxos, com exceção de uma pequena minoria católica. Com os cristãos da Etiópia, formam o que se chama o rito de Alexandria. Alexandria fica no Egito.

— O Egito — repetiu Théo pensativo. — Engraçado, tenho a impressão de que lá vou encontrar minha ave.

— Sua ave imortal? — indagou o padre Dubourg. — Por que não?

A misturada de Lugares Santos

— Ah! Lá estão eles! — exclamou o sheik. — Não acabavam mais!

— Eu queria me sentar — murmurou Théo. — Aquela gente toda, o incenso, e era tão escuro e complicado …

— Não é minha culpa, se é tanta gente guardando os Lugares Santos — resmungou o padre. — E além do mais subimos até o terraço dos etíopes.

— A propósito da Etiópia — interveio o rabino, — tenho que lhe contar, Théo, que …

— Os falachas? — atalhou o rapaz.

— Você falou deles? — espantou-se o rabino.

— Claro — sorriu o padre Dubourg. — Eu não esqueço nada …

— Nem mesmo de dizer a Théo quem guarda a chave dos Lugares Santos? — indagou o sheik com um pequeno sorriso.

— Puxa, você tem razão, Suleyman — disse o dominicano. — É o seguinte, Théo: não lhe disse que as chaves do Santo Sepulcro são hoje guardadas por muçulmanos.

— A grande família dos Nusseibah — explicou o sheik. Para evitar brigas entre as Igrejas cristãs, o califa Omar, que construiu a mesquita, confiou as chaves a eles no século VII. Desde aquele tempo é um muçulmano que abre as portas às três da manhã e as fecha às cinco da tarde.

— Interessante isso — comentou Théo. — Prova que é possível as religiões chegarem a um acordo.

— Ainda bem! — exclamou tia Marthe. — Nosso amigo Dubourg deve ter contado as querelas da cristandade, imagino. E deve estar com a cabeça cheia, não é?

— E como! — exclamou Théo. — Obedecer ao papa, não obedecer ao papa, permitir ou não que os padres se casem, fazer os bebês comungarem ou esperar que fiquem mais velhos, francamente, não tem interesse nenhum. Tudo isso para ter o direito de guardar umas pedras velhas empilhadas em torno do túmulo em que Cristo nem sequer ficou!

— Isso foi tudo o que você reteve das minhas lições — explodiu o padre Dubourg. — Minha querida Marthe, desisto. Esse menino tem muita má vontade!

— Que nada, meu amigo — disse tia Marthe pegando-o pelo braço, — Admita que são velhas batalhas superadas … não fique bravo …

— Superadas, essas batalhas? — exclamou o padre Dubourg. — E por que os croatas católicos, os sérvios ortodoxos e os bósnios muçulmanos guerrearam na Iugoslávia?

— Eu achava que cada um queria seu país — disse Théo. — É verdade que também guerreavam por causa da religião deles?

— Em parte, sim — tornou o dominicano. — Se você imagina que acho divertido ter de lhe explicar essa longa história entre nós … não sou o único, sabe? Faz mais de trinta anos que um papa decidiu reconciliar as Igrejas de Cristo!

— João Paulo II? — perguntou Théo.

— Não — respondeu tia Marthe. — João XXIII. Morreu muito antes de você nascer.

— Então por que o senhor está zangado, monsenhor Antoine? — indagou Théo. — Se o senhor concorda com o papa …

— Bem, devo confessar que me esquentei um pouco. Mas se não se fala em um pouco de história, não dá para compreender o mundo atual! Você vai ver mais tarde, Théo …

— Acha que eu vou ter mesmo o tempo de ver? — atalhou Théo com um fio de voz.

De repente parecia tão frágil, tinha um ar tão triste, que o padre Dubourg se acalmou. O sheik engasgou emocionado e o rabino se aproximou.

— Muito bonito! — ralhou tia Marthe. — Antoine, você é mesmo incorrigível. Olhe só o que você fez!

— Théo terá a vida inteira para compreender, tenho certeza — replicou o padre abraçando-o. — Deus não vai abandonar este menino.

— Deus, eu não sei, primeiro — cortou tia Marthe. — Mas nós temos hora marcada no hospital amanhã, segundo. E Théo não é um menino, eu já lhe disse, terceiro.

Hospital? Já? No sexto dia de viagem? Théo não podia acreditar. Mas Marthe tinha prometido a Melina que o levaria para fazer um exame de sangue e lhe transmitiria o resultado o mais depressa possível. Não havia meio de escapar.

Sara, a enfermeira

O hospital era exatamente como em Paris, só que falavam hebraico, a língua do país. De passagem, conversando com uma enfermeira de origem francesa que chegara a Israel aos doze anos, Théo aprendeu o sentido da palavra *aliya*, subida, isto é, a volta à Terra Prometida, porque todos os judeus do mundo têm o direito de voltar para casa e se tornar cidadãos de Israel. "Desciam" quando saíam de Jerusalém e "subiam' ao voltar.

— Sob condições — precisou tia Marthe. — Desde o assassinato do primeiro-ministro Rabin por um judeu extremista, a lei do retorno só se aplica com precauções.

Em seguida, quando voltavam, aprendiam hebraico e, aos dezoito anos, faziam o serviço militar, inclusive as moças. A enfermeira Sara Benjamin já tinha usado a farda. Théo gostou dessa ideia. Enquanto lhe falava sobre a emoção do "retorno" e o aprendizado das armas, Sara espetara habilmente a agulha no braço de Théo e puxava a seringa delicadamente, cheia de um sangue bem vermelho.

— Você não parece tão doente assim — disse ela colando a etiqueta. — Aposto que vai melhorar.

Era tão viva, tão alegre, que Théo sentiu-se cheio esperança. Tirou uma foto da moça, para recordação.

— Você acredita em Deus? — perguntou Théo à enfermeira Sara.

— Eu? Só o necessário! — respondeu a moça rindo. — Ainda bem que não nos perguntam isso na hora de voltar! Vou te contar, Théo: os que dizem com muita frequência que devemos respeitar os mandamentos do Eterno, por enquanto desconfio deles. Às vezes são violentos. Não deixam a gente dançar rock nem ligar a luz no dia do Shabat … querem pôr barreiras em todas as ruas, para impedir os carros de andar … não se tem o direito de apertar o botão do elevador, a pretexto de que durante o Shabat é proibido fazer faíscas para acender o fogo. Você não imagina! Na época da Bíblia a eletricidade nem existia!

— É verdade — concordou Théo. — São doidos!

— Não! São simplesmente intolerantes. Dificultam nossa vida em Jerusalém. Olhe, vá visitar o bairro de Mea-Shearim, depois me conte! Eu acho que a gente tem o direito de acreditar em Deus sem encher os outros.

Resumindo, graças a Sara o exame de sangue foi um momento simpático. Tia Marthe resolveu que iriam almoçar no bairro dos artistas, para mudar um pouco de ares.

— Nós dois sozinhos? — perguntou Théo.

Os dois sozinhos. Théo tentava arrancar de tia Marthe alguma coisa a respeito da ave misteriosa, mas não teve jeito. Enquanto se entupia de pão oriental e de brochetes de carneiro, tia Marthe ria gostosamente, mas se recusava a ajudar Théo. Ela lhe emprestaria um bom dicionário, e pronto. Furioso, Théo foi à forra na carne frágil de um peixe grelhado, cujas espinhas triturou.

Tia Marthe também não cedeu quanto à continuação do dia. Sesta obrigatória. Não, nada de passeio no monte das Oliveiras, nada de túmulo de Herodes. Amanhã, quem sabe. Por enquanto, cama!

Os mistérios do dicionário

Théo dormiu um tempão. Quando acordou, a noite havia caído e tia Marthe lia à luz de um abajur, perto da cama. Envolta num grande xale vermelho de cashmere, o rosto apenas iluminado, estava bonita assim, imóvel e séria. Théo ergueu-se um pouco sem fazer barulho e espiou-a virar as páginas. De repente, ela fechou o livro e encontrou o olhar de Théo.

— Olhem só esse danadinho! — falou ela. — Está me espionando, Théo? Desde quando está acordado? Não está muito cansado?

— Tudo bem — disse o rapaz. — O que está lendo?

— Um dicionário em edição de bolso, para ver se pode ser útil a você — respondeu ela. — Tome, tente.

Théo buscou "ave" e começou a ler em voz alta:

— "Ave rara. Aves domésticas. Aves de arribação. Ave de rapina. Ave agoureira: ave considerada pelos antigos como anunciadora de desgraças …" Ave agoureira?

— Não — disse tia Marthe. — Não é isso.

— "Águia, a rainha das aves. Ave de Juno, o pavão. Ave de Minerva, a coruja. Ave de Vênus, a pomba, o pombo. Ave-capuchinha, ave-do-paraíso …" Ave-do-paraíso?

— Boa ideia, mas não é a resposta — respondeu tia Marthe. — Procure outra coisa.

Era exatamente como em *A cólera dos deuses*: a cada etapa, o herói tinha de procurar em sua sacola, na tela, e tirar dela o objeto correto. Mas se você clicasse por erro na lira em vez de na espada, uma voz esquisita saía do computador e avisava amavelmente: "Não. Isso não. Procure outra coisa".

Não! Isso não! Procure outra coisa … "Imortalidade: a imortalidade da alma. Duração perpétua na lembrança dos homens. Heráldica: imortalidade, fênix em sua fogueira."

— O que quer dizer mesmo "heráldica"? — perguntou Théo.

— A heráldica é a arte dos brasões, que simbolizam as armas de uma família da nobreza — respondeu tia Marthe. — Ou de uma cidade: por exemplo, um barco num fundo vermelho e azul para a cidade de Paris.

Desanimado, Théo jogou o dicionário no tapete.

— Por que parou? — indagou a tia. — Era interessante …

Mas Théo enfiou o nariz no travesseiro. Chega!

— Escute aqui, valente herói, não esqueça que, em caso de necessidade, você pode apelar para a pítia — murmurou tia Marthe. — Além do mais, seria delicado com Fatou.

Fatou! Tinha esquecido dela! Pegou o celular novinho em folha e digitou o número.

A pítia no telefone

— É você, Théo? E aí? — exclamou a voz animada.

— Oi — fez Théo, inundado de alegria. — Tudo bem?

— E você, Théozinho? Não é muito cansativo?

— Menos que a escola. Está fazendo frio em Paris?

— Sei lá! Não sou o serviço de meteorologia! Fale de outra coisa! Por acaso não está precisando de mim? — disse a voz de Fatou com uma grande risada.

— Claro que sim! Me dê uma dica, por favor …

— Ouça bem, então. Preste atenção, é comprido. Pegue papel e uma caneta, é melhor: *Para renascer, acendo minha própria fogueira esfregando as asas*. Repito …

— Não precisa. Obrigado, Fatou. Bem … hum … um beijo …

— Outro pra você — murmurou a voz. — Bem grande.

— Entendeu desta vez? — perguntou tia Marthe com o olhar cintilando de malícia.

— Não — confessou Théo. — Não entendi nada. Não sei que ave é essa.

— Bom! — fez a tia levantando-se. — O caso é que amanhã é Natal e vamos festejar no terraço. Arrume-se bem, mas ponha uma roupa quente. Eu te prometo uma surpresa.

Uma surpresa?

Músicas na noite

No terraço, iluminado com lanternas das cores da França — azul, branco e vermelho, — o cônsul o esperava em companhia de tia Marthe. Eliezer, Antoine e Suleyman, é claro, lá estavam. Mas também um grupo de músicos que sorriam para ele afinando seus instrumentos.

— Boa noite, rapaz — saudou-o o cônsul. — Só temos uma pequena árvore e uns presentinhos para oferecer a você, neste Natal. O meu é este —

acrescentou, apontando para os músicos. — Elias, Ahmed, Amos e Jean.

Elias cantava, acompanhando-se ao violão, Ahmed tocava flauta, Jean, tamborim, e Amos dedilhava um violão de bojo grande e redondo. A voz de Elias era quente como uma noite deverão na Grécia, e tão suave que Théo ficou com os olhos cheios de lágrimas. Era uma música estranhamente serena, ritmada pelo martelar abafado do tamborim, pelas notas desfiadas por Amos no alaúde e acalentada pelo som da flauta. O sheik e o rabino balançavam a cabeça, marcando o compasso, a melodia acariciando os corações; era uma felicidade. Depois a felicidade parou.

— Que lindo! — disse Théo após um longo silêncio.

— São canções de amor — murmurou o cônsul.

— Por falar nisso — fez Théo virando-se para os três santos barbudos, — vocês não disseram uma palavra sobre o amor!

Eles imediatamente protestaram. O padre Dubourg recordou o amor de Cristo pela humanidade inteira, tão grande que ele aceitou uma morte cruel para salvar os homens. O sheik falou do amor de Alá, o Misericordioso, sempre pronto a perdoar seus fiéis que incorreram em erro, se sinceramente arrependidos. Acrescentou o amor de Maomé por suas esposas, que o Profeta nunca procurara dissimular, sem banir o que os cristãos chamavam de "pecado da carne". Já o rabino permanecia silencioso.

— Por que não diz nada, senhor Eliezer? — espantou-se Théo.

— Eu estava pensando que o mais belo canto de amor do mundo está em nossa Bíblia — respondeu suavemente. — É o Cântico dos Cânticos escrito pelo rei Salomão, hino das bodas, maravilha do amor entre o homem e a mulher.

— Recite um pouco — pediu o rapaz.

— "Eu estou morena" — começou o rabino a meia voz, "mas estou formosa, ó filhas de Jerusalém … Não dai importância se estou morena, foi

o sol que me queimou … Como uma macieira entre as árvores do bosque, assim é meu amado entre os jovens … O meu amado é como um gamo, como um filho de gazela …". É o que a moça diz ao esposo que ela espera.

— E ele?

— "Como és formosa, querida minha, como és formosa! Que belo o teu amor, ó minha irmã, ó noiva minha! Como é bom o teu amor, é melhor do que o vinho, e o cheiro de teus perfumes é melhor que toda sorte de especiarias! Teus lábios, ó minha noiva, destilam mel! Há mel e leite sob a tua língua, e o cheiro dos teus vestidos parece o cheiro do Líbano …"

— "Es um jardim fechado, minha irmã, noiva minha" — emendou tia Marthe, — "nascente fechada, fonte selada; és um parque onde crescem romãs e todas as boas frutas: a alfena e nardo, o nardo e o açafrão, a canela e o cinamomo, com todas as madeiras de incenso …"

— Olhem só, você sabe de cor, tia! — exclamou Théo, surpreso.

— Velhas lembranças — suspirou ela. — Você também, um dia, vai saber de cor a Cântico dos Cânticos.

— Tenho certeza de que ele escreveu isso para a rainha de Sabá — afirmou Théo resolutamente.

— Quem? — espantou-se o padre Dubourg.

— O rei Salomão, ora essa! Eles foram amantes!

— A Bíblia não diz isso! — protestou o rabino.

— Não estou pensando na Bíblia — rebateu Théo. — Bela e morena, como a minha Fatou, minha irmã, minha noiva … não tem dúvida: a noiva é Balkis!

— Digamos — suspirou o rabino, resignado.

— Só uma coisinha — falou o rapaz. — O que é o nardo?

— Um perfume delicioso — respondeu o rabino.

— E o cinamomo?

— Uma variedade de canela.

— E a fonte selada?

— Cale a boca … — murmurou tia Marthe. — Não vá estragar anoitada.

Théo debruçou-se no parapeito do terraço e contemplou Jerusalém, onde as luzes cintilavam. Não se via nem a Cúpula do Rochedo, nem o Santo Sepulcro, nem o Muro das Lamentações, mas a muralha edificada pelos turcos era banhada por uma luz dourada. Duas mãos leves apoiaram-se nas costas de Théo.

— Agora você entende por que tanto se guerreou por esta cidade? — sussurrou uma voz trêmula em seu ouvido. — Não seja tão severo assim conosco, Théo. Aqui sopra o espírito de Deus, pouco importa se ele se chama Alá, Adonai Elohim ou Jesus.

4

A noite dos justos

— Tia Marthe! — gritou Théo ao pé da cama.

— O que foi … — gemeu tia Marthe com a cabeça debaixo das cobertas. — Que horas são?

— Hora de levantar, minha velha! — exclamou Théo rebentando de rir.

Estupefata, tia Marthe se ergueu esquecendo-se de arrumar a alça da camisola. Théo de pé? Antes dela? E a chamava de "minha velha"? Nunca, nos anais da família Fournay, Théo acordara sozinho. Tia Marthe concluiu que o sobrinho estava melhor.

— Veja lá como fala — resmungou. — Caiu da cama, menino?

— Exatamente. Lá fora tem um cara com a bandeja do café da manhã. Mando entrar?

— Espere. Passe meu penhoar, em cima da cadeira.

O café da manhã deu lugar a uma discussão interminável. Théo queria ir a Belém e tia Marthe se recusava obstinadamente.

— De jeito nenhum — dizia ela. — Hoje de manhã vamos a Mea-Shearim, como o rabi decidiu.

— Não acredito! Você não quer ir a Belém? Belém, a cidade em que Jesus nasceu? Não é uma boa ideia, para o Natal?

— Não! — gritou tia Marthe. — Quer dizer, é … mas não é possível agora.

— E por quê?

— Escute aqui, Théo, nossos amigos nos esperam, não podemos deixá-los na mão … — respondeu tia Marthe, embaraçada. — São gente importante!

— Essa é boa — fez Théo. — Esses seus amigos não têm telefone?

— Não encha, Théo! — explodiu tia Marthe. — Já que você faz tanta questão de saber, vamos a Belém esta noite. Eu não queria dizer, mas você é tão chato que … pronto.

Théo pulou no pescoço da tia e quase a derrubou.

Um bairro reservado

Théo não tinha a menor ideia do que ia ver naquela manhã. Mea-Shearim, o nome lhe lembrava vagamente alguma coisa. Quem tinha falado mal de lá? Ah! Foi Sara, a enfermeira. Não parecia nada divertido.

Para essa ocasião, tia Marthe tinha prendido os cabelos curtos com um lenço apertadamente amarrado debaixo do queixo, bem puxado na testa. Assim arrumada, parecia uma muçulmana, e uma muçulmana nada satisfeita. Quando Théo a questionou sobre aquela estranha maneira de cobrir a cabeça, ela respondeu que nenhuma mulher podia entrar naquele bairro de Jerusalém sem a cobrir inteiramente.

— Então é um bairro muçulmano — concluiu Théo.

— Muito pelo contrário — replicou tia Marthe. — Não há lugar mais judeu-praticante do que Mea-Shearim.

"Sei", pensou Théo. "O que seria mais essa 'história para boi dormir'?"

— Evidentemente — ela murmurou — é um pouco difícil de compreender. O rabino, Théo! Ele vai te explicar.

Encontraram o rabino e seus dois companheiros debaixo da placa que anunciava a entrada no bairro religioso. Estava indicado com todas as letras que as mulheres deviam cobrir a cabeça decentemente. O rabino verificou o traje de tia Marthe e enfiou uma mecha rebelde debaixo do lenço.

Até parecia uma aldeia de antigamente. No entanto, as construções de pedra branca não eram muito antigas; apesar disso, sem que soubesse por que, você se via de repente mergulhado no século XVIII. Com os olhos arregalados, Théo tinha parado para examinar esse teatro ao ar livre. Debaixo das longas túnicas pretas chamadas cafetãs, os homens usavam calções até os joelhos, meias brancas e sapatos. Usavam chapéus de abas largas e eram todos barbudos. Pareciam apressados, andavam depressa, com olhares profundos, severos. Às vezes um garoto de calça curta calçando sapatilhas com fivelas, atravessava a rua correndo. A maioria das mulheres usava uma espécie de rede de cabelo descendo bem baixo na testa, presa por uma faixa de veludo. Théo ficou surpreso ao perceber uma menininha com uma comprida trança nas costas.

— Escute, Eliezer, eu achava que as meninas não tinham o direito de mostrar os cabelos …

O rabino suspirou.

— Naquele bairro tão particular — começou pigarreando — viviam judeus muito pios que tinham desejado conservar intactas as tradições do gueto.

— Gueto? — indagou Théo.

— Pois é — fez o rabino. — Você não sabe … vou começar pelo começo.

A partir das perseguições da Inquisição, os judeus da Europa foram, no século XV, quase todos concentrados em bairros especiais que se chamavam

“guetos”, porque, no fim da Idade Média, o primeiro desses bairros tinha se instalado em Veneza num lugar que se chamava assim.

— Olhe — acrescentou o rabino, — no início os judeus preferiam viver entre si, para conservar seus costumes e não se misturar com as outras populações. Depois a coisa desandou.

Tanto desandou que, mais tarde, por ordem do papa, não tiveram mais direito de se instalar em outro lugar que não os bairros que lhes eram reservados, os famosos guetos. E em toda a Europa católica obrigaram-nos a usar uma marca para serem reconhecidos. Quando queriam jogá-los na prisão ou queimá-los nas fogueiras, era mais prático. Uma rodela amarela, por exemplo, ou um boné comprido.

— Ou uma estrela — completou Théo.

— A estrela foi uma invenção dos nazistas. Os guetos eram então bairros judeus, e Mea-Shearim era certamente o último gueto preservado, muito embora, naturalmente, ninguém forçasse seus habitantes a obedecer àqueles costumes de outra época. Só existia um lugar no mundo em que se podia reencontrar a atmosfera de um gueto na Europa e, estranhamente, esse lugar ficava em Jerusalém, no bairro de Mea-Shearim, o bairro das Cem Portas, edificado na época da ressurreição, em 1874.

Mas as condições de vida eram bem melhores do que as de antigamente. Ainda bem. Porque, nos tempos antigos, vivendo muitas vezes em extrema miséria, os judeus da Europa eram amontoados em habitações paupérrimas. Ora, na Polônia no século XVIII, nasceu nos guetos um poderoso movimento de judeus inspirados que, para se consolar de sua condição desesperadora, procuravam conhecer Deus diretamente.

— Conhecer Deus … diretamente? — espantou-se Théo.

— Sim. Até então, os judeus eram obrigados a ler os textos sagrados do judaísmo. Os livros serviam de intermediários entre o judeu e o Eterno. Não

era mais apenas a Bíblia, mas toda sorte de livros escritos durante o exílio. O Talmude, um conjunto de sábios comentários. Ou, no extremo oposto, a Cabala, de inspiração misteriosa …

— Não vá impingir a Cabala tão cedo ao menino — protestou o padre Dubourg. — Se fôssemos passar por tantas influências cruzadas, nunca mais acabaríamos!

— Em resumo: na tradição judaica, liam-se os livros, comentavam-se os livros, discutiam-se os livros ao infinito, e isso era assim desde que choravam Jerusalém no exílio, desde a queda do Templo. Mas os judeus da Polônia, da Lituânia e da Rússia não eram grandes apreciadores de livros. Eles se contentavam com cantar e dançar. Acompanhados pelos fiéis que cantavam batendo as mãos, os rabinos rodopiavam majestosamente até perder a cabeça e, então, encontravam a união direta com Deus. Eram chamados "hassidim". Foi uma imensa corrente mística.

— Mística? — perguntou Théo. — Como o new age, com pedras e fumaças?

Tia Marthe disse a Théo que era bom ele reter a palavra *místico*, porque ia topar com ela a cada passo. Místico é aquele que pode se comunicar diretamente com Deus.

— Incrível! — exclamou Théo. — Sem os rabinos, então?

— Não, com eles … Os rabinos da Polônia ensinavam justamente essas técnicas de comunicação. Todos eram grandes mestres cujos retratos poderiam ser encontrados ali mesmo … E o rabino parou diante de uma lojinha escura, que nas janelas de madeira tinha presos uns pôsteres. E nos pôsteres estavam os rostos dos mestres do hassidismo, com turbantes, gorros de pele e, quase sempre, compridas barbas brancas …

— Tudo bem — disse Théo. — Mas escute, senhor Eliezer, o senhor não me respondeu. Fiz uma pergunta sobre os cabelos das mulheres, e o senhor

me passeou pelos guetos da Europa …

O rabino deu outro grande suspiro. Pois bem, na tradição judaica dos guetos da Europa Central existiam regras severíssimas para as mulheres. Quando se casa, a mulher tem de se preservar para seu marido, e só para ele. Para lhes evitar tentações, firmou-se pouco a pouco um costume estranho, que consistia em raspar os cabelos das esposas logo depois do casamento. Então, para sair, elas usavam peruca.

— Não é possível! — exclamou Théo. — Ele está delirando, hein, tia Marthe?

Mas o rabino não delirava nem um pouco. Ainda hoje raspa-se a cabeça das mulheres em certos cantos de Jerusalém, e até na Europa, em Estrasburgo, Paris … não podiam mostrar os cabelos verdadeiros. Aliás, acrescentou, o islã fazia a mesma coisa.

— É verdade — disse o sheik. — Só que não raspamos as cabeças. Contentamo-nos de cobri-las, e olhe lá, somente em público, em casa não.

— Mas, às vezes — exclamou o rabino, — em certos países, vocês põem uma máscara de couro no rosto delas! Não é nem um pouco melhor!

A discussão aumentava. Tia Marthe se irritou um bocado, decretou que aquelas velharias a propósito dos cabelos das mulheres não estavam nos textos sagrados, nem na Bíblia nem no Corão, e que não tinham vindo a Mea-Shearim para fazer o inventário das besteiras religiosas. O que Théo iria pensar?

— Que se a religião é isso, estou fora! — esbravejou Théo. — Raspar a cabeça das mulheres? Pôr máscara no rosto? Estão loucos? E o Cântico dos Cânticos, era piada, então?

— Pronto — constatou tia Marthe. — Não vou dar parabéns a vocês! Como vão lhe explicar a continuação agora?

O sheik e o rabino lançaram-se olhares inquietos. É mesmo, como iam reparar o estrago?

— Meu caro Eliezer — disse o sheik, — você deveria evocar o Baal-Chem, acho eu …

— Ah, é! O Baal-Chem! Ótima ideia — aprovou o padre Dubourg.

— O Baal-Chem — concluiu tia Marthe. — Não há outra solução. Vamos um pouco mais longe. É melhor caminhar, para compreender.

"Que nome esquisito", pensava Théo. Quem sabe não era a ave imortal do enigma. Baalcheme?

— O Baal-Chem — começou o rabino evitando cuidadosamente os buracos do calçamento — é o apelido que davam na Polônia …

De repente tropeçou numa pedra e quase caiu. O sheik por pouco não conseguia segurá-lo.

— Antes de ir mais longe, é preciso responder às incertezas de nosso jovem amigo — murmurou-lhe no ouvido, levantando-o.

— Tem razão! — exclamou o rabino bem plantado nas pernas. — Théo, deixe-me lhe dizer uma coisa. Há duas maneiras de travar conhecimento com as religiões. A primeira consiste em se deter no que se vê com os próprios olhos. Então, vê-se o pior e fica-se desencantado. A outra maneira consiste em tentar saber mais, para compreender o grão de verdade que se esconde sob os excessos, como uma joia num monte de palha. Mea-Shearím não é apenas o bairro da intolerância. É aqui que se compreende como a fé judaica foi preservada no exílio, como a *Shekhina*, isto é, a Presença de Deus, permaneceu ao lado dos judeus infelizes. Sem o rigor inspirado dos hassidim, nosso culto não teria sobrevivido em toda a sua vitalidade. Sim, eles dançavam e cantavam para conhecer o Eterno. Assim preservaram o essencial de nossa religião, a fé exilada, a Shekhina. Porque em nossa

linguagem a Shekhina é uma mulher lindíssima, coberta com um véu negro, que chora. Ela representa a parte feminina do Eterno. Está vendo que não devemos nos fiar nas aparências …

— Muito bem — disse o sheik. — Continue, Eliezer.

— O Baal-Chem — prosseguiu o rabino — nada mais é que o fundador do hassidismo, cujo nome completo, Baal-Chem-Tov, quer dizer Mestre do Bom Nome. Ele se fazia entender cantando, ou então valia-se de poderes sobrenaturais que recebera como dom. Num dia de festa, os discípulos de Baal-Chem-Tov dançaram e beberam tanto que mandavam subir vinho sem parar da adega. A mulher do rabino ficou cansada com aquilo e disse ao marido que ia acabar não sobrando vinho para o Shabat. "É verdade", respondeu o Mestre rindo. "Então diga para eles pararem!" A mulher do rabino entrou na sala em que os discípulos se agitavam e o que foi que viu? Um anel de altas chamas azuis que dançava acima da cabeça deles. Então, ela mesma correu até adega para buscar vinho. O Mestre tinha causado esse milagre para fazer compreender que a união com Deus não devia ser perturbada.

— Então eles tinham o direito de beber vinho — comentou Théo. — Em resumo, estavam no maior pileque.

— O êxtase é uma embriaguez e não proibimos o vinho. Outro dia, o Baal-Chem teve um êxtase que o fez tremer da cabeça aos pés. Um discípulo tocou as franjas do seu xale: elas tremiam. O discípulo olhou para a água da bacia em cima da mesa: ela tremia. O êxtase é um tremor divino, e o Mestre estava ébrio de Deus sem ter bebido uma só gota de vinho.

— Ébrio de Deus — murmurou Théo. — Às vezes a música também me faz tremer.

— Outro dia ainda, o Baal-Chem tomava seu banho de purificação na dependência destinada a esse fim, iluminado por uma simples vela. Ora,

estava fazendo tanto frio que tinham se formado estalactites do lado de dentro. O Baal-Chem chapinhou na água um bom tempo, um tempão, e a vela diminuía, diminuía. "Mestre! A vela vai se apagar!", exclamou um discípulo inquieto. "Idiota!", respondeu o Baal-Chem. "É só pegar uma vela de gelo no beiral do telhado! Fale com o gelo e ele acenderá!" O discípulo obedeceu, porque sempre se deve obedecer ao mestre. E a vela de gelo ardeu com uma bela chama clara.

— Não é verdade, hein? — duvidou Théo.

— Quem sabe? — replicou o rabino, parando diante de uma grande construção de janelas abertas. — Tudo depende se você acredita ou não … mas, como você deve ter percebido, o Baal-Chem tratava seu discípulo por idiota, porque os mestres têm o dever de ser rudes com seus pupilos. Venha cá, aproxime-se. Olhe pela janela.

Théo ergueu-se na ponta dos pés. Comportadamente sentadas diante de uma mesa de madeira, crianças se balançavam balbuciando um texto e cachos encaracolados dançavam de cada lado de suas cabeças num movimento regular.

— Uma escola — constatou Théo. — Engraçado, eles se balançam.

— Dessa maneira, o corpo aprende ao mesmo tempo — explicou o rabino. — Disciplina obrigatória. Olhe bem para eles. Aqui você pode compreender o espírito do exilio judeu, preservado através dos séculos. No hassidismo, o corpo tinha um papel importante. Os mestres giravam lentamente, um braço levantado e o outro sobre a orelha: era sua maneira de rezar. Eram chamados "Tsaddiq", que significa "Justo" em hebraico.

— Como Oskar Schindler, o bom nazista? — perguntou Théo.

— Sim, Schindler era um justo, é a mesma palavra. Dizem e bastam dez justos para salvar o mundo inteiro. Mas na época do hassidismo, os Justos eram os mestres judaicos dos encontros com o divino. Quando se está no

exílio, tem-se de encontrar meio de proteger a fé dos ancestrais, e era o que faziam com seus milagres, seus contos, sua dança e sua embriaguez. A Jerusalém em que estamos passeando hoje não passava de uma cidadezinha distante e abandonada, mas restava-lhes a Jerusalém celeste, a que cada judeu traz em si, em seu corpo. Então, festejando, os Justos celebravam sua Jerusalém interior.

— Mas e agora que eles a reencontraram? — quis saber Théo.

— Eles não reencontraram a Jerusalém deles, Théo. Reencontraram uma cidade dividida, dentro de um Estado moderno que se chama Israel. Ainda sonham com uma Jerusalém de luz e de fé, onde brilharia o Templo reconstruído numa cidade pronta para receber o Messias. É comum alguns nem sequer admitirem a existência do Estado de Israel …

— Que malucos!

— Não! — protestou o rabino. — O que lhes parece impossível é um governo, leis, um exército, tribunais, que os homens decidiram criar sozinhos em lugar de Deus. E tiram as consequências disso. São pessoas que rejeitam o serviço militar e que não querem nem sequer falar a língua oficial, o hebraico.

— Que língua falam, então? — espantou-se Théo.

— Iídiche, a língua dos judeus da Europa, a única capaz de exprimir o ideal deles. Foi por isso que reconstituíram o mundo dos hassidim da Polônia, para preservar a Jerusalém interior, que preferem à verdadeira. Porque esse mundo hassídico, Théo, morreu em Auschwitz. Quase não há mais judeus na Polônia, foram massacrados.

— Os únicos que sobraram estão aqui? — perguntou Théo.

— Não, não! — interveio tia Marthe. — Também podem ser encontrados na América e na Europa. A Jerusalém celeste não está perto de desaparecer, e as danças ébrias dos hassidim também não.

— Existem outros judeus que escolheram viver no passado — acrescentou o rabino. — Os samaritanos, por exemplo. Talvez vejamos alguns nas ruas, você os reconhecerá pelo turbante e o longo manto. São muito singulares. Quando a maior parte dos judeus partiu para o exílio depois da primeira destruição do Templo, ficaram na Palestina onde aceitaram misturar-se com os ocupantes, na época os samaritanos. Mas quando os judeus retornaram, recusaram os que consideravam traidores.

— Lembro-me vagamente de um bom samaritano — disse Théo. — Era muito mau, mas Jesus o defendeu … Não foi?

— Os samaritanos não eram malvados, mas eram malvistos na época de Cristo, por colaborarem com os ocupantes. Decidiram então cortar relações com os judeus, construir seu templo próprio no monte Guerizim, onde, segundo eles, Abraão tinha aceitado o sacrifício de Isaac, e só se casar entre si. Mas esse tipo de casamento sempre dá o mesmo resultado: cada vez menos filhos … hoje, são menos de mil ao todo. Falam um hebraico antiquíssimo e só reconhecem uma parte da Bíblia.

— Mas o que eles são, afinal? — perguntou Théo.

— Foram reintegrados nas instituições de Israel, não faz muito tempo. Pois é, Théo, todas as religiões têm seus dissidentes. Será que é ruim? Não será enriquecedor?

— Isso nós conhecemos — interveio o sheik. — Nós também temos nossos milagres, nossos inspirados e nossas lendas. Temos mestres que dançam e rodopiam até o êxtase, os dervixes. Veem-se muitos em Istambul.

— Istambul! — exclamou Théo. — Por acaso eles não se chamam "aves imortais"?

— Não, meu querido Théo — respondeu o sheik com um risinho. — Istambul não é a terra da sua ave …

— Droga — praguejou Théo. — Achei que …

— Mas os dervixes não são aves. Pois bem, o mestre dos dervixes se parece muito com o Baal-Chem da Polônia. Era turco, vivia no século XII e se chamava Maulana, o que significa "Nosso Mestre". Ele também contava toda sorte de histórias e também não era nada bonzinho com seus discípulos. Porque o essencial é que o mestre seja o exemplo. Ele encarna a imagem do Todo-poderoso.

— Aliás — falou o rabino, — a respeito de Baal-Chem-Tov, contam uma bela história. No Paraíso, todas as almas dos homens por vir estavam contidas no corpo de Adão. Quando apareceu a serpente perto da árvore do conhecimento, a alma do Baal-Chem escapou do corpo de Adão e não comeu da fruta maldita.

— E Jesus também não? — quis saber Théo.

— Ah! Isso eu não sei — respondeu o rabino.

— O padre Dubourg também tem histórias como essa? — indagou Théo.

— Claro — respondeu o dominicano. — Todos os santos são heróis e todos têm sua legenda. São Martinho era um soldado romano que dividiu em dois seu manto para dar um pedaço a um pobre que estava totalmente nu … Santa Ágata, mártir, teve os dois seios cortados. Santo Antônio foi um monge exposto a todas as tentações e as superou, santa Blandine foi devorada por leões numa arena romana, santa Genoveva salvou Paris da invasão dos bárbaros, santa Cecília era musicista … Nenhuma religião pode prescindir de santos, e é por isso que, no cristianismo, são oficialmente reconhecidos. É mais simples.

— Vou te dizer uma coisa, Théo — interveio tia Marthe. — Há Deus, que não é nada fácil. Pode ser carinhoso e paterno, mas também furioso, severo. E para se aproximar dele, é melhor seguir o exemplo de homens que são simplesmente generosos, inspirados e bons.

— Como a irmã Emmanuelle do Cairo — disse Théo. — Só que é uma mulher.

— Homens ou mulheres, são gente difícil — continuou tia Marthe, — não se dão bem com os políticos, dizem o que pensam na cara do presidente, do sultão, do sumo sacerdote, mas, entra ano, sai ano, consolam os pobres.

— Acho legal — comentou Théo. — Será que têm o retrato do Baal-Chem naquela lojinha ali?

Tinham. Théo apoderou-se do rolo de papel no qual o Mestre o fixava com um olhar malicioso. Tinham andado mais de uma hora, e tia Marthe, preocupada com Théo, decidiu que estava na hora de voltar. O trajeto até Belém não era muito longo, mas, na véspera do Natal, era prudente sair adiantado de casa e almoçar cedo.

A solução do primeiro enigma

Ao voltar para o pequeno quarto encarapitado nas alturas do consulado da França, Théo imaginava o Mestre saltitando no meio do círculo dos discípulos e fantasiava estar entre eles, bebendo e dançando, com pesadas botas cobertas de neve. Como devia ser bom deixar-se envolver …

Pegou seu caderno de anotações e acrescentou alguns elementos. MÍSTICO = QUE SE COMUNICA DIRETAMENTE COM DEUS. GUETO: BAIRRO OBRIGATÓRIO PARA OS JUDEUS DA EUROPA. HASSIDIM: MESTRES POLONESES, RUSSOS E UCRANIANOS QUE PREFEREM A DANÇA E A EMBRIAGUEZ AO ESTUDO DOS LIVROS. BAAL-CHEM: UM CARA MUITO BAGANA! SANTOS MUÇULMANOS = DERVIXES RODOPIANTES. SANTOS CRISTÃOS: CARIDOSOS, GORAJOSOS, MÁRTIRES. CABELOS DAS MULHERES = PROBLEMAS … SANTO

SEPULCRO = BAGUNÇA! IGREJAS CATÓLICA, ARMÉNIA, ORTODOXA, ETÍOPE E …

Estava faltando uma. E Théo continuava sem descobrir onde se escondia a ave que esfregava as asas para acender sua fogueira. No instante em que ele se preparava para voltar ao dicionário, o telefone tocou. Era sua mãe.

— Você está bem, querido? Não está cansado demais? Como era o hospital? Não te maltrataram? Está tomando os remédios? E …

— Para, mamãe! — suspirou Théo. — Chega!

— Oh! — fez Melina chocada. — Seu pai quer falar com você.

Depois do pai, Irène e Attie, que passou o fone a Fatou.

— E então, descobriu, Théo?

— Ainda não tive tempo — desculpou-se o rapaz. — Tenho direito a duas dicas?

— Vão te custar cinco pontos — respondeu Fatou imitando a voz da pítia do videogame. — Cinco pontos a menos no seu placar global …

— Dane-se! — falou Théo. — Diga logo!

— *Não me confunda com a ave escritora* — declarou Fatou com uma voz inspirada. — Pronto. Um beijão.

— Outro para você — murmurou Théo desligando. — Bem grande.

Uma ave escritora … Aquilo lhe lembrava vagamente alguma coisa. Onde é que Théo tinha encontrado um deus da Escritura na forma de ave? No Egito, claro! A ave escritora era o deus Tot, com cabeça de íbis. Portanto, se era possível confundir as duas aves, é que a imortal estava no Egito.

— Tia Marthe! — gritou Théo, precipitando-se no outro quarto.

— O que foi, filho?

— A ave é do Egito, não é?

— Bravo! Até que enfim … vamos daqui a uns dias para o Cairo. Como adivinhou?

— Foi Fatou. A segunda dica, a ave escritora.

— Naturalmente. Você conhece bem os deuses do Egito. E o nome da ave imortal que esfrega as asas?

— Isso eu não sei — murmurou Théo.

— Você leu no dicionário … Uma ave, uma fogueira …

— A fênix! — gritou Théo.

— Isso, Théo, a fênix, que é seu próprio pai e que nunca more. A fênix que nasce na cabeceira do Nilo, acende sua fogueira fúnebre no delta e renasce de suas cinzas.

— E renasce de suas cinzas — repetiu tristemente Théo. — Eu bem que gostaria de ser essa ave.

O Natal em Belém

Na estrada de Jerusalém a Belém, os carros já rodavam devagar. O cônsul tinha decidido levar Théo e tia Marthe em seu automóvel blindado, enquanto os três amigos iam no carro do dominicano. Não demoraram a aparecer as primeiras barreiras, com soldados armados de metralhadoras.

— A fronteira — explicou o cônsul. — Estamos saindo de Israel para entrar nos territórios sob autoridade palestina. É capaz de demorar um pouquinho.

Veículo diplomático com placa especial, dispensado de revista. Devagarinho, o carro ultrapassou a fila e passou entre obstáculos postos na estrada. Dez quilômetros de engarrafamento antes de chegar a Belém, onde o padre Dubourg tinha arranjado hospedagem na pensão São José, quartos bem simples, camas estreitas, uma mesa, uma jarra d'água, uma bacia, uma cadeira. Era onde passariam a noite depois da missa de Natal.

Na praça do Presépio, embutida entre paredes sem recuo, erguia-se a imensa basílica com frontão ocre escuro, eriçada de inúmeras bandeiras palestinas e guirlandas de lâmpadas pequenas que corriam de casa em casa. A multidão já era considerável, numerosas equipes de televisão levavam de lá para cá seu pesado material, trombando nos passantes, jovens barbudos, turistas de roupa leve e mulheres de preto. O cônsul abriu passagem para garantir lugares sentados, por causa de Théo. Enquanto isso, os outros iriam ver a gruta do Leite, onde a Sagrada Família tinha se refugiado, segundo se narra, antes da fuga para o Egito. Na verdade, não era mais uma gruta, e sim uma capelinha bem simples.

— Esperem aí — disse Théo. — Deixem eu descobrir. A Sagrada Família, quer dizer, José, o carpinteiro, Maria e o menino Jesus. Estavam a caminho do Egito porque um malvado queria matar todos os bebês.

— O rei Herodes — esclareceu o sheik.

— O mesmo que reconstruiu o Templo? — espantou-se Théo.

— O próprio — confirmou o padre Dubourg. — O mesmo que deu ordem para massacrar as crianças judias de menos de dois anos.

— Então eles fugiram e Jesus nasceu aqui, no meio do caminho.

— Nada disso, Théo! — exclamou tia Marthe. — Jesus nasceu na gruta da Natividade, dentro da basílica. Aonde vamos assistir à missa da meia-noite … se nosso amigo cônsul conseguiu lugares para nós!

O cônsul-geral fez um prodígio. Apesar da multidão que se comprimia em todas as ruas de Belém, conseguiu fazer seu grupinho entrar na basílica, onde estavam instaladas as autoridades civis e militares, os corpos constituídos, os dignitários religiosos, sem esquecer o presidente da Autoridade Palestina e esposa, uma cristã de belo e luminoso rosto sob uma mantilha de renda preta. Por representar a França, protetora dos Lugares Santos, o cônsul-geral sempre tinha o lugar de honra na primeira fila. Diante

do coro lavrado e dos oficiantes de casula de um ouro avermelhado, o altar, coberto de branco, era bem simples. Com uma calota roxa na cabeça, o patriarca latino celebrou as virtudes da paz, a reconciliação entre cristãos e muçulmanos, a esperança da Luz e o símbolo do presépio no fundo da nave, para onde iria levar no fim da missa a imagem do menino Jesus, cujos braços minúsculos se estendiam para um céu invisível. Fazia um calor horrível e os rumores da multidão lá fora invadiam a majestosa cerimônia da Natividade.

Todas as televisões do mundo tinham enviado suas equipes para filmar o acontecimento: a missa da meia-noite em Belém cidade santa da cristandade e cidade muçulmana. Os alegres clamores da multidão, os fogos de artifício na noite, as estrelas no céu rosado, as bombinhas jogadas pelas crianças e a intensidade da festa, tudo isso era estonteante. E mesmo que houvesse uma grande distância entre a simplicidade da Natividade original e aquela multidão turbulenta, mesmo se não se podia comparar a manjedoura de palha, o burro e o boi com os faustos das igrejas de Belém, estabelecia-se uma ponte misteriosa entre o início dos tempos e hoje, a aparição de um menino-deus e a memória do seu nascimento. Apesar de sua incredulidade, tia Marthe chegou a enxugar uma lágrima, e Théo, entusiasmado, ainda quis bater pernas nas ruas da cidade.

Enfim, foi preciso voltar à pensão São José. Com o canto do olho, tia Marthe observava o sobrinho, espiando suas olheiras. No entanto, mal Théo se deitou, com a cabeça ainda ofuscada pelas estrelas de Belém, a porta se abriu. O sheik entrou.

Saber renunciar aos "por quês"

— Psiu! — fez ele, misterioso, com o dedo sobre os lábios. — Sei que está tarde, Théo. Mas você sempre tem dificuldade par dormir à noite, não é?

— Como você sabe? — espantou-se Théo erguendo-se na cama.

— Eu observei bastante você, meu filho — respondeu o sheik. — Quando você parar de se atormentar de noite, terá percorrido a metade do caminho. Posso me sentar um instante?

E, sem esperar pela resposta, instalou-se na cadeira de madeira.

— Contaram tanta coisa a você nestes dois dias, Théo … — começou. — E falaram tão pouco de Deus!

— Se você acha pouco … — suspirou Théo.

— Tão pouco e tão mal — replicou gravemente o sheik, desenrolando sua *gallabieh*. — Esqueça as exaltações, esqueça as guerras e os massacres, e veja o que nos une. Temos um só Deus, e ele nos falou. Porque, falando a Abraão, Moisés, Jesus ou Maomé, Deus se dirigiu aos homens por intermédio dos mensageiros. Claro, cada qual tem seu caráter. Moisés tinha seus acessos de raiva, Jesus sua bondade o Maomé o senso da justiça …

— Maomé, justiça? — cortou Théo.

— Eu já esperava — suspirou o sheik. — Em seu país, Théo, o islã não é entendido, e meus dois amigos tinham tanta coisa a dizer … preferi ouvir você. E entendi sua revolta, que não vai ajudar você a dormir. Deixe-me falar de Maomé.

— Você já me falou!

— Maomé se parece com seus predecessores: ele procurava unir Deus e os homens por meio de regras simples. Moisés ouviu Deus lhe ditar as Tábuas da Lei, Jesus pregou a boa nova contida nos Evangelhos e o anjo Gabriel ditou o Corão a Maomé. Moisés trouxe a ideia de lei, Jesus, a de caridade e Maomé, a ideia de justiça. Para todos eles, Deus é Amor.

— Por que veio me falar disso agora? — murmurou Théo.

— Para reconciliar você com nós todos, meu filho — disse o sheik. — Para apaziguar essa cabecinha que não para de se contradizer. Oh, não acredite que eu queira impedir você de pensar! Mas o mal que está corroendo você, Théo, pode ir embora. Não peço que acredite em Deus, isso não curaria você. Simplesmente, fique sabendo que você também é uma parcela de divindade. O sopro está em você como em cada um de nós, Théo … procure o caminho. Encontre o sopro.

— Tudo bem — replicou Théo. — Mas por quê?

— De vez em quando é preciso saber renunciar ao "por quê" — respondeu o sheik. — Você não está mais na idade das eternas perguntas, não tem mais cinco anos! Sossegue. Para encontrar o sopro é preciso se entregar. Se entregar, Théo! Senão você não vai se curar.

— Você acha? — murmurou Théo assustado.

— Em algum lugar do mundo, um de nós vai curar você, eu sei — falou o sheik subindo o tom da voz. — Seu mal irá embora para o lugar de onde veio, trazido por um gênio mau. Mas se você resistir com seus "por quês", então nenhum de nós vai poder salvá-lo. A única coisa que lhe peço é que acredite no sopro.

— No sopro? — espantou-se Théo. — O que quer dizer?

— Mais uma pergunta! — fez o sheik com autoridade. — Você aceita me obedecer uma vez sem perguntar nada?

— Aceito — respondeu Théo sem hesitar.

Então, fechando os olhos, o sheik pôs as mãos sobre o peito do rapaz. Ao cabo de um instante, um calor desconhecido invadiu as costas de Théo, a sensação de uma toalha quente depois de um banho de mar, o sol das praias da Grécia, a suavidade do rosto de Fatou … Ele adormeceu.

— Louvado seja o Todo-Poderoso — murmurou o sheik levantando-se. — Vamos salvar você, Théo. Não se esqueça disso.

E saiu na ponta dos pés, aliviado.

5

Uma barca solar e dez lentilhas

Adeus, Jerusalém!

Todos os três estavam lá, o rabino, o dominicano e o sheik, diante dos postos de controle da polícia, no lugar em que seus caminhos iam se separar do de Théo. Ele pegou a máquina, ligou o flash … ofuscados, eles piscaram os olhos como num movimento coordenado.

— Bem, eh …, tchau, Suleyman — disse Théo apertando a mão do velhote. — Eu queria te dizer … A respeito do sopro … nunca vou me esquecer da noite de Natal.

— Meus cumprimentos, meu filho — murmurou o sheik inclinando-se. — Que a bênção do Todo-Poderoso te proteja.

— Você foi amável pra caramba — disse Théo ao rabino. — Mas ainda tem uns trecos que não entendi direito.

— Oh, eu sei! Você nem entrou numa sinagoga! Não assistiu ao Shabat! Não te falei do candelabro de sete braços, nem das Torás, nem das coroas, nem das *mezuzot*, nem …

— Chega, rabi! — ralhou tia Marthe. — Não embaralhe as ideias dele … outros terminarão o trabalho começado.

— Onde, isso? — indagou o rabino, desconfiado. — Serão bons judeus?

— Estarão na diáspora, nem melhores nem piores que você — respondeu com firmeza tia Marthe.

— A diáspora é o quê? — interveio Théo.

— Chama-se assim ao conjunto dos judeus que ainda não voltaram a Israel — explicou o rabino.

— São os que optaram por praticar o judaísmo em seu próprio país — emendou tia Marthe. — Diáspora significa "dispersão". Esses judeus foram dispersados, mas querem ficar onde vivem, entende? É um direito deles!

— Eles vão voltar — resmungou o rabino.

— Em todo caso, prometo-lhe que vamos encontrar alguns Europa — asseverou tia Marthe. — E Théo vai assistir ao Shabat.

— Esperemos! — fez o rabino. — Você também vai voltar, Théo, mas curado! Lembra-se dos nove décimos de parte de sofrimento atribuídos a Jerusalém? Não te contei tudo. Jerusalém recebeu nove décimos da felicidade da humanidade … Quando eu era criança e vivíamos no exílio, meu pai levantava bandeja da Páscoa acima da minha cabeça dizendo: "Este ano, filho da escravidão. Ano que vem em Jerusalém, filho da liberdade …". No momento da sua volta a Jerusalém, ano que vem, você vai ser libertado da escravidão da sua doença, meu filho

— Está certo — murmurou tia Marthe, angustiada. — Ano que vem em Jerusalém, se tudo correr direito.

— Você também, padre Antoine, foi muito simpático — disse Théo. — Espero que não tenha ficado zangado.

— Zangado, eu? — exclamou o padre Dubourg. — Imagine! Venha me dar um beijo. Vou rezar por você, meu filho.

Estava acabado. Tia Marthe empurrou o sobrinho para o encarregado dos passaportes, o cônsul seguiu-os. Quando estava do outro lado, Théo virou-se.

— E tratem de continuar amigos, vocês três! — gritou.

Em seguida, fez grandes sinais com os braços para eles e desapareceu.

— Que magnífico garoto — suspirou o rabino. — Rebelde, mas tão inteligente … esperemos que nossa amiga consiga curá-lo.

— Só Deus sabe — disse o padre Dubourg.

— *Inch'Allah* — murmurou o sheik. — Ele vai sobreviver, estou lhes dizendo.

Amal, a egípcia

Tia Marthe procurava alguém no meio da balbúrdia de carregadores e mulheres de véu. No voo de Tel-Aviv ao Cairo, quando Théo lhe perguntara quem os guiaria no Egito, tia Marthe rira. "Uma pessoa formidável", respondera para encerrar o assunto. "Não digo mais nada."

Portanto, estonteado por um vago cheiro de óleo, os olhos confundidos pelos falsos baixos-relevos aplicados num falso mármore amarelo, Théo procurava esse desconhecido formidável. Outro barbudo? Outro cônsul? Um professor de história egípcia? De repente, tia Marthe pôs-se a gritar: "Amal! Amal! Aqui!".

Mas Amal não era um barbudo. Era uma mulher grandalhona num *tailleur* verde vivo, brincos de ouro chiquíssimos nas orelhas, lindos cabelos brancos e radiantes olhos negros. Amal tampouco era cônsul da França. Ela era professora de civilização grega na Universidade Al-Azhar. Uma mulher de energia tranquila que assumia o controle das situações sem elevar a voz.

Um velho carrinho enferrujado para levar as malas, uma libra para pagá-lo, alfândega, carregadores inúteis, cinquenta piastras, táxi.

— Vamos diretamente para casa — ela disse. Théo vai poder descansar um pouco, *inch'Allah*! Você gosta de *carcadet*?

Falava com ele como se o conhecesse desde pequeno, com um terno calor. Aliás, ela tinha passado o braço em torno dos ombros de Théo, cujo corpo se aninhou espontaneamente contra os largos quadris.

— Acho que Théo não sabe o que é *carcadet* — disse tia Marthe.

O *carcadet* se bebia, era lindamente vermelho, à base de plantas da Núbia. Exclusividade tipicamente egípcia, assim como a *mollokheya*, que Théo iria conhecer no jantar. *Mollokheya*? Ah! Não dava para descrever. Tinha que se provar. Aquela delícia escapava de qualquer comparação.

Inesgotável, Amal não se preocupava com os engarrafamentos gigantescos pelos quais, entra ano sai ano, passando por caminhões, carros, búfalos de chifres arredondados e burricos trotando, se chegava ao bairro de Zamalek, na ilha de Gezira, rua do Brasil. O táxi parou em frente da casa de Amal. As buzinas da cidade sumiram, ouvindo-se em seu lugar passarinhos invisíveis escondidos nos jasmins. A casa não era nova. A porta de madeira deixava ver filetes escorridos de tinta desbotada, e os ladrilhos brancos com motivos azuis não estavam mais em sua primeira juventude. Mas, desde a entrada, Théo se deixou capturar por um cheiro inebriante. A casa de Amal tinha o encanto dos velhos casarões aconchegantes.

Correu à procura do buquê. Na sala de estar, os sofás de couro tinham vivido muito e os tapetes se esgarçavam. Lá estava, em cima da mesa, o buquê de caules compridos e duros cobertos de dedinhos brancos. O perfume. Théo mergulhou a cabeça e inspirou com tanta força que o velho sofá o recolheu bem a tempo.

— Então, o que acha? — sussurrou tia Marthe, deixando-se cair no sofá também.

— Claro, não é tão bonito quanto o consulado da França, em Jerusalém — disse Amal.

— Puf! — fez Théo. — Que flores são estas?

— Angélicas — respondeu Amal. — Têm o cheiro de milhões de jasmins.

Instalação nos quartos e descanso obrigatório. No quarto de Théo havia uma imensa cama encostada num amálgama dourado de galhos e flores. Uma verdadeira cama de pregos.

— Descanse bem — disse tia Marthe.

As duas amigas desceram de novo para a sala e se afundaram nos sofás. Amal acendeu uma vela vermelha e tia Marthe uma cigarrilha. Era fim de tarde, hora propícia para os complôs.

— Que falta você me fez … — começou Amal. — Quando é que você foi embora?

— Não faz tanto tempo assim, sabe? — respondeu tia Marthe. — Não teria voltado tão cedo, se o Theozinho …

— Como vai ele? — perguntou Amal em voz baixa.

— Em Jerusalém, os exames não deram bons resultados. Mas … acho que ele está mais vivo. A curiosidade, as visitas, quantidade de gente, todas essas novidades … está excitadíssimo.

— Cuidado para não sobrecarregá-lo. O que você quer mostrar para ele aqui?

— O tesouro de Tutankhamon, ele faz questão. Quanto a pouca coisa. O bairro copta?

— Uma mesquita, também. Senão ele vai esquecer que o Egito é muçulmano. E quem sabe a Cidade dos Mortos.

— Não — rebateu com firmeza tia Marthe. — Nem Cidade dos Mortos, nem múmias, nem visitas nos fundos dos túmulos do Vale dos Reis. Nada de se aproximar de defuntos!

— *Yaani* … Coitadinho, não pensei nisso — falou Amal embaraçada. — Escute, o que é que você, no fundo, está esperando?

— Curá-lo. Antigamente, quando um jovem ficava doente, ia viajar. Às vezes morria. Mas às vezes sarava graças ao misterioso poder da viagem. É o que quero.

— Mas você tinha me falado de uma volta ao mundo das religiões!

— É a mesma coisa — decidiu Marthe apagando a cigarrilha.

Os caras em cima das colunas

No jantar, Théo sentiu-se em casa. Quando a *mollokheya* chegou à mesa, achou-a tão gostosa que repetiu três vezes e fez todo tipo de pergunta. Qual era a receita da *mollokheya*? Fritavam-se cebola e uns dentes de alho descascados, acrescentavam-se pimentão, arroz e aquela erva verde cujo nome era *mollokheya*, bem picada. Fazia-se com isso um pirão e servia-se com frango assado. O que era a *mollokheya*, exatamente? Uma erva, ora essa! Uma erva do Egito! Uma erva!

— E o tempo todo assim — disse tia Marthe à amiga. — Quando meu amigo Dubourg saiu com ele para visitar o Santo Sepulcro, ficou exasperado! A diferença entre a Igreja armênia e a Igreja copta, e a Igreja etíope, e a rainha de Sabá …

— Viajo para aprender — retrucou Théo entre dentes. — Então faço perguntas.

— Mas sobre o Egito Antigo parece que você já sabe tudo — comentou Amal.

— Não precisa exagerar! Conheço dois ou três deuses. Hator, a vaca, Sobek, o crocodilo, Sekhmet, a leoa, Anúbis, o chacal, Tot, o íbis, Rá, o sol, Ápis, o touro, Bastet, a gata, Cnum, o carneiro …

— Dois ou três deuses? — exclamou Amal. — Já são nove!

— Só deuses animais — afirmou Théo todo prosa. — Tem outros! Tuéris, a deusa hipopótamo, Apópis, a serpente …

— Até Apópis? — espantou-se Amal. — Você me surpreende. Mas não citou nem Ísis, nem Osíris. E são os maiores!

— É, mas eles não têm cabeça de animal — replicou Théo. — Eles são diferentes. Osíris tinha um irmão malvado que o cortou em pedacinhos, e sua mulher Ísis procurou esses pedaços por toda parte. Encontrou tudo, menos o pinto.

— Théo! — exclamou tia Marthe, embaraçada.

— Ué — rebateu Théo, — como queria que eu dissesse? O falo?

— Bom — fez Amal. — E aí?

— Aí ela teve um filho sozinha, Horus. Ele tem uma mecha de cabelo esquisita, que sai do meio da cabeça raspada. Fora disso, tem cara de falcão. Mas nem assim Osíris ressuscita. É uma espécie de Jesus não terminado.

— Nada mal — comentou tia Marthe. — E os faraós?

— Ramsés, Amenófis, Tutankhamon, Pepsi …

— Pepi! — corrigiu a egípcia rindo. — Mas você não está aqui para aprender o nome de todos os faraós. No Cairo, vai ver igrejas coptas …

— De novo! — exclamou Théo. — Mas já vi em Jerusalém!

— Copta quer dizer, literalmente, "egípcio" — explicou Amal. É você só viu uma capelinha na barafunda do Santo Sepulcro … sem os coptas, você não pode entender nada do nascimento do cristianismo! Foi aqui, no deserto, que os anacoretas se instalaram pouco a pouco, antes de constituírem verdadeiros exércitos recrutados pelos primeiros bispos …

— Essa palavra, anacoreta … — interrompeu Théo. — Parece grego.

— Isso mesmo, vem do verbo grego que significa "retirar-se". Um anacoreta é um monge solitário num eremitério. Às vezes, quando vive no alto de uma coluna de oito metros erguida no meio dos areais, chama-se um "estilita".

— Um cara que vive em cima de uma coluna? — espantou-se Théo. — E o rango?

— O rango, como você diz, eles não comem. Jejuam. Rezam. Meditam. Outros traçam no chão um círculo de dez metros, de onde decidem nunca mais sair. Outros ainda se instalam no oco das árvores e só põem a cabeça para fora para comer.

— São loucos — concluiu Théo.

— É, mas loucos de Deus — completou Amal. — Foram os primeiros cristãos deste país. Houve grandes santos entre eles. Depois se tornaram mais violentos. Para apagar até mesmo a memória dos antigos egípcios, martelaram os baixos-relevos nos templos. Deflagraram uma guerra contra o que chamavam de "paganismo". Tudo o que o Egito Antigo produzira de mais sagrado, tudo o que a Grécia tinha trazido ao universo, eles queriam destruir.

— Conte a história de Hipatia — sugeriu tia Marthe.

— Pobre Hipatia! Bonita e culta, uma filósofa extraordinária. Mas era pagã … O bispo cristão não gostava dela, porque ela discutia como poucos. Isso não prejudicava ninguém, só que, por causa dela, a filosofia grega ia muito bem e atrapalhava o desenvolvimento do cristianismo.

— Por quê? — quis saber Théo.

— Porque a filosofia grega não acreditava nessa história de deus feito homem, morto na cruz e ressuscitado no terceiro dia. Para concluir, o bispo

soltou um exército de monges no encalço de Hipatia … Eles a dilaceraram, cortando-a com cascas de ostra.

— Que fascistóides! — sentenciou Théo.

— Mais ou menos. O cristianismo acabou ganhando a parada. Um imperador romano chamado Teodósio publicou um decreto proibindo o paganismo e a Igreja cristã copta reinou no Egito por muito tempo. Mas, depois, houve divisões nas Igrejas e …

— Já vi esse filme — comentou Théo.

— E quando o islã conquistou o Egito, os coptas perderam a parada por sua vez.

— Bem feito — disparou Théo. — Não deviam ter atacado os outros.

— Mas os coptas são importantes, Théo! — interveio tia Marthe. — São os únicos a conservar um pouco da escrita dos antigos egípcios, criaram uma arte decorativa maravilhosa, da qual provém o estilo bizantino que você viu nas igrejas gregas, e até as igrejas da sua terra devem alguma coisa a eles … Não são muito numerosos hoje em dia, mas representam um grande papel. E os califas também destruíram muita coisa … Não é, Amal?

— É — concordou a egípcia, contrariada. — Como todo mundo.

— A propósito, Amal, você é o quê? — perguntou Théo.

— Egípcia. Muçulmana, mas em primeiro lugar egípcia.

— Olhe só para ela, Théo — murmurou tia Marthe. — Ela não se parece com as figuras femininas dos murais que você conhece?

— Parece, sim — disse Théo. — Sem os brincos, com um grande peitoral e sem blusa.

— Que olho ele tem! — exclamou Arnal.

Tinha mesmo, mas estava ficando tarde. Resolveram fazer, no dia seguinte, um percurso ao contrário: começariam pelos coptas, depois dariam uma passada pela Bíblia e chegariam, enfim, aos antigos egípcios.

— É a entrada principal — disse Amal. — Depois de passarmos pela porta cheia de pregos, estaremos no forte da Candela. A cidadela do velho bairro copta.

— Antiquíssima — avaliou Théo como um perito. — Dá para perceber à primeira vista.

— Menos antiga que as pirâmides, porém! — observou Amal. — Não se esqueça que o Egito Antigo é a mais velha civilização do mundo … Cinco mil anos! Ao passo que aqui chegamos a dois mil, pois foram os cristãos que a construíram. Vamos ver as igrejas, a sinagoga e a mesquita.

— Espere aí! — exclamou Théo. — Não vai me explicar?

— Explicar o quê? A sinagoga e a mesquita? Pois bem, se você viu Jerusalém, pôde constatar que cada prédio religioso tinha sido destruído, depois reconstruído, depois destruído de novo, e assim por diante. É o caso da sinagoga Ben Ezra, que foi construída sob os romanos, depois transformada em igreja, depois retransformada em sinagoga no século XII. Quanto à mesquita, era a mais velha de todo o Egito, quando foi construída de tijolo cozido, antes de ser reconstruída no século XV.

— Corno em Jerusalém — comentou Théo. — O que sobrou de autêntico?

— Pedras deterioradas, lembranças, aquelas duas torres do tempo dos romanos e livros de história — respondeu Amal com um leve suspiro. — É o mesmo caso de todos os monumentos religiosos, Théo. Os templos desmoronam, os nomes dos deuses são banidos, somente os povos permanecem.

— Mas as pirâmides continuam de pé — disse Théo. — E sabe o que mais? Essas brigas entre cristãos são chatas pra burro!

Sem responder, Amal levou Théo e tia Marthe através de ruelas margeadas de buganvílias. Entraram na primeira igreja, na qual Théo não quis demorar, porque tinha visto na Grécia muitas que achava parecidas. Ao sair, sentou-se nos degraus com um ar emburrado.

— Não acho nada interessante — falou. — Quero ver as pirâmides

— Pois saiba que, na fuga para o Egito, José e Maria pararam aqui, na cripta — contou Amal. — Não gostou?

— Não! — exclamou Théo. — Quero ver as pirâmides!

— Mas a história dos coptas é tão importante, tão animada — insistiu a egípcia defendendo sua causa. — Você não se dá conta? O Egito tinha sido uma das primeiras grandes civilizações, depois acolheu sem morrer os gregos e os romanos, chegou a ser um dos florões do mundo antigo, e então a Igreja cristã do Egito teria podido se tornar a mais importante do mundo, manter um verdadeiro império do Oriente, quando … É complicado demais.

— Ah! — fez Théo com curiosidade. — O que foi que aconteceu?

— Vai te parecer a maior besteira — disse tia Marthe.

— Não sou tão bobo assim — protestou o rapaz, ofendido.

— Ninguém disse que era, Théo! — falou Amal. — Bom. Está pronto? Lá vou eu. Você sabe que, para os cristãos, Jesus é Deus feito homem. No mundo de hoje, cada um está acostumado com essa velha ideia. Mas imagine só, no começo, a confusão na cabeça das pessoas … Deus feito homem? Qual a parte de Deus e qual a parte de homem em Jesus, hein?

— Meio a meio? — sugeriu Théo.

— Os teólogos se perguntavam. Se a natureza humana é cheia de defeitos, o que prevalece em Jesus? A parte de Deus ou aparte do homem? Jesus tinha defeitos ou não tinha? Eles arquitetaram todo tipo de teorias. De acordo com uns, o homem é o mal, Deus é o bem. É mais ou menos a sua teoria,

Jesus era metade de cada. Só que, com o passar de alguns séculos, de teoria em teoria, de tanto separar em Jesus a parte má do homem da parte boa de Deus, alguns cristãos resolveram deixar morrer o mau para libertar o bom. Então, eles se suicidavam não alimentando mais seu corpo, encarnação do mal. Chamavam-se "cátaros", que significa puros.

— Pureza de novo! — sentenciou Théo. — E era no Egito, isso?

— Não, mas essa teoria não nasceu longe daqui, no século III, na cabeça de um tal de Maniqueu. Essa forma de pensamento é chamada de maniqueísmo, e a Igreja católica a considera uma heresia. Sabe o que é heresia?

— Um negócio de seita?

— Isso, mas oficialmente condenada por uma assembleia da Igreja. Nesse caso, as teorias opunham os que recusavam a Cristo natureza divina sem chegar ao ponto de destruir a parte corporal ruim e os que afirmavam que sua natureza divina absorvia a natureza humana para diviniza-la.

— Espere aí — pediu Théo. — Há os que querem que Cristo seja apenas um homem, logo não inteiramente bom, e os que querem que ele seja Deus, logo totalmente bom, é isso?

— Exatamente. Os primeiros eram chamados arianos, por causa de seu mestre Ário; os segundos, monofisistas: monofisismo quer dizer "natureza única". Sem contar os nestorianos que, pura e simplesmente, recusavam a unidade de Cristo e adotavam a teoria de Maniqueu. Durante séculos brigou-se no Egito em torno da natureza de Jesus.

— Está vendo que parece besteira — disse tia Marthe.

— Nem tanto — discordou Théo. — Nunca tinha pensado nisso. E os católicos, o que dizem?

— Que é um mistério divino — respondeu Amal. — O fundo desse mistério está na Santíssima Trindade. Deus em três pessoas.

— Isso me lembra que um dia, no teatro, ouvi uma definição irresistível da Trindade! — interrompeu tia Marthe. — Foi na boca de uma personagem que fazia o papel de Jesus. E ele não parava de dizer: "O coroa, o pombo e eu", para evocar a Santíssima Trindade …

— Essa do pombo não é tão ruim assim — disse Théo. — Duas metades, é sempre complicado, mas com três elementos dá para se arranjar, acho. É como uma família, com os pais e o filho.

As duas mulheres trocaram um olhar surpreso.

— Bom — concluiu ele espreguiçando. — Agora me digam onde ficam os coptas e depois vamos ver as pirâmides.

Os coptas tinham permanecido monofisistas e sido condenados pela Igreja, que mais tarde os aceitou de volta. Mas esse longo combate esgotou o Egito, que foi facilmente conquistado pelos muçulmanos. O destino dos coptas foi bastante atormentado: ora perseguidos, ora abandonados, só reencontraram seu lugar com o nascimento do Egito moderno, que concedeu igualdade a todos os seus cidadãos, qualquer que fosse sua religião.

Faltava ainda a mesquita de Amr, que encantou Théo, porque quem passasse no estreito intervalo entre os dois pilares sagrados era considerado um virtuoso. Théo era tão magro que passou fácil.

— Já que sou virtuoso — disse — sou eu que decido. VAMOS ÀS PIRÂMIDES!

Não tinha mais jeito de resistir. Deixaram Tutankhamon para o dia seguinte e ficou decidido que iriam almoçar no Mena House Oberoi, célebre hotel em que Winston Churchill residira. O ilustre líder inglês que resistiu aos nazistas foi assunto durante o trajeto inteiro, para azar de Théo, que estava pouco se importando com ele … Por entre os prédios modernos na

beira do caminho, ele procurava desesperadamente as três famosas silhuetas que brincavam de esconder com as construções.

A barca solar do faraó Quéops

De repente, lá estavam elas, brancas sob o sol do meio dia. Théo ficou surpreso por achá-las pequenas, mas Amal garantiu que não seriam mais quando as sombras delas se estendessem na areia do deserto e quando ele desse a volta nelas a camelo. Era quase uma da tarde quando chegaram ao pé da grande pirâmide. Para vê-la, era preciso inclinar a cabeça para trás e cobrir os olhos com a mão, por causa do sol. Mesmo assim, o imenso túmulo estava deslumbrante … E apesar dos turistas que falavam todas as línguas da terra, dos vendedores de cartões-postais, dos alugadores de jumentos que lhe sacudiam o cotovelo e dos camelôs que vendiam amuletos, Théo se esqueceu na contemplação da massa de pedra suspensa acima da sua cabeça.

— Ele está sem chapéu — murmurou tia Marthe. — Que loucura! Vou comprar um para ele rápido.

— Não fique muito tempo no sol — preveniu Amal. — Vai ter vertigens.

Mas Théo não respondia. Tia Marthe discutiu com um vendedor de chapéus e voltou triunfante com seu troféu.

— Ponha isso — mandou estendendo o objeto ao sobrinho. — Depressa, por favor!

No momento em que tia Marthe ia enfiando-o à força na testa, Théo cambaleou e caiu em seus braços. Tia Marthe começa a se apavorar quando Amal deu uma boa bofetada no rapaz, que recobrou suas cores.

— Vamos voltar para casa — decretou tia Marthe. — Foi culpa minha, devia ter pensado no chapéu.

Voltar para casa? Não era o que Amal achava. Ela examinou Théo, tomou-lhe o pulso, examinou seus olhos e suspirou aliviada. Acidentes assim não eram raros diante da Grande Pirâmide e Théo não tivera tempo de pegar uma insolação.

— Mas nada de camelo, Théo, você iria ficar enjoado — disse ela. — Quanto à visita ao interior da pirâmide, é melhor esquecer. É sufocante e, ainda por cima, a gente tem de andar bem agachado.

— Pra mim, tanto faz — murmurou Théo. — O que quero mesmo ver é a barca. Aquela em que o faraó navega na noite, com seu amigo sol antes dele se levantar.

Isso estava fora de discussão. A passos lentos, dirigiram-se os três para o lado da pirâmide, onde estava a barca de Quéops. Théo olhou com intensidade para a imensa nau de madeira.

— Foi encontrada em 1954, inteiramente desmontada numa fossa coberta e levaram um tempão para montá-la de novo — esclareceu Amal. — E ainda não abriram a outra fossa, onde sua gêmea deve continuar esperando. Ninguém sabe direito para que ela podia servir.

— Claro que sabe! — contestou Théo. — Ou ela serviu para os funerais de Quéops, para ele atravessar as regiões eternas, ou servia para sua travessia da noite, ou ainda, mas para ter certeza seria preciso colocá-la nas águas do Nilo, transportou mesmo o corpo do faraó e em seguida serviu para peregrinações. Nada complicado!

— De onde você tirou isso? — espantou-se tia Marthe.

— Do dicionário de civilização egípcia que está na biblioteca em Paris — respondeu Théo. — Por exemplo, eu bem que gostaria de saber como os mortos egípcios se viravam para passear à noite, ir cultivar os campos sagrados e comer no túmulo tudo o que tinham preparado para eles …

— Por quê? — perguntou Amal.

— Ora, porque eu não vou conseguir — sussurrou o rapaz tristemente. — Pensando bem, quando eu morrer, vou escolher navegar à noite e pronto.

— Pare com isso, Théo — murmurou tia Marthe. — Vamos embora.

— Que linda viagem deve ser! — sonhou Théo. — O sol deixa a terra, a serpente Apópis aproveita a noite para tentar morde-lo, os vivos rezam para ele voltar, e enquanto isso os mortos o acompanham, cada qual em sua barca. Milhões e milhões de amigos para cuidar do sol adormecido …

— Já mandei parar com isso! — explodiu tia Marthe.

— Venha, Théo — fez Amal pegando-o pela mão. — Você vai ver outras barcas. Vai ver o Nilo e as faluas. Vamos …

A contragosto, Théo deixou o lugar. Amal sugeriu irem de jumento até a célebre esfinge de Gizé, guardiã da pirâmide. Théo tinha vontade de dar a volta nela, mas sozinho. As duas mulheres ficaram sentadas ao longe.

— Ele sabe tudo do Egito — suspirou tia Marthe.

— *Maalech!* Duvido muito — retrucou Amal. — Ele sabe que doença tem?

— Não — respondeu tia Marthe. — Só sabe que está muito doente.

— Então ele adivinhou — disse Amal. — É por isso que se interessava pelo Egito, o país dos mortos.

— O que fazer, Amal? — murmurou tia Marthe.

— Mostrar-lhe a vida no Egito Antigo — respondeu Amal com força. — Viajar no Nilo e ter confiança no rio. Quando ele ver as mulheres nas margens e os felás nos campos, vai compreender que nosso Egito não morreu.

Empoleirado no lombo do seu jumento que andava ligeiro, Théo voltou um pouco sacudido, mas deslumbrado. O que mais o divertiu não foi tanto a grande esfinge, não, mas o jumento com seu condutor. Meio branco, com ar esperto, olhos úmidos, o jumento era astucioso, e seu condutor, uma besta.

E a esfinge? — quis saber tia Marthe.

— Não passa de um leão sem graça com um nariz quebrado — provocou Théo. — E aquele cara que pegava cem mil escravos para construir sua pirâmide … se os egípcios lhe deram umas cacetadas, ele bem que mereceu.

— De quem você está falando? — perguntou tia Marthe.

— De Quéfren, ora essa — respondeu Théo. — O faraó que pôs seu retrato na cara da esfinge.

Théo descobre o Inferno

— Quando voltaram à casa da rua do Brasil, Théo a muito custo aceitou ir descansar. Assim que foi para o quarto, tia Marthe correu para o telefone a fim de tentar antecipar a reserva no trem Cairo — Luxor, mas não dava mais tempo. De modo que, durante o jantar discutiram o que fariam no dia seguinte. O trem saía às dezenove e quarenta. Tinham a manhã toda.

— Vamos ver Tutankhamon — disse Théo num tom tão decidido quanto no caso das pirâmides.

— É que … — começou tia Marthe hesitando. — Sabe, Théo, o museu e muito cansativo.

— Não quero ver o museu inteiro, tia, só os dois andares de Tutankhamon.

— Que tal você nos contar o que lhe dá tanta vontade de vê-lo? — interveio Amal meigamente.

— Os objetos que encontraram no túmulo dele, as camas, as mesas, os bancos — explicou Théo. — E a capela dourada com as quatro Ísis … ah! E o buquê de flores secas que sua mulher colocou em seu peito. Estão vendo, eu conheço!

— Isso a gente já tinha percebido — rosnou tia Marthe. — E desde quando você se interessa tanto pelo Egito?

— Desde Zorglub — respondeu Théo. — Foi em junho passado, quando vovô morreu. A professora de história entrou em licença para ter filho e tivemos um substituto de bigode e umas sobrancelhonas bem pretas, que a gente chamava de Zorglub. Ele só gostava do Egito.

— E foi Zorglub que te contou a viagem da barca solar?

— Foi — disse Théo. — Ele e o dicionário …

— *Yaani* … — fez Amal. — Ouvindo você, a gente tem a impressão de que o além no Egito Antigo é mil vezes melhor do que a vida. Passeia-se de barco, come-se, cultivam-se os campos, é verdade, mas só quem for uma boa alma. Senão … Esse seu Zorglub falou do Inferno no Egito Antigo? Não, é claro. Pois bem, se alguém comete uma injustiça em vida, é escaldado, esquartejado, empalado e, para terminar, liquidado.

— Não sabia — murmurou Théo. — Bom, no meu caso, desde que passei entre os pilares, sou um virtuoso, daí não tenho nada a temer.

Uma injustiça, Théo, basta uma injustiça só …

Uma só? Puxa vida!

— Evidentemente, como o faraó era divinizado, não passaria pela cabeça de ninguém condená-lo ao Inferno …

— Então, vamos ver Tutankhamon? — exclamou Théo. — Oba!

— É claro que você conhece a história dele, não é? — perguntou Amal.

— Não — respondeu o rapaz. — A única coisa que sei é que morreu bem moço. Posso telefonar a Fatou?

— Use o seu celular! — gritou tia Marthe, que já subia a escada.

Ele não tinha dito uma palavra sobre a família desde que chegara ao Egito. Não tinha dado um só telefonema e nem sequer pronunciado o nome de sua amiga Fatou.

— Bravo, Amal — suspirou tia Marthe, aliviada. — Com sua descrição do Inferno, você botou a cabeça dele no devido lugar. Pelo menos não vai mais sonhar com as delícias da morte no Egito.

— É pouco — disse Amal. — Precisaríamos de outra coisa … Quando devemos transmitir a próxima mensagem a ele?

— Em Luxor — respondeu tia Marthe. — Mas ainda não sei direito nem onde, nem como.

— Perfeito! — exclamou a egípcia. — Então, deixe comigo. Tenho uma ideia.

As lentilhas da ressurreição

Assim que pôs o pé na primeira sala do Museu Egípcio, Théo começou a andar tão depressa que as duas mulheres tiveram dificuldade para acompanhá-lo.

— Espere, Théo! — gritou tia Marthe sem fôlego.

— É para não parar em todo lugar! — explicou Théo. — Eu me viro.

E, ele se virava mesmo, sem lançar um só olhar às estátuas que o dominavam com suas grandes massas negras. Parou apenas uma vez, diante da porta que se abria para a sala das múmias dos faraós, mas Amal barrou-lhe o caminho.

— As múmias, não, Théo — interpôs-se com uma autoridade inusitada.

— Mas eu quero ver!

— São horrorosas, filho — disse ela envolvendo-o pelo pescoço. — Não é nada divertido. E coitados desses mortos que foram incomodar para pôr no museu …

É verdade — concordou Théo.

— O pior são esses turistas que as espiam como se estivessem numa sala de dissecação. Você ia se sentir muito constrangido.

— Com certeza — disse o rapaz, retomando a caminhada.

No primeiro andar do tesouro de Tutankhamon, Théo final moderou o ritmo. Demorou-se longamente diante de cada vitrine, maravilhado.

— Exatamente como nos livros — murmurava a cada passo. — Bárbaro! Zorglub tinha razão …

Quando entrou nas salas dos três sarcófagos, seu olhar tornou-se grave. Inclinou-se para contemplar a famosa máscara dourada de sorriso juvenil, sem dizer uma palavra. Foi preciso arranca-lo à força do jovem faraó.

— Eu bem que gostaria de ver seu rosto verdadeiro — suspirou ao sair. — Onde está a múmia dele? Lá embaixo?

— Não — respondeu Amal. — Puseram-na de volta em seu túmulo, no Vale dos Reis, em frente ao Luxor, com grande cerimônia. Venha ver o Osíris vegetante. Sabe do que se trata, imagino.

Mas dessa vez Théo entregou os pontos sobre o Egito dos seus sonhos. A frente de um caixote reproduzindo a forma de um corpo humano cheio de ervas milenares e amareladas, Amal lhe explicou a natureza do estranho jardim que ele tinha diante dos olhos.

— O corpo mumificado de Osíris — contou-lhe — representa a terra do Egito. Todos os anos, a cheia do Nilo a fecunda, e os campos tornam a verdejar. Todos os anos, plantavam-se nessas caixas, figurando o deus, sementes que cresciam na época das inundações. E em cada túmulo colocava-se um Osíris vegetante, para não esquecer que, se a morte sucede à vida, à morte sempre sucede também a vida. Ainda hoje, no Egito, durante o inverno, colocam-se lentilhas num algodão para vê-las germinar na primavera, o que dá sorte.

— Vamos fazer isso antes de ir embora, tá? — pediu Théo. — Eu levo a caixa comigo e …

Parou angustiado.

— Sim — continuou a egípcia, — você vai ver suas lentilhas germinarem, *inch'Allah*! Vamos comprá-las já.

Théo plantou-as antes do almoço, dez sementes rosadas numa caixa redonda transparente, cuidadosamente fechada com dois elásticos para a viagem. Tinha de regá-las todos os dias e só fechar a caixa em caso de necessidade.

6

O arqueólogo e a sheikha

Tia Marthe detestava chegar em cima da hora. Pouco antes das quatro da tarde, em pé de guerra, xingava Amal que não estava pronta. A custa de grandes esforços, Amal persuadiu-a a sair só às cinco para pegar o rápido das dezenove e quarenta. De acordo com tia Marthe, tudo podia acontecer, mesmo um trem egípcio partir antes do horário … E ainda que, desde os tempos dos faraós, tal acontecimento nunca tivesse sido visto, nada teria impedido tia Marthe de sair mais cedo.

Com uma música suave em cada compartimento, o bar dançante e seus vagões-leitos confortáveis, o trem 86 fazia jus à sua reputação. Tia Marthe, que gostava de conforto, soltou um suspiro de satisfação. Amal tinha levado o material para preparar suas aulas da semana seguinte; quanto a Théo, já estava imerso em seu caderninho, em que não havia tocado desde a chegada ao Egito.

— Por falar nisso, o que disse Fatou ao telefone? — perguntou tia Marthe sem mais nem menos.

— Hum — fez Théo sem erguer os olhos. — Parece que está nevando em Paris.

— Só isso? E a família?

— Nada de especial — largou o rapaz. — Ah, sim! Irène está gripada.

— E sua mãe?

— Quer fazer o favor de me deixar em paz? — irritou-se ele. — Não vê que estou escrevendo?

— Ah, se o senhor está escrevendo … — ironizou tia Marthe.

Moisés e José, dois judeus egípcios

Sr. Théo queria avançar em seus resumos. JESUS = NATUREZA DIVINA E NATUREZA HUMANA. ARIANISTAS = MEIO A MEIO. MONOFISISTAS = NATUREZA ÚNICA. NESTORIANOS … Não se lembrava mais. Ah! CATAROS = ESPÉCIE DE LOUCOS QUE DEIXAVAM O CORPO MAU MORRER PARA LIBERTAR O ESPÍRITO BOM. COPTAS = CRISTÃOS DO EGITO. MONGES NO DESERTO = ASCETAS. MONGES EMPOLEIRADOS = ESTILITAS. MONGES ASSASSINOS DA BONITA FILÓSOFA. MONGES DESTRUIDORES DE ESTÁTUAS. MONGES BONS DECORADORES. MONGES COPTAS DO COMEÇO = METADE BONS, METADE MAUS. SINAGOGA DE BEN EZRA: LUGAR ONDE MOISÉS FOI ACOLHIDO PELA FILHA DO FARAÓ. MESQUITA COM PILARES DA VIRTUDE …

— Tudo bem, Théo? — indagou tia Marthe.

— Me deixe!

No vagão-restaurante, o rapaz ficou silencioso. Amal e tia Marthe conversavam sobre a programação em Luxor, mas Théo não ouvia.

— Você quer assistir ao espetáculo de luzes e som em Karnak, não é, Théo? — perguntava tia Marthe.

Ou então:

— Vamos alugar uma falua para passear no Nilo, topa, Théo?

— Hein? O quê? — reagiu o rapaz, saindo brutalmente de seus pensamentos.

— Até parece que o Egito não te interessa mais — acabou dizendo Amal.

— Interessa, sim, mas é que não encontro a junção entre o Egito Antigo e o judaísmo — respondeu ele. — Precisava conhecer alguém que fosse judeu e egípcio ao mesmo tempo, mas isso não existe!

— Como não existe, Théo! — indignou-se tia Marthe. — Existem pelo menos dois, um dos quais você conhece muito bem!

— Um judeu egípcio?

Inverta a ordem das coisas — sugeriu Amal. — Um egípcio judeu.

— Alguém que tivesse nascido no Egito e que fosse judeu … Moisés! — exclamou Théo. — E o outro?

— O outro se chama José — começou tia Marthe. — Era o mais moço dos filhos de Jacó, um sonhador, um garoto como você. Um belo dia, contou um dos seus sonhos a seus irmãos, ficaram furiosos. Porque, no sonho, José se via de pé diante deles e eles prostrados no chão.

— Você está querendo dizer que José sonhava com pés de trigo, dos quais só um ficava de pé, o dele — corrigiu a egípcia.

— Bom, estou simplificando — admitiu tia Marthe. — Furiosos, os irmãos de José resolveram vende-lo como escravo a uma caravana que passava por lá, no deserto.

— Mas primeiro queriam assassiná-lo — emendou meigamente Amal. — Chegaram até a jogá-lo no fundo de um poço, que pode ser visto no interior da cidadela do Cairo.

— Certo. É que estou resumindo — rebateu tia Marthe, irritada. — Enfim, os irmãos de José fizeram o velho pai deles acreditar que seu filho mais moço havia sido devorado por uma fera. Na verdade, José não tinha morrido. Os mercadores o venderam como escravo, ele passou por todo tipo de desgraças e foi bater na prisão, mas se safou tão bem que logo se tornou uma espécie de astrólogo do faraó.

— Quer dizer que ele interpretava muito bem os sonhos dos outros — interveio Amal. — O que lhe proporcionava um poder formidável.

— Afinal de contas, quem é que está contando? — explodiu tia Marthe. — Você ou eu? Já que você é tão culta, continue!

— É simples — disse Amal, sem se fazer de rogada. — Por causa desse dom dos sonhos e de sua inteligência, José foi elevado a grão-vizir do faraó. Casou-se com uma egípcia, com quem teve dois filhos. Quando, na distante Palestina, que então se chamava país de Canaã, a fome assolou os hebreus, eles vieram tentar vender umas cabeças de gado no Egito, para levarem trigo em troca.

— E quiseram vendê-las a José, posso apostar! — exclamou Théo.

— É, mas eles não o reconheceram, e lá estavam, prostrados diante dele, propondo suas mercadorias, mendigando … O sonho de José tinha se realizado.

— Depois ele se vingou — concluiu Théo.

— Não, não se vingou. Primeiro, alimentou-os. Depois disse a eles quem era e mandou que fossem levar a notícia ao velho Jacó: seu filho José não tinha morrido. Jacó veio encontrar o filho no Egito, onde terminou sua vida. Alguns anos mais tarde, quando os judeus perseguidos finalmente partiram do Egito levaram a múmia de José com eles.

— Está faltando uma bobina do filme — observou Théo. — Você falou de Jacó e, pimba, aparece a múmia de José na partida do Egito … esquisita, essa

sua história! Por que, com José, tudo vai bem para os judeus e por que, depois, o caldo entorna?

— Os judeus tinham se tornado muito ricos e numerosos — explicou Amal. — Na verdade, José governava o Egito com tamanho talento que ampliou os territórios do seu senhor. Ninguém era mais poderoso do que José, no Egito. Imagine só, Théo! Quando o velho Jacó morreu, José foi enterrá-lo na Palestina, e toda a corte do faraó o acompanhou … José então morreu, aos cento e vinte anos. Por fim o faraó morreu, outros lhe sucederam e o povo judeu passou por uma expansão demográfica extraordi …

— Expansão demográfica é quando nascem muitas crianças — quis certificar-se Théo.

— Isso mesmo, como é hoje na Índia, ou aqui. Mas, um dia, chegou um faraó que não era como o bom senhor de José. Para reduzir a influência desses imigrantes poderosos demais, não teve escrúpulos. Primeiro ordenou às parteiras das judias que matassem os filhos dos hebreus ao nascerem, e como as parteiras não obedecessem, deu ordem de massacrar todos os recém-nascidos. Moisés sobreviveu, escondido pela mãe numa canoa, e foi recolhido do rio pela filha do faraó malvado. Mais tarde ficou sabendo que nascera judeu e libertou seu povo, voltando Palesti …

— Pode se poupar — cortou Théo. — Moisés é o anti-José. Uma vez, vão da Palestina para o Egito, outra vez, vão do Egito para a Palestina. O que dá dois judeus egípcios. Obrigado!

— Escute uma coisa, Amal — insinuou tia Marthe toda melosa, — será que você não esqueceu a senhora Putifar no meio do caminho?

— *Maalech*! Não é nada essencial — retrucou Amal.

— Você acha? — rebateu tia Marthe. — Ouça com atenção, Théo. Quando foi vendido pela primeira vez como escravo, José foi empregado por

um digno egípcio chamado Putifar, que confiava nele e o deixava governar sua casa. A mulher de Putifar quis ir para a cama com José, que se recusou. Então, com medo de que ele fosse denunciá-la ao marido, a senhora Putifar acusou José de ter querido ir para a cama com ela, e por isso é que José foi parar na prisão. Não acha que é essencial, Théo?

— Acho que não — respondeu o rapaz. — Estão sempre aparecendo casos assim na tevê. Aliás, uma das minhas colegas deu esse mesmo golpe para tentar me separar de Fatou, mas não funcionou.

— Não há mais crianças hoje em dia! — suspirou tia Marthe. — A senhora Putifar no colégio!

— Minha cara Marthe, você está precisando se atualizar — alfinetou Amal.

— Calma aí, meninas! — interveio Théo. — Não vão começar a brigar como aqueles caras das igrejas …

As duas amigas se calaram. Théo não gostava de conflitos.

Coma a sua laranja — resmungou tia Marthe.

O senhor arqueólogo está atrasado

Na plataforma da estação de Luxor, os carregadores tinham se apossado das numerosas bagagens de tia Marthe, das três grandes sacolas de Théo e da maleta de Amal, mas Amal se recusava a sair dali. O amigo arqueólogo que ela esperava impassível costumava chegar atrasado, mas ia vir, disso estava segura …

Meia hora depois, Amal se resignou a ir embora. Seu amigo, não era mais muito jovem, talvez tivesse torcido o pé em suas escavações em Karnak …

— Que tal nos dizer o nome dele? — sugeriu tia Marthe.

— E francês, competentíssimo, meio esquisito mas muito bonzinho, vocês vão ver. É um grande erudito!

Em poucas palavras, sobre o arqueólogo podiam saber tudo, menos seu nome, que Amal se esqueceu de dizer. Enquanto isso, o táxi havia chegado ao Winter Palace, onde tia Marthe costumava se hospedar porque tinha charme, dizia ela. No saguão, diante da escada dupla, esperava o misterioso arqueólogo. Impossível não reparar nele: um velhote de cabelos brancos com um chapéu de feltro mole todo empoeirado, vestindo um colete curto e botinas leves, óculos escuros no nariz, saído de uma história em quadrinhos.

— Ah! Finalmente! — exclamou num tom furibundo quando avistou Amal. — Quase não precisei esperar!

Foi só explicar que o tinham esperado na estação, que o velhote se desdobrou em desculpas lamentando a sua lendária distração. É verdade, agora se lembrava, o encontro não era no hotel.

— E esse simpático rapaz, Théo, creio eu, não é? Não está muito cansado? Vai poder nos acompanhar na visita às escavações? E a senhora Mac Larey, sua tia, não é, vai vir também? — dizia ele desajeitado, saltitando em suas botinas.

— E isso, e aquilo, e que mais ainda? — resmungou tia Marthe empurrando Théo à sua frente. — Ele nem se apresentou! Gostaria de tomar uma boa chuveirada. Vamos para nossos quartos, Amal.

Uma hora mais tarde, o velho arqueólogo se esforçava para enfiar todos em seu carrinho, que, entupido de pastas e objetos de todo tipo, evidentemente dava para ele só e mais ninguém. Amal sugeriu uma charrete, que foi aceita com entusiasmo, e os dois partiram, o carro com o motor rateando, os cavalos sem se apressar muito. No rio, as velas das faluas abriam suas asas elegantes e, do outro lado, ao pé das montanhas desérticas, escondiam-se os túmulos das necrópoles de Tebas, antiga capital do império

do Egito. Não dava para vê-las, mas sabia-se que estavam lá, longe da charrete romântica que avançava ao longo do rio, com suas alamedas arborizadas, seus hotéis e seus turistas de terceira idade. O automóvel e a charrete passaram sem parar diante do templo de Luxor e viraram de repente para a direita. Logo em seguida pararam diante da entrada dos templos. Tinham chegado a Karnak.

O velho arqueólogo estava com a língua solta. Por longos minutos, discorreu sobre o edifício por que tinham passado antes de virar na cidade, o centro franco-egípcio. Tia Marthe tentou descobrir em vão a identidade do distraído, que quis fazer uma visita integral ao sítio arqueológico, apesar dos protestos das senhoras. Não, não desejavam examinar de perto os pedestais das esfinges criocéfalas que valiam a pena porque alguns de seus blocos de restauro talvez datassem dos romanos, não, não desejavam conhecer a história dos pórticos nem a política de escavações desde a abertura do canteiro …

— Mas eu achava … — balbuciava o velhote decepcionado. — Então a grande sala hipostila, sem transições?

E depressa, pensava tia Marthe amaldiçoando sua amiga Amal. Aquele chato ia estragar tudo, Théo ia se desanimar … mas Théo, muito à vontade, perambulava de pilar em pilar, acariciando com o dedo as pernas dos deuses gravadas fazia milênios. Théo passeava pelo seu Egito. Em frente da estranha figura de um deus infinitamente repetido, parou por tanto tempo que tia Marthe voltou até ele.

— Quem é? — perguntou ele apontando para o falo rígido do deus desconhecido.

— Min, o deus da fecundidade — esclareceu tia Marthe. — As velhas religiões sempre insistem no aspecto sagrado do sexo masculino.

— Estou vendo que tem um braço erguido, mas, engraçado, parece que ele está se tocando com a outra mão …

— Vamos, não demore tanto — reclamou ela arrastando-o. — Olhe à sua frente, que lindo.

Avistava-se através das ruínas a ilustre floresta de colunas gigantes da grande sala hipostila do templo de Karnak. Théo ficou paralisado na entrada do edifício. De ouro e areia, as colunas eram esmagadoras e leves, tão harmoniosas que as palmeiras do fundo pareciam ter ficado anãs para melhor realçá-las.

— E então, Théo? — perguntou tia Marthe.

— A gente se sente como uma formiguinha — respondeu o rapaz após um silêncio. — O que mais incomoda é o céu. Eles não deviam vê-lo, quando vinham aqui por causa do deus … Era para cá que traziam as barcas sagradas?

O arqueólogo aguçou o ouvido: o menino não era tão ignorante assim. Dali a pouco estavam conversando como velhos amigos. Abandonadas, as senhoras se arrastavam lá atrás.

— Ele vai cansar o garoto — preocupou-se tia Marthe.

— Parecem tão contentes! — observou Amal. — Meu amigo não tem muitas oportunidades de encontrar adolescentes …

— Por falar nisso — atalhou tia Marthe, — ou você me diz o nome desse original, ou não dou mais um passo.

— Eu não disse? — espantou-se a egípcia. — Chama-se Jean-Baptiste Laplace. É viúvo.

— Perfeito — respondeu tia Marthe, sem pensar no que falava, voltando a andar. — Onde eles foram parar?

— Não podemos chegar depois deles no lago sagrado — sussurrou a egípcia. — Tem alguém lá nos esperando.

Quando as duas senhoras os encontraram no lago sagrado, Théo e o sr. Laplace parlamentavam com uma estranha velha de vestido verde, sentada diante do imenso escaravelho de pedra. Amal precipitou-se.

— *Salaam aleikhum, sheikha* — saudou levando a mão à testa. — Desculpe nosso atraso. Este é o Théo, de quem lhe falei.

— *Aleikhum salaam* — balbuciou a velha com um leve sorriso. — Estou vendo o menino, de fato. É o momento adequado?

E, sem aguardar a resposta, apontou o indicador na direção de um pequeno escaravelho oculto debaixo do grande. Théo inclinou-se e descobriu um papel debaixo do animal-fetiche. Uma mensagem enrolada em torno de uma estatueta de louça azul, redigida em hieróglifos.

— Minha mensagem! — exclamou ele, sentando-se no chão. — Agora preciso decifrá-la. Não quer me ajudar, senhor Jean-Baptiste?

Achando graça, o arqueólogo não se fez de rogado e sentou ao lado dele. Enquanto trabalhavam na decifração, a velha de vestido verde chamou Amal à parte.

— Venha aqui, filha — disse-lhe gravemente. — Esse garoto está muito doente. Você não me fez vir aqui só para entregar a ele uma mensagem cifrada, não é? Se me fez vir, foi para curá-lo!

— Sim, sheikha — respondeu humildemente Amal. — Sei que pode.

— Com a ajuda de Alá! — suspirou a velha. — Vou tentar. Mas vai ser preciso pagar os músicos, e é muito dinheiro, você sabe. Depois, ele não tem noção dessas coisas … com nossa gente, tenho certeza do resultado. Mas com esse menino estrangeiro …

— Quem não arrisca, não petisca — murmurou Amal. — E, de qualquer modo, já o deram por desenganado.

— É que os médicos da terra dele são impotentes — replicou a velha. — Nesse caso … Esta noite, perto da minha casa. Às sete.

E desapareceu atrás de um pilar. De longe, tia Marthe tinha acompanhado a conversa com curiosidade. Amal não quis lhe dizer nada e pediu-lhe que confiasse nela. Ia tentar um tratamento típico do Egito, que dava resultados maravilhosos nos bairros pobres do país. Claro, era estranho, um pouco violento até. Mas como não tinham outros meios para curar Théo …

— Entendo — suspirou tia Marthe. — Para dizer a verdade, não me oponho a essas práticas de cura. Imagino que sejam unguentos, massagens, não?

Amal se recusou a responder.

— Olhe aqui — insistiu Marthe, — não vá perturbar o menino. Porque, se se trata de magia …

— Fique quieta — cortou a egípcia. — Ele está voltando.

Ísis, Amon, Aton

— Acabei! — gritou Théo. — A mensagem em francês é a seguinte: *Eu voei até as sete colinas*. Só que não entendo nada.

— As sete colinas, rapaz, ora, ora — disse o arqueólogo. — Não é tão complicado. As sete colinas são as de …

— Quer fazer o favor de ficar quieto! — explodiu tia Marthe. — Théo tem que descobrir sozinho … desde que preste bem atenção na maneira como encontrou a mensagem!

— Debaixo do escaravelho — refletiu Théo — E … A estatueta de louça! Eu a deixei lá!

Depois de ter corrido a toda de pilar em pilar, Théo berrou de longe: "É Ísis!". Com um imenso adorno de três penas na cabeça e trazendo nos braços o menino Horus, a minúscula Ísis de faiança azul exibia um sorriso enigmático. Aquilo não ajudou Théo nem um pouco. Para que cidade com sete colinas tinha voado a deusa egípcia? Mistério.

— Me ajude, por favor — suplicou Théo agarrando-se ao velho arqueólogo.

— Não tenho o direito! — exclamou o digno sr. Laplace. — Tudo o que posso dizer é que Ísis teve um culto nessa cidade cujo nome você procura. Só que a deusa tinha se apoderado de toda a Europa, nessa época …

— Será que ela não foi na bagagem de Cleópatra, hein? — sugeriu Théo.

— Bom … — começou o arqueólogo meio sem jeito. — Não está errado, mas …

— Então a cidade é Roma — resolveu Théo. — Cleópatra foi até lá para encontrar o namorado, César. E até levava no colo o filho, Cesário. Disso tenho certeza!

Tinha encontrado. Sozinho. Depois de felicitá-lo, o sr. Laplace arrastou-o numa longa discussão sobre os méritos comparados dos deuses do Egito, porque não se devia esquecer que a família de Osíris com sua mulher Ísis e o filho Horus só havia sido reconhecida tardiamente, ao passo que o grande deus Amon, senhor dos templos de Karnak, era muito mais antigo e muito mais importante do que Osíris. Aliás, quando o faraó Amenófis IV decidiu adorar unicamente o deus Sol em vez do velho Amon, o Egito passou por uma verdadeira revolução.

— Deixe o garoto em paz … — interveio Amal. — Você vai cansá-lo.

— Eu? — protestou Théo. — Que nada! Quero saber tudo sobre Amenófis IV!

Na verdade, aquela ave estranha era mais conhecida pelo nome de Akhenaton. Théo se lembrava vagamente: Akhenaton era marido de Nefertíti, um faraó com rosto longo, gordurinhas na barriga e mãos intermináveis. Nos baixos-relevos, havia moças bonitas, de queixo alongado, exatamente como Fatou.

— Sim — balbuciou o velho senhor, — é o estilo chamado amarniano, porque tinham decidido construir uma nova capital longe daqui, em Tell el-Amarna. Muita gente disse que se tratava da primeira arte realista e que Akhenaton não queria dissimular nenhuma das suas imperfeições. É exagero.

E o deus Sol chamava-se Aton. Sempre pronta a dar seu palpite, tia Marthe ressaltou que Akhenaton tinha, principalmente, inventado o monoteísmo muito antes dos hebreus, dos cristãos e dos muçulmanos. Tinha varrido de uma só vez os incontáveis deuses do Egito em benefício do deus Sol, fonte de todas as coisas.

— É verdade — resmungou o velho arqueólogo. — Mas o Sol já ocupava uma posição importante na mitologia original. A criação do mundo depende dele, porque o Sol, nascido de um ovo cuja casca ele fura, atravessa o dia em seu carro e desaparece na noite, antes de ser chamado de volta pelas preces dos humanos. Amon, deus de Karnak, também representa o Sol.

— Nesse caso — constatou Théo, — onde está a revolução?

— Boa pergunta — respondeu o sr. Laplace. — É que o nome de Aton não remete a uma figura com corpo humano: Aton é o astro solar na forma de um disco redondo. E, assim, impor aos egípcios a adoração de uma imagem tão pouco humana se tornava uma iniciativa tirânica … Portanto, para os súditos de Akhenaton, insisto, uma verdadeira revolução!

— Então, se era uma revolução, é que havia injustiça no Egito, não é? Senão, por que Akhenaton teria tido essa ideia, hein?

— Talvez — admitiu o arqueólogo, reticente. — É verdade que os sacerdotes do deus Amon eram imensamente ricos e não se pode excluir que tenham explorado o povo egípcio, se bem que vocabulário seja um tanto anacrônico … Admitamos. Em compensação, rapaz, não é verdade que Akhenaton tenha inventado o monoteísmo, porque o monoteísmo nunca esteve ausente do pensamento egípcio. Não, a novidade que ele trouxe foi a adoração de uma abstração. Quanto ao mais, exagera-se muito …

— Afinal de contas — protestou tia Marthe, — Akhenaton era um revolucionário inspirado! Deve-se a ele uma ruptura radical com os velhos sistemas, uma nova arte … Senão, por que teria sido banido depois de morto? Depois da sua queda, Akhenaton foi amaldiçoado pelos sacerdotes, seu culto foi proibido, sua capital destruída e sua múmia destroçada!

— É verdade — aprovou o sr. Laplace. — Ele é com certeza o único faraó cuja alma sofre no Inferno. Cá entre nós, ele fez por merecer …

— Não acredito! — exclamou tia Marthe. — O senhor tem raiva dele! O que foi que ele lhe fez?

— Era um mau faraó — balbuciou o arqueólogo. — Em seu reinado, o império ia por água abaixo … Ele rebentava toda administração, perturbava os espíritos, era a anarquia! E, além do mais, ele está muito na moda hoje em dia. Exaltam-no, elogiam-no, mas enquanto isso esquecem a humilde grandeza da religião cotidiana! Um revolucionário no Egito Antigo, ora vamos …

Irritadíssima, tia Marthe observou que o inventor da psicanálise, Sigmund Freud em pessoa, tinha elaborado no século XX uma interessante hipótese ligada ao faraó Akhenaton e a seu discípulo principal, Moisés. Sim,

o grande Moisés, salvador dos hebreus, não seria judeu de nascimento, mas egípcio!

— Claro — concordou Théo. — Se foi adotado pela filha do faraó …

Mas em vez de fazer Moisés nascer no seio de uma pobre família de escravos, Freud tinha deduzido que o grande herói do povo judeu era de fato egípcio de nascimento, e de família nobre. Havia se tornado depois dignitário do governo de Akhenaton, cuja herança espiritual tinha desejado preservar depois da morte do faraó maldito.

— Às escondidas, então? — perguntou Théo. — Interessante, isso. Não me diga que ele se serviu dos judeus para se safar!

Exatamente. E como os egípcios não queriam mais saber do deus Sol, esse Moisés, discípulo de Akhenaton, tinha se integrado ao povo judeu, que também se recusava a adorar as múltiplas divindades egípcias com cabeça de animais, como o faraó maldito. Moisés tornou-se o guia do povo perseguido e foi assim que, traindo o Egito em nome do Deus único, teria decidido fugir com eles …

— Bobagem — retorquiu o ancião. — Nunca acharam nada consistente nesse sentido.

— Devo lhe dizer que, depois de Freud, um erudito israelense demonstrou essa tese não faz dez anos! — lançou tia Marthe.

— Palermas — resmungou o velho. — Não são egiptólogos! Aí estão as besteiras engendradas pela lenda de Akhenaton!

— Em todo caso, ele escreveu magníficos hinos a seu deus … — murmurou a egípcia, que até então não tinha dito nada.

Dessa vez o velhote se calou. Ninguém podia contestar a força lírica dos hinos de Akhenaton.

— O que entendi disso tudo — concluiu Théo, fotografando a cara decomposta do arqueólogo, — é que você não gosta dos revolucionários.

Porque você está velho demais …

Furioso, o arqueólogo decretou que ia deixá-los voltar sozinhos para o hotel.

— E quando vamos voltar a nos ver? — gritou-lhe tia Marthe enquanto ele se afastava a passos largos.

— Veremos! — proferiu ele.

— Embarcamos amanhã de manhã para um cruzeiro no Nilo! Às dez da manhã, no embarcadouro! — ela gritou, formando um megafone com as mãos. — Venha se despedir da gente …

Parece que se zangou — comentou Théo. — Acho que exagerei.

A dança de Théo

Dedicaram a tarde a um passeio de barco pelo Nilo. Encostado no bordo da falua, Théo observava as mãos do falueiro manobrando as imensas velas brancas com habilidade. Por volta das cinco horas, quando o sol começava a ir ao encontro da noite, voltaram. Às seis, partiram com destino desconhecido. No subúrbio de Luxor pararam diante de uma grande tenda bordada com círculos brancos e triângulos carmesim. Envolta num longo véu, a misteriosa mulher de vestido verde esperava as visitas

— *Salaam* — disse ela, levando a mão à testa. — Bem-vindo, filho. Esta cerimônia é sua.

— Bárbaro — fez Théo. — Vai ter música?

— Muita — confirmou a mulher. — E dança também. Mas você também vai dançar, noivinha …

— Ei, não sou uma menina! — protestou Théo.

— Menina ou menino, aqui não conta — retorquiu a sheikha levando-o consigo. — Você está doente, você é a noiva. Para nossas danças, é

obrigatório.

— Vou precisar aprender rápido — murmurou Théo. — Não sei dançar.

Debaixo da tenda, uma dezena de homens deitados em almofadas fumavam seu narguilé, enquanto um pequeno grupo de mulheres sentadas em torno de um braseiro aqueciam diante das chamas a pele esticada dos tamborins. A velha que Amal chamava de sheikha mandou os três convidados tirarem os sapatos. Depois podiam instalar-se no chão. Em seguida ela se pôs a tocar um grande tambor, enquanto cantava acompanhada pelos músicos. Quando os címbalos e os tamborins começaram, a sheikha pegou Théo pelo braço e instalou-o de pé no centro da tenda.

Entregue-se — cochichou em seu ouvido. — E não tenha medo.

Intrigado, Théo viu-a pegar uma tigela de barro cheio de brasas onde jogou grãos de incenso recitando uma prece. Passou a tigela sob as pernas de Théo, depois passeou-a sob as axilas e as mãos. Um calor deliciosamente perfumado o invadiu. Uma mulher que não parecia estar bem levantou-se penosamente e pôs-se a dançar a seu lado, num lento turbilhão … Théo teve dificuldade para manter os olhos abertos. De repente, o pescoço da mulher pôs-se a virar da frente para trás com violência, e a sheikha jogou sobre a cabeça dela um longo e imaculado xale. Num instante, para surpresa do rapaz, a dançarina foi abaixo com os olhos revirados.

— O que é que ela tem? — gritou o garoto.

— Psiu … — fez a sheikha. — Ela não está mais doente, olhe só para ela. Agora está sorrindo. Seu primo do mundo subterrâneo veio visitá-la para cura-la. Agora é sua vez, menino. Faça seu primo se manifestar! Dance!

Em pânico, Théo mexeu-se como pôde, guiado pelas mãos peritas da sheikha, que lhe dobravam os ombros para faze-los ondular. Depois parou, esgotado.

— Seu primo não quer sair! As pernas da noiva precisam de sangue — disse a sheikha. — Levantem o galo!

Agarrada à força, a ave batia as asas assustada. Théo esboçou um movimento de recuo, mas a sheikha o segurava firme. Quando o mais velho dos homens reunidos na tenda cortou o pescoço do animal, Théo fechou os olhos … uma mão lhe passou um líquido quente e pegajoso na testa, nas mãos e no peito dos pés … "O sangue do galo!", pensou Théo aterrorizado.

Bruscamente, sentiu-se aspirado pelo vazio e caiu.

— Desmaiou! — berrou tia Marthe. — Parem com isso!

— Não — interveio Amal contendo-a. — É necessário. Seu primo invisível chegou. Acalme-se …

Com mil precauções, a sheikha pegou Théo nos braços e estendeu-o nas almofadas. Théo apresentava uma palidez extrema, com grandes olheiras roxas, a testa manchada de sangue. Tia Marthe estava morrendo de medo.

— Que loucura — murmurou. — Vão matar o garoto!

— Que nada — suspirou a egípcia.

Nem um pouco inquieta, a sheikha massageava Théo, que não tinha voltado a si. Depois aspergiu-o com água de rosas e o fez respirar incenso. Em torno deles, os músicos batiam na pele surda dos tambores, cujo toque pesado tremia cada vez mais forte. Com o coração apertado, tia Marthe espreitava o despertar de Théo.

Quando enfim ele abriu de novo os olhos, um rapazola da sua idade rodopiava com graça no centro da tenda e sua saia pesada borboleteava à maneira de um grande disco solar tremulando sob o efeito das nuvens. Théo endireitou-se e sorriu.

— Quer dançar com ele? — perguntou suavemente a sheikha ajudando-o a se levantar.

Dessa vez, Théo não demorou a encontrar o ritmo. De braços abertos, faces rosadas, ele girava, girava, sem esforço e sorria sempre, de olhos semicerrados, ar feliz. E era incrível vê-lo dançar levemente, como se a doença nunca o tivesse tocado … A cada rodopio, tia Marthe tremia de angústia. Onde é que Théo tinha achado essa nova energia?

De repente, a música parou. Théo ficou com os braços balançando, um pouco embriagado.

— O que foi que deu em mim? — falou esfregando os olhos. — Quer dizer que dancei? De verdade?

— Ótimo, menino — disse a sheikha. — Agora vá agradecer aos músicos. Vá!

Bandejas passaram de mão em mão, com copos de chá. Acocorado no meio dos músicos, Théo examinava os instrumentos abandonados. Parecia totalmente recuperado do seu mal-estar.

— Recobrou a cor — constatou tia Marthe, aliviada.

— Seu primo do mundo subterrâneo veio — murmurou a sheikha. — O resto está nas mãos de Alá.

— Será que já está curado? — perguntou tia Marthe.

— *Maalech!* — exclamou a sheikha. — Vocês, estrangeiros não creem nas forças invisíveis. Mas talvez a criança tenha encontrado seu caminho. Fizemos o melhor que pudemos.

— Aqui está para os músicos e para os dançarinos — apressou-se a dizer Amal, pegando a carteira. — Grata pelos seus benefícios, sheikha. Nunca esqueceremos.

Foi preciso arrastar Théo, que não queria mais ir embora.

Quando os três ficaram a sós no carro, ele fez um montão de perguntas. Para que servia o turbilhão, por que tinha desmaiado tão repentinamente? Por que a sheikha o tinha chamado de "noiva", se ele era um rapaz?

— Calma, Théo — disse Amal. — Cada coisa em sua vez. Você esteve no centro da cerimônia do Zâr. É um rito antiquíssimo, destinado a curar os doentes, purificando-os dos gênios maus, os djins.

— Ah! — exclamou Théo. — Tenho um gênio mau no corpo.

— Pois é — prosseguiu Amal com prudência, — porque se admitirmos a existência desses djins, que são a causa das doenças, podemos curar o corpo de uma maneira que não a de empregar remédios.

— Entendi — disse Théo. — Aquela senhora era meu médico de outro tipo.

A cerimônia do Zâr vinha do fundo dos tempos, sem dúvida do Egito Antigo, ou da Etiópia, quem sabe da África negra, não se sabia direito … depois o ritual do Zâr misturou-se com a religião muçulmana, que não admitia isso mas que fechava os olhos, porque o rito curava frequentemente. Era praticado nas favelas do Egito, onde os jovens desempregados tinham toda sorte de doença e não tinham dinheiro para consultar um médico.

— Que horror! — fez Théo. — E a dança?

O turbilhão servia para atordoar o espírito, de modo que o corpo deixava escapar seu mal sem perceber. O desmaio era obrigatório, senão o corpo não obedeceria à dança. A dança comandava tudo.

— Em certo sentido é melhor que o ecstasy — disse Théo. — Será que sangue de galo não é uma droga?

— Não, porque não era tomado. O sacrifício do galo era uma remota herança dos ritos da Antiguidade, da qual ainda havia numerosos exemplos pelo mundo afora. E, homens ou mulheres, os doentes recebiam o nome de "noiva", porque a cerimônia em questão ficava sob a autoridade das mulheres.

— Oh, não venha com essa! — fez Théo. — Os músicos são todos homens … Os músicos sem dúvida, mas a sheikha era mulher e era ela que

dirigia as operações. Quanto à palavra Zâr, significava ao mesmo tempo "visita", "espírito" e "ritual".

— Visita — murmurou Théo lacônico. — Isso eu vi.

Curiosamente Théo não fez nenhuma pergunta sobre seu primo do mundo subterrâneo.

— Diga a verdade, Théo, o que você sentiu? — perguntou tia Marthe.

— Medo! — respondeu o rapaz. — Quando vi as asas do galo, suas penas todas arrepiadas … aí fiquei com medo mesmo. Mas depois era como um berço, bem suave … Eu me senti bem à beça.

— E o primo? — indagou Amal com uma voz doce.

— Tinha alguém — murmurou Théo. — Mas era como se fosse eu. Um coração que batia bem ao meu lado. Que esquisito … paz. Até parecia um gêmeo.

Tia Marthe teve um sobressalto. Théo ignorava tudo das condições do seu nascimento e não sabia da existência de seu gêmeo natimorto. Tomara que Amal não ficasse curiosa demais …

— Você tem um irmão gêmeo, Théo? — perguntou precisamente a egípcia.

— Ora, Amal, não diga bobagens — cortou tia Marthe, nervosa. — Vamos ter que limpar esse sangue seco, Théo, você está com sangue no corpo todo.

No hotel, havia um recado para eles. O sr. Laplace tinha passado para leva-los ao espetáculo de som e luz, depois, como não chegassem, tinha ido embora. Théo decretou que, em matéria de som e luz, a cerimônia do Zâr não tinha nada a dever ao templo de Karnak iluminado.

No dia seguinte de manhã, tia Marthe e Théo embarcavam no *Tut-Ankh-Amon*, para um cruzeiro de cinco dias de Luxor a Assuã, de onde tomariam o avião de volta para a capital. Théo tinha dormido otimamente. Amal voltava para o Cairo, onde seus alunos a esperavam.

Dentro de uma semana, tia Marthe e Théo voltariam para a rua do Brasil. Naturalmente, o velho sr. Laplace tinha esquecido a hora de novo. Até o último minuto Théo esperou-o febrilmente.

— Que pena — disse por fim. — Dê um beijo nele por mim, Amal, e diga que eu estava brincando, sobre a idade dele … não é tão velho assim!

Amal os viu subir a bordo, Marthe com seu ridículo gorro de proveniência tibetana, Théo com o chapéu de palha comprado ao pé das pirâmides. Ninguém podia saber se a estranha cerimônia, que ela tomara a iniciativa de promover, daria resultado, mas com certeza mal não fez. O barco se afastava do cais quando apareceu o sr. Laplace, com os braços cobertos de flores, que tinha comprado no *suk*.

— Já se foram? — espantou-se. — Estou atrasado?

— Mais de uma hora — respondeu Amal. — Minha amiga Marthe deixou-lhe um abraço.

E o garoto? — perguntou vivamente o velho arqueólogo.

— Théo? Manda-lhe um beijo e lhe diz que, afinal de contas, o senhor não é tão velho assim …

— Um menino fora do comum — murmurou o velhote, emocionado. — Uma inteligência excepcional! Vai dar um bom egiptólogo, tenho certeza …

— *Inch'Allah* — ela suspirou.

— O que vou poder fazer com estas flores inúteis? — resmungou o velho, embaraçado. — Eu queria dar para eles, pelo Ano-Novo … oh! Tome, querida amiga, é para você.

E com um gesto desastrado, jogou o buquê nos braços da egípcia.

7

Sete colinas, uma pedra

Os crocodilos e as aves

Quando retornaram de seu cruzeiro no Nilo, Amal os esperava na plataforma da estação ferroviária, elegantíssima num vestido de seda preta e verde. Théo pulou energicamente no pescoço dela.

— Mas você está com uma cara ótima! — disse-lhe Amal. — Tomou bastante sol!

— Menos que minha tia — replicou Théo. — Ela e o banho de sol são unha e carne!

— Cale a boca, bicho de goiaba! — fez tia Marthe. — Para você é perfeito, mas para a pele das mulheres o banho de sol é muito nocivo. Enfim, acho que Théo está contente. Não está?

— Se estou! — exclamou o rapaz. — O réveillon no barco, então, estava bárbaro!

No carro que os levava para a rua do Brasil, Théo resolveu contar mais coisas. O templo mais bonito era o de Kom Ombo, por causa de um poço

cheio de múmias de crocodilos sagrados. Se ele tinha visto uma de suas deusas tão queridas? Tinha, sim, uma bela Sekhmet com cabeça de leoa, mãos comportadamente postas nos joelhos. E os faraós de Abu Simbel? "São grandes à beca!", disse Théo sem muita convicção. o que tinha preferido?

— As margens do Nilo — respondeu sem pestanejar. — As mulheres nos campos se pareciam com a princesa que recolheu o bebê Moisés. E aquelas aves brancas aninhadas nas moitas de papiro! Parece que não são ibis verdadeiros, mas não tem importância, a forma é a mesma, então …

Amal ficou satisfeita com as respostas de Théo, que, fora os crocodilos, não falava mais nem de múmias nem de barca solar. Ao chegar ao hotel, Théo isolou-se em seu quarto para telefonar a Fatou.

— Acho que ele está bem melhor — disse Amal. — Estou ansiosa para conhecer o resultado das próximas análises.

— Ai! — suspirou tia Marthe. — Ele está com uma cara bem melhor, mas se sentiu mal no barco.

— Ao sol? No convés?

— É … até sangrou do nariz.

— Dessa vez, foi uma insolação! O sol é muito forte no rio. Esse gênero de incidente é totalmente banal …

— Deus te ouça — disse tia Marthe.

O Egito em videogame

Fatou ia bem. A mãe ia bem, o pai também, a família estava como se não houvesse nada demais e Théo sentiu-se abandonado. Será que eles combinaram tudo para que ele não se preocupasse ou será que se desinteressaram dele? Afinal de contas, estava doente, ora! E se sarasse, será que o tratariam com a mesma atenção?

… E se não sarasse? Se o primo do mundo subterrâneo, cuja presença invisível ele percebera, o abandonasse? Se desaparecesse assim que partissem do Egito? Roma era bonita, mas em pleno inverno devia estar frio … Tia Marthe com certeza tinha alguma ideia, mas ele teria preferido ficar no Egito.

Para seu caderninho, o Egito era cômodo. Podia até fazer esboços. Théo tinha desenhado dez estátuas com cabeça de animal. Horus-abutre, Sekhmet-leoa, Bastet-gata, Anúbis-chacal, Seth-crocodilo, Thot-íbis. Acima dos deuses animalescos, colocou Ísis e Osíris com fisionomia humana, os pais. Bem lá em cima, desenhou um círculo com raios: o deus único, Akhenaton. Bastava acrescentar em torno do sol uma estrela de Davi e pronto. Era um bonito desenho. EGITO = ANIMAIS-HOMEM. AKHENATON = DEUS SOL, DONDE MOISÉS.

Faltava a morte. Théo esboçou a barca solar. Mas quando quis traçar a forma da múmia, sua mão caiu. "Não! Soprou uma voz em seu ouvido. Não faça isso, irmãozinho! Não desenhe a figura do morto!"

Surpreso, Théo se virou. Ninguém.

Um pingente em forma de olho

O dia seguinte era o das despedidas. Com lágrimas nos olhos, Amal não acabava de apertar Théo contra seu coração. Não devia deixa-la sem notícias, tinha de telefonar sempre, tinha de …

— *Maalech*! — disse-lhe Théo beijando-a. — Não se preocupe, Amal, a gente vai se ver de novo.

— Espere! — exclamou a egípcia, remexendo em sua bolsa. — Tenho uma coisa para você, Théo.

Era um pingente, um olho de pupila negra num minúsculo pedaço de louça muito azul. Amal insistiu em pendurá-lo no pescoço de Théo, que nunca, nunca, devia se separar dele. Já eram três colares no pescoço: o escorpião de contas e o pequeno Corão de Fatou, agora o olho de Amal.

— É um amuleto, você entende … bem … *Yaani*! Não sei como dizer …

— *Maalech!* — repetiu Théo. — Eu sei.

Passado o controle policial, só restava de Amal uma mão que lançava beijos. Théo percebeu que, a cada etapa, ia se separar de novos amigos que talvez não voltasse a ver.

— Escute, tia Marthe, o cara de Roma é legal? — perguntou.

— Dom Levi? É incrível, você vai ver — respondeu tia Marthe. — É cardeal da Cúria.

— Cardeal? Mais um padre? Você tem assinatura?

— Cale a boca, minhoquinha! — bradou tia Marthe. — Dom Levi é uma pessoa ótima, muito aberto, muito moderno …

— Em casa, ninguém gosta de padre — balbuciou Théo. Papai diz …

— Seu pai não sabe nada! — atalhou tia Marthe. — De tanto não querer te ensinar nada sobre as religiões, olhe só onde você foi parar.

Decididamente, com o cardeal e a chuva, Roma não seria uma festa. No avião, Théo ficou emburrado. Mergulhada na leitura das cotações da Bolsa, tia Marthe nem percebeu. Théo se consolou olhando pela janela: através de umas línguas de nuvens apareciam montes semelhantes a ratazanas e, nas vírgulas das ondas, minúsculos barcos traçavam linhas brancas no mar.

Quando o avião aterrissou no aeroporto de Fiumicino, um trovão ecoou na cabine: livres da angústia da barca voadora, os egípcios aplaudiam vigorosamente.

Pequeno, rechonchudo, d. Ottavio Levi recebeu as duas visitas com eficácia tagarela. Pulou no pescoço de tia Marthe, beijou Théo nas duas bochechas, fez mil perguntas sem esperar as respostas e afirmou que estava tudo perfeitamente organizado, hora a hora. Em dois tempos e três movimentos o cardeal turbilhonante tinha despachado tudo: malas no porta-malas, carro pronto, rumo Piazza di Spagna, Hotel Hassner. Enquanto a limusine eclesiástica rodava para a capital, d. Levi expunha o programa que tinha imaginado.

— Vamos começar pelas catacumbas, a fim de proceder na ordem cronológica, *bambino*. Os túmulos dos primeiros cristãos, as basílicas subterrâneas, duas horas, *basta così*. Depois o coração do mundo cristão: São Pedro de Roma, o baldaquim de Bernini, você vai ver, é uma beleza. Depois o Museu do Vaticano, e aí vão ser necessárias outras duas horas. Faltam São João de Latrão, depois mais umas igrejas in-dis-pen-sá-veis, não é, *bambíno*?

— Não me chame de *bambino* — rebateu Théo, — não tenho mais cinco anos.

— Engraçado este menino! — gargalhou o prelado. — Gostou da programação?

— Não sei — murmurou Théo reservado. — Gostaria de ver o Fórum e o Capitólio.

— Hum — fez o cardeal. — Isso não tem nada a ver com a cristandade, *bambino*!

— Mas antes de são Pedro havia os deuses de Roma, e não sou um *bambino* — resmungou Théo.

— Está bem. Quer dizer que você conhece os deuses romanos?

— Nem todos — respondeu Théo. — Conheço Júpiter, porque é o Zeus dos gregos, Juno, que é Hera, sua mulher, Diana, que é Ártemis, a virgem, Vênus, que é Afrodite, deusa do Amor, Mercúrio, que é Hermes, o mensageiro, e só. No meu livro de mitologia, também falam dos Lares, mas não entendi direito de que se trata.

— Entendo — murmurou pensativo o cardeal. — Você sabe muito, para a sua idade. Os Lares são as divindades protetoras do lar. Mas, sabe, a religião romana passou por várias etapas. No início, são pequenos deuses familiares depois, os grandes deuses gregos invadem a cidade e mais tarde, sob o Império, são os cultos asiáticos e os mistérios, todo um pandemônio.

— O que é um pandemônio?

— Uma festa de demônios, *bambino*! — exclamou d. Levi rindo. — Pena … posso lhe mostrar livros, mas de tudo isso você não verá mais que ruínas. Não sobra quase nada do culto da grande Ísis, nem do de Astarteia, a síria, nem do da deusa Cibele coroada de torres, nem, principalmente, o do deus dos trácios, Mitra, a quem sacrificavam touros vivos, cujo sangue jorrava nos fiéis agachados debaixo de um estrado.

— Que nojo!

— Você sabe que o cristianismo deve muito a ele? A adoração de Mitra era um verdadeiro culto de purificação, no qual o touro sacrificado garantia a salvação do mundo, como Jesus Cristo morrendo na cruz. No começo da religião cristã, as grandes deusas também nos ajudaram: Ísis porque ressuscita Osíris, Astarteia porque chora Adônis, seu amante, e o faz voltar à vida … Elas fizeram progredir a ideia de ressurreição, da qual Jesus é o remate.

— Estranho que você não diga nada sobre o rito preciso da deusa Astarteia — interveio tia Marthe.

— Oh! E é necessário? — protestou o cardeal intimidado.

— Nada de censura — respondeu ela piscando o olho na direção de Théo. — Por que privar meu sobrinho de tão bela história? O lindo Adônis havia sido morto por um javali furioso que o tinha mutilado. Então, em lembrança dessa morte horrível, os sacerdotes cortavam um pinheiro, que levavam em procissão lamuriando-se pelas ruas. Depois, em homenagem ao amante de Astarteia, drogados pela música e pelo transe, os sacerdotes se castravam voluntariamente, Théo.

— Eles se castravam? — exclamou o rapaz horrorizado. — Como os gatos e os cachorros? Quer dizer que cortavam as bolas?

— Exatamente — riu d. Levi. — Pelo menos o cristianismo evitou essas barbaridades pagãs. Com suas roupas multicoloridas, seus tambores e seus sistros de metal, as procissões das grandes deusas excitavam a imaginação, mas os ritos muitas vezes eram sangrentos e as mutilações, frequentes. Os velhos romanos detestavam esses maus modos, que achavam francamente vulgares. O cristianismo é mais simples e mais humano. Nós nos contentamos de sacrificar o pão, isto é, o corpo de Cristo, e o vinho, isto é, seu sangue. E os dividimos numa mesma refeição.

— Somente o pão — observou Théo. — O vinho é o padre bebe como quem não quer nada, já vi uma vez na missa.

D. Levi pôs-se a roer as unhas. O *bambino* da sua amiga Marthe era osso duro de roer. Por sorte, estavam chegando ao hotel. Instalaram Théo num quarto de cortinas vermelhas, cerraram as persianas para que ele pudesse descansar. A porta do quarto que dava para o de tia Marthe não fechava direito … E a discussão corria solta do outro lado.

— Mas esse menino sabe muito para sua idade! — cochichava d. Levi. — Com os exames, a clínica, as radiografias … não vejo como vamos poder visitar o Fórum. E o encontro, pensou no encontro? — perguntou de repente

com uma voz forte. — É depois de amanhã! Nunca teremos tempo! E quando eles chegarem, ele não vai ter mais cabeça para nada!

Psiu … — fez tia Marthe. — Ele vai ouvir …

"Eles?" Um encontro? O coração de Théo pôs-se a bater. Quem seriam? Seus amigos? Uma surpresa? Se pelo menos fizesse um dia bonito! Um pouco de sol para um *bambino* desenganado, por favor, dona Ísis, dê-me um pouco de vida!

— … Garanto, Marthe — dizia ainda o cardeal. — Livre logo o menino dessa amolação. Aliás, já marquei hora na clínica, porque o tomógrafo precisa ser reservado com antecedência.

— Está bem — concluiu tia Marthe com um grande suspiro. — Então daqui a duas horas, com o carro.

Théo encolheu-se na cama. "Eles" eram os médicos, "eles" iam fazer outra coleta de sangue e sacrificá-lo às divindades médicas. De Roma, em seu primeiro dia, só ia ver uma enfermeira e alguns doutores.

As vestais e o culto do fogo

Como Théo era muito dócil, os exames foram rápidos. Ao sair da clínica, tia Marthe fez um desvio pelo bonito templo redondo de Vesta.

— Um dos raros que ficaram de pé — comentou ela. — Vesta era a deusa do Lar, e suas sacerdotisas, as vestais, tinham que permanecer virgens para guardar o fogo sagrado. O fogo é sempre muito importante. Porque, se ele se apaga, no mundo todo a vida fica ameaçada. Os índios da América do Sul contam que a onça deu aos primeiros homens seus olhos de fogo em troca de uma esposa humana. Na Pérsia, hoje chamada Irã, a religião era inteiramente consagrada ao deus do Fogo. E na Índia vivem as comunidades dos últimos representantes dessa religião, que de tão perseguidos pelo islã

emigraram para lá: são chamados "parsis", persas, porque vieram do Irã, ou zoroastrianos, em memória do profeta deles, Zoroastro, também chamado Zaratustra.

— Que nome esquisito — observou Théo. — Até parece personagem de história em quadrinhos.

— Zaratustra foi um grande profeta! Desde o século VI antes de Cristo, retirou-se para o deserto, teve visões e impôs sem maior problema a ideia de um deus único e bom, Ahura Masda, o que significa "o Senhor sábio". É por isso que a religião dos zoroastrianos também tem o nome de masdeísmo. Seu princípio é simples: dois exércitos se combatem, de branco o exército do Bem, de escuro o exército do Mal. Vestidos de linho branco, os combatentes do Bem devem se abster de sacrificar animais, principalmente o boi, de que Zoroastro se tornou protetor.

— O boi? Por quê?

— Porque se deve deixá-lo pastar em paz e utilizar o que ele dá aos humanos — respondeu tia Marthe. — Você vai ver a mesma coisa na Índia, com as vacas. Sem dúvida o respeito dos masdianos pela alma do boi é a razão pela qual eles fugiram para a Índia. Os parsis indianos, que veneram o fogo, são muito boa gente, muito corretos. Também são muito reservados. Por exemplo, para não sujar a terra, não enterram os mortos, e para não sujar o fogo, também não os queimam. Contentam-se com expô-los no topo de uma torre, e aí …

— Aí o quê?

— Os urubus os comem num instante — balbuciou tia Marthe. — Mas fora os próprios parsis, ninguém tem o direito de assistir a essa cerimônia.

— Não entendo por quê — disse Théo. — O enterro não é muito melhor. Apodrecer debaixo da terra, eu, hein! Pelo menos, no caso deles, as aves voam para o céu.

— Resumindo — atalhou tia Marthe, — o culto do fogo é um dos mais antigos do mundo. Conhece a história de Prometeu?

— O cara que teve o fígado devorado pela águia de Zeus?

— O castigo por ter roubado o fogo dos deuses. Onde há homem há fogo roubado das divindades. É por isso que as vestais guardavam tão preciosamente o fogo, e é por isso que elas permaneciam puras. Se uma delas tivesse um amante, era enterrada viva … um dia, uma vestal deixou-se amar pelo imperador em pessoa, mas quando a verdade foi descoberta, mesmo assim ela foi enterrada. Não se brincava com as vestais!

— Fazem isso também com as freiras? — perguntou Théo. — Elas também são solteiras.

— Não estamos mais nesse ponto, Théo! Mas você não está errado quando compara as vestais com as freiras. As vestais eram consagradas à deusa do Lar, do mesmo modo que as religiosas o são a seu esposo, Jesus.

— Mas por que as vestais não têm o direito de ter filhos? — questionou Théo.

— Diz-se que um filho toma todo o amor da mãe — murmurou tia Marthe. — Vestais, freiras, sacerdotisas sagradas, privando-as de filhos, pensa-se que elas distribuirão melhor o amor que teriam podido dar a eles. Enfim, não estou muito bem situada para falar de amor materno.

— É verdade, você não tem filhos — disse Théo compadecido. — E aquilo ao lado, o que é?

Não longe do templo de Vesta, esculpido numa pedra, um monstro de boca aberta fazia uma horrível careta. Tia Marthe explicou que, antigamente, aquela bocarra, chamada Boca da Verdade, servia de prova contra os criminosos. O acusado tinha de enfiar a mão nela e, se tivesse mentido, a mão ficava presa. A velha superstição dos romanos sobreviveu, e quem quisesse podia enfiar a mão naquele buraco negro, por sua conta e

risco. Théo adiantou um dedo, mas acabou decidindo que aquela boca aberta lhe dava uma fome danada.

— Boa doença! — exclamou tia Marthe.

Foram logo cuidar dela na primeira *trattoria* que viram, com toalhas de papel de quadrados vermelhos e brancos. Théo engoliu seu prato de espaguete com entusiasmo, e cuidou de torturar tia Marthe. Quem eram os "eles" misteriosos de que ela falara com o cardeal?

— Não me amole — resmungou ela. — Está sempre querendo saber tudo! Temos tempo de sobra!

— Não — sussurrou Théo. — Não é verdade. Eu não tenho tempo de sobra. Vá enfiar a mão na Boca da Verdade, sua mentirosa!

Tia Marthe virou a cabeça para dissimular as lágrimas que lhe subiam aos olhos.

Nas ruas, os romanos passeavam sob um céu preto e rosa. Não dava vontade de ir para a cama, seria tão bom prolongar a vida noturna, comprar um sorvete de morango e andar sem rumo, olhar os fachos de luz nos monumentos iluminados, mas não era permitido. Théo sonhou com sacerdotes de túnicas brancas respingadas de sangue, berrando em torno de um pinheiro cortado, cujas agulhas balançavam ao ritmo dos tambores. Coberta com um véu negro, a deusa Astarteia não tinha rosto, salvo o da morte, que despertou Théo. Na rua, ecoava um tantã africano perdido na escuridão.

Os primeiros cristãos

D. Ottavio reapareceu na manhã seguinte, batina ao vento.

— Então, está pronto para as catacumbas, *bambino*? Sabe do que se trata, pelo menos?

— São subterrâneos cavados debaixo da cidade — afirmou Théo. — Temos a mesma coisa em Paris.

— Só que em Roma são os cemitérios dos primeiros cristãos. É preciso sair da cidade, porque, na Antiguidade, seu perímetro era vedado aos mortos, que eram enterrados fora dela.

— Escutem aqui — protestou tia Marthe, — em matéria de cemitérios, já nos empanturramos deles no Egito. Em vez disso, vamos ver as basílicas subterrâneas!

Rodaram até perceber os ciprestes e os pinheiros da Via Ápia, onde a relva era rala e amarelada. Através do céu cinzento, um rasgo de sol pálido iluminava os mausoléus romanos. Não longe dali, brilhava o emblema em latim da *trattoria* Quo Vadis.

— Que nome esquisito — comentou Théo. — Quo Vadis?

— Ah! São as palavras que são Pedro pronunciou aqui mesmo, quando viu Jesus aparecer a ele na estrada — explicou o cardeal.

— Neste lugar?

— É o que se diz. Ele se prosternou diante do seu Senhor e lhe perguntou: "Quo vadis, domine?". Aonde vais, Senhor? E Jesus respondeu: "Vou a Roma, ser crucificado em teu lugar". Então o apóstolo deu meia-volta e rumou para a morte.

— O que quer dizer apóstolo?

— Chamamos assim os doze primeiros discípulos de Cristo, com exceção de Judas, que se vendeu aos romanos e foi substituído por Matias.

— O quê! Um deles traiu Jesus?

— Pois é, *bambino*. Dando-lhe um beijo. Era o sinal para os soldados romanos. "Aquele que eu beijar é ele, Jesus!", tinha dito. Vendido por um beijo, por dinheiro … depois, com remorso, Judas se enforcou. Quanto a

Pedro, não traiu, mas mentiu três vezes seguidas. Disse que não conhecia Jesus, na própria noite em que seu mestre tinha sido preso.

— E continuou apóstolo?

— O maior! Jesus conhecia a fraqueza do coração dos homens. Foi por esse motivo que escolheu um fraco para inspira-lo. Quando se sabe ameaçado de morte, o apóstolo Pedro começa por voltar atrás, mas se arrepende e resolve morrer como Cristo.

— Que coragem! — admirou Théo. — E as catacumbas, então?

— Os romanos cremavam seus defuntos em fogueiras, mas os cristãos acreditavam na ressurreição dos mortos na forma de corpo glorioso. Então os corpos têm de ficar intactos, e é por isso que são enterrados, para que ressuscitem tal como eram, melhores ainda.

— Como assim? — quis saber tia Marthe.

— Radiantes, luminosos, transparentes …

— Com asas? — perguntou Théo.

— Quem sabe? — respondeu o cardeal. — Em todo caso, antes dos cristãos, os judeus tinham suas catacumbas em Roma.

— Quer dizer que também havia judeus em Roma? — espantou-se o rapaz.

— E eram muitos, *bambino!* Foram perseguidos por vários imperadores, Tibério, Nero … muitos estrangeiros vieram para Roma, cada qual com sua religião. Como tinham vindo do Oriente Médio, os judeus pertenciam à vasta categoria das seitas asiáticas que pouco a pouco corroíam a religião romana.

— A Ásia é a China e o Japão — afirmou Théo. — Os romanos estavam enganados.

— Não, *bambino*! Porque eles nem sabiam da existência desses países. Para eles, a Turquia de hoje, a Síria, o Egito, o Iraque e a Palestina estavam

situados na Ásia, e as religiões asiáticas lhes pareciam superstições ruins. Mas esses cultos estrangeiros agradavam muito … Os imperadores defenderam por muito tempo a antiga religião romana, depois, quando se viram submersos pela difusão dessas seitas orientais, esforçaram-se por assimilar as novas religiões aceitando ser eles próprios divinizados. Ou então se casar com as grandes deusas vindas de fora.

— A coisa até que funcionava bem — observou tia Marthe. — E, além do mais, era cômodo.

— Salvo para o cristianismo que não admitia a divinização de um homem, já que o único homem-deus é Jesus. Os imperadores começaram então a perseguir os cristãos. Até o momento em que o cristianismo se tornou tão difundido que, no século IV, o imperador Constantino declarou-o religião oficial. Ah, chegamos!

Desceram por degraus estreitos e viram, ao longo das paredes, cavidades umas acima das outras com inscrições em latim, que d. Levi ia decifrando — "Vivas in Deo", possas viver em Deus, — ou símbolos que ele explicava: "Aqui é uma âncora, símbolo da boa chegada no porto do paraíso, e ali, um jarro cheio d'água, para aliviar os que passaram pela provação". Théo estremeceu. A provação da morte … será que ia passar por ela em breve? Beber água para não se sentir mal era pouca coisa … NÃO PENSAR MAIS NISSO.

Por uma vasta escada, chegaram a uma cripta sustentada por duas colunas brancas. D. Levi avançou até uma grande placa de mármore, onde estavam gravados uns nomes.

— A cripta dos papas — sussurrou. — Nove pontífices estão enterrados aqui, e quase todos são mártires. Olhe este grafite gravado por um peregrino. Significa em latim: "Jerusalém, cidade e ornamento dos mártires".

— De novo Jerusalém! — exclamou Théo. — Uma em Jerusalém, outra em Lalibela, na terra dos etíopes, e esta aqui, fazem três Jerusaléns! Quer dizer que as catacumbas são a Jerusalém dos cristãos?

— Jerusalém não é só uma cidade, *bambino*, é uma ideia. Jerusalém é a reunião dos fiéis, judeus ou cristãos. Foi preciso muito tempo para separar o judaísmo do cristianismo: mesma proveniência, mesma população, mesma origem … Os judeus e os cristãos têm em comum a Bíblia e Jerusalém.

— Você está exagerando! — insurgiu-se tia Marthe. — Quem, além dos cristãos, perseguiu os judeus através dos séculos? E a Inquisição?

— E o papa do nazismo, o senhor se esqueceu dele? — reforçou Théo, ácido. — Papai me disse que, durante a guerra, ele não mexeu um dedinho para salvar os judeus.

— É um juízo excessivo — respondeu o prelado, embaraçado. — Os padres alemães foram admiráveis.

— Mas e os papas — replicou tia Marthe, — os papas! Quanto aos que estão enterrados debaixo desta lápide, tudo bem, mas depois destes não foram nada irrepreensíveis! Quando penso no dogma da infalibilidade pontifical! Porque, escute essa, Théo, o papa é infalível, nunca comete erro em questões religiosas!

— Minha cara amiga, você está influenciando este rapaz — cortou d. Levi, furioso. — Aliás, você me disse que ele não tinha nenhuma educação religiosa, então você mentiu para mim, Marthe. Ele tem, sim, uma educação anticlerical!

— Você me conhece suficientemente bem para saber que compartilho essas posições — rebateu vivamente tia Marthe. — Originalmente, as religiões são admiráveis, mas quando se organizam em hierarquias, aparecem os cleros que são, todos, intolerantes.

— Isso é verdade — concordou Théo. — Que culpa, tenho eu de não gostar de padre?

— Théo! — gritou tia Marthe. — Não seja grosseiro!

— Não posso mais falar? — murmurou ele. — Bom, então me desculpe, padre.

— É "senhor cardeal" que se diz!

— Ora, deixe o menino em paz! — irritou-se d. Levi. — Como é que ele vai saber como se comportar? Você é a primeira a criticar a Igreja e obriga-o a me chamar pelo meu título! Não dá para entender!

— Isso mesmo — apoiou Théo. — Agora me explique esse negócio de papa que não se engana.

— Vou explicar. O papa é a referência de todos os católicos é infalível, mas somente quando se exprime solenemente em nome de Deus na terra sobre temas relativos à Igreja. É preciso alguém para arbitrar sobre a verdade, afinal! Para nós é o Santo Padre, o papa. Fora isso, ele não passa de um homem como os outros. Ora justamente, a propósito do antissemitismo e da Inquisição, João Paulo II, papa do século XX, pôs fim à antiga querela com o povo judeu.

— Então os outros papas antes dele tinham se enganado — disse Théo.

— Pode-se pensar assim, de fato — admitiu o prelado a contragosto. — A Igreja é composta de homens, e as mensagens divinas são prisioneiras da história humana, não discordo. Mas, enfim, acabou: os judeus não são mais chamados de "deicidas", assassinos de Deus, e nós voltamos a pontos de vista mais conformes com as origens. Os judeus precederam os cristãos no bom caminho, e pronto. O dia em que o papa João Paulo II visitou solenemente a sinagoga de Roma foi um grande acontecimento para o mundo inteiro.

— Tubo bem — interveio tia Marthe. — Mas admita que, durante séculos, a Igreja foi antissemita.

— Digamos que, para obedecer à nossa vocação universal e converter aqueles a quem chamava pagãos, a Igreja nem sempre utilizou os meios corretos …

— É, queimando índios no Brasil para verificar se tinham alma …

— E, enquanto isso, os índios afogavam seus invasores pela mesma razão — retorquiu o cardeal. — Tudo isso é coisa velha, querida amiga.

— PAREM! — gritou Théo. — Não dá mais para respirar aqui! Estou sentindo falta de ar!

Tia Marthe e o cardeal se apressaram a subir para o ar livre. Théo sentou no chão e se interessou pelas evoluções de uma cabra ocupada em arrancar algumas folhas de capim. Uma desgarrada, como ele.

Línguas de fogo e línguas dos homens

— Respirando um pouco, Théo? — perguntou tia Marthe como quem não quer nada. — Sabe, Ottavio e eu implicamos o tempo todo um com o outro …

— È vero — concordou o prelado. — As discussões consolidam a amizade. Não fique bravo!

— Vocês dois me torram! — gritou Théo. — Essas histórias já são complicadas e vocês complicam ainda mais …

Embaraçada, Tia Marthe sentou ao lado dele, enquanto o cardeal armado de um lenço, espanava uma pedra para não sujar a púrpura de seu hábito. Fez-se silêncio.

— Bom — retomou Théo. — Os judeus e os índios vocês perseguiram sem querer. Mas tem uma coisa que não compreendo: por que querem convertê-los a qualquer preço?

— Já lhe disse, *bambino*: porque a Igreja é universal, o que significa que ela vale para o mundo inteiro. Você conhece a palavra *católico*, mas sabe o que significa em grego? Universal, precisamente! Você ouviu falar de Pentecostes, é claro.

— Pentecostes? — fez Théo. — Um feriado do mês de maio.

— Bondade divina — suspirou d. Levi. — Esse menino não sabe mesmo nada. E é uma bela história … Depois da ressurreição, Jesus foi levado para o céu. Cinquenta dias mais tarde, os discípulos estavam reunidos numa sala bem fechada, quando uma trovoada ecoou no céu. Um vento de uma força incrível entrou pela casa adentro e línguas de fogo vieram se colocar acima da cabeça de cada um dos doze apóstolos.

— Agora me lembro, é aquela história do pombo — murmurou Théo.

— O Espírito Santo, um pombo! — indignou-se o cardeal. — Uma pomba, tudo bem, mas um pombo …

— Não fui eu, foi tia Marthe.

— Ah, é? — fez o cardeal, desconcertado. — Bem. Ora, era dia de festa em Jerusalém e os fiéis tinham vindo de toda parte. Havia egípcios, cretenses, árabes, romanos, assírios … Quando ouviram aquele barulho misterioso, aproximaram-se com curiosidade … então os apóstolos saíram da casa e se dirigiram a cada um na língua destes. Era um grande milagre ouvi-los falando línguas de que alguns minutos antes eles não tinham a menor ideia!

— Está brincando — disse Théo. — Eles aprenderam assim repente?

— As línguas de fogo tinham lhes inspirado o dom das línguas, *bambino*. Pensaram que eles tinham bebido demais, mas Pedro observou que eram apenas nove horas da manhã, cedo demais para a embriaguez. Não estavam bêbados, não: tinha recebido a revelação da vocação universal da Nova

Aliança. A partir daquele momento, foram capazes de pregar em todas as línguas da terra. É por esse motivo que Pentecostes é a festa do universal.

— Esse fenômeno não é único — observou tia Marthe. — Tem até um nome científico, glossolalia. De vez em quando aparecem nos hospitais psiquiátricos doentes que sofrem do mesmo sintoma, e quando vocês, prelados, torturavam as bruxas no século XVII, na Europa, elas também desatavam a falar línguas desconhecidas.

— Pode ser, mas a coisa permanece inexplicável para o espírito. E enquanto não houver explicação científica, vocês não vão me impedir de pensar que se trata de uma inspiração divina. Volta-se a isso em nossos tempos. O movimento cristão chamado Renovação Carismática reata hoje com essa velha tradição dos primeiros tempos: durante suas reuniões, não é raro que um ou outro comece a falar em outras línguas … não é um sinal da universalidade da Igreja cristã?

— Esse troço, a glossilila, me interessou — disse Théo. — Eu tenho tanta dificuldade para aprender o alemão!

— Glossolalia, Théo — corrigiu tia Marthe. — Não espere tirar proveito dela tão facilmente assim!

— E por que não? — interveio d. Ottavio. — Cristo não disse: "Deixai vir a mim as criancinhas"?

— Que chato! — reclamou Théo. — Azar! Não vou poder fala hebraico, mas sei a língua do pé. Conhece, se carpê-depê-alpê'?

— Quem sou eu! — sorriu o cardeal. — Não passo de um pobre prelado da Cúria romana, um funcionário da Igreja. Mal sei o bastante para lhe explicar o sentido universal de Pentecostes. Aliás, quando o papa João Paulo II viaja, ele costuma beijar o chão da terra em que pisa assim que sai do avião: é sua maneira de mostrar que a terra é abençoada em qualquer lugar.

— Eu vi na tevê — falou Théo. — Das últimas vezes, ele nem podia se abaixar, coitado.

— Mas continuou a viajar, apesar de ter sido gravemente ferido num atentado. Você com certeza se lembra do papamóvel com seus vidros à prova de balas. João Paulo II correu o mundo, porque o cristianismo não comporta nenhum exclusivismo: todo mundo pode se tornar cristão. Existem religiões fechadas: quem não nasce nela, dificilmente entrará. Existem religiões abertas a todos: é o caso do cristianismo. Todo mundo pode se converter a ele, por isso somos universais.

O prelado ajustou a batina. Sua demonstração tinha sido perfeita e o garoto parecia impressionado. Até que enfim!

Mártires e conquistadores

— Todo mundo pode, se quiser, mas por que forçar? — falou de repente Théo erguendo as sobrancelhas.

— Mais uma! — exclamou o cardeal. — Você não para nunca de perguntar, *bambino* … é uma longa história. Devo contar esta também, querida amiga?

— Conte, dom Ottavio — disse tia Marthe. — Estou curiosa para saber sua resposta.

— Bem — resignou-se d. Levi. — No começo, os cristãos convertiam pelo exemplo. Quando as outras religiões tinham cultos misteriosos a que só os ricos tinham acesso, o cristianismo estava aberto aos mais deserdados, os escravos. Um homem era um homem, e ponto. Era convincente. Depois os cristãos mostraram tamanha coragem diante dos sofrimentos das perseguições que se tomaram mártires, e cada mártir trazia novas conversões. Porque o sentido da palavra *mártir* em grego é "testemunha": na

verdade, o mártir dá testemunho da sua fé. Portanto esse novo Deus era muito poderoso para dar tanta força a seus fiéis … Os primeiros cristãos buscavam o martírio, às vezes tinham vergonha de morrer na cama!

— Eu prefiro minha cama aos leões famintos — murmurou Théo.

— Eu também — admitiu o cardeal. — É humano. Mas a Igreja repousa em seus primeiros mártires, os semeadores de grãos. Eles se tornaram os santos do calendário.

— E as pessoas disputavam suas relíquias — acrescentou tia Marthe. — Pedaços de pano, fragmentos de ossos, dentes amarelados, tudo servia para a devoção. Não me diga que não é uma forma de paganismo disfarçado, dom Ottavio!

— Um pouco — concedeu o cardeal. — Mas o verdadeiro sentido do martírio não está aí. Olhem o maior de nossos mártires, são Pedro: ele resolveu se deixar crucificar de cabeça para baixo, afim de evitar repetir o sacrifício de seu mestre.

— E por isso que é o maior dos santos?

— Não só por isso. Quando encontrou Cristo pela primeira vez, este trocou seu nome, que era Simão, dizendo-lhe: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei minha Igreja". Foi o que aconteceu: a maior basílica cristã foi construída sobre o túmulo de Pedro, no Vaticano. No entanto, Simão Pedro era covarde: quando Cristo foi detido no monte das Oliveiras, ele fugiu …

— Falso, medroso … — interrompeu Théo. — Que santo!

— Espere, *bambino* … O verdadeiro sentido do martírio é que um pobre ser humano pode sofrer e morrer em nome do Deus vivo. Era necessário um sujeito como Pedro para edificar a Igreja universal: alguém que fosse capaz de representar os outros, com seus defeitos. É por isso que, quando lhe

apareceu ressuscitado no lago Tiberíades, Jesus lhe disse: "Paste minhas ovelhas".

— Para não morrer de fome — concluiu Théo.

— Não, *bambino*, não é "coma minhas ovelhas", mas "leve minhas ovelhas para pastar". Alimente-as. "Paste", imperativo do verbo "pastar", levar ao pasto.

— Como em "vá pastar" — disse Théo. — Jesus estava mandando os apóstolos plantar batatas.

— A língua de vocês é decididamente impossível — suspirou o cardeal. — Digamos que Pedro se tornava o pastor-chefe dos cristãos.

— Que são uns carneirinhos — insistiu Théo.

— Animais indefesos! — irritou-se d. Levi. — Se você continuar, Théo, vou me zangar!

— Vejam só, o senhor me chamou pelo nome — constatou o rapaz. — Que progresso …

— Veja lá, *bambino*! Fique sabendo que não tenho a paciência de Pedro! Ele é o Príncipe dos apóstolos, "Princeps", o primeiro dentre eles. Graças a ele, Roma mudou de sentido. A Roma dos romanos tinha sido a "cidade das sete colinas" e agora era a primeira pedra da Igreja.

— Por que Roma, por que não Veneza ou Tombuctu? — largou Théo. — Puro acaso?

— Os papas nem sempre viveram em Roma, *bambíno*. Eles também foram perseguidos. Tiveram de fugir, de deixar a Cidade Santa … no século XIV, eles se refugiaram durante sessenta anos em Avignon. No século XIX, um papa chegou a ser sequestrado por Napoleão e levado à força para a França … não imagine que as coisas sempre correram bem!

— Então a sua história da pedra não tem sentido — decidiu Théo.

— Mas a Igreja, para Jesus, não é uma construção: é a assembleia de todos os cristãos do mundo. O primeiro deles morreu em Roma: Roma tinha, portanto, a vocação de fundar a Igreja de Cristo. Depois, passadas as perseguições, o cristianismo tornou-se a religião do Estado romano. A partir de então, foi poderoso.

O prelado parou. Não era fácil passar para a outra parte da questão.

— Depois — repetiu — as conversões muitas vezes foram militares, e a guerra se tornou santa. O islã não procedeu de outro modo, e o Corão fala de *jihad*, a guerra santa destinada a converter os infiéis. Conquistam-se regiões do globo e, se as conversões não se realizam, são impostas pela força.

— Mas por quê? — insistiu Théo.

— Porque os fiéis têm certeza de estar certos, é claro — murmurou o cardeal. — A história das religiões também é a história da intolerância, e nossa religião não escapou à regra. Como o judaísmo em certas épocas ou o islã conquistador! Nós também atravessamos esse ciclo. O pior é resumido pela frase de um chefe da guerra católica encarregado de sufocar a rebelião dos cátaros. Era uma seita arrebatada que levava o ódio ao mundo a ponto de preconizar o suicídio, para evitar o Mal …

— Eu me lembro — disse Théo. — O padre Dubourg me falou a respeito deles em Jerusalém.

— Bolas! — fez o cardeal. — E eu que achava que ia lhe ensinar alguma coisa! Pois bem, era uma dessas seitas como vemos tantas hoje em dia, perigosa para a vida humana … daí a tratá-las como se tratou …

— Como exatamente? — indagou Théo, intrigado.

— O chefe de guerra, que se chamava Armaud-Amaury, massacrou indistintamente a população do Sudoeste da França, nas quais também havia católicos. Para se justificar, ele proferiu uma frase pavorosa: “Matem todos, Deus reconhecerá os seus!”.

— É por isso que estou do lado das religiões minoritárias — concluiu tia Marthe. — Quando uma religião é dominante, é necessariamente injusta. Mas quando é minoritária, protege os fracos.

— Marthe, você está em Roma, no coração da potência espiritual da Igreja católica e universal — lançou o cardeal. — Console-se: o cristianismo não é mais conquistador. É hora do diálogo entre as religiões.

— Que Deus faça você ter razão! — exclamou tia Marthe. — A batalha da tolerância não é travada com armas na mão.

Théo chateava a cabra com um caule de capim e encarava o animal diabólico no fundo de seus olhos puxados.

— Tem quem paste as ovelhas, eu pasto as cabritas — disse baixinho.

8

A glória e os pobres

Já era amanhã e "eles" estavam previstos para o dia seguinte. Théo morria de curiosidade. Quem ia aparecer para lhe entregar a próxima mensagem? Atrás de que pilar iam se esconder os novos feiticeiros de plantão? Na véspera, durante o jantar, d. Levi e tia Marthe não tinham parado de discutir acerca da política, da máfia e, naturalmente dos padres que tia Marthe, para irritar d. Ottavio, atacava com tanto gosto quanto os raviólis de trufas brancas. Théo tinha dormido na mesa e quando deu por si já estava na cama.

Mas depois que tia Marthe fechou suavemente a porta de seu quarto, Théo pegou o telefone debaixo do travesseiro. Em vão. Seus pais tinham saído: deviam ter ido ao cinema. E era tarde demais para falar com Fatou, que sempre ia dormir com as galinhas. Que azar. Para coroar tudo, a manhã estava chuvosa. Théo colocou as lentilhas na sacada, por via das dúvidas. Pensou com saudade no grande sol do Egito, depois pôs-se a sonhar com o gêmeo perdido. Quando voltaria? Mistério. Com certeza, sem sol, o gêmeo não iria querer vir.

O café da manhã transcorreu mal. Théo teria preferido dormir até tarde, mas que nada! Apressado por uma tia Marthe em plena forma, vestiu-se sem muita vontade. O cardeal já estava esperando no saguão do hotel, tinha de se apressar, vamos!

— Dormiu bem, *bambino*?

— E você, meu velho? — respondeu Théo dando o troco.

— Nada mal — riu o cardeal. — Não está cansado?

— Dá para aguentar — disse. — O que vamos fazer hoje?

— Vamos sair da Itália — respondeu o prelado com majestade.

— Vamos pegar o avião?

— Nada disso. Vamos ao Vaticano. É um Estado, *bambino*. De quarenta e quatro hectares, mas com seu governo, sua bandeira, sua moeda, seus selos, seu rádio, seu jornal …

— *L'Osservatore Romano* — cortou tia Marthe. — Órgão oficial do papado. Mas, como Estado, o Vaticano cabe num lenço de bolso!

— Ah! Claro, não tem barreiras na fronteira. Mas quando se está no Vaticano, se está em outro mundo.

— Um mundo em que você é ministro? — perguntou Théo com curiosidade.

— Subministro adjunto, digamos, sem pretensão.

— E quantos habitantes tem?

— Setecentos a oitocentos — respondeu o cardeal.

— Não tem muito de que se gabar — concluiu Théo.

— Mas temos nossas leis e nossos costumes. Temos também nossas eleições, quando o papa morre.

— Então, se vocês têm eleições, são uma democracia! — afirmou Théo, seguro de si.

— Não exatamente — interveio tia Marthe. — Conte-lhe como é a eleição para papa.

— Todos os cardeais do mundo se reúnem num lugar cuidadosamente fechado, onde ficam até o novo papa ser eleito. É o que se chama um conclave. Pode durar muito tempo. Aconteceu até, ao longo da história, que emparedassem os cardeais. Para obrigá-los a ir mais depressa! Porque essa eleição é uma coisa importantíssima. Designar o representante de Cristo não é uma decisão sem maiores consequências para a terra … A cada votação, acende-se um pequeno fogo: se o voto não for concludente, a fumaça que sairá da chaminé do edifício será preta; se for, a fumaça será branca. Isso significa que o papa foi eleito.

— Os cardeais verificam um detalhe, entretanto — disse tia Marthe. — Apalpam-no naquele lugar para saber se é homem mesmo.

— Que ideia! — exclamou Théo. — Não dá para ver?

— Bem — balbuciou o cardeal, — diz a lenda que uma vez, por erro, elegeram uma mulher, a papisa Joana. Mas aposto que sua querida tia vai se indignar: por que, afinal de contas, não pode ser uma papisa?

— É mesmo, afinal de contas, por que não? — disse Théo. — E por que os padres são sempre homens? Por que não se casam?

— Já esperava por essa! — suspirou o cardeal. — Nos primeiros tempos da Igreja, era comum os padres viverem com mulheres. A coisa não funcionava direito: eles descuidavam de sua tarefa, tinham a cabeça em outra parte, e foi proibido. Que mais posso dizer? O padre deve estar sempre disponível a todos e, se ele escolher uma mulher, necessariamente terá uma preferência … é por isso que os padres não têm o direito de se casar.

— O que sobra para as mulheres no catolicismo, querido amigo? — interveio tia Marthe.

— Ora, Marthe! Você não está sendo séria … examine bem o papel das mulheres na Bíblia! Sem a velha Sara, Abraão não teria sido o primeiro patriarca; sem a admirável Raquel, Jacó não teria sido o segundo. Jesus não teria tido um corpo se não fosse Maria! Não esqueçamos as grandes heroínas, Judite que salvou seu povo seduzindo o chefe inimigo para melhor o decapitar, Ester que se casou com um rei pagão e soube convencê-lo a ser tolerante com os judeus, e as pequenas, as obscuras … Por exemplo, Rute, a moabita, e sua sogra, Noêmia. Uma pobre mulher que não é judia, uma pagã a quem a velha mãe de seu falecido marido pede que tenha um filho a fim de garantir a descendência, porque seus filhos tinham morrido. As duas mulheres estão no exílio, arruinadas, famintas … Rute não sabe o que fazer. Depois tem a ideia de que um parente distante de seu falecido cunhado, o rico Boaz, seria um pai honrado para o projeto de Noêmia, que o aprova.

— Ah! — fez Théo. — Fazia falta um marido!

— É uma das histórias mais comoventes da Bíblia. Rute se faz contratar para ajudar na colheita dos campos de Boaz, que nota aquela moça bonita e trabalhadora. Oferece-lhe o pão do almoço. Ela está quase conseguindo … Só que se ergue em seu caminho a lei dos judeus: é proibido se casar com uma pagã.

— Ai! — exclamou Théo. — A parada não está ganha.

— A velha Noêmia sugere-lhe a solução: ela se introduziria junto de Boaz enquanto ele dormia e se entregaria a ele … Rute obedece, espera a noite e se introduz nos aposentos do amo, que acorda, surpreso: "Quem és tu?". Porque ele não a vê na escuridão. "Sou Rute, tua serva", responde. "Estende tua asa sobre tua serva." E o judeu Boaz tomará Rute como esposa, a despeito das leis religiosas, porque ele ouve a prece da humildade.

— Quer dizer que ele se deita com ela no escuro — concluiu Théo.

— Não é sublime? De manhã, ele lhe diz: "Agora, minha filha, não tenhas medo. Tudo o que disseres, farei por ti, porque és virtuosa". Virtuosa, a pagã que seduz seu amo em seu sono! E a Bíblia celebra a virtude daquela que será bisavó do rei Davi! Acho isso … não sei como dizer, Théo. Magnífico! Entusiasmante!

— Quanta exaltação — disse friamente tia Marthe. — Afinal de contas, as mulheres só prestam para fazer filhos.

— Mas os homens não os parem, ora bolas! — esquentou-se o cardeal. — Como você pode rebaixar a esse ponto a maternidade? Ela dá a vida! A maternidade é divina!

— OK — atalhou Théo. — Nesse caso, não há razão para proibir que as mulheres sejam padres, não é?

O cardeal se calou. Com toda certeza, tia Marthe ia se encarregar da resposta. Ia fulminar a misoginia da Igreja, lembrar o movimento em favor do sacerdócio feminino, a injustiça feita à primeira mulher, a Eva comedora de maçãs, responsável pelos pecados do mundo …

Tia Marthe cumpriu sua tarefa com exatidão. Durante uns bons quinze minutos, ela atacou. O cardeal baixou a cabeça sob a tempestade e Théo se divertiu muito.

A maior igreja do mundo

O carro parou diante da colunata de Bernini. Resplandecente sob a chuva, a praça estava quase deserta; somente alguns guarda-chuvas abrigavam umas poucas freiras fervorosas que caminhavam lentamente.

— Gosto deste lugar quando está vazio — observou tia Marthe. — Dá para ver a amplitude das colunas, a harmonia impressiona. Théo, você tem à

sua frente o coração da Igreja católica, a maior igreja do mundo, construída sobre o túmulo de são Pedro.

— E o papa, vamos vê-lo na sacada?

— Não — afirmou o cardeal. — Não é todo dia que ele aparece. Mas imagino que você deve tê-lo visto na televisão no dia Páscoa, para a bênção *urbi et orbi*, não viu?

— Urbi quê? — perguntou Théo.

— É latim: *urbs*, cidade, *orbs*, universo. A bênção do papa se estende *urbi et orbi*: sobre a cidade e sobre o universo. E a palavra universo deu "universal". Nesse dia, o papa, chefe visível de toda a Igreja, pronuncia a bênção em todas as línguas dos cristãos. Como outrora os apóstolos no dia de Pentecostes.

— Quer dizer que existiam cristãos no Egito Antigo — falou Théo.

— Claro que não! — espantou-se d. Levi. — O cristianismo nasceu três mil anos depois!

— Por que então aquele obelisco no meio da praça?

— Você repara em tudo, *bambino* … O obelisco era um dos ornamentos do Circo do imperador Nero, onde foi sacrificado são Pedro. Transportaram-no para cá e acrescentaram em seu topo um pedaço da cruz de Cristo.

— Reciclagem — comentou Théo. — Em todo caso, é bonita. Vamos entrar?

Não pôde conter um "oh" maravilhado ao entrar na imensidão da basílica. Cheia de turistas barulhentos e de prelados de batina, a nau parecia feita para conter um milhar de mundos. Tão altos que davam vertigem, os tetos descreviam cenas indecifráveis; e quando os olhos de Théo percorreram o conjunto, detiveram-se no grande baldaquim escuro de colunas douradas em espiral, no fundo.

— Não é uma igreja — murmurou o rapaz, impressionado.

— E o que é então, no seu entender? — perguntou tia Marthe.

— Não sei — ele respondeu. — Uma igreja é simples e branca, com um altar, uma cruz e buquês de flores. E uma igreja é calma. Mas aqui!

— Há verdade no que você diz, *bambino* — admitiu o cardeal. — Tudo é feito neste lugar para expressar a potência e o esplendor de Deus. Se você visse as cerimônias em toda a sua magnificência! O papa está sentado em seu trono, rodeado por cardeais em hábito de gala, os coros cantam cânticos admiráveis, e celebra-se então Deus soberano no auge da sua glória. Tem razão, esta basílica não é uma igreja, é uma obra-prima da cristandade. Michelangelo, o mais poderoso dos artistas italianos da Renascença, projetou-a, mas ela levou tanto tempo para ser construída que ele não a viu. As mais belas estátuas do mundo estão aqui, os maiores pintores, os maiores escultores estão representados, e o que você está vendo ali, o baldaquim pontifical, é uma das maravilhas do Vaticano.

— Não gosto — fez Théo. — É grande demais.

— Bom! Então vou te mostrar outra coisa — disse o cardeal arrastando-o à força.

E Théo descobriu, atrás de um vidro espesso, um grupo de mármore muito branco diante do qual se amontoavam os turistas.

— Michelangelo esculpiu estas estátuas que representam Maria, a mãe de Cristo, e seu filho, que acaba de morrer — cochichou o cardeal. — Olhe o rosto dessa mulher tão bonita, que sofre … não é comovente?

— Parece que são da mesma idade — murmurou Théo.

— De fato, Maria era bem jovem quando recebeu a visita do Anjo que lhe anunciou a boa nova. De modo que, quando Jesus morreu, não era muito velha.

— Ele está com um ar muito tranquilo em sua morte. Porque estão enjaulados?

— Porque não faz muito quiseram destruí-los. Foi preciso proteger a obra de Michelangelo. Antigamente, os bárbaros que invadiam Roma quebravam as estátuas cristãs. Pois bem, não mudou nada! Quanto à antiga estátua de são Pedro, você vai ver.

A cabeça do santo fixava altivamente o horizonte, mas um dos pés de bronze negro parecia ter sido laminado por uma plaina implacável. Os fiéis o tinham beijado tanto, por tantos séculos, que o metal havia cedido sob a força dos beijos. Théo achou esse milagre incrível. O cardeal prosseguiu a visita. A estátua disso, o monumento daquilo, o túmulo de fulano, o de beltrano …

— Não vamos demorar muito — preveniu tia Marthe. — Ele vai se cansar.

— Bah! Ele é forte! — lançou o cardeal puxando pela mão seu *bambino*.

Preocupada, tia Marthe percebeu que o sobrinho estava com dificuldade para respirar.

— Pare, Ottavio! — gritou. — O menino não aguenta mais! Olhe só, ele está bambo, vai cair, não está vendo!

Tomado de remorsos, o prelado decidiu carregar Théo nos braços até o jardim, onde poderia descansar. Apesar dos protestos do rapaz, pegou-o pelas axilas e upa! Levantou-o à força. Théo debateu-se, mas em vão.

— Pare de espernear, *bambino*! — ordenou d. Levi. — Você está fraco e eu sou forte o bastante para te carregar. Dê prova de um pouco de humildade …

Mas quando d. Levi quis pô-lo novamente de pé, Théo resvalou para o chão, desmaiado. Tia Marthe apressou-se. O cardeal saiu correndo para pedir socorro, e Marthe, com o coração na mão esfregou as têmporas de

Théo com um bálsamo chinês que sempre trazia consigo, uma substância amarela com cheiro de cânfora.

— Não vá embora, Theozinho — ela murmurava, — ainda não é hora … Volte!

Longos segundos passaram. Por fim Théo entreabriu os olhos, percebeu um raio de sol e bateu as pálpebras.

— Não foi desta vez que morri — disse.

— Théo! — fez tia Marthe, apavorada. — Isso acontece com frequência?

— Demais até — murmurou o garoto. — Já me acostumei. É minha doença, sabe? Um dia, não acordo mais.

— Não quero que você …

— Você não é Deus — respondeu Théo. — Não pode fazer nada.

— Garanto que si — zangou ela. — Vamos sair logo daqui. Onde está Ottavio?

O cardeal voltava, acompanhado por três religiosas que traziam uma garrafa de oxigênio e uma maca, na qual deitaram Théo. No posto médico, um doutor o examinou, notou as manchas azuladas em todo o corpo, tirou a pressão franzindo a testa e se endireitou sacudindo a cabeça com ar preocupado.

— Bom — murmurou Théo com lágrimas nos olhos. — Chega. Eu gostaria de tomar um chá com pão com manteiga, por favor. E parem de fazer essa cara de enterro!

— Você é um bom rapaz, *bambino* — falou o cardeal, emocionadíssimo. — Depressa, o pão com manteiga, o chá, *presto*!

Pouco a pouco, Théo foi recobrando sua cor. Mastigou metodicamente seu pão com manteiga e tomou o chá em pequenos goles, como um remédio. O cardeal mantinha-se afastado e tia Marthe não desgrudava.

— Eu te disse, Ottavio — resmungou ela. — Que teimoso você é!

— Mas minha cara …

— Cale a boca e reze! — ordenou tia Marthe.

O cardeal obedeceu e mergulhou numa meditação dolorosa.

Mensagens para Théo

Marthe queria voltar ao hotel, mas Théo não quis saber. Sim, estava em forma; sim, podia andar; não, não estava com sono; não, não ia desmaiar de novo. Mas queria saber a todo custo quem eram "eles".

— Escute, Théo, eles não chegaram — respondeu tia Marthe, embaraçada. — Não vão demorar … tenha paciência! Que tal irmos procurar a próxima mensagem?

Dando-se por vencido, Théo topou. Com mil precauções, o cardeal amparou-o pelo braço, caminhando a passos lentos. Iriam na direção da fonte dos papas e pegariam o carro, sim, sim, nada de cortar caminho. Nem por causa de duzentos metros.

A mensagem estava dissimulada entre duas grandes tiaras de pedra cinzenta, bem acima das bocas gêmeas que cuspiam água clara. O papel estava um pouco molhado, de modo que duas palavras tinham se apagado. *Sentado em meu […] sagrado, sou o dançarino eterno. Vem a bordo do meu rio, vem à mais velha cidade do mundo! Aí me adoram e eu […] Vem!*

— Sentado em seu traseiro? — perguntou Théo.

— Um traseiro sagrado? Nem pensar! — retrucou tia Marthe.

— Um trono, então? Uma árvore? Um tambor?

Nada disso. Tia Marthe admitiu que o enigma tinha ficado obscuro e sugeriu que ele recorresse à pítia de plantão assim que voltassem ao hotel. Todo cuidadoso, o cardeal fez Théo subir no carro.

— O senhor poderia me explicar para que serve essa tranqueira toda? — perguntou Théo após um longo silêncio.

— Não me trata mais de "você", *bambino*? — notou com tristeza d. Levi.

— Se o senhor quiser — retrucou Théo, magnânimo. — Mas antes você me responde.

O cardeal contemplou as mãos concentrado.

— Você chama de "tranqueira" a cidade do Vaticano, imagino — respondeu com uma voz diferente. Para dizer a verdade, às vezes eu mesmo me faço essa pergunta. Sei que aqui se celebra a glória divina em todo o seu esplendor, mas o que pode um jovem espírito entender, vendo isso tudo?

— Que é riqueza pra caramba! — disse Théo.

— Aí estamos! — suspirou d. Ottavio. — Você conhece a mensagem de Jesus Cristo? Aposto que não.

— Claro que sim! — afirmou Théo. — Ele era filho de Deus e morreu para salvar o mundo, redimir os pecados, etecetera e tal. A mãe dele era virgem e o pai, José, o adotou. No fim das contas, até que é uma história simpática.

— Se você não estiver muito cansado, sugiro darmos uma voltinha pela cidade. Vai ser simpático, também.

O carro margeou o Tibre até o castelo de Sant'Angelo, onde o arcanjo são Miguel abatia seu dragão por toda a eternidade. Depois o motorista rumou para o subúrbio. D. Ottavio continuava sem falar nada. De vez em quando, tia Marthe assinalava a Théo os monumentos e as igrejas. De repente, encontraram-se de novo diante dos pinheiros e dos ciprestes, no lugar em que começavam as catacumbas. O carro parou.

— Não vai nos fazer descer de novo, afinal! — reclamou tia Marthe.

O cardeal se ajeitou nas almofadas cinzentas do banco e saiu finalmente de seu mutismo.

— Perdoem-me por trazê-los de novo aqui — desculpou-se, — mas não conheço lugar melhor para falar a Théo da mensagem de Nosso Senhor. Nesta estrada antiga, encontramos um pouco da inspiração dos primeiros tempos: podemos imaginar rebanhos, os pastores, estamos quase no campo. Jesus era um homem dos campos e dos vales, um homem que conhecia a areia do deserto e o desabrochar das flores na primavera. Não é na Jerusalém de hoje que podemos descobrir seus traços …

— Com certeza! — concordou Théo.

— É em qualquer lugar e em lugar nenhum, sempre que sentimos a paz.

— Ele não trazia apenas a paz! — exclamou tia Marthe. — Ele exigia muito! Escorraçava os mercadores que vendiam no adro do Templo suas quinquilharias sagradas!

— A chicotadas — confirmou d. Ottavio. — Mas é que ele recusava a pompa e a glória. Queria a igualdade entre os homens: num tempo em que reinava a escravidão, a injustiça e a desigualdade, era uma revolução! E para simbolizar com força essa igualdade fundamental, ele, Filho de Deus, inventou o batismo. Você é batizado, Théo?

— Não — respondeu o rapaz. — Meus pais me disseram que eu poderia escolher quando crescesse. Quer dizer, se eu crescer.

— Ah! — murmurou o cardeal. — Claro. Mas, entenda, não foi batizando que Jesus inventou o batismo: foi pedindo ele próprio para ser batizado por João Batista. Antes de mais nada, a água purifica o pecado, mas, principalmente, a água do batismo faz cada um entrar na comunidade … É por isso que Jesus, por mais Deus que fosse, optou por também ser batizado.

— Para mostrar que era igual? — perguntou Théo.

— Mais ou menos. Depois, para reforçar a mensagem, Jesus salvou os excluídos, os malditos. Não rejeitou nenhum: nem a prostituta arrependida, nem o samaritano desprezado, nem a mulher adúltera, nem os pobres, nem

os enfermos. Contentou-se com curá-los ou consolá-los, com duas palavras e um olhar.

— E ressuscitou um morto — acrescentou Théo. — Esqueci o nome dele.

— Lázaro. Quando Jesus chamou o cadáver desse homem por seu nome, ele saiu do túmulo apesar de estar enterrado já fazia três dias. Jesus queria vencer a morte e conseguiu, provando que era de fato o Filho de Deus. A igualdade, a ressurreição e a vida: eis a sua mensagem. Você conhece as Beatitudes, Théo?

— Ahn … — fez Théo hesitando. — É quando a gente está feliz?

— Exatamente. Jesus tinha acabado de escolher seus doze primeiros discípulos e descia da montanha onde tinha orado a seu Pai. Sempre se ora melhor na montanha, você vai constatar isso no mundo todo, Théo. Os verdadeiros inspirados costumam estar nos cimos.

— E mesmo! Moisés no monte Sinai! — exclamou Théo.

— Moisés, ou o deus Shiva na índia, e tantos outros … E ao pé da montanha, uma multidão o aguardava. Então ele lhes falou da felicidade. Felizes os pobres, felizes os que têm fome, felizes os que choram, os detestados, os marginais, os insultados por causa do Filho do Homem. Porque o reino de Deus vos pertence, ele lhes disse.

— Espere aí — interrompeu Théo. — O Filho do Homem? Mas eu pensei que ele fosse Filho de Deus …

— Não só de Deus. Como ele tinha nascido de uma mulher, também era Homem. Filho do Homem, ele conhecia as dores da vida. A felicidade pertenceria, portanto, aos mais infelizes de todos, e era isso o essencial da mensagem.

— Certo — admitiu Théo. — Mas há as guerras.

— Vou chegar lá. Depois, Jesus falou da inteligência ou, pelo menos, da maneira como os homens a concebem. Felizes os pobres de espírito. Felizes

as criancinhas. Quem se fizer pequeno como uma criança será o maior no Reino dos céus.

— Ei! Você está insinuando que as crianças são idiotas? — cortou Théo.

— Eu nunca disse isso! — protestou o cardeal. — Ah! Por causa dos pobres de espírito! Mas, Théo, dizendo pobres, Jesus queria falar da simplicidade em si mesma! Uma criança vai direto ao assunto. Faz perguntas simples, não usa de artifícios …

— Você acha? — indagou Théo.

— Você, Théo, por exemplo, é muito dotado para sua idade, mas seu espírito é direto. Você não hesita, você questiona …

— Quer dizer que eu não te chateio? — perguntou Théo com um vago ar de culpa.

— Claro que não! — exclamou o prelado. — Apesar de todos os seus esforços, você não me chateia, você tem um coração puro, como o das crianças. Como os lírios dos campos ou os pássaros do céu. Na Idade Média, na Itália, o pequeno são Francisco estendeu em seu convento de Assis o amor de Jesus aos animais. Ele falava com os chapins, com os melros, com as toutinegras, pregava-lhes o Evangelho como aos pobres, às crianças … Você é uma ave rara, Théo, mas uma alma simples.

— Ah, é? — fez Théo embaraçado. — E o que mais disse Jesus?

— Falou da infelicidade. Ai dos ricos, disse ele, ai dos repletos, daqueles a quem se prestam muitas homenagens.

— Era o mundo pelo avesso! — comentou Théo.

— Revolucionário! Os poderosos da época compreenderam perfeitamente isso, porque foram os homens importantes que condenaram Jesus. Ele os incomodava: criticava os sacerdotes, os mercadores, o clero, as instituições …

— Jesus é como Che Guevara — disse Théo. — Ou como subcomandante Marcos.

O cardeal não encontrou resposta. Em seu canto, tia Marthe abafou discretamente uma risada.

Amar os inimigos

— Dei mancada? — murmurou Théo.

— O que você acha, Ottavio? — perguntou tia Marthe, irônica.

— Não, *bambino*, não deu mancada nenhuma — falou o cardeal. — Alguns rebeldes que defendem os pobres com armas na mão redescobrem, de fato, o sentido revolucionário de Jesus. E certos padres os apoiaram por compaixão para com os deserdados. Na América Latina, inventaram uma concepção do catolicismo que se chama Teologia da Libertação …

— Teologia? O que quer dizer?

— Discurso sobre Deus. Desde o nascimento do judaísmo, os homens não pararam de discutir sobre Deus! O papa serve para pôr um pouco de ordem nos debates. Com os padres combatentes, ele se mostrou severo: a paz antes de mais nada. Porque, agora, falemos das guerras. Jesus acrescentou que era necessário amar aos inimigos e que, se te baterem numa face, ofereça a outra. E isso, sabe, menino, na época, era o contrário da religião judaica. Os judeus praticavam a chamada lei de talião: olho por olho, dente por dente. Retribuía-se a agressão com agressão.

— Não é bem assim! — interveio tia Marthe. — A verdadeira interpretação da lei de talião é, principalmente: "Não faz ao outro o que não queres que te façam. Não bate se não queres que te batam". Você tem uma visão muito limitada dessa lei!

— Está bem, mas se você responde à guerra com a guerra, como é que a guerra vai acabar? Jesus não ignora a existência das guerras. Ele as chama de "dores do parto". Nação contra nação, reino contra reino, traições, falsos profetas, terremoto, fome … Jesus previu tudo isso. Mas, quando o reino celeste tiver vencido pelo mundo afora, então as guerras cessarão, diz ele. A mensagem de Jesus é a da paz universal. Aliás, no Vaticano, temos nossos diplomatas: negociamos com frequência a paz, e não é fácil. Com exceção dos guardas suíços, velho resto do exército pontifical de outrora, não temos soldados. Lembra-se do que dizia Stalin, depois de ter ganho a Segunda Guerra Mundial: "O papa? Quantas divisões?". A resposta é simples. Nenhuma. Mas temos a força do espírito.

— Amando seus inimigos? — murmurou Théo, cético. — E funciona?

— Jesus disse: amai vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam.

— Isso me lembra uma frase de Roberto Rossellini, o cineasta — comentou tia Marthe. — "Se você tem um inimigo, encha o saco dele com amor." É uma bonita solução.

— Digamos — concedeu prudentemente o cardeal. — É verdade que amar aos que te amam, disse Jesus, não é muito complicado. Já amar aos inimigos!

— Eu não seria capaz — disse Théo. — E, além do mais para quê?

— Para imitar Deus Pai, que perdoa. Para trazer a paz. É melhor. Não acha?

— Não — tornou Théo. — Um cara que te faz mal não deve ficar sem o troco.

— Se um cara te faz mal, deixe fazer. Era a grande ideia dos mártires, e ainda a encontramos hoje em dia. Vemos religiosas que são torturadas na Argentina, na Argélia, ou monges que ajudam a todos e são assassinados. Talvez você se lembre das sete velas que ardiam na catedral de Paris. Sete

chamas pela vida de sete religiosas sequestradas na Argélia. Um dia, soube-se que cortaram a garganta delas. Então o cardeal Lustiger soprou as velas uma a uma e recordou solenemente que devemos amar nossos inimigos.

— Não é justo — rebateu Théo.

— A justiça, só Deus conhece verdadeiramente. Jesus fala de caridade. Partilhar, dar aos outros, não guardar para si. Por isso é que sua mensagem se tornou imediatamente tão popular: ele se dirigia aos pobres.

— Espere aí, você quer me fazer de bobo? — exclamou Théo. — Depois de todos os tesouros que você me mostrou ainda há pouco? E seu carro, e sua linda roupa, hein?

— Concordo — disse o cardeal. — Mas é preciso educar os fiéis, e esse é o papel da Igreja. É preciso organizar a doação aos pobres, ordenar também requer ordem, e a ordem exige uma hierarquia.

— Fraco esse argumento, Ottavio, fraquíssimo — observou tia Marthe.

— Mas nós suprimimos toda sorte de ornamentos inúteis, tiramos as plumas de avestruz do trono do papa, simplificamos o cerimonial! Lavamos os pés dos pobres, humildemente … até o papa!

— Uma vez por ano! — indignou-se tia Marthe.

— Mas damos muito! Temos uma porção de obras de caridade!

— Ei, vocês dois, não vão começar de novo — interveio Théo. — É verdade, eu conheço uns católicos que cuidam dos sem-teto.

— Ah! — triunfou o cardeal.

Tia Marthe voltou ao ataque, falando das numerosas crises da Igreja católica, que, repetidamente, enfrentava rebeliões por ter esquecido a mensagem dos Evangelhos. A Igreja era rica demais, explorava os pobres em vez de socorrê-los, ostentava seu ouro, seus mosteiros, fazia-se odiar e, às vezes, derrubar.

O cardeal retorquiu que os papas sabiam voltar à verdade da mensagem e que João XXIII, por exemplo, tinha reformado profundamente a Igreja católica em pleno século XX, não fazia tanto tempo assim. Que, por sinal, os fiéis tinham toda a razão de sacudir uma velha árvore e cortar seus galhos mortos, porque podar uma árvore a faz dar frutos. E que era esse o sentido da morte e da ressurreição de Cristo, que, como o cordeiro do sacrifício, tinha aceitado deixar-se matar.

— Cordeiro ou pastor? — indagou Théo. — Não é a mesma coisa.

— Claro que é — respondeu o cardeal. — Ele é pastor e cordeiro ao mesmo tempo. Pastor de Deus, porque encontra as ovelhas desgarradas, os infelizes abandonados, e cordeiro de Deus, sacrificado no lugar de todos os outros.

— Então, se Jesus é pastor, você faz parte dos cachorros do rebanho? — perguntou Théo.

— Aceito o cachorro — disse o prelado. — Um cachorrão bem nutrido, como você está vendo. Lato, mas não mordo.

A noite ia cair. O motorista pôs o carro em movimento partiram de volta para a cidade. Quando passaram ao longo de um terreno baldio onde uns meninos brincavam à luz dos postes da rua, d. Ottavio observou que ali estavam os novos deserdados do mundo, nem no campo, nem na cidade, mas entre um e outra.

Théo adormeceu no caminho. Ao levá-lo para o quarto, o cardeal achou que estava com as bochechas rosadas e a aparência descansada. Théo dormiu até a hora de jantar. Sentados cada um de um lado da cama, tia Marthe e d. Levi velaram seu sono.

— Você acha mesmo que ele está melhor? — perguntou ela. Tenho tanto medo!

— Se pelo menos você soubesse rezar! — respondeu o cardeal em voz baixa.

— Eu rezo, sim, Ottavio, à minha maneira … — ela murmurou.

"Eles" chegaram …

O barulho da maçaneta da porta acordou Théo, que piscou os olhos. Um raio de sol passava através da cortina, já era dia. Uma cadeira rangeu: tinha alguém no quarto. O café da manhã, já? Como tinha dormido!

Alguém? Parecia a mãe! Não. Não era possível, ela estava em Paris. Era um sonho …

— E então, querido? — disse a voz do pai.

Sentando-se na cama, Théo acordou de repente. Não era sonho! Eles estavam ali!

— Viva! — gritou agarrando-se pelo pescoço. — Então "eles" eram vocês …

9

As imagens de deus

Reencontros

Era uma surpresa e tanto. Sentada na cama, Melina cobriu o filho de beijos. De olhos úmidos, Jérôme segurava a mão do garoto e dava-lhe tapinhas, sem saber o que dizer. Sim, tinham chegado; não, não iam ficar muito tempo, só um fim de semana. A visita deles estava combinada desde o início: de Paris a Roma, um pulo, duas horas de voo, nada mais fácil. Mas depois …

"Depois de Roma?", pensou Théo. "Se vocês não vão poder pegar o avião para me ver, quer dizer que vou muito mais longe."

Melina suspirou. Estava comendo bem, pelo menos? E o sono? Não estava cansado dos exames de sangue em cada etapa?

— Pergunte à tia Marthe — resmungou o rapaz.

Para esconder sua angústia, Melina sugeriu que, depois do café da manhã, passeassem bem calmamente pelo quarteirão, depois voltariam ao hotel para descansar.

— Ali, não! — protestou Théo. — Já estou cheio de descanso.

— Está bem — respondeu Jérôme. — Vamos fazer turismo. Vista-se.

Théo correu para o chuveiro.

— Jérôme, você não está sendo sensato — disse Melina.

— O número de plaquetas aumentou — atalhou Jérôme. É inexplicável, mas os resultados estão aí.

— Podem ter errado! Os hospitais italianos …

— Pare! No mundo inteiro, selecionamos os melhores hospitais. Por acaso você prefere vê-lo piorar num hospital de Paris? Não? Então fique calma.

— Aonde vamos? — gritou Théo, saindo do banheiro descabelado. — Eu queria tomar meu café da manhã!

O primeiro balanço de Théo

Croissants, pães com manteiga, geleias, Théo engolia tudo sob o olhar encantado de Melina. A melhora era inconteste. O menos que se podia dizer é que a estranha terapia de tia Marthe começava a dar resultado.

— Conte, filho — pediu-lhe. — O que você viu de mais interessante?

— Tudo! — exclamou Théo. — Vi mesquitas e igrejas, vi as margens do Nilo, os íbis com suas pernas pretas, as camponesas de jarro na cabeça, os papiros, e vi também as pirâmides!

— Nada de muito religioso — comentou o pai. — Até parece uma viagem de turismo.

— Aí é que você se engana — falou Théo. — Porque o mais interessante são as pessoas. São os amigos de tia Marthe, ela conhece gente à beca … O rabi Eliezer, o padre Antoine, o sheik Suleyman, Amal, que é formidável,

aquele velhote esquisito que faz arqueologia em Luxor e até o cardeal gaiato que ela chama pelo nome de batismo …

— Qual você prefere? — perguntou Melina. — Amal?

— Oh, eles são todos muito amáveis — respondeu Théo. — Amal me ensinou muita coisa sobre a mitologia egípcia. Gostei dela. Mas os outros também são legais, sabe …

— Tenho certeza de que você elegeu um preferido — comentou Jérôme. — Eu te conheço.

— Puf! — fez Théo. — Preferência mesmo, não. São todos muito crentes, menos Amal. Até o arqueólogo é crente a seu modo.

— Como assim?

— Ele crê nos deuses egípcios, ora! — exclamou Théo. — E eu também creio!

— Essa é boa! — fez o pai. — E as outras religiões?

— São todas iguais — disse Théo. — Eles creem em Deus, querem o bem da humanidade, brigam entre si o tempo todo. Falam de paz e não param de criar caso uns com os outros. Por exemplo, os cristãos. Vocês sabiam que existem muitas espécies diferentes? Os armênios, os coptas, os etíopes, os ortodoxos, não acaba nunca …

— Pois é, que barafunda! — comentou Jérôme rindo.

— Nem tanto assim — retrucou Théo. — No início, o cristianismo reunia um punhado de pessoas, mas, quando se instalaram por toda parte, começaram a brigar cada um por sua maneira de viver. É que tinham suas tradições, dá para entender. Então para botar toda essa confusão em ordem levou tempo, é claro.

— É claro — repetiu o pai, pensativo. — E como você se arranjou com o judaísmo?

— Oh! — fez Théo. — Gosto muito de José, que é meigo, e de Moisés, porque tem razão o tempo todo. Vou ler a Bíblia deles. Cheia de histórias! A de Rute me agradou muito, porque Deus trapaceou consigo mesmo … Ele proíbe que os judeus se casem com pagãs, mas dá um jeito para que, mesmo assim, eles se casem! Deus é bem esquisito. Ora furioso, como quando você fica bravo, ora bonzinho, como quando você me abraça. Os judeus não dizem o nome dele, nunca, de tanto que o amam. São obrigados a obedecer-lhe, mas não é nada fácil … em todo caso, aguentam firme, mas são capazes de ser chatos pra caramba na vida de cada dia!

— Imagino que você não seja mais condescendente com o islã — falou Melina.

— Por quê? — disse Théo. — Uma vez, meu amigo, o sheik, veio me ver de noite, no meu quarto, não sei o que ele fez direito, mas dormi, dormi …

— Ah! — exclamou Melina preocupada. — É que ainda não encontrou os muçulmanos integristas. Bom, você vai ver …

— Melina! — interveio Jérôme. — Deixe Théo julgar por ele mesmo.

— Ah, isso é porque mamãe é grega … — disse Théo com um grande sorriso.

— De onde você tirou essa ideia, Théo? — perguntou o pai, surpreso.

— Porque, depois da queda de Bizâncio, os muçulmanos turcos ocuparam a Grécia … — respondeu o rapaz. — Então os ortodoxos resistiram. Não é?

Jérôme e Melina trocaram um olhar. Théo não tinha perdido nada da sua precocidade.

— Para que ficar enchendo a cabeça? — murmurou Melina numa voz surda. — Você não podia simplesmente aproveitar a viagem?

— Aliás, as religiões sempre devem resistir — prosseguiu Théo, que não tinha ouvido. — É assim que elas se tornam fortes, eu vi isso. Sem grandes

desgraças, não há religião. Eles precisam de márt …

— Quer parar de divagar, Théo! — cortou o pai.

— Querer eu quero — replicou Théo, — mas não consigo … — Ah! É! Uma vez, em Luxor, puxa, eu tinha esquecido …

Ele parou. De repente voltava a lembrança confusa da dança da sheikha e sua cabeça pôs-se a girar deliciosamente.

— Théo! — chamou Melina. — Saia dos seus sonhos!

Ele não respondeu. Sangue de galo, pescoço cortado, fumaças, vertigem … Os tambores soavam, o cheiro de rosa e de incenso, o primo do mundo subterrâneo, a noiva …

— Théo! — Melina se assustou.

— O quê? — disse ele com uma voz abafada. — Sabe, mamãe, não te contei, mas agora tenho um irmão gêmeo.

— Meu Deus — murmurou ela, — protegei-nos …

— Eu o senti — continuou Théo. — Eu era a noiva, e dançava com ele … Meu irmão gêmeo do mundo subterrâneo. Em Luxor.

Melina derramou a xícara na toalha. Jérôme agarrou a mão dela e apertou-a com toda a força.

— Está bem, Théo — balbuciou. — Mas não pense muito nessas coisas, filho.

Eu não penso — retrucou Théo. — Simplesmente, elas me fazem bem!

"Vamos ter de pedir umas explicações à Marthe", pensou Jérôme. "O que será que ela andou aprontando?

Um deus com uma naja em volta do pescoço

Tia Marthe tirou um dia de folga para resolver uns problemas. "Vocês vão passear com Théo", tinha anunciado ela. Jérôme decidiu que iam visitar o

palácio de Adriano. Théo contemplou a grande quantidade de estátuas com olhos pouco entusiasmados.

— Maravilhoso, não acha, Théo? — exclamou o pai detendo-se diante das jacentes etruscas.

— É … — respondeu o garoto.

— Está se aborrecendo?

— Um pouco — disse Théo. — Quando vamos ver de novo tia Marthe?

Depois, o Fórum. Théo continuava se chateando. No Capitólio, ouviu sem reclamar as explicações do pai sobre os gansos, que avisavam os romanos do perigo, na rocha Tarpeia, que simbolizava a decadência após a glória nas cabanas primitivas de Rômulo e Remo, os gêmeos fundadores de Roma.

— Onde está tia Marthe? — repetiu, ao descerem de volta a colina.

— Chega de tia Marthe! — explodiu Melina.

— É mesmo, Théo, nós viemos de Paris ver você — falou o pai embaraçado. — Dê bola para nós!

— Está certo. Mas eu precisava telefonar para a Fatou. A não ser que vocês me ajudem a decifrar a próxima mensagem …

— Você tem tempo para isso — rebateu Jérôme. — Olhe à sua volta! Estamos na Cidade Eterna …

— Estou pouco ligando — tornou Théo, obstinado. — Queria entender minha mensagem.

Tiveram de parar num café, instalar-se a uma mesa, abrir o papel e ler a mensagem danificada. *Sentado em meu […] sagrado, sou o dançarino eterno.*

Para a primeira palavra que faltava, papai insinuou que podia se tratar de um animal.

— Um cavalo? — perguntou Théo.

— Não — respondeu o pai. — Procure!

— Um burro, então? Uma vaca?

— Está quente!

— Um touro — disse o rapaz. — Zeus transformado em touro? Mas Zeus não dança!

Não era Zeus, e a continuação não era mais clara.

Vem a bordo do meu rio, vem à mais velha cidade do mundo!

— Tem rio em tudo que é lugar — notou Théo. — O Nilo, a gente já viu, o Tibre em Roma, idem. A mais velha cidade do mundo é Tebas, no Egito. Vamos voltar para o Egito?

Mas não era o Egito. Théo digitou o número de Fatou.

Terceira pista: serpente, tridente

— É você, Théo? — disse ternamente a voz distante. — Tudo bem?

— Tudo — respondeu o rapaz. — Só tenho um problema com a terceira mensagem. E ainda por cima a chuva apagou duas palavras!

— Que chato. Quer uma pista?

— Pois é — suspirou ele. — Não tenho escolha.

— Espere … mensagem nº 3 … está aqui. *Tenho uma serpente em volta do pescoço e carrego um tridente na mão.*

— Boa, essa. Quem é esse cara? Só isso?

— Não, tem mais — disse a voz. — *Olhar as imagens no dicionário de mitologia.* Vai dar?

— Tem que dar — suspirou Théo. — E você, tudo bem?

— Estou sentindo sua falta — falou a voz. — Queria tanto te ver.

— Eu também. Mas, sabe, estou melhor.

— Ah, que bom! Quer dizer que vai sarar?

— Bem que gostaria de saber! Veremos.

— Um beijo — murmurou a voz. — Como sempre.

Clique! Desaparecimento de Fatou. Théo enxugou uma lágrima e exigiu que voltassem para o hotel, a fim de consultar os livros. No dicionário, os deuses estavam sentados em rochedos, aves, tronos, empoleirados em galhos, deitados em esteiras, espetados em lanças, trespassados por flechas. Em volta do pescoço não tinham nada, salvo colares. Théo folheava as páginas sem encontrar o dançarino com uma serpente no pescoço. Sentado num touro, ainda por cima!

Irritado, fechava o livro quando tia Marthe irrompeu.

— Então, camarãozinho, não sabe a resposta? — disse ela beijando-o.

— Tia Marthe querida … — ele respondeu aninhando-se em seus braços. — Estou precisando tanto de você …

— Que crise de ternura é essa, Theozinho — sussurrou ela acariciando-lhe a cabeça.

— Estou vendo que ele se acostumou bem com você — comentou Melina com uma ponta de ciúme.

— Ora, ora … — fez tia Marthe, constrangida. — Faça um esforço, Théo!

— Não descubro — disse o garoto num tom queixoso. — Me ajude!

Tia Marthe abriu de novo o livro e pôs o dedo numa página.

— Aqui — afirmou. — Claro, a imagem é pequena. Por isso você não viu.

Era um deus nu em pelo, com uma pele azul e cheia de braços. Um deles segurava um tridente, outro um pequeno tambor, o terceiro uma chama e o quarto uma espécie de chocalho. Ria e tinha uma serpente em volta do pescoço. Uma naja toda sorrisos de cabeça em pé.

— É engraçado — comentou Théo. — Quem é? Shi … Shiva. Mas ele não dança!

— Dança sim — retrucou tia Marthe. — Não parece, mas suas duas pernas dançam.

Por que ele tem quatro braços e só duas pernas? — perguntou Théo.

— Já começou — disse ela. Perguntas, sempre perguntas! Aliás, tem uma que você não fez, Théo. Você não perguntou aonde vamos.

— Para a Índia — respondeu o rapaz sem hesitar. — Está anotado na página. Então o rio é o Ganges, e a cidade, Benares, porque eu sabia desde o começo. Lógico. Mas continua faltando uma palavra na mensagem. "Aí me adoram e eu …" Eu o quê?

— "Liberto" — completou o pai. — A palavra apagada é libertar. Mais tarde você vai entender, Théo. Enquanto isso, você vai descansar, e desta vez sem discussão!

A grande fúria de Melina

Assim que a porta se fechou, Melina explodiu. Sua cunhada tinha faltado com seu juramento! Ela tinha prometido nunca revelar a Théo a existência de um irmão gêmeo morto ao nascer! Como pôde …

— Melina, eu te juro … — balbuciou a pobre mulher tremendo. — Não disse nada!

Melina não acreditou. Théo tinha falado de seu gêmeo. Pior ainda, imaginou tê-lo encontrado! E então?

— Então, eu contei a vocês que em Luxor Théo assistiu a uma cerimônia do Zâr … — respondeu tia Marthe.

— É verdade — confirmou o pai. — Você até acrescentou que Théo tinha saído mais bem-disposto. Mas não vejo a relação.

Pois bem … — começou tia Marthe, hesitante.

Não era fácil explicar a relação, e a coisa ia parecer inacreditável. Marthe tinha visto Théo desmaiar sem mais nem menos, depois renascer dançando …

— Renascer? — exclamou Melina chocada. — Mas ele não morreu!

Enfim, ao sair do transe, Marthe o tinha ouvido falar distintamente de seu irmão gêmeo. Os fatos eram esses.

— Théo em transe … — disse Jérôme. — Na verdade, isso não me surpreende. Ele é um sonhador.

— Não é mesmo? — fez Marthe aliviada. — Em todo caso, de acordo com a sheikha, ele encontrou mesmo seu irmão gêmeo. Eu me pergunto se vocês não deveriam lhe dizer a verdade.

— Não! — gritou Melina. — Ele é frágil demais.

— E se esse gêmeo escondido o arrastasse, sem que vocês soubessem, para o reino subterrâneo? — murmurou tia Marthe. — Os segredos de família às vezes causam tamanhos estragos …

— E se a verdade o perturbasse ainda mais? — retrucou Jérôme. — Théo está gravemente doente, você sabe muito bem.

— Bem demais! — exclamou ela. — E sou a primeira a querer protege-lo. Deixemos para lá.

— É melhor — concordou Melina imediatamente. — O essencial é que os resultados estejam melhorando, e não vejo o que minha criança morta teria a ver com os exames de sangue …

Tia Marthe quase disse que o gêmeo natimorto com certeza não tinha nada a ver, mas conteve-se. Marthe tinha uma ideia própria sobre a cura de Théo, e a primeira etapa tinha satisfeito todas as suas expectativas.

O deus cuja mulher tinha se inflamado

D. Ottavio reapareceu no dia seguinte. E como as notícias eram boas, propôs uma breve visita ao museu do Vaticano.

— Não o museu todo — acrescentou. — Aprendi a lição! Apenas a parte etnológica. Acho que vai te interessar, *bambino*.

— Contanto que você me dê a mão. E que a gente pare quando eu quiser, promete?

Prometido foi.

— As instalações do museu missionário etnológico são inteiramente novas — explicou d. Ottavio entrando no saguão de uma construção moderna. — Foram reunidos aqui os presentes oferecidos aos papas, assim como coleções raríssimas. Você vai encontrar aqui as religiões do mundo inteiro, *bambino*. Um resumo de sua viagem, por assim dizer.

— Mas em todos esses países há cristãos, Théo — acrescentou tia Marthe. — É por isso que esse museu se chama "missionário". Você vai ver os deuses antigos, que os padres católicos quiseram substituir pelo deles.

— Todos os deuses levam a um só Deus — murmurou o cardeal. — O essencial é a crença na divindade. Já tivemos cem vezes essa discussão, Marthe. Deixe Théo descobrir o que ele quiser.

Théo acariciou os dois leões chineses, examinou a maquete do Templo do Céu de Pequim, deteve-se um instante diante do altar dos ancestrais, deu uma olhada nas estátuas búdicas, atravessou o setor japonês com ar indiferente …

— Está indo depressa demais, Théo! — repreendeu Melina.

— Estou procurando alguém — replicou o rapaz apertando o passo. — Tibete … não. Mongólia, não mesmo. Indochina … ah! Está aqui. Índia.

E freou diante da estátua de um deus com o pescoço rodeado por uma serpente, uma grande naja de cabeça erguida. Era lindo e bem sentado num touro.

— É ele mesmo — falou. — Meu deus indiano. Ué, não está escrito do mesmo jeito …

— Há várias maneiras de grafar os nomes da Índia — explicou o cardeal. — Çiva com cê-cedilha, ou Siva com esse, ou Shiva, é o mesmo. Mas

não é apenas indiano: pertence ao hinduísmo. O touro se chama Nandi.

— O touro também tem nome?

— Nandi é divino, *bambino*. Também é adorado.

— E a mulher ao lado de Shiva?

— É sua esposa, Parvati — respondeu tia Marthe. — Os deuses hindus raramente são solteiros. Shiva tinha se casado pela primeira vez com uma deusa chamada Sati; mas o pai dela recebeu muito mal seu genro divino, porque Shiva é um deus mal-educado, feroz e brutal. Sati ficou tão ferida em seu orgulho de esposa que decidiu se queimar viva, só para se vingar da grosseria do pai.

— E se queimou mesmo? — quis saber Melina, horrorizada. — Como são cruéis esses mitos!

— Ela se inflamou e a terra a engoliu.

— Pobre Shiva! — disse Théo. — Ficou sozinho …

— Não, porque, mais tarde, Sati reencarnou-se com o nome Parvati. Ora, desde o desaparecimento da mulher, Shiva tinha mergulhado numa meditação eterna de que nada era capaz de tira-lo. Para reconquistar o esposo, Sati, que se tornara Parvati, submeteu-se a incríveis gestos de austeridade: ficou milhões de anos de pé numa perna só e as plantas começaram a subir por seu corpo de tal maneira que ela ficou como uma árvore. No fim, comovido por essa mulher que ele não tinha reconhecido, Shiva saiu de seu êxtase e casou-se com ela.

— Espere aí — interrompeu Théo. — Era a mesma?

— Sim e não. Os hindus acreditam que uma vez que sai do corpo, a alma reencarna imediatamente em outro. A alma não muda. Mas o corpo é diferente.

— Interessante, isso — falou Théo. — Quantas vezes se pode reencarnar?

— Milhões de vezes — respondeu tia Marthe. — Até a alma ter andado o bastante para alcançar a perfeição e se dissolver, por fim, nos ares. Porque não se engane, Théo: o ideal dos hindus é pôr fim à reencarnação. Ora, Shiva é justamente o único capaz de deter o ciclo.

— Ele liberta — recordou Théo. — Entendi. "Aí me adoram e eu liberto." Mas eu não tenho a menor vontade de ser libertado. Prefiro reencarnar.

Melina teve um calafrio e Jérôme passou-lhe o braço pelos ombros. O cardeal pigarreou.

— Ainda não se chegou a esse ponto, *bambino* … — interveio. — Aliás, os hindus têm um grande sentido da vida! Não é, minha querida Marthe?

— E como — ela suspirou. — Shiva é ao mesmo tempo deus da Vida, da Morte, da Dança e da Música. Já diz muito!

— Vi uns filmes em que os indianos se banham no Ganges, em Benares, parece sensacional! — exclamou Théo excitadíssimo. — Eu também vou poder me banhar?

— Veremos — respondeu tia Marthe. — Vou te levar para encontrar meu amigo, o grão-sacerdote que te explicar os ritos melhor que eu.

— Puxa! — assobiou o cardeal. — Um grão-sacerdote? Decididamente você conhece gente no mundo todo!

— Grão-sacerdote do templo do macaco divino, por favor …

— Um macaco divino! — exclamou Théo pensativo. — Então na Índia há deuses que não são homens?

— Em quantidade, Théo! — respondeu tia Marthe. — Eles podem ser macacos, vacas, touros, águias, cavalos, até pedras …

— Não é o que o senhor chama de idolatria, senhor cardeal? — perguntou Jérôme rindo.

O cardeal deu de ombros. O cristianismo era mais tolerante com os deuses animais do que o islã e o judaísmo: admitia as representações de

Deus.

— Os ídolos se contentam com antecipar a forma do homem, só isso — retrucou o cardeal, após um leve silêncio. — Com o tempo, a humanidade descobriu o Filho do Homem, criado à imagem de Deus. O divino está presente em toda parte …

— Quer dizer que a Índia é como o Egito? Legal!

Théo absolve o cardeal

Era o último dia em Roma. Théo utilizou sua máquina fotográfica e metralhou os pais, para levá-los consigo, conforme disse. Mais até: foi acordá-los na cama bem cedo, ofuscando-os com seu flash. Na hora do almoço, o cardeal, que queria a qualquer preço completar o aprendizado de Théo, tentou em vão emplacar as parábolas do Evangelho.

— São tão bonitas — argumentou d. Ottavio com o garfo em punho. — Deixe eu te contar a parábola da figueira …

— Não é época de figos — rebateu Théo, com a boca cheia de espaguete.

— E a das virgens sábias? Não? A dos três servidores …

— De outra vez — disse Théo amavelmente. — Senão, vou me enrolar, entende?

— Ele tem razão, Ottavio. Veremos outros cristãos em outros lugares — observou tia Marthe.

— É pena! — suspirou o cardeal. — Em Roma, é melhor para isso.

— Pecado de orgulho! — cutucou Jérôme erguendo o copo com ironia. — Não fica nada bem, senhor cardeal …

— Um momento, o confessor sou eu! — protestou o cardeal. — Não confunda os papéis, senhor diretor de pesquisa!

— Nunca entendi direito o que queria dizer confessar — disse Théo.

— Um cristão pode obter o perdão para todos os seus pecados — respondeu d. Ottavio solícito. — Basta contá-los a um padre que lhe dá a absolvição em nome de Deus. *Absolvição* significa "solução total". Logo dissolução, apagamento.

— É prático — disse Théo. — Assim a gente pode fazer o que quiser. E você, nunca peca?

— Claro que sim — respondeu o cardeal. — Só que tenho o poder de confessar, enquanto seu pai não tem. Pois é, eu não tenho nem mulher, nem filhos, mas posso dar a absolvição. Não dá para ter tudo.

— É triste, apesar de tudo — comentou Théo.

— Por acaso tenho um ar triste, Théo? — perguntou o cardeal — Falando sério, diga-me …

— Não — respondeu Théo. — No fundo, você é até engraçado.

— Magnífico! — exclamou o cardeal. — Engraçado para a maior glória de Deus!

— Cardeais como o senhor nos reconciliam com a Igreja — admitiu Jérôme. — E olhe que não gosto de padres …

— Eu tinha percebido — cortou o prelado. — Seu filho me disse e repetiu. Pois bem, vocês vão ver que ele vai acabar crendo, mesmo sem vocês quererem.

— Quero ver! — disse Théo. — Crente em quê, na sua opinião.

— Isso não sei — respondeu d. Ottavio. — Mas tenho certeza de que, de tanto descobrir todas as representações de Deus, uma vai acabar te pegando.

— Se isso acontecer, eu escrevo para você contando — concluiu Théo.

O cardeal determina o protocolo

Os pais foram pegar o avião para Paris, tia Marthe e Théo iam voar para Delhi. No aeroporto, Melina chorou tanto que Théo pôs-se a soluçar. Jérôme e tia Marthe não ousaram separá-los. O tempo passava.

Então o cardeal tirou do bolso seu lenço enorme.

— Assoe o nariz — ordenou a Théo num tom que não admitia réplica.

Surpreso, Théo parou no ato e assoou-se barulhentamente.

— E a senhora também, por favor — disse estendendo o acessório a Melina. — Vocês se maltratam com todas essas lágrimas. Um pouco, tudo bem, mas nada de exageros.

Melina assoou-se por sua vez e parou de chorar.

— Perfeito — falou o cardeal dobrando pausadamente o lenço. — Agora, beijem-se calmamente. Isso … beije seu pai, *bambino* … Senhora, parta com seu marido, por favor. E você, Théo, venha cá com sua tia.

Tudo estava em ordem.

— Você daria um chefe do protocolo de primeira, meu amigo — murmurou tia Marthe. — Arranjou tudo num piscar de olhos!

— O Vaticano é uma boa escola — sussurrou o cardeal. — Somos muito bons em matéria de cerimonial, você sabe …

— Mamãe! — gritou Théo correndo até Melina. — Leve as minhas lentilhas! Elas vão crescer para você!

— Obrigada, meu amor — murmurou Melina. — Vou tratar direitinho delas. Vá, meu tesouro …

10

A índia de sete faces

As angústias de tia Marthe

Assim que se instalou no avião, Théo adormeceu. Acostumada que estava aos voos de longa distância, tia Marthe tirou os sapatos, esticou as pernas e abriu o *Herald Tribune*, mas não tinha a menor vontade de ler. E se aquela aventura abreviasse os dias do seu Théo querido? Se ela estivesse redondamente enganada e se os médicos …

— Não se deixe abater, menina — disse para si em voz baixa. — Eles, os grandes especialistas, se deram por vencidos. Consideraram-no um caso perdido, mas são incapazes de explicar por quê. Vírus desconhecido … envenenamento de tipo tropical veiculado pelas linhas aéreas … sei! Eu estou com a razão …

Mas a etapa indiana não seria fácil. O choque da imensidão, a densidade das multidões, a proximidade animal, a estranheza dos deuses de olhar impassível, o fervor de um culto multiforme … Marthe recapitulou ponto por ponto sua estratégia. Dar um jeito de fazer Théo aceitar que ia esperar

um pouco antes de verem Benares, a perigosa. Porque nas margens do grande rio queimavam os mortos em fogueiras … com os olhos cravados no azul do céu, Marthe pensava nas línguas de chama na noite, nas cinzas dispersas n'água.

— Ele não vai ver as fogueiras — murmurou baixinho. — Eu sei muito bem o porquê de Benares para o meu Theozinho.

Por mais que ela soubesse, porém, tremia de antemão. Ah! Não era por nada que a cidade de Benares adorava o deus da Destruição! Sob que forma ele iria se manifestar? A morte ou a vida?

— É melhor você analisar as cotações da Bolsa, minha filha — repetia Marthe para si mesma fixando com um olhar distraído os números relativos às suas ações em Frankfurt ou Tóquio.

As oito religiões da Índia

Seis horas de voo, refeição, filme, choro de bebês. Saindo do sono, Théo observou com o rabo do olho as mães indianas que passeavam seus filhos com uma soberba arrogância e as compridas garotas de tranças negras com fios de prata entrelaçados. Uns velhotes esquisitos de terno com colete, trazendo à cabeça um turbante pontudo na frente, compravam produtos de beleza isentos de impostos …

— Tia Marthe — cochichou Théo — por que eles têm a barba numa rede?

— Porque são sikhs — murmurou ela. — A religião deles proíbe que cortem qualquer pelo. Debaixo do turbante, trazem um coque bem amarrado; e quando a barba é comprida, eles a dobram, é mais cômodo. Daí a rede, como para os cabelos …

— De novo os cabelos! — exclamou Théo. — Por que toda essa gente cisma de regulamentar os pelos, hein?

— Mas desta vez não se trata dos cabelos das mulheres. Os homens é que sofrem a proibição. Fazem essa promessa em lembrança das perseguições de que foram vítimas no passado e porque o mestre deles ordenou que estivessem constantemente prontos para se defender. Os cabelos deles são cabelos de guerreiros. E não é um caso único: encontramos o mesmo mito na Bíblia. Conhece a história de Sansão?

— O cara cuja namorada lhe cortou os cabelos para enfraquecê-lo?

— Esse cara, como você diz, era um nazarita de Deus. Como você se lembra, o nazarita devia deixar a cabeça desgrenhada, porque o cabelo dá ao homem a força de seu Deus. Ora, Sansão se apaixonou por uma inimiga dos judeus, uma mulher da tribo dos filisteus. Deu azar: Dalila cortou-lhe as tranças enquanto ele dormia. Não tinha mais relação com Deus! Pegaram-no, furaram seus olhos, amarraram-no nas colunas do Templo. Só que deixaram Sansão muito tempo amarrado ali, e os cabelos cresceram de novo. Então …

— Eu sei! — exclamou Théo. — Ele recuperou as forças e sacudiu as colunas do Templo, que esmagou todo mundo.

— Está vendo? É frequente os cabelos ligarem o fiel ao divino. Na Índia, no caso dos brâmanes, é um tufo na nuca raspada …

Théo admitiu que era um problema interessante e dirigiu sua atenção para um monge budista de túnica de burel púrpura. Depois para uma americana de pele clara com um turbante tão imaculado quanto suas calças compridas e sua sobrepeliz. Depois para os anéis que usava em cada dedo um indiano gorducho que dormia em sua poltrona. Decididamente, o voo para a Índia não era como os outros.

— Que religião esquisita — ele soltou na falta de melhor comentário.

— Qual? — indagou tia Marthe.

— A da Índia …

— Escute aqui, meu camarãozinho, acho que eu já te disse que não havia só uma religião na Índia! — indignou-se tia Marthe.

— Ah, é — tornou Théo. — Quantas são mesmo?

— Pelo menos oito — disse tia Marthe. — O hinduísmo, o budismo, o Jainismo, o islã, a religião dos zoroastrianos, o sikhismo, o cristianismo e até o judaísmo.

— Não entendi nada — gemeu Théo. — Pode repetir?

Pacientemente, tia Marthe explicou que no princípio era o bramanismo …

— Desse você não tinha falado! — protestou Théo.

— É verdade, porque não existe mais na sua forma antiga. O bramanismo tinha envelhecido tanto que foi reformado no século III, tomando o nome de hinduísmo. Hoje, mais de setecentos milhões de indianos são hindus.

— Puxa vida! — fez Théo. — É gente à beca …

Tratando-se da Índia, era preciso se acostumar com a escala humana. Sozinha, a cidade de Calcutá tinha pelo menos o dobro de habitantes de toda a Áustria, e os indianos não estavam longe de superar o bilhão de seres humanos. O estado menos populoso da Índia era mais populoso que a França toda e …

— Pare! — disse Théo. — Você me deixa tonto.

A tontura era inevitável. Tanto mais que o hinduísmo compreendia um milhão de deuses, alguns até falavam em números maiores, trezentos e trinta milhões; em poucas palavras, não se sabia mais. Mas não havia por que se apavorar: acabava dando para identificar alguns.

— Conheço dois — disse Théo. — Shiva e Parvati.

Não era tão mal assim. Mas ainda era preciso entender o âmago do hinduísmo: o respeito pela ordem cósmica, a obediência ao destino e, dominando todos os gestos da vida, o dever de pureza, estabelecido desde o

nascimento pelos deuses para cada um dos hindus, conforme sua casta de origem. Porque a pureza não era a mesma para todos: a pirâmide das *varnas*, própria do hinduísmo, repartia os hindus em três altas castas — os brâmanes, os guerreiros, os mercadores, — a que se somavam as castas dos que os serviam. Os mais puros, os brâmanes, eram os únicos que tinham o direito de ler os textos sagrados e zelavam por sua rigorosa aplicação; os guerreiros exerciam o poder político e defendiam o território; os mercadores se encarregavam do comércio. Todos os membros das três castas eram "nascidos duas vezes", isto é, aos oito anos de idade tinham direito a uma cerimônia de iniciação, segundo o nascimento que os transformava em hindus piedosos. Só eles.

Sob as três *varnas* dos nascidos duas vezes encontravam-se milhares de outras castas, classificadas por graus de impureza crescente, até o limite suportável pelos homens. Mas havia as outras, todas as outras, aquém da humanidade. No ponto mais baixo da lista dos excluídos encontravam-se os mais impuros, que se encarregavam dos mortos, porque, quando a alma ia embora, o cadáver permanecia, cúmulo da impureza. Na concepção tradicional, esses impuros eram tão "sujos" que a sociedade os tirava das castas: não eram classificados em lugar nenhum. Na época colonial, os ingleses os tinham chamado de "intocáveis", a tal ponto viviam apartados dos outros hindus. O destino havia reservado para eles a mais servil das existências, à qual não podiam se furtar. Porque, em razão do nível de nascimento, a vida de cada hindu estava inteiramente prevista de acordo com a ordem cósmica e o sistema das castas, garantia da pureza geral pela qual os nascidos duas vezes zelavam cuidadosamente, sobretudo os primeiros deles, os brâmanes, isto é, os que possuíam o conhecimento dos textos sagrados.

Claro, para preservar o difícil equilíbrio entre os puros privilegiados e os impuros, as divindades hindus eram numerosas; mas, como explicara o sr. Laplace, o arqueólogo, a propósito da religião egípcia, elas remetiam a uma ideia única da divindade, o Absoluto. Qualquer que seja sua casta de origem os hindus chamavam o Absoluto de Brama, isto é, o ser puro, o ilimitado, o infinito, o Tudo, o que não tem forma. E cada indivíduo possuía em seu próprio princípio de Absoluto, o átman, o "si mesmo", a alma individual chamada a ir ao encontro do Todo pela libertação da morte antes da próxima reencarnação, antes da suprema liberdade, por fim, sair, quem sabe da vida pura e simplesmente. Os brâmanes tinham herdado seu nome do Absoluto, o Brama, de que eram guardiães. Assim, ao contrário das aparências, a casta dos brâmanes, consumando os ritos, garantia a todos a comunhão com o único Absoluto.

Havia mais: antes do bramanismo, só existia na Índia uma deusa, Aditi, a Mãe, fonte da vida. Depois, diziam, os brâmanes haviam assumido o controle da Índia e a grande deusa desapareceu sob a múltipla companhia dos deuses masculinos. Claro, os hindus respeitavam a ordem da natureza: a cada deus, sua deusa. Eles inventaram os casais de deuses. Para cada deus, sua esposa, e para cada uma delas, sua função. Mas quando se questionava um hindu religioso das cidades, via-se que a imagem da divindade única não havia desaparecido; porque, se o bom hindu decidisse consagrar sua vida aos deuses de sua escolha, sua alma individual buscava o Absoluto, como no mundo inteiro. Facilitando as tarefas no interior da sociedade, as divindades hindus simbolizavam cada uma um elemento da vida: para cada atividade existia um deus ou uma deusa. Para a riqueza, a deusa Lakshmi; para as artes, a deusa Sarasvati; para o lar e os negócios, o deus Ganesh, e assim por diante …

— Prático — comentou Théo. — Vou ter que arranjar um.

Mas uma vez destrinchadas as divindades hindus, restavam-nos os outros deuses.

— Buda? — indagou Théo.

— Buda não era um deus! — exclamou tia Marthe. — Buda era um príncipe nascido de uma rainha, antes de renunciar ao mundo. Ele descobriu o sofrimento humano sob … Bem, Théo, são duas figuras assustadoras, a doença e a velhice. Depois cruzou em seu caminho com um monge de fisionomia serena. Então, retirou-se para meditar sobre o caminho da verdade. Mais tarde, podia-se constatar que muitos tinham se posto a adorá-lo.

— E Buda então se tornou um deus — disse Théo.

Mas tia Marthe se sentia culpada, porque ela havia silenciado cuidadosamente sobre a terceira figura do sofrimento, a que havia levado o jovem príncipe Gautama à via da renúncia: a visão de um cadáver. Então, em vez de ruminar seus remorsos, tia Marthe contou como, na mesma época, nasceu também na Índia, quase no mesmo lugar, outro jovem príncipe que também renunciou ao mundo e que, com o nome de Mahavira, fundou o jainismo, religião prima do budismo. O mais interessante, porém, é que nem um nem outro eram da casta mais elevada, a dos brâmanes, guardiães da pureza. Ambos pertenciam à casta dos príncipes e guerreiros, apenas um grau abaixo daquela. É por isso que, preocupados com a igualdade, Mahavira e o Buda inventaram duas religiões abertas a todos, sem distinção de casta. Era um grande progresso.

O fundador do jainismo, Mahavira, pregava o respeito absoluto pelas espécies vivas, às quais era proibido causar qualquer dano. Por isso os jainistas eram estritamente vegetarianos, não comiam nem ovos nem raízes, e a coisa que mais temiam era matar um ser vivo — a ponto de varrerem o caminho por que iam passar para não esmagar um inseto e de levarem à

boca um lenço de musselina branca por medo de engolir sem querer algum ser microscópico invisível.

— Até que é simpático, isso — comentou Théo.

— Simpático, sim, mas nada cômodo — replicou tia Marthe. — Além do mais, eles se dividiram em dois ramos: os que vivem vestidos de branco e os que vivem vestidos de espaço, quer dizer, inteiramente nus.

— Nudistas? — fez Théo. — E por que não?

— Claro … mas os nudistas não passam a vida inteira na nudez integral, ao passo que os jainistas vestidos de espaço nunca usam roupa.

— Hinduísmo, budismo, jainismo, mais as três que conheço, judeus, cristãos, muçulmanos, são seis religiões — contou Théo. — Da de Zoroastro você já me falou, sete.

Só faltava o sikhismo, cujo deus era adorado sob a forma de um Livro vivo.

— Vivo? — exclamou Théo. — Está brincando!

Nos templos sikhs, chamados *gurudwara*, Casa do Mestre, Théo veria o Livro-deus com seus próprios olhos. Havia nada menos de dezessete milhões de sikhs na Índia, quase tantos quanto os cristãos, vinte milhões. Já os muçulmanos eram quase cento milhões, os jainistas, quatro, os budistas, cinco, e os zoroastrianos, mais conhecidos pelo nome de parsis, menos de cem mil. Quantos aos judeus não passavam de alguns milhares, uma miséria. Os outros haviam emigrado para Israel.

— Óbvio — disse Théo. — Por causa das perseguições!

— Nada disso. Se há um país em que nunca, nunca mesmo, os judeus foram perseguidos, esse país é a Índia, Théo. Os judeus da Índia emigraram porque quiseram, sem outro motivo além de ir para Jerusalém.

— Claro! De tanto ouvirem "Ano que vem em Jerusalém", devem ter vontade de ir mesmo! Em todo caso, na Índia, as pessoas são livres para

fazer o que bem entenderem!

— Sim e não — retrucou tia Marthe, embaraçada. — Entre hindus e muçulmanos, as coisas não são nada simples! Por tristes razões de vacas e porcos estouram rebeliões sangrentas … não olhe assim para mim, Théo. Eu disse vacas e porcos mesmo! De vez em quando, por provocação, os hindus jogam um rabo de porco por cima do muro de uma mesquita, porque, no islã, o porco é estritamente proibido, como na Bíblia … daí, os muçulmanos jogam carne de vaca no recinto dos templos hindus, porque no hinduísmo a vaca é sagrada …

— É verdade! — fez Théo. — Vamos ver alguma vaca?

Com toda a certeza! Duzentos milhões de vacas sagradas não passam tão despercebidas assim. Mas elas não se parecem nem pouco com suas primas europeias: magricelas, dão pouco leite.

— E o que fazem com elas então? — quis saber Théo.

Era permitido ordenhá-las, mas em geral as vacas faziam o lhes passava pela cabeça. Pastar, vagabundar, arrastar-se por aí, deitar-se bem na linha férrea; resumindo, elas eram livres.

— É legal um país assim — comentou Théo admirado. — E outros animais?

Quase todos eram representados na forma de deuses, com exceção do cachorro, porque esse pobre animal, escorraçado a pontapés, era considerado a reencarnação da alma de um ladrão. Podiam-se ver na Índia um macaco divino, um touro divino, uma águia-deus, um deus-cavalo, um deus-elefante, e até deuses sob a forma de milhares de ratos … Em Bikaner, adoravam esses encantadores animais num templo consagrado às almas de uma casta baixa que por milagre tinham conseguido chegar ao nível do roedor. A lenda não dizia de que grau das castas elas tinham partido …

— Pulga? — sugeriu Théo. — Adorar ratos é bem esquisito, afinal!

— Esquisitice é o que você não vai parar de encontrar na Índia — respondeu tia Marthe.

— E aquela senhora toda de branco, lá atrás, com um turbante esquisito, quem é?

— Oh, uma anglo-saxã — soltou tia Marthe negligentemente. — Deve pertencer à seita das "filhas de Brarna", que não faz mal a ninguém. Quando se sentem perdidos demais, os ocidentais adoram fantasiar sua alma: correm então para a Índia, para lugares de retiro concebidos especialmente para eles, com êxtases coletivos e devoção desenfreada, e os indianos ganham um bom dinheiro com isso. São excelentes comerciantes. Inventaram até um nome engraçadíssimo para esse gênero particular de comércio: "carma-cola".

— Carma-cola? Como coca-cola?

— É, só que a palavra *carma*, no hinduísmo, significa algo como o destino individual. Você já ouviu essa palavra, imagino.

— Claro — confirmou Théo. — Mamãe tem uma amiga meio maluca que fala o tempo todo de seu carma, fazendo umas caras … Papai acha graça.

— E tem razão — disse tia Marthe. — Isso faz os indianos rirem como ele. Porque ninguém pode se tornar hindu. Você nasce hindu ou não, e pronto. Então os ocidentais disfarçados, claro …

— Em que isso os incomoda? — perguntou Théo.

— Em nada, mas na Índia cada um sabe como as coisas são ou deixam de ser. A rigor, um ocidental poderia se reencarnar num hindu numa vida próxima, ou ter sido hindu numa vida anterior, mas na vida presente não tem jeito!

— A reencarnação — suspirou Théo pensativo. — Está aí uma coisa interessante. Temos então várias vidas. Milhares devidas …

— Melhores para quem for sensato, piores para os que fizerem besteiras — ranzinzou tia Marthe. — Não comece, por favor!

— Não fiz nada! — queixou-se Théo. — Só estou querendo entender, e não é mole essa trapalhada toda!

Claro, essa trapalhada toda formava um mosaico complicado, mas como cada religião tinha seus ritos e seus costumes, a gente acabava se localizando. E ainda havia que acrescentar à lista das oito religiões a imensa população dos animistas, espalhados por toda a Índia, os quais, como na África, adoravam sua incontáveis divindades-fetiches com toda serenidade.

— E corno vou fazer para anotar no meu caderno? — perguntou Théo coçando a cabeça. — Já pensou, pôr em ordem milhões e milhões de deuses?

Tia Marthe sorriu. Théo não ia demorar a entender que, na Índia, a classificação em seu caderninho era simplesmente impossível.

Ila, e alguns animais

Às quatro da manhã, entre a passarela e o corredor do aeroporto, Théo recebeu um bafo de ar quente com cheiro de mel e de betume. A multidão se comprimia atrás das barreiras, cada um com um cartaz com nomes em letras de fôrma. Levando um esbarrão, tia Marthe empurrou o carrinho xingando: a chegada a Nova Delhi era sempre caótica.

— Marthe! — gritou uma voz feminina.

— Ah! Ela está ali — suspirou tia Marthe, aliviada.

Uma mulher jovem, de túnica-calça rosa vivo, precipitou-se para Marthe e jogou-se em seus braços. Depois olhou para Théo com um misto de emoção e de alegria.

— Esta é minha amiga, Ila — apresentou tia Marthe.

Ila juntou as mãos e se inclinou. Como era bonita! Parecia-se com a deusa Hera da *Cólera dos deuses*. Na asa direita de seu nariz pequeno brilhava um minúsculo diamante em forma de margarida. Seus olhos, seus cachos

negros, seus dentes branquíssimos, tudo sorria nela, até a pinta que tinha no canto dos lábios. Encantado, Théo juntou as mãos por sua vez.

— Você deve falar *namaskar* — ensinou tia Marthe. — Quer dizer "bom dia".

— *Namaskar* — repetiu gravemente Théo. — Como vai?

— Muito bem — ela respondeu polidamente. — O *sardar* nos espera em seu táxi.

O sardar era um jovem barbudo com cabelos compridos e cacheados. No carro, Ila explicou a Théo que todos os sikhs tinham o título de *sardar*, que muitos eram taxistas e que ela gostava muito deles, por serem muito dedicados.

— Olhe, tia Marthe, ele não usa turbante — murmurou Théo. — Não é um sikh de verdade!

— Eu por acaso te disse que o turbante era obrigatório? — respondeu rudemente tia Marthe. — A barba e os cabelos, sim. O turbante, não.

Apenas visíveis na névoa noturna, sombras encobertas andavam à beira das estradas escuras. De repente, o traseiro branco de uma vaca apareceu à luz dos faróis e o carro reduziu a marcha.

— Uma vaca sagrada! — exclamou Théo.

— Sim, e está nos atrapalhando — resmungou tia Marthe. — Será que não vai sair da frente?

O sardar manobrou para contornar o animal, que se pôs a pastar um pedaço de jornal abandonado. Na bruma apareceu uma silhueta gigantesca, que Théo tomou por um caminhão. Um caminhão lento à beça. Mas quando o veículo passou por ele, Théo percebeu duas imensas orelhas e a tromba. Um elefante, que transportava feixes de capim.

— Bravo, Théo! — fez Ila. — Quando se vê um elefante, é muito auspicioso.

— Dá sorte — explicou rapidamente tia Marthe.

— Que outros animais vamos ver? — quis saber Théo excitado.

Um exército de macacos, duas ou três cabras de orelhas caídas, um rebanho de carneiros conduzidos por um pastor e filas de carros buzinando a torto e a direito. Havia também a humanidade. Em toda parte ardiam pequenas fogueiras em volta das quais as pessoas se reuniam. Longos filetes de fumaça se elevavam através da copa das árvores; o ar parecia infinitamente azul. A luz se tornou cor-de-rosa sobre a cidade; antes de chegar ao Hotel Taj Palace, Théo teve tempo de perceber uma revoada de papagaios verde-maçã, gaviões planando em busca de uma presa e, bem alto no céu, o círculo dos abutres estendendo suas grandes asas escuras terminadas em penas brancas.

O carro parou ao pé da escada de mármore. Um guerreiro barbudo com um turbante emplumado abriu solenemente a porta do automóvel. Espantado, Théo encontrou-se num quarto imenso. Uma fruteira o esperava em cima da mesa, ao lado de um buquê cujo cheiro Théo reconheceu na mesma hora.

— Angélicas! — exclamou contente. — Estou com fome!

Ila descascou a banana e cortou em dois um mamão, explicando a Théo que nunca se deve comer uma fruta na Índia sem descascar. Quanto à água, tinha de tomar muito cuidado e só utilizar água mineral. Até para escovar os dentes.

— A água de vocês é tão perigosa assim? — fez Théo.

Na Índia, a questão da água era grave. Em sua casa, Ila havia instalado um sistema de água potável, mas ele era tão caro que só as pessoas endinheiradas podiam instalá-lo.

— E você trabalha em quê? — perguntou Théo, prático.

Ila cuidava da família e escrevia romances, o que não dava muito dinheiro. Seu marido, Sudhir, era piloto de longo curso, o que era uma profissão interessante. Ila começava a falar de seus dois filhos quando Marthe resolveu que era hora de ir para a cama. Théo demorou para dormir. Tantos animais! Tanta gente diferente!

Théo escolhe o deus-elefante

Por volta do meio-dia, tia Marthe acordou Théo que dormia a sono solto. Pela janela, notou um domo majestoso, guarnecido de Colunatas. Um templo hindu!

— Não é bem um templo — retificou tia Marthe. — É o domo do palácio presidencial, antiga residência dos vice-reis do império britânico. Templo, só se for da democracia indiana!

Mas, e os templos? Esticando o braço, Marthe mostrou ao sobrinho minúsculos edifícios em forma de pera, espalhados em meio às ramagens da cidade-jardim. Os maiores templos da Índia não estavam na capital. Nem mesmo em Benares. Ficavam todos no Sul: imensas séries de pátios e lagos artificiais, majestosamente cercados de enormes frontões esculpidos. No verão, com o chão pegando fogo, a gente queimava as plantas dos pés, que tinham de estar descalços …

— Descalços? — espantou-se Théo.

Na Índia, em todos os locais de culto, entrava-se descalço, como sinal de respeito. Sem dúvida o costume vinha do hinduísmo, porque o couro, fabricado a partir da pele da vaca, era proibido no recinto do templo. Em seguida, quando os conquistadores muçulmanos se instalaram no território da Índia, as pessoas se descalçaram nas mesquitas, como exige o islã. Mesmo

nas igrejas e nas sinagogas, entrava-se descalço. Talvez simplesmente para não macular os espaços sagrados com as sujeiras da rua …

— Foi por isso que mandei você trazer tantas meias — concluiu tia Marthe. — Pelo excesso de calor ou de água. Quando os ladrilhos de um templo tiverem acabado de ser lavados, você vai apreciar as meias! Agora, seus remédios. Depois, vamos comer comida chinesa.

O restaurante chinês estava cheio de senhoras de sáris de todas as cores, cobertas de joias, até nas narinas.

— Tia Marthe, por que elas usam um diamante no nariz? — perguntou de repente Théo.

— É como um brinco, só que furam a narina. Ila diz que não dói. Não acha bonito?

— Acho — admitiu o rapaz. — Vamos levar um para mamãe.

A tarde foi consagrada à visita de um museu bem diferente. Era uma grande aldeia em que, em todo o seu contorno, artesãos trabalhavam ao ar livre, forjando imagens, esculpindo estátuas ou se aplicando a pintar, com um pincel de três pelos, finas miniaturas.

— Vamos comprar um deus — decidiu tia Marthe. — Escolha um.

Théo hesitou. As imagens não eram nem um pouco atraentes.

— Por que os deuses têm tantos braços? — perguntou.

— Simplesmente para representar o movimento — respondeu tia Marthe. — E para fazer simultaneamente ações contraditórias, criar com um braço, destruir com outro, por exemplo. Isso também permite colocar em cada mão uma arma, ou um símbolo. Olhe, seu Shiva, deus da Ascese e da Dança: uma mão para o tridente, símbolo da meditação, outra para o pequeno tambor de duas faces, símbolo da vibração criadora, e as outras duas livres, para o equilíbrio. Olhe este que vem de Bengala …

Montada num leão, a deusa de quatro braços segurava com seus quarenta dedos um machado, um facão, uma lança e um arpão. Armada até de um sorriso, ela aniquilava um demônio com corpo animal.

— Caramba, ela é terrível — murmurou Théo impressionado.

— Ela está desempenhando seu papel — retrucou tia Marthe. — Chama-se Durga, a Poderosa. Os deuses criaram-na para destruir um demônio-búfalo que devastava a terra. É por isso que os indianos também a chamam de "a Mãe", porque ela protege. Olhe a outra deusa ao lado dela … Está vendo?

De cabelos em pé, olhos fora das órbitas, esta punha uma língua enorme para fora num sorriso horroroso. As armas que tinha em suas oito mãos gotejavam sangue, e ela pisoteava alegremente um corpo branquíssimo. A língua da deusa estava tão posta para fora que descia até o pescoço …

— Ela é nojenta — fez Théo com uma careta.

— Kâli sempre causa esse efeito — sorriu tia Marthe. — Ela foi gerada pelos maiores deuses que conjugaram suas forças para desembaraçar a terra dos demônios. Kâli é a mais venerada dentre as deusas-mães da Índia. Porque toda mãe tem dois rostos: um sorridente, um furioso. Não?

Não — respondeu Théo. — Nunca vi mamãe botar a língua para fora.

— Ah! A língua para fora de Kâli é uma história estranha. Quando entrou na cena do mundo para destruir os demônios ilusórios, Kâli estava tão apressada que pisou sem querer no corpo de Shiva, um de seus criadores. De surpresa, ela botou a língua …

— Tipo "minha nossa, o que eu fui fazer"?

— É, Kâli ficou chateada. Depois, quando entendeu que um Shiva corporal não era verdadeiramente o deus, seguiu em frente destruindo tudo à sua passagem … Se você olhar de perto, vai ver Shiva sob seus pés. Desde então, Kâli bota a língua para fora por toda a eternidade.

— Se eu puser a língua para fora, ela não chega na ponta do queixo! — comentou Théo.

E pôs um tanto de língua para fora sem resultado.

— Para conseguir isso, só sendo iogue — disse tia Marthe. — Venha sentar aqui, é uma explicação meio demorada.

Retirados do mundo, os iogues praticavam uma espécie de ginástica que os levava ao êxtase. A técnica deles era espetacular, mas sempre destinada à meditação. Em três mil anos, eles tinham aperfeiçoado todo tipo de receita para limpar o corpo, impedi-lo de envelhecer, purificá-lo inteiramente, absorvendo água salgada pelas narinas, engolindo um pano de uns seis metros que depois cuspiam …

— Espere aí — interrompeu Théo. — Isso é impossível!

— Pois bem, se você quiser, pode tomar umas lições. Vai te fazer o maior bem.

— E a língua para fora, o que tem a ver com tudo isso?

— A língua, é complicado. Para chegar ao êxtase, é necessário saber conter a respiração por muito tempo. Então os iogues simplesmente tapam o fundo da garganta virando a língua para dentro … E para consegui-lo, cortam os pequenos músculos que a prendem ao maxilar inferior.

— Que maluquice! — exclamou Théo. — Eles cortam a língua?

— Ao contrário! Eles a liberam! Devagarinho, dia após dia, com o fio de uma folha seca. Leva anos, mas funciona. Kâli bota a língua para fora porque é uma *ioguíni*, isto é, uma deusa inspirada pela ioga. Ficou claro?

— Sei lá — resmungou Théo levantando-se. — Nunca vi nada tão sem pé nem cabeça. Não quero nem Durga, nem Kâli. Arranje outra coisa para mim.

Sem hesitar, tia Marthe pegou uma estatueta muito estranha. Um elefante corcunda, cuja tromba enrolada fazia cócegas na barriga.

— Que engraçado! — exclamou Théo.

— Achei que você ia gostar.

O deus-elefante se chamava Ganesh. Originalmente, tinha sido inventado pela esposa de Shiva, Parvati, após uma briga do casal. Para se vingar, ela fez um filho moldado no barro e colocou-o na porta do quarto para impedir a entrada do marido. Furioso, Shiva decapitou o menino de barro, com um só golpe. Mas ante os soluços da mulher, prometeu colar no corpo de Ganesh a cabeça do primeiro ser vivo que passasse por lá.

— E foi um elefante! — fez Théo.

Naturalmente. Ganesh começou a crescer, a tal ponto que foi obrigado a sentar-se. Tornou-se o deus do Lar, o deus da Felicidade e das Crianças. Por isso Ganesh adorava açúcar e leite. Certo ano — não faz tanto tempo — todas as estátuas de Ganesh puseram-se a beber o leite que lhes ofereciam. Por dois dias, multidões fizeram fila em frente dos templos para assistir a esse milagre: o deus-elefante bebia o leite!

— Papai diz que não se deve acreditar nos milagres — disse Théo. — Todas as estátuas? Mesmo as de madeira?

— Não — sorriu tia Marthe. — Os Ganesh de madeira não bebiam.

— De mármore ou de metal, tudo bem — ponderou Théo. — Já fiz a experiência em física. Você aproxima um líquido e, com o contato, ele se faz absorver. Nada mais simples.

Nada mais simples. No segundo dia do milagre, um jornalista célebre fizera um escândalo em seu programa de tevê matinal convidando seu vizinho, um sapateiro, que fizera a fôrma de latão com a qual confeccionava seus sapatos beber leite sem a menor dificuldade … A demonstração era límpida, mas os partidos religiosos o acusaram de atentado ao sagrado. Porque na Índia o milagre fazia parte da vida cotidiana, e Ganesh era o mais popular de todos os deuses do panteão indiano.

— É verdade que ele é simpático — admitiu Théo. — Vou levar.

O deusinho era de latão dourado, com um alto diadema e brincos nas orelhas. Tinha uma só presa na boca. Théo quis devolvê-lo ao vendedor, mas tia Marthe deteve-o: não se tratava de um defeito de fabricação. Em tempos remotíssimos, Ganesh dera a outra presa a um poeta, para que se servisse dela para escrever a primeira das grandes epopeias de seu país.

O religiorama

No segundo dia, em companhia de Ila, tia Marthe levou Théo para passar em revista as religiões da Índia através da cidade.

— Eu preparei um circuito panorâmico das religiões para você — disse ela. — Mas atenção! Temos que voltar antes do pôr-do-sol, às seis horas no máximo. Senão, fica muito cansativo.

Um, o templo hindu. Calmamente Ila se encarregou de guiar Théo. Primeiro, tirar os sapatos. Depois, tocar o sino. Por fim, prostrar-se diante de cada altar. Os fiéis apressados se descalçavam num piscar de olhos, tocavam o sino negligentemente, mas, com as mãos postas diante dos altares, rezavam com intenso fervor, em silêncio. Que devoção! No entanto, aqueles deuses não tinham nada de muito impressionante … Cobertos de cetim vermelho e guirlandas frescas, tinham um rosto de boneca, olhos de esmalte preto, um sorriso encantado. Ila nomeou-os um a um: aqui, o deus Ram, com sua mulher, Sita; ali, o deus Krishna, com sua amante, Radha …

— Não é mulher dele? — perguntou Théo.

Não. Ambos, Radha e Krishna, eram casados. Mas como Krishna era deus, ele tinha esse direito; quanto à mortal Radha, havia sido divinizada rapidamente.

— Ser deus é sensacional — comentou Théo.

Dois, a *gurudwara* dos sikhs. Não se entrava de qualquer maneira: era necessário descalçar-se e lavar os pés. Théo reclamou, mas quando chegou aos degraus que levavam ao lago sagrado, mudou de ideia. Resplandecente ao sol, a branca *gurudwara* era povoada de sikhs vestidos de azul, sabre à cintura, na cabeça turbantes gigantescos em que brilhavam crescentes dourados. Rezavam o Livro cantando. Longas filas de peregrinos alegres esperavam sua vez batendo papo.

— Até que enfim! — exclamou Théo. — Aqui tem vida!

Ila sorriu. Mesmo ela sendo hindu, entre os indianos os sikhs eram seus preferidos. E, no entanto, eram guerreiros … Ela julgou que esse paradoxo exigia uma explicação.

— Os sikhs inspiraram-se no islã e no hinduísmo — começou.

— Devagar — fez Théo. — Explique.

Ila contou então a maravilhosa história do mestre Nanak, de quem não se sabia se havia nascido hindu ou muçulmano, de modo que, quando morreu, as duas comunidades o reivindicaram como um dos seus, a tal ponto era bom e generoso. Inspirando se no hinduísmo e no islã ao mesmo tempo, o mestre Nanak imaginara uma nova religião na qual fundira o ideal de pureza, a assistência aos deserdados e a igualdade de todos, e que não fazia em absoluto parte do hinduísmo, por causa do sistema das castas. Mas pretextando que o islã não autorizava nenhuma contribuição religiosa vinda de outra religião, um imperador muçulmano executou-os em massa.

— De novo! — exclamou Théo.

Então o sétimo mestre reuniu seus últimos fiéis para testar a coragem deles. Diante de uma grande tenda, pediu que se apresentassem à morte; os que se oferecessem de bom grado seriam degolados na hora. Só seis se apresentaram: ex-intocáveis. O mestre os fez entrar na tenda … petrificados, os outros ouviram o barulho surdo dos corpos que caíam e viram correr rios

de sangue no chão. Mas quando o mestre abriu de novo a tenda, os seis corajosos estavam de pé, bem vivos: em vez deles, jaziam no chão seis carneiros decapitados.

— Ah! — notou Théo. — É Isaac multiplicado por seis.

Mas a continuação era diferente. Porque o mestre exigiu que, dali em diante, os sikhs dessem prova da mesma coragem dos seis voluntários e sempre se mantivessem prontos para o combate. Por isso sempre andavam com um punhal e, não raro, um sabre cinta, para se defender em caso de ataque. Depois disso, o sétimo mestre pediu que os sikhs venerassem o último mestre vivo, que não seria ele, mas um Livro. O Grande Sahib, o Livro sagrado dos sikhs, que salmodiavam todos os dias e que fechavam religiosamente todas as noites, antes de irem dormir. Os sikhs pertenciam, pois, às religiões monoteístas, das quais haviam herdado a passagem do sacrifício humano ao Livro e ao Deus único.

— Com esta são quatro as religiões monoteístas, e não três — concluiu Théo.

— Mais algumas outras ainda — brincou tia Marthe. — Entre elas duas que você conhece, a religião fundada por Akhenaton e a pregada por Zaratustra. E não acabou …

Três, a cidade muçulmana de Nizamudin.

O carro entrou pela ruela de uma favela miserável. Dessa vez, quando desceu, Ila colocou-se medrosamente atrás das costas largas de tia Marthe.

— Essa é boa, você está com medo! — lançou-lhe tia Marthe com ar de censura.

— Na … o — murmurou Ila embaraçada. — Mas sou hindu e "eles" sabem disso.

Dando de ombros, tia Marthe avançou, com a mão formando uma viseira na testa. Pencas de crianças se aglutinavam diante das bancas dos camelôs,

que vendiam broas grelhadas, colares de rosas vermelhas e echarpes leves, verde-amêndoa. Tia Marthe procurava alguém.

— Eu o tinha avistado — falou entre dentes. — Onde estará se escondendo? Ah! Está aqui.

Magro como um varapau, um homem de túnica preta e gorro de pele sintética apertou-lhe a mão com emoção. Tiveram de se descalçar novamente.

— Vou te avisando, Théo — soprou tia Marthe desamarrando seus tênis, — nós vamos atravessar um corredor desagradável. Lembre-se: nesta cidade, é proibido dar esmola aos mendigos. Deixe-se guiar por nosso amigo Nizami.

O sr. Nizami estendeu cortesmente a mão para abrir caminho. No corredor estreito, ocupado por famílias inteiras, uns infelizes esticavam a mão: as crianças, adormecidas, estavam cobertas de moscas, e as mulheres, miúdas e descarnadas, pareciam morrer de fome. O sr. Nizami passou sem se deter. Com o coração na mão, Théo tremeu de angústia. À esquerda, depois à direita … O longo corredor se abria para a claridade. Ofuscado, Théo parou.

A cidade sufi

Ao centro erguia-se o mausoléu do santo chamado Nizamudin. Coladas contra as paredes de mármore do lado de fora, as mulheres oravam em voz baixa; já os homens tinham o direito de entrar para se recolher diante do comprido túmulo coberto de véus verdes com franjas douradas. Ao lado estavam sentadas pessoas estranhas, arvorando na cabeça diferentes variedades de adereços em que costuravam moedas de cobre e que ficavam de boca aberta girando os olhos para lá e para cá. No fundo, encostados em

paredes tão finamente esculpidas que mais pareciam rendas, alguns anciãos majestosos desfiavam seu rosário em silêncio. Animava o lugar uma vida turbulenta, mas de perfeita serenidade.

— Estamos entre os sufis, Théo — anunciou tia Marthe. — São muçulmanos que fizeram do amor a Deus seu ideal, e da tolerância, sua lei. O islã deles não é exclusivo: aceita sem distinção os amorosos de Deus, contanto que tentem encontrá-lo diretamente. Todas as religiões são admitidas aqui; os hindus vêm adorar o santo muçulmano, e ali, no alto dos degraus, são tratados os doentes mentais vindos da Índia inteira, qualquer que seja a religião deles.

— Loucos? — indagou Théo perturbado. — Numa igreja?

— Igreja? — indignou-se tia Marthe. — Não está vendo a pequena mesquita, à direita? Pois fique sabendo que na Idade Média os loucos encontravam asilo em nossas igrejas. Porque à sombra de Deus os doentes mentais vivem em sossego.

— Aqueles ali? — perguntou Théo apontando para uma gente esquisita.

— Exatamente. São os chamados faquires, os loucos de Deus. São iluminados, nada perigosos. Deixam-nos em paz e, quando se irritam, acalmam-se cantando. Aliás, nosso amigo Nizami está me fazendo um sinal: está na hora.

E ela deixou-se cair no rebordo de pedra que rodeava o mausoléu. Intimidado, Théo sentou-se numa esteira. Hora de quê?

Era o momento abençoado da chegada dos *kawwali*, os cantores sufis. Ao som dos tambores e de um harmônio portátil, eles proferiam as estrofes compostas pelo santo com grandes gestos da mão. Os loucos puseram-se a sorrir: o canto maravilhoso aplacava as dores e tranquilizava a alma. Os que não eram loucos ouviam-no encantados; alguns deixavam correr lágrimas de felicidade, sem procurar contê-las. Um ancião pôs-se a virar a cabeça da

direita para a esquerda, cada vez mais depressa com um sorriso extático. A alegria se exprimia a plenos pulmões, irradiava-se de todos os rostos.

— Olhe bem, Théo — sussurrou tia Marthe. — Essa gente toda pratica o que se chama *dikrh*, a respiração do amor divino. Da África negra à Indonésia, passando pelo Marrocos e pelo Oriente Médio, todos os sufis do mundo conhecem essa forma de prece. É uma espécie de recitação ritmada pela música e que repete incansavelmente a mesma fórmula: "la ilaha illa' llah", não há outro deus além de Alá. Está vendo aquele velho? Seus movimentos de pescoço fazem sua cabeça girar, e é essa a sua prece. Pode-se perder o fôlego de tanto repetir o refrão, pode-se até cair em transe, sem dificuldade …

— Com a música é fácil — garantiu Théo. — Você acha que o pessoal da techno conhece esta coisa? Acho meio parecido.

— Duvido que na música techno salmodiem o nome de Alá — a tia respondeu com prudência. — Mas a ideia é parecida, porque não existe religião sem música.

— Ah! — triunfou Théo. — Eu sabia!

— O canto dos *kawwali* é simples e poderoso. A voz deles sai da sinceridade do coração e, está vendo, eles sorriem ao cantar … Não conheço mais bela expressão de amor a Deus!

— Afinal, você crê em Deus?

— Tome, Théo — murmurou tia Marthe enfiando-lhe na mão uma nota de cem rupias. — Vá dar aos músicos!

— Não tenho coragem — soprou Théo.

Atravessou furtivamente a esplanada de mármore e pôs a nota sobre as dobras de papelão do harmônio. Os cantores agradeceram-no com um sorriso tão brilhante que Théo exultou de alegria.

— Está vendo? Não foi tão difícil …

— Não mesmo! — suspirou Théo. — Como é gostoso aqui!

Os *kawwali* cessavam seu canto e o muezim chamava à prece. O sol se punha rapidamente, e os homens, reunidos, oraram de pé diante do mausoléu, em uníssono. Se quisessem voltar antes da noite, era mais que hora de partir. Nizami apertou de novo demoradamente a mão de tia Marthe e, com a mão no coração, inclinou-se diante de Ila, que retribuiu a saudação.

— Tenho uma pergunta — disse Théo no carro. — Por que é proibido dar esmola aos mendigos?

— Porque a família Nizami recolhe todos os donativos dos fiéis — respondeu tia Marthe. — Desde o século XIII, sua função é hereditária, e os homens dessa família são, de geração em geração, os administradores da cidade. Utilizam os donativos para a escola, o posto médico, a manutenção do cemitério e a sopa popular. Fazem isso muito bem.

— O cemitério? A escola? Onde? — perguntou Théo. — E a sopa popular? Não vi!

A sopa popular começava a ser servida diante do mausoléu quando caía a noite; a escola ficava no corredor, tão escura que nem se distinguia sua entrada. Quanto ao cemitério, estava bem atrás dos músicos: o rendilhado de mármore cercava alguns túmulos com vários séculos de idade. O posto médico ficava no fundo do santuário, metido entre duas árvores e três túmulos. Em Nizamudin, a vida, a morte, o amor e a música entendiam-se às mil maravilhas.

Théo suspirou. Um garoto ocidental não podia viver para sempre numa cidade sufi do século XIII. Pena.

Faltava o terceiro dia. Estonteado pela chegada à Índia, Théo não dissera uma só palavra sobre Benares. Naquele dia, o terceiro, iriam visitar a sinagoga, uma igreja e o templo dos babistas. Mas o resultado foi magro. Reclusa numa construção de concreto, a sinagoga cabia num lenço de bolso: que distância dos esplendores de Jerusalém! A igreja era clássica, de estilo europeu, nada demais. Quanto ao imenso templo dos babistas, era quase novo, em forma de lótus branco, limpíssimo, guardado por tropas de estilo militar que guiavam os peregrinos vigilantemente. No centro do grande santuário, não havia nada, salvo um tapete e um microcomputador.

— Que raio de culto é este? — perguntou Théo. — Não estou vendo deus nenhum.

Justamente, ele não era visível.

O fundador do babismo, a quem chamavam Bab, nascera no Irã no século XIX. Ainda rapazola, sublevara multidões anunciando que era um novo profeta do islã. O Bab era pacífico; foi executado em Tabriz em 1850. Depois da sua morte, seu discípulo Bah'u'llah fundou a doutrina do babismo. Dois anos mais tarde os babistas foram objeto de perseguições de uma crueldade inaudita: rasgaram a pele deles, enfiaram mechas acesas e, como um carrasco ameaçasse um pai de degolar seus dois filhos diante dele se não renunciasse à fé, o filho mais velho, oferecendo o pescoço, exigiu ser executado primeiro.

— E o que eles tinham feito para merecer esse castigo? — perguntou Théo horrorizado.

Eles pregavam uma religião universal; nenhuma das religiões existentes era privilegiada. Sonhavam com uma liga das nações capaz de arbitrar as desavenças entre elas e com uma nova língua que unisse todos os homens. Mas, principalmente, reivindicavam a igualdade entre os dois sexos, coisa que o islã rigoroso não admite. Foi essa a razão de seu martírio.

Conseguiram ser aceitos no Irã até o advento da República islâmica; depois, novamente ameaçados, emigraram para a Índia e para Israel. Seus locais de reunião — que não era um culto — eram de uma austeridade exemplar.

— Nada mal — admitiu Théo. — Coitados …

Mas, ao saírem dali, um sujeito fardado os empurrou brutalmente.

— Não é um motivo para incomodar as pessoas com a polícia! — explodiu Théo. — Estou cheio! Quando vamos a Bena …

— Minha cara Ila — atalhou vivamente tia Marthe, — vamos jantar em sua casa esta noite, não é?

Ila correu para cuidar da cozinha. Tiveram o tempo justo de voltar para trocar de roupa no hotel e pular num táxi … estava na hora do jantar. Desde os anos 50, a cidade estava dividida em bairros retilíneos, as "colônias", e Ila morava numa delas. Quando abriu a porta, Théo não a reconheceu. Tinha vestido um sári deslumbrante, de musselina cor-de-rosa; no pescoço, trazia uma simples fileira de miniaturas de pérolas negras; nas orelhas, imensos pingentes de ouro, incrustados de rubis. Havia pintado os olhos, passado batom nos lábios sorridentes …

— A deusa é você — disse-lhe Théo pulando em seu pescoço.

— A cor rosa me cai bem — respondeu modestamente Ila.

Ela levou-o ao quarto dos filhos, Pallavi, a filha, e Shiv, o filho, da mesma idade de Théo. Pouco depois, grudados no computador, Shiv e Théo estavam jogando videogames japoneses. O marido de Ila sempre voltava tarde do trabalho; não iam espera-lo para jantar. Ila tinha cozinhado com amor os pratos preferidos de tia Marthe: frango branco, curry de cordeiro, broas de milho, tomates no iogurte. Cada um se servia e comia com o prato no colo. Para a sobremesa, Ila havia comprado uns losangos doces de coalhada concentrada, envoltos em papel de prata. Théo começara a abri-los com cuidado quando Ila o deteve … Na Índia também comiam a folha de prata.

— Vocês comem metal?

— Só ouro e prata — ela precisou. — É uma antiquíssima tradição médica indiana: o ouro e a prata são remédios.

— Em nosso país — interveio tia Marthe, — damos um nome científico para isso: oligoelementos. No Ocidente, são tomados em pílulas, aqui ao natural. Experimente!

Théo mordeu: era tão bom que comeu a metade do prato sozinho. Quando acabou, viu que Ila e tia Marthe olhavam para ele com ternura, como se ele tivesse engolido, com a folha de prata, um pouco de vida. Reinava o silêncio, apenas interrompido pelos breves rosnados do cachorro da casa. Com o coração apertado, Théo pensou no apartamento de Paris e deu-se conta de que fazia dois dias que não telefonava.

11

O Mahantji

— Mamãe?

— Ah! Meu querido … estávamos sem notícias! Você está bem?

— Tô … — falou Théo, evasivo.

— Está tomando os remédios direitinho? Não está cansado? Tem descansado bem?

E assim por diante. Depois a mãe se calou, o que era o pior de tudo. Théo a ouvia respirar fracamente, adivinhava o lenço na mão, a dor que ela não conseguia mais ocultar.

— Mamãe? — sussurrou baixinho. — Eu te amo, você sabe …

— Sei — ela fungou. — Não se preocupe, sou forte. Passe sua tia.

Como sempre, elas brigaram. Tia Marthe desligou bufando como uma foca e o telefone em seguida tocou de novo. Eram as meninas, meio tensas, que lhe passaram o pai. Mas com ele as coisas eram sempre mais tranquilas. Tia Marthe contou os dois primeiros dias deles em Delhi, prometeu

telefonar com maior frequência, prometeu mais outra coisa com um ar chateado e desligou de novo.

Quando a tormenta passou, Théo chamou sua pítia preferida. Como não tinha nenhuma pergunta a fazer, disse simplesmente que sentia falta dela. Que gostaria de voltar à Índia com ela, um dia. Que eles fariam isso mais tarde, quando fossem adultos. Fatou só dizia "sim". Discretamente, tia Marthe havia sumido. Quando Théo desligou, voltou com os olhos cheios de lágrimas. Não era hora para lhe anunciar os exames médicos do dia seguinte.

"Danem-se os exames!", disse tia Marthe consigo mesma. "Azar. Faz quando voltarmos. Por tão pouco tempo …" Melhor seria deixar Théo dormir com a voz de Fatou nos ouvidos. No dia seguinte, em vez de leva-lo ao hospital, deixou-o dormir o quanto quis, até não poder mais. O avião para Benares partia no fim da tarde, e tia Marthe fez as malas.

A cabine de comando do comandante Lumba

O avião reservava a Théo uma senhora surpresa. Assim que ele, tia Marthe e Ila apertaram devidamente os respectivos cintos de segurança, logo depois da decolagem, o comandante fez um anúncio incomum.

— Good afternoon, ladies and gentlemen, welcome on Indian Air lines, I am captain Lumba, and I wish you a very good trip to Varanasi. Our flight will last one hour. Let me make a special wish for a guest of honour, the young Théo …[5]

Théo, que até então não prestava atenção, sobressaltou-se. O comandante tinha dito seu nome! E *guest of honour* por acaso não queria dizer "convidado especial"?

— Vá lá — sussurrou Ila soltando o cinto de Théo.

Estupefato, Théo obedeceu. A porta da cabine de comando se entreabriu e o comandante virou-se com um largo sorriso.

— *Hi, Théo* — falou. — *Sit down*.

O que, mesmo para o inglês superficial de Théo, não dava margem a dúvidas: "Sente-se", tinha lhe dito o comandante. Théo ajeitou-se na poltrona atrás do comandante que lhe explicou em inglês todo tipo de coisas, das quais Théo compreendeu mais ou menos que as cruzes verdes na tela de controle desenhavam o trajeto do avião, que o céu estava claro (*clear*) — mas que, sobre Benares, teriam de contornar umas nuvens (*clouds*). Enfim, quando o avião anunciou a descida, o comandante impôs silêncio na cabine, e Théo viu aparecer na bruma da noitinha o mais maravilhoso espetáculo do céu e da terra: uma catedral de luz desenhada no solo, milhares de luzinhas vermelhas e brancas, a pista de aterrissagem. O comandante deu ordens breves e o avião pousou com a leveza de uma borboleta.

Ila enfiou a cabeça na cabine, entrou e beijou o comandante, seu marido, o famoso Sudhir, que meteu na cabeça seu quepe com um ar marcial e se apoderou da sacola de viagem de tia Marthe com a mais extrema energia.

— Então, é seu marido? — cochichou Théo intimidado. — Puxa, que legal ele é!

— I do think so …

— Desculpe! Também acho — respondeu Ila corando.

O comandante Lumba despachou com presteza as formalidades de chegada, enfiou todo mundo em dois táxis e mandou tocar para Benares, que na Índia chamam de Varanasi. À noite, não dava para ver muita coisa: vagas terras de cultivo, algumas aldeias apenas iluminadas, vacas nas estradas e sombras encobertas que andavam, como sempre na Índia. Mas nada do rio. Situado num grande jardim, o Hotel Taj tinha cheiro de mofo, mas os quartos eram agradáveis e as pessoas muito amáveis. Mas, pe1as

janelas, também não dava para ver o rio. O comandante conduziu seu pequeno grupo ao restaurante, onde conversou muito com Marthe, sempre em inglês. Ainda bem, para Théo, que Ila estava com eles.

As quatro cabeças do deus Brama

— Escute, Ila, posso lhe perguntar uma coisa? — sussurrou-lhe ao pé do ouvido. — De que casta você é?

— Oh … — fez Ila espavorida. — Sou brâmane. Mas, sabe, as castas são proibidas hoje em dia.

— Tem certeza? Na televisão falam da guerra das castas na Índia …

— Bom — disse Ila constrangida, — é verdade. É um sistema ruim, abolido pela Constituição de 1950, mas tão antigo que deixou marcas profundas. De sua vocação original, os brâmanes conservaram a educação, e mesmo a erudição: em geral são bons professores e, de fato, foram os brâmanes que governaram o país desde a independência, apesar da proibição das castas, por simples hábito. Não se mudam três mil anos de tradição em cinquenta! Só que, agora, as castas baixas têm vontade de governar, é normal …

— Mas onde elas ficam, em seu sistema? — perguntou Théo.

— Ah, isso! Para entender direito, era preciso conhecer o mito fundador. O deus da Criação, que se chamava Brama, havia dividido os homens de acordo com a constituição do próprio corpo dele: sua boca correspondia aos brâmanes; seus braços, aos chefes e aos guerreiros; suas coxas, aos mercadores. E, no resto, a barriga, as pernas e os pés, o deus enfiara as classes inferiores.

— Não é nada legal essa ideia de vocês — comentou Théo.

Nem um pouco. Mas havia pior: abaixo do sistema das castas encontrava-se a enorme massa dos intocáveis. Como o nome indicava e como se a impureza fosse contagiosa, eles não tinham o direito de tocar num homem ou numa mulher das castas superiores, não tinham o direito de compartilhar da comida deles, nem de cozinhar para eles, nem de cruzar o olhar deles … Não tinham nem mesmo o direito de projetar sua sombra sobre a sombra de um brâmane. Não tinham nenhum direito.

— Minha tia me contou — disse Théo após um silêncio. — E isso continua existindo?

— Não, porque a Índia se tornou uma democracia baseada no princípio da igualdade. Mas em certas aldeias distantes, as altas castas às vezes … São conservadoras, o que se há de fazer! Vencer os velhos hábitos é um longo combate, que o Mahatma Gandhi havia começado em seu tempo …

— Vi o filme! — exclamou Théo. — Que cara bacana!

O Mahatma tinha lutado para melhorar a sorte dos intocáveis, aos quais dera o nome de "filhos de Deus", *harijan*. Na Índia do fim do século XX, os intocáveis e as castas baixas pressionavam com todas as suas forças conjugadas para alcançar o poder, e isso não era nada fácil. Só que o vice-presidente da República indiana era precisamente um homem da casta mais baixa, que se tornara um diplomata erudito …

— Legal — comentou Théo. — O Mahatma teria ficado contente.

Ila não omitiu de acrescentar que o criador das castas, o deus Brama, era estranho: tinha quatro cabeças. Segundo a lenda, as quatro cabeças do deus representavam a decomposição do movimento de seus olhos rápidos quando ele se apaixonou por sua própria filha …

— Que vergonha! — disse Théo atônito. — E é ele o grande inventor do sistema?

O Criador. Mas ao contrário de todos os outros deuses, Brama não tinha templos na Índia. Enquanto os dois outros deuses principais do país eram adorados em toda parte.

— Quem são? — indagou Théo bocejando.

Vishnu, guardião do mundo, e Shiva, deus da Morte. No entanto, mal Ila começou a responder Théo deitou a cabeça na mesa e adormeceu. O comandante Lumba pegou-o nos braços e levou-o para a cama.

O grão-sacerdote do macaco divino

Ao acordar, tia Marthe pensou que o dia mais difícil seria aquele. Tomara que tudo transcorresse conforme o previsto! Do fundo de sua cama, Théo já tinha gritado: "Quando vamos ver o Ganges?

— Primeiro coma as torradas e os ovos mexidos — respondera Marthe com uma voz levemente embargada.

O táxi que os levava ao rio rodou penosamente no meio de uma torrente de bicicletas, e a maior parte delas puxava minúsculas caleças em que iam refesteladas umas senhoras gorduchas de sári. Ila explicou que aqueles veículos se chamavam riquixás e que, antigamente, em vez de pedalar a bicicleta, os puxadores de riquixá, chamados "riquixá-wallas", transportavam seus passageiros a braço, correndo a pé. A própria bicicleta, aliás, estava sendo superada pelo riquixá a motor, miniveículo de três rodas, cujas explosões deixavam escapar uma fumaça negra nada boa, para os pulmões. Inundado pelo espetáculo daqueles veículos, Théo escutou o tilintar das milhares de campainhas que, nas bicicletas substituíam as buzinas. Com a velocidade reduzida pelos homens, as crianças e as vacas, o trajeto para o rio era interminável. Bruscamente, quando se percebia ao longe o reflexo do sol

nas águas, o carro virou à direita para parar numa ruela deserta. Teriam de continuar a pé.

— Ponha o chapéu — disse tia Marthe. — Vamos visitar meu amigo, o grão-sacerdote. Quando estivermos diante dele, faça exatamente como eu. Promete?

— Fazer o quê?

Tocar os pés dele com a mão direita — respondeu tia Marthe.

Eu achava que bastava juntar as mãos …

— No caso de um homem de Deus, é preciso tocar os pés — insistiu a tia. — Tem-se também de chamá-lo por seu título: Mahantji.

Um *mahant* era um grão-sacerdote, e *ji*, um sufixo de respeito e de afeto. Para todo mundo.

— Posso te chamar então de Marthe-ji?

— Não soa muito bem — ranzinzou tia Marthe. — E dada a maneira como você me trata, seria respeitoso demais!

Chegaram a um terraço à beira d'água. Debaixo de uma figueira gigante, erguiam-se quatro templos imaculados, mais baixos que Théo, abrigando as estátuas dos deuses, e um pequeno touro que ele logo reconheceu.

— Nandi! É Nandi! — exclamou, pulando de um pé para o outro. — Que graça!

— E ali, à sua frente, o Ganges — murmurou tia Marthe apontando o largo rio que brilhava sob o céu pálido.

Deslumbrado com a brancura dos reflexos, Théo, com a mão cobrindo a testa, contemplou as barcas negras lotadas de peregrinos que cantavam. Ao longe, um grande barco de velas remendadas descia o rio lentamente. A margem do outro lado estava deserta, praias louras e campos verdes. Apenas perturbado pelos sinos dos templos que ressoavam através da cidade, o ar era de uma calma absoluta. De repente, tia Marthe cutucou-o com o

cotovelo. Théo voltou-se: um velhote de túnica branca fitava-o com olhos de um negro luminoso. o Mahantji.

A aula de respiração

Marthe curvou-se para lhe tocar os pés, e o Mahantji imediatamente a levantou, protestando. Ila fez a mesma coisa, e dessa vez o Mahantji pousou-lhe a mão na cabeça para abençoá-la. Mas quando Théo por sua vez se abaixou, seguindo a recomendação, o Mahantji abraçou-o. Seu rosto era todo bexiguento, seu bigode, amarelado, e seus olhos radiantes, de uma bondade extraordinária.

— *So, you are the famous Théo, my dear boy* — disse ele com uma voz aveludada.

O Mahantji recebia num grande aposento situado no centro da sua casa. Sentou-se dobrando as pernas num grande estrado coberto com uma tela de algodão branco; Marthe, Ila e Théo tomaram lugar em banquinhos. Um serviçal trouxe chá com leite e biscoitos, e todo mundo permaneceu calado. O Mahantji não cessara de fitar Théo.

Fez uma porção de perguntas em inglês. Angustiado, Théo entendeu confusamente que se tratava de saúde e doença, *disease*. Com ar grave, o Mahantji escutava atentamente o longo relato de tia Marthe.

— … *But for the time being, Mahantji* — concluiu tia Marthe, — *you have to explain to him what is exactly your vision of hinduism.*

— Pediu para ele te explicar sua visão do nosso hinduísmo — cochichou Ila traduzindo.

O grão-sacerdote mergulhou seus olhos luminosos nos de Théo, que se contorceu em seu banquinho. Depois, desdobrando as pernas compridas, levou Théo para o fundo da sala. Uma porta, um corredor estreito: na

parede do fundo, vestido de leopardo, dançava o deus Shiva, sorriso nos lábios, pernas no ar, particularmente alegre. O Mahantji passou sem se deter. Através de um obscuro labirinto de corredores, guiou Théo até um terraço miniatura em que, num pequeno nicho rente ao chão, se encontrava um ídolo informe diante do qual estavam postas duas sandálias. O Mahantji sentou-se na beirada do terraço, e foi então que Théo percebeu que ele tinha um pé deformado.

— *Sit here, my boy* — disse o grão-sacerdote, convidando Théo a sentar-se perto dele.

Théo foi se pôr ao lado do Mahantji. Bem acima da sua cabeça havia um sino suspenso entre dois suportes de pedra crua. Lá embaixo, corria o Ganges, fremindo com mil sussurros de preces. Uns homens passavam furtivamente, tocavam os pés do Mahantji, inclinavam-se diante da divindade informe e faziam soar, o sino com um toque breve. Apenas perturbado pelo ligeiro tilintar, o silêncio era povoado de paz. O Mahantji pegou Théo pelos, ombros e, puxando-o contra si, envolveu-o em seu grande xale branco.

— *You will not understand what I am going to say, little boy, will you?* — murmurou no ouvido do rapaz após um longo silêncio.

— *Yes* — respondeu valentemente Théo. *I am sure that I can* compreender. *I* aprendo *English* na *school!*

— *Shanti-i* — disse gravemente o Mahantji apertando-o mais forte. — *The meaning of* shanti *is "peace".*

— *Meaning* — refletiu Théo. — *Meaning* quer dizer "significado". E *peace* quer dizer "paz". O significado de *shanti* é paz. Está bem, mas o que é *shanti*?

— *May your spirit be in peace for ever* — concluiu o Mahantji. — *Do you understand?*

— Sim — soprou Théo. — Você deseja que meu espírito esteja em paz para sempre.

— *Now, take a breath* … — disse o Mahantji respirando a plenos pulmões.

Théo tomou fôlego e respirou. Um pouco.

— *From here* — mandou o Mahantji, pousando-lhe a mão na barriga.

Então Théo encheu a barriga, e os pulmões se alargaram bruscamente, com tanta força, que sentiu dor nas costas.

— *Good* — sorriu o Mahantji. — *Do it again*.

Da segunda vez, Théo sentiu subir nele uma sensação de plenitude. Da terceira vez, experimentou um verdadeiro bem-estar. E da quarta, pôs-se a tossir desvairadamente.

— *Very good* — disse o Mahantji com um largo sorriso.

Depois ergueu a mão para o sino e o fez soar.

— *Let's go* — ordenou levantando-se com autoridade.

Quando voltaram para a sala à beira do rio, tia Marthe e Ila os esperavam ansiosamente.

— E então? — quis saber tia Marthe. — O que ele te disse?

— Nada — respondeu Théo. — Só me deu uma aula de respiração. Ah, sim! Também falou de paz. Talvez tenha alguma relação com as castas e os deuses.

Ramayana

O encontro seguinte com o Mahantji foi marcado para o pôr-do-sol, em seu templo. Enquanto isso, iriam ao hotel para almoçar e fazer a sesta. À mesa, Théo fez mil perguntas. Quem era o deus desconhecido no pequeno nicho, porque o Mahantji mancava, o que era aquela respiração esquisita pela

barriga, qual era o deus de que o Mahantji se encarregava, o nome da árvore imensa debaixo da qual ficavam os três templos brancos …

— Você nos deixa tontos, rapaz — falou tia Marthe. — Uma coisa de cada vez, por favor.

O deus no nicho não era um deus, mas um homem, um dos maiores escritores da índia, Tulsidas, aquele que traduziu textos do sânscrito, a língua erudita, para o hindi, uma língua popular. E Como ele viveu em Benares, haviam construído um altar onde adoravam suas sandálias.

O Mahantji mancava de nascimento, o que não o impedia de descer toda manhã ao raiar do dia os cem degraus que levavam ao rio e subi-los de volta em seguida. Por sinal, acrescentou tia Marthe, desde a Grécia Antiga e no mundo inteiro, é comum os grandes inspirados serem enfermos: os zarolhos e os capengas eram abençoados pelos deuses. O Mahantji não era exceção à regra. Dotado de uma vontade de ferro, ele domava seu pé aleijado como domara sua voz trêmula, reeducada pela música, à força de muito exercício.

Era assim que se devia compreender também o sentido da aula de respiração que ele dera a Théo. Porque no Ocidente, respirava-se com a parte de cima do corpo, ao passo que na Índia praticava-se a respiração a partir do ventre, a única capaz de permitir que os pulmões se enchessem completamente de oxigênio. Fazia três mil anos que os indianos aprendiam, em primeiro lugar, a respirar direito: com o sopro, tudo podia ser curado. Théo pensou no sheik em Jerusalém.

Quanto à árvore, era um fícus sagrado, da família da figueira.

— E o deus do Mahantji, qual é? — perguntou Théo.

O deus que o Mahantji adorava também não era exatamente um deus, mas um macaco divino chamado Hanuman. E aí era uma longa história, que Ila fez questão de contar. Era uma vez um rei que tinha três filhos e duas esposas. Como sempre, a segunda esposa ficou com tamanho ciúme dos

filhos da primeira, que exigiu o exílio do mais velho, o príncipe Ram. Jovem e belo, casado com a linda Sita, o príncipe Ram obedeceu ajuizadamente a seu pai e partiu para a floresta, acompanhado dos dois irmãos. A segunda esposa havia ganho.

— A coisa vai se arranjar — resmungou Théo.

Sim, mas vai demorar. Porque, atraída por uma cativante camurça dourada, Sita cometeu a imprudência de abandonar o refúgio do retiro deles. Erro fatal! Na verdade, o belo animal era o hediondo rei dos demônios do Lanka, Ravana, brâmane muito culto e maldoso que tinha se apaixonado pela mulher de Ram. Raptou-a, e o príncipe Ram saiu em busca de sua esposa desaparecida. Foi uma guerra interminável: de um lado, os demônios, do outro, os três irmãos, ajudados pelo exército dos macacos.

— Ah! O macaco do Mahantji! — exclamou Théo.

O grande macaco Hanuman era generalíssimo das forças armadas simiescas. Ele transformou seu corpo numa ponte gigantesca para as tropas passarem; serviu de mensageiro pulando de árvore em árvore para visitar a bela aprisionada; resumindo, ele foi tão fervoroso, tão dedicado, que se tornou para sempre modelo do devoto perfeito. No século XVI, havia sido edificado em Benares o templo do macaco divino Hanuman, do qual o tatatatataravô do Mahantji recebera a guarda em seu tempo. Portanto o Mahantji adorava o deus da Devoção.

— Um macaco, apesar dos pesares … — comentou Théo perplexo. — Como é que ele se vira com essa figura?

Sem nenhum problema, porque foi graças a Hanuman que o príncipe Ram deu uma surra no demônio Ravana, de quem tomou de volta sua mulher. O macaco divino havia progredido, portanto, do estado animal ao universo dos homens; ele era frequentemente representado abrindo o peito, onde brilhava, flamejante de um vermelho luminoso, seu coração fiel.

Hanuman era adorado como um bom servidor de Ram. Depois da vitória, o príncipe Ram voltou triunfalmente para seu reino reencontrado. Essa epopeia chama-se Ramayana, que o grande Tulsidas traduziu em hindi e que todos os anos, em outubro, é encenada na Índia inteira durante quarenta noites. Representada por adolescentes fantasiados — mas sem meninas, — o Ramayana suscitava um extremo fervor que terminava em apoteose com a queima do demônio Ravana, gigantesca figura de papelão cheia de fogos de artifício.

— E lindo! — garantiu Ila.

— Mas tem fumaça demais — acrescentou tia Marthe. — Dá uma tosse!

Depois a história de Ram e Sita desandou. Acusada pelo marido de ter sucumbido a seu demônio sedutor, a infeliz Sita teve de passar pelo teste do fogo para provar sua inocência. Ila afirmava que ela saíra intacta dessa prova e que tudo terminara bem, mas tia Marthe jurava ter lido a versão autêntica, na qual Sita, revoltada com a monstruosidade da acusação, apelara para sua mãe, a terra, que se abriu para tragá-la. Em compensação, Ram revelou-se no fim um deus, e não um príncipe — e disso, tinha-se certeza.

Porque Ram era uma das múltiplas emanações do deus Vishnu guardião da ordem do universo, que costumava ser representado dormindo sobre o oceano sob a guarda de uma cobra de várias cabeças. De tempo em tempo, Vishnu descia à terra e se encarnava: essas manifestações eram chamadas "avatares". Assim, ele virou tartaruga, leão, javali, ou Ram, ou Buda, ou Krishna, e, de quebra, alguns até acrescentam Jesus.

— Krishna? — fez Théo. — Como esses malucos que andam pelo Boulevard Saint-Michel tocando címbalos e cantando "Hare Krishna"?

Exatamente. Só que esses malucos não passavam de uns ocidentais fantasiados, ao passo que o verdadeiro deus Krishna era muito importante. Com entusiasmo, a doce Ila contou a infância de Krishna, as peças que

pregava, o peralta encantador que ele foi, virando a cabeça de sua babá, depois, das onze mil pastoras de que era amante.

— Onze mil? — espantou-se Théo. — Caramba, que homem!

Nada disso, porque Krishna era um deus, capaz de se multiplicar infinitamente: nenhuma das pastoras ficou frustrada, porque o deus acariciava todas elas sob onze mil formas divididas. Posteriormente, após sua louca adolescência, Krishna se tornou o mais esperto de todos os deuses e o melhor conselheiro dos homens, a quem ensinava a coragem, o senso do sacrifício e o senso do dever. E quando os homens resistiam a ele, se recusassem combate, ele se disfarçava então em toda a sua verdade: como o príncipe Ram, Krishna era Vishnu, as estrelas e o mar, o começo e o fim, os polvos e os passarinhos, o rio e suas margens, o universo em sua diversidade … Então, deslumbrados, os homens cumpriam com seus deveres e chegavam ao ponto de se matar uns aos outros sem discutir, para respeitar a ordem do mundo, esquecendo-se de seus estados de alma. O sermão do deus Krishna ao homem reticente se chamava Bhagavad-Gita, e era esse texto que todos os hindus recitavam ao nascer do sol, fazia três mil anos.

— Ele não me levaria na conversa tão fácil assim! — esbravejou Théo. — Essa é boa! Era só o que faltava!

Tia Marthe objetou que, já que falavam de visão divina, era bom ir ver como estava a cama dele para a sesta, e Théo não se fez de rogado. Que diferença entre seu amigo Mahantji e todas essas histórias de deuses guerreiros que forçavam os homens a obedecer. Sonhou com um macaco de fisionomia humana que arrumava seu travesseiro sorrindo-lhe com ternura.

Às dezessete horas, Ila acordou-o meigamente. Estava na hora de ir se encontrar com o Mahantji em seu templo.

A majestosa entrada dava para uma série de pátios entupidos de fiéis que andavam em todos os sentidos. No centro de cada pátio, erguiam-se múltiplos pequenos templos em que os sacerdotes, lenço amarelo no pescoço, recolhiam as oferendas, abençoavam-nas e presenteavam-nas aos deuses. A todos os deuses, entre os quais se encontrava o macaco divino de cara sorridente, chorando de ternura … A multidão se comprimia silenciosamente contra as paredes, tocava as imagens, e os sinos soavam sem cessar no meio de um burburinho vindo de lugar nenhum.

De repente Théo avistou o Mahantji, o maior de todos os sacerdotes: cabeça erguida, levantando os fiéis que se prosternavam a seus pés, claudicou até Théo juntando as mãos na altura da testa. Depois levantou-o como se o rapaz fosse uma pena e confiou-o a um sacerdote, que o seguia como sua sombra. O pequeno grupo subiu por uma longa escada que dava no teto do templo. Puseram Théo delicadamente num colchão branco, encostaram-no em almofadas; tia Marthe sentou-se como pôde. O Mahantji mandou trazer mesas minúsculas, nas quais haviam colocado comidinhas de boneca: um pouco de iogurte, uma espécie de almôndega, uma banana, um doce.

— *Prasad* — explicou Ila em voz baixa. — Os sacerdotes comem unicamente a comida oferecida pelos fiéis, cuja essência os deuses tomaram. Ela é abençoada. Coma, Théo!

— Tia Marthe, é como a hóstia da missa? — sussurrou Theo comendo sua almôndega.

— Não — respondeu a tia. — Não é nem carne nem sangue de um deus! São simples oferendas consagradas.

— Em todo caso, é uma delícia — comentou Théo, que devorou tudo num piscar de olhos.

Então, quando terminou a refeição, o Mahantji começou a falar. O deus que ele adorava tinha a aparência de um macaco, mas o que era a aparência dada pelos homens aos deuses? Para o Mahantji, toda figura de deus era deus, e todo homem continha uma parcela de divindade. O Mahantji gostava de Hanuman porque macaco divino representava a compaixão: por isso ele tinha oferecido um sacrifício para a cura de Théo, e o que Théo acabava de comer alegremente era sua oferenda abençoada por Hanuman. Mas o Mahantji também venerava os três grandes deuses da Índia: Vishnu de quem emanava Krishna, símbolo da coragem e da paixão primaveril, Brama, símbolo da criação, e Shiva, mestre da vida e da morte, símbolo da dança cósmica e da meditação. Mahantji gostava de todos os deuses porque eles todos não constituíam mais que um só deus. Era por isso que, dizia ele em inglês, o hinduísmo era antes de mais nada "catholic". Théo estremeceu. Católico? Não dava mais para entender.

Mas o Mahantji explicou sorrindo que, em inglês, *catholic* queria dizer universal — este o verdadeiro sentido da palavra de origem grega. Théo quis dizer que, no Vaticano, o cardeal Ottavio também havia mencionado a palavra "universal", mas não teve tempo. Chegando sorrateiramente, os músicos começavam a tocar. Acompanhados de mãos ligeiras que afloravam dois pequenos tambores redondos, as cordas pinçadas puseram-se a soar na noite. Com uma mão nos joelhos, o Mahantji ergueu a outra como uma asa, e sua voz trêmula subiu para as estrelas. As luzes do templo se apagaram uma a uma; só brilhavam as milhares de lamparinas a óleo nos pátios. O luar clareou as folhas densas das mangueiras, o Mahantji cantava e Théo sentiu a emoção crescer.

Como em Jerusalém diante das muralhas da cidade, à noite. Como em Luxor após a dança da noiva. E eis que de novo Théo ouvia a voz de seu gêmeo subterrâneo, uma voz jovem e viva que falava de ressurreição e de vida. Ele tinha voltado! Acalentava-o tão calmamente …

— Théo adormeceu — murmurou tia Marthe.

— E a bênção de Hanuman — disse suavemente Ila. — Tomemos cuidado para não acordá-lo.

12

As lições do rio

O Ganges ao alvorecer

Quando o levaram ao carro, Théo deu um grunhido sem acordar. Tia Marthe consultou o relógio: vinte e uma horas. No dia seguinte, café da manhã às quatro da madrugada e raiar do sol no Ganges.

A alvorada ainda não havia chegado quando o táxi partiu pelas ruas desertas. À medida que se aproximavam do rio, Benares despertava: as mulheres varriam à frente das portas, os vendedores de legumes descarregavam seus cestos, os mendigos tomavam seus lugares e os hindus iam em direção ao Ganges para as primeiras devoções do dia. O táxi parou diante de um imenso terraço ao pé do qual esperavam os barcos e seus barqueiros. Ila escolheu um que parecia conhecer, não sem examinar o aspecto do barco e dos remadores. Do outro lado do rio se elevava uma brancura leitosa.

A margem estava inteiramente ocupada por uma gigantesca escadaria composta de altos degraus em que todo um povaréu se agitava. De pé na

água, mãos postas, homens e mulheres rezavam esperando a volta do sol cujo crânio púrpura aparecia no horizonte. Eles imergiam inteiramente no rio sagrado, uma vez, duas vezes, três vezes … Théo pôs-se a contar: doze vezes. Na décima segunda vez, deixavam a água escorrer das duas mãos erguidas em forma de colher. Depois subiam para se enxugar. O sol tornou-se uma bola vermelha.

Então os jovens se ensaboaram energicamente; as mulheres lavaram seus sáris que em seguida estenderam no cais, em todo comprimento; as crianças, cujos olhos o sabão fazia arder, berravam. O sol cresceu até ficar de cor laranja.

Apareceram os vendedores de chá, de broas, de imagens, de algodão-doce e de toda sorte de panaceias. Sob grandes guarda-sóis de palmeiras remendados, curiosos personagens imóveis liam os textos sagrados mediante pagamento. Era um templo a céu aberto, uma piscina sagrada, um lavatório coletivo, um gigantesco mercado, uma feira de maravilhas, uma balbúrdia monumental, e sempre chegavam os peregrinos para mergulhar no rio e orar. Finalmente levantado, o sol ofuscava as águas, o céu estava lindo. Mais adiante no rio elevava-se uma alta fumaça branca sobre a qual Théo não fez perguntas. As fogueiras.

— Os hindus fazem isso todo dia? — perguntou.

Todos os dias que Deus faz, para trazer o sol à terra, como no Egito. Para manter a ordem do mundo semelhante. Nada era mais importante do que a prece da alvorada na Índia, o primeiro ato da vida. Depois iam trabalhar. Mesmo os iogues, que começavam a se movimentar. Tia Marthe sugeriu que fossem ver mais e perto. Naturalmente o barqueiro veio com histórias sobre preço da corrida. Mas enquanto tia Marthe discutia esse assunto, o mais moço dos remadores, com olhar esperto, passou um papel enrolado para a mão de Théo. Uma mensagem!

Théo sentou-se num degrau, abriu o papel e ficou estupefato: não entendia patavina. *Lá em cima, nem ida, nem vinda, nem duração, nem morte, nem renascimento. Segue o Caminho do Meio.*

Maquinalmente, ergueu a cabeça. Lá em cima, sobre o teto dos templos, cresciam pequenos fícus invadindo as velhas esculturas, os abutres faziam círculos, os pombos arrulhavam. A via alada ia e vinha em profusão. A resposta não estava em parte alguma do céu de Benares. Théo enfiou a mensagem no bolso e seguiu tia Marthe que procurava seu iogue.

— Ora, ora — ela resmungou dando largas passadas nos degraus, — o encontro era bem aqui …

Mas, na primeira plataforma à esquerda, à beira do rio, apenas uma mulher meditava de frente para o sol, uma muçulmana de *chado*r lilás. Acossada pelos vendedores de medalhas, tia Marthe seguiu em frente até a segunda plataforma onde seu iogue a esperava, de tanga e pernas cruzadas na posição do lótus. Ele se contentou com juntar as mãos sem pronunciar palavra. Depois, sempre silencioso, descruzou as pernas, enfiou um feio boné de lã, enrolou-se numa manta gasta e foi andando em passinhos miúdos atrás de tia Marthe. A lição seria no quarto do hotel.

A demonstração do professor Gaiato

— Eu não pedi nada, ora — murmurou Théo no corredor. O que é que esse gaiato vai fazer comigo?

— Pode me chamar de "gaiato" se quiser, não me incomoda nem um pouco — respondeu o gaiato em excelente francês. — Sua tia cismou que nossa ciência poderia lhe ser útil; mas tudo depende de você, rapaz. Topa?

— Primeiro mostre como é — respondeu Théo. — Depois veremos.

— Mostrar? — murmurou o iogue. — Está bem.

Ele sentou-se na posição de lótus, com o pé esquerdo apoiado na virilha direita, o pé direito na virilha esquerda, as mãos sobre os joelhos, palmas viradas para o céu, de olhos fechados. Théo esperou a continuação, mas nada. A fisionomia do iogue permanecia impenetrável. Ao cabo de um tempo interminável, ele abriu os olhos e sorriu.

— Só isso? — exclamou Théo.

— Nossa prática — disse o iogue — concerne ao conhecimento. A palavra *ioga* significa "jugo", isto é, a peça rígida que une os dois cavalos de uma carroça. A carroça é o seu corpo; os cavalos, suas emoções; o cocheiro, seu pensamento; e as rédeas, sua inteligência. A ioga procura manter firmemente a parelha de cavalos sob o jugo, conduzindo-os pelo pensamento. Agora, você que queria ver a ioga me diga: o que você viu?

— Um homem imóvel — respondeu Théo timidamente.

— Boa resposta — replicou o iogue. — A imobilidade é adquirida à custa de longos exercícios, todos eles destinados a obter o repouso absoluto do pensamento. Isso você não pode ver. Mas posso te mostrar as posturas graças às quais se alcança a imobilidade. Cuidado! Não se deixe enganar pelas miragens da ginástica: o que você achar que é acrobacia não passa de uma maneira de atingir a estabilidade do corpo. Está pronto?

— Estou — murmurou Théo impressionado.

O iogue começou. De pé numa perna, passou a outra por trás da cabeça sem dificuldade e ficou ali parado como uma garça. Em seguida, saindo da posição, pôs as mãos nos joelhos e fez seu ventre girar a toda a velocidade, tão depressa e tão profundamente que Théo, assustado, viu as vértebras surgirem através da pele do estômago. O iogue encadeava as posições e os movimentos sem se apressar: de cabeça para baixo, abriu as pernas deixando-as na horizontal, depois encostou os joelhos no chão atrás da cabeça; enfim, com os braços e as pernas tão enroscados que Théo nem

conseguia entender como, botou para fora uma língua enorme girando os olhos fora das órbitas. Théo caiu na gargalhada e recebeu uma forte cutucada nas costelas. “Psiu!”, fez tia Marthe irritada.

Sem se desconcertar, o iogue estendeu-se no chão e fechou olhos.

— É a posição de relaxamento, a última — sussurrou Ila no ouvido de Théo.

E você quer que eu aprenda todos esses troços? — tornou — Para quê?

Voltando à posição do lótus, o iogue explicou. O princípio era simples: a postura devia preparar o corpo para o conforto necessário à meditação, mas sem esforço. Ora, essa maquinaria passageira que os homens chamavam de corpo não estava preparada para a imobilidade, muito pelo contrário. Era preciso flexibiliza-la com o único fim de apaziguá-lo, se possível esquecê-lo. Cada uma das posições da ioga agia sobre a coluna vertebral; mas a ioga agia também sobre todos os músculos e até sobre os órgãos internos. Por exemplo, quando você fica de cabeça para baixo, o sangue desce, irrigando o cérebro, e a nuca, repousando no chão, massageia a glândula tireoide, da qual depende a regulação do humor.

— Do bom humor? — perguntou Théo.

Do bom e do mau. Tratava-se também de regular as paixões. Fazer o ventre girar massageia os intestinos, o fígado, o pâncreas, assegura uma digestão perfeita. A ioga não despreza nenhum músculo, nenhum osso, nenhum órgão. Para o coração, aprende-se a prender a respiração, o que faz o músculo cardíaco descansar. Pode-se até, com exercícios para a garganta e as cordas vocais, fazer vibrar sons na cabeça e, assim, ouvir uma música interna capaz de assegurar o repouso do espírito.

— E a língua para fora, os olhos arregalados, para que serve? — quis saber Théo.

Ah! Era uma postura destinada a exercitar os músculos da língua e os das órbitas em torno dos olhos, simplesmente. Esta chamava-se "leão" — porque muitas posturas da ioga imitavam animais. Unindo o gesto à palavra, o iogue acocorou-se, de mãos nos joelhos, e andou sem levantar os calcanhares: a gralha. Estendeu-se de barriga para baixo e, apoiando-se nos braços, ergueu toda a parte superior do corpo: a cobra. Depois, sentado nos calcanhares e estendido no chão, pôs as mãos bem esticadas ao lado dos ombros e encolheu a cabeça entre estes: a tartaruga. Fazia pouco mais de dois mil anos que os iogues reproduziam a longa série das espécies animais que, acompanhando as metamorfoses do deus Vishnu haviam chegado à espécie humana.

— Engraçado — observou Théo. — Continuo sem entender para que isso tudo serve.

O corpo, explicou o iogue, é sagrado: "Entra no templo do teu corpo" — esta a primeira fórmula de sua disciplina. A ioga era uma prece do corpo e do espírito, cuja finalidade última era chegar à fusão com o universo. Então o espírito se dissolvia inteiramente, o eu desaparecia, e o indivíduo, essa mistura efêmera de matéria e alma, não existia mais.

— Isso quer dizer que, se eu conseguir, não serei mais eu? — indignou-se o rapaz. — Muito agradecido!

Os ocidentais, retrucou o iogue, não admitiam que se pudesse ter por ideal o completo desaparecimento de sua preciosa individualidade. Mas, para os hindus, o corpo não passava de uma vestimenta passageira, que a alma abandonaria para entrar em outro corpo, outra vestimenta, até que, finalmente libertada do peso da matéria, pudesse juntar-se à alma universal de que havia sido desprendida.

— Entendi — disse Théo. — Um belo dia você vai reencarnar. Mas de imediato, agora, o que eu ganharia?

O repouso do espírito, de que depende a saúde do corpo. Exercendo cotidianamente a arte da respiração, os iogues conseguiam dominar tão bem o movimento do ritmo cardíaco, que podiam parar as batidas, redescobrir duradouramente o ritmo de um sono profundo e permanecer enterrados dias e mais dias, como se estivessem mortos. Só que depois voltavam à vida.

— Você faz isso? — murmurou Théo perplexo.

Não, o iogue de tia Marthe não era dessas cobaias humanas que tanto apaixonavam os cientistas americanos. Ele não teria admitido ser fechado num caixão, vigiado por um exército de observadores com os olhos grudados em seus monitores. Contentava-se com buscar o conhecimento e manter firme a parelha de seus dois cavalos, praticando a não-violência, o amor ao próximo, a ausência de cólera e desprendendo-se dos bens deste mundo. Já era muito. E se propunha a ensinar a Théo a arte do repouso da alma.

— Bem, dormir, isso eu sei — resmungou Théo.

Não se tratava de sono, se bem que a maioria das pessoas não conhecesse a arte de dormir. O verdadeiro repouso era algo totalmente diferente: uma calma sem sobressaltos, um espírito flutuando nas águas, a paz. Tratava-se também de despertar em si as energias ocultas que reforçavam o espírito e o corpo juntos. Porque os iogues tinham uma concepção singular do corpo humano, de acordo com a qual havia círculos de irradiação ao longo da coluna vertebral, os *chakra*, cada um controlando uma parte do organismo. Era possível despertar um a um os círculos e, quem conseguisse chegar então ao último deles, no topo do crânio, no lugar preciso da moleira do bebê, alcançava a eclosão do último dos *chakra*, lótus, de mil pétalas deslumbrantes de brancura. Esse exercício era extremamente difícil, porque era necessário despertar uma serpenta interna enrolada na região "sagrada", que a anatomia ocidental chamava de "sacro" …

— Logo em cima das nádegas? — perguntou Théo.

É, abaixo dos rins. No lugar em que se encontram alojados os testículos no feto … Tratava-se, pois, de obrigar a serpenta, a *kundalini*, isto é, a "enrolada", a se levantar até o cérebro. Claro, em geral falava-se "serpente". Mas o réptil interior era uma forma particular de energia feminina onipotente, de modo que o sr. Gaiato prefeita dizer "serpenta": era mais eficaz. Nenhuma intervenção na terra do deus Shiva podia se dispensar da manifestação da energia feminina, a *shaktí*, que jazia em todos os corpos, inclusive o dos homens. Era ela, como serpenta, que era preciso obrigar a se erguer até o cérebro.

— Uma serpente nas costas — refletiu Théo. — Não seria, quem sabe, como o esperma?

O iogue sorriu: Théo havia enxergado. Mas na concepção da ioga, o esperma existia igualmente nas mulheres, porque a energia feminina era igualmente partilhada entre os dois sexos. Por vezes, em certas seitas, para multiplicá-la convenientemente, chegava-se até a praticar um longo acoplamento a fim de fazer o esperma subir à cabeça.

— Não acredito … — murmurou Théo estarrecido. — Quando eu contar para a Fatou!

Mas o jogue apressou-se a lembrar que essa prática era reservada aos adeptos devidamente iniciados e que exigia longos anos de preparação. Em compensação, o simples despertar da energia interior era acessível a qualquer um.

— Você consegue? — indagou Théo.

O jogue confessou humildemente que contava esses momentos preciosos nos dedos das mãos, mas que, o resto do tempo, ele se contentava com adorar a divindade por meio de seu próprio corpo, o melhor que podia.

— No fim das contas, a ioga é uma religião só para si mesmo — concluiu Théo. — Deus somos nós. Devemos até poder prescindir de Deus, não é?

Não, respondeu o iogue. Na Índia não se podia dispensar a ideia do divino. Mas um rapazola ocidental podia tentar sem crer, com certeza.

— OK — fez Théo. — Para a saúde e o repouso, eu topo. Me ensine, então.

Théo e o seu guru

O iogue mandou Théo sentar-se pondo o pé esquerdo sobre a coxa direita e o pé direito sobre a coxa esquerda. Depois pediu que baixasse a cabeça, mantendo bem reto o pescoço e repetisse com ele uma série de vogais que começava com "A" e terminava com "om". A-om. No "om" tinha de fechar brevemente os lábios e sorrir. Então, disse o iogue, Théo deveria senti-los vibrar.

— A-om — repetiu Théo. — Não estou sentindo nada. A-om …

— O sorriso — insistiu o iogue.

— A-ô-om — cantou Théo sorrindo. — Está vibrando! Tia Marthe, o que você está pretendendo com essas macaquices? … Não sou hindu, não!

Macaquices, falou o iogue, era uma boa definição. Porque a espécie humana não tinha nenhuma prerrogativa na ordem do universo e a ioga contentava-se com assimilar todas as espécies vivas, o macaco, o leão, o pássaro, o inseto e até a cobra mortalmente perigos.

— Se é ecológico, tudo bem — admitiu Théo.

Exercícios de respiração. Soprar bem forte pelas narinas para limpa-las, conter a respiração, expirar. Inspirar por uma narina tapando a outra, conter a respiração, expirar com esta outra. Conter a respiração enchendo a barriga … Mas nesse instante Théo fez uma careta.

O iogue franziu o cenho e apalpou-lhe o ventre.

— Estou sentindo uma perturbação no sangue — disse, preocupado. — Os ares não passam pelos canais adequados. Deixem-me experimentar meus poderes.

Porque os iogues de verdade alcançavam poderes sobrenaturais chamados *siddhi*, alguns dos quais eram capazes de curar doenças. O iogue deitou Théo no chão e aplicou as duas mãos do lado esquerdo.

— Está sentindo alguma coisa, filho?

— Calor — respondeu Théo.

— Ótimo — replicou o iogue. — Agora faça exatamente o que eu disser. Pés afastados, mãos ao longo do corpo, palmas das mãos viradas para o céu. Feche os olhos. Deixe a língua flutuar no céu da boca. Relaxe bem os dedos dos pés, os tornozelos, as pernas …

Théo não demorou a sentir-se pesado como chumbo. O iogue falava em voz baixa de um jardineiro que limpava os regos de um jardim e de um nenúfar que, de felicidade, se abria flutuando nas águas. Leve como uma pena, Théo, por sua vez, sentiu-se flutuar. Quando sua respiração tornou-se regular, ele adormeceu.

— O menino está cansado — murmurou o iogue. — Muito cansado. Mas a morte parou no meio do caminho.

— Estranho — comentou tia Marthe. — Para curá-lo, você quase o fez adotar a postura que chama de "cadáver". Como explica isso?

O iogue sorriu: somente a posição do cadáver permitia dominar a angústia da morte. Théo acordou por conta própria, e o iogue tomou o cuidado de levá-lo a mexer os dedos dos pés antes de lhe pedir que se levantasse devagarinho, para evitar a vertigem.

— E então? — perguntou tia Marthe.

— Tudo bem — murmurou Théo. — Estou me sentindo esquisito. E como a mamãe me dando um banho quando eu era pequeno. E gostoso.

O iogue recitou a prece final, depois uniu as mãos e se inclinou: a lição havia terminado. Pôs o gorro, pegou sua manta, enrolou-se dignamente e saiu.

— Agora você tem um guru — disse Ila, que não tinha dito uma só palavra.

— Eu? — espantou-se Théo.

— Guru significa mestre — ela prosseguiu. — E você tem um mestre.

— Mas nem sei o nome dele!

— Chama-se Kulkarni — disse tia Marthe. — Ele veio especialmente de Bombaim. Mas você deve chamá-lo respeitosamente de Guru-ji.

— Kulkarni — murmurou Théo. — Então tenho um guru … Essa é boa! Vou telefonar para Fatou, ela vai morrer de rir!

Um chá bem no meio

Théo já havia pegado o celular, quando tia Marthe o deteve de um gesto.

— Antes de ligar para Fatou, que tal tratar da sua mensagem?

— Minha mensagem … — suspirou Théo. — Nem me lembrava mais. Você me ajuda?

— De jeito nenhum! Nada de trapaças!

Théo meteu a mão no bolso e desdobrou o papel. *Nem ida, nem vinda, nem morte, nem renascimento …*

— *Nem ida, nem vinda* parece a ioga — arriscou. — *Nem morte, nem renascimento* também, se entendi direito. Mas isso não diz qual é a próxima cidade.

— Você está esquecendo o meio — acrescentou tia Marthe.

— O meio da cama?

— O caminho do meio — ela insistiu. — O caminho, Théo.

— Uma estrada? Uma trilha, uma rodovia …

— Nada mal — ponderou tia Marthe. — Mais um esforço!

— Não encha! — exclamou Théo. — Prefiro ligar para Fatou.

Embaraçada, tia Marthe admitiu que Théo tinha sua dose de razão e que precisava esperar um pouco até convencê-lo a pôr a cabeça para funcionar. Tarde demais! Fatou estava na linha.

— Sim, sim, sou eu, é o Théo — gritava o rapaz. — Não está ouvindo bem? Estou longe à beça, sabe? Em Benares. Ah! Está ouvindo um eco? Eu não.

Protegeu o aparelho com a mão.

— Aprendi umas coisas incríveis — sussurrou. — Você nem imagina … Eu disse "umas coisas incríveis". Tenho um guru … não está ouvindo? Espere, vou falar mais alto. EU DISSE QUE TENHO UM GURU. Ah, é? Não ficou surpresa? Ele me ensinou a … Eu disse: ELE ME ENSINOU A ACORDAR UMA SERPENTE NA SUA CINTURA. Tem sim, você tem uma serpente. Eu disse: VOCÊ TAMBÉM TEM UMA SERPENTE. Depois eu te mostro. Se estou bem? Acho que sim. Eu disse: ACHO QUE SIM! Ah! Se você pudesse me dar uma dica, me ajudaria … o quê? Pode repetir? De que é o caminho? Do chá? Tem certeza? Está bem. Um monte de beijos. Eu disse: UM MONTE DE BEIJOS! Sim. Eu também …

Esbaforido, contemplou o celular com raiva.

— É sempre assim quando a gente liga de Benares — comentou tia Marthe. — Recebeu a dica?

— Recebi — respondeu Théo, já calmo. — O caminho é o do *chá*. Agora é que não estou entendendo mesmo. O meio, o chá?

— Dê uma olhada no mapa — sugeriu tia Marthe. — Nunca se sabe …

O rapaz abriu o atlas, procurou do lado da China e deteve seu dedo em Pequim.

— Aqui — afirmou com segurança. — Bebem chá aqui e é o Império do Meio. Achei.

— Nada mal — admitiu a tia com embaraço. — Mas não é *Império* do Meio, é *caminho* do meio, Théo.

— Então não sei — murmurou o rapaz, desanimado.

— Deixe para lá — disse ela passando-lhe a mão nos cabelos. — Você tem tempo até esta noite. Enquanto isso, almoço e sesta!

Casamentos e liberdade

As cinco da tarde, tia Marthe acordou Théo para um passeio de barco ao pôr-do-sol. Seguiriam o rio até as escadas que leva à casa do Mahantji, para se despedirem dele.

— Já? — espantou-se Théo. — Mas ainda não decifrei minha mensagem!

— Quem sabe o Ganges não te sopra a resposta … — replicou a tia, misteriosa.

Táxis, engarrafamentos, bicicletas e riquixás. As mulheres empurravam os filhos para o lado a fim de evitar as rodas das bicicletas hesitantes, e os vendedores de chá passeavam sua chaleira portátil com desenvoltura. De repente, as longas filas embaralhadas reduziram a velocidade, depois pararam.

— *Traffic jam* — disse Ila. — Um casamento, sem dúvida.

— O que é *traffic jam*? — quis saber Théo.

— "Engarrafamento" em inglês — respondeu ela. — Olhe, bem que eu disse … um casamento!

Um grupo de músicos uniformizados perambulava tocando seus oficlides. Seguia-os um cavalo branco engalanado de veludo vermelho e montado por um homem jovem de turbante, com o rosto velado por guirlandas de Natal cintilantes, levando ao pescoço um imenso colar de papel. Uma criança ia diante dele. Lacaios de libré empunhavam cerimoniosamente tochas de neon acesas. Em seguida vinham mulheres de sári de gala, dançando ao som da música. Enfim, fechando o cortejo, numa caminhonete, um pobre coitado pedalava furiosamente uma bicicleta.

— Isso é um casamento? — exclamou Théo. — E onde estão os noivos?

Na Índia, nessa etapa, não se viam os noivos. Mal dava para adivinhar as feições do noivo dissimuladas sob as guirlandas. Porque era ele o herói da festa, deixando o domicílio paterno num garanhão branco. A criança era a mais moça da família …

— E o colar?

O colar era composto de notas de dinheiro, amuleto para a fortuna. Quanto ao pobre-diabo da bicicleta instalada em cima da caminhonete, pedalando, ele alimentava um minúsculo gerador que fornecia a eletricidade para as tochas de néon. E tudo aquilo não passava do segundo dia de um casamento à indiana, como os milhares que eram celebrados na boa estação.

— E onde está a noiva?

De cabeça baixa, modesta, ela esperava pudicamente na casa do pai.

— Vestida de branco?

— Não — respondeu Ila. — Na Índia, o branco é a cor do luto. O vermelho, cor da vida, é reservado ao sári da noiva. Eu tinha um sári rosa vivo e uma porção de joias nas orelhas, no nariz, na cabeça, nos dedos, no corpo todo! Sudhir usava um turbante que o atrapalhava, era engraçado … Mas quando o sacerdote nos ligou um ao outro com um pedaço de pano,

quando demos sete vezes a volta ao altar para selar nossa união diante dos deuses, nós dois ficamos muito emocionados, sabe …

— Como todos os noivos do mundo — interveio tia Marthe. — Só que Sudhir e você já se amavam.

— É verdade — disse Ila corando. — Tínhamos sorte.

— Sorte? — espantou-se Théo. — Por se casar quando se amam? Mas isso é normal!

Ila suspirou. Não, na Índia, não era normal se casar por amor. De acordo com a tradição, os pais decidiam a escolha da noiva para o filho, em função de critérios como a religião, a casta, a fortuna, a educação … Muitas vezes os futuros noivos nunca tinham sequer se visto, e os casamentos com amor eram excepcionais.

— Então na Índia não se pode escolher a própria mulher! — indignou-se Théo.

Na Índia, respondeu Ila, a religião hindu não permitia a escolha, nem mesmo conhecia o sentido dessa palavra. Porque todo mundo era predestinado desde antes de nascer para consumar seu *dharma*, isto é, seu dever, em conformidade com a ordem universal. Não obedecer a ele, escolher, era ofender os deuses. E se, por exemplo, alguém quisesse escapar de sua casta de nascença, podia converter-se a uma das outras religiões da Índia, todas elas fundadas na igualdade dos homens entre si. É por isso que tantos muçulmanos provinham das castas baixas, que havia séculos vinham se convertendo para recobrar sua dignidade. É por isso que, passados mais de dez anos da independência, o líder dos intocáveis, budista sincero, lançou um movimento de conversão ao budismo para alcançar a igualdade. Quanto aos casamentos, ainda eram tão rigorosamente regidos pelos critérios tradicionais que às vezes o governo dava prêmios para os casamentos

mistos, seja entre castas, seja entre religiões. O combate pela igualdade na Índia estava longe de ter terminado …

— Olhe, na França também ainda não acabou — observou Théo pensativo.

O engarrafamento se desfez, o táxi acelerou: o cortejo ficou para trás.

As fogueiras

Quando chegaram à beira do rio, o sol tinha desaparecido. Cotos de vela iluminavam parcamente os degraus, e os vendedores desmontavam suas bancas. Os sinos e os gongos soaram para a prece da noite e os peregrinos subiram às pressas, enrolados em seus compridos xales marrons. O barqueiro esperava na margem, onde enxames de meninas ofereciam aos fregueses barquinhos de folhas costuradas cheios de pétalas de rosas, com velinhas minúsculas espetadas. Tia Marthe comprou três, sendo uma para Théo e outra para Ila.

— Tome, camarãozinho — disse ela acendendo as velas uma a uma. — Jogue seu barquinho na água e faça um pedido. Se ele descer o rio sem afundar, seu pedido será realizado.

Théo obedeceu, Ila também. Os dois barquinhos puseram-se a viravoltear, hesitaram, depois, reduzidos a um ponto luminoso, desapareceram na penumbra.

— Seja o que Deus quiser — murmurou tia Marthe lançando o último.

Os três barquinhos estavam salvos.

— Ufa! — exclamou Théo. — Então vou me casar com Fatou.

Apenas perturbado pelo leve sussurro dos remos, o silêncio havia invadido as águas escuras. A cidade parecia dormir. Salvo as chamas que bailavam ao longe, na noite.

— Olhem, um incêndio — observou Théo. — Estranho, na beira d'água.

As duas mulheres se calaram.

— A não ser que se trate de fogueiras — disse Théo. — Sim, tenho certeza. São as fogueiras de cremação.

Com o coração apertado, tia Marthe esperou para ver o que iria se seguir. Mas Théo virou a cabeça, curvou-se e deixou a mão derivar na água como se aquilo não significasse nada.

— Não se preocupe, minha velha — acrescentou. — Eu já tinha percebido a fumaça no outro dia. Você não queria que eu visse as fogueiras, não é? Pois não conseguiu! Qual é o problema? É como no cinema, ora!

Ila apertou a mão de Théo, que se aconchegou ao ombro dela.

— Sabe, ela acha que sou um manteiga derretida — murmurou. — Mas como depois da morte a gente tem outra vida …

— Você é maravilhoso — disse Ila beijando-o.

— Eu sei — respondeu o rapaz. — Seria melhor se eu fosse pouco menos maravilhoso, mas curado.

O barco se aproximava da margem numa escuridão. Tinham chegado.

O Mahantji revela a mensagem

Naquele lugar os degraus eram mesmo altos. Théo subiu como um cabrito, e as duas mulheres o seguiram devagar.

— Não vá tão depressa! — gemeu tia Marthe ofegando.

— Ei, eu é que estou doente! — gritou Théo do alto da escadaria. — Ande, minha velha!

— E quando penso que fiz ioga — ela bufou. — Estou gorda demais!

— Uma baleia — disse sobriamente Théo, puxando-a pelo braço.

Enrolado em seu xale branco, o Mahantji esperava sob o grande fícus. O branco dos pequenos templos tinha se tornado azul e a lua começava a deixar vagar nas águas um pouco da sua luz. O Mahantji sentou-se na beirada do terraço e convidou-os a se aproximar. Depois fez a Ila um monte de perguntas que Théo não entendeu, por serem em hindi. De vez em quando, o Mahantji balançava a cabeça e arregalava os olhos; às vezes gargalhava. Quando ficava sombrio, Théo compreendia que se tratava dele. Enfim, lançando um olhar para o rapaz, fez uma derradeira pergunta:

— O Mahantji quer saber como você se sente hoje — transmitiu Ila. — Ele rezou por você.

— Diga que funcionou — respondeu Théo — e que me sinto bem. Só que ainda não decifrei a mensagem, fora isso …

Ila traduziu. O Mahantji sorriu e se propôs a ajudar Théo.

— Ele sabe a resposta?

— Claro! — fez Ila. — Foi ele que a redigiu.

— Essa é boa! — exclamou Théo. — Sozinho eu não decifraria, nem que a vaca tossisse …

O Mahantji pediu uma tradução fiel. Que história era aquela de vaca. Chateado, Théo gaguejou uma desculpa, que o Mahantji logo interrompeu. Da primeira vez que foi a Paris, contou, só viu o aeroporto de Roissy. Dessa breve escala na França, só reteve uma imagem: a de pessoas de pele escura varrendo o chão. Anos depois, um de seus amigos franceses decidiu fazê-lo mudar de ideia e convidou-o a ir à Normandia. O Mahantji descobriu as estradas bem traçadas, os campos verdes, as macieiras e as enormes vacas nos pastos. Ficou tão contente que declarou com entusiasmo: “Para esta vida, já está um pouco tarde, mas da próxima vez gostaria de reencarnar num francês”. E nada, nem que a, vaca tossisse, seria capaz de modificar a imagem da França a seus olhos.

— E o que achou mais bonito? — quis saber Théo.

O Mahantji apontou para os reflexos da lua no Ganges. O mais bonito, disse, eram os reflexos da lua no mar, em frente do monte Saint-Michel. O Caminho do Meio.

Era hora de explicar a mensagem. Fazia milênios que a filosofia hindu buscava o ponto de encontro da alma com seu absoluto. Para consegui-lo, certos filósofos haviam formulado uma lógica em forma de dupla negação, que chamam de "neti … neti". Nem … nem, nem isto, nem aquilo. Nem ida, nem vinda, nem morte, nem renascimento … A essa ascese da renúncia somavam-se as asceses do corpo, destinadas a domá-lo ferozmente. Um dia, um príncipe renunciou a seu palácio e tornou-se um perfeito asceta. Depois, percebendo que isso não bastava para alcançar o absoluto, compreendeu que o excesso era ruim e que era preciso, em tudo, praticar o Caminho do Meio.

— Já sei — atalhou Théo. — É o Buda.

Isso mesmo. Faltava agora descobrir o lugar do encontro. Onde achar templos budistas? Nas montanhas, lá em cima".

— Genial! — exclamou Théo. — Vamos para o Tibete!

Não, infelizmente, Théo não iria a Lhassa. A altitude era perigosa para seu estado de saúde e os médicos tinham se oposto. Mas na Índia havia uma cidade budista situada a dois mil e quinhentos metros, no Himalaia, numa região em que se cultivava um chá mundialmente famoso. Théo só precisava identificar esse célebre chá.

— Um chá famoso em todo o mundo? — matutou Théo. Sou especialista no assunto, você vai ver. Earl Grey? Não, esse e inglês. Não bate. Orange Pekoe, mas será que é uma cidade?

Então, já que o geniozinho embatucava como o pior dos alunos, o Mahantji acabou revelando o nome da cidade desconhecida, rodeada de imensas plantações de chá: Darjeeling.

— Que burro que eu sou! — exclamou Théo batendo na cabeça. — Além do mais, tia Marthe tinha falado! Quando a gente vai?

Calma, ainda não, porque fazia frio lá! Iam ficar mais um pouco em Benares, voltar a Delhi para os exames médicos e de lá tomariam o avião para Siliguri, de onde subiriam de carro até as montanhas. E se tinham de se despedir do Mahantji, é porque no dia seguinte ele ia para um congresso mundial sobre conservação dos rios. Porque, na vida civil, o grão-sacerdote era engenheiro especializado em despoluição das águas, e o Ganges era um dos rios mais poluídos do mundo. Fazia longos anos que o Mahantji lutava como um leão por seu rio sagrado, sua mãe, na qual eram derramadas todos os dias as águas servidas da cidade de Benares.

Segundo a lenda, o Ganges era uma deusa que descera do Himalaia para regar a terra seca. Mas a jovem Ganga era cheia de caprichos: ela queria inundar a terra pulando, para brincar. Os deuses ficaram preocupados: ela ia estragar tudo. Shiva postou-se então no solo, no lugar em que a insuportável menina ia pular, e prendeu-a em seu coque de cabelo. Domada, Ganga sossegou e se tornou a mais generosa das mães. A água da divina Ganga era pura por definição. Os peregrinos acreditavam ser o rio duro como ferro; para eles, o Ganges era a própria pureza. E o Mahantji não terminava de explicar que a purificação religiosa não coincidia necessariamente com a limpeza da água: havia pureza e pureza. A primeira era moral; a segunda era científica. Como grão-sacerdote, o Mahantji protegia a pureza de Ganga; como cientista, lutava duramente pela pureza do rio. Bastaria desviar as águas servidas …

Decepcionado, Théo contemplou o rastro da lua no rio. Seria possível que aquelas águas luminosas fossem habitadas por milhares de bactérias? O Ganges não passaria de uma perigosa ilusão?

— *Maya* — suspirou o Mahantji como se lesse os pensamentos do rapaz. — Ilusão.

E, depois de explicar a Théo que o mundo inteiro não passava de *maya*, um véu de aparências, levou-o diante do minúsculo altar em que adoravam as sandálias do grande poeta Tulsidas. Era hora do último sacrifício, o da noite. Um sacerdote desenhava no ar um círculo de fogo com um aro de ferro cheio de tochas acesas. Os reflexos dançavam na pedra avermelhada, o sacerdote tocou longamente pequenos sinos. O Mahantji mantinha Théo apertado contra si e o rapaz se acalmou. O rio talvez fosse poluído, mas o céu de Benares permanecia puro como o coração do Mahantji.

13

Demônios e maravilhas

Do campo aos bazares

Apesar da viagem do Mahantji, o resto da estada em Benares transcorreu como um sonho. Tia Marthe havia elaborado um programa rígido. Levantar às sete horas, acordando com um *bed-tea*, hábito inglês devidamente preservado, um chá bem quente para sair das brumas do sono. Às sete e meia, lição de ioga com o professor Gaiato; às oito e meia, chuveiro e café da manhã; às nove, saída para passear até o meio-dia. Sesta obrigatória. No fim da tarde, passeio pelos bazares de Benares.

Ao cabo de três dias, Théo conseguia ficar de pernas para o ar e o relaxamento começava a produzir seus efeitos benéficos. Em respiração, o rapaz tinha dificuldades, mas Kulkarni foi tão persuasivo que conseguiu lhe ensinar a célebre respiração pelo ventre, e lhe abriu os pulmões e endireitou os ombros. Em menos de uma semana, Théo estava agarradíssimo a seu guru.

Assim, Kulkarni participou de todas as expedições e, como sabia muitas coisas, contou a Théo mil histórias extraordinárias. Foram aos campos verdejantes dos arredores explorar o vasto perímetro sagrado a que chamavam Kashi, verdadeiro nome da cidade de Benares. Kashi, a luminosa, Kashi, a radiosa, Kashi, a Cidade Luz, era o coração geográfico do hinduísmo: o verdadeiro hindu tinha a obrigação de percorrer a pé o conjunto das etapas pontuadas pelos templos, dormindo em antiquíssimos dormitórios para peregrinos. A sinuosa peregrinação atravessava pequenas aldeias, cujos camponeses intrigados espiavam passar aquele estranho grupo composto por uma velha *mem-sahib* — como diziam os indianos das inglesas, partindo da palavra inglesa *madam*, deformada em *maam*, e *sahib*, senhor, — uma deslumbrante indiana muito à vontade com os estrangeiros, um iogue enrolado em sua velha manta, armado de um cajado pacífico, e um rapazola de cabelos escuros e cacheados que seria parecido com o deus Krishna, se não tivesse olhos verdes. Mas, dos ocidentais, os camponeses de Benares estavam acostumados a tudo.

Em toda parte, os quatro parceiros penetraram nos pequenos templos e tocaram o sino que aí encontravam; em toda parte Kulkarni orava com fervor sincero, ora a Durga, ora a Shiva, ora a Ganesh. Se não conseguia identificar o deus do lugar, adorava o desconhecido. Às vezes os templos se erguiam à beira de grandes lagos artificiais em cuja água os visitantes podiam entrar: as mulheres se banhavam ou lavavam a roupa, os homens mergulhavam dando pulos de acrobatas; todos rezavam, de mãos postas, como no Ganges. Porque não havia um só rio, na Índia, um só riacho, um só laguinho que não fosse irmão distante de nossa mãe, Ganga. Necessária à vida e, portanto, à prece, toda a água era sagrada.

Mas o que Théo preferia era, no crepúsculo, o passeio pelos bazares. As ruelas eram tão estreitas que, quando uma vaca corria por elas mostrando os

chifres, mal dava tempo de se colar à parede. Théo achou-as atrevidas e, como os garotos de Benares, adquiriu o hábito de gratificá-las, ao passarem, com uma boa palmada na anca, para o que elas nem ligavam. De um joalheiro, Théo comprou um brilhante de nariz para sua mãe. Quanto à tia Marthe, gastou os tubos em seu vendedor predileto de sedas, que abria os rolos do tecido com mestria num salão revestido de algodão branco, enquanto oferecia à clientela o *lassi*, um iogurte diluído em água, numa tigela de barro. Tudo aquilo era uma delícia, mas o melhor eram os pôsteres de deuses.

Sorridentes, bochechudos, vendendo saúde, os deuses da Índia tinham olhos negros. Théo resolveu colecioná-los, começando com seu deus-elefante. Em seguida foi a vez de Shiva, quando ele descobriu, presa no coque do deus de pele azulada, a bonita cabeça de Ganga cuspindo a água do rio de sua boca impotente. Havia Shivas coléricos brandindo seu tridente com um ar furibundo, Shivas meditando de olhos fechados tendo ao fundo o Himalaia nevado … encontrou até um bem estranho, dividido de cima a baixo numa metade homem e numa metade mulher. Kulkarni explicou que o grande deus, ao mesmo tempo masculino e feminino, exprimia por essa imagem a parte do outro sexo que cada um traz em si.

— Quer dizer que eu teria um pedaço de mulher? — espantou-se Théo. — Não sei onde …

— Não se lembra que em Luxor, antes de entrar na dança, a sheikha te chamou de "noiva"? — perguntou tia Marthe.

Théo lembrou-se e se perturbou, porque, naquele instante preciso, o gêmeo subterrâneo se manifestou. Era a hora em que os sinos começavam a soar. Atravessado por reflexos avermelhados, o céu de Benares escurecia e os passarinhos trinavam ante o chamado da noite. "Estou aqui, irmãozinho", sussurrou a meiga voz invisível. "Sempre junto de você …"

— Théo! Está sonhando? — perguntou tia Marthe.

Sim, estava. Pela primeira vez Théo se perguntava se aquele, irmão gêmeo surgido dos abismos da dança no Egito não seria, antes, uma irmã gêmea. Depois seus olhos fixaram outro pôster: Shiva ladeada por Ganesh e por um lindo rapaz armado de uma lança.

— Ué, esse é novo — comentou. — Quem é?

Os dois guardiães da porta

Então Kulkarni sentou-se, porque a explicação seria longa.

O rapaz se chamava Skanda e era filho de Shiva, que não queria saber dele. Um dia, os deuses precisaram de um guerreiro para vencer os demônios e dirigiram-se a Shiva, para que ele concebesse um filho. Shiva deixou-se convencer e casou-se com Parvati, mas como ele era asceta, uniu-se a ela por mil anos sem conceber nenhum filho.

— Não estou entendendo — atalhou Théo. — Uniu-se a ela por mil anos? Que história é essa?

Kulkarni, perturbado, pôs-se a tossir, e tia Marthe tratou de socorrê-lo. Os ascetas, explicou ela, que têm o poder de reter o sêmen para fazê-lo subir até o cérebro, podem ficar muito tempo deitados com uma mulher sem fazer nada. Théo continuava sem entender.

— Sem ir até o fim — cochichou Ila enrubescendo.

— Ah! — exclamou Théo. — Quer dizer sem ejacular? Agora ficou claro!

Era puro, mas os deuses, irritados, interromperam o santo exercício. Distraído, Shiva deixou-se levar … E o sêmen caiu no fogo, que o confiou à água, que o confiou aos caniços, para finalmente dar nascimento a Skanda, cujo nome significava “jato de sêmen”. Na verdade, por causa de seu amor à deusa Ganga, o digno iogue preferia uma versão mais curta: ao ver Ganga

pular do céu, o deus achou-a tão bonita que ejaculou no rio, de onde nasceu Skanda … Em todo caso, Shiva teve dois filhos: Ganesh, o gordo, e Skanda, o belo.

— Quantas histórias existem a respeito de Ganesh? — perguntou Théo.

Um monte! Tanto mais que o deus-elefante viajara muito e existia na China e no Tibete sob a figura de um menino barrigudo, de roupas vermelhas, armado com o tridente de Shiva deus da Cozinha. No Japão, era, como na Índia, deus da Felicidade, mas também da Riqueza, um homenzinho de pé sobre dois sacos de arroz. Mas Ganesh sempre guardava uma porta: a de sua mãe, Parvati, a dos templos ou a da cozinha. Do outro lado da porta, Skanda também montava guarda. Em toda porta, havia dois guardiães: Skanda, o belo, nascido do sêmen de seu pai, e Ganesh, o comilão, oriundo da intimidade da mãe. Um saía do fogo paterno, o outro da água materna.

— Estamos quase na China — interveio tia Marthe. — Lá, dois princípios regem a ordem do universo: o Yang, sol e masculino, e o Yin, sombra e feminino. Você vai ver.

— Mais uma história do Ganesh — suplicou Théo.

Então, a da sua presa de elefante a menos. Claro, de acordo com a versão mais conhecida, Ganesh a arrancou para dá-la ao primeiro escritor, tornando-se, assim, o deus da gente de letras. Mas, conforme outro relato … um dia, cavalgando seu rato, Ganesh cruzou com uma serpente. O rato se assustou, Ganesh caiu, seu barrigão rebentou, os doces que ele tinha comido rolaram no chão e, para evitar perdê-los, o deus-elefante serviu-se da serpente, de que fez um cinto. Ao ver o espetáculo, o senhor Lua — porque, na Índia, a lua era um deus masculino — caiu na gargalhada. Zangado, Ganesh cortou uma das suas presas e atirou-a no senhor Lua, que ficou escuro e desapareceu. Desde então, a lua desaparecia periodicamente.

— Não conhecia esta — murmurou Ila, fascinada.

Outra tarde, como Théo se detivesse diante de um pôster de Vishnu, Kulkarni explicou por que o deus dormia no oceano, velado por uma serpente gigante. No começo dos tempos, um terrível incêndio devastou a terra, o inferno e o céu — foi o primeiro sacrifício. Depois as nuvens se juntaram e a chuva submergiu o universo. Então Vishnu tornou-se guardião de todas as criaturas que, feitas de lama e de fogo, iam despertar para a vida, e adormeceu para sempre no oceano cósmico.

— E o oceano é um mar de leite — concluiu Kulkarni.

— Mar de leite! — exclamou Théo. — Era bom contarem isso para a Nestlé!

— Não, porque o leite é batido — rebateu tia Marthe.

— Então é manteiga — sentenciou Théo.

— Também não, porque na Índia usam manteiga clareada, a *ghee*, que se obtém fervendo cinco vezes a manteiga para livrá-la de suas impurezas. Purificada, a *ghee* era tão sagrada que a vertiam nos corpos na hora da cremação.

— Que meleira … — disse Théo. — E a serpente gigante?

— A serpente? Pertencia ao imenso império subterrâneo dos Nagas, situado debaixo d'água. Era por isso que as cinzas dos mortos deviam voltar ao rio e por isso que se jogava um punhado delas no Ganges: porque, depois de ter sacrificado ao fogo com a cremação, sacrificava-se assim à água. E, de acordo com a tradição, a vítima assim oferecida era o cadáver em pessoa.

— Entendi, assa-se como uma bela picanha, bem regada de manteiga — comentou Théo. — Mas, pensando bem, é melhor do que apodrecer debaixo da terra, eu acho.

Kulkarni revoltou-se, porque o que acontecia com o corpo não tinha nada a ver com a alma imortal, e seu ofício era educar a alma para melhor

prepará-la para a morte. Achando que a conversa derivava para temas que ela preferia evitar, tia Marthe resolveu que estava na hora de abandonar o hinduísmo às suas lendas estapafúrdias e voltar-se para o Buda, que não tinha nada a ver com aquelas fantasias todas.

A fabulosa lenda do Buda

Então, no dia seguinte, foram a Sarnath, a uns poucos quilômetros da cidade, porque foi lá, no lugar chamado "Parque das Gazelas", que Buda pronunciou seu primeiro sermão e pôs em movimento pela primeira vez a Roda da Lei. A do *dharma*.

Não passava de um vasto e belo jardim plantado com árvores imensas, onde, não longe de algumas ruínas indecifráveis, elevava-se um alto monumento redondo de tijolos. Um tanto decepcionado, Théo sentou-se à sombra: como imaginar Buda naquela paisagem tranquila?

Com abundância de detalhes, tia Marthe explicou que a Roda era o principal símbolo do budismo, emblema do ciclo eterno dos nascimentos e reencarnações, de que era preciso sair para alcançar a serenidade. Ela era encontrada no meio da bandeira da Índia moderna, em lembrança do primeiro soberano budista unificador do país, o imperador Ashoka. Depois tia Marthe passou ao grande monumento erguido entre as árvores centenárias: o primeiro *stupa* do budismo, que cobria algumas ossadas do Buda. Os *stupas* budistas continham todas as relíquias provenientes do primeiro Buda ou de seus sucessores. Théo bocejou. Em seguida, ela enumerou todos os nomes sucessivos do filho do rei Shuddhodana e da rainha Maya: nascido Siddharta, o que significa "Aquele que alcança a meta", o bom arqueiro, passando a chamar-se Gautama, do nome de sua família no

clã dos Shakya, depois Shakyamuni, asceta no clã dos Shakya, depois Buda, o Desperto. Théo quase dormia.

— Se isso não te interessa, pode dizer! — exclamou tia Marthe, exasperada.

— Ahn? … — fez Théo chateado. — É que eu preferia as histórias do Kulkarni.

— Sua vez, Guru-ji — suspirou tia Marthe.

Dócil, o sábio iogue voltou à carga. Porque, se o príncipe Siddharta nascera em Kapilavastu, num pequeno reino no Nordeste da Índia, talvez em abril ou maio do ano de 558 a. C., já que morrera oitenta anos depois, já que se sabia que ele tinha se casado aos dezesseis anos, que tinha deixado seu palácio aos vinte e nove, alcançado o Desperto em 523 a. C., ou quem sabe em 517 a. C …

— Ah, já estou cheio desses detalhes de especialistas — reclamou Théo. — Estou pouco ligando se foi em 517 ou 523! Que interesse tem? Isso é coisa de ratos de biblioteca! Se pelo menos eles servissem de montaria para Ganesh, teriam alguma utilidade!

Por sorte, a lenda contava muito mais. Porque aquele que viria a ser o Buda escolheu seus pais. Ele entrou no flanco da mãe na forma de um elefante branco …

— Não, nada disso — resmungou tia Marthe. — Se ele existiu de verdade, do que não se tem certeza, a rainha Maya teve um sonho, e ponto final.

— Psiu … — fez Théo.

… E não cresceu na matriz da mãe, mas num engaste de pedra preciosa. Não nasceu pelas vias naturais, mas saiu por onde tinha entrado. Assim que nasceu, o menino rugiu como um leão, proclamando em alto e bom som que era o melhor do mundo, o primogênito do mundo, e que aquele seria seu derradeiro nascimento.

— Ridículo — cortou tia Marthe. — Rugir como um leão? Isso é incompatível com a doutrina dele.

— Quer calar a boca! — exclamou Théo. — É muito mais divertido do que os diferentes nomes do Buda!

Quando o futuro Buda foi ao templo pela primeira vez, as estátuas dos deuses se levantaram e se prostraram diante dele. Vindo do Himalaia voando pelos ares, um velho sábio tinha pedido para ver a prodigiosa criança, pegou o garotinho nos braços e chorou, ao compreender que não viveria o bastante para seguir os futuros ensinamentos do bebê divino. Quando o rei lhe perguntou se seu filho seria um grande soberano, como ele, o sábio respondeu que o menino seria senhor do mundo. Sete dias depois, Maya morreu. O pai decidiu então criar o bebê para torná-lo um grande rei e encerrou-o nos prazeres do palácio. O jovem príncipe casou-se com duas princesas e teve um filho. Foi então que, aos vinte e nove anos, graças aos deuses vigilantes, saiu de sua prisão dourada e percebeu nas ruas da cidade um doente, um velho e um morto …

— Ué — observou Théo. — Escute aqui, tia Marthe, você tinha esquecido o morto.

… Depois cruzou com um monge de fisionomia serena. O príncipe compreendeu que, ao abrigo do palácio, ele havia evitado a essência da vida: a dor. Mas também compreendeu que, com a meditação, era possível superá-la e alcançar a serenidade. Então escapou à noite, abandonando suas mulheres e seu filho. Acabava aí a lenda do nascimento do Buda.

— Já acabou tarde — ralhou tia Marthe.

— Até parece Jesus — comentou Théo. — Não teve pai, já entrou no corpo da mãe por milagre, um mago vem de longe vê-lo, bem parecido.

Mas a continuação não era nada parecida. O príncipe que renunciara ao mundo começou pelos exercícios que se praticavam em seu tempo: tornou-

se iogue em apenas um ano. Depois retirou-se por seis anos e fez longos jejuns. Chegou ao ponto de não comer mais nada; ficou esquelético e deixou-se a tal ponto consumir pela chama da sua ascese que parecia poeira. Deu-se então um acontecimento decisivo: ele compreendeu a inutilidade da mortificação e quebrou seu jejum interminável aceitando o arroz cozido que uma mulher lhe oferecia. Era uma tamanha revolução, que seus primeiros discípulos, despeitados, não entenderam nada e o deixaram. Abandonar a ascese? Não era coisa que se fizesse.

Como o príncipe renunciante já conhecera tudo — os prazeres, as mulheres, a paternidade, a ioga e a ascese, — pôde passar então à meditação. Sentado debaixo de um grande fícus, esperou atingir o que já chamava de o "Despertar". A Morte veio tentá-lo na forma de demônios e monstros, mas ele resistiu. O Amor veio por sua vez, sob a aparência de mulheres nuas. Na verdade, a mesma deusa, Mara, encarnava o amor e a morte — ela se retirou ao raiar do dia, vencida. Na primeira vigília, ele percorreu com o espírito a totalidade dos mundos. Na segunda noite, pensou em todas as suas vidas anteriores e nas de todos os seres humanos. Na terceira vigília, compreendeu como deter o ciclo dos nascimentos e renascimentos. Quando a aurora chegou, ele tinha se tornado o Desperto, o Buda. Foi ter de novo com seus discípulos, levou-os a Sarnath, neste jardim, e expôs a eles sua doutrina, baseada na compaixão.

Satisfeito, Kulkarni parou.

Tia Marthe ensina o budismo

— É resumido demais, no que respeita à doutrina! — reclamou tia Marthe.

— Por quê? — interveio Ila. — É a pura verdade!

Olhando seus amigos hindus da cabeça aos pés, tia Marthe, do alto de sua pessoa rechonchuda, fez pouco daquela concepção estreita. Buda havia dado ao mundo uma verdadeira filosofia, que não tinha nada a ver com uma religião de deuses e demônios. Não, o que Buda descobriu entre outras coisas, as quatro nobres verdades, era infinitamente mais sério do que aquela baboseira toda.

— Escute bem, Théo — disse ela. — É muito simples. A primeira verdade é que tudo é sofrimento.

— Eu não acho — murmurou Théo.

— Sim, porque tudo passa — insistiu a tia. — Mesmo a felicidade, mesmo a alegria obtida pela meditação. Tudo, diz Buda, é impermanente. Quer dizer …

— Não dura, já entendi — atalhou Théo. — E depois?

— A segunda verdade é que a origem do sofrimento está no desejo egoísta, que Buda chama de "a sede de ser si". O próprio desejo de êxtase faz parte dele.

— Tudo bem. Mas como a gente sai disso? — perguntou Théo.

— Pela terceira verdade, justamente. Para abolir o sofrimento da impermanência, é preciso alcançar o Nirvana. A última das quatro verdades descreve os caminhos para alcançá-lo.

— Não custa dizer quais são — disse Théo, cético.

— Pois bem! É o Caminho do Meio. Evitar obter a felicidade pela busca dos prazeres, evitar também a procura da beatitude pelo ascetismo. Em tudo é preciso mirar bem: bem no meio. Assim alcança-se a sabedoria, e é somente então que intervém a compaixão, não apenas por todos os homens, mas por todos os seres vivos. Porque se o conjunto de tudo o que existe no mundo é impermanente, se até os conhecimentos são perecíveis, então o si não existe mais, o egoísmo não tem mais lugar. Mas, principalmente, não é

em outra vida ou em outro céu que se atinge o estado de Nirvana: é já, agora, no presente.

— Nirvana é o nome de um grupo de rock — ruminou Théo. — Fora isso, não entendi nada.

— Vou te explicar — tornou tia Marthe. — Ao sair da contemplação, quem segue os passos do Buda pode dizer: "Ah, o Nirvana! Destruição, calma, excelente escapatória!". Porque Buda fala expressamente de "destruir a casa": claro, não se trata de demoli-la com um trator, mas é necessário desprender-se dela, destruí-la em sua essência protetora. Como o corpo, a casa é impermanente. Nisso, Buda não inovou: de fato, no hinduísmo, o cosmo, o corpo humano e a casa obedecem à mesma ordem universal, rigorosamente definida para cada um desde o nascimento. Não é, Guru-ji?

— É verdade — respondeu o iogue.

— Logo, diz Buda, nada de condicionamentos. E se conseguirmos destruir a ideia de casa, de corpo e de cosmo, os velhos tabus do hinduísmo desaparecem. Logo, também, nada de regras sociais, nada de castas. Não é isso, Guru-ji?

Kulkarni, que era brâmane, aquiesceu sem protestar.

— Todos os homens passam a ter, então, acesso à calma, à excelência, todos podem escapar do sofrimento, e não só os privilegiados. Entende?

— Acho que sim — respondeu Théo. — Em poucas palavras, Buda fez com o hinduísmo o que Jesus fez com a religião dos judeus: estendeu-a a todo o mundo.

— Bravo! — exclamou tia Marthe. — Você passou por cima da filosofia da impermanência, mas acertou em cheio.

— Você não disse nada sobre o célebre sorriso do Buda — notou Ila.

— Vamos vê-lo — replicou tia Marthe. — É melhor.

À saída do jardim, no pequeno museu, havia uma estátua do Buda meditando. Misterioso e calmo, seu largo sorriso falava tanto quanto todos os discursos de tia Marthe. Théo acariciou os pés de pedra polida e se perguntou como seria possível matar aquela tal sede que, aos olhos dele, representava a vida.

— Comer, pode? — perguntou ele com timidez. — Estou com fome …

— Quem falou de jejuar? — retrucou tia Marthe. — Nada de ascese excessiva! Aonde você gostaria de ir?

A mesquita do terrível imperador

Chegou então o último dia em Benares. Tia Marthe afirmou que não podiam perder a grande mesquita. Porque por pouco esqueciam que Benares era, desde a noite dos tempos, um grande centro de comércio, que os muçulmanos aí constituíam uma comunidade importante e que essa mesquita dominando a cidade santa também tinha sua história.

Imensa, de um rosa majestoso, ela se erguia insolentemente acima dos templos e do Ganges. Mas não puderam aproximar-se: barreiras impediam a entrada.

— Deve ser por causa dos integristas hindus — murmurou Ila embaraçada. — Eles querem demoli-la para purificar a cidade.

— Como já fizeram com a mesquita de Ayodhya em 1992 — esbravejou tia Marthe. — Belo trabalho!

— Que recriminações fazem a essa mesquita? — quis saber Théo.

A ela, nenhuma, mas a seu construtor, quase todas. Foi edificada pelo imperador Aurangzeb, um dos filhos de Shah Jahan. Ora, durante seu reinado, Shah Jahan, o tolerante, despendeu fortunas para edificar o Taj Mahal, gigantesco mausoléu para sua falecida esposa. Para corrigir os

excessos paternos, seu sucessor, Aurangzeb, tornou-se muçulmano rigoroso: destruiu templos hindus, organizou o império e construiu a famosa mesquita em questão com as pedras dos templos que havia destruído … deixou na Índia a lembrança de um soberano cruel, perseguindo os hindus por todos os meios. Por isso, os partidos políticos extremistas que queriam restaurar a Hindutva, a pátria hindu, também desejavam arrasar a mesquita de Aurangzeb, embora ela fizesse parte do prestigioso patrimônio nacional.

— Repare, Théo — disse tia Marthe, — que, se a mesquita de Benares é enorme, o túmulo de Aurangzeb é de uma grande simplicidade. Um cercado, um mármore branco, com um buraco no meio por onde passa um pé de manjericão, e ponto final.

Théo se aproximou. Nos nichos esculpidos tinham se instalado grandes enxames de marimbondos agressivos. A mesquita estava bem defendida.

Um Ganesh em cartão-postal

No momento de se despedir de Théo, Kulkarni emitiu um breve soluço. Théo pulou em seu pescoço, e o querido Guru-ji beijou-o, o que não era do seu feitio. Depois foi pegar o trem que o levaria de volta para Bombaim em três dias. O retorno a Delhi não foi nada alegre. No entanto, o comandante Lumba tinha convidado sua mulher e seus amigos à cabine de comando do avião da Indian Airlines, mas nem mesmo esse agrado descontraiu o semblante de Théo. Primeiro ia embora de Benares, depois tinha de se submeter aos eternos exames de sangue.

As análises revelaram-se estáveis. Aborrecida, tia Marthe resolveu ligar para Paris. Melina ia ficar preocupada …

— Escute, minha querida, estou dizendo que é es-tá-vel! — esgoelou-se Marthe ao telefone. — O que quer dizer que não mudou nada, nem para

melhor, nem para pior … voltar? Para quê? Claro que ele toma os remédios. Em Benares? Água? Só tomamos água mineral … Água do Ganges? Está brincando! Bom, se você não acredita em mim, pergunte para ele.

E passou o fone a Théo.

— Mamãe? Nem uma gota, é sujo demais. O que eu vi? Puxa! Um montão de coisas. Fiz ioga! É, com um professor … Você sabia que eu tenho uma serpente nas costas? Não, não estou brincando … Parar a viagem? Eu quero continuar, ora! Sim, eu sei. Como, por que eu sei? Porque tia Marthe me disse que as análises deram resultado estável, ora essa! E daí? Daí que não estou nem melhor, nem pior do que antes, não é? E minhas lentilhas? Já estão todas verdes? Claro que sinto falta de você. Sim, penso em você quando vou dormir. Quando acordo também. Eu te amo …

Fez um barulho de beijo estalado no aparelho e desligou.

— Está angustiada — falou. — O que a gente pode fazer?

— Mandar um cartão-postal — respondeu tia Marthe.

Dito e feito. Théo escolheu um cartão de Ganesh, no qual o bebê elefante de barriga redonda reinava, mais rosado do que nunca. Escreveu com capricho sua mensagem: “Para minha mamãe querida, este é o deus que me protege. É o deus do Lar, com um dente a menos para a escrita”. Era a vez de Melina quebrar cabeça.

14

Raios bentos

Histórias de dois veículos

— Me diga uma coisa — falou Théo afivelando o cinto, — se no jardim de Sarnath estávamos no Caminho do Meio, por que ir a Darjeeling? Comprar chá?

— Você não deixa escapar nada, hein! — riu tia Marthe. Em Darjeeling você vai conhecer o outro budismo.

— Quer dizer que há dois? — espantou-se Théo.

— O primeiro tem o nome de "Pequeno Veículo" — explicou tia Marthe. — É o que te contamos debaixo das árvores de Sarnath. O segundo, o "Grande Veículo", conquistou pouco a pouco o conjunto dos países do Himalaia …

— Isto é, o Tibete — concluiu Théo.

— Não se esqueça, por favor, do Nepal, do Butão e do Sikkim, para onde vamos.

— Mas o Sikkim fica na Índia!

— Não faz muito tempo. É um velho reino anexado pela Índia, cuja antiga capital religiosa, Darjeeling, hoje se encontra no Norte do estado indiano de Bengala Ocidental. Quer me deixar terminar, Théo? … Do Himalaia, o budismo se estendeu à China, depois ao Japão. Nessa viagem, ele se tornou o Grande Veículo.

— "Veículo" — repetiu Théo, pensativo. — Que termo esquisito para uma religião!

— O "veículo" é feito para rodar no Caminho do Meio — esclareceu tia Marthe. — E tem rodas. Lembra-se que o primeiro sermão do Buda em Sarnath se chama a movimentação da Roda da Lei?

— É mesmo! — exclamou o rapaz. — Mas não me disseram por quê.

— Porque, no curso das suas meditações, Buda alcançou a compreensão do ciclo dos nascimentos e das mortes, um verdadeiro círculo vicioso. Quanto à Lei, ela permite escapar desse círculo de sofrimentos graças ao Caminho do Meio. Pôr em movimento a Roda da Lei é romper o círculo infernal e substituí-lo por outra roda, um ciclo, sem dúvida, mas de ensinamentos. O primeiro ciclo, você conhece, diz respeito às quatro nobres verdades. O segundo é consagrado ao puro vazio. Está vendo, Théo, é o contrário do judaísmo. Para os judeus, Deus é o Ser, é cheio portanto. Já para Buda é o contrário: o real não é ser, é puro.

— O Eterno dos judeus não é puro, então?

— É, sim — respondeu a tia. — Mas para Buda, o ser é impermanência, lembre-se. Uma vez aplacada a sede de si, o vazio se estende, o coração fica disponível à compaixão, as trevas desaparecem e é então que o ciclo final dos ensinamentos abre a claridade luminosa, isto é, o Despertar. Em Darjeeling, você vai descobrir o Grande Veículo.

— O que aconteceu entre o pequeno e o grande?

— O mesmo que sempre acontece na história das religiões — resmungou tia Marthe. — Quando Buda desapareceu, a unidade do movimento se desfez. Buda tinha deixado uma pergunta sem resposta: ele era desperto desde o começo ou tinha se elevado progressivamente à condição de desperto?

— Depende — respondeu Théo. — Na lenda, ele é como um deus, mas na vida, não.

— É exatamente este um dos pontos de divergência. Alguns inventaram uma solução: o Buda que foi visto vivo não passava de uma ilusão criada pelo verdadeiro Buda.

— Isso é trapaça! — protestou Théo. — Logo ele, que não queria ser deus …

— Não conseguiu — comentou tia Marthe. — Buda indicava o caminho para um contato individual com o divino, mas os homens têm uma enorme necessidade de ser guiados. Então os teólogos budistas inventaram personagens santos que, para salvar a humanidade, são capazes de adiar indefinidamente seu acesso ao Despertar final. São chamados "bodhisattvas". Esses aprendizes de Buda já bem despertos são tão devotados, têm tamanha compaixão, que suscitam, por sua grandeza, uma devoção absoluta. Têm um poder quase divino … O Buda sublimado se dissolve no inacessível. Entende agora por que seu guru me irritava com as lendas dele?

— Você é budista, tia Marthe?

— Um pouco — confessou ela. — Justamente porque é uma filosofia que pode prescindir de Deus. Cada um tem de se virar sozinho para alcançar o apaziguamento do espírito, é isso o que me agrada. Acredite, Théo, não sou a única a me dirigir para o Caminho do Meio: em nossos dias, você verá budistas em todos os cantos do mundo … Nos Estados Unidos, no Canadá, na Suíça, na Alemanha …

— Mas não na França, de qualquer forma! — exclamou Théo rindo.

— Claro que lá também! Está pensando o quê? Que os franceses são impermeáveis à compaixão universal? Existem vários budistas na sua terra. Eles até conseguiram espaço domingo de manhã nos programas religiosos! Acho que é um bom sinal. Os budistas não incomodam ninguém, são perfeitamente tolerantes … Claro, no início você vai achá-los meio esquisitos. Os trajes deles, seus "cilindros de oração", suas prosternações, é curioso. Mas se explicam … é bom dizer que, no Tibete, o budismo cruzou com uma religião antiquíssima, com a qual precisou chegar a um compromisso.

— Uma religião tibetana antiquíssima — murmurou Théo. — A do Bardo Thödol, o *Livro dos mortos*?

— Ah! Tinha esquecido, você já leu — suspirou a tia. — Pois bem, esse livro não diz grande coisa dessa religião, que se chamava "bom".

— B-o-n?

— Isso. Em tibetano arcaico quer dizer religião dos homens, "bonpos". A história da fusão entre o bon e o budismo é curiosa.

Uma corda e seis macaquinhos

Tão curiosa que só ela ocupou duas horas em pleno voo.

No começo dos tempos, de acordo com os mitos da antiga religião tibetana, os deuses do alto viviam nas montanhas, os deuses de baixo, nos subterrâneos e nas águas, e os homens ficavam no meio. O primeiro dos reis do Tibete tinha se unido a uma divindade montanhosa, e dessa união nasceram os primeiros homens. De dia, o rei ficava na terra, de noite voltava ao céu graças a uma corda mágica, cor de luz, que ele trazia no alto da cabeça.

— Você já falou da trança de cabelos — notou Théo. — A propósito dos sikhs, dos brâmanes e de Sansão, o … nazareno.

— O nazarita! — corrigiu tia Marthe.

De fato, o princípio da corda que liga o homem a seu céu era universal: era encontrado até entre os índios do Brasil, e sempre havia um chato para cortar a corda que permitia subir ao céu. Foi o que aconteceu com o sexto rei tibetano. Vaidosíssimo, desafiou seu cavalariço para um duelo, mas se recusou a lhe transmitir seus poderes divinos. Como isso não era justo, o cavalariço contentou-se com pedir ao rei que cortasse sua corda celeste. Por orgulho, o rei aceitou. O outro soltou no campo de batalha cem bois armados com chuços fixados nos chifres, puxando carros repletos de cinzas. A confusão foi total, e o cavalariço matou o soberano imprudente, que se tornou o primeiro rei morto. Depois dele, nenhum rei pôde subir pela corda celeste. Somente os mágicos e os santos foram capazes de consegui-lo. Este era o mito da antiga religião do Tibete.

— E o que sobrou dele? — indagou Théo.

Sobravam ainda os bonpos, que, durante a cerimônia do casamento, amarravam uma corda na cabeça do noivo; e não fazia tanto tempo assim que, em Lhassa, no palácio do dalai-lama, o imenso Potala, três homens ainda se jogavam no vazio para descer por uma corda do alto do teto. Depois, com a chegada do budismo, a história do rei da corda celeste mudou completamente, e a origem dos homens também.

No início dos tempos, segundo os ensinamentos budistas, um grande macaco quis se converter graças às lições de um santo bodhisattva de nome complicadíssimo, Avalokitesvara. O santo mandou-o para as neves do Tibete, porque quanto mais perto do céu, melhor a gente se concentra. Enquanto o macaco meditava sobre a compaixão, passou uma cuca que se apaixonou loucamente por ele e assumiu a forma de mulher. Preso pelo voto

de castidade, o macaco repeliu as investidas da cuca, mas ela soube suplicar tão bem que ele consentiu em dormir ao lado dela. Ainda não bastava. Como o macaco resistisse, a cuca ameaçou dar nascimento a monstros que devorariam a raça humana. Não sabendo mais o que fazer, o macaco correu até o santo, que ordenou a ele casar-se com a cuca, por compaixão. O santo tinha previsto tudo.

Nasceram seis macaquinhos, que a mãe, fiel à sua natureza de cuca, quis devorar imediatamente. O pai-macaco salvou-os, fugiu com eles para a floresta e largou-os lá. Três anos depois, os seis macacos tinham se multiplicado: eram quinhentos, e morriam de fome. O pobre macaco recorreu de novo a seu mestre, que subiu ao cimo de uma montanha sagrada de onde tirou cinco espécies de grão, que semeou. O macaco levou até lá seus quinhentos filhotes, que, à medida que comiam o grão, perdiam o pelo e a cauda. Foram os primeiros tibetanos.

— Então os tibetanos de hoje descendem todos do grande macaco — concluiu Théo.

— Você o conhece — afirmou tia Marthe. — É Hanuman em pessoa.

— Reapareceu a margarida! — exclamou Théo. — E o outro, o tal de Avalo sei lá o quê?

— Avalokitesvara? Para converter o Tibete ao budismo, ele foi ao monte Potala e deixou escapar da palma da mão um raio de luz que se transformou em macaco.

— Que confusão — murmurou Théo. — Nosso amigo Hanuman nascido da mão de um santo budista e uma cuca que não me cheira a nada de bom.

— Não se poderia dizer melhor — riu tia Marthe. — Porque a cuca provém da religião bon. E da corda celeste não sobra mais que o raio de luz. Como você vê, tudo se misturou …

— Que mistureba! — decretou Théo. — Só me pergunto o que vou ver em Darjeeling.

Uma cidade de bruma

Para começar, Théo viu o minúsculo aeroporto de Siliguri, onde os aguardava um velho e bojudo Ambassador, refrescado apenas por um pequeno ventilador. Já era março e fazia um calor daqueles. Mas tia Marthe garantiu que, subindo para Darjeeling, iam encontrar ar puro e mais fresco.

A estrada ia se contorcendo através de imensas extensões de bosques de um verde deslumbrante, onde, usando grandes chapéus de palha, mulheres faziam a colheita. As plantações de chá.

— Aí estão os arbustos de onde sai sua bebida preferida, Théo — anunciou tia Marthe.

— Podemos parar? — pediu o rapaz. — Eu queria tanto ver uma folha …

Com um movimento da unha, as mulheres destacavam rapidamente os buquês de folhas do alto dos pés de chá. Eram de um verde acidulado, frágeis. Théo mordeu uma: o gosto era amargo e fresco. A diferença entre a folha de chá e o gravetinho preto que Théo deixava em infusão no bule era tanta quanto a que havia entre a ilusão do real e a pureza da luz de Buda … Tia Marthe prometeu que em Darjeeling comprariam um pacote. Enquanto isso, subiam para a cidade a passo de cágado, atravessando grandes massas de nuvem rentes ao chão.

Théo adormeceu e só acordou ao chegarem. Quando abriu os olhos, percebeu uma muralha de neve rosada pelo sol poente.

— O Himalaia! — gritou fascinado. — Não posso acreditar …

— É agora ou nunca a hora de pôr sua parka e suas botinas. Olhe só o bafo que sai da sua boca … Ande! Mais depressa!

Envolta numa bruma a que se misturava a fumaça das cozinhas ao ar livre, a cidade se escalonava interminavelmente por mais de um quilômetro de altura. O ar era cinzento. No nevoeiro, sombras passavam calmamente ou se agrupavam em torno de uma chaleira posta sobre uma pequena fogueira. No crepúsculo, Darjeeling parecia uma cidade de fantasmas. O Himalaia desapareceu na profundeza da noite e Théo sentiu-se gelado. Felizmente, o hotel escolhido por tia Marthe era de estilo inglês, com fogo na lareira e fundas poltronas. Inesgotável, a dona do hotel evocava os ilustres viajantes que aquelas velhas paredes viram passar, entre eles a grande viajante Alexandra David-Néel, que se tornou uma autêntica tibetana.

— A tal ponto que sabia como aquecer o corpo num frio glacial — acrescentou tia Marthe.

— Nada mais fácil, por exemplo, com fogo — comentou Théo.

— Só que ela o fazia sem madeira nem fósforos — replicou a tia. — É um exercício clássico dos iogues tibetanos. Nus na neve, eles embebem um pano na água gelada, enrolam-se nele e o pano tem de secar em contato com a pele. O fogo vem de dentro, pelo controle da respiração.

— Quá, quá, quá! — fez Théo. — Acha que vou acreditar nessa?

— Problema seu — tornou tia Marthe. — Alexandra David Néel afirma que conseguiu. Aliás, que tal você ir esquentar os lençóis da sua cama?

O templo tibetano

No dia seguinte, foram visitar um templo no alto da cidade. À beira da estrada flutuavam leves pedaços de pano presos em mastros de bambu ou suspensos como bandeirolas num fio. Havia de todas as cores: rosa, azul pastel, verde-água. Às vezes, cinzas de poeira, uma ou outra estava rasgada.

— Eles põem os lenços para secar em frente dos templos? — espantou-se Théo.

— Olhe melhor — disse tia Marthe. — São impressos. Não são lenços, mas bandeiras de oração. Escreve-se uma fórmula sagrada num tecido, e ele flutua ao vento até desaparecer completamente.

— É por isso que estão em tão mau estado — deduziu Théo. — Olhe que lindo aquele vermelho novinho!

— Alguém deve ter pedido um favor à divindade — falou tia Marthe entre dentes.

— Que divindade? — indagou Théo.

— Vá saber fez a tia. — Há tantas!

Foi assim que Théo aprendeu que o mundo do budismo tibetano era povoado de terríveis divindades e de demônios. As divindades eram terríveis mas no fundo sossegadas, e os demônios, múltiplos como as ilusões do mundo. Aliás, como os vencedores sempre assumiam a aparência dos vencidos, em sinal de triunfo, era difícil distinguir a divindade benéfica do demônio que ela arrasou.

— Você vai ver os afrescos nas paredes — garantiu tia Marthe. — Agora precisamos encontrar meu amigo, o lama Gampo.

— Mais essa — suspirou Théo. — Minha velha tia tem um amigo lama …

— Lama significa "mestre" — ela explicou. — Os lamas professam a doutrina aprendida nos mosteiros.

Maciço, inquietante, coberto de ouro, caiado de branco e pintado de nuvens rosadas com beirada vermelha, o templo se erguia diante deles. Pontuada pelo som de um tambor, uma sineta insistente soava no interior: ti-ti-ti-pum, ti-ti-ti-ti-pum … um menino monge vestindo um manto vermelho saiu às carreiras, com um incensório na mão, com que bateu no lombo de um cachorro arriado no chão. Outro menino o maltratou, os dois

brigaram às gargalhadas. Bruscamente, o sisudo templo adquiriu o aspecto de um pátio de recreio. Cobrindo os olhos com a mão em viseira, tia Marthe procurava seu amigo lama.

Este já vinha, todo sorrisos, esfregando as mãos de alegria. Cabeça raspada, túnica cor de ameixa com o torso cortado por um amarelo vivo, o lama Gampo usava uns óculos miúdos com armação de ferro na ponta do nariz, que caíram no chão quando ele se inclinou diante de tia Marthe.

— Meus cumprimentos, rapaz — disse pegando-os. — Como vai você?

— Ele fala francês? — espantou-se Théo.

— Naturalmente — respondeu o lama Gampo. — Deixei o Tibete com nosso dalai-lama quando ele teve de ir para o exílio em 1959. Ele se refugiou na Índia, em Dharamsala, e nós nos dispersamos pelo mundo inteiro. Meu destino me levou à França, terra abençoada, mais precisamente a Asnières.

— 1959! — exclamou Théo. — Você deve ser velho pra chuchu!

— Quem sabe? — replicou o lama com malícia.

— Mas se você mora em Asnières, o que está fazendo aqui?

Com um gesto, o lama indicou o Himalaia. Era bom respirar de vez em quando o ar da neve e sentir, do outro lado dos picos, a proximidade do país natal.

— Vamos entrar — convidou ele, ajustando os óculos.

Mas quando Théo já ia adentrando o peristilo, o lama o deteve. Para início de conversa, era preferível girar os cilindros de oração. Na entrada do templo, havia dois deles, imensos e amarelos, tão pesados que mesmo empurrando com toda a força Théo não conseguiu movê-los.

— Primeiro você está empurrando no sentido errado — disse o lama. — Isso não é nada bom. Alguns até acham nefasto. Vire sempre no sentido do ponteiro do relógio.

Théo mudou de sentido e, como por magia, o cilindro girou.

— Pronto! — exclamou. — Aliás, para que serve?

O lama explicou que, dentro do cilindro, havia uns rolos nos quais estavam escritas as orações. Bastava girar piedosamente os cilindros para orar.

— Prático — comentou Théo.

— Sim, mas é preciso girar muito — disse o lama. — E se você não exprimir um voto sincero, não vale. Seu coração é puro e sincero?

Perplexo, Théo contemplou as pontas dos tênis. E ele lá sabia se era sincero ou não?

— Sinceramente, não sei — confessou.

— Perfeito — retrucou o lama. — A consciência da ignorância é o começo da dúvida, que conduz à sabedoria. Agora, você pode apreciar os afrescos nas paredes.

Primeiro, Théo não viu mais que uma mistura atormentada em que careteavam pavorosas figuras pretas ou vermelhas, olhos saltando das órbitas, esgrimindo entre si sobre um fundo de nuvens tempestuosas. Eram tão terríveis que Théo levou algum tempo para se acostumar. Num canto, corpos eram cortados com uma enorme serra, outros giravam num espeto, outros ainda tinham a língua furada.

— Caramba, é o Inferno! — exclamou Théo.

— São os Infernos mesmo — murmurou o lama. — Ou, antes, é a debandada dos demônios, que atiça a imaginação. Dirija seu olhar para o centro, filho. Há mais representações paradisíacas do que infernais, você vai ver.

Théo percebeu uma figura geométrica tão complicada que era preciso muita atenção para descobrir, nos círculos traçados, budas em posição de lótus e divindades de oito braços. Quando por fim se acostumou, notou que uma dessas imagens era simples: uma mulher de costas, uma deusa talvez,

montada nas pernas de um homem visto de frente em posição de lótus, enlaçava-o amorosamente com seus dois braços, postos em torno do pescoço dele.

— Isso eu tenho que explicar — disse o lama pausadamente. — Os diabos brigando, as bonitas figuras feitas de círculos e quadrados, e o pornô.

Mais sorridente do que nunca, o lama Gampo explicou. As cenas infernais representavam a luta eterna dos deuses contra os demônios do círculo vicioso, a Roda das existências. Viam-se os deuses sentados em posição de lótus no centro dos círculos daquela figura tradicional chamada "mandala": composta de um quadrado encerrado num círculo, por sua vez rodeado de círculos novamente encerrados num quadrado, a mandala compreendia quatro "portas", e seu círculo central, menor, representava o universo cósmico no qual a sabedoria suprema pairava num oceano de alegria. A mandala era uma visão do palácio ideal da divindade, que os budistas chamavam de "deidade": pontificava em seu centro o casal enlaçado.

Para compreender a mandala e o oceano de alegria, era necessário examinar de perto o afresco que Théo achou pornográfico. Claro, disse o lama, tratava-se da união sexual do homem com a mulher, numa das posições mais conhecidas do mundo. Mas aquilo não era o essencial, porque essa imagem sagrada simbolizava antes de mais nada a fusão do deus com a energia feminina, a *shakti*. Mostrando o ato sexual em estado puro, a imagem representava na verdade a consumação infinita da meditação. Por isso, a união divina do princípio masculino com o princípio feminino era o objeto perfeito para atingir a concentração do espírito, de onde surgia de repente, submergindo a consciência, o oceano de alegria.

— Não seria a história da serpente na parte baixa das costas? — perguntou Théo. — Meu guru me contou uma coisa assim. Suponho que

eles estejam unidos para sempre, como Shiva e Parvati, não é?

Encantado, o lama afirmou que o sábio Théo supunha bem, de fato, salvo que não se tratava mais de Shiva e Parvati, mas do meditante unido com sua própria parte feminina. E era nitidamente mais complicado. Porque, se no ramo do hinduísmo que se chamava tantrismo, passava-se de fato por um verdadeiro ato sexual com retenção do sêmen, no budismo tibetano, ao contrário, o monge não tinha parceira. Porque se Buda adquiria a forma de um casal de esposos fazendo amor, era para representar a complementaridade entre o esposo, a compaixão, e a esposa, o vazio. O monge atingia a meditação concentrando-se na energia feminina, fonte da iluminação. Por via das dúvidas, Théo tirou uma foto para mostrar a união divina a Fatou — porque, afinal de contas, se ele havia entendido bem, a *shakti* dele era ela.

— Agora, podemos entrar — sugeriu cortesmente o lama.

No soalho de tábuas polidas, uma fileira de pequenos monges de túnica cor de ameixa balbuciava preces monocórdias batendo em grandes tamborins que eles traziam numa mão, brandindo com a outra uma vareta curva. De tempo em tempo, um monge atarracado, armado de um chicote, ameaçava os meninos quando erravam e, às vezes, batia levemente neles. Bem no meio do templo, um lama se dedicando a uma estranha manobra: de pé, ele erguia as mãos postas acima da cabeça, abaixava-as até a altura da garganta, depois do coração, por fim se estendia numa larga tábua de madeira; depois voltava a se levantar, apoiando se numas barras de ferro postas no chão, e começava tudo de novo.

— O que aqueles meninos estão murmurando? — perguntou Théo para começar.

— Os ensinamentos dos bodhisattvas — respondeu o lama. — Nossa fórmula, você vai ouvir nas estradas na boca de nossos peregrinos: *om mani*

padme hung. O Buda deu ao mundo inúmeras fórmulas a que chamamos "mantras": este é conhecido de todos, ao passo que os que nossos futuros monges aprendem são tão difíceis que, às vezes, eles se enganam.

— Não é motivo para bater neles com um chicote! — indignou-se Théo.

— Questão de disciplina — respondeu o lama. — Primeiro, alivia as crispações das costas dos discípulos, depois um mestre deve ser sempre um pouco duro. É assim.

— Já me vieram com essa em Jerusalém — suspirou Théo. — E aquele que faz ginástica?

— Esses exercícios de reverência são cansativos, mas necessários — explicou o lama Gampo. — É o remédio para o orgulho. Vamos dar a volta.

Então, na penumbra, Théo entreviu a estátua gigante de uma espécie de Buda sorridente, dourado, que estendia as mãos. Em volta do pescoço, ele usava echarpes berrantes e, nas costas, um imenso manto de cetim amarelo. Diante dele, no altar, erguiam se castiçais de margaridas coloridas que pareciam esculpidas em cera.

— Buda — sussurrou Théo emocionado.

— Não, é um bodhisattva — corrigiu o lama. — Mas você pode considerá-lo como Buda, se quiser, porque cada um dos bodhisattvas está a caminho do Despertar.

— As flores são bonitas — observou Théo.

— São de manteiga — disse tia Marthe.

De manteiga? Théo não acreditou no que ouvira e se aproximou. Tocou numa pétala com a ponta do indicador e provou: parecia banha de porco. As rosáceas eram mesmo esculpidas na manteiga.

— Mas vai derreter! — gritou.

— Psiu … — fez tia Marthe. — No Himalaia, não falta água, mas faz frio. Aqui, a gordura é necessária à vida, portanto a manteiga é tão preciosa

quanto a água na Índia. E, além disso, num clima destes, a manteiga não derrete.

Théo se aproximou. O Buda fitava-o com seus olhos semicerrados. Sua boca carnuda esboçava um meio sorriso, fechado numa eternidade muda. Os pequenos monges ergueram a voz, o chicote estalou, um gongo soou pesadamente, fazendo vibrar a madeira do soalho. O incenso, a manteiga, o cheiro de gordura, as sílabas cantadas numa nota só, o olhar aplicado dos garotinhos, tudo era de uma gravidade profunda. Théo não se sentiu bem. O rumor surdo dos tamborins ecoou tão pesadamente que ele viu a imensa estátua de pálpebras puxadas inclinar-se em sua direção … Sua cabeça pôs-se a girar e ele caiu sob o sorriso dourado.

O lama Gampo amparou-o a tempo. Assustada, tia Marthe constatou que ele sangrava do nariz. Metódico, o lama levou Théo para fora, abaixou-lhe a cabeça e, pegando um punhado de neve na beira do telhado, esfregou-a no nariz do rapaz.

— Pronto — disse calmamente. — Vai se estancar. Com certeza é por causa da altitude, não há por que se preocupar.

— Você sabe perfeitamente que ele está doente! — exclamou tia Marthe. — E onde é que vou achar um hospital?

— Há um lugar melhor do que um hospital — murmurou o lama. — Deixe-o recuperar-se que eu levo vocês lá.

A estranha doutora de Darjeeling

— Conte o que aconteceu, meu rapaz — pediu o lama quando entraram no carro.

— Não sei — murmurou Théo. — Os demônios, o sorriso, a *shakti*, tudo se misturou de repente.

— Hum — constatou o lama Gampo. — Não é só a altitude.

— Claro que não! — interveio tia Marthe. — Eu já lhe disse que esses seus afrescos são de apavorar qualquer um …

— O mundo das ilusões do Eu é assim, apavorante — disse o lama. É por isso que nós o representamos, para dominar o medo. Agora, de que medo se trata precisamente? Théo vai ter de descobrir sozinho. Por enquanto, vamos cuidar dele.

O Ambassador parou diante de uma lojinha em que faziam fila. Autoritariamente, o lama furou a fila, pretextando o estado de Théo, cujo nariz coberto de sangue produziu um efeito notável.

— Uma emergência, doutora Lobsang — disse empurrando Théo para dentro da saleta sombria.

Sentada num tamborete, uma mulher sem idade, usando um comprido vestido de lã pregueado sob os seios, contemplou Théo sem dizer palavra. Depois fez o rapaz sentar diante dela e seu bonito rosto se crispou. Fez então uma série de perguntas ao lama, que traduzia as perguntas e as respostas. Ele dormia bem? Fazia a sesta? Bocejava com frequência? Sentia dores nos quadris, tinha vertigens, náuseas? Dobrou um a um os dedos, cujas articulações estalaram. Depois examinou a língua e pronunciou uma frase que o lama repetiu tintim por tintim.

— Ela diz que Théo é de temperamento *rLung*, o do ar. O mal viria do fígado. Ela vai verificar o diagnóstico pelo exame do pulso.

A doutora Lobsang fechou os olhos, relaxou, respirou profundamente, depois prendeu a respiração e pôs sobre as veias do pulso esquerdo de Théo o indicador, o médio e o anular de sua mão direita, apertando com incrível energia. Os segundos passaram, depois os minutos. Ela recomeçou do outro lado, com três dedos da mão esquerda no pulso direito de Théo. O silêncio

era total. Por fim, a doutora abriu os olhos e suspirou. Depois fez um longo discurso ao lama.

— É isso mesmo — ele confirmou. — O mal é grave. Não vem nem da comida, nem do clima, nem, é claro, de excessos sexuais, nem de nenhuma calamidade acidental. A doutora Lobsang acha que se trata de um carma muito ruim e que um espírito subterrâneo corrói a saúde de Théo, alguém que ele teria matado em sua última vida anterior, sem dúvida.

— Naturalmente — ironizou o rapaz bravamente. — Tenho cara de assassino, dá para ver na hora.

— O pulso está fraco, com pausas anormais — emendou o lama Gampo. — Isso significa que a tensão interna é extrema. — Com o médio da mão esquerda, a doutora Lobsang detectou o caminho dos canais perturbados … — É preciso agir depressa. Primeiro, evitar os alimentos amargos e azedos, e restringir o chá.

— O chá, eu não vou conseguir — comentou Théo.

— Segundo — prosseguiu o lama, — consumir o açucarado, o ácido e o adstringente: limonada é ótimo para isso. Quanto aos remédios, a doutora tem o que é preciso aqui mesmo: prata, salitre, ferro, pó de conchas, flor de açafrão e gordura de fígado de porco.

— Fígado de porco ao açafrão prateado, servido com metais e conchas? — brincou Théo morrendo de medo. — Compro a receita!

A doutora já estava abrindo caixinhas e pacotes, de onde tirava minuciosamente pedaços de substâncias desconhecidas que pesava com cuidado antes de colocar em vários saquinhos. Tia Marthe pegou-os e pagou. A doutora esboçou um sorriso, deu um tapinha na bochecha de Théo e dirigiu-se novamente ao lama.

— Ela diz que é preciso fazer, além disso, massagens com óleo de abacate, mas que se você seguir bem o tratamento, com toda a certeza vai sarar

porque a medicina tibetana é a única capaz de curar seu mal.

Tomado de angústia, Théo se esforçou para agradecer à senhora tibetana estendendo-lhe a mão trêmula. A doutora pegou-a com precaução e roçou nela os lábios na altura do anel de sua mãe. Não era grande coisa, apenas um beijinho, o bastante para tranquilizar Théo, ainda mais tendo sido na altura do anel … O aperto se afrouxou e a doutora sorriu.

— Quem é ela? — perguntou tia Marthe assim que saíram.

— A doutora Lobsang Dorjé é uma de nossas maiores celebridades médicas — respondeu o lama Gampo. — Muitos vêm de longe para consultá-la, sabiam?

— Como é que ela conseguiu descobrir tão depressa?

— A técnica de diagnóstico à tibetana é assim — ele respondeu sem hesitar. — Se o médico seguir o trajeto dos canais, apertando no ponto dos pulsos, pode, concentrando-se o suficiente, localizar o mal e curar os humores.

— Ah! — exclamou tia Marthe. — A concentração! É por isso que ela prendia a respiração …

— Exatamente, para poder sentir as diferentes pulsações do doente — disse o lama. — São práticas antiquíssimas, vindas da China.

— Magia! — concluiu Théo.

— É verdade — concordou o lama com um sorriso. — Desde que se admita que a magia não tem nada de ilógico. O espírito é capaz de tudo em relação ao corpo. Mas, para curar é necessário seguir o regime alimentar e absorver os medicamentos prescritos. Ah! Já ia me esquecendo! A meu ver, seria preferível abandonar os outros tratamentos. Para mim, o mal de Théo escapa da medicina de vocês. É só um conselho, nada mais.

Abandonar os outros tratamentos! Que iam dizer os pais de Théo?

— Para isso, preciso da autorização de Paris — murmurou tia Marthe.

— Paris? — indignou-se o lama. — Os médicos ocidentais não puderam fazer nada, você já disse e repetiu!

— Mas você está se esquecendo dos pais dele …

— É verdade — concordou o lama. — Vou rezar então para que eles consintam.

Ao telefone, Melina deu gritos dilacerantes. Estavam querendo matar o filho dela! Sempre desconfiou de que aquela viagem era uma loucura, que Théo não sobreviveria …

— E você acha que em Paris ele vai viver? — rebateu tia Marthe, cruel.

A mãe de Théo soluçava. Chateada, tia Marthe consolou-a o melhor que pôde e pediu para falar com o irmão. Porque com Jérôme, o cientista, nem todas as esperanças estavam perdidas.

— Escute, Jérôme, o que é que vamos arriscar? Os exames não mostram nenhum progresso. Está certo, não mostram piora, mas nada muda. Deixe-me tentar …

— Você se dá conta da gravidade da decisão? — murmurou Jérôme.

— Por que você acha que estou ligando de Darjeeling? — retrucou tia Marthe. — Claro que é grave.

Do lado de lá fez-se um silêncio.

— Tudo bem — respondeu Jérôme num sopro de voz. Acho que tem razão. Aliás, os médicos franceses começam a explorar a medicina tibetana. Bom, de acordo. Paramos tudo.

— Ufa! — fez ela. — Acho melhor assim.

— Espere … Só que em vez de telefonar uma vez por semana, telefone agora todos os dias.

Negócio fechado. Théo guardou suas cápsulas num saquinho e começou o tratamento tibetano. O caso é que, no dia seguinte, Théo sentia-se melhor. Durante a noite, sonhou que afundava dentro de uma estranha figura em que se entrelaçavam braços negros e pernas brancas, tão estreitamente que ele acordou sobressaltado, todo surpreso.

Um abade, chá, manteiga e a prece

O lama agradeceu às deidades mansas por terem vencido os demônios da escuridão e fez girar os cilindros de oração.

— Sabe de uma coisa? — sussurrou Théo no ouvido de tia Marthe. — Ele se parece com o Raio Bento …

— Raio Bento? — espantou-se a tia. — De que você está falando?

— O monge de *Tintin no Tibete*, aquele que levita e que tem visões …[6] Sem os óculos, o lama Gampo é igualzinho a ele, juro! Você acha que ele também pode erguer-se no ar?

— Deixe de bobagem — suspirou tia Marthe. — Você não vai perguntar para ele, não é? Vai? Théo!

Tarde demais … Théo tinha corrido até o lama para lhe fazer a pergunta, e o monge arrebentou de rir.

— Desculpe-o — disse a tia embaraçada. — É por causa de Tintin.

— Está mais que desculpado — sorriu o lama Gampo. — Na França, todos os dias me vêm com isso. Aliás, Théo, tenho certeza de que você não sabe o sentido da palavra Darjeeling: a cidade do raio, precisamente … Agora, vamos visitar nosso abade.

O abade vivia deitado numa minúscula cabana de teto de zinco. Para dizer a verdade, ele era tão velho que tiveram de se contentar com a sua bênção e com um chá. Enrolado em sua túnica gasta, com uma barbicha

rala, o crânio calvo e o olhar perdido em seus sonhos, o abade não os viu chegar. Continuou sua leitura, aproximando os olhos cansados de longas folhas de papel escritas à mão, extratos de textos sagrados que ele enrolava em seguida num cetim dourado. Depois que o lama se prostrou à sua frente, o abade ergueu os olhos, franziu-os, emitiu um risinho infantil e fez um sinal, um só. O lama correu imediatamente para buscar o que ele pedia. Era o famoso chá amanteigado, trazido numa garrafa térmica decorada de flores e feita na China Popular.

— Puah! — fez Théo com uma careta. — Parece café com leite salgado.

— E é salgado mesmo — explicou o lama. — Põe-se cálcio, está vendo o reflexo alaranjado?

— Vejo uns óleos também — constatou Théo.

— Isso é a manteiga — disse o lama.

— Na verdade, é como um caldo — concluiu Théo.

— E é um caldo — assentiu o lama. — É ótimo contra o frio. Daqui a dois dias você não vai conseguir mais dispensá-lo.

— Agradeça, menino — soprou tia Marthe.

Não sabendo como fazer, Théo juntou as mãos. O rosto do ancião se iluminou e ele abençoou o garoto com a mão trêmula. Saíram, Théo de mãos dadas com o lama, tia Marthe para trás, como sempre.

— Nunca vi ninguém tão velho — disse Théo quando se afastaram.

— Porque é velho — replicou o lama. — Tem mais de cem anos.

— Como é que se consegue, hein? — perguntou Théo com uma voz que tremia de angústia. — Eu não tenho certeza nem de chegar aos quinze!

— Não bebendo álcool, não fumando, não cometendo excessos, rezando e tomando chá amanteigado — respondeu o lama de um só fôlego. — Tente e verá.

— O caldo, tudo bem, mas rezar eu não sei — disse Théo.

— Claro que sabe — retrucou o lama. — Você rezou diante do bodhisattva.

— Sangrar pelo nariz é rezar?

— Não — murmurou o lama enigmático. — Logo antes.

Logo antes? O que tinha acontecido? A estátua tinha oscilado e …

— … E você foi aspirado pelo sorriso dele — disse o lama. — Não foi?

— Foi — confirmou Théo. — Se rezar é isso, então eu sei.

O lama apertou a mão de Théo e se calou. Rodeado de paz, Théo encheu os pulmões. De repente, no silêncio, explodiu a voz de tia Marthe que os havia alcançado.

— Do que é que vocês estão falando? — ela esbravejou. Não vá me transformar o garoto num místico!

— Não é preciso — disse o lama. — Ele é místico de nascimento, uma vida anterior, não há dúvida.

O punhal-relâmpago

No dia seguinte, o lama os guiou até o campo de refugiados tibetanos, onde reinava uma laboriosa agitação. Na entrada, vendiam todo gênero de objetos de prece, que Théo quis comprar. Címbalos, feitos de uma liga de oito metais que produzia um som maravilhoso; tigelas musicais, de onde saíam, quando se esfregava a sua borda com uma vareta de madeira, singulares harmonias que invadiam o ar. Um pequeno cilindro de oração, de cobre, com um cabo esculpido em torno do qual era girado …

— Abra-o — sugeriu o lama. — Você vai ver as orações.

Théo obedeceu. Dentro, enrolado na ponta do cabo, descobriu um minúsculo rolo de papel.

— Desenrole — ordenou o lama. — Tem que lê-lo.

— Não sei tibetano — resmungou Théo.

— Tente …

Estupefato, Théo decifrou. *Escondido no coração da maior cidade da maior ilha no meio das ilhas, inspiro a sabedoria aos expatriados. Porque não sou nem um deus nem um santo: sou o Sábio pavorosamente feio.*

— Essa é boa — disse o rapaz corando.

— Agora precisa refletir — falou o lama. — E refletir é como orar, você sabe.

— Achava que sabia — murmurou Théo. — Mas com isso tudo, desconfio que não. Os passes de mágica de vocês, seus demônios, deidades, sorrisos … Vocês me fazem perder a cabeça!

— Ótimo! — exclamou o lama. — É necessário. No entanto, o pensamento também faz parte do exercício. Olhe, vou lhe dar um presente.

Numa prateleira, escolheu um estranho punhal de bronze dourado. A lâmina tinha três faces. Quanto ao cabo … encimado por uma figura meio assustadora com a cabeça coberta de caveiras, era inteiramente esculpido no estilo dragão. E como era pesado!

— Obrigado — fez Théo contemplando o misterioso objeto.

— É meio assustador, não é? — comentou o lama. — Deixe-me explicar.

Entre os monges tibetanos, como entre os iogues da Índia, meditava-se muito sobre a morte. Porque, como temos praticamente a certeza de não sermos perfeitos, não iríamos nos dissolver no infinito, com certeza reencarnaríamos, logo, morreríamos. Não havia motivo para ter medo disso. Daí a abundância de caveiras nos objetos de prece. Às vezes até se usava como cuia, para beber água, a calota de um crânio cortada e revestida de metal.

— Um crânio de verdade? — assustou-se Théo.

De verdade. Assim se conhecia a natureza da impermanência, de que o corpo era uma das manifestações mais incômodas. É por isso que o crânio do lama Gampo um dia talvez fosse reduzido, por sua vez, a uma cuia para outro lama. Esse pensamento não tinha nada de inquietante; ao contrário, dava corpo à vida, pois os bodhisattvas se esforçavam para guiar os budistas do Tibete no caminho da sabedoria. Quanto mais consciência você tem da morte, melhor se sente. Com toda a certeza é até tomado pela alegria!

— Na França — acrescentou tia Marthe, — nos séculos passados, os católicos fervorosos também meditavam diante de um crânio de verdade. A ideia era a mesma, retomavam um velho tema da Bíblia: "Vaidade das vaidades, tudo não passa de vaidade".

— Não é exatamente a nossa doutrina — precisou o lama. Nós não meditamos na desesperança, ao contrário! O Caminho do Meio não é a contemplação do nada. Claro, também podemos dizer "ilusão, tudo não passa de ilusão". Mas nossos grandes mestres, os preciosíssimos, sabem nos indicar sua reencarnação, que não tem nada de ilusório. Quando morrem, nós os embalsamamos e esperamos um ano antes de enterrar seus despojos. Depois saímos em busca da criança cujo corpo abriga a alma de nosso precioso desaparecido.

— Eu sei! — exclamou Théo. — Vocês têm um sistema para reconhecer a criança certa …

— Apresentamos às crianças objetos familiares, até que uma delas pegue espontaneamente o único que pertenceu ao mestre.

Esse garoto que às vezes mal sabe andar será reconhecido como a nova reencarnação, porque a presença de nossos preciosíssimos nunca cessou através dos séculos. A morte não é nada, portanto. Um crânio não passa de um habitáculo passageiro.

— Isso não é comigo — retrucou Théo pondo o objeto de volta no lugar.

— Espere — disse o lama.

Porque só havia explicado a presença das caveiras. O punhal não servia para fazer correr sangue, claro que não! A compaixão pelos seres vivos se opunha a isso. Fincado no chão, o punhal espetava os demônios subterrâneos. Era chamado *phurbu*, "punhal-relâmpago. Para maior clareza, o lama Gampo fez um desenho.

— Há cinco crânios humanos, porque os elementos, as paixões são cinco, o número da sabedoria. O crânio vazio é o homem sem o engano do Eu resumido no cérebro. Esse danado de cérebro que não para de pensar …

— Ora essa, o sheik Suleyman me disse a mesma coisa em Jerusalém! — exclamou Théo.

— Pois é, não é fácil parar as próprias ideias, hein? Elas são ilusão, Théo … O mais importante está lá em cima: é o que chamamos de joia. O crânio é a aparência. O real, a joia, a luz clara.

— Você me deu o punhal de presente para que eu pare de me preocupar — cochichou Théo.

— Como você me comparou com Raio Bento, achei … — murmurou o lama timidamente.

— Valeu! — agradeceu Théo.

— O punhal-relâmpago vai te ajudar a encontrar a paz, tenho certeza.

— Está bem — disse Théo apossando-se do seu tesouro. — Mas o crânio eu não quero.

O lama sorriu. Não vendiam crânios na loja turística da entrada do campo. Vendiam apenas objetos sem perigo para ajudar os refugiados vindos do Tibete.

— O exílio — suspirou o lama.

— O exílio, como na nova mensagem — constatou Théo.

No hotel, Théo pôs-se a pensar. Uma ilha no meio das ilhas … um arquipélago. Abriu o atlas: havia um monte de arquipélagos. O Japão correspondia perfeitamente à definição. Tóquio?

— Não há comunidades expatriadas no Japão — esclareceu tia Marthe.

— Aliás, o que é mesmo expatriado?

— São pessoas que escolheram trabalhar fora da sua pátria — respondeu a tia.

— A Indonésia, então, — concluiu Théo.

— E eles são o quê, lá?

— Muçulmanos na maioria — respondeu tia Marthe. — Antes eram todos animistas, como numa parte da África. Mas outros povos foram lá fazer comércio e por lá ficaram.

— Então, pode-se dizer que esses comerciantes são expatriados? Podia-se dizer. De onde vinham eles?

— Você devia procurar o Sábio pavorosamente feio — sugeriu tia Marthe. — No seu dicionário de religiões.

Deuses feios havia em toda parte. Na Grécia, Hefaístos, o ferreiro, horroroso; na Índia, Kâli, pavorosa; no Tibete, os demônios, ridículos; no México, no Brasil, na África … cada qual mais horrível que o outro.

— Mas a mensagem não fala de um deus — lembrou tia Marthe. — E se fosse um homem?

Théo folheou cuidadosamente o dicionário. Sócrates, mas não havia exílio. Jesus, mas era bonito. Acabou topando com uma figura grande de um homem com o crânio eriçado de pelos, olhos fora das órbitas, com dois dentes proeminentes caindo no lábio inferior.

— Este não é bonito mesmo — comentou Théo. — Como se chama? Con-fú-cio? Ele é o quê? Ah! Chinês. Será que os tais comerciantes de que

você falou vinham da China?

Exatamente. Só faltava identificar a grande cidade da maior ilha do arquipélago indonésio: Jacarta, na ilha de Java.

— Bravo! Descobriu rápido desta vez! — exclamou tia Marthe.

— Está vendo? — fez Théo todo prosa. — É o efeito do Raio Bento.

— E os novos remédios?

— Ruins pra chuchu! — respondeu o rapaz com uma careta.

— Em Jacarta também vamos consultar médicos?

— Onde há chineses, sempre há excelentes médicos — garantiu tia Marthe. — Como a doutora de Darjeeling.

— Por que não vamos diretamente à China? — indagou Théo surpreso. — Seria mais simples!

Não era mais simples. Primeiro, a mais antiga religião da China repousava no espaço e no tempo e não era fácil enxergá-la. É claro que se podia subir os sete mil degraus do grande santuário de Tai Chan, no topo do qual, a 1545 metros de altura, não havia nada, a não ser as estelas[7] em que os soberanos haviam deixado um vestígio da sua passagem, e o vazio infinito. A subida da "escadaria do Céu" era a mais importante peregrinação da China, porque era de lá que as almas voavam para nascer para a vida terrestre. Mas Théo não podia fazer um exercício tão cansativo como esse, que levava horas e requeria de todos um esforço considerável. Porque, nesse caso, a prece era o esforço.

— Admitamos — disse Théo. — Mas não há mesmo outra coisa?

Tia Marthe contorceu-se no sofá. Sim, havia outros lugares sagrados. Só que ela nunca conseguiria obter seu visto de entrada na China Popular. Alguns anos antes, em Pequim, ela esteve demasiadamente envolvida em manifestações proibidas, tinha entrado na briga e sido fichada …

— Muito esperta — brincou Théo. — Então não tem jeito …

Tinha, porque as religiões da China haviam sobrevivido no exílio e era em Jacarta que poderiam vê-la mais comodamente.

— Se é você quem diz — suspirou Théo. — Em todo caso, eu gostaria de conhecer Pequim. Bom, quando for grande eu vou. Ah! E se a gente ligasse para casa? Senão papai vai ficar bravo …

Tia Marthe pensou que era a primeira vez que Théo fazia projetos para o futuro diante dela.

Duas echarpes brancas

Antes de partir, Théo percorreu uma a uma as lojas à beira da praça central, onde brincavam uns cavalinhos robustos de crina loura. Procurava chá. Queria chá! Numa banca, tia Marthe avistou uma espécie de cone amarronzado e meteu-o na mão de Théo.

— Que troço estranho! — resmungou Théo cheirando-o. — É esquisito e fede. O que é isso? Fumo?

— Seu chá — respondeu tia Marthe.

Incrédulo, Théo olhou de banda para o objeto. Os tibetanos empilhavam folhas e confeccionavam cones de chá compactado — e era aquela substância marrom que produzia o caldo a ser acompanhado de manteiga. Um chá bem esquisito.

— Eu queria do bom chá de Darjeeling, por favor … — mendigou Théo.

Não havia. O melhor chá da Índia era destinado à exportação. Desapontado, Théo jurou que ia arranjar outra coisa de lembrança. Numa das lojas de Kuryo — o que para os turistas significava "curiosidades", — chamada Hadjeet Mehta, comprou uma pintura sobre tecido representando o casal de esposos enlaçados a despeito dos demônios que atravessavam os ares ao redor. E uma deusa de bronze dourado de tamanho pequeno:

sorridente, em posição de lótus, coroada por um magnífico diadema dourado, chamava-se Tara e, pelo menos, tinha um ar amável. Tão sorridente quanto sua deusa, o senhor Hadjeet Mehta, que não era budista mas hindu, se esforçava para fazê-los compreender que Tara era de certa forma a assistente feminina de Avalokitesvara, porque nascera das lágrimas deste e o ajudava em suas boas obras.

— Parece enfermeira, mas levo assim mesmo — comentou Théo. — E aquela grande, é Buda?

A estátua era da altura de Théo, e tia Marthe se insurgiu.

— Espere aí, está se esquecendo do excesso de peso que vou ter que pagar? — reclamou ela. — É pesada demais!

Teve de renunciar. Mas o lama Gampo ainda tinha um presente para o rapaz: no último momento, quando ia entrar no velho Ambassador, o monge lhe entregou, posta em suas mãos esticadas, uma leve echarpe branca.

— É nossa saudação — explicou o lama. — Não ofereci na chegada, porque às vezes sou meio distraído e porque deixei meus óculos caírem ao dar bom-dia. Agora eu me redimo.

— Olhe, Théo — cochichou tia Marthe tirando da bolsa uma echarpe igualzinha. — Dê a Raio Bento. É a tradicional troca de echarpes. À tibetana.

Cerimoniosamente, Théo colocou a echarpe sobre as mãos e ofereceu-a ao monge que a pegou inclinando-se.

— Vou sentir sua falta — suspirou o rapaz. — Como vou fazer sem você?

— Ora, Raio Bento irá visitar você em seus sonhos — disse o lama com um largo sorriso. — Prometo.

15

Entre o Céu e a Terra

Uma parada em Calcutá

A viagem rumo a Jacarta não era coisa simples. Tinham de pegar o Ambassador, voltar a Siliguri, de lá voar para Calcutá, de onde pegariam um primeiro avião para Bangcoc e, dali um segundo para Jacarta. Prudente, tia Marthe havia reservado um quarto no melhor hotel de Calcutá para pernoitarem.

Ao descerem a montanha, Théo manteve os olhos abertos. Um trenzinho de brinquedo acompanhava a estrada, puxado por uma locomotiva azul-escura e repleto de garotos sorridentes. Os picos nevados desapareceram na bruma, os templos e os *stupas* tornaram-se raros; ao longe, um raio prateado serpeava através da planície, um rio de múltiplos braços, o Bramaputra. O ar fez se seco, e a terra, amarelada. No avião para Calcutá, Théo dormiu a viagem toda.

— Vamos descer! — gritou tia Marthe sacudindo-o.

— Onde? — balbuciou Théo, sonolento.

— Em Calcutá.

— Nada divertido — murmurou Théo. — Parece que é a cidade mais miserável que existe.

— Pois você se engana, meu rapaz — replicou a tia. — Olhe só o aeroporto, em vez de dizer besteiras.

Suntuoso, moderno, ornado de lampiões de tecido vermelho e azul, o saguão do aeroporto de Calcutá era um primor de limpeza; na saída, tia Marthe procurou o táxi afastando majestosamente os mendigos que a assediavam. Alguns eram horrivelmente mutilados, de braço cortado, coxa amputada.

— Eu não disse? — sussurrou Théo.

— Em Benares era igual! — trovejou a tia.

— Mas o Mahantji me disse que era uma tradição religiosa …

— É verdade — resmungou a tia. — Na Índia, mendiga-se. Para os que renunciaram ao mundo é até uma obrigação. Não te digo que estes são renunciantes, mas pare de fazer ideias erradas sobre Calcutá! Mendigos a gente encontra onde há turistas. Temos cara de gaveta de caixa registradora … É que você está acostumado com a riqueza!

— Eu? — protestou Théo. — Eu estou doente!

— Eles também — retorquiu a tia rudemente. — E eles não têm uma titia para cuidar deles, viu? E é assim para a metade do mundo, enquanto a outra se entope tanto que tem de fazer regime para emagrecer!

— Então dê dinheiro para eles! — indignou-se Théo.

— Para o velho que mendiga ali, dou sim — disse ela puxando uma nota. — Mas os outros … Sabe que esses mafiosos são capazes de cortar o braço de um recém-nascido para fazer dele um futuro mendigo? A esse respeito, meus amigos indianos são categóricos: para não os incentivar nunca se deve dar esmola aos mutilados desse tipo …

— E nunca prendem esses patifes?

— Prendem — resmungou ela. — Mas para cada um que metem na cadeia, mil outros continuam … Ande, em frente!

A rodovia do aeroporto era margeada de lagos em que nadavam crianças. Por toda parte, painéis publicitários do gênero, e, afinal de contas, parecia ser verdade. Como em toda a Índia, filas de passantes caminhavam até o infinito, mas as pessoas sorriam mais que nas outras cidades.

Não iam ver nada mais de Calcutá. Aliás, a cidade inteira vivia sob a sombra de Durga, a deusa do demônio-búfalo, quando não da terrível Kâli, sua irmã gêmea: como Théo detestava as duas, não tinha nada a perder. Tia Marthe exigiu um jantar chinês, para mudar um pouco, mas Théo se rebelou: chega da China! Era a última noite na Índia …

Dando-se por vencida, ela cedeu. Caldo de lentilhas alaranjadas, pães quentes, *lassi* fresco e arroz branco.

Maiorias contra minorias

— Fizemos quase a metade do caminho, Théo — observou tia Marthe. — Que tal me contar suas impressões?

— Bom — suspirou Théo. — Há prós e contras. Fazem muitos massacres por causa de Deus, eu acho.

— Tanto assim?

— Vou calcular as matanças para você. Um, os judeus; dois, os babistas; três, os sikhs; quatro, os muçulmanos indianos de hoje; cinco, os cristãos mártires; seis, os cátaros; sete, Hipatia … E com certeza esqueci outras!

— Você não vê uma regra desprender-se daí?

— Cada vez que uma nova religião vem ao mundo?

— Quase isso. Com exceção dos muçulmanos da Índia contemporânea …

— Então eles não são suficientemente numerosos nos países em que vivem — constatou Théo. — O truque para escapar das perseguições é serem muitos.

— Exatamente. As religiões minoritárias são quase sempre objeto de maus-tratos. Mas, sabe, no caso dos indivíduos também é assim: se você é diferente demais, passa maus bocados!

— Você acha? Na escola, os professores me dizem que não sou como os outros e, apesar disso, ninguém me chateia.

— Pois bem, em outros tempos você talvez fosse queimado como feiticeiro … Em nosso país, no século XVII, bastava ter um olho castanho e outro azul para ir para a fogueira. Ou então, no caso de uma mulher, usar um vestido verde, a cor do diabo, para ser levada ao tribunal da Inquisição …

— Na França? — espantou-se Théo.

— Não aprendeu nada sobre as guerras de religião? A noite de são Bartolomeu? O massacre dos protestantes?

— Sim, mas já faz tempo — respondeu Théo.

— Já não é assim — admitiu tia Marthe, — mas nosso país não escapou à regra.

— Porque os mais numerosos sempre querem acabar com os menos numerosos — assegurou Théo.

— Diga isso direito, camarãozinho: para falar dos mais numerosos, diz-se "a maioria"; os menos numerosos constituem "as minorias".

— A maioria sempre persegue a minoria — repetiu docilmente o rapaz. — E quando a minoria se torna maioria, começa tudo de novo! Eles se vingam massacrando os perdedores. Viu os cristãos? Dom Ottavio me explicou direitinho: primeiro fazem os mártires, depois a guerra. Matam os cátaros, depois vão para as cruzadas …

— Até estes últimos anos, no entanto, os hindus não perseguiram os outros — observou tia Marthe. — Os budistas tibetanos tampouco. O que você acha?

— É verdade — respondeu Théo impressionado. — No fundo, quem fez a guerra? Os cristãos e os muçulmanos.

— Os judeus também, de vez em quando — notou tia Marthe.

— Porque eles tiveram mártires, lógico!

— Porque são monoteístas, Théo … Só reconhecem um Deus. Ora, como você está vendo, os monoteístas em geral não aceitam compromissos. Lembre-se de Jerusalém … Cada um defende o seu e não o dos outros, quer se chame Deus Pai, Alá ou Adonai Elohim. Olhe, neste momento mesmo, para melhor mobilizar suas tropas, os extremistas hinduístas procuram reduzir o número de deuses hindus. Entre milhões de deuses, escolheram o Ram do Ramayana, que querem transformar em deus único da pátria hindu …

— Você está querendo me dizer que quem acredita numa porção de deuses é mais tolerante — murmurou Théo. — Não sei por quê!

O que é o sincretismo?

Tia Marthe achou que tinha de explicar apoiando-se em exemplos. Quando, no século XVI, os primeiros missionários cristãos puseram-se a pregar para os hindus, propuseram a eles equivalências entre seus múltiplos deuses e as figuras santas do cristianismo. Jesus era Krishna …

— Sem suas onze mil namoradas, imagino — comentou Théo.

Evidentemente. Quanto a Maria, era uma deusa-mãe que esmagava as serpentes a seus pés, assim como Durga arrasava o demônio-búfalo. Para a Santíssima Trindade, foi fácil: porque fazia alguns séculos que os hindus

haviam agrupado Brama, Vishnu e Shiva numa trindade a que chamavam Trimurti. E como a Santíssima Trindade compreendia um deus barbudo — o Pai, — um lindo rapaz — o Filho — e uma pomba — o Espirito Santo, — os hindus concluíram que bastava-lhes acrescentar três deuses juntos ladeados por uma deusa para se tornarem cristãos.

— Opa, comeram o pombo! — exclamou Théo.

Do mesmo modo, sem combatê-los abertamente, o Grande Veículo havia remendado em toda parte as religiões que havia convertido. Ali acomodou os diabos, aqui acrescentou as lágrimas das deusas; resumindo, tricotou pacientemente o divino e ajustou a roupa com peças e pedaços cortados sob medida para os países atravessados. Esse processo singular se chama sincretismo, que em grego significa mais ou menos "unir a". Um dos expoentes do sincretismo foi o Mahatma Gandhi, que não saía sem seus três livros sagrados: o Corão, para o islã; o Evangelho, para o cristianismo; e a Bhagavad-Gita, para o hinduísmo.

— A o quê? — indagou Théo. — Não conheço.

Claro que sim. Era o momento crucial em que o deus Krishna, para forçar os homens a combaterem uns com os outros, se revelava a eles em toda a sua verdade divina.

— Estou me lembrando — resmungou Théo. — Tudo isso para a guerra. E o Mahatma servia-se dos livros? Os Evangelhos e o Corão, ainda vai, mas a Bagaçadigita …

— Bhagavad-Gita! — retificou tia Marthe, irritada. — Basta dizer Gita, e pronto!

A Gita não era o único texto sagrado que levava os homens à matança: o Corão os incitava à *jihad* e, nos Evangelhos, Jesus pronunciara frases de arrepiar: "Não crede que vim trazer a paz à terra: não vim trazer a paz, mas a espada …". Os homens interpretavam no sentido da guerra. A fé em Deus,

qualquer que seja seu nome, muitas vezes exigia dos crentes uma adesão de tipo militar … mas isso não era o essencial.

Porque Jesus falava sobretudo de amor, Maomé de justiça e a Gita da irradiação da divindade. A guerra santa do Corão era, antes de mais nada, guerra contra si mesmo, para lutar contra as injustiças de que a pessoa se tornava culpada; as aparentes ameaças de Jesus Cristo incitavam os cristãos à coragem e a Gita esclarecia os hindus sobre a luminosa verdade da Ordem do mundo.

— E o Mahatma? — obstinava-se Théo.

A seu modo, Gandhi era um verdadeiro guerreiro! Pacífico, por certo, não violento, mas que todas as manhãs se preparava austeramente para um longo combate contra si mesmo e o ocupante. Da guerra, ele aprendera o melhor: a disciplina e a coragem. E dos textos sagrados, tinha inventado um sincretismo próprio: a justiça, o amor e a bravura unidos na adoração a Deus.

— Além do mais, para reunificar os indianos, era ótimo — acrescentou tia Marthe. — Entende agora?

— No fim das contas, se houvesse vontade, com o sincretismo seria possível reunir todo mundo, em vez de um devorar o outro — concluiu.

Ao raiar do dia, despertado pelos condutores de riquixá que discutiam debaixo das janelas, Théo contemplou a cidade onde os carros já se aglutinavam. Ao longe, erguiam-se uma espécie de templo grego e uma igreja gótica fora de contexto.

— De novo o sincretismo! — exclamou Théo. — Olhe, minha velha, ergueram uma igreja a Durga!

Mas aquela igreja era a catedral de Calcutá, cidade que foi, antigamente, capital do Império das Índias britânicas. Quanto ao templo grego, era o monumento à rainha Vitória. Nada era menos sincrético do que esse hino ao

colonialismo triunfante, que os indianos de Calcutá tanto apreciavam, por ter acabado.

Sacrifícios: do homem ao animal, do animal ao pão

No avião para Bangcoc, tia Marthe roncou como um trovão. Théo pegou seu caderninho e resolveu acrescentar alguns desenhos em homenagem à Índia. Shiva e seu tridente, Krishna e sua pastora predileta, Durga, suas armas e seu leão, assim como as quatro cabeças do deus Brama. Impossível combiná-los. Estimulado pelo espírito do sincretismo, tentou juntar Horus, o deus-chacal, com Ganesh, o elefante, e Hanuman, o macaco, mas não dava certo. Então, percorrendo sua viagem ao contrário, deu com o sacrifício de Abraão.

Era o único ponto de partida para um grande jogo das religiões. De lá vinham o cordeiro imolado no lugar de Isaac, Cristo expirando na cruz e a cremação dos cadáveres à beira do Ganges, onde o corpo se oferecia ao fogo como vítima sacrifical após a morte física. De repente, Théo teve um calafrio: crucificação e cremação eram, portanto, um sacrifício humano! Já no islã, no judaísmo e na religião dos sikhs, só animais eram sacrificados a Deus. Desenhou uma árvore com dois ramos: de um lado, os corpos sacrificados, do outro, um livro cujas letras voavam para o céu, rodeadas da fumaça ascendente dos animais queimados.

— Tia Marthe! — chamou o rapaz, sacudindo-lhe o braço.

— Hum … — balbuciou ela. — Já chegamos?

— Não — respondeu o rapaz, embaraçado. — Eu queria saber se ainda fazem sacrifícios humanos.

— O quê? — explodiu a tia. — É para isso que você me acorda, monstrinho?

— Desculpe — murmurou ele.

Ela se sacudiu, pegou seu *nécessaire*, passou um lenço no rosto e pediu dois chás.

— Bem — bufou. — Que história é essa de sacrifício humano?

Théo explicou sua árvore e suas questões.

— Você pode ir mais longe — disse ela. — Esqueça os primeiros tempos e pense no que de fato se sacrificava em seguida.

Por exemplo, no cristianismo, em vez da carne e do sangue de Cristo, sacrificam-se pão e vinho. Aí está a chave! Qualquer que seja a religião, ela substitui o sacrifício humano por um de outra natureza.

Théo fez uma lista. CRISTIANISMO = PÃO E VINHO. BUDISMO = MANTEIGA E INCENSO. HINDUÍSMO = LEITE, FLORES, FRUTAS JUDAÍSMO, ISLÃ, SIKHISMO = NADA, MAS UM LIVRO.

— Nada mal — admitiu a tia. — Dito isso, se hoje o rito desapareceu, os mandamentos do Eterno ordenavam que os sacerdotes judeus sacrificassem touros e aves. No final dos anos 90, aconteceu no Estado de Israel uma história estranha … Nasceu uma vaca inteiramente ruça. Ora, imagine só que na Bíblia o líquido que purificava os sacerdotes era, de acordo com a lei do Eterno, composto de água mineral e cinzas de uma vaca ruça.

Animais ruços sem pelos de outra cor são tão raros que, desde a fundação do Templo, só se contaram sete! Os rabinos no exílio concluíram que a oitava anunciaria a chegada do Messias …

— Repeteco! — disse Théo. — Então os rabinos de Israel queimaram a vaca moderna …

— Eles discutiram gravemente a esse respeito e não me lembro mais o que decidiram. O Estado de Israel não é mais como nos tempos antigos … Os judeus da Bíblia não eram caçadores, mas criadores de gado. Ora, a vaca é valiosa, para o pastor. O que ele pode oferecer a Deus, senão seu bem mais

precioso, hein? Como não oferecia mais o filho, então era o touro, o genitor do rebanho! É por isso que os sacrifícios animais ainda existem pelo mundo afora. No Nepal, os hindus cortam o pescoço dos búfalos. Em Calcutá, ainda oferecem a Kâli cabras decapitadas. Normalmente, na Índia, os sacrifícios de animais são proibidos desde a década de 50.

— Só aí? — espantou-se Théo.

— E o sacrifício humano só espera a oportunidade de ressurgir … Você me perguntou se ainda existia. A resposta é sim. Volta e meia, a imprensa indiana assinala crimes macabros: para ter um filho homem, um casal faz um sacerdote degolar a filha …

— Agora? — exclamou Théo. — Vão presos, pelo menos!

— Claro. Mas não é só na Índia: as seitas satânicas dos Estados Unidos tinham as mesmas práticas nos anos 60 … pensando bem, a ideia de sacrificar um ser humano não desapareceu inteiramente.

— Em todo caso, não há mais canibais — suspirou Théo.

— Você acha? Em certas tribos do Brasil, come-se o corpo do inimigo para se apropriar das suas virtudes. Cá entre nós, para o vencido, cemitério por cemitério, o estômago do seu vencedor não é pior do que a terra, não acha?

— *Maalech* — murmurou Théo. — Então, contra o sacrifício humano, só vejo o judaísmo e o islã. Estes o recusaram claramente. Enquanto no caso de Jesus não é tão claro. Afinal, Deus Pai até aceitou deixá-lo morrer para redimir os pecados do mundo …

— Curioso — ela observou. — Você não leu Freud, não é?

— Aquele cara que diz que Moisés é egípcio?

— O cara em questão refletira longamente sobre o sacrifício humano e inventara uma fábula. No começo dos tempos havia uma horda primitiva dominada por um chefe tão poderoso que guardava todas as mulheres para

si. Enciumados, os outros o assassinaram e o devoraram. Depois, roídos pelo remorso, passaram a cultuar a vítima, a que daí em diante chamaram de "Pai". Segundo Freud, a origem de todos os deuses vinha desse primeiro sacrifício.

— A teoria de Freud não é nada divertida — comentou Théo.

— Paciência … depois disso, a humanidade evoluiu. Os judeus foram os primeiros a proibir qualquer sacrifício humano e se puseram sob a autoridade de um Pai invisível, invencível e, portanto, incomível. Mas o povo hebreu muitas vezes escapou aos mandamentos paternos. Para isso Freud também tinha sua explicação: respeitar a lei do Pai invisível era tão difícil, dizia ele, tão contrário ao parricídio das origens, que os hebreus se voltaram para a estátua do Bezerro de Ouro, lembrança da sua escravidão no Egito.

— A deusa Hator! — exclamou Théo, a quem não desagradava nada mostrar seus ainda verdes talentos de egiptólogo.

— Portanto, para eles, era mais fácil adorar um animal comestível do que um deus invisível. Mas se esqueciam do delegado de Deus. Descendo do Sinai, onde Deus lhe ditara os dez mandamentos, Moisés fechou a tampa do caldeirão em que borbulhavam o remorso, o desejo de sangue e múltiplos deuses. O castigo do Eterno foi terrível! Moisés passou a fio de espada três mil judeus infiéis, três mil morreram de peste e três mil pegaram lepra … O povo hebreu nunca mais fez aquilo. Mas quando nasceu o cristianismo, conta vovô Freud, o sacrifício humano voltou com tudo na história da humanidade. Dessa vez, não se tratava mais do Pai da horda primitiva, mas de um Filho. Era Deus em pessoa que sacrificava seu filho. Os humanos acharam essa ideia mais tolerável, daí o sucesso retumbante da nova religião.

— Como mais tolerável? — indagou Théo.

— Porque, de acordo com Freud, é preferível não reprimir inteiramente o assassinato original do Pai — respondeu tia Marthe.

— Reprimir, como a polícia? — espantou-se Théo.

— Mais ou menos — disse tia Marthe. — Reprimir é repelir, conter e, sobretudo, esquecer. Ora, o acontecimento esquecido sempre acaba fazendo estragos. A gente nunca pensa nele, não o reconhece, e um belo dia o velho segredo vem à tona. A gente pode ficar doente, pode até morrer, já se viu acontecer isso. Quando a polícia reprime os manifestantes, a situação se torna explosiva na mesma hora, não é?

— Ok — fez Théo. — Então os judeus reprimiam o assassinato de Deus. E os cristãos?

— Já reprimiam menos. Com o sacrifício do Filho único, a repressão original se aliviava um pouco.

— E por que não sacrificar os bebês vivos logo de uma vez? — insurgiu-se Théo. — O vovô Freud pirou!

— Que nada … porque o gênio do cristianismo também estava na substituição da carne pelo pão e do sangue pelo vinho. Na Índia, após um obscuro período de sacrifícios humanos, seguido de séculos inteiros durante os quais sacrificavam-se cavalos, havia acontecido uma coisa semelhante: uma estatueta humana foi encerrada no altar, e isso era o bastante. O resto do sacrifício tornou-se flor, fruta, mel ou leite. Tudo estava em encontrar um substituto adequado.

— Prefiro sem — decidiu Théo. — O judaísmo e o islã.

— Que não são nada amenos — acrescentou tia Marthe. — E se existisse uma relação?

Mas, como estavam chegando, a questão ficou em suspenso.

De Bangcoc a Jacarta, Théo não parou de rabiscar. Dessa vez, estava ligado à questão das cordas e dos cabelos trançados. Em seu caderninho, desenhou um sikh com um coque enrolado num turbante; um rei tibetano com uma corda na nuca; um brâmane com sua mecha; enfim, um Sansão descabelado. Depois uma tesoura aberta.

— Acrescente o céu — sugeriu tia Marthe. — E o inferno.

Dócil, o rapaz acrescentou nuvens rechonchudas no céu e chamas sob seus homenzinhos.

— A sua ideia de árvore não é nada má — comentou tia Marthe. — Todas as religiões procuram ligar o céu e a terra. Com um cabelo, uma corda, uma escada, qualquer coisa … Nos mitos, há sempre um homem que escala a escada do céu a partir de uma árvore. E sempre aparece um cretino para cortar o caminho.

— Espere aí! A cruz de Cristo é uma árvore — observou Théo.

— Perfeitamente. E os minaretes das mesquitas apontam para o alto. Mas, em ambos os casos, seria mais para restabelecer o contato com Deus.

— Tudo bem, mas e o inferno?

— É preciso meter medo nas pessoas, senão elas fazem qualquer coisa. Quando Buda propõe simplesmente o Caminho do Meio e a alegria interior, os afrescos dos templos tibetanos representam a batalha entre as deidades e os demônios da ilusão … E se não são suplícios horríveis, é o Sheol para os judeus, um nada escuro, ou antes, para os hindus, a desgraça da reencarnação. O homem quer ser punido.

— E conseguiu. Ainda bem que há outra coisa.

— Ah, é? — fez a tia. — O quê?

— Ainda não sei — disse o rapaz. — Bons momentos. Alguma coisa do tipo contato. Estranho, mas tranquilizador.

— Você quer dizer um contato com Deus?

— Não tanto com Deus, mas com pessoas que creem em Deus — explicou Théo. — E que me fazem bem.

Tia Marthe calou-se. Não era o momento de provocar Théo sobre esses contatos estranhos que podiam curá-lo.

China, ou a Ordem do mundo

Com um ar sonhador, Théo virou a página e desenhou uma árvore em forma de cruz, e no alto dela se erguia um menino de cabelos cacheados que esticava os braços para o sol.

— E os chineses, como fazem? — perguntou Théo fechando seu precioso caderno.

— Nada a ver — respondeu a tia. — O princípio deles é a Ordem absoluta. Se você se conforma a ela, tudo vai bem. Mas se fugir dela, tudo passa a ir mal.

— Bem, é como os hindus.

— Sim e não. Você não encontra religião que não tenha construído sua cosmologia própria, isto é, sua explicação do nascimento do mundo. Você conhece a do judaísmo e a do cristianismo …

— Espere um pouco … Deus criou o Paraíso, é isso?

— Bem, você não sabe mesmo grande coisa — suspirou tia Marthe. — No princípio eram as trevas, a terra era vazia e o espírito do Eterno pairava sobre as águas. Ele disse: “Faça-se a luz!” e a luz foi feita. Ele a chamou de “dia” e as trevas, de “noite”. Depois separou o céu da água, e chamou de “terra” a porção seca, que assim se fez. Deu nome às plantas, aos astros e aos animais, finalmente criou o homem, adormeceu-o, extirpou do corpo novo

uma costela, com a qual criou a mulher. Isso durou seis dias, e no último dia Deus descansou …

— Isso eu sei! — exclamou Théo. — Não fez nada!

— Há povos que acreditam até que ele dormiu para sempre — acrescentou tia Marthe. — Mas, para os hindus, é diferente. A cosmologia vem de um ovo primitivo do qual o Criador faz sair analogias: o mundo, a casa e o corpo têm a mesma construção. Os chineses procedem de acordo com um princípio semelhante. O mundo é um vasto conjunto em que as montanhas e os corpos, as cores e a orientação, os alimentos e o ciclo das estações, tudo foi pensado como uma espécie de gigantesco Lego, do qual ninguém escapa.

— Como assim?

— Por exemplo, a lombada das montanhas é ligada à corcova dos corcundas por uma relação invisível.

— Quer dizer que as montanhas são corcundas?

Exatamente. Os chineses calcularam o conjunto das analogias. O norte era o inverno, a água, a quarta nota da escala e o algarismo 6. O sul era o verão, o fogo, a segunda nota da escala e o algarismo 7. O leste era a primavera, a madeira, a quinta nota e o algarismo 8. O oeste era o outono, o metal, a quinta nota e o algarismo 9. E no meio estava o centro, a terra, a primeira nota e o algarismo 10, que podia ser reduzido a 1+0 =1.

— Ah, já conheço! — exclamou Théo. — Mamãe leu na revista *Elle*: é a numerologia.

Isso mesmo, mas a numerologia destacada de seu contexto não passava de uma astrologia simplificada … Era preciso ir mais longe para compreender o Lego gigante. Porque, na China, o espaço e o tempo formavam uma totalidade bem construída: cíclico como a alternância das estações, o tempo aparentava-se ao círculo, enquanto o espaço se

relacionava ao quadrado. Com isso, a terra inteira se dividia em quadrados, as paredes das casas, as muralhas das cidades, os campos e os agrupamentos de fiéis, de modo que o quadrado sagrado representava a totalidade do império chinês, vale dizer do mundo inteiro. Quanto ao tempo, era regido pelo ritmo dos trabalhos dos campos: ao período de intensa atividade para fecundar a terra sucedia o período de reunião dos homens para as festas, a colheita e a celebração do sagrado. Todos os anos, a coletividade reunida recriava o tempo ao vir gritando: "Dez mil anos! Dez mil anos!". Porque, da mesma forma que sem as preces dos homens o sol não se levantava no Egito sem as assembleias dos chineses na primavera o tempo morria no meio do caminho.

Mas, sobretudo, dois princípios, Yin e Yang, dividiam entre si os dois ciclos do tempo: o primeiro comandava o úmido, o escuro, a Lua e o feminino, o segundo regia o seco, o luminoso, o Sol e o masculino.

— Acho que já ouvi falar nisso — disse Théo. — Espere aí? Tinha a ver com Ganesh e … Já sei! Skanda, o fogo do pai, Ganesh, a água da mãe.

— Exatamente — aprovou tia Marthe. — Os dois se completam, você vai ver.

A alternância das estações seca e úmida dependia desses dois princípios. O Yang ensolarado, seduzido pela escuridão do Yin, descia sob a terra de onde saía pisando o chão com o calcanhar para quebrar o gelo e despertar as fontes. Assim, o Yang e o Yin gerariam o total da vida numa comunhão perfeita. Isso formava até um bonito desenho, que tia Marthe traçou no caderninho:

— Bonito mesmo — concordou Théo. — E estes dois pontos?

Embutidos cada um no outro princípio, representavam a parte do Yin feminino no Yang masculino e a do Yang macho no Yin fêmea.

— Pronto, volta a mesma história da Índia! — exclamou Théo. — É verdade então que eu teria uma porção de feminino em mim?

Tia Marthe observou que os geneticistas haviam descoberto recentemente a existência de cromossomos do sexo oposto em todos os seres humanos, o que confirmava a intuição das religiões asiáticas.

— Puxa! — fez Théo perplexo. — O rabi Eliezer bem que falava de uma mulher velada, a presença feminina de Deus, não é?

Mas o rabino não tinha encontrado isso na Bíblia. A Shekhina, a mulher de véu, havia sido acrescentada no exílio a título de consolo.

— Não estou vendo o que Confúcio tem a ver com isso — notou Théo.

Oh, ele era simplesmente o Sábio. Não está na origem do principal culto da China. Porque a religião chinesa chamava-se tao, o que significa Ordem, Caminho, Via.

O tao é que havia enunciado os princípios do Yin e do Yang: "um aspecto Yin, um aspecto Yang, isso é o tao", dizia o texto sagrado. O tao era o princípio da alternância deles e de sua perfeita regulação. O tao não era, de forma alguma, um deus: ele não criava. Ele regia. Para cultuar o tao, isto é, a Ordem do mundo, os taoístas eram simplesmente ávidos de tempo e de espaço. Por exemplo, os sete mil degraus que era preciso subir um a um para chegar, com o tempo, ao espaço infinito. Mas alguns taoístas puros e ortodoxos preferiam a solidão das grutas e dos picos montanhosos às peregrinações com as multidões.

— Eles meditam — concluiu Théo. — Nada de muito original.

— Não se contentam com meditar — replicou tia Marthe. Eles interpretam.

Porque, para melhor decifrar os signos do Yin e do Yang, os filósofos taoístas criaram doutos sistemas matemáticos de cálculo e de adivinhação, fundamentos científicos de uma física, de uma química e de uma medicina

admiráveis. Mas tinham uma mania esquisita: do mesmo modo que os alquimistas procuravam na Europa a pedra filosofal, fonte de eternidade, os taoístas queriam encontrar de qualquer jeito o caminho filosófico para o rejuvenescimento. Essas receitas de longa vida eram muito singulares. Primeiro, era preciso preservar as forças vitais que uns demônios, os Três Verdes, devoravam sem cessar fazendo-as sair pelos orifícios do corpo. Depois, era preciso alimentar-se de orvalho e de sopro cósmico: respirava-se, portanto, o ar da lua, do sol, das estrelas. Enfim, podia-se também aplicar as práticas ditas do quarto de dormir: acoplar-se retendo o sêmen para que ele vá reparar o cérebro …

— Ué! — sobressaltou-se Théo. — Esta eu já ouvi em algum lugar!

Ao que os taoístas acrescentaram a busca dos minerais fundamentais que lhes garantiriam de fato a imortalidade. O ouro e o jade, por serem Yang, protegiam da degeneração. E o cinabre proporcionava a regeneração, por causa da sua cor vermelho sangue.

— Cinabre? O que é cinabre? — indagou o rapaz.

— Um mineral, sulfeto de mercúrio — esclareceu tia Marthe. — Você já viu mercúrio, Théo?

— Já. Um dia, quebrei um termômetro velho, e o mercúrio saiu fora como um corisco. Mamãe me disse que era mercúrio …

— Confesse que foi fascinante … é por isso que o cinabre, de que vinha o mercúrio, interessou aos taoístas. Um grande alquimista chinês prescrevia dez pílulas de cinabre e de mel para serem tomadas durante um ano, depois do que, dizia ele, os cabelos ficavam novamente pretos e os dentes que tinham caído nasciam de novo.

— Esses chineses são doidos! — exclamou Théo. — Um montão de japoneses morreram intoxicados por mercúrio por causa dos dejetos jogados no mar!

— Em doses minúsculas, o mercúrio não é inútil. Ele existe nos peixes, nas aves, até nas framboesas …

— Que são vermelhas — constatou Théo.

— Mas o cinabre não é apenas um mineral vermelho sangue. Em virtude da Ordem do mundo, numa região secreta do cérebro, ligada por sua vez a uma montanha fabulosa do mar do Oeste, situa-se o "campo de cinabre". Os taoístas podiam provocar seus efeitos destilando o sêmen em seu cérebro. Então, diziam eles, penetrava-se num estado caótico comparável ao estado tranquilo e feliz do mundo antes da sua criação.

— Genial, mas complicado — disse Théo.

— A tal ponto que, veja você, com suas receitas de magia, o culto taoísta descambou para orgias coletivas …

— Orgias coletivas? Que coisa! — comentou o rapaz por via das dúvidas.

O Sábio feio e o Sábio oculto

— Por força, isso causava grande desordem — arrematou tia Marthe.

— Então, por volta do século VI a. C., surgiu Confúcio, de quem era bom dizer o verdadeiro nome: mestre Kong Kieu. Ele não buscava de forma alguma a imortalidade; rejeitava a magia, o obscurantismo, e dizia: "Escrutar o mistério, fazer maravilhas, passar à posteridade como homem de receitas, é o que eu não quero".

— O que ele queria? O respeito à Ordem. A obediência às regras da sociedade, definidas de acordo com as leis do Cosmo e regidas pelo soberano. Bastava observar para compreender os sinais do mundo, e mestre Kong era um observador genial. Ele descobria os fósseis, o nome dos animais mais desconhecidos, mas não dizia "Eu sei", e sim "Ensinaram-me que …". Porque não inventava nada. Interpretava a tradição vinda do fundo

das idades. Aos homens, só pedia uma coisa: uma ordem digna deles. O que significava o respeito por si, a boa-fé, a bondade e a eficácia. "O homem de bem", dizia ele, "cultiva sua pessoa e, assim, sabe respeitar o outro."

— Só isso? — replicou Théo, surpreso.

— Foi exatamente o que disseram seus discípulos. Então ele acrescentou: "O homem de bem cultiva sua pessoa e dá aos outros a tranquilidade". E como não bastasse, acrescentou ainda: "O homem de bem cultiva sua pessoa e dá a tranquilidade ao povo inteiro". Porque se você respeita a ordem das coisas, a sociedade vai bem. Não era de maneira nenhuma o que dizia o grande mestre do tao, que se chamava Lao-tsé e que, como bom taoísta, se preocupava com a imortalidade e com a meditação solitária.

— Desse eu nunca ouvi falar — disse Théo.

— Autor presumido do mais sagrado dos textos da China, o *Tao-te-Ching*, talvez se chamasse Li de sobrenome e Eul de nome, mas chamavam-no de Tan.

— Quatro nomes para um cara só — observou Théo.

Mas foi divinizado apenas com o nome de Lao-tsé. Como mestre Kong, talvez tenha sido arquivista da corte da antiquíssima dinastia que tomara o poder após a vitória do duque de Tcheu.

— Quem é esse cara com nome de espirro? — perguntou Théo.

— Um duque que, mais tarde, se tornou um grande rei! Pôs fim ao reinado de tiranos monstruosos e foi o fundador da China. Lao-tsé conviveu com ele. Depois partiu para o oeste e ditou seu célebre livro. Em seguida, como conhecia as receitas de longa vida, teria vivido dois séculos inteiros antes de fugir do mundo abandonando seus despojos mortais, tal como a cigarra abandona sua casca — e era por isso que as cigarras também eram sagradas.

— Taí por que nunca consegui pegar uma na Provença! — disse Théo.

— Quem sabe, por adorarem as cigarras invisíveis, os provençais sejam meio chineses — concedeu tia Marthe. — Bom, posso continuar?

— Porque, para reconciliar os dois grandes mestres, o da meditação, Lao-tsé, e o da ação, mestre Kong, os chineses inventaram uma lenda. Enquanto Lao-tsé ainda não havia assumido sua forma celeste, duas vezes mestre Kong o visitou. Da primeira vez, Lao-tsé foi muito desagradável: "Livra-te de teu humor arrogante", ele lhe disse. "Elimina todos esses desejos, esse ar superior e o zelo que extravasa da tua pessoa: isso de nada servirá a ela. É tudo o que tenho a te dizer." Aterrado, mestre Kong voltou-se para seus discípulos e lhes disse que, embora conhecesse todos os animais, havia um que ele não conhecia: o dragão Lao-tsé, que se elevava ao céu sobre o vento e as nuvens.

Da segunda vez, mestre Kong encontrou Lao-tsé completamente inerte, como um cadáver. Esperou, depois Lao-tsé abriu os olhos. "Terei me enganado?", disse-lhe mestre Kong. "O senhor estava como um pedaço de pau seco, deixou este mundo, instalado numa solidão inacessível …" "Sim", respondeu Lao-tsé, "fui me divertir na Origem de todas as coisas."

— Sujeitinho atrevido! — exclamou Théo. — Distrair-se na origem das coisas! Acho esse cara bem pretensioso … E você, qual prefere?

Tia Marthe hesitou. Mestre Kong talvez fosse disciplinado demais para seu gosto. O meditativo Lao-tsé não deixava de ter sua grandeza, mas seus êxtases não eram favoráveis à gestão dos assuntos humanos. "Ele não faz nada e, no entanto, não é nada que não seja feito", diziam os taoístas a propósito de Lao-tsé. Para dizer a verdade, não tinha muita importância, porque, se se tinha certeza de que mestre Kong existira, a existência de Lao-tsé, que era chamado de "o Sábio oculto", era imaginária. Enfim, se era absolutamente necessário escolher, tia Marthe penderia para mestre Kong.

— Um humanista — concluiu. — Um grande sábio.

— Mas feio pra chuchu! — disse Théo. — Tirando isso, parece o Buda.

— Ah, não! Porque Buda abria a todos o Caminho do Meio, sem distinção de castas. Ao passo que mestre Kong era um letrado genial, que não renunciava a nada do mundo tal como ele é, com suas injustiças, suas desigualdades e suas punições.

— Mas ele falava de agir durante a vida, sem procurar o além? — indagou Théo com um ar de esperteza.

— Claro que sim — respondeu tia Marthe sem desconfiar.

— Então é igual — afirmou o rapaz. — É uma maneira de se manter no meio.

— Mas sem iluminação! — insurgiu-se tia Marthe.

— Não se preocupe — disse Théo. — Eu deixo seu Buda em paz.

O enigmático sr. Sudharto

O aeroporto de Jacarta era o mais bonito do mundo. Constituído de bonitos pavilhões cobertos de telhas rosa, cercados de jardins, parecia uma sucessão de templos sinalizados para os homens em linguagem internacional: EXIT — LUGGAGE — SECUKITY — CHECK. Théo se perguntou quem estaria esperando na saída.

— Homem ou mulher? — indagou.

— Homem, e chinês — respondeu a tia. — Logo, será pontual.

E foi. O sr. Sudharto tinha uns quarenta anos; pequeno, espadaúdo, de terno chiquíssimo, sacudiu a mão de tia Marthe com energia.

— Apresento-lhe meu sobrinho Théo — disse ela, empurrando o rapaz para a frente.

— E qual é seu prenome? — inquiriu Théo.

— Na Indonésia, não existe prenome — respondeu o elegantíssimo senhor. — Chame-me Sudharto … Depois de uma viagem tão demorada, você deve estar cansado. Meu carro está logo ali. Arranjei uma suíte no Borobodur Continental, cara Marthe. Espero que lhe agrade.

Levaram duas horas para chegar ao Hotel Borobodur: os engarrafamentos eram pavorosos, e a poluição, assustadora. Pelos vidros devidamente fechados, Théo contemplou as corretas avenidas plantadas de árvores, os arranha-céus, os edifícios, as praças redondas, em que os automóveis giravam, e percebeu de longe um domo gigante.

— Um templo! — exclamou. — É chinês?

— Na Indonésia — começou o sr. Sudharto, — a principal religião é o islã. O que você está vendo ali é a grande mesquita It kital. Ela sozinha tem capacidade para doze mil fiéis, ora homens, ora mulheres. Separados, é claro.

— Doze mil! É a maior mesquita do mundo!

— Com certeza, o islã constrói muito, neste momento.

— Mas e você, é muçulmano?

— Por acaso não estamos num país que respeita a liberdade de culto? — respondeu Sudharto.

— Você aborrece nosso amigo com suas perguntas — interveio tia Marthe.

— Por quê? — espantou-se Théo.

— Mais uma! — gritou a tia. — Pare com isso um pouco!

Sem saber direito por que, Théo compreendeu que estava a ponto de dar uma mancada. Aliás, estavam chegando ao hotel, um prédio majestoso, rodeado de coqueiros, bananeiras e jasmins-manga cheirosos. Os jardins de Kirtamani eram conhecidos pela abundância de seus jasmins e pelo

tamanho excepcional de suas palmeiras, que estendem nobremente suas palmas alternadas a vários metros de altura.

— Tia, o que eu fiz de errado? — inquietou-se Théo assim que o sr. Sudharto os instalou em seu quarto.

— É claro que você não pode saber. Como todos os chineses da Indonésia, meu amigo Sudharto mudou seu nome verdadeiro. Na realidade, ele se chama Koon Tai-kwan. Os chineses são muito prudentes na Indonésia.

— Ora essa — suspirou Théo. — Não me diga que eles são perseguidos!

— Acontece. Em 1965, o Partido Comunista indonésio ganhou demasiada importância, a tal ponto que correu o boato de que preparava um golpe de Estado com a cumplicidade de Mão Tsé-tung, o senhor da China comunista da época. Então os militares prenderam os comunistas, houve um milhão de mortos, e os chineses da Indonésia pagaram com seu sangue.

— Todos eles eram comunistas? — exclamou Théo.

— Claro que não! Embora muitos deles tivessem nascido na Indonésia e se dedicassem ao comércio desde sempre, foram suspeitos de traição e massacrados pelo simples motivo de serem chineses. A suspeita continuava viva. Pelo sim, pelo não, punham fogo nas lojas dos chineses, porque eram engenhosos, trabalhadores e, portanto, em geral mais ricos do que os outros, aos quais emprestavam dinheiro a juros …

— … E isso nunca é bom — arrematou tia Marthe. — Meu amigo Sudharto é um grande empresário, dono de uma multinacional especializada nas indústrias têxtil e madeireira. Mas mantém um avião particular no aeroclube, caso precise …

— Precise do quê?

— Caso precise fugir com urgência, estará pronto …

— É por causa da religião dos chineses?

— Em parte — murmurou tia Marthe. — É melhor ser muçulmano por aqui.

16

Os ancestrais e os imortais

Um coquetel de sangue de cobra

Escapar estava fora de questão: assim que chegassem a Jacarta Théo iria ao hospital.

— Mas se a doutora de Darjeeling me tratou! — protestou o rapaz. — Já chega …

Não, não chegava. Porque em quase um mês ele não fizera um só exame, e tia Marthe tinha dado a sua palavra: levariam adiante o tratamento da doutora Lobsang Dorjé, contanto que fosse controlado com exames de sangue regulares. Théo se resignou. Algodão desinfetante, agulha, seringa, sangue escuro em tubinhos etiquetados: o sr. Sudharto se encarregaria de enviá-los a um hospital especializado de Cingapura, onde se encontravam os melhores equipamentos da região. Teriam os resultados em alguns dias.

— Que droga! — exclamou Théo. — Mamãe vai arrancar os cabelos mais uma vez.

— Não fique aflito, Theozinho — murmurou tia Marthe, só em parte tranquila.

— Não estou aflito, estou tranquilíssimo! — replicou o rapaz. — Eu me sinto muito melhor!

— Será que o rapaz não quer experimentar outra coisa? — Sugeriu Sudharto. — Conheço um pagode no meu bairro …

— Que boa ideia! — exclamou tia Marthe.

Não ficava longe. Mas por causa dos engarrafamentos, levaram quase uma hora para chegar ao bairro chinês. Vielas estreitas, mototriciclos vermelhos, vendedores de orquídeas lilás e de pastéis, panelões ao ar livre onde cozinhavam pratos estranhos … De repente, Théo estremeceu. Diante de uma banca, um homem tirava a pele de uma cobra e o corpo do animal se contorcia em todos os sentidos.

— Você viu, tia Marthe? — sussurrou sufocando.

— O quê? Ah! A cobra? O preparador vai cortar o pescoço dela, depois deixar o sangue escorrer num copo. Acrescenta-se conhaque e bebe-se a mistura. É muito tonificante. Quer um?

— De jeito nenhum! — rebateu o rapaz, enojado.

— Prefere pênis de tigre ao molho ou mocotó de urso grelhado? — sussurrou tia Marthe, provocando.

— Espaguete! — berrou Théo. — Com molho de tomate!

— Quer macarrão, rapaz? — interveio Sudharto. — Nada mais fácil.

E comprou uma tigela da massa amarela e cheirosa, que Théo engoliu sem sentir a menor náusea. Depois disso andaram até uma vasta praça em que se erguia a entrada do pagode, uma alta porta amarela e branca com tetos curvos, de aparência infinitamente chinesa.

O interior do pagode era vermelho. As paredes, os círios gigantes, os castiçais das velas acesas, tudo era vermelho sangue. No fundo, luziam esquisitas estátuas douradas. Diante de uma bacia de areia, onde haviam plantado bastões de incenso, uma mulher empunhava um tubo comprido cheio de lâminas de bambu. Girou-o sobre o incenso aceso, inclinou-o para a frente, não muito, e sacudiu-o suavemente até fazer uma lâmina cair no chão. Então pegou depressa e leu o que estava escrito na ponta escurecida do bambu.

— É um jogo? — quis saber Théo. — Pode me explicar como é, Sudharto?

— Não se pode dizer que aquela senhora esteja jogando — começou o sr. Sudharto. — Sem dúvida ela veio consultar. Talvez um de seus filhos tenha um emprego em vista. Ou pode estar gravemente enfermo … enfim, ela está aqui para conhecer a verdade.

— Que história é essa? — murmurou Théo. — A verdade num pedaço de pau?

— Os chineses elaboraram numerosos tratados de adivinhação — continuou Sudharto. — O mais conhecido é o Yi-king. Basta pegar o recipiente sagrado assim … oriento-o na direção correta. Viro-o em cima do incenso para expulsar os gênios maus. Agora sacudo, está vendo, um dos sinais vai sair sozinho. Não sou eu quem escolhe … depois, leio e conheço a resposta para a pergunta que formulei.

Sudharto se afastou para ler a mensagem divinatória que havia catado no chão e seu rosto se iluminou.

— Excelente — murmurou. — Os deuses falaram muito bem.

— Quer dizer que você acredita? — indagou Théo.

— Por que eu não seguiria a tradição milenar de meus ancestrais? — respondeu Sudharto. — Faz milênios que procedem assim …

— Não quer experimentar, Théo? — disse tia Marthe.

— Bem, no fundo, não vou perder nada — replicou o rapaz. — Sei perfeitamente que pergunta fazer.

Por sua vez, pegou o tubo e o sacudiu com tanta força que caiu uma vareta. Agarrou-a rapidamente, tentou ler, mas estava escrito em chinês. Sudharto propôs seus serviços de tradutor.

"Um tempo de aperfeiçoamento, um tempo de pacificação", leu.

— Não entendi patavina — disse Théo.

— Será que você não esqueceu de girar o tubo em cima do incenso? — sugeriu Sudharto.

— Ah, é! — fez o rapaz. — De novo.

E apesar dos protestos de tia Marthe, Théo repetiu o ritual. Orientar, não se esquecer de girar em cima do incenso, sacudir — lentamente, desta vez … Uma segunda vareta deslizou e caiu. Sudharto tomou-a das mãos de Théo.

— Embora repetir não esteja de acordo com nossos costumes, respeito o voto de nosso jovem amigo — desculpou-se. A tradução é a seguinte: "O Yang chama, o Yin responde".

Théo pôs-se a refletir. O Yang era o sol e o Yin era a lua; o Yang era seco, o Yin úmido; o Yang era homem … E o Yin era mulher.

— Descobri! O Yang sou eu. Telefono para Fatou … Ela é Yin e atende. Logo, vou me casar com Fatou! — berrou, dando pulos de alegria.

— Você está indo depressa demais — interveio tia Marthe.

— De jeito nenhum! Além do mais, isso significa que vou me curar, já pensou!

— E o primeiro sinal, Théo? — perguntou o sr. Sudharto.

— Fácil — respondeu Théo. — O tempo de aperfeiçoamento é minha viagem. O tempo de pacificação é quando eu voltar a Paris. Não é?

Vencida, tia Marthe deu um beijo no sobrinho.

— Que bárbaro! — ele exclamou. — Se o tao é isso, eu topo!

Algumas mulheres se voltaram com ar zangado. Um bonzo franziu o cenho. Alguns fiéis se reuniram em torno de Théo, olhando atravessado para o rapaz. O sr. Sudharto pegou Théo pelo braço.

— É pena que você não possa exprimir sua felicidade, meu rapaz. Estamos num lugar de culto e …

Embaraçado, Théo pôs a mão na boca e, cruzando-as em seguida nas costas, foi explorar o pagode enfumaçado.

— Aqueles círios enormes ali … — cochichou para começar. — São feitos para durar o ano todo — murmurou o sr. Sudharto. — Quando acabam, trocam-nos.

Para recriar o tempo? — perguntou Théo. — E as estátuas?

Maus espíritos e bons gênios

Elas ora eram como divindades, ora como demônios. Mas, na realidade, a mesma energia as animava, a dos ancestrais. Os demônios eram assombrações; chamavam-nos *kueí*. O sr. Sudharto enumerou alguns.

— Na maior parte das vezes — começou — são espíritos que se vingam nos vivos, ou animais maléficos reencarnados. A gente vê uma bela moça, mas é uma alma errante sugadora de cadáveres, o espírito de uma raposa de dez mil anos. Pode ser reconhecida por seus pelos roxos na sobrancelha esquerda.

— Se ela se maquiar, as pessoas podem se enganar — comentou Théo.

— Também posso falar do espírito que, sob a forma de uma velha horrorosa, penetra de noite no ventre das crianças e rouba a alma delas. Os espíritos apreciam muito a alma dos vivos …

— Que gracinhas! — murmurou Théo. — E ainda há muitos?

Hordas inteiras! Alguns não eram antipáticos: uma velha carpa se tornava uma moça enlutada que chorava à beira d'água sem fazer mal a ninguém … Às vezes eram até benéficos: o espírito das moedas de ouro gastas passeava como adolescente de pés vermelhos empunhando uma tocha, e um rapaz, o espírito das moedas de prata, brincava com um peixe ao longo das estradas.

— Esses pelo menos são sossegados — comentou Théo tranquilizado. — Mas como você faz com os maus espíritos?

— Com ajuda das forças divinas — continuou o sr. Sudharto, — os homens sabem como enfrentar os desígnios dos maus espíritos: em tempos remotíssimos, os sábios taoístas tiravam de seu próprio corpo poderosos exércitos celestes, desenhando um talismã com vermelho vivo num pedaço de pano amarelo que queimavam para depois engolir as cinzas. E ainda hoje se dança o famoso "passo de Yu".

— Uma dança desconhecida?

— Ao contrário, conhecidíssima! Para combater o dilúvio, o Grande Yu percorreu o universo. Mas à força de construir barragens, o Grande Yu tornou-se hemiplégico: portanto o "passo de Yu" é dançado num pé só.

— Deste jeito? — perguntou Théo balançando-se numa perna.

— Você não é um sacerdote taoísta! — protestou tia Marthe.

— E daí? — rebateu o rapaz. — Tenho todo o direito de espantar as almas do outro mundo, se eu quiser … Quer saber, vou lançar na tevê a dança do velho Yu, como a lambada. Vai fazer o maior sucesso!

— Você não tem o menor respeito pelo sagrado — suspirou a tia.

— E aquela ali, tão bonita, quem é?

Ele se aproximou de uma estátua de rosto meigo envolvida pela asa de um pássaro gigante; em torno da deusa dançavam suas damas de companhia, à luz dos círios.

— Não é uma alma penada, disso tenho certeza — cochichou. — Quem é ela, Sudharto?

— A senhora vestida de plumas — murmurou o sr. Sudharto. — É a Rainha Mãe do Ocidente, a maior deusa da China. Um dia, o rei Mu de Tcheu encontrou a Rainha Mãe do Ocidente, e sua companhia lhe agradou tanto que ele se esqueceu de voltar ao seu país.

— Bonita história essa — comentou Théo. — Até parece um poema.

— A Rainha Mãe do Ocidente arrebatou o coração dos chineses — disse o sr. Sudharto emocionado. — Ela reina num palácio de jade cercado por um muro de ouro. Os imortais aí vivem, os homens na ala direita, as mulheres na ala esquerda. Hoje ela está sozinha. Mas antigamente a Rainha tinha um irmão gêmeo, o Venerável Rei do Leste: o mesmo pássaro cobria com a asa esquerda o Rei do Leste e com a asa direita a Rainha Mãe do Ocidente. Com o passar do tempo, os peregrinos esqueceram o Rei do Leste. Restou apenas a Rainha.

— Ué, privaram-na de seu gêmeo! — exclamou Théo. — Ninguém tem o direito de fazer uma coisa dessas …

— Outros poderiam lhe explicar os poderes do Venerável Rei do Leste, mas a Rainha Mãe do Ocidente conhecia com certeza uma receita de longa vida, pêssegos milagrosos. É por isso que, em nosso país, o pêssego é o símbolo da imortalidade …

— Adoro pêssego! — exclamou Théo. — Então sou imortal …

— Ai, meu filho … somente o pêssego milagroso proporciona a imortalidade, mas o pessegueiro da Rainha Mãe do Ocidente só dá um fruto a cada três mil anos.

Desapontado, Théo correu para a luz e viu-se do lado de fora, longe do vermelho sangue.

No porto, gigantescas barcas azuis apontavam seu focinho comprido e imaculado na beira do cais. Desde que os barcos existem, descarregavam-se ali madeiras preciosas de aroma inebriante.

— É uma história interessante — explicou o sr. Sudharto. Aqui, os primeiros invasores vieram do Vietnã e da China, levados pelas monções até a ilha de Java. Cada um trazia sua religião: o taoísmo, o confucionismo e o budismo. Depois, descobriu-se que nas ilhas Molucas havia craveiros-da-índia.

— A planta que dá aquela flor? — perguntou Théo.

— Não — interveio tia Marthe. — A árvore que dá o cravo de uso culinário. A gente põe no cozido, sabe? Ou na compota de maçã.

— Mamãe espeta-os nas laranjas — disse Théo. — Quando secam, o cheiro é bom.

Assim eram as especiarias, perfumes da vida. Na Idade Média, apreciadíssimo pelo Ocidente, o cravo navegou das Molucas a Java, e de Java à Índia, e da Índia a Veneza, passando por longas caravanas em pleno deserto da Arábia. Mas no século XV, a República de Veneza tinha se apropriado de todo o comércio do cravo graças a suas poderosas redes de agentes comerciais muçulmanos, alguns dos quais se instalaram nas ilhas da Indonésia. Então, um século depois, para quebrar esse monopólio insuportável, acabar com a fortuna de Veneza e evitar os muçulmanos, os conquistadores portugueses seguiram outra rota, contornaram a África, descobriram o cabo da Boa Esperança e desembarcaram por sua vez nas distantes ilhas da Indonésia, para onde trouxeram o cristianismo. Ora, como as monções se cruzavam na ilha de Bornéu, imobilizando os navios por longas estações, todos tinham tempo para orar a seu deus. Foi assim que tantas religiões puderam sobreviver nas mesmas ilhas da Indonésia.

— Acho que estou sentindo cheiro de cravo — disse Théo apurando o olfato.

— Também pode ser alcatrão — replicou tia Marthe. — Duvido que hoje em dia ainda briguem pelo comércio do cravo!

— Alcatrão ou cravo, estou com fome — decretou Théo. — Onde podemos comer?

— Está tudo previsto, rapaz — interveio suavemente o sr. Sudharto. — Terei a honra de recebê-los em minha casa.

Voltaram pelas vielas. O ar estava repleto de cheiros deliciosos que excitaram as papilas gustativas de Théo: raviólis cozidos no vapor; aromas de sopas em que flutuava citronela picada; pastéis fritos e brilhantes, tudo parecia delicioso. Théo estava cada vez mais faminto. De repente, o sr. Sudharto virou numa esquina e parou diante de um grande muro com uma porta minúscula. Passada a porta, deram com outro muro menor, que tiveram de contornar em ziguezague, uma vez num sentido, outra vez noutro.

— Perdoem este circuito um tanto complicado — desculpou-se o sr. Sudharto. — Ele impede a entrada dos maus espíritos, que sempre se movimentam em linha reta. Esta é minha modesta residência.

Modesta, a casa do sr. Sudharto? Tinha-se de atravessar um pátio quadrado, em torno do qual estavam dispostas três construções; no meio, num tanque redondo, nadavam carpas douradas. No fundo do pátio, a casa principal esperava como uma velha senhora discretamente arrumada. O interior era escuro, povoado de imensos móveis de uma madeira escura marchetada de madrepérola. Era imponente, mas nada alegre. Théo entrou como numa igreja e sentou-se na beira de uma poltrona rígida em que não dava a menor vontade de se refestelar.

— Que bonita a sua casa — cumprimentou polidamente.

O sr. Sudharto sorriu. Quando se era riquíssimo, como ele, era mais prudente não ostentar a fortuna. A casa continuava tal como era desde que seus avós ali se instalaram, construída segundo as regras da cosmologia chinesa: três pavilhões à beira de um quadrado, no centro do qual era localizado o círculo do tanque, povoado de peixes sagrados para dar sorte. Uma casa enrugada como os velhos que passavam pelos aposentos escuros sussurrando preces inaudíveis.

— Não mudou nada desde a minha última visita — observou tia Marthe tirando a echarpe.

— Acho que você não tinha visto nosso novo televisor — disse o sr. Sudharto. — Temos uma antena parabólica novinha.

Ao lado da tevê último modelo, Théo notou um arranjo singular. Em cima de uma mesa de madrepérola coberta de um brocado amarelo se elevava um minúsculo pagode, cujas portas se abriam para um gênio turquesa barrigudo. No alto, reinavam fotografias emolduradas: um velhote careca de fisionomia severa, uma senhora com um coque muito apertado, outra, sorridente, com uma flor na mão, um jovem elegante e triste, de alfinete de gravata. Enfim, diante da miniatura de pagode, havia um pequeno prato cheio de areia em que fumegavam varetas de incenso, bem ao lado de um tubo de prata com as tais varetas que prediziam o futuro.

— Você tem um pagode em casa? — espantou-se o rapaz.

— Claro que não! — fez tia Marthe. — É o altar dos ancestrais, não é, caro amigo?

— Temo que nosso jovem tenha razão — respondeu o sr. Sudharto embaraçado. — Porque o altar dos ancestrais é a réplica de um pagode de verdade, só que, de fato, veneramos nele os que nos precederam neste mundo. Assim são nossos costumes, os costumes chineses.

— Costumes? — exclamou tia Marthe. — Por que não diz a Théo que se trata de confucionismo?

— É que …

O sr. Sudharto começou um discurso confuso de que se depreendia que, claro, a herança ancestral provinha dos preceitos de Confúcio, do respeito pelos ancestrais e pela ordem social, mas que o gênio turquesa, em compensação, era a deusa da Lua, sentada em seu sapo. A Lua, o sapo e a adivinhação vinham da tradição do tao.

— Então você sincretiza ao mesmo tempo tao e Confúcio — concluiu Théo.

— Oh! — exclamou o sr. Sudharto. — Que os imortais me preservem de tal pretensão … Não passo de um modesto servidor dos ritos mais costumeiros, só isso.

— Imortais? — disse Théo. — Então vocês também têm deuses?

Não se podia encarar assim as coisas. Todavia, lendo os textos sagrados, era forçoso constatar que o taoísmo original compreendia uma longa genealogia de seres divinos.

— Meu filho poderá explicar isso melhor do que eu — murmurou.

— Man-li! Quer vir ter conosco no salão?

Um rapaz entrou como um raio, arregaçou os jeans para ficar à vontade e pôs os tênis sobre a mesa baixa.

— *Hello* — fez estendendo a mão a tia Marthe. — Como vai?

— Faça o favor de se sentar direito — repreendeu-o o sr. Sudharto.

O rapaz se endireitou na cadeira e se calou.

— Man-li estuda teologia comparada na Universidade de Chicago — acrescentou o sr. Sudharto após um silêncio. — Meu filho, nossa amiga, a senhora Mac Larey, você conhece, e este é seu sobrinho, Théo. Nossos

amigos gostariam de saber um pouco mais sobre os deuses de nosso país. Você poderia esclarecê-los?

O Caos, o ovo, o homem e os Soberanos

O rapaz pôs-se a refletir e esticou as pernas.

— Não se faça de rogado, por favor — disse o sr. Sudharto. — E sente-se direito.

— Está bem, pai — respondeu Man-li, dobrando as pernas intermináveis. — Estava pensando como esclarecer as numerosas versões da origem do mundo.

— Pois esclareça, filho!

Man-li coçou a cabeça e iniciou. No começo dos tempos reinava uma bruma informe e escura. Depois o tao deu nascimento ao Um, que se dividiu em Dois. Dois deu nascimento a Três, o qual deu mil seres que levam o Yin nas costas e abraçam o Yang. Mas, de acordo com outras versões, duas divindades saíram da penumbra: uma passou a cuidar do céu e a outra, da terra, que se tornaram o Pai e a Mãe de todas as criaturas.

— Espere aí — interveio Théo. — "Dois" é, então, o número dos pais e "Três" o da família.

Exatamente. Existia outra maneira de contar o nascimento do mundo: o Soberano do oceano do Sul encontrava o do oceano do Norte em casa do Soberano do centro, o Caos, que os recebia com infinita cortesia. Querendo retribuir a polidez, os dois soberanos decidiram abrir-lhe orifícios, que ele não tinha, para ver, ouvir, comer e respirar.

— Espere, o que era esse rei? Uma bola? — perguntou Théo.

Por definição, o Caos era informe: não era nem verdadeiramente redondo nem verdadeiramente quadrado, privado de qualquer contorno. Abrir

orifícios no Caos era um empreendimento valoroso … Infelizmente, no sétimo dia, o soberano Caos morreu por causa disso e …

— Simplifique, Man-li — cortou o sr. Sudharto. — Você ainda não é professor.

Em resumo, o Caos se assemelhava a um ovo cósmico de onde saiu o primeiro homem, Pan-ku. Quando, dezoito mil anos depois, morreu, seus olhos se tornaram o sol e a lua, sua cabeça uma montanha, sua gordura os mares, seus cabelos e seus pelos, árvores e plantas. Suas lágrimas haviam feito correr o rio Azul e o rio Amarelo, sua respiração era o vento, sua voz, o trovão; de sua pupila negra saía o raio, de seu contentamento o céu claro, e as nuvens da sua cólera.

— Foi o homem que criou o mundo, então — concluiu Théo. — Sem Deus.

Sim, só que mais tarde. Não se sabia exatamente em que período histórico o primeiro homem, Pan-ku, e o sábio do tao, Lao-tsé, fundiram-se numa só divindade. O olho esquerdo do Sábio oculto tornara-se o sol, o olho direito a lua, seus cabelos as estrelas, seu esqueleto os dragões, sua carne os quadrúpedes, seus intestinos as cobras, seu ventre os mares, seus pelos os vegetais e seu coração uma montanha santa. Enfim, um ser misterioso chamado Augusto Senhor interrompeu a comunicação entre o céu e a terra.

— De novo — cochichou Théo no ouvido da tia. — O cretino de plantão provoca um curto-circuito …

— Quem cochicha o rabo espicha — replicou ela no mesmo tom.

Eram esses os mitos do tao. Mas não se podia dispensar o conhecimento da genealogia dos grandes reis, tal como mestre Kong, que não gostava nem dos deuses nem do sobrenatural, a estabelecera. Os primeiros, disse Man-li, foram os Três Augustos, dois homens e uma mulher. Observando a plumagem dos pássaros, a variedade do universo e as partes de seu próprio

corpo, o mais antigo, o Augusto Rei de corpo de serpente, inventou o livro das adivinhações. A Augusta Mulher, sua esposa, tinha em comum com ele o mesmo rabo de serpente na parte inferior das costas.

— Ora vejam só, deuses siameses — constatou Théo.

— Chineses! — retificou Man-li.

Quanto ao terceiro dos Augustos, o Divino Lavrador, criou a agricultura. Em seguida vieram os Cinco Imperadores. O primeiro, o Imperador amarelo, escreveu os tratados de medicina, de sexualidade, de astrologia e de arte militar. O segundo foi o que separou o céu da terra; o terceiro, o Imperador-corvo, teve por esposas a mãe de dez sóis e a mãe de doze luas; o quarto regrou o ciclo das estações, mas passou o governo a um homem do povo, Chuen, o mais virtuoso de todos.

— Nem a um deus, nem a um rico — comentou Théo. — Prefiro assim!

Chuen não era exatamente um humano como os outros. Antes de escolhê-lo, o imperador o submeteu a provas cruéis: Chuen teve de passar pelas chamas, escapar de uma inundação, sair da terra com que fora coberto, enfrentar o furacão, que não o perturbou. A pior prova o levava a se fazer espancar por seus próprios pais. Chuen conseguiu não lhes faltar com o respeito e fundou o culto dos ancestrais. Depois disso, expulsou quatro demônios pelas quatro portas do mundo, antes de entregar o poder ao quinto e último imperador, Yu, nascido de uma pedra, imperador do Sol.

— O Grande Yu? — exclamou Théo. — O que dança num pé só?

O próprio. Com o Grande Yu acabava a santa genealogia dos Três Augustos e dos Cinco Imperadores. Vieram em seguida os reis de perdição, terríveis tiranos que inventaram suplícios e orgias. Um deles, furioso com as repreensões de um sábio, cortou-o em dois para observar seu coração. Então o duque de Tcheu formou um exército, cortou-lhe a cabeça e pendurou-a em seu estandarte branco. Depois disso, entrava-se na história da China.

— Ufa! — fez Théo. — É tão complicado quanto os deuses da vovó Théano!

Confusa, tia Marthe explicou que Théo era metade grego e que sua avó o ninara, quando bebê, com a mitologia de seu país de origem. Polidamente, o sr. Sudharto perguntou se Théo aceitava narrar alguns episódios dela …

— É meio comprido — bocejou Théo. — E estou com o estômago roncando!

Horrorizada, tia Marthe beliscou-lhe o braço furiosamente.

— Ai! — gemeu o garoto. — O que foi que eu fiz?

Rindo, o sr. Sudharto concordou que estava na hora de se alimentar e convidou-os a se levantarem. O almoço estava servido numa mesa redonda, com um prato giratório à moda chinesa.

As surpresas da cozinha chinesa

— Espero não termos que comer peru de tigre — cochichou Théo a tia Marthe.

— Pode ficar sossegado — ela respondeu. — Conheço o menu.

Medusas carameladas, translúcidas e crocantes; rãs ao alho e salsinha; sopa de ovo; patas de frango açucaradas cozidas no vapor. Quando chegaram à omelete de caranguejo e aspargos, Théo dispensou.

— Seja educado! — ralhou tia Marthe. — Experimente

Com seus pauzinhos, abria com tristeza a omelete: uma varetinha de madeira estava escondida dentro.

— Isso se come? — perguntou desconfiado.

— Antes se abre — sorriu o sr. Sudharto.

Théo limpou os dedos e abriu: dentro havia uma minúscula folha de papel.

— Não me diga que é a próxima mensagem! — exclamou.

— Exatamente — respondeu tia Marthe. — Agora entende por que eu conhecia o menu?

Sou o sol e não gosto de cavalo cru. Se tu quiseres me ver em meu santuário, vem!

Cavalo cru? Para o sol? Em que país se encontraria essa divindade esquisita?

— Difícil, hein? — sussurrou tia Marthe, encantada.

— Entrego os pontos — falou. — Não vou conseguir …

— E se Man-li ajudasse você? — propôs o sr. Sudharto.

— Gostaria muito — disse Man-li. — Só que eu também não estou entendendo nada.

— Que tal, talvez, consultar os ancestrais? — sugeriu o sr. Sudharto com malícia.

Os jovens se levantaram, o mais velho e o mais moço. Com cerimônia, Théo passeou o tubo de prata em cima das varetas de incenso, sacudiu o objeto, de onde saiu uma vareta devidamente preparada.

"Então eu me retiro, e o mundo conhece a noite", leu.

— Não é uma resposta!

— Desta vez entendi — suspirou Man-li aliviado. — Trata-se da mais antiga deusa do …

— Quer fazer o favor de não dizer! — ralhou tia Marthe.

— Aí já é trapaça — reclamou Théo. — Preparam as respostas e não querem deixar Man-li interpretá-la … Se é assim, vou telefonar a Fatou. Cadê meu celular? Droga! Deixei no hotel!

— Quer o meu? — ofereceu o sr. Sudharto tirando um aparelhinho do bolso.

— Fatou? Sim, vou bem. Só que estou perdido com a mensagem … Acha normal? Pois é … me dê a dica, por favor. *Os peixes celebram as crianças e as cerejeiras, a primavera*. O que você quer que eu faça com isso? Não poderia me dizer mais nada sobre o cavalo cru? Esfolado? Me ajudou muito, viu? Não tem mais nada a acrescentar? Azar. Um beijo. Meio quente. Não, não estou transpirando. Sim … pra você também … bem grande.

Perplexo, desligou.

— Ela disse que o cavalo está cru porque está esfolado — murmurou. — Entendeu, Man-li?

— Claro que sim — respondeu o rapaz com um sorriso. O irmão da deusa tinha jogado um cavalo esfolado em sua gruta.

— Isso não me diz o nome do país!

— Você pode descobrir, filho — disse tia Marthe. — Onde é que festejam as crianças com peixes de pano?

— Sei lá. No México?

— Não — respondeu Man-li. — Onde florescem as mais belas cerejeiras do mundo? Em que país a vida faz um intervalo para que se possa contemplá-las?

— No Japão! — gritou Théo.

— Até que enfim — suspirou tia Marthe. — Já era hora!

— E quem é essa dona que não gosta de cavalo cru? — perguntou Théo, furioso por não saber a resposta.

— Ela se chamava Amaterasu. Austera, casta, vivia numa gruta em companhia de suas criadas, que lhe teciam cotidianamente um quimono cor do tempo. Todas as manhãs, Amaterasu saía para iluminar a terra. Até o dia em que seu insuportável irmão Susanoo, deus da Lua e rei do Oceano, jogou, para lhe pregar uma peça, um cavalo esfolado nos teares das tecelãs.

Assustadas, elas se atropelaram e uma delas teve o sexo furado por sua própria lançadeira. E morreu disso. A deusa Amaterasu não apreciou a brincadeira: não gostava de cavalo cru. Zangada, recolheu-se em sua gruta, e a luz desapareceu.

— Que idiota, esse irmão! — exclamou Théo. — Por muito tempo?

— O bastante para semear o pânico até no céu, onde viviam os deuses e as deusas, que como os humanos também não enxergavam nada. Consternados, eles se reuniram e bolaram uma artimanha.

Pediram a Uzume, a mais engraçada das deusas, que os distraísse diante da gruta fechada em que Amaterasu estava amuada. Uzume não usou de meios-termos: levantando a saia, pôs-se a dançar provocantemente, exibindo seu traseiro e seu sexo com caretas irresistíveis. Estava tão divertida que os deuses desataram na gargalhada … Curiosa, Amaterasu não aguentou: entreabriu a pedra que fechava a gruta e os deuses lhe estenderam um espelho onde ela viu uma mulher esplêndida. Surpresa, ela se adiantou. Então os deuses agarraram-na pela barra do quimono e Amaterasu saiu para sempre de sua gruta. O mundo estava salvo.

— Bonita história — admitiu Théo. — Cá entre nós, ela tinha razão de estar furiosa.

— Há tantos outros contos no Japão — acrescentou Man-li. Vocês têm sorte …

Mas antes de irem para as ilhas japonesas, precisavam esperar os resultados dos exames e, de imediato, ir fazer a sesta.

Contrariado, Théo despediu-se dos novos amigos. Assim que a porta se fechou, o sr. Sudharto dirigiu-se para o altar, sacudiu o tubo consultou seus ancestrais sobre o destino de Théo e sorriu. A resposta era boa.

Entretanto, quando os resultados chegaram de Cingapura, francamente não eram melhores. Apenas estáveis.

— Estáveis — disse tia Marthe no telefone. — Que chato … Que tratamentos? A verdade é que …

Largando o aparelho, ela quase desmaiou.

— Théo! — gritou. — Sabe o que mais? As análises deram estável!

— Não é para subir pelas paredes — replicou o garoto. — É o mesmo de sempre.

— Não! Porque você parou de tomar os nossos remédios e o novo tratamento deu certo! A doutora de Darjeeling conseguiu!

— Claro, ué — respondeu Théo. — Você se espanta com isso?

Louca de alegria, ela o beijou até atordoá-lo e pôs-se a dançar com ele.

— Ei, tia Marthe — disse ele, protegendo os pés, — o que é esse barulho estranho no telefone?

— Minha nossa! Esqueci de desligar! — exclamou tia Marthe.

Théo, então, aproveitou para falar com seus pais.

17

Mães e filhas do Japão

Tia Marthe é posta contra a parede

Jérôme deu um suspiro de alívio ao ouvir a irmã no telefone. Claro, os primeiros resultados ainda eram medíocres, mas a medicina tibetana alcançava o mesmo efeito que sua prima ocidental, o que já era muito. O pai de Théo exigiu apenas que ficassem mais uma semana em Jacarta, para fazer os exames de novo. Marthe protestou que poderiam fazê-los também em Tóquio, mas seu irmão não quis saber, e ela teve de concordar. A resolução de Jérôme era inabalável.

— Seu pai é um chato — resmungou desligando. — Oito dias! Vamos acabar perdendo a floração das cerejeiras japonesas!

— Mas está bom aqui — retrucou Théo. — Assim poderei ver de novo meu amigo Man-li. No Japão, quem é que você vai tirar do seu baú, hein?

— Você vai gostar dela — respondeu tia Marthe.

— Oba! — exclamou Théo. — Uma mulher, para variar um pouco … O que vamos fazer? Que tal irmos à mesquita?

Não podia entrar quem não fosse muçulmano, principalmente tia Marthe, muito embora fosse o dia reservado às mulheres; mas tinha-se o direito de espiar permanecendo na entrada. Todas vestidas de branco, todas com véus brancos, as mulheres se prostravam em cadência numa ordem impressionante, doze mil ao mesmo tempo, com o rosto emoldurado por rendas bordadas. O islã indonésio não era fanático, mas as prescrições do Corão eram rigorosamente observadas.

— Você não me disse que também existiam tribos animistas? — perguntou Théo enquanto caminhavam na rua.

— Claro! — respondeu tia Marthe. — Uma das mais estranhas vive a três horas de Jacarta: os badwis, que rejeitam o islã, vestem-se de branco, deixam alguns dos seus se aproximar da civilização moderna, mas apenas se se vestirem de azul. Eles são capazes de enviar um emissário para transmitir um encantamento protetor ao presidente e depois se retirar sem pronunciar uma só palavra. Não se pode entrar em seu território.

— Quanta gente esquisita tem neste mundo … Espero viver o bastante para conhecer todas!

— Então você vai ser etnólogo — afirmou tia Marthe.

— Conheço a palavra, mas não sei o que quer dizer. É o quê?

— Você identifica uma tribo particular e vive com seus membros à maneira deles. Compartilhando da vida deles, compreende a forma de pensamento e as divindades deles.

— Mas é o que fazemos, viajando de país a país! — espantou-se Théo.

— Vimos povos, mas não vimos tribos, e temo que não vamos ver. A vida delas é precária demais para seu estado de saúde, Théo. Eles vivem em tal indigência …

— Nada de santuário tao, nada de tribos, nada de subir degraus, de que mais você vai querer me privar? — explodiu o rapaz.

— Trate de sarar primeiro, seu insolentezinho!

Maoísmo e taoísmo

A semana passou. Tia Marthe levou Théo para ver o Ramayana num teatro de sombras, onde, uma vez passado o primeiro deslumbramento, ele se chateou mortalmente. Viram depois as dançarinas douradas, graciosas como libélulas, mas Théo achou-as muito cheias de trejeitos. Preferia as discussões com Man-li aos espetáculos da Indonésia.

Um dia, degustando uma carne crua marinada num molho vermelho, rara receita da ilha de Sumatra, Théo sentiu-se invadido por um profundo desejo de conhecer a China, a China de verdade. A das imperatrizes cruéis e do presidente Mao; milhões de chineses andando nas ruas das cidades ou cultivando os campos; óperas fabulosas e edifícios modernos; da gente jovem de Xangai, subordinada a Pequim. A China com que sonhava e que algum dia conheceria, quando fosse adulto.

— Você esteve na China? — perguntou a Man-li.

— Um pouco — respondeu Man-li, prudente.

— O que você viu lá da sua religião?

— Tudo e nada — disse Man-li. — Nosso país de origem passou por numerosos movimentos. Com a primeira revolução de 1911, o império desapareceu e, com a ideia de império, a ordem do mundo mudou. Mao surgiu …

— Como Zorro — falou Théo. — A Longa Marcha, eu sei …

— E a grande Revolução Cultural proletária do presidente Mao, você conhece? — interveio tia Marthe com ar rabugento. — Foi isso que matou as religiões na China!

— Revolução Cultural? — espantou-se Théo. — O que foi que Mao fez? Botou todo mundo para estudar belas-artes?

— E imaginar que você não conhece esse horror … — suspirou a tia. — Será que já se passaram tantos anos assim para que a lembrança dela se tenha perdido? Escute.

Mao não tinha posto todo mundo para aprender belas-artes. Nos anos que precederam a Revolução Cultural, ele lançou um plano de reforma econômica radical, o Grande Salto para a Frente, que produziu uma fome desastrosa. O fracasso era patente. Um dia, em 1966, Mao reapareceu para lançar um vibrante apelo aos jovens da China: "As pessoas têm razão para se revoltar", martelou. Que se revoltem! Que critiquem os responsáveis do Partido Comunista! Mobilizados por sua ordem, milhares de estudantes que Mao chamou de "Guardas Vermelhos" responderam com entusiasmo, brandindo o pequeno "Livro Vermelho", uma coletânea de citações de Mao. As escolas e as universidades foram fechadas; os estudantes começaram a correr a China para criticar os traidores do Partido.

— Quem, precisamente? — espantou-se Théo.

Mao recomendara a seus Guardas Vermelhos que lutassem contra os quatro símbolos do "velho": velhas ideias, velhos costumes, velhos hábitos e velhas tradições. Os Guardas Vermelhos decidiram extirpar as superstições do espírito dos chineses. O marechal Lin Piao, apesar de muito próximo de Mao, foi violentamente criticado por ter citado mestre Kong, que os Guardas Vermelhos consideravam a encarnação do feudalismo anti-igualitário. Loucos de alegria com a ideia de exercerem eles próprios o poder revolucionário, jovens sinceros e inflamados destruíram os templos, os museus, as estátuas, saquearam as casas particulares e arruinaram tudo o que vinha do passado, já que o presidente Mao, como guia, incentivava-os a isso. Eles levavam pelas ruas, com um chapéu de burro na cabeça, ex-

proprietários, pesquisadores, escritores, todos eles culpados de veicular o antigo saber da China. Foram espancados violentamente. Pela primeira vez naquele país, os filhos rompiam os vínculos sagrados que os uniam a seus ancestrais.

Depois estourou uma guerra civil entre as facções rivais dos jovens exaltados. Ao cabo de dois anos, Mao despachou seus Guardas Vermelhos para os campos, com os camponeses. Durante essa fase de loucura, quantos mortos? Milhões, dizia-se. Enfim, após um período de terrível repressão, Mao morreu, em 1976.

— Talvez a senhora esteja desfigurando a Revolução Cultural — objetou timidamente Man-li. O objetivo do chefe do Partido Comunista chinês consistia em sacudir o país para fazê-lo reencontrar o ímpeto revolucionário. Dirigindo-se à juventude, ele pensava encontrar forças não corrompidas. Que tenha havido exageros, não há dúvida. Mas a ideia inicial não era de todo absurda.

— Como! — indignou-se tia Marthe. — Confiar a reeducação de um povo inteiro aos adolescentes, dar-lhes o poder de julgar, de depurar, é uma aberração!

— O que é que você tem contra os jovens? — indagou Théo.

— Nada, salvo quando estão com as armas nas mãos. Por ordem de um vovô tirânico, eles se viraram contra os seus, ora essa!

— Normal — comentou Théo.

— Não diga besteira, Théo! Eles mesmos se arrependem hoje em dia! Espantam-se por terem se entusiasmado com torturar os velhos, principalmente as mulheres … E você pretende detestar os massacres das religiões? Pois o maoísmo tinha se tornado uma religião assassina, Théo!

— Não respeitar os ancestrais era revolucionário, é verdade — disse Man-li. — Mas, por outro lado, o confucionismo às vezes pesa tanto sobre os

jovens …

— E isso lá é uma razão para se entregar a tais abusos, rapaz?

— Claro que não — murmurou Man-li. — O presidente Mao cometeu alguns erros. Mais ou menos trinta por cento.

— E, pronto, está absolvido! — concluiu tia Marthe furibunda. — Embalsamado, endeusado, ele repousa na famosa praça Tian-An-Men, e ainda é reverenciado! Seu culto foi realmente o que se presta a uma divindade … Duas vezes por dia, qualquer que seja seu ofício, os chineses deviam dançar em sua honra a dança da Lealdade! Chamavam-no de Sol Vermelho de todos os corações …

— Você quer dizer que o Sol Vermelho foi um novo deus da China? — perguntou Théo.

— Exatamente! — berrou tia Marthe, mordaz. — Poderoso, benéfico, provedor, mas violento como um deus e, como um deus, cruel! Um imperador de perdição …

— Você está exagerando — disse Théo. — Não foi por nada que te expulsaram da China Popular!

— Dona Marthe, a senhora não conhece os jovens chineses de hoje — tornou Man-li batendo na mesa. — A China é um grande país, capaz de digerir sua história. Em nome do que a senhora julga?

— Todo culto que mata é ruim. E o de Mao não constitui exceção. Admito que os chineses atualmente adorem um deus capitalista …

— Desculpe — atalhou Man-li, — mas não estou percebendo a que deus a senhora alude …

— Não precisa pensar — replicou tia Marthe. — O dinheiro!

— Senhora Mac Larey — disse Man-li meio pálido, — permita-me lembrar-lhe que os chineses nunca foram inimigos da fortuna. Meu pai é rico e não vê nenhuma desonra nisso.

— Desculpe — murmurou tia Marthe corando. — Não é o que eu queria dizer, Man-li …

— Mas disse — rebateu o rapaz. — A senhora mesma é bastante rica para se permitir dizê-lo!

Tia Marthe calou-se e baixou a cabeça.

— Em todo caso, essa carne vermelha é uma delícia — disse Théo mudando de assunto.

A inutilidade das flores de cerejeira

Man-li não voltou a aparecer e Théo ficou emburrado. A semana passou. Os resultados dos novos exames quase não apresentaram alterações. Todavia, os especialistas do hospital de Cingapura haviam acrescentado na ficha que eram "animadores".

Marthe correu para o telefone e obteve autorização para seguir viagem.

— Chame mamãe — disse Théo. — Por que é sempre você que dá as boas notícias?

— Tem razão, querido. Tome …

— Papai? Sim, nada mal. Chame mamãe, por favor. Obrigado … Mamãe! Está contente, pelo menos? Escute, animadores é melhor que nada! Relaxe, porque estou bem melhor … E suas aulas no liceu? Ah é? Está de licença! Está doente? Ah. Cansada. Tonturas. Falou com o médico? Estafa? Acho que você tem toda a razão, quer saber? Vão passar o fim de semana fora? Em Bruges? Que bárbaro! Traz um presente de lá para mim, tá? Eu estou levando uma tonelada de presentes para você! Sim … Claro, mamãe. Eu te amo.

Quando desligou, Théo estava preocupado.

— Ela está de licença médica — disse. — Está com tonturas também. Parece que não é nada, mas papai vai levá-la para passar o fim de semana fora, para ela descansar. Sabe onde? Em Bruges, onde passaram a lua-de-mel …

— Perfeito — comentou tia Marthe. — Vai lhes fazer bem.

— Incrível como você não dá bola para ela! O que foi que mamãe te fez?

— Nada! Mas você sabe como ela é nervosa … então um pouco de intimidade vai curá-la, só isso.

— Quando penso que vão a Bruges.

— E nós, ao Japão! Já era tempo …

— Parece que você gosta um bocado desse país, hein? — murmurou Théo.

— Você não imagina que beleza são as cerejeiras em flor. É preciso vê-las uma vez na vida!

— Isso mesmo — fez Théo. — Ver as cerejeiras do Japão e depois morrer.

— Boboca. Você sabe muito bem que vai sarar.

— Se eu tivesse certeza! Nesses dias em que estamos em Jacarta, brigamos com Man-li, eu me chateio e meu gêmeo não se manifesta. Não é bom sinal. Não me sinto bem.

— Quer me explicar uma coisa, querido? — pediu tia Marthe com ternura. — Que papel você atribui a esse seu gêmeo?

— Não sei — sussurrou o rapaz. — É como se ele me guiasse na noite. Quando estou melhor, ele fala comigo. Se não fala, os resultados não se alteram. E faz semanas que ele não me diz nada.

— Quem sabe ele precise de silêncio — arriscou tia Marthe.

— Deve ser — respondeu Théo entediado.

— Ele vai encontrar o silêncio no Japão. Porque se há um país que cultua o silêncio, é o Japão. As cerejeiras não falam e diante das pétalas brancas a

gente se cala.

— Ora, cerejeiras em flor eu já vi! — exclamou Théo irritado.

— Eu sei, mas lá se trata de uma cerimônia. No Japão, você vai ver, as pessoas sabem escutar a natureza.

— A natureza — fez Théo tristemente. — Na certa está poluída!

A alma de Théo se perturba

O avião da Garuda Airlines trazia o emblema da águia do deus Vishnu orgulhosamente pintado em seu nariz. Na verdade, a águia era meio velha, um tanto asmática, a tal ponto que o voo Jacarta-Tóquio teve várias horas de atraso. A melancolia de Théo não desaparecera: ele percorreu as revistas em inglês, ouviu rock sem muita vontade, assistiu ao filme bocejando e adormeceu. Marthe se perguntava por que, agora que a medicina tibetana começava a dar frutos, seu sobrinho parecia tão deprimido.

O que havia de errado? Depois da partida de Paris, Théo engoliu com paixão os três monoteísmos em Jerusalém, o sentido do papado no Vaticano, a Índia inteira, os dois Veículos, o taoísmo e Confúcio … Seu Theozinho tão ávido de entender tudo! Será que estava cansado da aventura? Ela o reviu saltitando de alegria no pagode … parecia tão contente, tão vivo … e, de repente, era como se a chama houvesse apagado. Como ele apreciaria a profundidade das cerimônias japonesas e a severidade dos ritos?

— Não posso mais recuar — murmurou ela. — Onde encontrar alegria para o meu camarãozinho?

Em seu sono, Théo se agitou. Palavras confusas saíram de sua boca. “Me deixe em paz! Mamãe … estou tão sozinho …” Tia Marthe compreendeu. Entre a ausência da mãe e o gêmeo desaparecido, Théo tinha uma sensação de vazio, e esse mal não era curável com a medicina tibetana. Será que devia

fazer a mãe de Théo vir se encontrar com eles? "Não. Primeiro, porque estamos no fim do mundo. Depois, porque Melina ia ficar aflita. E, além do mais, ela não está pronta. Não, decididamente, é cedo demais. Temos de aguentar …", disse Marthe consigo mesma.

Confiar no Japão. Deixar Théo descobrir o culto das florestas e das flores. Fazê-lo saborear o chá verde. Ah! Forçá-lo também a voltar a praticar ioga todas as manhãs. Endireitar-lhe as costas. Alimentá-lo com peixe cru — era cheio de fosfato. Por via das dúvidas, Marthe explorou a sacola de remédios europeus: estava ali, pronta para qualquer eventualidade. Bruscamente, ela percebeu que também estava angustiada.

— Ele arrasa meu moral — murmurou. — Mesmo quando dorme.

A srta. Ashiko

No meio de uma multidão de japoneses carregados de máquinas fotográficas, tia Marthe procurava a moça, que não viera ao encontro marcado. Zangada, decidiu ir ao atendimento do aeroporto pedir que a chamassem pelos alto-falantes.

Théo imaginava que devia ser mais uma solteirona toda certinha, toda cheia de rugas, com olhos cheios de bondade.

Deixou escapar um grande suspiro: os amigos de tia Marthe eram todos adoráveis … se pelo menos fossem mais moços! Quando por acaso topavam com um, como Man-li, tia Marthe brigava com ele. Sem alegria, Théo observava as velhas. Qual seria ela?

— Oi! — disse uma voz suave às suas costas. — Posso te incomodar?

Théo se voltou: uma jovem japonesa fitava-o sorrindo. Olhos risonhos, boca redonda, cabelos até a cintura, uma massa negra e brilhante … Minissaia, blusão vermelho. Treze anos? Quinze anos?

— Oi! — disse ele encantado. — Não me incomoda nem um pouco. Mas acabo de chegar, estou com minha tia e esperamos uma pessoa. Você mora em Tóquio?

— Não, em Kyoto — ela respondeu. — Também estou esperando alguém. Uma senhora francesa, como você. Ela deveria estar com um garotinho, mas não estou vendo. Não os viu, por acaso?

— Como é essa senhora? — apressou-se Théo, pegando a mão dela. — Vou te ajudar.

— Ela está sempre usando umas roupas esquisitas. Em geral, usa um gorro tibetano.

— Engraçado! — exclamou Théo. — Minha tia também. São duas velhas esquisitas no aeroporto. Olhe, lá vem minha tia. Está vendo … Eu não estava exagerando: olhe o gorro!

Ao perceber a moça, o rosto de Marthe se iluminou.

— Até que enfim! — exclamou. — O que aconteceu?

— Senhora Mac Larey, sinto muitíssimo — murmurou a adolescente inclinando a cabeça. — Meu táxi ficou preso num engarrafamento.

— Estou vendo que encontrou Théo — resmungou tia Marthe de olho nas mãos dadas dos dois.

Boquiaberto, Théo olhou sucessivamente para tia Marthe e para a moça, cujos olhos se alargaram de espanto. Quer dizer que a amiga japonesa era ela!

— Você é que é o Théo? — ela murmurou. — Muito prazer …

— O prazer é meu — falou o rapaz, largando a mão da moça.

— Eu achava que você fosse um garotinho — disse ela corando. — A senhora Mac Larey falava o tempo todo do seu Theozinho …

— Como você se chama? — perguntou Théo.

— Ah! Vocês se encontraram sem se reconhecer! — exclamou tia Marthe caindo na gargalhada. — Essa é boa … Théo, esta é Ashiko Okara, estudante de literatura francesa.

— Estudante de literatura? — espantou-se Théo.

— Ashiko é muito inteligente — explicou tia Marthe. — Tem só dezesseis anos.

Dezesseis anos! Um pouco desapontado, Théo deu um passo atrás.

— Acho que devemos ter a mesma idade — murmurou timidamente a srta. Ashiko.

— Tenho só catorze anos — sussurrou Théo mortificado.

— Pensei que tivesse dezesseis — É replicou a moça. — É tão grande …

— Grande, Théo? — revoltou-se tia Marthe. — Ele é exatamente do meu tamanho! Venha cá, Theozinho.

E, pegando-o pelos ombros, instalou-o a seu lado: Théo era uma cabeça maior que ela. Pasma, ela tentou de novo: não havia sombra de dúvida. Théo tinha crescido.

— Ora essa! — bufou. — Que loucura! Como foi que aconteceu?

— As viagens formam a juventude, minha velha — respondeu Théo encantado.

— Não vou mais te chamar de "camarãozinho", mas de "aspargão" — retorquiu. — Vamos embora, crianças!

Naturalmente, o hotel era conforme os gostos de tia Marthe: velho, opulento e confortável. Salvo os roupões de banho e os chinelos, nada era japonês. As camas não eram *futons*[8], as paredes não eram de papel e o hotel não era de madeira.

— Eu achava que os japoneses viviam em cima de umas esteiras, de joelhos — surpreendeu-se Théo.

— Isso era o estilo antigo — falou tia Marthe. — Você preferia um tatame? Ridículo! Sabe como os japoneses chamam os ocidentais que se entregam a essas tradições? "Tatamizados!"

— Mas o que há de japonês aqui?

— A única flor no vaso — ela disse.

— Mamãe sabe como fazer. Ela teve aulas de ikana.

— Ikebana! — corrigiu tia Marthe. — De tanto querer gravar tudo, você vai depressa demais, aspargão.

— Aliás, ela é simpática à beça, sua amiga.

— Eu a conheci bebê, era uma bolinha toda redondinha, e agora está aí, linda como um coração, não acha?

— Se acho — confessou Théo. — Ela se parece com a Sophie Marceau. E além de estudar, o que ela faz na vida?

— Surpresa! — respondeu tia Marthe. — Por enquanto, tome seus troços tibetanos e trate de descansar!

Mas Théo não conciliava o sono. Ver as cerejeiras com a srta. Ashiko era bem diferente que ver a cidade do Vaticano com o cardeal … Sonhou com pétalas de cerejeiras nos cabelos negros e imensamente compridos e com uma mãozinha um tanto fria que ele tentava aquecer.

A crueldade do peixe cru

No fim da tarde, tia Marthe o acordou: espreguiçando-se, Théo constatou que estava quase na hora do jantar.

— Às seis da tarde — ironizou a tia. — Você se esqueceu de novo dos fusos horários …

— Droga — fez Théo acertando o relógio. — Seria melhor eu usar o despertador que Irène me deu! Seis horas! Vai demorar até a hora do jantar.

O que vamos fazer?

— Passear pelas ruas até um restaurante de peixes, está bem?

— Se for para comer sushi, eu já conheço — resmungou Théo.

— Você começa a me irritar com seu mau humor! E se eu te disser que vamos jantar com Ashiko?

— Neste caso, é diferente — admitiu o rapaz. — Mas vou avisando, tenho horror de peixe cru.

Assim que saíram, Théo se interessou pelo conteúdo das lojas de bugigangas. Tia Marthe concedeu-lhe um crédito limitado para que ele satisfizesse seus desejos. Demorou-se diante do último modelo de miniatura de televisão e acabou indo em frente. Como começava a morrer de fome, parou um tempão diante da vitrine de um restaurante onde estavam expostos camarões gigantes de um rosa envernizado, suntuosas rosáceas de cenouras e tigelas cheias de lulas cortadas em forma de estrela.

— Ficou com água na boca — perguntou tia Marthe. — Pois bem, é falso. Esses pratos tentadores são de plástico.

Por não poder comer de verdade, Théo comprou imitações: legumes, crustáceos, mais um copo de coca-cola com gelo, para pregar uma peça nas irmãs. Quanto a tia Marthe, comprou na calçada um quimono azul-claro ornado de grandes pássaros violeta e uma pesada chaleira de ferro escuro.

— Ei, cuidado com o excesso de peso! — gozou Théo.

— É para sua mãe — ela respondeu secamente.

— O quimono azul é feio — murmurou Théo. — Posso escolher um para ela?

Tia Marthe nem teve tempo de responder. Num piscar de olhos, Théo tinha se apoderado de um quimono discretamente branco, bordado com leves flores dourado-escuras. Com um grande suspiro, enrolando seu quimono como um saco de lixo, tia Marthe chamou um táxi.

— Não vamos mais a pé? — espantou-se Théo.

— Às vezes eu também fico meio cheia — murmurou ela, de lágrimas nos olhos.

Coitada da tia Marthe … Théo teve um impulso de ternura e beijou-lhe docemente a mão. Ela se assoou barulhentamente.

— Pelo menos você não contestou a chaleira — disse ela.

Théo não replicou. Melina já tinha uma igual e ele detestava peixe cru. Ainda bem que Ashiko estaria lá.

Ela os esperava parecendo uma colegial de vestido azul-marinho alegrado por uma bem-comportada gola branca.

— Você nunca usa quimono? — perguntou Théo com um ar de desapontamento.

— Usa — respondeu tia Marthe no lugar da moça. — Quimonos de um tipo especial você vai ver. Não se apresse … E escolha o que vai comer.

— Peixe grelhado — decidiu Théo.

Não tinha. Recentemente cortados na prancha em que seus pedaços ainda se mexiam, os animais marinhos eram comidos crus. Quase botando os bofes para fora, Théo viu a srta. Ashiko devorar um polvo cujos pedaços estremeciam de forma inquietante. Para não vomitar, não demorou a se ver obrigado a sair para a rua. Os anúncios coloridos ofuscavam, os clientes entravam e saíam dos bares iluminados, uns bêbados berravam ao longe e o estômago de Théo reclamava de fome.

— Não está se sentindo bem, Théo — murmurou a voz de Ashiko. — Entre comigo …

— Não. Comer peixe vivo, nunca!

— E comer peixe cozido por acaso é melhor? — ouviu-se a rude voz de tia Marthe

— Dane-se — esbravejou Théo. — Não posso ver isso, me dá enjoo e estou morrendo de fome.

Ashiko tomou a iniciativa, achou outro restaurante, pediu os pratos. Instantes depois, rosto limpo com uma toalha quente, Théo olhava com prazer finas lâminas de carne cozinhando num vasto recipiente de ferro aquecido por chamas azuis. Pegava-se um pedaço com os pauzinhos para mergulhá-lo num ovo cru batido.

— Como vocês, japoneses, são cruéis — disse depois de engolir o primeiro bocado. — Carne cozida, pelo menos, é humano!

— Cru ou cozido, você come coisa viva, que eu saiba! — rosnou tia Marthe

— Estou entendendo o que ele quer dizer — interveio Ashiko embaraçada.

— Essa é boa! — exclamou tia Marthe. — Você que defende os ritos mais tradicionais se permite esse juízo crítico? Não é nem um pouco nipônico!

— Por longos séculos, nossa civilização foi dominada pelos princípios guerreiros — replicou a moça. — A senhora sabe que o código de honra deles não era isento de crueldade.

— Ah! Você está falando do *seppuku*. Você conhece esse rito de morte, Théo. Na Europa, é chamado de haraquiri.

— Papai guardou velhas coleções de um jornal que se chamava *Hara-kiri*[9] — replicou Théo. — Mas o rito de morte do Japão não conheço.

História de uma moça, de um rapaz e de um sabre divino

Era o último ato do guerreiro japonês. Se ele faltasse com a honra, se fosse vencido, se fosse traído ou se seu amo resolvesse lhe dar ordem de fazê-lo, ele se suicidava segundo um rito imutável: vestido de branco diante de seus

amigos reunidos, abria o abdome de um lado ao outro com um punhal de cabo curto. Em tempos remotíssimos, o mais digno dos assistentes, por ele escolhido, cortava-lhe a cabeça a fim de abreviar seus sofrimentos.

— É isso o haraquiri? — exclamou Théo surpreso.

— *Seppuku* — corrigiu a srta. Ashiko. — Quase não existe mais.

— Apesar disso, vocês celebram todos os anos os quarenta e sete valentes que decidiram vingar seu amo e, uma vez cumprido seu dever, abriram-se o ventre — disse tia Marthe.

— Os quarenta e sete *ronin*? — sorriu Ashiko. — Eles encarnam o dever de fidelidade. A sorte desses *ronin* não era nada invejável: seja porque seu amo tinha morrido, seja porque não tinha mais meios para pagá-los, de todo modo eles vagariam lamentavelmente com sua espada inútil. Os quarenta e sete tinham assumido uma tarefa precisa. Nós os reverenciamos por sua tenacidade e seu senso de honra, não pelo *seppuku*.

— Sei! — insistiu tia Marthe. — O grande escritor Mishima suicidou-se não faz tanto tempo assim. E que morte! Ouça isto, Théo. Primeiro ele penetrou na sala do chefe do Estado-Maior das Forças Armadas japonesas e amarrou-o bem amarrado. Depois, diante das câmeras de televisão, deplorou a degeneração dos antigos valores do Japão, que ele ia mostrar em toda a sua grandeza. E, terminado seu discurso, abriu o próprio ventre. Seu amigo cortou-lhe a cabeça e, em seguida, fez a mesma coisa. Foi nos anos setenta …

— Mishima vivia um passado caduco — replicou Ashiko. — Nós, as novas gerações, vivemos na modernidade.

— Desde quando? — indagou Théo.

— Bem, você não se esqueceu da bomba atômica lançada em Hiroshima, não é? — interveio tia Marthe.

— Não, mas em que ano foi mesmo? — gemeu Théo.

Em 1945, para pôr fim à Segunda Guerra Mundial, os americanos tentaram essa nova arma contra o Japão. Desde o início do conflito, o Japão firmou aliança com a Alemanha nazista e com a Itália fascista. Os dois outros países já haviam capitulado, mas o Japão enviava todos os dias *kamikazes* contra os navios inimigos.

— *Kamikaze* eu sei o que é — afirmou Théo. — Quer dizer "suicida".

— Não é exatamente isso — explicou a srta. Ashiko. — *Kamikaze* quer dizer "vento divino". Mas é verdade que os pilotos se suicidavam explodindo seus aviões contra o alvo.

— Uma senhora coragem — comentou Théo.

Era esse, justamente, o sentido do código de honra dos samurais. Desde o século XIX, o imperador era um deus, descendente direto da deusa Amaterasu. Como sua natureza era divina, todos os japoneses tinham a obrigação de sacrificar a ele sua vida. Quando, após a bomba de Hiroshima, o imperador decidiu render-se, alguns soldados rejeitaram o que lhes era inaceitável e combateram sozinhos nas ilhas do Pacífico, anos a fio. Porque, aos olhos deles, o imperador-deus não podia decair e seu povo não podia abandoná-lo.

— Lá vem mais sacrifício humano — julgou Théo. — O que a gentil Amaterasu vem fazer nessa guerra? Eu acreditava que, depois de ter saído da gruta, ela havia iluminado o mundo!

É certo, mas Amaterasu era filha de um casal de deuses fundadores cuja triste história marcava a alma dos japoneses. O deus pai do Japão se chamava Izanagi, a deusa mãe Izanami. Na época em que a Terra ainda não existia, a comunidade dos deuses levou-os a uma ponte de arco-íris para criar o Japão. O jovem Izanagi era tão bonito que a deusa Izanami parou no limiar das cores transparentes e lhe perguntou: "Quer se casar comigo?". Eles

se uniram, mas para sua grande surpresa, os primeiros filhos foram criaturas monstruosas — medusas, polvos e outros seres pegajosos. Um fracasso.

Desesperadas, as duas divindades subiram de volta ao mundo celeste de onde os deuses os mandaram de novo ao arco-íris, pedindo que se comportassem conforme as ordens da natureza. Então, bem no meio da ponte, o deus Izanagi parou e disse à deusa: "Quer se casar comigo?". E, como dessa vez o masculino representou seu papel diante do feminino, Izanami deu à luz os mais magníficos rebentos: as ilhas japonesas.

— Até agora não é tão triste assim — comentou Théo.

Mas ao parir seu último filho, Izanami morreu. Louco de dor, Izanagi decidiu ir buscá-la no Inferno. Por milagre, obteve o direito de trazê-la de volta ao mundo dos vivos, mas em nenhum caso devia virar para trás. Infelizmente Izanagi desobedeceu. Então sua amada se transformou num cadáver decomposto que o perseguia para devorá-lo vivo. O deus conseguiu escapar atirando nela um pente tirado de seu coque e nunca mais tornou a ver Izanami.

— Isso me recorda uma história de vovó Théano — murmurou Théo. — Na Grécia, a mulher se chamava Eurídice e ele, não lembro mais.

Ele era Orfeu, mágico, poeta e músico. Embora Orfeu tenha se tornado um dos inspiradores de uma poderosa corrente mística, não teve descendência. Picada por uma cobra de veneno mortal, Eurídice não tivera tempo de dar à luz. Já Izanami representava uma mãe adorável, capaz de se metamorfosear em cuca no fundo do Inferno. Mãe suprema e terrível, Izanami dera à luz a natureza inteira em sua forma divina: o Japão. De acordo com a religião xintoísta, a filha de Izanami, a deusa Amaterasu, confiou ao primeiro imperador do Japão a espada de seu irmão Susanoo, insígnia da divindade. Porque Susanoo, deus violento, representava a face noturna do universo, ao passo que Amaterasu simbolizava a parte da luz.

Recebendo das mãos da deusa a espada de Susanoo, o imperador-deus herdava os dois princípios, o masculino e o feminino.

— Entendi — disse Théo. — É um macete para conservar o poder.

Ashiko protestou … De acordo com os historiadores da religião, a gruta para a qual a deusa Amaterasu havia se retirado atestava provavelmente uma época remota durante a qual os japoneses enterravam seus mortos em grutas. Portanto a volta da filha de Izanami não era apenas a volta da luz, era também o sinal de uma sobrevida após a morte. Como o sol, os mortos desapareciam e reapareciam, muitas vezes na forma de fantasmas queixosos que era necessário aplacar. Detentor da espada divina, o imperador garantia, pois, igualmente, a imortalidade dos japoneses.

— Tenho uma pergunta — disse Théo. — O que quer dizer xintoísmo?

Xintó significa caminho dos deuses. A religião xintoísta das origens, a mais antiga religião do Japão, venerava as divindades em suas formas mais simples: sol, vento, rochedos, montanhas, flor desabrochada, o bosque, as nuvens. E as divindades naturais, que o xintoísmo chamava de *kami*, resplandeciam em toda a terra, acessíveis à adoração dos homens. Bastava pouco para satisfazê-los: um cordão cingido em torno da roupa, uma bandeirola, uma prece. Por muito tempo, o xintoísmo havia sido a mais simples de todas as religiões: uma relação extática com a natureza do Japão, vulcânica, ameaçadora, verdejante e tranquila, brumosa, nevosa, tropical no Sul, glacial no Norte.

— O xintoísmo foi isso? — indagou Théo desconfiado. Quer dizer que mudou …

Sim, porque havia sido coberto por numerosas camadas de religiões vindas de outras partes: o confucionismo chinês e o budismo do Grande Veículo. O xintoísmo não havia desaparecido; não, ele sobrevivia muito

bem, mas tinha se adaptado às novas religiões. Desse magma em fusão saiu o xinto-budismo …

— Uma pitada de sincretismo e vamos em frente! — exclamou Théo.

Como em todos os demais lugares, o budismo não teve nenhuma dificuldade para se enxertar numa religião que se contentava com adorar as divindades naturais sem uma filosofia real. Os primeiros monges budistas começaram por recitar suas preces nos santuários xintoístas em honra àquelas a que chamavam "divindades da Luz suave" — e ninguém fez objeção a isso. Depois inventaram várias lendas nas quais as divindades xintoístas explicavam que eram, na realidade, bodhisattvas. Certas contradições não eram fáceis de resolver: por exemplo, como conciliar a compaixão para com os seres vivos e os peixes mortos oferecidos às divindades da Luz suave?

— Boa pergunta — observou Théo.

Então, a um santo monge que não conseguia respondê-la, as divindades explicaram que elas assumiam o erro dos humanos que agiam sem pensar. De resto, as divindades tratavam cuidadosamente de reunir os velhos peixes que haviam chegado ao termo de sua existência de peixes, de sorte que os homens os capturassem pela vontade divina. Com isso, entravam no caminho Buda.

— Espertos, esses budistas — disse Théo.

Mas não foram suficientemente espertos para evitar os conflitos entre si. Por muito tempo, os budistas se dividiram em seitas belicosas: o famoso código de honra dos guerreiros saiu daí.

Após séculos de sangrentos conflitos, o imperador retomou o poder e oficializou o xintoísmo. A partir de então, o culto da nação japonesa se fundiria com o do imperador. Porque, graças à espada do deus Susanoo, ele

era reverenciado como o descendente direto do Sol, incontestável e, de fato, incontestado até 1945.

— O imperador do Japão não é mais um deus, então — concluiu Théo. — Vi na televisão que era tratado, porém, com todo tipo de salamaleques …

A rendição do Japão, obtida pelo general americano MacArthur, exigia expressamente que o imperador renunciasse à divindade, mas o fervor na alma japonesa permanecia intenso. O imperador era respeitado, mesmo se já não fosse mais que um soberano como os outros, à frente de uma democracia parlamentar. A adoção da democracia fora complicada, porque a palavra *liberdade* não tinha o menor sentido no Japão antigo, como tampouco a palavra *indivíduo*. Antes, toda a sociedade vivia em nome do deus-imperador, ele próprio encarnação do Japão. A ideia de uma decisão livre não tinha lugar num sistema em que só contavam o país e seu deus. O general MacArthur exigira igualmente o direito de voto para as mulheres, o que foi um escândalo maior ainda. As filhas de Izanami poderiam votar? Então o Japão seria de novo submetido à desastrosa iniciativa da deusa malcriada na ponte de arco-íris! Seria o fim do reinado absoluto dos homens … O velho Japão iria abaixo!

— Mas não foi — disse tranquilamente Ashiko. — É por isso que eu compreendia a crueldade de que você falava, Théo. As velhas tradições misóginas ainda estão vivas …

— Ainda bem! — exclamou tia Marthe irrefletidamente. — Aliás, porque você se agarra com tanta força à preservação do xintoísmo, querida?

— Porque ele se harmoniza com a natureza. Os *kami* significam o respeito aos seres vivos num país tão apertado que somos obrigados a nos empilhar no litoral … Que seria de nós sem as árvores e as plantas? Onde haveria oxigênio e vida? Vejam nossas cidades de concreto e de vidro, elas

não respiram mais … Será que a natureza é mesmo repleta de divindades? Não sei, mas eu a cultuo com paixão.

— Então você não é budista — concluiu Théo.

— Para certas coisas, sim — ela respondeu. — O culto da flor ou a cerimônia do chá. Quando não se aplica à arte da guerra, o zen é bom para mim.

Théo arregalou os olhos. O zen? A guerra? O chá? Qual a relação?

Primeira lição de zen

— Espere um pouco — murmurou o rapaz. — Para mim, zen significa tranquilão. No colégio, a gente diz que é preciso ser zen quando tira nota ruim. Quando tem algum problema. A guerra não é zen!

— O Japão antigo havia aperfeiçoado as regras do combate no mais alto grau — respondeu tia Marthe. — E é aí que intervém o zen. Creio que você não sabe o que é. É o pensamento do vazio. O não-pensamento do pensamento.

— Não entendi — fez Théo. — Não-pensamento?

— Se você pensa que pensa, está pensando, não é? — tornou a tia. — Você vai aprender no terceiro ano do secundário, ao estudar a filosofia de Descartes: quando penso que penso, existo. Para o zen é o inverso: para consumar o ato perfeito, é preciso alcançar o vazio do pensamento.

— Eu penso que estou pegando esta tigela, e pego — retorquiu Théo, unindo o gesto à palavra. — É um ato perfeito, e ponto final.

— Não, porque você derramou algumas gotas de chá — ironizou tia Marthe. — Para o ato perfeito, você não deveria mais pensar na tigela e sua mão deveria pegá-la sozinha, sem você.

Théo fechou os olhos, concentrou-se, estendeu uma mão hesitante e derramou a tigela inteira. Ashiko caiu na risada.

— Tente você que eu quero ver! — gritou, furioso.

— O ambiente não se presta a isso — respondeu Ashiko. É preciso estar num lugar calmo e sem barulho.

— Em todo caso, não percebo a relação entre a tigela de chá e a guerra — ranzinzou enxugando a manga da camisa.

— Fale do tiro com arco — disse tia Marthe. — Ele vai adorar …

A arte da guerra herdada da tradição zen consistia em esquecer de si mesmo para melhor acompanhar os movimentos do inimigo. E o tiro com arco nunca está melhor ajustado do que no momento em que a flecha parte sozinha após um gesto perfeito, isto é, realizado em estado de vazio. Se o arqueiro mirasse atentamente, ficaria tenso demais para acertar o alvo; se, ao contrário, se identificasse à flecha, se seu espírito se soltasse, então o arco e a flecha acertariam o alvo. Para consegui-lo, era preciso se abandonar inteiramente.

— Entendi — disse Théo. — É o que se ensina aos atletas para relaxarem durante o esforço. Ouvi isso durante as Olimpíadas.

— O zen atravessou as fronteiras — prosseguiu Ashiko com um ar um pouco triste. — Hoje serve para tudo no mundo de vocês: relaxar os homens de negócios e esportistas, abrandar o comportamento … Mesmo aqui, ele se torna comercial.

— Ora, ora, filha — falou tia Marthe. — Logo você que é pacifista, sentir a perda da arte da guerra!

— Para mim, é na cerimônia do chá que o zen proporciona o que ele tem de melhor — ela respondeu.

— Que legal! — fez Théo. — Quer dizer que vocês bebem chá com cerimônia?

— Cerimônia é pouco — resmungou tia Marthe. — Espere até ver para se entusiasmar, e depois a gente conversa …

— Por quê? — surpreendeu-se Ashiko. — A senhora não gostou da última vez que compartilhamos esse momento?

— Sim, claro que sim! Digamos que demorou um pouco demais …

— Senhora Mac Larey, a senhora ainda não entendeu o espírito zen. Passa muito tempo angustiada, eu percebo claramente.

— Calma, titia! — brincou Théo. — Seja zen.

— Não encha — ela rebateu. — Com uma minhoca como você, não vejo como alcançar o pensamento vazio!

— Tenho certeza de que Théo conseguirá — continuou Ashiko. — É necessária uma inteligência aguda e uma simples confiança no outro. Ele tem essas qualidades.

— Até parece que você está me chamando de idiota e desconfiada — vociferou tia Marthe. — Conheço os princípios do zen, mas quero pensar à vontade, só isso.

— Mas tia Marthe, Ashiko não é a primeira a me falar de abandono — objetou Théo. — O sheik, em Jerusalém, já tinha me falado. Meu gaiato de Benares, aquele guru querido, me repetia a mesma coisa todos os dias … E seu amigo, o lama Gampo, por acaso não me falou da prece quando eu tive uma vertigem diante do Buda?

— Você desmaiou em face do Buda? — indagou Ashiko surpresa. — Está vendo, senhora Mac Larey?

— Théo reagiu bem à Ásia, é verdade — resmungou tia Marthe. — Mas estamos longe de terminar o percurso!

— A senhora não gosta do abandono — disse Ashiko.

— Não! — berrou tia Marthe. — Quero ser livre!

— Que liberdade é maior do que a de se abandonar? — questionou Ashiko.

— Controlar-se, menina. Em nosso país, cultuamos o domínio de si. Fazemos força para pensar claramente. Aliás, por que você estuda francês, hein?

— Para arranjar emprego — respondeu Ashiko. — E também porque conheço um pouco a França, onde as mulheres escolhem seu marido. Aqui não é assim …

— E ela quer escolher livremente um marido! — zombou tia Marthe. — Que contradição! No que diz respeito ao casamento, não se abandonar à escolha dos pais! Onde está o seu abandono?

Ashiko ficou vermelha e baixou a cabeça.

— Não se incomode — falou Théo pegando-lhe a mão. — Ela é dura, mas não é má. Sempre quer ter razão. Mas eu entendo o que você está dizendo.

— Verdade? — murmurou Ashiko, de olhos fechados.

— Você quer escolher sua felicidade e se abandonar em seguida — sussurrou Théo. — Ande, olhe para mim.

Ela levantou devagarinho a cabeça e cruzou seu olhar com hesitação.

— Mais que isso — insistiu Théo. — Sem pensar!

Ashiko fixou nele um olhar radioso.

— Está vendo, tia Marthe, é isso o zen — disse Théo, encantado.

— Seu paqueradorzinho safado! — murmurou ela entre dentes. — Bom, chega de namoro, estou cansada, vamos para casa.

Constrangida, Ashiko retirou vivamente a mão. Théo enrubesceu por sua vez. Paquerador, ele? Só queria socorrer uma moça embaraçada!

18

Flor, mulheres, chá

O segredo de Ashiko

No caminho de volta, tia Marthe não abriu a boca; e assim que chegaram ao quarto, ela foi para o banheiro batendo a porta. Théo despiu-se depressa, enfiou-se na cama e fingiu que dormia. De cara fechada, tia Marthe reapareceu num pijama de seda preta, com uma touca de renda cor-de-rosa na cabeça. Théo não conseguiu conter o riso.

— Você está insuportável! — gritou ela socando o travesseiro. — Se continuar assim, vou avisando, voltamos para casa!

— Ué, o que foi que eu fiz? — balbuciou Théo, pasmo.

— O quê? Você mudou muito! Você era carinhoso comigo e agora está malcriado … não para de me contrariar e namora uma garotinha!

— Que história é essa? Tudo isso só porque nós dois somos jovens!

— Pronto, de novo! Desde a Indonésia você me faz sentir que sou velha …

— Você está ótima, sabe … — disse Théo sem malícia. — Mas Ashiko é da minha idade, não é?

— Ela é dois anos mais velha do que você, Théo. É quase uma adulta, você não.

— Temos as mesmas ideias — murmurou Théo. — Somos amigos, só isso.

— Cuidado com ela — falou tia Marthe mudando de tom.

— O quê! Ela também está doente?

— Não, é que … — pigarreou tia Marthe. — Eu não devia te contar. Você tem que me jurar que vai guardar o segredo …

A história de Ashiko era um testemunho da história do Japão. Protegidos por uma colina, os avós de Ashiko haviam sobrevivido à explosão atômica na cidade de Nagasaki, a segunda, que fizera trinta e nove mil mortos. Tia Marthe os encontrara na comemoração pacifista anual em Hiroshima. Como compartilhava o horror que eles tinham à guerra, ficara amiga dos Okara, que adoravam seu filho único, Hiro. Aos vinte anos, como tantos japoneses da sua geração, foi estudar numa universidade americana, onde se apaixonou por uma francesa, com quem se casou. A jovem sra. Okara engravidou e Ashiko nasceu.

— Quer dizer que ela é metade francesa? — surpreendeu-se Théo. — Eu nunca teria imaginado …

— Espere a continuação — respondeu tia Marthe.

Apesar da menina que acabava de nascer, o casamento foi um desastre: a francesa queria trabalhar, o japonês não aceitava. Após um divórcio turbulento, Hiro voltou para o seu país com a pequena Ashiko, e seus pais o casaram pela segunda vez à moda tradicional, sem o consultar. A segunda sra. Okara criou Ashiko como se fosse sua. Ashiko se tornou uma verdadeira filha do Japão. A srta. Ashiko não pertencia à categoria das jovens japonesas

moderninhas, que tingem os cabelos de vermelho e ganham uns trocados prostituindo-se por meio dos serviços de encontro telefônicos … Ao contrário, Ashiko até exagerava na fidelidade aos valores japoneses. Seu caso era ainda mais singular pelo fato de ela ignorar tudo de sua mãe verdadeira e não conhecer a razão secreta pela qual escolhera estudar francês.

— Mas, é curioso, me pareceu que está mudada — comentou tia Marthe. — Eu nunca a tinha ouvido criticar o rigor do Japão. Antes ela era tão submissa, tão tradicional …

— Vou tomar cuidado, prometo — murmurou Théo perturbado.

— Comigo também? — perguntou ela com um ar carrancudo.

— Claro! Fazemos as pazes?

À guisa de resposta, ela despenteou-o todo.

Um estranho teatro

No dia seguinte, Théo multiplicou os esforços. Serviu o café da manhã na cama para a tia, tomou seus medicamentos tibetanos sem que ela tivesse de lhe lembrar, levou-lhe suas botinas, tônico e seu creme …

— Não seja tão serviçal, que posso me acostumar — brincou

— Seria melhor você se preparar para o dia de hoje.

— Por que, vamos a um templo?

— Em certo sentido, sim. Vamos ao teatro …

— Se for em japonês, não vou entender bulhufas — disse

Não ia entender bulhufas mesmo. Porque a peça que iam ver era cantada em japonês. Tratava-se da forma mais antiga da representação no Japão, o teatro nô.

— Mas tem lugar marcado e sentado? — perguntou Théo.

— Dá até para acompanhar o texto num libreto, se você quiser, como na missa — ela respondeu rindo.

— O que o nô conta? — interessou-se Théo.

— Histórias de fantasmas.

— Com lençóis e correntes? Adoro!

Saber se ele iria adorar aquele gênero de fantasmas era outra coisa. Da primeira vez em que viu um teatro nô, tia Marthe chateou-se bastante. Quase no fim, meio adormecida, é que se deixou levar pela atmosfera poética do estranho espetáculo. E voltou no dia seguinte, que passou inteirinho no teatro, onde se alternavam várias peças de nô e grosseiras farsas populares, os *kyôgen*, que faziam os espectadores japoneses rirem até chorar. Os *kyôgen* não divertiam tia Marthe, mas ela se apaixonou pela magia do nô. Daí a cativar Théo de saída …

Tia Marthe convidara Ashiko para uma sessão de explicações preliminares. Encontraram-se no saguão do hotel, em torno de um delicioso chá verde que Théo bebeu com aplicação, erguendo o mindinho.

— Por que tanto maneirismo? — espantou-se tia Marthe.

— Eu achava que a gente tinha que tomar chá com cerimônia — respondeu. — Não é assim?

— De jeito nenhum! Deixe seu dedinho em paz e ouça Ashiko.

— Primeiro — começou Ashiko, — o ambiente é muito simples, sempre o mesmo: no fundo, um grande pinheiro, uma ponte, alguns bambus, e ao lado alguns músicos vestidos de preto e cinza. O cenário é todo de madeira: esse dispositivo lembra os santuários xintoístas, que também são de madeira.

— É importante a madeira? — perguntou Théo.

— Claro, porque eles são demolidos e reconstruídos a cada vinte anos. A característica de nossos santuários é que não são eternos … Honramos

nossas divindades renovando seus altares. Como na natureza, nada antigo deve subsistir; a cada estação, a cada época, tudo muda.

— Não há monumentos antigos no Japão? — espantou-se o rapaz.

— Há, sim, templos budistas, palácios, residências … mas nenhum santuário xintoísta. O cenário do nô se parece com isso: imutável, mas refeito constantemente. Os relatos do nô deveriam se desenrolar ao ar livre. A ação se desenvolve à beira de um rio ou de uma estrada, ou então num barco, porque às vezes as personagens têm que atravessar a água. As personagens são repartidas em três grupos: o que conta, o que comenta, o que sofre. O narrador conta a história; o coro acompanha, como nas tragédias gregas. Mas o verdadeiro herói, o que sofre, usa uma máscara de madeira, sem buraco para a boca.

— E se não há lugar para os lábios, como ele faz para dizer suas falas? — surpreendeu-se Théo.

— Ele sempre encarna a desgraça — respondeu Ashiko. — Necessariamente, por causa da máscara, ele se exprime com uma voz abafada, o que dá a impressão de sofrimento. A voz dos atores de nô possui uma sonoridade muito singular: o ar vem do ventre, como um grito selvagem. A personagem principal não se expressa numa linguagem humana …

— É uma divindade? — perguntou Théo.

— Trata-se de um homem ou de uma mulher, mas tão condoído que sua queixa parece vir de outro mundo. O herói do nô é quase sagrado, ele delira, geme, chora … Ah! Preciso dizer uma coisa importante. Para chorar, o ator leva a extremidade de sua comprida manga aos olhos, só isso. Às vezes põe-se a dançar como faziam antigamente os japoneses diante das divindades xintoístas.

— E depois? — indagou Théo, atento.

— Depois, nada — ela sorriu. — O narrador mostra-se cheio de compaixão pelo herói que chora, o coro também, o herói dança e se vai tristemente na escuridão.

— Nada excitante. Conte o que vamos ver hoje.

Era a história de uma infeliz louca que as pessoas viam como um bicho esquisito. O narrador, um passante que se aprontava para atravessar o rio, ouvira falar dessa mulher errante que gesticulava ao longo das margens. Uma vez no barco, a louca lhe explicou que procurava seu filho raptado por traficantes de homens, e de repente o narrador se lembra de uma criança abandonada na beira daquele rio. Antes de morrer de esgotamento, o menino suplicara às pessoas que cuidavam dele que, cobrindo sua cova, fizessem um montículo de terra em sua memória e plantassem nele um chorão. A louca punha-se a chorar: era seu filho desaparecido. O narrador a levava ao túmulo do menino, a mãe chamava o filho e ele aparecia. Davam-se as mãos, mas a criança retornava para a cova, e a mãe chorava sozinha, de joelhos.

— Nada alegre — comentou Théo.

— Mas se você se chatear, Theozinho, a gente sai! — apressou-se a dizer tia Marthe.

— A atriz que faz o papel da mãe é boa? — perguntou.

— Só os homens podem praticar a arte do nô — explicou Ashiko. — Mas, no papel da mãe, esse ator é perfeito.

— Um travesti! — exclamou Théo.

— Você nem vai reparar — garantiu Ashiko.

— Escute aqui, Ashiko, você não se esqueceu de um elemento do nô? — perguntou tia Marthe.

— É verdade — ela admitiu. — Quando você ouvir as palavras "Namu Amida-butsu", Théo, saiba que se trata da prece budista que os japoneses

recitam constantemente.

— Afinal, é xintoísta ou budista esse negócio? — o rapaz quis saber.

— Ambos, como sempre no Japão — concluiu Ashiko.

A criança fantasma

O teatro estava entupido de gente, e os espectadores, armados com o tal libreto. Não havia cortina. Cuidadosamente desenhado numa tela de fundo, o pinheiro estendia seus galhos acima da ponte de madeira, e vieram colocar na frente do palco uma armação de bambu coberta por um véu verde e encimada por um galho mirrado.

— O túmulo e o chorão — disse Ashiko.

— Eles não se cansam muito para fazer o cenário — comentou Théo.

Os músicos entraram, cumprimentaram e tomaram seu lugar, na lateral do palco. Soou um tambor, seguido de uma flauta acutíssima, acompanhada por um canto rouco e solene.

— Até parece que estão miando — cochichou Théo no ouvido de Ashiko.

Mas Ashiko não achou graça. Concentrada, ela ouvia o prelúdio do nô. O encantamento continuou por um longo momento diante do grande pinheiro sombrio. Depois o passante entrou e, por fim, a mãe, com um largo chapéu na cabeça e, na mão, um bambu.

— O bambu significa a loucura — murmurou Ashiko. — Agora olhe.

A máscara da personagem era um rosto oval, muito branco, cortado por tênues sobrancelhas e uma fina boca vermelha. O ator era imenso e suas mãos, fortes: como imaginar uma mulher? Sentindo-se frustrado, Théo afundou no assento. Era um teatro de fantoches para adultos, ele ia se chatear tremendamente …

Mas a figura hierática girou lentamente sobre os calcanhares, virou-se para a sala e pôs-se a falar. Ao ouvir o som que vinha das entranhas, Théo ficou arrepiado. A coitada da louca sofria mortalmente. Nenhum soluço, nenhuma lágrima no mundo teria podido alcançar a profundidade daquele grito desumano, tão trágico e tão terno que Théo ficou com os olhos cheios de lágrimas. Sem entender nada, acompanhou os lentos movimentos, escutou o gemido doloroso e se entregou. Logo sua cabeça começou a girar deliciosamente. Os miados se adensavam, os tambores aceleravam, a mãe se apoderava de um sino cujo som tilintava infinitamente e, de repente, o filho morto de cabelos cacheados apareceu, salmodiando "Namu Amida-butsu, Namu Amida-butsu, Namu Amida-butsu" …

Théo teve um deslumbramento. O pequeno morto falava com ele. "Meu irmão!", cantava o fantasma com sua voz do outro mundo, "nasci com você e vivo em sua vida … Diga a mamãe! Namu Amida-butsua"

Assustado, Théo enfiou o rosto nas mãos e espiou a cena entre os dedos. Como por magia a branca silhueta da criança desapareceu dentro do montículo de terra e a mãe saiu de cena chorando, com a ponta da manga tocando levemente os olhos.

— Acorde, Théo … — murmurou tia Marthe. — Acabou!

— Acho que ele não está dormindo — disse Ashiko. — Está tão pálido!

— Théo! Fale comigo! — apavorou-se tia Marthe. — Tudo bem?

— Não — gemeu Théo. — Estou tonto …

— Depressa, vá chamar o médico de plantão — ordenou a Ashiko. — Meu querido … recoste-se. Desmaiou de novo?

— Hum — fez Théo, lamuriento. — A cabeça está girando … Onde está Ashiko?

— Uma vertigem, não estou gostando nada disso — falou tia Marthe. — Ah! Lá vem o médico.

O doutor estendeu-o num banco, tomou o pulso, escutou o coração, ligou o eletrocardiógrafo, examinou a pele, apalpou o abdome e levantou-se satisfeito. Depois tirou um torrão de açúcar do bolso e enfiou-o na boca de Théo.

— Não há por que se preocupar — disse Ashiko a tia Marthe. — Só um pouco de hipoglicemia.

— Nada mais? — espantou-se tia Marthe.

— Absolutamente nada, senhora Mac Larey — afirmou a moça. — Juro.

— Mas você avisou o doutor?

— Contei tudo — respondeu Ashiko. — Mas não é a doença de Théo, somente falta de açúcar no sangue.

— Está ouvindo, rapaz? — exclamou tia Marthe.

— Tchh — fez ele chupando o torrão de açúcar. — I … me … ão.

— Não se fala de boca cheia! — ralhou a tia. — Ande, mastigue e engula … Repita!

— Vi meu irmão gêmeo — respondeu Théo, manejando de novo sua língua. — O menino na cena era ele. Falou comigo!

Ashiko olhou para tia Marthe estupefata. A sra. Mac Larey não parecia se irritar. Muito pelo contrário …

— Você ainda não o tinha visto, não é? — murmurou ela, pegando o sobrinho nos braços.

— Não — ele sussurrou. — Tem cabelos iguais aos meus! Estou feliz …

— E tem razão — fez ela. — Fique deitado um pouco, ele vai tomar conta de você.

Devagarinho, ela se afastou na ponta dos pés. Ashiko chamou-a à parte.

— Senhora Mac Larey, não havia criança nenhuma em cena — falou em voz baixa. — Neste nô, a mãe seria a única que vê o menino, mas o espectador só pode ouvi-lo …

— Eu sei — cortou tia Marthe.

— A senhora o viu?

— Claro que não! Não sou louca.

— Então como é que Théo pode ter visto aparecer uma criança?

— Ele não viu uma criança, viu seu gêmeo do mundo subterrâneo — suspirou tia Marthe. — Théo tem um fantasma em sua vida, entende?

— Uma alucinação? — a moça se inquietou.

— Talvez — respondeu tia Marthe, evasiva. — Mas não tenho certeza.

— Por acaso a senhora acredita em fantasmas?

— Por quê? Você não? — questionou tia Marthe olhando-a firme nos olhos.

A arte da flor

Uma vez açucarado, Théo levantou-se lépido. Depois de seus desfalecimentos, Théo sempre se portava otimamente. Tia Marthe tinha notado: quanto mais fundo na perda de si ele ia, mais fome tinha. Foram a um pequeno restaurante almoçar sopas deliciosas em que nadavam nabos recortados em forma de margaridas.

— Em todo caso, não achei o nô chato — disse limpando a boca. — Como é que se aprende aquele canto engraçado?

— A partir do abdome — respondeu tia Marthe. — Como o "om" da ioga.

— Ah é! — exclamou o rapaz.

E tentou de imediato, abaixando o queixo contra o pescoço. "A-o-u-um-mi-a-o-u-i …"

— Entre gata no cio e rangido de porta — constatou tia Marthe.

— O nô é uma arte difícil — explicou Ashiko. — É necessária uma longa prática para fazer os sons saírem do fundo do corpo. Em cena, deve-se

renunciar à voz natural …

— Como na ópera — comparou tia Marthe. — Nem todo mundo pode ter uma goela assim.

— Não é apenas questão de dom, mas também de meditação. Os atores levam às vezes trinta anos para alcançar a arte da flor …

— Sempre a flor! — exclamou Théo.

Não era fácil compreender a relação entre a flor e o nô. Quando, no século XV, nasceu esse teatro singular, fazia um bom tempo que o budismo e o xintoísmo haviam se misturado. O xintoísmo estava presente na gesticulação do *kyôgen* próxima das *kagura*, danças grotescas reservadas às divindades, como a que a deusa Uzume tinha dançado para atrair Amaterasu para fora de sua gruta. Mas o mestre do nô, o grande Zeami, sem dúvida se inspirou no zen para descrever a natureza da sua arte …

— Tudo isso é muito bonito, mas e a flor? — insistiu Théo.

Já chegamos lá. Segundo Zeami, a arte do nô devia atingir a leveza da flor no que ela tem de efêmero. Os gestos da mão, o jogo das luzes na máscara de madeira, o movimento do pescoço, a lentidão dos passos, tudo devia concorrer para suscitar a emoção de uma flor desabrochada a ponto de murchar. Por isso o melhor momento do ator era alcançado em sua maturidade, quando não tinha mais o ímpeto da juventude e ainda não estava vergado pela idade avançada. Esse momento perfeito era o do vazio, o tempo da não-interpretação: ao ator bem-aventurado que subia ao palco depois de longos anos de exercício, bastava aparecer e evitar toda e qualquer expressão. Quanto menos procurasse sentir emoções, mais profunda seria a emoção do espectador — porque a flor não se expressa, ela floresce e murcha. Era essa a essência do nô.

— Boa coisa para minha tiazinha querida — bocejou Théo. — Logo antes da idade avançada …

— Théo! — gritou a tia. — Você tinha prometido!

Ashiko apressou-se a acrescentar que muitas vezes a personagem principal trazia na ponta dos dedos um leque, que ela abria para equilibrar a dança: então a imagem da flor adquiria um sentido poético. Esvaziando seu espírito, o ator encontrava o movimento do caule, o caráter das folhas, e o leque adquiria a aparência das pétalas. Imensos, os leques de nô eram dos mais belos do Japão. As máscaras também eram muito apreciadas. E se Théo quisesse, poderiam comprar uma do tipo que lhe havia agradado tanto …

— Não sei — ronronou Théo já quase dormindo. — Era … a voz …

E arriou sobre a mesa.

— Desta vez ele dorme para valer — murmurou tia Marthe. — A emoção foi forte demais.

— Por causa do fantasma? — perguntou Ashiko. — Será a causa da sua doença?

— Com certeza — ela respondeu. — Théo sofre por causa de um segredo desconhecido, e esses segredos são nocivos.

— Eu sei — disse Ashiko corando.

— Ainda bem — lançou tia Marthe sem prestar atenção. — Chame um táxi para mim, querida.

No táxi, Théo roncou como uma britadeira. Sonhadora, tia Marthe contemplava as flores das primeiras cerejeiras. Perdidas na cidade, pareciam tão artificiais quanto a garrafa de coca-cola comprada por Théo.

Conversa entre tia Marthe e Melina

Théo dormiu até o fim do dia. Marthe tentou fazer o mesmo, mas os pensamentos galopavam em sua cabeça. Esse gêmeo, afinal de contas! Se Théo começasse a vê-lo aparecer, a situação se tornaria crítica. Marthe

concluiu que devia avisar Melina. Decidida, puxou o fio do telefone e trancou-se no banheiro. Desta vez, ia abordar o fundo das coisas.

— É Marthe — começou ela. — Não … não se incomode, está dormindo. Como? Todas as tardes, ora bolas! Sim, mas preciso te dizer uma coisa importante. Você precisa ouvir com a maior atenção. Melina, juro que não se trata da doença dele. Sobre o quê?

Ela afastou o fone e refletiu.

— Melina? Juro sobre a cabeça de Théo: serve? Bom, então escute. Théo continua falando do gêmeo. Por favor, querida, não berre … não vá imaginar que eu contei! Como ele sabe? Ele não sabe de nada, é esse o problema!

Melina soluçava com tanta força que Marthe afastou o fone.

— Minha querida, por favor — suplicou. — Em certas condições, Théo ouve seu irmão gêmeo falar … Sim, é ele que o chama assim. Seu gêmeo do mundo subterrâneo. Eu também fiquei espantada … Em que condições? Bem, um ambiente calmo, às vezes o som de um sino, ou música … Não, não tenho explicação. Mas hoje ele o viu. Isso mesmo, você ouviu direito: ele viu, vê! Não, não na realidade. No palco de um teatro. Oh, uma história da mãe em busca do filho morto. Por quê? Ora, porque é um lindo nô! Impedi-lo? Théo não tem mais dez anos! Melina, por favor …

Irritada, Marthe suspirou mantendo o aparelho à distância.

— Quer fazer o favor de se acalmar? — rugiu. — Não terminei … Visivelmente, o gêmeo o deixa feliz. Ele dorme melhor. Em sonho? Não. Como uma voz interior. Claro, essencial. Espere … tenho certeza de que ele vai falar com você sobre isso. Eu queria te avisar. Procure não chorar, ele ficaria perturbado. É isso. Você entendeu. Contar-lhe a verdade? Ah, isso eu não sei, querida. Fale com Jérôme … Eu? De jeito nenhum. Se ele adivinhar sozinho. Então é diferente. Isso, me telefone. Um beijo para você também.

Aliviada, tia Marthe deixou-se arriar na borda da banheira. Pela primeira vez Melina aceitara ouvi-la.

— Com um pouco de sorte, ela acabará soltando seu segredo …

— Quem? — perguntou Théo entreabrindo a porta. — Que segredo?

— Você! — fez ela, embaraçada. — Está acordado! Eu … bem, eu conversava com a mãe de Ashiko.

— Você a conhece?

— Vagamente — ela mentiu.

— Você gostaria que Ashiko conhecesse sua mãe verdadeira?

— Seria melhor. Os segredos de família sempre causam estragos. A gente os arrasta com vergonha anos a fio e, quando rebentam, ferem como um obus …

— Ainda bem que na nossa não há nenhum! — disse Théo.

— Tem tanta certeza assim, rapaz? — replicou ela imprudentemente.

— Acho que sim … — resmungou Théo, desconcertado. — Ou então … não, devo estar enganado.

— Em que você pensou? — perguntou a tia, inquieta.

— No meu gêmeo — respondeu o rapaz de um só fôlego. — Eu me pergunto de onde ele saiu. Preciso falar com mamãe.

— A gente vê isso depois — disse ela com firmeza. — Prepare-se para o jantar. Temos que dormir cedo: vamos pegar o trem para Kyoto.

— Com Ashiko?

— Mais que nunca. É a cidade dela.

Sacerdotisas e xamãs

O trem de alta velocidade, o célebre Shinkansen, ia tão rápido que através das janelas as casas pareciam arrepiar-se. E como uma chuva fina escorria

nos vidros das janelas, as árvores saíam de foco. Ashiko explicou a Théo a importância da chuva no Japão, mas ele não escutou. Com a testa colada no vidro, olhava as cidades infinitas e as montanhas cinzentas.

— Quando vamos ver as cerejeiras? — perguntou.

— Não vai ser já — respondeu Ashiko. — Claro, em Kyoto temos cerejeiras lindíssimas. Mas você vai vê-las principalmente na beira do lago, perto de Hakone.

— E o que vamos fazer em Kyoto?

— Entender o caminho do chá — afirmou a moça.

— E o que o chá tem de especial?

— E isso, e aquilo, que cansativo você está! — cortou tia Marthe. — Que bicho te mordeu?

— Não gosto de chuva — reclamou o rapaz.

— No Japão, não tem jeito, chove — rebateu tia Marthe.

— Não vai demorar — disse Ashiko. — Em Kyoto, faz sempre bom tempo. E você vai ficar encantado! Porque em Hakone a senhora Mac Larey reservou uma casa japonesa, um desses albergues que chamamos de *ryô-kan* …

— Com paredes de papel e tatames?

— E grandes bacias para tomar banho nu com os outros clientes — acrescentou tia Marthe.

— Oh! — fez Théo intimidado. — Com Ashiko também?

— Não sonhe tanto! — respondeu tia Marthe. — Pelado com os homens num banho de vapor.

— Não acho graça — retrucou Théo. — Por que sempre separar os homens das mulheres?

— Os homens é que decidem a esse respeito — falou tia Marthe.

— Aparentemente, para eles as mulheres são perigosas. Pense em Kâli … é a imagem da mulher para os bengalis: escorrendo sangue, armada da cabeça aos pés, e no entanto eles a adoram!

— Aqui não é melhor — emendou Ashiko. — A mulher se transforma em fantasma, vaga pelos caminhos para assassinar os passantes, é uma raposa que assume a forma de uma linda mulher para cortar o pescoço de seus maridos … E pensar que nas origens tínhamos sacerdotisas!

— Verdade? — disse Théo interessado. — Mulheres sacerdotes?

— No culto xintoísta, somente as mulheres tinham o direito de ser habitadas pelo espírito das divindades — continuou a moça. — Elas eram magas, exprimiam-se através dos transes de possessão, falavam em nome dos *kami* …

— Transes de possessão? — fez Théo. — Eram feiticeiras então?

— Você fala de feiticeiras por causa da palavra *possessão*, como no filme *O exorcista*, não é? — interveio tia Marthe.

— É, com umas coisas verdes que saem da boca e vozes de além-túmulo. Todas as religiões antigas conheciam o papel profético das mulheres: aliás, você não esteve em Delfos? Esqueceu quem celebrava o culto lá?

— A Pítia! — exclamou Théo. — Uma louca num caldeirão!

— Louca é forçar a barra! — replicou tia Marthe. — Por muito tempo pensaram que a Pítia era drogada pela fumaça das folhas de louro … mas não se tem certeza. O que é certo, em contrapartida, é que a Pítia falava em nome do deus. Uma profetiza, a mais importante da Antiguidade grega!

— E houve outras? — indagou Théo, surpreso.

— Na África, ainda existem — respondeu tia Marthe. — Na Índia, são chamadas "Mães" e aqui, no Japão, o xintoísmo era celebrado por mulheres xamãs …

— Xamãs? — disse Ashiko. — Esse termo eu não conheço.

— Eu conheço! — interveio Théo. — São as feiticeiras da América.

— Nada disso! — exclamou tia Marthe. — A teoria do xamanismo nasceu da observação dos iacutos …

— Dos o quê? — exclamaram em coro Ashiko e Théo.

Os iacutos eram um povo da Sibéria oriental, onde os feiticeiros, a quem chamavam "xamãs", tinham um status estranho. No povo iacuto, as pessoas eram predispostas ao xamanismo se tinham uma ligeira anomalia: se fossem vesgas, capengassem ou simplesmente tivessem um temperamento sonhador. Entre os romanos, os epilépticos eram considerados inspirados, porque sua crise viria de um deus: para consolidar seu poder, o grande César talvez tenha se servido de suas crises …

— Heureca! — exclamou Théo. — No filme, Elizabeth Taylor mete-lhe um pedaço de pau na boca para evitar que ele corte a língua …

É, mas em *Cleópatra*, não se explicava nada sobre essa doença divina que, na Europa, durante séculos, foi chamada de "alto mal" com um temor sagrado. Os epilépticos podiam se tornar xamãs. Bastava um desfalecimento ou um sonho … Depois, para consumar seu destino, o futuro xamã tomava bebidas feitas de ervas que o faziam viajar: ele descia ao Inferno, onde as forças ocultas despedaçavam seu esqueleto e trocavam seus ossos um a um. O xamã voltava de sua distante viagem com um esqueleto de ferro e poderes sobrenaturais. Então, com danças rituais aterradoras em que se apresentavam imagens dos espíritos subterrâneos, ele podia predizer o futuro e curar os doentes cuspindo pela boca o mal pernicioso na forma de uma substância que, mal era expelida, não afetava mais o corpo do paciente.

— Não mesmo? — fez Théo. — E funciona?

Perfeitamente. Os pacientes se curavam, a tal ponto era forte a fé. O xamanismo dos iacutos não era um caso único, e os etnólogos se acostumaram a chamar de "xamã" aquele ou aquela que efetuava a longa

viagem ao Inferno sob o efeito de substâncias misteriosas. A Pítia era xamã, as sacerdotisas xintoístas também.

— Mas a senhora dizia que no Japão apenas as mulheres são xamãs — observou Ashiko.

Homem ou mulher, não tinha importância. Porque nas regiões obscuras não existiam nem bem nem mal, nem homem nem mulher. O xamã retornava transfigurado: qualquer que seja seu sexo, ele ou ela não eram mais nem homem nem mulher. É por isso que os xamãs homens podiam se expressar com vozes femininas, ao passo que as xamãs sabiam falar com vozes de baixo, semelhantes à de um deus como Apolo. O xamanismo passava pela transmutação dos sexos, porque os xamãs não pertenciam mais inteiramente à humanidade. Graças à viagem, tinham se tornado seres sobrenaturais, intermediários entre o homem e o deus. Donde o poder de fazer aparecer espíritos ou de levar os doentes, em danças furiosas, a uma curta viagem no mundo subterrâneo.

— A propósito — interveio Théo. — A sheikha de Luxor não seria uma xamã?

— O que você acha? — perguntou tia Marthe.

— Vamos ver — o garoto refletiu. — Sim, acho que sim. Havia fumaça, dança, um mundo subterrâneo, meu gêmeo … mas ela me chamou de "noiva"! Então eu também seria um xamã?

— Por que não? — ela respondeu. — Afinal de contas, você está fazendo uma senhora viagem, rapaz …

— E eu? — interveio Ashiko. — Será que realizando o rito …

— Psiu! — cortou tia Marthe. — Não estrague a surpresa!

Théo olhou fixamente para a moça, que baixou os olhos enrubescendo. Nada era tão bonito quanto o rosado das faces da srta. Ashiko quando ela dissimulava seus pensamentos.

O hotel de Kyoto ainda não era a casa tradicional com os tatames: era o Mikayo, rodeado de gramados com chorões melancólicos e grandes pinheiros. Mas, num lado, uma árvore lançava seus buquês nevosos para o céu.

— Nunca vi nada tão lindo! — exclamou Théo.

— Uma cerejeira … — esclareceu tia Marthe.

— Esta árvore gigante, uma cerejeira? — surpreendeu-se Théo. — Na França são muito menores.

— Eu avisei, mas você não queria acreditar — suspirou tia Marthe. — O esplendor das árvores do Japão …

— É verdade — admitiu Théo. — Vou tirar uma foto para mamãe.

De um gesto, regulou sua máquina: clique! A árvore imaculada estava fixada para sempre.

— Não, por favor … — soprou a srta. Ashiko. — Seria melhor …

— Pronto! — exclamou Théo satisfeito, brandindo a câmera.

— Desta vez, enquadrei direito. Eu te mando uma cópia, Ashiko.

— Obrigada, Théo — agradeceu com uma vozinha. — A fotografia é uma coisa ótima, mas …

— Não ficou contente? — espantou-se o rapaz.

— Claro que sim! — exclamou ela com um sorriso tenso. — Estou muito emocionada. Mas …

— Eu te magoei, Ashiko? — disse ele pegando-a pela nuca. — Explique por que, por favor.

— Nós, japoneses, respeitamos a queda das flores de cerejeira — murmurou ela precipitadamente.

— É mesmo? — tornou Théo surpreso. — Não vejo onde está o problema.

— Não há problema nenhum — disse Ashiko abaixando a cabeça. — Talvez você pudesse simplesmente olhar as flores que se vão …

Dócil, Théo obedeceu sem pestanejar. Um leve vento dispersava as rosáceas desabrochadas, cujas pétalas brancas volteavam lentamente no céu.

— Pronto — falou Théo sem convicção. — E agora?

— Como nos dias de nossa vida vai-se a flor da cerejeira — murmurou Ashiko. — É um momento efêmero, maravilhoso. Você não sente a presença do divino? A flor desabrocha, resplandece de brancura, no instante seguinte não existe mais. Pétala após pétala, ela morre, o vento a expulsa, como nós …

Estupefato, Théo fitou sua amiga, cujos olhos alargados pareciam fixar o infinito. Suavemente, deu um beijo em seu rosto.

— A flor de cerejeira é você, Ashiko — disse ele em voz baixa. — Por que você fala em morrer? É triste!

— É preciso amar o presente — respondeu ela num sopro. — Fotografá-lo é traí-lo um pouco. Concentre-se na maravilha da flor, Théo …

— Se estou dizendo que a flor é você! — irritou-se o rapaz.

— Chega, Théo! — interveio tia Marthe. — Ashiko está tentando te dizer uma coisa importante … aqui a beleza está no que se vai. Nada dura …

— Certo — resmungou Théo soltando Ashiko. — Em outras palavras, pedem-me para compreender que vamos envelhecer. Você, Ashiko, terá rugas como tia Marthe, e eu andarei com uma bengala …

— Que horror você é! — retorquiu tia Marthe, percebendo lágrimas nos olhos de Ashiko. — Você a fez chorar.

— Eu? — espantou-se Théo. — Está chorando de verdade, Ashiko? Espere … vou contemplá-las. Só enxergo as pétalas. Parecem borboletas brancas. Melhorou?

— Muito bem — disse Ashiko enxugando as lágrimas. — As cerejeiras são muito importantes para nós.

— Da próxima vez, fecho a boca — reclamou Théo.

— Você não é capaz! — rebateu tia Marthe, taxativa.

— É sim! — afirmou vivamente Ashiko.

— Ah! Está vendo? — triunfou Théo. — Ela, pelo menos, me conhece!

— Nem um pouco — replicou tia Marthe. — Como digna filha do Japão, ela honra seu convidado. Por falar nisso, para que horas temos marcada a cerimônia?

— A senhora Aseki nos espera daqui a duas horas — respondeu Ashiko.

— Só duas horas! — exclamou tia Marthe. — Tirar as coisas das malas, tomar um banho, trocar de roupa … Depressa, crianças!

As quatro virtudes do chá

Assim que o *groom* fechou a porta, tia Marthe tomou banho, vestiu seu horrível quimono azul e obrigou Théo a enfiar sua melhor calça, o jeans preto, com um blazer azul-marinho que ela tirou da sacola.

— Este horror! — exclamou Théo. — Ah, não!

— Não discuta, por favor — disse ela num tom que não admitia réplica. — Para a cerimônia do chá, é preciso vestir-se corretamente.

— Vou parecer mico de circo … — gemeu.

— Um verdadeiro Hanuman — concluiu a tia beijando-o. — Vamos descer, Ashiko nos espera.

Ela também trajava um quimono. Mas, ao contrário do de tia Marthe, cujas gordurinhas as aves absurdas só acentuavam, o quimono bordô da srta. Ashiko a tornava ainda mais esbelta. Seus cabelos compridos e negros, presos por uma fita de seda vermelha, e seu rosto maquiado de branco lhe

conferiam o aspecto misterioso de uma divindade da juventude. Théo fez uma reverência para ela.

— Não ousarei mais vos tocar na nuca, senhorita — disse baixinho.

— Não deveríeis hesitar, senhor — respondeu ela com graça. — Mas creio que deveis aprender vossa lição do chá.

Para começar, ele teria de ficar absolutamente silencioso. Depois, imitar o que Ashiko faria, tintim por tintim. Enfim, e era o mais difícil, mesmo se lhe doessem as articulações, teria de permanecer sentado sobre os calcanhares até o fim.

— Quanto tempo? — perguntou Théo.

— Duas horinhas — respondeu Ashiko.

— Duas horas para tomar chá! — exclamou o rapaz. — Como é que pode?

Aí residia o grande mistério da cerimônia do chá. O mestre do chá recebia os convidados, depois, enquanto a água esquentava na chaleira, limpava a tigela e colocava nela o pó, antes de levar o chá à infusão.

— Faço a mesma coisa em dez minutos — comentou Théo.

— Quantos para limpar a tigela? — perguntou tia Marthe.

— Sei lá — respondeu o rapaz desconcertado. — Uns dez segundos …

— O mestre do chá precisa de pelo menos vinte minutos — observou ela.

— Ele faz tudo em marcha lenta? — espantou-se Théo.

Era mais ou menos isso. O primeiro a se expressar claramente sobre a arte de preparar o chá foi o grande mestre Sen Rikyu, que viveu no século XVI. "O chá", dizia ele simplesmente, "não passa disso: esquentar a água, preparar o chá e tomá-lo convenientemente."

— Estamos de acordo — disse Théo entre dentes. — Nada de extraordinário.

No entanto, mestre Rikyu pagou o chá com sua vida … Ele estava a serviço do governador, o xogum Hideyoshi, que lhe dava sua proteção e o respeito devido aos grandes mestres do chá. O que aconteceu exatamente? Ninguém sabe. Em todo caso, mestre Rikyu desagradou ao seu senhor e, em sua fúria, o xogum brandiu sua espada de guerreiro, mas recobrou o controle e desterrou o servidor caído em desgraça. O mestre do chá foi para o exílio. Depois recebeu ordem de se suicidar … Ora, no momento preciso em que o xogum se declarava pronto para lhe conceder perdão, mestre Rikyu abriu tranquilamente o ventre, afirmando que a morte seria o maior presente que seu senhor podia lhe dar.

— Suicidar-se por uma xícara de chá! — exclamou Théo. — Que idiotice!

Os mestres do chá dependiam quase inteiramente dos senhores que os empregavam. Ora eram reverenciados, ora rejeitados … custavam caro. Mestre Rikyu era, sem sombra de dúvida, o maior dos artistas em matéria de chá, e esse simples fato o tornava vulnerável. Havia duas maneiras de compreender sua decisão: ou ele obedeceu ao código de honra dos guerreiros, ou, o que é mais verossímil, considerou o *seppuku* como a consumação de uma longa vida de meditação, cujo único objeto era o sentido divino do chá, ao qual sacrificava sua vida, com a alma em paz. Porque, sublinhou Ashiko, a cerimônia do chá fazia parte de uma religião singular, que certos filósofos japoneses contemporâneos chamavam "chaísmo".

— Decididamente, faz-se religião com tudo — comentou Théo.

Chocada, Ashiko lamentou que uma pessoa de espírito esclarecido pudesse enganar-se quanto à arte do chá. Claro, bastava esquentar a água e tomá-lo convenientemente. Mas somente um longo aprendizado permitia alcançar a perfeição. A cerimônia do chá requeria quatro virtudes: harmonia, respeito, pureza e serenidade. Cada uma dessas virtudes possuía,

ao mesmo tempo, um sentido material e imaterial. A harmonia residia na arte do ambiente da sala de chá, mas também na relação entre os participantes da cerimônia. O respeito não se dirigia apenas aos convidados, mas a cada um dos objetos da cerimônia: a tigela, a concha, a espátula de madeira. A pureza concernia ao aspecto dos instrumentos, perfeitamente limpos, mas sobretudo à pureza do coração, à simplicidade do espírito. Enfim, a serenidade era a resultante das três primeiras virtudes: quando você a alcançava, esquecia-se de si e atingia o vazio.

— Se há vazio, é um treco zen — disse Théo. — Mas por que levar duas horas?

Duas horas para um convidado, dez anos para se aproximar de longe do espírito do chá, toda a vida para a perfeição … Praticando com assiduidade, você descobria suas lacunas: um corpo pesado, dedos inábeis, mãos desajeitadas, os objetos que escapam, a tigela que vira …

— Como eu outro dia — murmurou Théo. — Aliás, por que a tigela? É uma só?

Claro, pois a cerimônia se baseava na harmonia dos corações. A tigela passava de mão em mão, para compartilhar o chá.

— Está vendo, rapaz — interveio tia Marthe, — estamos diante do segredo das religiões: compartilhar. Assim, compartilham-se o pão e o vinho na missa; assim, na sua Páscoa os judeus compartilham o cordeiro e as ervas amargas, e no Ramadã os muçulmanos compartilham a refeição da noite, ao fim de um dia de jejum. Beber ou comer possui uma ligação com o sagrado.

— No meu caso, é quando mamãe me traz o chá na cama — disse Théo.

19

A melancolia das cerejeiras

A lição da sra. Aseki

Chegou enfim a hora de irem ter com a sra. Aseki. Com a noite, o frio caíra sobre Kyoto. Théo se agasalhou com sua parka e se perguntou quando iriam jantar. Ashiko parou o táxi diante de um passeio escuro em que luziam lanternas foscas. O caminho calçado de madeira percorria um jardim varrido com cuidado, em que apenas algumas pétalas sobre a grama assinalavam a presença de uma cerejeira. Aninhado no fundo do jardim, o pavilhão de madeira parecia uma casa de bonecas. Na antecâmara, Ashiko desfez-se de seu casaco e os dois a imitaram. Depois purificaram as mãos e a boca pegando a água com uma concha leve de bambu. Por fim, convinha aquecer-se alguns instantes. Tia Marthe sentou-se num tamborete de madeira relaxando as pernas com um suspiro de alívio, Théo ficou olhando para as pontas das meias e Ashiko fechou os olhos.

— Bom — fez Théo a cabo de um minuto. — Vamos

— Sossegue — murmurou tia Marthe. — Ashiko é quem decide.

Levemente entorpecido, Théo começava a se abandonar quando Ashiko se levantou e se aproximou de uma porta baixa. Tão baixa que era necessário se curvar para entrar.

— Cuidado, Théo, abaixe-se … — ela soprou.

— Ai! — gritou ele batendo a cabeça. — Que ideia!

— É a porta da Humildade … Eu te avisei!

A sala de chá compreendia quatro tatames mais um pequeno espaço. No fundo, pendurado na parede, um painel de rolo representava uma garça de bico comprido e, numa mesa preta, repousava um lírio apenas desabrochado. Ashiko pegou Théo pela mão para fazê-lo admirar a estante com um pote de água fria de porcelana embaixo e, em cima, uma caixa de laca vermelha na qual se encontrava o precioso pó de chá verde.

— Posso olhar? — perguntou Théo.

— Não deveria, mas … — respondeu Ashiko, que levantou a tampa com precaução.

Espesso, o pó era de um verde brilhante, como o esmalte, parecendo mesmo a tinta que se usa nas venezianas. Théo enfiou o indicador no pote e provou. O pó era amargo.

— Sabe que está cometendo uma falta de cortesia, Théo? — observou Ashiko. — Somente o mestre tem o poder de dispor do chá …

— Gosto de experimentar — afirmou Théo atrevido.

— Psiu … venha escutar a chaleira de ferro. A senhora Aseki pôs dentro dela seixos polidos para a água cantar, está ouvindo?

— E onde está a senhora Aseki? — ele indagou intrigado.

— Ali — respondeu Ashiko, apontando para uma divisória de correr. — Pode estar certo de que ela não perde um só dos seus movimentos.

Como por encanto, a divisória se abriu e a mestra do chá apareceu, inclinando-se profundamente, com as mãos nos joelhos. A sra. Aseki sorriu,

e mil rugas preguearam-se em torno de seus olhos benevolentes. Depois, com uma lentidão calculada, o corpo ereto, pôs-se de joelhos. Seus convidados a imitaram. Num perfeito silêncio, a cerimônia começava.

Desdobrar um pano, mergulhá-lo na água fria, limpar a tigela e dobrar de novo o pano molhado pegando-o pelo meio. Enxugar a tigela com outro pano de seda preta, dobrá-lo de novo, girar a grande tigela de cerâmica castanho-avermelhada para mostrar seus reflexos. Abrir devagar a caixa de laca vermelha, pegar a espátula de madeira, leve como uma pluma, e depositar o pó verde no fundo da tigela. Levantar a tampa da chaleira, pousá-la sem barulho num apoio de porcelana. Tirar água fervendo da chaleira de ferro e derramá-la sobre o pó, delicadamente. Pegar o batedor de bambu, de tiras finamente esculpidas, e bater o pó molhado … Uma espuma apareceu no topo da tigela. O chá estava pronto.

Precisos, leves como as asas de um passarinho voando, os gestos da sra. Aseki tinham se encadeado com tamanha naturalidade que não dava mais para imaginar o chá preparado de outra forma. Tia Marthe lançou um olhar furtivo para o relógio: trinta minutos haviam passado como um sonho, trinta minutos durante os quais Théo não disse uma palavra. Imóvel, as mãos nos joelhos, o rapaz parecia fascinado. Tia Marthe mudou de posição e seus joelhos estalaram dolorosamente. Então a sra. Aseki colocou a tigela sobre um guardanapo branco. Tia Marthe molhou prudentemente seus lábios e passou a tigela para Théo.

Ele mergulhou o nariz no chá com tamanha gula que fez uma careta, por causa do amargor. Bebeu tão depressa que a espuma esverdeou-lhe o queixo … Ashiko não pôde conter o riso. Théo fulminou-a com o olhar e passou-lhe a tigela. Ashiko girou-a, admirou a beleza da espuma e degustou-a em silêncio. A primeira parte estava terminada.

Servido em tigelas individuais, o segundo chá continha uma bebida cuja espuma havia se disseminado na água. O gosto mudara a ponto de um estranho sabor açucarado invadir o palato. Encantado, Théo estendeu a mão para pedir mais, e a sra. Aseki consentiu em servi-lo. Depois, serviu a cada um uma miniatura de refeição numa bandeja laqueada de preto: nove cenouras em forma de flor, três ovos cozidos decorados com flores de nabo cru, um camarão enrolado. Seguiram-se uma tigela vermelha em que fumegava uma sopa, depois um prato dourado trazendo canapés de ova de peixe sobre um leque branco, enfim três doces brancos, tudo isso acompanhado de uma estranha garrafa em forma de samurai cheia de saquê. Veio então a hora de conversar, e a sra. Aseki interrogou Théo.

Ele tinha apreciado aquele momento?

— Muitíssimo, senhora Aseki — murmurou Théo. — Os gestos da senhora eram muito harmoniosos. Principalmente quando estendeu a mão para pegar a concha de madeira.

Tinha ficado satisfeito com o gosto do chá?

— E como! — respondeu o rapaz. — Não conhecia o gosto do pó de chá, mas é bem vivo. Até parece que a gente está bebendo a floresta …

Compreendeu o sentido da cerimônia?

— Se é o que penso, nela encontramos a paz — respondeu imediatamente. — Pelo menos, foi o meu caso. Será que entendi direito?

A sra. Aseki gratificou-o com um sorriso simpático: o rapaz era digno do caminho do chá. A sra. Aseki agradeceu a Ashiko por ter lhe levado um convidado tão dotado; Ashiko abaixou os olhos modestamente. Tia Marthe ouvira Théo com estupor: o impertinente dobrara-se ao rito … As palavras vieram-lhe à boca como se durante toda a eternidade ele houvesse sido destinado a ser discípulo de um mestre do chá! E ela, que sentia tanta dor nos joelhos! Não estava certo …

— Esse menino possui o espírito do chá — emendava a sra. Aseki. — Para um menino ocidental, é extremamente raro. A senhora não gostaria de deixá-lo comigo um tempo, senhora Mac Larey? Ele poderia se aperfeiçoar …

— É que … — balbuciou tia Marthe, confusa.

— Minha tia hesita em dizer à senhora que estou doente — falou o rapaz tranquilamente. — Mas, quando eu estiver curado, voltarei com prazer para ter lições com a senhora.

— Ele tirou as palavras da minha boca — disse tia Marthe. — Já não estaria na hora de …

— … Como lembrança deste momento de felicidade que compartilhamos — cortou vivamente a sra. Aseki, — permitam-me oferecer a ele este leque.

E tirou da manga um leque fechado, que estendeu a Théo, inclinando o corpo. Ele cumprimentou, pegou o leque, abriu-o …

— Ah, não … — murmurou. — Uma mensagem!

— Sem dúvida — disse a sra. Aseki. — Mas, para encontrar a solução, o espírito do chá não o abandonará. Não se desencante … porque se você não houvesse aderido a nossos ritos, eu não poderia ter lhe entregado nem o leque, nem a mensagem. Pode lê-la, se quiser …

Debaixo do martelo, ceifado pelo instrumento do tempo, sobrevivo sob meu nome, duas iniciais dele na vila em que te espero.

— Não estou com vontade de pensar agora — disse Théo dobrando o leque. — Acho que não seria capaz.

— Perfeito — respondeu a sra. Aseki. — O caminho do chá prevalece sobre a ilusão do pensamento. Não é verdade, Ashiko?

— Sim, senhora — concordou Ashiko. — Da primeira vez que a senhora me autorizou a preparar o chá, eu não havia compreendido. Queria

controlar meus gestos, e minhas mãos tremiam tanto que derramei o pó no tatame …

— Porque é necessário esquecer-se de si mesmo — afirmou gravemente a sra. Aseki. — O melhor chá se prepara com o coração.

— O que a senhora tem de sobra — interveio tia Marthe. — Eu lhe sou muitíssimo grata por ter aceito se prestar a esta iniciação.

— É meu ofício — suspirou a sra. Aseki. — Hoje em dia, os mestres do chá são obrigados a cobrar pela cerimônia. Mas eu optei por viver o caminho do chá. E fico feliz por ter trazido um pouco de paz nesta noite.

As duas horas tinham passado: deviam despedir-se. A sra. Aseki se inclinou até o chão antes de se retirar para trás da porta de correr. Os convidados se foram num profundo silêncio.

— Francamente, Théo, você me deixa boba! — começou tia Marthe trotando sobre as peças de madeira que calçavam o caminho. — Como fez para penetrar nesse mundo tão distante de você?

— Calando-me — suspirou Théo. — E gostaria de continuar calado mais um pouco, por favor.

A surpresa de tia Marthe

De acordo com tia Marthe, o dia seguinte seria um grande dia: assistiriam a um rito xintoísta no meio de um jardim. Claro, não deviam esperar a pureza das origens, porque a espetacular reconstrução atraía os turistas por seu esplendor. No entanto, o rito era surpreendente.

— Sur-pre-en-dente — ela insistiu. — Vamos, depressa!

— Sempre correndo … Quando é que você vai aprender a lentidão?

— Decididamente, mudaram você no meio do caminho.

— Foi Ashiko — murmurou o rapaz. — Ou o chá. Dá no mesmo. Ela vai?

— Garanto que sim — respondeu tia Marthe rindo às escondidas.

Mas a pontual Ashiko não apareceu. Diante de um majestoso pórtico vermelho, uma fileira de sacerdotes já havia tomado seu lugar. Suas túnicas, combinando com o pórtico, se estendiam longamente atrás deles. Perfeitamente imóveis, cones pretos na cabeça, pareciam estátuas.

— Estão esperando o quê? — perguntou Théo.

— As sacerdotisas — soprou tia Marthe.

Elas chegaram de saia vermelha, envoltas em sobrepelizes brancas, os cabelos negros presos nas costas. Ao som de estranhas flautas e tambores profundos, elas se alinharam e dançaram com lentidão. Então, vinda do fundo, entrou a última sacerdotisa. Sua indumentária era tão pesada que ela avançava a passos miúdos: um quimono rosa velho sobre outro bordado de ouro, dissimulando outro quimono de que só se via a parte de baixo, brocados, sedas, fitas … Enfim, um véu branco flutuava sobre seus calcanhares.

— Quantos quimonos ela está usando? — quis saber Théo.

— Doze — respondeu tia Marthe. — E todos eles antigos.

Olhe só o penteado dela. Está vendo aqueles laços curiosos que descem até os joelhos?

— O problema é que com essa joça toda, a gente não vê o rosto dela — comentou Théo.

A imponente sacerdotisa de doze quimonos tinha parado de caminhar. Com um ar modesto, endireitou o gracioso pescoço … E Théo, perdendo a respiração, reconheceu Ashiko.

— Estou sonhando! — exclamou.

— Eu não disse que você ia ficar surpreso? — retrucou tia Marthe com malícia.

— Quer dizer que Ashiko é sacerdotisa!

— Por assim dizer. Na verdade, como muitas estudantes, ela ganha um dinheirinho participando dessas cerimônias, só isso. Mas você sabe como ela é: tudo o que faz leva muito a sério. Posso apostar que ela acredita nesta cerimônia de todo o coração …

— Não vou ter mais coragem de falar com ela — murmurou Théo. — Já de quimono ela me impressionava, com doze, então!

Quando o ritual acabou, Ashiko saiu recuando, os ombros vergados sob o peso de seus quimonos. Alguns instantes mais tarde reapareceu de minissaia e camiseta, os cabelos presos numa trança.

— Ufa! — fez, sacudindo a cabeça. — Que peso! Achei que ia cair, desta vez …

— Você faz isso com frequência?

— Uma ou duas vezes por ano — respondeu. — Meu pai fica contente e eu também.

— Mesmo se você atua mais como atriz do que como sacerdotisa? — objetou tia Marthe. — Trata-se de um espetáculo …

— Oh! Isso eu sei perfeitamente! — rebateu a moça. — Não ignoro que o xintoísmo tornou-se religião oficial em 1868, simplesmente porque o soberano queria divinizar seu poder. Também sei que, por decreto, expulsou o budismo dos templos, proibiu assimilação dos *kami* aos Budas e baniu os sacerdotes católicos ao mesmo tempo.

— Está bem informada — notou tia Marthe. — Não lhe incomoda aderir a uma religião tão xenófoba que serve de suporte para um nacionalismo tão perigoso?

— Meu xintoísmo não é desse gênero, a senhora sabe muito bem. Essas roupas me lembram o fasto desta cidade quando era a capital do Japão. Ainda não se chamava Kyoto, mas Heian-Kyo, o que significa "capital da paz e da tranquilidade".

— Os quimonos que você estava vestindo datam dessa época, não é? — interveio tia Marthe.

— Verdadeiras peças de museu! — exclamou a moça. — É uma honra usá-los …

— Você parecia a própria deusa do Japão — afirmou Théo.

Ela caiu na gargalhada, sacudindo a trança. Depois seu olhar se tornou triste e ela baixou a cabeça.

— Por muito tempo, em lembrança desse mundo desaparecido, preferi viver nesta cidade — ela murmurou. — Mas acho que acabou.

— Como assim? — indignou-se tia Marthe.

— Não renego o culto da natureza, e aprecio a serenidade da cerimônia de ontem à noite — explicou a moça. — Mas as mulheres não são livres em meu país.

— Seu pai já estaria querendo casá-la, por acaso?

— Já fala nisso — ela suspirou.

— Você vai fazer o quê? — perguntou Théo segurando-lhe a mão.

— Vou-me embora. É por isso que estou aprendendo francês.

— E não vai ser mais sacerdotisa — concluiu Théo com um ar de tristeza. — Não vai mais usar quimono, não vai mais preparar o chá …

— Claro que sim! Por que não? — ela fez surpresa. — Não se acha chá verde em Paris? É lá que eu quero viver.

— Renegada — suspirou tia Marthe. — Não vai cortar o cabelo, não é?

— Não — ela respondeu. — O Japão não vai me abandonar inteiramente.

— Você nos acompanha até os templos de Ise? — perguntou tia Marthe.

— Claro — respondeu Ashiko. — Não vou abandonar Théo!

No carro

Os templos de Ise eram os maiores santuários xintoístas do Japão. Não ficavam muito longe de Kyoto, no máximo algumas horas de carro. No caminho, tia Marthe pressionou Théo a se preocupar com sua mensagem, que parecia ter esquecido completamente.

— Não estou a fim — resmungou o rapaz. — Olhe a natureza, é tão bonita …

— Escute aqui, Théo, sei que você ficou tatamizado num piscar de olhos, mas não vamos ficar aqui muito tempo mais — ela insistiu.

— Esta noite, na cama, prometo.

— Suas promessas, você sempre esquece. Eu disse já!

— A senhora Mac Larey tem razão — interveio Ashiko. — Se quiser, posso te ajudar …

— *Debaixo do martelo, ceifado pelo instrumento do tempo, sobrevivo sob meu nome, duas iniciais dele em vila* — repetiu Théo, decifrando a mensagem amarrotada. — Em que cidade existe um martelo?

— E uma foice — acrescentou Ashiko. — O instrumento do tempo.

— Um relógio? — perguntou-se Théo. — Vi isso em campanários da Idade Média. Um esqueleto sai com uma foice e bate …

— Mas não com um martelo — observou tia Marthe. — E esse personagem diz que ele próprio foi ceifado.

— Quer dizer que morreu — deduziu Ashiko. — Nesse caso, como sobreviveria?

— Ah! Eis a questão! — exclamou tia Marthe. — Não pensem que vão encontrar facilmente a resposta!

— Duas letras da vila — murmurou Théo. — Não será Mao? Não, são três. Quem então?

— Debaixo de um martelo — refletiu Ashiko. — Em que religião há um martelo? No Japão não é …

— É só telefonar para Fatou, Théo — sugeriu tia Marthe.

— Quem é Fatou? — perguntou Ashiko.

— Uma colega do colégio — respondeu Théo corando. — Quando não descubro, tenho o direito de lhe telefonar para que ela me dê uma dica.

— Fale pelo seu celular — insistiu tia Marthe. — Paramos o carro e pronto!

— Não — retrucou Théo embaraçado. — Aliás, a estas horas ela está dormindo.

— Escute aqui, quando estávamos na Índia você não se incomodou nem um pouco com acordar a sua namorada! — exclamou tia Marthe.

— Namorada? — murmurou Ashiko.

— Que namorada o quê — grunhiu Théo. — Minha tia está delirando. Basta eu falar com uma garota para ela imaginar sei lá o quê!

Simulando estar emburrada, Marthe afundou-se no assento do carro e espiou os jovens com o rabo do olho. Talvez estivesse delirando, mas aqueles dois estavam se apaixonando. Fingiu dormir e os viu de mãos dadas. Coitada da Fatou!

O véu de Amaterasu

Estavam quase se acariciando, quando o carro se aproximou de Yamada, onde ficavam os templos de Ise. Tia Marthe pediu rispidamente a Ashiko para dar as explicações necessárias.

— Desde 690 — começou Ashiko, — como eu já disse, estes santuários têm sido destruídos e reconstruídos a cada vinte anos. Essa tradição se chama *sengu*: originariamente, destinava-se a purificar o lugar de suas máculas para melhor regenerar o mundo, notadamente quando o soberano falecia. A última vez que foram reconstruídos foi em 1993, o sexagésimo

primeiro *sengu*. Mas parece que o custo é tão gigantesco que não vão mais fazê-lo.

— Eu sei que vocês estão com a cabeça em outro livro, mas gostaria que não recitasse como um guia — ranzinzou tia Marthe.

— Desculpe, senhora Mac Larey — corou Ashiko. — Não sei o que dizer.

— Que é proibido levantar o véu do santuário — tornou a tia. — Que o visconde Mori, em 1889, ousou levantá-lo com a ponta da bengala e seis meses mais tarde foi assassinado por um mestre-escola fanático. O assassino morreu, mas o Japão respeita sua memória. E, principalmente, você poderia dizer que o santuário de Ise é o da deusa Amaterasu …

— Somente o imperador tem direito de entrar — acrescentou vivamente Ashiko. — Preste atenção, Théo. Não tente fotografar! Os guardas te prenderiam.

— E o que tem lá dentro? — perguntou Théo.

— Dois símbolos — respondeu tia Marthe. — O espelho da deusa, que Uzume lhe ofereceu quando ela saiu da gruta, e a espada sagrada de seu irmão, Susanoo. Os emblemas da vida eterna, no Japão.

— Você os viu?

— Não, li a esse respeito — respondeu tia Marthe. — Você não vai ver nada além de imensas construções de madeira, novinhas, lindas e simples. Mas vai poder jogar moedas debaixo do véu, e até uma mensagem, se quiser.

— E se eu pusesse minha mensagem lá? — sugeriu Théo. A deusa poderia me ajudar … Ela responde?

— Vamos ver — disse tia Marthe.

Além de uma ponte erguia-se um primeiro pórtico, ladeado por uma canforeira-do-japão de seis metros de altura, gigantesca. Não longe de lá encontrava-se o recinto do santuário principal, de madeira bruta encimada por um teto de palha, apenas mais alto que a grande canforeira. Acima das

paliçadas apontavam os tetos de duas águas e as pontas do canto da empena lançadas para o céu. Um tanque esperava os peregrinos.

— Primeiro é preciso purificar-se — disse Ashiko. — Lavam-se as mãos e a boca. Pegue a concha de bambu, mas não abra os lábios, a água é cheia de terra …

Com um vago nojo, Théo fez suas abluções e enxugou-se com o verso da manga.

— Agora tire o casaco — murmurou Ashiko, tirando o dela. — É o costume. Vamos saudar a deusa sem levantar o véu que a separa dos humanos.

Nos degraus do templo, os peregrinos de joelhos tocavam a pedra com a testa. Ashiko se aproximou e se prostrou, por sua vez. Imóveis, tia Marthe e Théo viam o véu misterioso tremer. Depois a moça levantou-se e voltou para junto deles.

— Pronto. Não há nada mais. O xintoísmo é uma religião sem livro e sem estátua, sem imagem e sem texto.

— Parece uma cabana grande — disse Théo. — No fundo, é melhor.

— Melhor que o quê? — quis saber tia Marthe.

— Melhor que um trambolho cheio de troços e bagulhos — respondeu ele. — Em Jerusalém também havia um véu para dissimular o vazio.

— Vamos ao outro santuário — propôs tia Marthe.

Seis quilômetros separavam o santuário de Amaterasu do da Alternância. Seis quilômetros que os dois jovens percorreram correndo enquanto tia Marthe arquejava atrás. Sem fôlego, pararam debaixo de um cedro gigante. Vazio de peregrinos, o lugar estava milagrosamente deserto.

— É bom ficar um pouco a sós — disse Théo pegando as mãos da garota.

— E a senhora Mac Larey? — perguntou Ashiko virando-se.

— Bah! Ela vai acabar chegando — ele respondeu despreocupado. — Vamos continuar?

Ao longe, tia Marthe dava gritos de partir o coração.

— Coitada da titia! Que dificuldade tem para andar …

— Não está certo, Théo — suspirou Ashiko. — A gente deveria …

Além das paliçadas, o teto do segundo santuário era idêntico ao do primeiro. Mas Théo nem olhou para o templo da Alternância. Correu para trás de uma árvore e abraçou a moça.

— Não está certo … — repetiu Ashiko, debatendo-se fracamente.

— O quê? — murmurou Théo fechando-lhe a boca.

Ashiko se entregou, Théo fechou os olhos. Tinha erguido o véu da deusa, tinha beijado Ashiko … Mas por que ela se contorcia agora como uma minhoca?

— A senhora Mac Larey — ela sussurrou, soltando-se. — Bem atrás de nós.

Com os olhos fora das órbitas, tia Marthe não tinha mais voz para gritar. Ameaçadora, brandiu o punho na direção dos dois e deixou-se cair no chão.

— Tia Marthe! — gritou Théo. — Não quebrou nada?

— Seu safado! — ela murmurou sem ar.

— A culpa é minha, senhora Mac Larey — disse Ashiko ajoelhando-se perto dela. — Eu não devia ter deixado …

— Não, é minha! — assumiu Théo.

— Estou pouco ligando para as trapalhadas de vocês. O que quero é que me ajudem a levantar.

Os jovens içaram tia Marthe, puseram-na de pé e limparam-na solícitos.

— Meus sapatos. Tirem a poeira … pronto. Agora, vocês dois me escutem. Ashiko, eu poderia contar tudo a seu pai … Oh, não precisa ficar com essa cara contrita … Sim, sim, eu poderia perfeitamente! Não conto, se

você me prometer sossegar. Quanto a você, Théo, se fizer mais uma besteira, paro a viagem. Entenderam?

— Ugh! — fez Théo insolentemente.

Plaf! O bofetão disparou. Roxo, Théo tocou o rosto com um ar incrédulo.

— Que modos são esses! — ela se zangou cruzando os braços. — Não sei o que me impede de dar outra em você, Ashiko. Que vocês se beijem nas minhas costas, ainda vai. Mas que me abandonem correndo depressa demais para minhas pobres pernas, eu não admito!

Os jovens juraram que nunca mais …

— Eu conheço vocês, seus fingidos! Vocês não são nada sérios …

— Nós dois somos muito mal-educados, senhora Mac Larey — suspirou Ashiko.

— Pecado confessado, metade perdoado — disse a tia, magnânima. — Vi uns amuletos no caminho e comprei um para você, Théo. Um momento! Só vou lhe dar depois que você decifrar a mensagem.

— Está bem, tia — respondeu Théo, domado.

V. I. U., vulgo LÁ

No fim daquele mesmo dia, Théo deu busca em seus dicionários sem encontrar a cidade cujo emblema era um martelo. A personagem que sobrevivia além da morte continuava desconhecida. Quanto às duas letras, até pareciam um quebra-cabeça chinês.

— Telefone a Fatou — sugeriu tia Marthe.

— Acha que posso? — replicou Théo envergonhado.

— Aposto que você não vai ousar …

Desafiado, Théo digitou o número.

— Fatou? Sou eu … Eu sei. Não tive tempo … garanto, não paramos de correr de um lugar para outro. Claro que penso em você. Escute, preciso da próxima dica … Ah, tem razão! Então, me dá a dica? Minha voz o quê? Minha voz está como sempre, ora! Ande logo! Eu, te maltratar? O que é isso! Estou um pouco nervoso, é verdade, mas não é nada … Pare! Dê logo a minha dica, estou mandando … Fatou!

Théo contemplou o aparelho com estupor.

— Ela desligou — murmurou.

— As mulheres adivinham essas coisas, querido … Telefone de novo, depressa!

— É que ela parece zangada!

— Por isso mesmo. Não demore!

— Fatou? Desculpe … Sim, estou cansado. Muito. Não, nada grave. Faz frio e chove … O Japão? Nada mal. Pode me dar minha dica, por favor? *As duas primeiras iniciais de meu nome próprio estão em vila …* Você vai depressa demais! Espere … *mas a terceira é a última do nome da cidade que procuras. Quanto a meu apelido, começa pela letra ele* … Resolveu me encher o saco, é? O que você tem na cabeça! Eu, ficar no Japão? Você tem cada ideia … Não sei, daqui a dois ou três meses … É, é um tempão. Claro que sim. Eu também. Mais ainda. Bem grande.

Desligou devagar, perturbado.

— Qual você prefere, Théo? — indagou tia Marthe severamente.

— Não encha! — gritou ele. — Fatou está sofrendo …

— E Ashiko também — acrescentou tia Marthe. — Daqui a uma semana, ela não vai mais te ver.

— Uma semana … — murmurou Théo. — Que droga!

— Aí está o Théo aprendendo a sofrer — ela comentou. — É melhor pensar na sua mensagem.

A contragosto Théo voltou para a sua mesa. As três primeiras iniciais em vila … Na *palavra* vila … V. I. L., será? O dicionário … em V, nada.

— Pista falsa — comentou tia Marthe. — Você deveria pensar no instrumento.

— A foice?

— Isso. Martelo, foice …

— Um país comunista! — exclamou Théo. — Não, não existem mais. A não ser que … V. I. L.? Vaclav Havel?

— Não tem nem I nem L — observou tia Marthe. — Procure pelo apelido.

Começava pela letra ele: Lampedusa, La Palice, La Pérouse, Laurel, Lépine, não … Lenin! Vladimir Ilitch Ulianov, vulgo Lenin. V. I. U., vulgo L.

— Falta a cidade — notou tia Marthe.

— Está na cara — disse o rapaz. — Moscou. U, última letra da cidade de Moscou.

— Prometeu, cumpriu — ela concluiu, tirando um papel do bolso. — Aqui está seu amuleto. Está escrito em japonês: "A primeira virtude do homem é a fidelidade".

— Ah, engraçadinha — murmurou Théo. — Mandou escrever de propósito, aposto.

— Pode ser, rapaz … mas talvez não. E se for uma mensagem dos deuses, hein?

Théo fica com remorso

A volta a Tóquio foi morna. Ashiko evitava Théo e Théo roía as unhas. Envolta em sua dignidade, tia Marthe não abriu o bico. O trajeto pareceu interminável. O dia seguinte, dia de hospital, não foi nada alegre. Três dias

para os resultados, três dias nos quais Ashiko não deu sinal de vida. Morrendo de tédio, Théo deixou-se arrastar aos museus. Nada lhe agradava. Mal comia, dormia mal e acordava com a fisionomia cansada. Penalizada, tia Marthe autorizou um telefonema.

— Não está certo — resmungou. — Não quero magoar Fatou. E, afinal, você tem razão: para quê?

— Reaja, então, caramba! Não entregue os pontos! Pense no seu gêmeo … Você acha que ele está se sentindo orgulhoso de você?

— Ele se calou — replicou Théo. — Acho que não gosta da Ashiko.

— Você é que está com remorsos — enterneceu-se a tia. — Pois bem! Vocês dois vão fazer um passeio à beira do lago, uma despedida comovente, é ótimo uma bonita despedida, você vai ver …

Não houve jeito. Théo ficou no quarto vendo televisão, derreado no sofá. Marthe contava as horas. Enfim, após dois dias de fossa, os resultados chegaram. Pela primeira vez, apresentavam ligeira melhora.

— Que maravilha, Théo, você vai se curar!

— É — fez o garoto sem nenhuma alegria. — E daí?

— Vamos, ânimo, senão vai cair de novo na doença!

— Talvez seja melhor … — ele suspirou.

— Chega — disse tia Marthe decidida. — Vamos partir com Ashiko amanhã, para Hakone. Faça-me o favor de não estragar os últimos dias de vocês. Por ora, pegue o telefone e ligue para sua mãe. Já!

— Não estou com vontade — murmurou.

— Onde foi parar o espírito do chá? Seja zen!

Théo tirou o fone do gancho com um grande suspiro. As notícias eram ótimas, mas a voz do filho tão triste que Melina se alarmou.

— Mas, mamãe, juro que não há nada — ele repetia novamente. — Com tia Marthe? Às vezes. Não, não são brigas de verdade. Olhe, ontem, corri

depressa demais, deixei-a para trás e ela ficou furiosa! Está rindo de quê? Acha engraçado? Ela não acha! Até me deu um sopapo! Depois? Depois me deu um beijo. Está vendo que não é nada demais … Ah, mamãe, vi meu gêmeo. Não ficou surpresa? O que você está dizendo? Há uma hereditariedade na família? Interessante! Você acha que eu sonho com ter irmãozinhos? Não, diga logo … Mamãe?

Théo desligou. A mãe também havia desligado.

— E então? — murmurou tia Marthe.

— Mamãe não vai muito bem. Quando ela desliga, é que vai chorar. Não entendo, os resultados são bons …

— Com certeza ela ficou emocionada, Theozinho — respondeu tia Marthe. — Não vejo outra explicação.

— Com certeza — repetiu ele perplexo. — Ainda assim, estou intrigado.

— Pare com isso! Não está contente em ir para Moscou? As basílicas com seus bulbos dourados, os popes com suas dalmáticas maravilhosas, os cantos polifônicos …

— E a múmia de Lenin — acrescentou Théo.

— Está bem — ela suspirou. — Afinal de contas, é bom travar conhecimento com os últimos deuses criados pela humanidade.

Despedida à beira do lago de Ashi

Dois dias depois, partiram para a região de Hakone, em companhia de Ashiko. Polida e sorridente, ela beijou Théo dos dois lados do rosto, como se nada tivesse acontecido. Théo recobrou suas cores e pegou a mão da moça. Tia Marthe havia reservado quartos num *ryo-kân* à beira do lago de Ashi, de onde se podia perceber, se o céu não estivesse coberto, as neves eternas do legendário Fuji-Yama.

Théo descobriu com encantamento as paredes corrediças de papel num dos lados, os *futons* dispostos no chão, e correu de meias em seus queridos tatames. As criadas de quimono deslizavam silenciosamente, copiosas caçarolas permitiam escapar do peixe cru, podia-se andar de penhoar japonês, em resumo, foi um deslumbre. Mas quando chegou a hora de deitar, foi outra história.

— Nossa, como a cama é dura — resmungou ao cabo de cinco minutos.

— Quer um travesseiro japonês? — perguntou tia Marthe com um sorriso. — Vou pedir um para você.

Théo recebeu das mãos de uma camareira um paralelepípedo de porcelana estampado com florezinhas azuis.

— Que negócio é este? — perguntou à tia.

— Seu travesseiro — ela respondeu com a maior seriedade. — Você pode achar estranho, mas os japoneses de verdade não podem dispensá-lo. Experimente!

Théo pôs o cubo debaixo do pescoço e ficou quieto. Mas quando quis virar de lado e se encolher, fez uma careta de dor.

— Ai! — gemeu.

— Boa lição. É o que acontece quando alguém quer se tatamizar. Ninguém escapa da sua educação, rapaz … Seu travesseiro é uma almofada bem macia, que você pode arranjar como desejar. Aqui é uma disciplina para o pescoço.

— Quer dizer que não se dorme do mesmo modo em todo lugar?

— Está vendo que não. E você vai ter dificuldade para encontrar hábitos universais …

— Pelo menos, no caso dos homens, fazer xixi é igual — replicou com segurança.

— Não é não! Às vezes de pé, às vezes de cócoras …

— E o parto?

— Também … Há regiões em que as mulheres dão à luz se agarrando nos galhos das árvores, outras em que elas se deitam, outras ainda em que ficam de pé …

— Mas todo mundo respira com o peito! — ele exclamou.

— E o que o senhor Kulkarni te ensinou? A respirar a partir do ventre, que eu saiba!

— É mesmo — murmurou Théo, impressionado. — Só resta a morte.

— Nem ela — retorquiu tia Marthe. — Os iogues sabem decidir como parar de viver, abandonando seu corpo em êxtase.

— E pensar?

— Acertou. O pensamento não é arquitetado da mesma maneira no mundo todo, seu domínio não é do mesmo gênero na Europa e na Ásia, ele é controlado ou liberado, mas é universal. Agora, com travesseiro ou sem travesseiro, durma!

O dia seguinte era o último no Japão. Para essa ocasião, o céu havia semeado no azul algumas leves nuvens, sombras passageiras sobre as cerejeiras das colinas. Um estranho navio aguardava os passageiros. Um três mastros irreal, de bordos escarlates e uma popa dourada.

— Até parece o navio do Peter Pan! — exclamou Théo. — Ele também é do período Heian?

— Inspiração Disneylândia — respondeu tia Marthe. — Ofereço o passeio, mas vocês vão sozinhos. Prefiro esperar tranquilamente. Andem, depressa!

— Entendi — murmurou Théo. — Vamos, Ashiko?

Era aquele, portanto, o lugar escolhido por tia Marthe para o último encontro deles. O navio de Peter Pan pôs-se a caminho sobre as águas. Os

dois jovens subiram ao convés a pretexto de contemplar o cume do Fuji-Yama.

— As cerejeiras estão mais bonitas do que nunca — comentou Théo.

— Lindas.

— A luz também é linda — acrescentou ele.

— Lindíssima. Théo, tenho que te dizer …

— Eu também — ele cortou. — Sabe …

— Sei — ela lançou. — Mas você não sabe tudo …

— Nem você — replicou o rapaz vivamente. — Sobre Fatou, lembra, eu menti um pouquinho. Fatou não é uma colega do colégio. É minha namorada.

— Eu tinha entendido — ela murmurou. — Eu também tenho um namorado.

— Não é possível! — exclamou o rapaz. — Um japonês?

— Um francês — ela respondeu enrubescendo. — É secretário da embaixada. Meu pai não sabe, mas Olivier me entregou uma carta da minha mãe. Da minha mãe verdadeira.

— Então você conhece a verdade! Você vai visitá-la?

— Ainda não sei — ela respondeu. — Quando soube de tudo, chorei muito. Gosto tanto da minha mãe japonesa, entende … Olivier quis me consolar e …

— Conseguiu — concluiu Théo. — O que você vai fazer?

— Partir — ela respondeu num sopro. — Olivier diz que quer se casar comigo.

— Ai! — gemeu Théo. — É sério?

— Muito! — disse a moça, feroz.

— E eu nisso tudo?

— Você foi tão amável, tão francês … E além do mais está doente, achei que … — ela falou embaraçada. — Não aconteceu nada. Você tem sua Fatou, e eu, meu Olivier.

— Pois é — grunhiu o rapaz. — Mas houve um beijo.

— Ah, isso a gente pode fazer de novo, se você quiser!

E ela ficou na ponta dos pés oferecendo-lhe os lábios. Théo abraçou-a e beijou-a.

— Pronto — ela murmurou afastando-se. — Como a flor da cerejeira. Ela se vai … mas sua lembrança é eterna.

Tia Marthe os viu voltar de mãos dadas, um pouco tristes, um pouco alegres. De noite, ao se deitar, Théo chorou.

— E a despedida? — perguntou tia Marthe como quem não queria nada.

— Me deixe em paz!

— Vou te contar uma história zen — começou ela. — Um dia, um monge foi visitar um mestre e lhe disse: "Vim sem trazer nada". Sabe o que o mestre respondeu? "Então ponha o que trouxe no chão."

— Ué, se ele não levava nada!

— Aí é que está. Ir sem levar nada é ter a ideia de que poderia ter alguma coisa. O monge não entendeu. Ficou furioso. Então calmamente o mestre lhe disse: "Por favor, pegue o que trouxe e volte para casa". Ponha no chão o seu nada de hoje, Theozinho. Porque você não perdeu nada.

— Perdi sim, as cerejeiras — murmurou o rapaz. — Desta vez, entendi o sentido da queda das pétalas.

20

A religião do sofrimento

Théo arrasado

Às duas da madrugada, os soluços de Théo acordaram tia Marthe.

— Você não vai chorar até de manhã, Theozinho … — disse ela acendendo a luz. — Vou te dar um calmante.

— Já passa … — ele gemeu.

— É o que você pensa … Esse tipo de sofrimento não desaparece tão fácil assim.

— Não estou sofrendo! — ele gritou. — Só estou me sentindo meio arrasado …

— Por causa de um simples namoro? Vai viver coisas piores na vida!

— Não me venha com sermões.

— Quer saber, acho que faz bem sofrer um pouco — afirmou ela tranquilamente. — Você já sofreu, Théo?

— Deste jeito, não — gemeu o garoto.

— Quando você se despediu de sua mãe, em Roma, não chorou copiosamente? As separações sempre fazem sofrer, filho. Elas criam um vazio interno e só o tempo permite entender os benefícios que traz.

— Benefícios do sofrimento? Que bobagem é essa?

— Claro, é difícil de acreditar. Você vai conhecer a tristeza e, depois, um belo dia, a calma se instalará. No começo, vai perder o apetite, não vai ver nem as árvores nem as flores, até o dia em que, sem saber por que, acordará revigorado. Olhará à sua volta e perceberá que a vida continua e que, superada a prova, você está mais forte do que antes.

— Não venha de novo com a história do Buda!

— Claro que não — ela suspirou. — Estou falando das banalidades das quais ninguém escapa.

— E você então? — ele perguntou, agressivo. — O que você entende disso?

— Adivinhe. Perdi um marido que eu amava.

— É a primeira vez que você fala dele — falou o rapaz, comovido. — Ficou triste?

— Ora, Théo … Que pergunta! Dizer que estou aqui como uma idiota querendo te consolar …

Com isso, Théo desatou num choro tão furioso que ela teve de abraçá-lo e acalentá-lo por um bom tempo. Ele dormiu assim, soluçando de tanto chorar. Tia Marthe soltou seus braços e colocou a cabeça do sobrinho no travesseiro.

— Enfim este cérebro agitado começa a ceder ao coração — murmurou ela.

Ao despertar Théo estava com olhos de maçã assada e ar de quem marcha para o sacrifício. Tia Marthe deixou-o em paz. Arrumou as malas sem uma palavra e ligou a televisão por via das dúvidas. Da janela, Théo olhava a

multidão passar buscando a silhueta de Ashiko. Depois, sem nada melhor para fazer, acabou se sentando diante da tevê.

— O que está passando? — perguntou a tia para se aproximar.

— Uma bobagem. Um filme francês com legendas em japonês.

— Com quem?

— Uma velha atriz, Bardot. Que ridícula ela está com o coque no cocuruto!

— Eu também já usei um coque assim — murmurou ela, enternecida.

Théo fez que não ouviu e abaixou a cabeça com um grande suspiro. Tia Marthe ligou para a recepção e mandou buscar as bagagens, operação que acabou levando algum tempo. Théo não se mexia.

— Ande, aspargão, vamos embora — disse ela segurando-o pelo ombro.

— Não poderíamos ficar mais um pouco?

— E nosso encontro em Moscou? Se você soubesse como é complicado lá!

— Vamos congelar — resmungou o garoto. — Vai ser triste!

— Apenas o necessário — soltou ela. — Você parece estar com um humor adequado para entender a Santa Rússia.

Salada russo-soviética

No avião, Théo recobrou seu apetite. Claro, não estava de muita conversa. Mas comia. Prudentemente, tia Marthe jogou um primeiro anzol.

— O que você conhece da Rússia, exatamente? — perguntou.

— Não estou com vontade de falar.

— Que cabeça dura! Só para me agradar … ande, o que você sabe do país aonde vamos aterrissar?

— Que se chamava União Soviética — respondeu a contragosto o rapaz. — Que era totalitário, por causa de um sujeito horroroso chamado Stalin. Que existe uma estrela vermelha em cima de uma espécie de fortaleza em Moscou, porque os correspondentes da tevê sempre falam em frente dela. O Kremlin.

— Bom. E a queda do muro de Berlim?

— Não lembro mais. Era muito criança. Meus pais ficavam com o nariz grudado na tevê e as pessoas catavam pedaços de concreto achando graça.

— E antes de Stalin?

— Antes, havia os czares, como Lenin — afirmou com segurança.

— Epa! — fez ela. — Você sabe que foi Lenin quem fez a revolução na Rússia em 1917?

— Pouco antes do fim da guerra — respondeu o rapaz. — A Rússia ia mal … Ele mandou fuzilar o czar para tomar o poder, servindo-se dos operários que incitara à insurreição. E chamou isso de comunismo, mas no fim das contas os russos continuaram igualmente infelizes. Meu professor disse que Lenin foi o primeiro czar comunista. Não sei não, mas Lenin tem jeito de um grande tirano!

— Quando você quer, você fala mesmo — ela comentou. — Tem alguma ideia do que era o comunismo russo?

— Um nojo, um Gulag! — exclamou Théo. — Era cheio de campos de concentração, as pessoas não eram livres, quando diziam o que pensavam eram internadas no hospício. Papai diz que hoje há muitos pobres.

— Ele tem razão. E quanto à religião?

— Não tenho a menor ideia. Na tevê, há padres com uma espécie de mitra, espere, chamam-se patriarcas. São uma variedade de cristãos, não é?

— Você sabe o nome desses cristãos, Théo. São os ortodoxos.

— De jeito nenhum! — ele exclamou. — Os ortodoxos são gregos.

— Ou russos — insistiu tia Marthe. — Lembre-se de Jerusalém. A visita ao Santo Sepulcro …

— De tudo o que vimos, era o mais complicado! — gemeu ele. — Havia quatro ou cinco Igrejas que se comiam lá dentro …

— O padre Dubourg te falou de um cisma que separou a Igreja do Ocidente das Igrejas do Oriente. A Igreja do Ocidente obedece ao papa, e as Igrejas do Oriente a seus patriarcas.

— Quer dizer que há várias Igrejas do Oriente?

— Os ortodoxos gregos, os coptas, os siríacos …

— Siríacos, não conheço.

— O que não é de se espantar! Eles estão presentes principalmente no Líbano e na Índia. Os siríacos se distinguem dos outros pela língua do culto. Certos momentos de suas missas são ditos em aramaico, uma antiga língua da Palestina, talvez a que Jesus falava.

— Essas coisas me enchem — suspirou Théo. — O que os ortodoxos russos têm de particular?

— A Rússia inteira. Não é pouca coisa.

— Não entendo. Vamos ver a Rússia ou a religião russa?

— Elas são inseparáveis — respondeu tia Marthe. — Durante setenta anos, os governos comunistas fizeram de tudo para separar as duas … Perseguiram os popes e combateram a religião russa. Mas assim que o império deles desmoronou, o grande mito russo ressuscitou de repente.

— Em todo caso, se são cristãos, creem em Jesus como os outros …

— É, mas para eles a terra russa é uma mãe que sofre como Cristo durante a Paixão. O essencial é sofrer.

— Como o seu Buda querido? “Tudo é sofrimento …”

— Deixe de bobagem! Esta é apenas a primeira das quatro verdades. Com as outras três, Buda mostrou como se libertar do sofrimento. Enquanto na

Rússia o sofrimento é venerado …

— Genial — ironizou Théo. — O que se faz para sofrer?

— Não é complicado. Basta deixar a vida agir. Mas os fiéis russos às vezes vão mais longe. Jogam-se no fogo, por exemplo.

— Não me diga que vamos ver isso! — gritou o rapaz.

A morte vermelha

Não, em Moscou Théo não veria nenhum suicídio desse gênero. Mas já tinha acontecido na Rússia. No século XVII, quando terminava na França o reinado do Rei Sol, milhares de fiéis haviam se trancado em isbás[10] de madeira em que atearam fogo. Homens, mulheres, crianças, todos preferiam morrer nas chamas a renunciar à sua fé.

— Mártires perseguidos — comentou Théo.

Em certo sentido. O estranho, porém, nesse caso preciso, era a natureza do perseguidor. Impelido por seus nobres ou por simples popes, o pio czar Alexandre queria reformar a Igreja russa em que ocorria toda sorte de excentricidade. Para fazê-lo, havia apelado para o arcebispo de Novgorod, o patriarca Nikon, que exigiu do czar obediência completa.

Nikon foi escolhido porque, como bom patriarca russo, opunha-se aos patriarcas gregos. Porque a hierarquia russa se preservava zelosamente das duas outras Igrejas: a Igreja católica, por causa do papa, e a Igreja grega, sua grande rival, herdeira de Bizâncio, com que a Rússia havia rompido fazia mais de um século.

E eis que Nikon passa a trair seu lado! Ele alinhou os rituais russos a alguns ritos gregos. Os fiéis se revoltaram. Sua Igreja era a dos pequenos e dos humildes, a Igreja do povo russo autônomo, animado por seu próprio

fervor. E o verdadeiro tirano era seu patriarca ortodoxo, o reformador do culto.

— Bom — fez Théo. — Que mudança tão grave ele fez?

A partir da reforma, era preciso dizer três vezes "aleluia" em lugar de duas, suprimir uma palavra na prece do "Creio em Deus"; em resumo, coisinhas. Entre essas coisas insignificantes, o patriarca Nikon mudou o sinal-da-cruz.

— Ué, há várias maneiras de fazer o sinal-da-cruz? — espantou-se Théo. — Faz-se com a mão, é simples!

Mas com que dedos da mão? Até então, os russos se persignavam com dois dedos. O patriarca reformador decretou que, dali em diante, os russos se persignariam com três dedos, o indicador, o médio e o anular, como os gregos. Portanto era necessário acrescentar o anular … E começou a rebelião contra o poder dos que denominou "Velhos Crentes", conduzida por um santo homem inspirado, Avvakum, um dos humildes sacerdotes que, no entanto, haviam depositado esperanças na reforma. Apoiada pelos comerciantes e os nobres, chamados boiardos, durou um tempão e terminou com os suicídios coletivos nas chamas, "a morte vermelha". Vestidos de branco, os fiéis entravam na fogueira com um círio aceso na mão.

— Morrer por um dedo a mais no sinal-da-cruz é de lascar! — disse Théo.

Mas o anular a mais da reforma do patriarca continha na carne de suas falanges toda a identidade da Igreja russa. Seu culto popular tinha se forjado nas aldeias, com a sinceridade do coração. Esse decreto caído de cima semeou a tempestade por ter sido imposto brutalmente. Revoltando-se, os Velhos Crentes não protegiam apenas o sinal-da-cruz: eles queriam preservar intacta uma fé profundamente ligada à vida da sua terra. De

repente, um poder central autoritário decidia em seu lugar. Eles se bateram, atearam-se fogo. Vinte mil mortos em vinte anos.

— Um massacre! — comentou Théo. — Como era bom, no Japão … pelo menos os guerreiros se trucidavam sozinhos! Já, aqui, por causa de um dedo da mão, morre-se …

Nem todos morreram. Os Velhos Crentes tinham conseguido preservar seu sinal-da-cruz, símbolo de sua liberdade diante do governo. Ainda eram três milhões na Rússia e nem sempre eram submetidos à ortodoxia oficial. Porque, depois da violenta reforma da Igreja russa, Nikon foi perseguido. Tarde demais … um novo czar subiu ao trono. Pedro, o Grande, homem de espírito militar, formado no ideal prussiano, que desejava modernizar seu país e aproximá-lo do Ocidente, não fez nenhuma concessão à Igreja. Não nomeou mais patriarcas e a Igreja russa foi inteiramente submetida ao Estado.

— Que diferença faz? — indagou Théo.

— Como, que diferença faz? — indignou-se tia Marthe. — Você sabe que na França a separação entre a Igreja e o Estado quase deflagrou uma guerra civil?

— O massacre dos protestantes?

— Seu ignorantezinho! No início de nosso século, em 1905 … antes dessa data, a Igreja católica detinha um poder considerável, em particular sobre o ensino da nação. Os republicanos, com bons herdeiros da Revolução Francesa, decidiram cortar de uma vez por todas o cordão umbilical entre o clero e o Estado, que até então pagava os padres.

— Sei — fez Théo. — Se os padres são pagos, qual a diferença?

— O catolicismo seria a religião oficial, e o que seria das minorias, hein? Antes de 1905, você teria que aprender obrigatoriamente o catecismo na escola, e sua Fatou também!

— E daí? Nós dois teríamos nos divertido um bocado — respondeu Théo com humor.

— Você quer cristianizar Fatou? E o que você preferiria em Israel, os leigos ou os observantes?

— Os leigos — admitiu. — Mas isso não impede de ensinar as religiões na escola?

— Se você puser as religiões no plural, estou perfeitamente de acordo — falou tia Marthe. — Todos devem aprender a história das religiões nos colégios. Mas sem deixar de lado nenhuma!

— Olhe, se fosse assim, você nem teria precisado me levar para viajar — observou o rapaz.

— Se as pessoas soubessem mais acerca das religiões, o integrismo não estaria mais tocando fogo no mundo. E as seitas não matariam mais tantos inocentes.

— Como aqueles malucos que pegavam fogo em suas isbás — bocejou Théo. — Já estou por aqui das histórias de doidos que você me conta. Todas as vezes que chegamos a um lugar, você tira uma do baú …

— É verdade que tenho a impressão de me repetir. O que posso fazer? Esse enredo é tão frequente! Saiba que os massacres religiosos constituem o problema mais …

— Estou com sono — gemeu Théo.

— Está certo. Você merece dormir.

As casas em pés de galinha

Mas no momento em que tia Marthe fechou os olhos, Théo sacudiu-a pelo braço.

— Não consigo! — sussurrou.

— Esforce-se um pouco.

— Não posso — sussurrou o rapaz. — Estou com medo …

— Medo? — disse ela erguendo-se na cama. — Medo de quê?

— Não existem bruxas na Rússia? Quando eu era pequeno, mamãe me lia contos russos com casas montadas em pés de galinha e umas mulheres malvadas que torturavam as criancinhas …

— Bela novidade. Você, que não tem medo nem dos demônios tibetanos nem das divindades indianas, se apavora por causa de frangos encantados? Tem medo de fada?

— Não, mas as fadas russas são diferentes.

— Nem um pouco. Nossas fadas e nossos duendes vêm dos deuses romanos; os dos russos, as *babaiagas* e suas casas em pés de galinha são uma herança remota de velhas crenças esmagadas pela ortodoxia. Ainda bem que sobreviveram! São encantadoras …

— Sei! — arrepiou-se Théo. — Me davam pesadelos …

— Porque sua mãe não leu para você as lendas das *russalka*s, as divindades das florestas. Como muitas outras planícies do mundo, as da Rússia foram invadidas com frequência. De tanto ser atravessada por conquistadores, uma região acaba se deixando penetrar por outras crenças … Os russos foram ocupados por muito tempo pelos mongóis. Deles guardaram algumas lendas magníficas, em que o Bem triunfa sobre o Mal. O que se pode fazer do Mal, hein?

— Combatê-lo. Desta vez, é simples.

— E na esperança de extirpá-lo, começa-se por lhe dar uma fisionomia. O diabo, as bruxas, os heréticos, os judeus, os muçulmanos, a lista dos "malvados" é interminável. Mas, para encarnar o Mal, também se pode ir buscar no repertório do passado, contentar-se com as almas penadas ou com divindades ressuscitadas, tanto as boas como as malvadas. Não há país sem

suas fadas boas e suas bruxas más, seus gênios bons e maus, seus santos e bichos-papões. Porque antes de ser cristã, a Rússia era animista, e isso nunca morre de todo.

— Então somos todos um pouco africanos?

— Todos — afirmou ela. — Digamos melhor, politeístas, se me permite. Politeísta designa aquele que tem vários deuses.

— Sempre palavras complicadas! — suspirou o rapaz. — Você não poderia me arranjar uma religião um pouco mais simples, sei lá, com apenas três ou quatro deuses simpáticos, sem demônios?

— Sinto muito, não temos essa mercadoria na loja. Mas se você entender direito a religião do sofrimento na Rússia, vai ver que não é nenhum bicho de sete cabeças.

— Lá vem você de novo com assombrações …

— Prometo que você não vai tocar em nenhum pé de galinha na Rússia — disse ela com simulada gravidade. — Mas te prometo também que vai ver pés de galinha em outros lugares.

— Ei! Até parece uma nova mensagem!

— Ainda é cedo demais — sorriu a tia. — Ainda nem chegamos!

— Esse país não vai me agradar — grunhiu Théo.

— Ora vejam só. Por que não diz logo que teria preferido ficar no Japão?

— Nem isso. Ashiko tem um namorado …

— Ah, está aí a razão desse grande desespero! Aposto que você vai adorar a Rússia. É o começo da primavera, os salgueiros se cobrem de brotos sedosos …

— Para quem viu as cerejeiras em flor, salgueiro não tem graça.

— É mais ou menos o que você dizia das cerejeiras japonesas, antes de Ashiko — constatou tia Marthe.

Maciço, o aeroporto de Moscou superava em severidade todos os temores de Théo. Em meio a um empurra-empurra insensato, os viajantes pegavam suas bagagens diante do olhar indiferente dos fiscais da alfândega, enquanto tia Marthe verificava suas malas uma a uma.

— Deus sabe que eu detestava a União Soviética — ela resmungou, — mas pelo menos, naquela época, as bagagens não eram saqueadas!

— Por quem? — espantou-se Théo.

— Quando a ordem vem abaixo, tudo é possível — ela decretou, sentenciosa. — Esperava-se um tempão no controle de passaportes, os fiscais revistavam tudo, era minucioso, policialesco, mas não havia roubos … Em todo caso, tranquei tudo à chave.

— Você tem amigos em Moscou? — preocupou-se Théo.

— Claro que sim, estão ali — ela respondeu apontando para o espaço além dos vidros. — Fique de olho nas bagagens! Vou procurá-los.

Não demorou a voltar na companhia de uma senhora morena com cara de gato.

— Não consegui fazer Aliocha entrar — suspirou tia Marthe, ofegante, — mas esta é Irina, a mulher dele.

Grüss Gott! — exclamou a bonita senhora, franzindo os olhos com ar comovido. — *Théo, mein Kind … Ich bin so glücklich!*

— Isso é russo? — perguntou Théo surpreso.

— Irina aprendeu alemão na Áustria — explicou tia Marthe — Ela disse que está muito feliz de te ver.

— *Ich também* — respondeu Théo inclinando-se.

— Como vamos fazer?

— Aliocha, o marido dela, fala um francês perfeito — disse a tia. — Aliocha …

— *Aliocha, mein Mann* — interrompeu a senhora apontando o indicador para o peito. — *Und ich, seine Frau*.

— Isso mesmo — disse tia Marthe empurrando os dois. — Vamos logo encontrar o marido …

Comprido como uma segunda-feira e com uma mecha caída na testa, Aliocha pulou no pescoço de tia Marthe com efusão.

— Marta Grigorievna, *dorogaia* … Como estou contente! — murmurou ele lacrimejando.

— Querido Aliocha … — falou tia Marthe apertando-o nos braços.

— Que emoção! — fez ele tirando o lenço do bolso para enxugar os olhos.

— Por que ele chora tanto assim? Está com conjuntivite? — perguntou Théo num cochicho.

— Cale a boca … — respondeu a tia. — Depois explico.

— E nosso Théo? — disse Aliocha inclinando para ele sua mecha loura. — Vai bem? Preparamos uma ceia para ele, em casa. Também uma caminha bem quente.

— E o carro? — quis saber tia Marthe.

— Estou com o de Vladimir Ivanovitch — respondeu Aliocha sacudindo as chaves. — Claro, para as bagagens vamos precisar de um táxi …

Enfiaram as bagagens com Irina num táxi e tia Marthe entrou no calhambeque de Vladimir com Aliocha e Théo.

— Aonde vamos? — perguntou Théo espichando um olho sombrio para os prédios que desfilavam no nevoeiro.

— A nosso apartamento — respondeu Aliocha. — Tia Marthe vai ficar no quarto dos fundos e você, no meu escritório.

— Não vamos para um hotel, então?

— Deixar meus amigos num hotel! — indignou-se ele. — Quando Marta Grigorievna vem a Moscou fica em casa!

— Por que ele chama você assim o tempo todo? — perguntou Théo.

— Na Rússia, as pessoas são chamadas pelo prenome acompanhado do prenome do pai — esclareceu tia Marthe. — Seu avô se chamava Georges, que é Grigor em russo, o que se torna para mim Grigorievna, filha de Grigor.

— E eu sou Théo Jéromovitch então?

— Fiodor Yeremeievitch — retificou Aliocha.

— Bacana — fez Théo. — O seu como é?

— Alexei Efraimovitch. Mas preferimos os apelidos. Por isso pode me chamar de Aliocha. Quanto a minha mulher, não vá chamá-la de Irina Borissevna, ela ficaria brava!

— Ué, por quê? — exclamou Théo espantado. — Boris não é legal?

— Psiu … — repetiu tia Marthe. — Eu te explico …

Cansado de tanto mistério, Théo contemplou as fortalezas erguidas ao longe sob o céu vermelho. Nas laterais da estrada sobreviviam brancas morenas, que são detritos rochosos transportados pelas geleiras, mas nas ruas os passantes patinhavam na lama nevosa. Apenas iluminado pelos últimos raios do sol, o céu empalidecia lentamente.

— Estamos com sorte, tem feito bom tempo — comentou Aliocha. — Uma primavera estupenda se anuncia …

— Com essa lama toda! — exclamou Théo sem pensar.

— A neve tem que derreter — desculpou-se Aliocha. — A lama, nós a chamamos de *rasputitza*. É o sinal do degelo, os corações se abrem depois do inverno, a vida renasce …

— Até que temperatura caiu o termômetro este ano? — interveio tia Marthe.

— Quinze abaixo de zero — Aliocha respondeu. — Não é muito frio.

— E agora, quanto está fazendo? — perguntou Théo temeroso.

— Dois abaixo de zero — esclareceu Aliocha. — E o sol está mag-ní-fi-co!

— Como quando a gente vai esquiar no inverno — concluiu Théo, ajeitando friorentamente a parka.

Mas o apartamento de Aliocha era de um calor delicioso e a cama de Théo confortável, com uma colcha de veludo marrom. As paredes estavam cobertas de livros; no corredor havia um violão e um violino. Todos tortuosos, os corredores conduziam a cantinhos secretos em que se empilhavam sacos em quantidade, e todos os móveis tinham uma flor fresca. Théo sentiu-se à vontade. Era uma casa de verdade, com gente de verdade e instrumentos de música de verdade. Nos encostos das poltronas, paninhos rendados davam à sala de jantar um ar de conto de fadas. Quando Irina trouxe uma bandeja florida em que reinava o bule de chá, Théo pulou de alegria.

— *Tchai, oder Kirschenkonfitüre mit Wasser*? — ela perguntou.

— Prefiro chá — respondeu Théo desconfiado. — *Kirschen* não são cerejas?

— Você devia experimentar, é ótimo — interveio tia Marthe. — É geleia de cereja dissolvida em água.

— Para dizer a verdade, eu beliscaria alguma coisa — murmurou o rapaz.

Aliocha desapareceu e voltou com um prato de peixes defumados em cada mão, rodeados de pepinos gigantes em conserva. Depois de três idas à cozinha, a mesa ficou guarnecida de pão, frios e ovos cozidos recheados. Um silêncio agradável invadiu a sala de jantar, em seguida Irina proferiu grandes discursos entremeados de russo e alemão que ela adornava com graciosos gestos de passarinho. Marthe replicou como pôde, e Aliocha acariciou a cabeça de Théo, sorrindo.

— Deixe-as conversar — cochichou. — Elas sabem se entender. Coma!

Théo não esperou que lhe dissessem duas vezes. O cômodo não era muito iluminado, mas as luzes dos abajures difundiam um bem-estar especial. Através das janelas duplas, a noite deixava entrever uns toquinhos de vela pendurados no céu. A casa de Aliocha parecia ao abrigo dos perigos. O gorjeio gostoso de Irina soava como música, e Aliocha pegou a mão de Théo cuja cabeça balançava suavemente.

— O garoto está com sono — murmurou. — Vou levá-lo para a cama.

Com gestos meigos, preparou a cama e ajudou Théo a se despir. Quando Théo se encontrou debaixo das cobertas com um suspiro de conforto, Irina mostrou seu focinho de gata e depositou-lhe um beijo nos cabelos antes de se afastar nas pontas dos pés. Théo soçobrou numa beatitude macia. A grande cidade ameaçadora sumiu.

Não tocar na ducha

De manhã, uns estrondos aterradores acordaram Théo no momento em que tia Marthe se sentava na beira da cama.

— O que está acontecendo? Um terremoto?

— São só os canos do prédio … Nesses velhos edifícios stalinistas, nunca ficamos livres desses inconvenientes.

— A propósito — disse ele de repente, — por que você me mandou calar a boca ontem, no aeroporto? Duas vezes! Quando te perguntei se Aliocha estava com algum problema nos olhos …

— É o seguinte: não se deve refrear a emoção dos reencontros à moda russa. Aqui, quando as pessoas se reencontram, choram, é normal.

— Essa é boa — murmurou Théo. — Quer dizer que não sabem o que é alegria?

— Mas é de alegria que choram, Théo! As lágrimas russas exprimem o contentamento, a saudade, o sofrimento ou a beatitude. É o sinal da alma, um estado entre prazer e dor. Em russo, diz-se *duchá*, "alma". É caloroso, envolvente, agradável. Na França, temos a ternura seca. Meus amigos russos têm a ternura úmida. Aliocha se comporta maravilhosamente bem, prova disso são suas lágrimas …

— Eu teria dificuldade para agir assim — comentou o rapaz perplexo. — O que ele faz na vida?

— Ensina história da música na universidade. Quanto a Irina, é tradutora.

— A outra vez foi por causa dela e de um prenome … Boris! Não devia pronunciar esse nome.

— Isso era político — sorriu tia Marthe. — Em matéria de governo russo, Irina tem paixões exacerbadas seguidas de decepções violentas. Ela tinha se empenhado na defesa de seu Boris querido, antes de amaldiçoá-lo com o mesmo excesso.

— Até parece mamãe — enterneceu-se Théo. — Você se lembra quando ela quebrou os pratos durante as eleições?

— Não se esqueça, principalmente, que durante quase um século os russos não puderam discutir livremente. A polícia instalava microfones por toda parte, e quem protestava era mandado ao psiquiatra, que diagnosticava ausência de comportamento social. E embruteciam a pessoa com remédios.

— E os psicanalistas, serviam para quê? — perguntou Théo.

— Rigorosamente proibidos. Freud nem era traduzido. Ciência para pequenos burgueses, fogueira com ela! Os textos proibidos circulavam clandestinamente, de mão em mão … Era preciso ficar calado.

— Nunca conheci isso. Eu não saberia ficar de bico calado!

— Deus te preserve de saber o que é uma ditadura. As pessoas vivem muito mal. Então, quando descobrem que podem falar sem correr riscos,

entusiasmam-se, é formidável!

— Não acho — disse Théo emburrando. — Não gosto de brigas. Você já arranja um massacre em cada país, e ainda vem a política por cima!

— Mas democracia requer discussão, Théo. Você que passa o tempo todo a contradizer …

— É, mas eu não quebro nada — afirmou o rapaz, orgulhoso. — No colégio, eu dou duro para conciliar os colegas e chego até a levar umas porradas de passagem!

— Não me espanto — murmurou a tia, pensativa. — Agora tome as suas pílulas, engula seu café da manhã e vista-se. Depois telefone para sua mãe, não se esquecendo de detalhar que o apartamento é bem aquecido, que você põe a parka, as botas, enfim, tranquilize-a. Depois iremos ao Kremlin.

— Bárbaro! — exclamou Théo. — Vou ver uma múmia moderna!

— Você enche a paciência com suas obsessões. Vou logo avisando, tem que fazer fila.

— Como no museu do Cairo diante da sala das múmias, mas desta vez eu vou! — ele decretou pulando da cama.

Os sofre-paixões

Ora, a propósito da múmia, Aliocha não via a coisa com os mesmos olhos. O corpo embalsamado de Lenin não passava de despojos, símbolo da tirania que esmagara seu país desde 1917.

— Mas estou lhe dizendo que Théo quer simplesmente ver uma múmia! — esgoelou-se tia Marthe, irritada.

— Oh, não é possível — repetia Aliocha, chocado. — Você sabe como minha família sofreu … não posso aceitar.

— Não vai demorar muito — interveio Théo. — Prometo que não vou gostar dele, pronto!

— É uma ofensa à alma de meu pai — disse gravemente Aliocha. — Por causa dos comunistas, ele fez vinte anos de Gulag e, quando voltou para casa, era um velhote …

— Eu sei, Aliocha querido — disse tia Marthe pegando-o pelo ombro. — Mas o menino tem curiosidade por todas as religiões, entende?

— O comunismo, religião? — exclamou melindrado. — Que atrocidade!

— Deixe para lá, minha velha — murmurou Théo. — Quanto ao seu pai, Aliocha, eu não sabia. Desculpe.

Começariam então pelas igrejas do Kremlin, cujos bulbos dourados resplandeciam sob o céu azul. Era ali, naquela larga planada, que em grande pompa o patriarca coroava os czares com o pesado fardo da Rússia, que condenava o soberano designado ao sofrimento do poder. A tal ponto que o novo czar às vezes hesitava diante dessa honra temível. Sondado pelos boiardos, o futuro soberano se retirava para um mosteiro, recusava a coroa e só cedia ante o fervor das multidões que vinham lhe suplicar que aceitasse. Claro, poderia se tratar de mero teatro, mas nesse movimento de retirada se dissimulava uma verdade de ordem divina.

Sob o manto bordado, a *chapka*[11], as peles, o czar se tornava o pai do povo, ora terrível, ora generoso, conforme as circunstâncias. Esse papel era tão penoso que às vezes o czar renunciava ao mundo e se fazia monge. No século XVI, o czar Ivã, o Terrível, que era digno do nome, decidiu, num belo dia em que lhe censuram o rigor, abandonar o trono. Foi para um mosteiro, trocou seu ouro e seus brocados pela negra indumentária monástica e se consagrou às mortificações. O povo que, na véspera, o acusava de todos os males, mendigou sua volta de joelhos. O czar Ivã fez-se rogar bastante e retornou a Moscou com um poder consolidado, de que se serviu com

crueldade lendária, ao mesmo tempo que protegia seu país, que precisava muito disso.

Porque o encargo da Rússia forçava o czar a sofrer. Quando ele castigava, sofria. Quando fracassava, sofria. Vítima da Rússia, ele sofria por ter o direito de punir. O czar passava o tempo a se cumular de epítetos injuriosos: ele se dizia escravo, indigno, pecador, incapaz, mas desse acabrunhamento extraía seu poder e o dever de matar, se necessário. A longa história dos czares passava por uma série de crimes e de assassinatos sangrentos, da qual a sorte que Lenin reservou ao último da dinastia dos Romanov, o czar Nicolau II, não era mais que a culminância lógica. Sacrificado com toda a família, o último czar coroado pagou caro o fato de ser o soberano consagrado. O pai enfim morrera. Pouco depois, após a morte de Lenin, Stalin aceitaria ser chamado de "pai dos povos": o povo havia passado para o plural por causa da diversidade das regiões do império soviético, mas o pai tinha voltado com toda a força.

— Espere, não estou mais acompanhando — interveio Théo. — Matam o czar ou é ele quem mata?

Era esse o âmago da questão. Vários czares da Rússia tinham matado o próprio filho. Ivã, o Terrível, e Pedro, o Grande, sofreram o martírio, mas não recuaram diante das exigências do poder: executaram o herdeiro, fraco de espírito ou rebelde. Então o czar sofria como Deus Pai aceitando deixar o filho morrer na cruz. O czar encarnava Deus e assumia o conjunto dos pecados de seu povo. E seu herdeiro, o czaréviche, era por definição destinado à paixão de Cristo.

— Que famílias! — exclamou Théo.

— Os reis da França não eram nada mal também — recordou tia Marthe.

Mas os outros soberanos do mundo não tinham a obrigação do sofrimento. Já, na Rússia, o duplo martírio do pai e do filho pertencia às

profundezas da mística russa. Porque os primeiros santos da Rússia foram dois jovens príncipes assassinados, Boris e Gleb. Embora o assassino fosse o irmão e não o pai deles, a história criminosa dos czares se arraigou na santidade dos dois príncipes mártires, que se deixaram degolar sem resistência, como verdadeiros cordeiros de Deus. O povo russo logo se inflamou de um imenso fervor: os príncipes mortos reviviam a Paixão de Cristo. Inventaram para eles um termo que não existe em nenhum outro lugar: algo como sofre-paixão. De modo que, quando os czares executavam seu próprio filho, o czaréviche, faziam dele um santo, que o povo venerava como o Filho de Deus, o que na verdade não estava muito de acordo com a religião ortodoxa.

— E os direitos da criança, eles não conheciam? — bramiu Théo com irritação. — Os czares são verdadeiros infanticidas!

Uns Herodes, murmurava o povo, como o rei que mandou matar todos os primogênitos da Palestina para impedir a vitória de Jesus, o Messias. No século XVI, o infortunado czar Boris Godunov teve até de assumir a morte de um jovem príncipe, crime de que era inocente. O czar sofreu porque era seu ofício, depois morreu de remorso. A esse culto singular acrescentava-se um fenômeno complementar, porque, estranhamente, se os czaréviches morriam assassinados, era frequente ressuscitarem.

— De verdade? — exclamou Théo. — Não é possível!

Não, justamente. Mas o povo cria na ressurreição deles: como tinham sofrido a Paixão de Cristo, por que não reviveriam? Ouvia-se falar então de estranhos príncipes surgidos nas fronteiras, milagrosamente poupados pelo céu e que marchavam sobre Moscou para punir o czar culpado. Um deles conseguiu. Ninguém soube quem era ele, de onde vinha nem qual sua verdadeira história; no entanto, a imperatriz o reconheceu como seu filho ressuscitado, que ela vira morrer diante de seus olhos. Foi coroado no

Kremlin com o nome de czar Dimitri … Foi sucessor do infeliz Boris Godunov, fulminado por um crime que não cometera. Foi também o primeiro de uma longa série de impostores que, todos, se faziam passar por príncipes ressuscitados e que o povo seguia cegamente.

Porque a força do filho mártir era sua inocência. Cristo dissera: "Deixai vir a mim as criancinhas, porque a elas pertence o reino de Deus". Em sua ingenuidade, a criança sabia manifestar a verdade oculta. O czaréviche ressuscitado dizia necessariamente a verdade … A santidade dos príncipes assassinados estendeu-se mais tarde ao povo todo: os fracos, os velhos, as mulheres e as crianças tinham vocação para se tornar sofre-paixões, mas, em contrapartida, somente eles podiam se exprimir livremente.

— Também sou dessa opinião — disse Théo. — Mas nem por isso é preciso sofrer!

Pois bem, era sim. Desse sofrimento dos fracos, nasceu uma das mais estranhas figuras da religião russa: o louco de Cristo, o *jurodstvo*. Necessariamente esse personagem não era louco. Ele podia resolver bancar o louco. Para tanto, envergava uma indumentária espetacular: em andrajos, seminu — mesmo no inverno, — com pesadas correntes no pescoço ou, às vezes, uma coroa de espinhos na cabeça como Cristo humilhado. Tilintando, miserável, o louco de Cristo se arrastava pelas praças públicas para predizer ao povo prosperidade ou catástrofes. Os passantes zombavam dele, atiravam pedras, mas ninguém ousava matar o louco de Cristo.

Porque ele era o único a lançar a verdade na cara do czar, o único a denunciar os abusos do poder. Um *jurodstvo* não havia hesitado em apresentar a Ivã, o Terrível, carne crua regada de sangue fresco, para lhe lembrar seus crimes. Outro havia acusado Boris Godunov de infanticídio. Embora fosse inocente, o czar Boris pediu-lhe simplesmente que orasse por ele, porque ninguém podia questionar a palavra de um louco de Cristo.

Contanto que vestisse farrapos e suportasse na pele o grande frio do inverno russo, esse bufão sagrado gozava da impunidade.

— Suponho que desapareceram com o regime soviético — disse tia Marthe.

— Já imaginou um sujeito nu em pelo com correntes aqui? — gargalhou Théo. — A polícia o levaria direto para o hospício …

— Vire a cabeça para a direita — sorriu Aliocha.

Théo não acreditava no que via. Encolhida contra os degraus da basílica, uma velha maltrapilha arvorava, pendurado em pesadas correntes presas no pescoço, um sapato velho, enquanto brandia um estandarte bordado com uma foice, um martelo e uma cruz. Ela não dizia nada, não gritava, contentava-se de estar ali e esperar o poderoso do dia.

— Incrível! — exclamou tia Marthe. — Os loucos de Cristo estão de volta!

— O fervor popular não conhece limites — disse Aliocha. Reconstroem-se igrejas por toda parte, em Moscou. Logo atrás do Kremlin, a catedral de São Salvador havia sido demolida pelos comunistas e transformada em piscina. Foi reconstruída uma réplica perfeita dela.

— O que significa a bandeira que ela leva na mão? — perguntou tia Marthe. — O emblema do Partido Comunista e a cruz? Parece um delírio!

— Em seu espírito perturbado, Cristo desceu à Terra para salvar o mundo, e o Partido Comunista, para salvar o povo. O Partido perdeu, mas Cristo voltou. Qual é o velho mundo, qual o novo? A mulher não sabe mais …

— Ela perdeu a memória? — perguntou Théo.

— Não — respondeu Aliocha. — Simplesmente essas velhas não têm mais nenhuma referência. Na Segunda Guerra Mundial, meu país sacrificou milhões de soldados para resistir ao invasor nazista. Stalin ganhou a guerra, Stalin tornou-se o pai do povo. Ele o subjugou, mas o alimentou. Não havia

liberdade, mas o trabalho, a aposentadoria, a assistência médica gratuita eram garantidos …

— É verdade — assentiu tia Marthe. — A que preço!

— Terrível. Quando o regime soviético foi abaixo como um castelo de cartas, essas mulheres tinham chegado à velhice. Em alguns meses, o mundo delas desapareceu … O Partido caiu, as pensões não eram pagas, a especulação chegou ao auge … então a cruz, o martelo e a foice se misturam. É um protesto.

— No fundo, são crentes — murmurou tia Marthe. — O velho passado retorna sob sua forma mais russa.

— Crentes ou não, elas repudiam a democracia — precisou docemente Aliocha. — Não gosto delas.

— Coitadas — suspirou Théo.

— Você não queria compreender o sofrimento da Rússia? — Indagou tia Marthe. — Pois está bem servido!

— Não há apenas sofrimento na religião russa — disse Aliocha. — Há adoração da beleza. Os cantos e os ícones, o olhar de Cristo, os anjos, vocês vão ver …

— Eu não sabia que você tinha voltado à Igreja! — espantou-se tia Marthe.

— Nossas óperas estão cheias dela, nossa música é tão mística … — desculpou-se Aliocha.

— Vamos entrar? — perguntou Théo.

— Espere o mosteiro da Trindade-São Sérgio — retrucou Aliocha. — Lá, a fé pode ser melhor descoberta do que no Kremlin. Turistas demais.

— Perfeito — concordou tia Marthe. — Mas deixe Théo ver Lenin, estamos bem ao lado.

— Sem mim! — exclamou Aliocha. — Espero vocês na entrada da nova igreja, do outro lado da Praça Vermelha.

— Que nova igreja? — perguntou tia Marthe. — Não conheço.

— É que faz tempo que você não vem aqui. Olhe, à direita …

Pousada contra um prédio esverdeado, a minúscula igreja ostentava suas arcadas cor-de-rosa, seus campanários contrastantes e seus bulbos novos. Filas inteiras de passantes entravam e saíam sem cessar.

— De onde saiu essa igreja? — fez tia Marthe estupefata.

— Da terra — respondeu Aliocha sorrindo. — Da liberdade. Surgiu quando a Rússia ressuscitou. Está sempre cheia …

— A esse ponto? — ela se espantou.

— Entenda, Marta Grigorievna, a partir de 1930, a Igreja russa perseguida viveu clandestina, como a dos primeiros cristãos, de modo que se chamou naturalmente Igreja das Catacumbas. A liga dos sem-Deus massacrava o clero, os fiéis … Entre 1918 e 1938, quarenta mil sacerdotes e seiscentos bispos assassinados!

— Eu não conhecia esses números — murmurou ela.

— Tudo para transformar o povo russo em povo ateu! Você sabia que sob o comunismo, em Leningrado, os soviéticos desativaram a mais bonita igreja da cidade para instalar nela um museu da religião e do ateísmo?

— Disso eu me lembro muito bem — replicou tia Marthe. — Visitei-o nos anos sessenta. Com quadros representando os popes pervertidos, violentos, de barba desgrenhada. Era de um ridículo …

— Pois o resultado é o fervor russo! Livre da propaganda comunista, Nossa Senhora de Kazan foi devolvida ao culto ortodoxo e a cidade recebeu de volta seu nome, São Petersburgo. Às vezes, em nossas igrejas que outrora

haviam sido transformadas em depósitos, foram instalados ícones de compensado, tamanha era a pressa …

— Mas na Praça Vermelha fizeram melhor — observou tia Marthe.

— Parece um pudim de morango — comentou Théo, ácido.

Aliocha acariciou-lhe a cabeça e afastou-se em silêncio.

— Você o magoou — observou tia Marthe.

— Como ele é suscetível! — resmungou Théo. — Os russos são assim?

— São sensíveis — respondeu tia Marthe. — Perto deles, somos uns brutos. Aliocha não é devoto, mas ama seu país, só isso.

— Bom, vamos ver o coroa? — sugeriu Théo.

A múmia de Lênin

Diante do mausoléu de mármore escuro, os soldados montavam guarda entediados. Uns raros visitantes entravam apressados. Não havia acotovelamento para ver a múmia de Lenin.

— Quando penso no que encontrávamos aqui antes! — exclamou tia Marthe. — Uma fila interminável, casais de noivos de costume escuro e vestido branco vindos em peregrinação … Que mudança!

— Parece que não gostam mais dele — constatou Théo, fleumático. — Por que o deixam aqui?

— Eles tiraram a múmia de Stalin e enterraram-na discretamente. Lenin é diferente. Ele fez a Revolução, encarnou a esperança … Por que conservamos, em Paris, o túmulo de Napoleão, hein?

— É que alguma coisa na cabeça ele devia ter, com certeza — concluiu Théo. — Napoleão também não era nada mal no começo. Bem, vamos lá?

Théo ficou decepcionado. Amarelado, opaco, o rosto de Lenin não exprimia nada, nem mesmo a morte. O rapaz ficou um bom tempo diante

do pequeno corpo deitado, em busca de um mistério de que não restava o menor vestígio.

— E dizer que diante dele a Rússia inteira tremia — suspirou. — Por que querem preservar esse troço velho?

— Pela mesma razão que os cristãos disputavam o corpo de seus santos quando estes morriam, acho eu … Nem todo mundo está de acordo em conservá-lo aqui, mas ninguém consegue tomar a decisão de tirá-lo. O gosto pela relíquia é bem misterioso! Querem se convencer de que o corpo não é mais perecível.

— E se fosse verdade?

— O cristianismo inventou algo muito melhor do que as múmias: nós vamos ressuscitar no dia do Juízo Final, com um corpo intacto e glorioso. Com carne e tudo. Resolvido o problema!

— Mas este aqui não era cristão? — indagou Théo entre dentes.

— Não, precisamente. E Mao também não. As múmias dos fundadores do comunismo provam que se trata de uma verdadeira religião, nascida na Rússia. Naturalmente!

— Por que naturalmente? — perguntou Théo.

— Bem, em 1918, um ano após a chegada de Lenin ao poder, um grande poeta russo escreveu um curioso poema à glória da Revolução. Em pleno vento, sob a nevasca, marcham doze soldados miseráveis, quepe na cabeça, cigarro na boca, armados de fuzis. São os revolucionários, que não querem mais saber da Santa Rússia, "a Rússia de bunda grande", dizem eles, a Rússia das isbás. Atiram nos passantes, soluçam de remorsos e arrastam o velho mundo atrás de si. Sabe quem lidera o grupo?

— Lenin! — exclamou Théo.

— Jesus Cristo, levando na cabeça uma coroa de rosas e brandindo uma bandeira manchada de sangue. Porque quem liberta, na Rússia, é Jesus. Pelo

sangue e pelo fogo, pode ser. Mas, à sua maneira, os russos compreenderam a revolta de Jesus contra a injustiça deste mundo, que o Pai divino deixa correr.

— Eu achava que Lenin tinha boas ideias — disse Théo.

— Mais ou menos as mesmas de Jesus. Igualdade para todos, não mais ricos e pobres, uma felicidade ideal, o paraíso na terra … mas o paraíso ganho a tiro de fuzil.

— Como se chamava o tal poeta?

— Aleksandr Blok. Seu poema não deu certo. Ele teve tempo de ver as primeiras derrapadas da sua cara revolução, depois morreu escrevendo: "Ela acabou me devorando, esta imunda, fanhosa, natal mãe Rússia, como uma porca seu leitãozinho".

— Você sabe de cor! — espantou-se Théo.

— Se sei! — afirmou a tia. — Desconfio muito das mães natais. Olhe, conheço um grande místico hindu que cantava louvores ao Terror da Revolução Francesa, porque o dever da mãe Revolução é devorar seus filhos …

— Incrível! — exclamou Théo. — Mamãe vai me fritar com cebola.

— Sacrifício humano! — fez tia Marthe ameaçando-o com o dedo. — Está vendo que ele nunca está muito longe …

— Mas esse coitado do Lenin não era um bicho-papão — grunhiu o rapaz. — Só se enganou …

— Essa é boa! E os milhões de mortos do Gulag? Admito que Lenin era um homem austero. Não andava de carruagem, não levava a vida de um rei. Mas quantos crimes! Ideias esplêndidas, meios policiais. Massacres, intolerância, setenta anos de ditadura.

— Então é que os russos gostam mesmo de sofrer — concluiu Théo.

— Sofrer em Cristo — tornou tia Marthe. — Não é a mesma coisa.

— Devo dizer que para preservar esse caco velho de olhos fechados … — murmurou Théo lançando um derradeiro olhar a Lenin.

— Um pouco de respeito pelos mortos, faça o favor — ralhou a tia. — Não é culpa dele se lhe recusam uma cova.

21

A terra-mãe e o dom das lágrimas

Tia Marthe está cansada

Depois do almoço que Aliocha preparou com amor, Théo reclamou uma sesta.

— Está se sentindo mal? — preocupou-se tia Marthe.

— Não — murmurou o rapaz. — É que eu queria ler um livro sossegado. Quando vamos ao hospital?

— Não vamos. Os salários foram reduzidos, o que não contribui nem um pouco para a melhoria dos serviços. Os exames, nós faremos em … bem, você vai ver.

— Quase falou! — exclamou Théo. — E a próxima mensagem?

— Amanhã — respondeu a tia. — Seu pai não quer que fiquemos muito tempo aqui. Você não vai demorar para encontrar a chave do mistério!

— Então um bom livro e cama! — bocejou Théo.

Mas quando arranjaram um romance para Théo, ele já havia adormecido. Irina e Aliocha tomavam chá na sala de jantar. Marthe juntou-se a eles e

deixou-se cair numa cadeira, gemendo.

— *Doragaia Marta Grigorievna, welch'eine traurige Sache* … — disse Irina acariciando-lhe a mão.

— Hein? — estremeceu tia Marthe. — Ah! Entendi. Não, Irina, a coisa não é triste. Estou convencida de que Théo está a caminho da cura. Mas de vez em quando eu me canso um pouco …

— Como você sabe que ele está sarando? — perguntou Aliocha.

— É sua resistência à viagem que me dá esperança — ela replicou. — Eu estou morta, enquanto ele … nestes dois últimos meses, o tratamento tibetano parece ter contido a progressão do mal.

— Conhecemos esses métodos na Rússia — disse Aliocha. Nossos cientistas trabalharam sobre o hipnotismo, que muitas vezes cura melhor que a cirurgia. Quem sabe Théo sofre da alma e não do corpo?

— Sei lá — suspirou tia Marthe. — Os encontros dele com os terapeutas orientais provocaram uma melhora, mas daí a concluir que eles o curaram …

— Devíamos ir ver os ícones no museu — sugeriu Aliocha consultando o relógio. — Deixemos Théo dormir.

— Se vocês me permitem, vou fazer como ele. É estranho, quando Théo dorme, tenho verdadeiras crises de sono …

— É simpatia, no sentido grego — concluiu Aliocha. — Você é como mãe dele!

— Alto lá! Nessa armadilha não quero cair. Melina é jovem o bastante para ter outros filhos, e é ótimo que seja assim. Não, não sou mãe dele. Digamos que sou o que os gregos chamavam de "psicopompo": alguém que guia a alma …

— Você quer guiá-lo a Deus, creio — disse Aliocha.

— De jeito nenhum! Ele que se vire! Aliás, Théo sente menos atração pelas religiões do que pela mística.

— *Du bist also ein bisschen mystich* — insinuou Irina, sorrindo.

— Mística, eu? — protestou tia Marthe. — Confesso que eu me interesso pela coisa, nada mais. Afinal, é incrível que o homem sempre se refugie em Deus! E como não entendo, exploro.

— Exatamente o que os místicos fazem — garantiu Aliocha.

— Quer dizer … — hesitou tia Marthe. — Ora, vocês me enchem com suas insinuações. Vou descansar, pronto!

Irina e o marido trocaram um olhar divertido. Quando se sentia acuada, sua amiga Marthe emburrava.

O degelo da Mãe úmida

Por volta das dez da noite, Irina tirou Théo do sono com um caldo quente que ele engoliu em pequenos goles, antes de adormecer de novo como uma massa. Quanto a tia Marthe, tinha emergido na hora do jantar, mas não se havia mostrado nem um pouco mais loquaz. No dia seguinte, foram de carro ao mosteiro de São Sérgio.

— São Sérgio — resmungou tia Marthe afundando no banco de trás. — Por que mudaram o nome? Zagorsk era bonito!

— Mas não era o nome original, querida — respondeu Aliocha num tom contrariado. — A cidade em que o mosteiro se ergue foi desbatizada pelos soviéticos. Zagorsk era um revolucionário. Em lugar de são Sérgio! Fizemos bem de voltar ao passado.

— Batizar, desbatizar, que furor! — ela exclamou. — Cada geração vê o nome de sua rua mudar, é de deixar qualquer um tonto!

— Você teria preferido manter as placas em alemão em Paris, depois da guerra? — perguntou Théo, sarcástico, entre dentes.

— Théo entende rápido — comentou Aliocha. — É como se saíssemos de uma ocupação militar.

Tia Marthe virou a cabeça sem replicar. À medida que se afastavam da cidade e que os edifícios cinzentos desapareciam, a neve luminosa surgia na planície e no teto das casas. Encantada, tia Marthe redescobriu a brancura esfolada das bétulas, seu ar tristonho. Como por acaso, Irina pôs-se a cantar uma música melancólica, em uníssono com uma primavera que demorava a chegar.

— Como é bonito o degelo — suspirou Aliocha. — Em nosso país nada é mais importante. Depois do longo sono do frio, a alma desperta.

— Conheço essa música — murmurou tia Marthe. — Qual é mesmo?

— É uma melodia de *Kitej*, ópera de Rimski-Korsakov — respondeu Aliocha. — Ária de Fevronia, último ato, quando afunda no gelo. Sublime libertação …

— Morrendo gelada? — insurgiu-se Théo. — Que jeito de se 1ibertar!

— É preciso conhecer a lenda — tornou Aliocha. — Fevronia é uma camponesa que vive na floresta, tão pura e tão boa que o príncipe de Kitej se casa com ela com grande pompa. Mas, no dia das bodas, os tártaros ameaçam a cidade. Protegida por um sortilégio divino, Kitej se torna invisível e seus habitantes são salvos. Menos Fevronia, que um patife raptou. Espancada, torturada, a moça não perde nada da sua bondade. Quando, para tudo aquilo acabar, ela se deixa cair num lago gelado, reencontra a Kitej invisível de que será rainha.

— Tudo bem, mas ela morreu — constatou Théo.

— Não! Fevronia é o símbolo do degelo. O príncipe a descobre na primavera, rodeada de animais e de flores. E é no fim do inverno que ela

desaparece, pois o gelo cede. Fevronia é a terra russa, gelada no inverno, verde na primavera, voltada para o ideal da Cidade celeste.

— Como a Jerusalém dos judeus no exílio — disse tia Marthe. — Num outro tempo, um outro mundo, ano que vem …

— Théo não sabe que, depois da queda de Bizâncio, Moscou se designou como terceira Roma — prosseguiu Aliocha. — A primeira era a de são Pedro, a segunda, Constantinopla, e a terceira, Moscou.

— Há outras mais? — perguntou Théo.

— Não se pode excluir — respondeu tia Marthe. — Porque a Roma dos cristãos tem a mesma sorte de Jerusalém: fundar uma cidade equivale, muitas vezes, a roubar um pouco de Jerusalém. Como a cidade três vezes santa, Roma mudou três vezes de lugar.

— Construir uma cidade, afinal, é muita coisa! — exclamou Théo. — Não dá tempo para se ocupar de Deus …

— Grande erro! Os ritos de fundação das cidades sempre se apoiam no divino. Lembre-se das cidades chinesas, um quadrado num círculo, em conformidade com o tão … Antes de decidir por um lugar, traça-se um sulco quadrado, procura-se uma fonte milagrosa, um sinal sobrenatural, se necessário inventa-se esse sinal. Quantas muralhas edificadas sobre o corpo de uma virgem sacrificada!

— Sozinha a terra russa já é sacrifício — murmurou Aliocha. — É mãe que chora no campo de batalha contemplando seus filhos massacrados. Antes do cristianismo, existia uma divindade pagã, Mãe Terra Úmida, que não aceitou que a abrissem até o dia em que Deus lhe disse: “Não chores. Tu alimentarás os homens, mas a todos eles também comerás”. Conservamos essa deusa nutriz. Nossa terra! Nós nos prostramos para tocá-la, nós a beijamos com respeito. Nós lhe suplicamos que perdoe …

— Vocês não são os únicos — observou tia Marthe. — Sabe como os escravos negros deportados para o Brasil se suicidavam? Comendo terra, por desespero de terem perdido a deles.

— Nós não a comemos! — melindrou-se Aliocha. — Nós, russos, confundimos a terra com a Mãe de Deus. Inundá-la de lágrimas é uma santa ação …

— Curioso sistema de irrigação?

— Deixe Aliocha continuar — interveio Théo.

— Olhem quem fala — rabujou tia Marthe. — A Terra-Mãe te interessa?

— E muito — retrucou Théo. — Mamãe também chora muito, mesmo quando está alegre. Vovó Théano diz que é a Grécia se manifestando.

— Vovó Théano é a avó grega de Théo — explicou tia Marthe. — Está aí o que o torna sensível à Rússia.

— Nós talvez sejamos mais pagãos do que os gregos — disse Aliocha. — Aqui, a Terra-Mãe devora o invasor, Napoleão, Hitler … Ela nos defende.

A adoração da beleza

Quando avistou as cúpulas azuis estreladas de dourado, Théo não pôde conter um grito de admiração. Cintilantes, suas imensas cruzes ofuscavam o azul do céu. O mosteiro da Trindade São Sérgio parecia acolher em sua colina a humanidade inteira. Théo entrou no recinto a passos lentos. As alamedas margeadas de arbustos cobertos de neve conduziam às igrejas em que entravam velhas senhoras de lenço na cabeça, mocinhas risonhas e jovens de semblante grave. Popes bem vestidos, mexendo compungidos em sua cruz peitoral, circulavam em meio à multidão de fiéis que lhes beijavam as mãos e davam imagens para benzer.

— Incrível — murmurou tia Marthe. — A última vez que vim aqui, só vi duas ou três *babuchkas*.

— *Babuchka* é o quê? — quis saber Théo.

— São as velhinhas — respondeu Aliocha. — São muito respeitáveis. Adiante.

Foi difícil avançar, a tal ponto a igreja estava cheia. Abrindo caminho, Théo ouviu múltiplas e misteriosas vozes, um murmúrio profundo e queixoso. Depois viu milhares de círios ardendo na penumbra e seu peito se dilatou.

— De onde vem a música?

— São os fiéis que cantam a várias vozes — murmurou Aliocha.

— Parecem anjos — disse Théo deslumbrado.

Diante da multidão que rezava batendo no peito, Théo percebeu um imenso painel coberto de cima a baixo de compridas figuras aureoladas: mesmo olhar negro, mesmos rostos tristes de olhos cheios de lágrimas … Os anjos e os santos pareciam chorar os fiéis.

— Os ícones — sussurrou Aliocha. — Está vendo Cristo? É o maior.

— Está me encarando com um olhar bravo — murmurou o rapaz, fascinado.

— Cristo é o senhor de tudo, *Pantocrator* em grego. Verdadeiro rosto do homem contemplado por Deus. Face de amor que sofre esperando que nós nos reconheçamos nele. Fixar o olhar de Cristo é fundir-se em seu sofrimento e em sua divindade.

— Isso mexe um bocado comigo — disse Théo arrepiando-se. — Como quando estou com febre …

— Normal — sussurrou Aliocha. — Contemplar os ícones, ouvir os cantos, ver as luzes, respirar o incenso é olhar a beleza. Então todos os sentidos são comovidos pelo mistério da Trindade: o Pai não está presente,

mas o Filho nos fita com amor e a Mãe que chora é você. Chamamos isso de "dolorosa alegria".

— Que coisa — murmurou Théo fungando. — Dá vontade de chorar …

— Não se contenha — falou Aliocha. — Deixe as lágrimas correrem, elas fazem bem.

— Por quê? Não choro de propósito, está além das minhas forças …

— Deixe acontecer … — repetiu Aliocha. — A alegria é isso.

Quando a liturgia terminou, grossas lágrimas escorriam no rosto radioso de Théo.

— Tome — resmungou tia Marthe oferecendo-lhe seu lenço. — Seu nariz está escorrendo.

A fonte das lágrimas e o segundo batismo

No adro reinava uma agitação de formigueiro. Numa atmosfera de quermesse, os fiéis se comprimiam em torno das lojinhas para comprar minúsculos ícones e cruzes. Sentado à parte, um rapaz de nariz ensanguentado segurava a cabeça gemendo.

— O que aconteceu com ele? — preocupou-se Théo. — Apanhou?

— Aos domingos, veem-se muitos jovens machucados — explicou Aliocha. — No sábado bebem. À noite brigam. No dia seguinte, durante a liturgia, vêm rezar antes de começar tudo de novo no sábado seguinte …

Com dó do rapaz Théo pôs-se a choramingar.

— Não exagere, Théo — interveio tia Marthe. — Você deve ter perdido o juízo, para ficar num estado assim!

— Marta Grigorievna, esse estado que a escandaliza não vem da cabeça, mas do coração — disse Aliocha, contrariado. — A fé russa exige que se dispense o cérebro …

— Tinha esquecido — ela esbravejou. — Como é mesmo que vocês chamam isso? O cérebro no coração?

— Durante a prece o espírito tem que descer do cérebro até o coração — ele corrigiu. — A cabeça cuida da inteligência, mas o coração é a fonte das emoções. Ora, a inteligência não sabe rezar. A prece não consiste numa concentração do espírito nas palavras: basta repetir como uma criança, gaguejando, balbuciando, e a fonte jorra do coração.

— Que pueril! Sabe a que extravagâncias os monges ortodoxos chegam, Théo? Dobram-se em dois até cortar a respiração, fixam o umbigo com intensidade e repetem incansavelmente a prece de Jesus até perderem a consciência!

— Uma simples técnica de êxtase dentre tantas outras! — protestou Aliocha. — Primeiro os monges que iniciaram essas práticas eram gregos, depois o objetivo deles, ao cortar a respiração, era obter a descida do cérebro até o coração.

— Para que serve o umbigo então? — perguntou Théo.

— O umbigo fica no meio do ventre, no lugar em que fomos separados de nossa mãe. Uma vez cortado o cordão, como restabelecer o contato? O umbigo é o centro do ventre, assim como é o centro do mundo. Para alcançar o êxtase, basta ritmar juntos respiração e prece.

— Como na ioga! — exclamou Théo. — É verdade, tia Marthe, não é muito diferente do "om" do Gaiato!

— Só que os iogues não choram — ela retorquiu. — Eles sorriem. Não gosto desses choramingos.

— Você não entendeu nada da coisa, Marta Grigorievna — interveio Aliocha bravo. — Vou lhe explicar o dom das lágrimas.

Como os profetas de Israel não haviam cessado de clamar, o mundo pertencia à dor, de que Cristo supliciado era a encarnação suprema. É por

isso que o homem russo era constantemente afligido por uma tristeza inspirada por Deus.

— Conheço essa música — comentou Théo. — Tudo é sofrimento!

Mas a tristeza humana podia se transformar graças ao dom das lágrimas. Se as pessoas se contentassem de ficar em seu canto com a austeridade carnal, permaneceriam estéreis. Em compensação, se saem da melancolia solitária, podem entregar-se ao gosto delicioso das lágrimas. Chorar não era dado a todos: o dom das lágrimas era uma graça reservada aos corações puros. Na Rússia, os santos homens tinham o poder de provocar lágrimas, o que lhes permitia curar os fiéis. Eram chamados *startzy*, monges-profetas; no singular, *staretz*.

Em várias ocasiões, a Rússia conheceu *startzy* celebérrimos. No século XV, quando as agitações políticas abalavam o país, no século XIX, quando a Igreja russa estava submetida ao Estado, enfim, sob o jugo dos soviéticos na época das perseguições. Quando o povo russo não tinha mais nenhum recurso, apareciam os monges-profetas para aplacar os temores e alimentar seu fervor. Não eram casados, como os popes, retiravam-se para o deserto, como Cristo e Moisés …

— Para o deserto, na neve? — espantou-se Théo.

Neve ou areia, o princípio do deserto residia no vazio solitário. O *staretz* se isolava num eremitério onde, em pouco tempo, atraía as multidões pela bondade de seu olhar luminoso. Era objeto de uma veneração popular: melhor que um dignitário, mais que um pope, superior a um czar, seu coração simples reunia os russos numa comunhão coletiva. E ele sabia fazer correr lágrimas de alegria, as únicas capazes de irrigar a secura do espírito que enfim desceu até o coração.

— Chamo isso de pieguice — grunhiu tia Marthe. — Chorar sem parar, que fraqueza!

Fraqueza? Sim, por natureza o homem era fraco e pecador. Mas não se devia chorar continuamente, porque as lágrimas que não paravam significavam uma cruel indiferença. As verdadeiras lágrimas eram instantâneas, à maneira de um segundo batismo que inunda o coração do homem em prece. Elas lavavam o coração de suas impurezas, aliviavam-no e tornavam-no feliz.

— Não é verdade, Théo, que suas lágrimas fizeram bem? — Concluiu Aliocha.

— Se fizeram — concordou Théo. — Mas deixam as pernas Bambas … estou pregado!

— Pronto! — gritou tia Marthe. — Você virou a cabeça do menino, Alexei Efraimovitch … no estado em que ele está! Muito esperto!

Surpreso com a cólera da tia, Théo assoou fortemente o nariz.

A cidade de três nomes

— Devagar … não exageremos! É que as emoções abrem um buraco no estômago. Bem que eu comeria alguma coisa …

— Quer comer uns *pirojkis*? — sugeriu Aliocha, solícito. — Perto das lojas de souvenirs, na porta do mosteiro, a gente encontra.

— São pasteizinhos de carne — explicou tia Marthe. — Quer?

Théo entupiu-se de *pirojkis* acompanhados de coca-cola enquanto espiava os objetos para turistas, bonecas coroadas de centáureas e espigas, *matriochkas* gigantes figurando os czares, xales floridos com franjas pretas.

— Por que não compra uma *matriochka*? — sugeriu tia Marthe. — Esta aqui, por exemplo, com suas bochechas simpáticas e seus olhos azuis …

— Bah — fez o rapaz. — Você já levou três. Quero xales, um para mamãe, um para Attie, um para Irène.

— Tudo bem, mas a *matriochka* eu te dou de presente — ela insistiu. — Faça o favor de abri-la já.

— Aposto que tem uma mensagem escondida dentro — falou Théo levantando as bonecas de encaixar. — Não disse?

Por reunir dois continentes, conquistaram-me muitas vezes e mudei de nome três vezes. Se tu me encontrares, poderás dizer adeus à razão …

Impassível, Théo enfiou a mensagem no bolso e foi escolher os xales para a família.

— Adivinhou? — surpreendeu-se tia Marthe.

— Como você é apressada! — exclamou o rapaz apalpando os tecidos. — Não tem pressa …

— Tem, sim — replicou ela. — Vamos embora amanhã, eu já te avisei … um dia só para descobrir!

— No carro, então — concedeu ele. — Você paga os xales?

Nesse instante, estremecendo o espaço, os primeiros sinos emitiram seus sons poderosos e graves, logo acompanhados pelos menores. O céu inteiro ressoava. Maravilhado, Théo paralisou-se, com os xales na mão.

— Os sinos russos são seres vivos — comentou Aliocha. — Quando nasceu a Igreja russa, fundir um sino era obra sagrada, porque o som do sino faz soar a voz de Deus.

— Nunca ouvi nada tão lindo — falou Théo.

Foi preciso arrancá-lo dos esplendores de São Sérgio e enfia-lo à força no carro. Reclamando, tirou o papel do bolso.

— Vamos lá — suspirou. — "Entre dois continentes", preciso do mapa. "Conquistaram-me muitas vezes …" Banalidade. Em frente. "Mudei de nome três vezes", como vou saber? Mas o fim dá o nó no embrulho: "dizer adeus à razão?".

— Reconheço que não é fácil — admitiu tia Marthe.

— Entre dois continentes, temos o México — sugeriu Aliocha. — Ou Tânger. Ou o estreito de Behring, entre a Rússia e a América …

— Soprar não vale! — avisou tia Marthe.

— Entre a Grécia e a Turquia, esperem … Istambul!

— Você podia penar mais um pouco! — exclamou tia Marthe decepcionada. — E os três nomes da cidade?

— Você nunca está satisfeita — replicou o rapaz. — Ou vou depressa demais, ou devagar demais. Quer que eu diga os três nomes? Constantinopla, Bizâncio e Istambul, taí! Agora que fiz a lição de casa, posso tirar uma soneca?

Aninhando-se contra o ombro de Aliocha, Théo adormeceu.

— Desde que partimos do Japão, ele chora com frequência — murmurou tia Marthe. — Mal de amor …

— Ele é tão encantador — disse Aliocha. — Você vai ver que estas últimas lágrimas curaram sua alma.

Pombinho

Para a noite de despedida, Irina se desdobrou. Espadarte defumado, vodca, *bortsch* de beterraba vermelha, sorvete de laranja. Velas em cima da mesa, a sala de jantar estava mais calorosa do que nunca.

— Saúde, *galubtchik*! — brindou Aliocha erguendo o copo de vodca.

Théo imitou-o e bebeu de um só gole.

— Ai … — gemeu com uma voz estrangulada. — Como é forte! Vou tomar mais um ou dois copos. Aquece tudo …

— *Otchin etwas Bortsch*? — sussurrou Irina. — *Das ist seh gut*!

— *Stratvutie, Irina, ich habe genug* — respondeu tia Marthe.

— Quando vão parar de falar essa língua enrolada? — irritou-se Théo. — Bom, vou ligar para minha mãe, então.

O telefone estava no corredor. De longe, Marthe ouviu a conversa costumeira. Tudo ia bem, ele não tinha se resfriado, fariam os próximos exames em Istambul, sua voz estava esquisita por causa da vodca, só bebeu dois copos, fortíssimo, ah, a Rússia era lindíssima, sim, e Fatou? Ia bem? Não? Ah …

— Amanhã eu ligo para Fatou — disse ao voltar. — Vou fingir que peço uma dica.

— E você lá precisa de pretexto? — tornou tia Marthe. — Telefone agora!

— Tenho que me preparar — bufou. — E, também, bebi demais.

Melancólico, dirigiu-se para seu quarto cambaleando. Irina foi lhe dar um beijo no rosto, seguida de Aliocha que se sentou na beira da cama segurando-lhe a mão.

— Aliocha, como foi que você me chamou faz pouco? Galu alguma coisa …

— *Galubtchik* — respondeu Aliocha. — "Pombinho", em russo.

— Bonito — bocejou Théo de pileque. — Pombo voa!

22

Islã: o abandona a Deus

Théo mente

De manhã, Théo dirigiu-se tateando para o telefone. Digitou o número às cegas …

— Fatou? Sou eeeu … É, estou bocejando. Acabo de acordar e, está vendo, telefono para você. Ah, é de noite? Oh, desculpe. Como, tanto tempo assim? Tem certeza? Faz três semanas que não ligo? É muito tempo. É por isso que você parece tão triste? Deixe disso, ora! Esquecer de você? Com os seus dois pingentes no pescoço? Estou com você o tempo todo. Bom, me dê a dica. *Adeus razão vendo os que giram.* Não me sugere nada. Assim ligo de novo mais tarde, para a outra dica. Quando? Depois do café da manhã. O Japão? Legal. Com quem? Uma dona. É, outra velha. Claro que eu te amo.

— Mentiroso — disse tia Marthe nas costas dele.

— Tive que ser — suspirou Théo. — Aliás, ela já está melhor.

Revigorado por um chá preto, farto de croissants e empanturrado de geleias, Théo se perguntava como sair da situação. Decifrar o sentido da

dica, ligar de novo para Fatou, agradecer-lhe, dizer-lhe que, sem ela, nunca teria encontrado, que sem sua pítia amada ele não avançaria … Que o sentido da viagem era a volta a Paris. Que ele a amava muito.

Encontrar "os que giram".

— Vamos ver dançarinos em Istambul? — perguntou.

— Em certo sentido — respondeu tia Marthe. — Vou te ajudar: eles vestem uma túnica branca.

— E giram — notou Théo, pensativo. — Que raio de negócio é esse? Todos os dançarinos giram!

— Não em torno deles mesmos, nem o tempo todo — reparou tia Marthe. — Você não vai adivinhar. São os dervixes girantes. Ande, ligue para a sua namorada …

Do amor ao fanatismo

Como previsto, no aeroporto as despedidas fizeram rolar lágrimas. Apertados um contra o outro, Irina e Aliocha agitaram as mãos o mais que puderam. Aborrecida, tia Marthe vigiava as bagagens e Théo sonhava com Fatou. No avião, ele folheou distraidamente a revista da companhia Turkish Airways, parando numa foto.

— É cheia de mesquitas mesmo, Istambul — constatou.

— As mais numerosas, as mais bonitas do mundo — confirmou tia Marthe. — O melhor lugar para você conhecer o islã.

— Ué, o melhor lugar não é Meca?

— Sim. Mas infelizmente os não-muçulmanos não são admitidos lá sob nenhum pretexto. Como você e eu poderíamos ir? Não temos a menor chance.

— Não dá para fingir?

— Impossível. Assim que se chega perto de Meca, as placas avisam: STOP. RESTRICTED AREA. MOSLIMS ONLY PERMITTED. Área reservada aos muçulmanos … Eu as vi com meus próprios olhos! Além disso é perigoso. Todos os anos, durante a grande peregrinação, sempre morrem fiéis sufocados pela multidão, um horror!

— Que coisa! — exclamou Théo. — Religiãozinha ruim essa!

— Não é bem assim … Na Índia, durante as peregrinações ao Ganges, de doze milhões de peregrinos, várias centenas morrem todas as vezes. Fenômenos de massa, sem relação com o conteúdo religioso. O islã não tem culpa.

— Só quero ver — replicou Théo desconfiado. — Não tenho certeza se todos os muçulmanos são como meu sheik de Jerusalém.

— Nem todos os hindus são como o Mahantji, tampouco! Não há religião sem fanáticos. Mas não há fanatismo sem tolerância: é a regra.

— O problema é que você só conhece os tolerantes. Eu vejo sempre os melhores, nunca os piores.

— Os piores nem falariam com você. Não admitiriam em hipótese alguma que alguém queira compreender todas as religiões ao mesmo tempo. A deles é a verdadeira, e ponto final.

— Por que os integristas não são tolerantes, afinal de contas? Que irritante!

— Irritante mas lógico, sabe … Os fanáticos nascem da miséria. Pegue os pobres dos subúrbios miseráveis, em qualquer lugar do mundo que você quiser, Bombaim ou Cairo, por exemplo. Eles vêm do interior porque não têm mais nada. A última seca matou seu gado, e as sementes não germinaram. Sem trabalho, sem comida, deixaram o campo para arranjar um emprego … Ilusão. Caíram na armadilha, perderam tudo, a terra natal, seus rebanhos, suas árvores e suas plantações, tudo, salvo a religião.

— Eu me pergunto para que ela pode lhes servir.

— Para reconstituir em torno deles um mundo mais ou menos coerente. No templo, na mesquita, eles se encontram em comunidade. Em casa, podem instalar os objetos do culto, um tapete, um retrato, uma reprodução, deuses. Depois vêm os religiosos que cuidam dos pobres, porque os movimentos integristas praticam a assistência aos pobres com notável assiduidade.

— Ah é? Também fazem o bem?

— É preciso encarar a coisa de frente, e a resposta é sim — respondeu tia Marthe. — Só que raramente é gratuito. Os desgraçados são economicamente dependentes dos religiosos, e é por isso que os fanatismos nascem, com tanta frequência.

— Quer dizer então que os líderes religiosos manipulam — concluiu Théo.

— Não é tão simples assim. O que os religiosos veem claramente é que a pobreza se instala em torno das cidades. Em 2020, seremos seis bilhões de homens na Terra, metade dos quais amontoada nas megalópoles. Três bilhões.

— Tanto assim? — exclamou Théo assustado. — E o que se pode fazer?

— Ninguém sabe. Entre os pobres dos casebres, a religião está ali, prontinha para consolar os deserdados. Ela acalenta o coração, suscita a esperança … entende?

— Entendo que uns espertalhões tiram partido dessa situação — ralhou Théo.

— Nem isso — replicou a tia. — Querer restabelecer a justiça é algo que se pode compreender.

— Com uma bomba na mão? — indignou-se o rapaz.

— Eu nunca disse que aprovava tal atitude. Procuro apenas encontrar as causas. Senão, é a guerra!

— A guerra em nome do amor a Deus é horrível — disse Théo. — Quando se ama, não se quer fazer o outro morrer, que eu saiba!

— Talvez … Você conhece a lenda de Tristão e Isolda? Eles se amaram tanto que os dois morreram …

— Era só se casarem.

— Não podiam! Isolda era casada com o tio de Tristão …

— Então, azar o deles. Tia e sobrinho, isso não se faz. Já imaginou você e eu? Era só não se amarem.

— Tentaram! O amor às vezes é mortal, Théo. Às vezes mães sufocam o filho por amor, e o filho morre. O amor muitas vezes é guerra …

— Não sou dessa opinião — contestou o rapaz. — Amor é paz. Senão, é blefe.

— Vejamos. Suponha que quando você voltar Fatou não te ame mais. Você não tentaria forçá-la a te amar?

— Não é possível — respondeu Théo corando. — Nós dois … é para valer. A gente briga, mas não guerreia.

— Cuidado com as brigas — murmurou tia Marthe. — São o início da guerra. Foi com brigas que Bizâncio se dilacerou. São as brigas que separam as religiões umas das outras. Conversa-se seriamente entre si, discute-se … Um dia, vem a desavença, separam-se, armam-se e guerreiam. Em nome de Deus e do amor.

— Que absurdo! Não acredito em você.

— Como queira — suspirou ela. — A história de Istambul talvez te esclareça.

Bagagens, carregadores … As chegadas eram todas iguais. Como no Cairo, as mulheres de Istambul ora usavam véu, ora não. Na confusão, tia Marthe procurava o próximo guia.

— Me ajude, Théo. Ela tem pele morena, olhos negros …

— Não é moça demais? — preocupou-se Théo.

— Madura. Impossível você não percebê-la. É linda.

— Aquela? — perguntou Théo apontando para uma senhora gorducha de rosto sorridente.

— Nasra é magra como um barbante! — respondeu tia Marthe chocada. — Uma gazela! Olhe, não te menti …

Era verdade. Nasra era de parar o trânsito. Olhos de corça, sorriso semicerrado, véu de musselina, compridos brincos de esmeralda nas orelhas, parecia saída de uma miniatura. Boquiaberto, Théo a contemplava sem se mexer.

— Hello! — lançou a mulher com uma voz meio rouca. — Sua tia me falou muito de você. Me dá um beijo?

Não foi preciso pedir duas vezes. Além de tudo, ela era cheirosa e tinha engastado numa narina um minúsculo brilhante.

— Você é indiana — murmurou Théo enlaçando seu pescoço. — Estou vendo pelo seu diamante.

— Sou paquistanesa — ela corrigiu sorrindo.

— Qual a religião em seu país? — murmurou Théo intimidado.

— Mais tarde eu conto — respondeu a mulher. — Primeiro vamos sair desta confusão.

Apesar de sua compleição delgada, Nasra não carecia de autoridade. Deu ordens aos carregadores como um verdadeiro comandante. Devidamente estimulado, o motorista do táxi partiu sem discutir. Carregadores, carros,

burricos, engarrafamentos, buzinas. Mas, no alto das colinas, os minaretes flutuavam na poeira dourada. O táxi seguiu ao longo das feiras, das mesquitas, das casas de madeira com sacadas trabalhadas, dos prédios de concreto, das lojas, das barracas, mas em toda parte o mar impunha sua presença. Tia Marthe e Théo ficariam no apartamento de Nasra, sétimo andar com terraço e vista para o Chifre de Ouro.

Nasra gostava de sofás e angélicas. Desfez o véu, livrou-se dos escarpins, sacudiu as pulseiras de diamantes e sentou-se graciosamente no tapete. Silenciosa, uma mulher de preto trouxe o café adoçado. Nasra agradeceu-lhe em árabe e mandou que sentasse.

— Um diamante no nariz, angélicas e você não é indiana! — exclamou Théo.

— O Paquistão e a Índia nasceram em 1947, da divisão de um único país a que chamavam "Índias" — explicou tia Marthe. Ao noroeste da Índia é onde fica o Paquistão, cujos habitantes são em maioria muçulmanos, como Nasra.

— Então, agora há pouco você falou a língua muçulmana do seu país — constatou Théo.

— Em minha terra, fala-se urdu — disse Nasra. — Em Istambul fala-se turco, e eu falei árabe com minha amiga Mariam, que é palestina. Não há língua muçulmana.

— Em todo caso, Nasra, o Corão é escrito em árabe literário — interveio tia Marthe.

— Deus fala ao coração dos crentes na língua deles — replicou Nasra, sentenciosa. — Falou a Moisés em hebraico, a Jesus aramaico e a Maomé em árabe. Para mim, a língua tem menos importância do que o amor a Deus. Quer provar estes doces, Théo? Cuidado, são cheios de mel.

— *Baklavas*! — exclamou Théo encantado. — O mel tem gosto de paraíso.

— Não percamos muito tempo, Nasra — interveio de novo tia Marthe.

O Corão

A mulher dobrou as pernas sob os joelhos.

— Vamos lá — disse ela. — Então, parece que vou ter que te explicar o Corão.

— Que eu saiba, não! — surpreendeu-se Théo. — O sheik me contou em Jerusalém. Alá, Maomé, Abraão … Já sei tudo!

— Vamos ver — ela sorriu. — Lembra-se o que significa Corão?

De surpresa, Théo abriu a boca e o mel escorreu-lhe no queixo.

— Nosso amigo Suleyman bem que me preveniu que você corria o risco de esquecer — ela observou. — Sim, ele e eu nos conhecemos, imagine só, muito bem até. No entanto, ele te explicou: Corão significa RECITAÇÃO. Pelo menos sabe quem é Iblis em nosso livro?

Nenhuma resposta.

— Vou te dizer. Quando o Criador modelou Adão com barro, ordenou que todos os seus anjos se prostrassem diante da sua criatura. Um só se recusou, Iblis: "Não me prostrarei", falou, "porque sou melhor do que ele. Tu me criaste de fogo, e ele, de barro". O Criador imediatamente o degradou: "Sai daqui! Maldito sejas até o dia do juízo!".

— Mas esse anjo tinha razão — comentou Théo.

— Não, porque contestava seu Senhor. No entanto, Iblis pediu ao Criador um prazo para seduzir os homens. A resposta de Alá é misteriosa: "Tu és daqueles a quem um prazo é dado", disse-lhe aceitando sua súplica. De

modo que o Criador deixou ao anjo decaído o poder de levar os homens para o Inferno. Iblis, o primeiro infiel, também se chama Satã.

— Bom, é o diabo.

— Mas Iblis fez um acordo com Deus, o que não é o caso do diabo dos cristãos. Cabe ao crente decidir-se a optar entre Iblis e o Profeta, porque o Corão adverte: se ele não respeitar a palavra de Maomé, então, quando chegar a hora, estarão à sua espera o caldeirão e o pez fervente.

— Como sempre.

— Não, mais. O Corão insiste longamente sobre os suplícios do Inferno. Mas também se demora nos prazeres infinitos do Paraíso, jardins fabulosos cheios de rios de leite e mel, onde todos os desejos são satisfeitos. Rapazes vestindo cetim verde servem deliciosos néctares, as huris dançam para cativar os sentidos …

— As huris?

— Criaturas celestes, moças de olhos pintados com *khôl* — interveio tia Marthe. — São as companheiras dos crentes, eternamente virgens …

— Pelo que vejo, o Paraíso de Alá é uma festa — comentou Théo. — Melhor que o dos cristãos, no qual ninguém faz nada.

— Isso tudo são imagens, Théo — continuou Nasra. — Elas existem para fazer sonhar. Porque, para evitar o Inferno e ganhar o Paraíso, o método é simples. Basta respeitar ao pé da letra os cinco pilares do islã. Um, atestar que o único deus é Deus e que Maomé é seu Profeta. Essa profissão de fé se chama "Chahada", isto é, testemunho. Dois, praticar as preces. Três, pagar todos os anos o dízimo obrigatório para os ricos.

— Dízimo? — espantou-se Théo. — Aprendi em história que no Antigo Regime, os padres o cobravam das colheitas dos camponeses …

— No islã, não há padre. O crente dá o dízimo ao Senhor seu Deus — interveio tia Marthe. — Uma cotização para ser repartida entre os pobres.

Parece-me que também existe uma esmola voluntária, não é, Nasra?

— Ela é recomendada. O quarto pilar consiste em jejuar durante o mês do Ramadã. Do nascer ao pôr-do-sol, o jejum é absoluto. Nem uma migalha de pão, nem uma gota d'água. Não se tem nem sequer o direito de engolir saliva …

— Puxa! — exclamou Théo. — Que duro!

— O esforço faz parte do Ramadã — admitiu Nasra. — Mas a noite festeja-se em família. Quanto ao quinto pilar, é a obrigação de peregrinar a Meca, quando se tem meios para isso.

Como está vendo, os princípios são simples. A eles se somam outras prescrições mais detalhadas, tão numerosas quanto as editadas por Moisés para os judeus.

— Muitas vezes são as mesmas — observou tia Marthe. — Proibição da carne de porco, dos animais que não são sangrados de acordo com o rito, circuncisão …

— A que muitas vezes se acrescenta, por erro, a excisão das meninas! — indignou-se Nasra. — Quando penso que se trata de um costume africano e que nossos tradicionalistas fazem dele um preceito muçulmano! O Profeta rejeita taxativamente a excisão!

— Não vá explodir, querida amiga — sorriu tia Marthe. — Quanto ao vinho, o Profeta é quem proíbe, e deve ser o único, sem dúvida.

— Chegou a essa proibição pouco a pouco — precisou Nasra. — No começo celebrou a doçura do vinho como um benefício de Deus. Mas, ante as desordens causadas pela embriaguez dos primeiros crentes, comportou-se como chefe de Estado. Exatamente como Gorbatchev ao chegar ao poder na União Soviética, nos anos 80: sua primeira decisão foi proibir o álcool. O Profeta é ainda mais severo no que concerne aos jogos a dinheiro, vãos e perigosos ídolos …

— Mesmo assim, com exceção do vinho, o Corão se parece muito com a Bíblia no que diz respeito aos tabus alimentares — insistiu tia Marthe.

— Não discordo! O Profeta não cessa de recordar que, antes dele, Alá enviou seus mensageiros aos homens. É por isso que o Criador mandou um derradeiro mensageiro, respeitoso dos que vieram antes dele. O Profeta enviou emissários aos judeus e aos cristãos, mas, apesar das revelações precedentes, eles não quiseram ouvir. É o que diz o Corão.

— Então é verdade o que dizia Suleyman, mais nenhum mensageiro virá? — perguntou Théo.

— Atenção — avisou Nasra. — Se nos ativermos ao Corão, mais nenhum. Mas existem numerosos comentários, os "Hadith", que constituem a tradição do Profeta, a "Suna". Ora, de acordo com um dos Hadith, alguém virá, o Mahdi, o que significa o Bem Guiado, que teria a mesma função do Messias dos hebreus. Em geral, os crentes não o esperam como os judeus, eles não creem em sua encarnação como os cristãos, não esperam mais que o acontecimento final. Então os crentes serão recompensados e os infiéis irão para o Inferno.

— Falemos um pouco dos infiéis, justamente — interveio tia Marthe. — Porque, de acordo com o Corão, a luta contra os infiéis é, afinal de contas, uma obrigação!

— Você está falando da *jihad*, da guerra santa? — tornou Nasra. — Sabia que essa palavra significa antes de mais nada "Luta no caminho de Deus", "Esforço num sentido preciso"?

— Esforço sobre si — disse Théo. — Está vendo que não esqueci tudo.

— Parabéns, Théo! Você entende melhor que sua tia … Além do mais, nem todos os infiéis são não-muçulmanos!

— Oh! Eu sei — retorquiu tia Marthe. — Você vai me dizer que os fiéis das outras religiões do Livro, judeus e cristãos, são tolerados pelo islã

contanto que paguem impostos particulares. Vai me citar como exemplo Solimão, sultão do império turco que recebeu de braços abertos os judeus corridos da Europa após o decreto de expulsão dos reis católicos, em 1492. Conheço tudo isso. Apesar disso, se alguém é animista, budista ou hindu, será obrigado a converter-se ao islã sob pena de morte!

— Infelizmente fez-se disso, com frequência, o sexto pilar do islã. A *jihad* seria a porta do Paraíso … Prefiro a versão do grande filósofo Algazali: "Pode-se ser guerreiro na *jihad* sem sair de casa".

— Fácil demais, Nasra. Fale a Théo das prescrições corânicas relativas às mulheres. Fazem tanto barulho!

— Sim, eu não deveria ter tirado o véu na sua frente, Théo — disse Nasra rindo. — Porque você não é nem meu pai, nem meu irmão, nem membro da minha família, e não é mais um garotinho. Agora pense. É preciso situar-se na época que precede a revelação: o "tempo da ignorância". É aos homens, todos eles violentos e brutais, que se dirige Maomé em primeiro lugar. Ele os proíbe de repudiar a esposa por um pretexto qualquer. Ordena que, se se divorciarem dela, a indenizem materialmente, pede-lhes que sejam bons com ela e, se nela baterem, que não exagerem … Isso dá uma ideia da situação das mulheres na Arábia quando o Profeta anunciou a Palavra! Os beduínos, se lhes desse na telha, até enterravam vivas suas filhas, quando elas nasciam …

— Tudo bem — disse tia Marthe. — Depois o Profeta se dirige às mulheres.

— É verdade — admitiu Nasra. — Mas se examinarmos melhor a coisa, o Corão é sensato. As mulheres devem ser virtuosas, boas esposas, boas mães, levar uma vida decente, cobrir-se com um véu até os seios e só o tirar em família. Não vejo nada de escandaloso nisso. Você prefere as mulheres nuas nos desfiles de alta-costura em Paris?

— É bonito uma mulher nua — ousou Théo.

— Por acaso sua mãe anda de seios de fora nas ruas de Paris? — rebateu vivamente a mulher. — Duvido. A verdade é que há exagero de ambos os lados.

— Diga a Théo de onde vem o exagero muçulmano — pediu tia Marthe.

— Os muçulmanos não têm papa nem patriarca para decidir sobre a aplicação do Corão. A comunidade dos crentes, em árabe a Uma, não tem chefe infalível … Então, há séculos, os sábios doutores muçulmanos acrescentaram seus comentários: as mulheres não devem apenas cobrir o peito com um véu, mas também a cabeça e o rosto. Você encontra isso em nota de rodapé em certas traduções francesas do Corão. Mas, no Livro mesmo, não há nada disso.

— Por que então você tirou o véu na minha frente? — espantou-se Théo.

— Eu me adapto. Quando vou visitar meus amigos na Índia, não uso véu. Na Europa também não. Mas se estou num país em que isso poderia ser chocante, ponho um véu na cabeça. Não sou integrista, Théo.

— Isso eu imaginava — disse o rapaz. — E seu marido, tem várias mulheres?

— Não — ela respondeu. — O fato de ter várias mulheres se chama poligamia, diferente da monogamia, sistema no qual só se tem direito a uma esposa. No tempo do Profeta, a poligamia era a regra dos beduínos. O próprio Profeta desposou doze mulheres, mas apenas depois da morte da primeira. O Profeta foi monógamo por muito tempo, portanto … Por que mudou em seguida? Sem dúvida porque o fato de ter várias esposas era um privilégio dos chefes importantes. Mas ele editou leis rigorosas, para a época, sobre a poligamia: o número de esposas é estritamente limitado a quatro, ainda assim somente se o crente tiver meios para mantê-las. O Corão ordena

que os homens honrem regularmente suas mulheres, da maneira mais equitativa: uma noite cada uma.

— Imagino a cara de mamãe, se papai lhe impingisse um troço assim! — exclamou Théo.

— Ela não aceitaria — replicou Nasra. — E teria razão! Oh! Sei que ainda existem hoje em dia sábios comentadores muçulmanos que justificam a poligamia, afirmando que ela corresponde à seguridade social na França, que constitui uma sólida proteção para as mulheres, que, sem ela, viveriam na solidão e na miséria … Isso significa que elas não têm o direito de ser independentes financeiramente e, portanto, que não podem trabalhar! Para mim, não dá. Eu trabalho, ganho minha vida. Aliás, meu marido não é muçulmano, é cristão.

— Herética! — soltou tia Marthe. — Infiel! De acordo com o Corão, um muçulmano pode se casar com uma judia ou uma cristã, mas não o inverso!

— Porque os comentadores do Corão não evoluíram — suspirou Nasra. — As prescrições sobre as mulheres permaneceram as do tempo de Maomé. Aliás, de acordo com os países, elas se adaptaram mais ou menos. Proibiram a educação das mulheres em alguns, mas era possível em outros. Os governos impõem a monogamia ou não. Alá é único, mas os crentes são divididos.

— Eles também? — espantou-se Théo.

Os múltiplos ramos do islã

Como os outros. Depois da morte do Profeta …

— Não precisa me dizer! — exclamou Théo. — Vou continuar em seu lugar. Seus sucessores guerrearam para recuperar o poder.

Naturalmente. Quem ia governar a comunidade muçulmana? Quem seria o califa, Comendador dos crentes? No dia 8 de junho de 632, na mesma noite da morte do Profeta, em que sua mulher Aicha, "a bem-amada", ainda chorava, três partidos se defrontaram. O da gente de Medina, o dos companheiros do Profeta e o de seu mais próximo herdeiro, Ali, seu genro e primo. Este último partido logo arranjou um nome: o "Partido", pura e simplesmente, *al-shyia*. Alguns anos depois, surgiu um outro partido porque Ali lhes parecia fraco demais para dirigir a comunidade dos crentes: estes se denominaram "*karijitas*". Um pouco mais tarde, um deles apunhalou Ali, e seu filho Hussein foi selvagemente massacrado no curso de uma batalha entre partidos rivais.

Pela primeira vez, muçulmanos matavam o neto do Profeta em pessoa! Então os muçulmanos se separaram em dois ramos irreconciliáveis, o da tradição do Profeta, a Suna, que designava seu chefe com o consenso unânime da comunidade, e o do herdeiro legítimo assassinado, o do Partido, *al-shyia*. Os da Suna passaram a se chamar "sunitas", e os do Partido, "xiitas".

Os califas sunitas pediram que sábios fixassem as regras do islã, estabelecendo como prioridade a paz e a solidariedade entre os crentes. O sunismo havia se tornado amplamente majoritário no mundo muçulmano. Mas o cisma sangrento havia dividido o islã em dois: os sunitas, para quem Hussein não passava de um chefe guerreiro morto na guerra, e os xiitas, para os quais o herdeiro legítimo do Profeta havia se tornado um santo mártir. Os xiitas celebravam todos os anos o cruel martírio de Hussein revivendo suas chagas e suas feridas durante procissões impressionantes. Para fazer o sangue correr como o de Hussein supliciado, eles se flagelavam; às vezes, talhavam a própria carne.

— Mais uma — ralhou Théo. — Espero que não continuem!

Continuam. Principalmente nos países em que a miséria suscita fervores extremos, que permitem, exprimindo o sofrimento, afastá-lo por algum tempo … mas a história dos xiitas não parava com a paixão de Hussein. No começo eles tinham seus imãs, seus chefes. Depois, do ramo xiita original se destacaram vários ramos secundários, todos eles surgidos no difícil momento da morte dos imãs, que cada vez levantava a questão temida: qual seria o verdadeiro descendente do Profeta? Após o desaparecimento do sétimo imã, alguns escolheram entre outros apoiar um imã chamado Ismail, que morreu antes de ser pai. Problema: o que fazer da sucessão? Diante dessa situação insolúvel, os "ismailitas" decidiram que Ismail não estava morto e que um dia voltaria.

— Uma espécie de Messias — observou Théo.

… Cuja Grande Ressurreição os ismailitas aguardavam com fervor. Um dia, em 1090, ela foi solenemente proclamada pelo imã Hasan, em pleno jejum do Ramadã, num lugar hoje situado no Irã. A cena foi surpreendente. Na grande praça da fortaleza de Alamut, o imã Hasan mandou construir um estrado que dava as costas para Meca e se dirigiu às populações dos mundos, djins, homens e anjos, para lhes anunciar a existência do "Ressurreitor" encarnado em sua pessoa. Depois mandou interromper o jejum e celebrar uma festa, transgredindo duas vezes os pilares do islã: da primeira vez, virando o trono na direção oposta a Meca; da segunda vez, interrompendo o Ramadã. O imã Hasan tinha se tornado senhor da verdade, único detentor da transmissão da doutrina.

— Decididamente, nenhuma religião resiste à tentação — comentou Théo. — É tão bom ser o único!

Os ismailitas se dissociaram, pois, radicalmente do ramo principal. O Ocidente os conhecia sobretudo pelo nome de "assassinos", porque, durante um episódio tormentoso de sua longa história, uma seita nascida da

Ressurreição de Alamut havia elevado o terrorismo à categoria de ação sagrada. Acreditou-se que os "assassinos" agiam sob a influência do haxixe e que sua denominação provinha dos efeitos da substância paradisíaca, mas, conforme outras opiniões, a palavra assassino viria da palavra árabe *hashishi*, que significa "sectário".

— Quem sabe não seriam eles os inspiradores dos terroristas? — sugeriu Théo.

A violência coletiva dos ismailitas era explicada pela iminência da Ressurreição: esses muçulmanos de um gênero novo se comportavam como fiéis movidos pela pressa de agir, pela urgência de um mundo a conquistar. Sua doutrina comportava uma parte pública, baseada numa história cíclica dividida em sete eras, cada uma anunciada por um profeta, o *nâtiq*, e encarnada num "homem fundamental", depois num imã senhor da verdade oculta. A outra parte da doutrina era secreta: era o sentido secreto do Corão, que seria revelado no último dia, mas que os iniciados podiam decifrar em vida. Após mil peripécias, os ismailitas se refugiaram, no século XIX, em Bombaim, na Índia, sob a autoridade de seu chefe, chamado Aga Khan.

— Tia Marthe, na Índia você se esqueceu dos ismailitas! — exclamou Théo.

Tia Marthe protestou que, por mais singulares que fossem, os ismailitas ainda assim eram muçulmanos e, por sinal, não tinham sido os únicos a inventar profetas. Semelhante aventura sucedeu com os xiitas quando foram confrontados de novo a um insolúvel problema de genealogia, porque o décimo primeiro imã morreu sem descendência. Quem seria o décimo segundo?

— Um Livro sagrado, como o dos sikhs? — sugeriu Théo.

— Não — respondeu Nasra. — Os xiitas passaram a esperar seu décimo segundo imã. Ele estaria simplesmente oculto aos olhos dos homens. Às

vezes circulava anonimamente entre eles, mas ninguém conhecia seu rosto. Um dia, ele apareceria ao mundo …

— Repeteco — constatou Théo.

Mais que isso! Porque a seita dos drusos esperava o retorno do imã Al-Darazi, estranho personagem que um dia desapareceu de seu palácio. Os drusos tinham seu próprio livro, as Cartas da Sabedoria, também chamadas Epístolas dos Irmãos de Pureza; seus costumes permaneciam infinitamente secretos. Mas os xiitas não tinham nem a impaciência ativista dos ismailitas nem o gosto da obscuridade dos drusos.

— Você tem que saber, Théo, que a história do islã é surpreendente — suspirou Nasra. — Sobre a longa ausência do décimo segundo imã dos xiitas desenvolveu-se sua teologia inspirada, baseada no Deus único, na revelação de Maomé e na legitimidade dos descendentes de Ali, genro e primo do Profeta, que o décimo segundo imã virá reencarnar um dia, dizem eles. Por causa do número doze, às vezes são chamados "duodecimanos". A fé deles é mais radical que a dos sunitas, e suas esperanças, mais loucas … porque, para guiar a humanidade no caminho da salvação, os xiitas creem na existência desses santos imãs de coração puro, líderes religiosos supremos, sempre descendentes distantes de Hussein, o mártir. A obediência aos imãs é uma obrigação sagrada …

— Isso não me agrada — atalhou o rapaz. — Obediência cega sempre cheira mal!

— Matize um pouco seu julgamento, por favor — replicou Nasra. — No Irã, a espera do décimo segundo imã suscitou uma esperança de igualdade revolucionária, concretizada em 1979 com a revolução islâmica, quando o aiatolá Khomeini voltou de avião e, a despeito da teologia xiita, a multidão de Teerã pôs-se a gritar: "O Imã chegou!".

— Tudo bem — disse Théo, — mas isso tudo não passa de messianismo e companhia. Eu achava que Maomé era o último Profeta …

— Essa é a posição dos sunitas, que respeitam por um lado a integralidade do Corão e, por outro, a tradição dos Hadith. De fato, o Corão contém a "Charia", a lei corânica. Mas a integralidade do Corão é uma coisa e tanto, já que não temos nenhum papa infalível para decidir sobre suas aplicações práticas …

— Visto assim, o papa não é nada mal — comentou Théo pensativo. — Salvo que as mulheres nem sempre são mais bem tratadas pela Igreja católica …

Nasra observou que, no islã do século XX, existiam duas correntes que não tinham nada a ver com os cismas precedentes. A primeira corrente queria a qualquer preço aplicar o Corão ao pé da letra e respeitar a Charia nos menores detalhes. Os partidários dessa política religiosa haviam passado da integralidade do Corão ao integrismo: ou tudo ou nada! Ao contrário, a segunda corrente, chamada reformista, afirmava que o Profeta tinha sido capaz de adaptar sua mensagem à sociedade de sua época, portanto nada proibia modernizar o Corão para ajustá-lo aos tempos modernos.

— Não se ouve falar muito dessa corrente — notou Théo.

— Porque eles não soltam bombas e se contentam com publicar seus livros! A meu ver, é um grave equívoco não os escutar, porque tentam pôr fim às divisões dos muçulmanos … Às vezes têm enormes dificuldades com os integristas, porque, para estes, nada é mais perigoso do que a modernização do Corão. Enfim, Théo, tenho que te dizer que existe um último ramo do islã, tão antigo quanto o Corão, que atravessou a história da religião muçulmana sem provocar o menor cisma.

— Seja todo ouvidos, Théo … — interveio tia Marthe. — Porque Nasra reservou o melhor para o fim.

Esses muçulmanos viviam para o amor de Alá, só dele. Na opinião deles, todas as religiões amavam a Deus, e é por isso que o último ramo era o da tolerância. Os crentes desse islã não convertiam os infiéis pela força, nem por sermões e comentários. Não. Eles não esperavam nenhum imã, não falavam de ressurreição. Simplesmente ensinavam como encontrar o amor divino, ao vivo.

— Ao vivo? — exclamou Théo. — Então são místicos, como os sufis de Nizamudin!

O último ramo do islã era, de fato, o sufismo. Mas como tinha a característica de deixar cada um livre para exprimir o amor a Deus a seu modo, o sufismo assumia formas bem diversas. Na Índia, Théo tinha ouvido o canto dos *kawwali*. Mas, na Turquia, por exemplo, os sufis haviam descoberto duas outras maneiras de se comunicar com Deus: a dança ou, às vezes, o berro sagrado. Os sufis deste mundo afora só tinham em comum seu amor a Deus, a tolerância e o "Dhikr", a recitação do nome de Alá.

— E onde situar você nisso tudo? — perguntou Théo.

— No último ramo — ela respondeu. — Sou sufi.

— Não apenas sufi, mas dervixe — acrescentou tia Marthe.

— Você gira? — exclamou Théo, pasmo. — Quero ver!

— Não se trata de um exercício de circo — retorquiu severamente a moça. — Girar é amar a Deus. Você ainda precisa aprender muitas coisas sobre o islã, Théo. Que magnífica religião! O amor puro, a igualdade e a justiça …

— Só que os homens são mais iguais que as mulheres — insistiu Théo obstinadamente.

— As mulheres não tinham o direito de ser dervixes, e apesar disso me tornei dervixe — rebateu Nasra. — O islã sabe mudar, quando quer.

— E a grande peregrinação a Meca, você fez? — indagou Théo.

— Ainda não — respondeu Nasra, embaraçada.

Para ela, era complicado. A peregrinação era obrigatória uma só vez na vida, porque o Profeta em pessoa só a praticou duas vezes. A esse respeito, mostrou-se comedido, como de costume. Alguém tinha lhe perguntado: "Deve-se fazer a peregrinação todos os anos?". O Profeta não respondeu. Três vezes seguidas o homem repetiu a pergunta. Enfim o Profeta se exprimiu: "Se eu disser sim, vai se tornar obrigatório, e você não poderá fazê-lo". É por isso que só os crentes que tivessem recursos financeiros eram obrigados a ir a Meca. A Nasra não faltava o dinheiro, mas não podia ir com o marido cristão, e os sábios comentadores discutiam para saber se uma mulher podia fazer a peregrinação sem estar acompanhada de um parente. Nasra não tinha certeza de ser autorizada a entrar no território de Meca, cujos Lugares Santos os soberanos preservavam zelosamente … Em compensação, seu pai era um hadji, título reservado aos peregrinos quando voltavam. Ele havia feito a grande peregrinação, seguido a integralidade do percurso, havia feito tudo como mandava o figurino, e contou tudo à filha, que esperava um momento propício.

— Deve ser um bocado difícil — observou Théo.

— Nem tanto, mas minuciosamente ordenado! É só seguir os quatro pilares da peregrinação a Meca.

— Mais pilares!

— O islã constrói — ela replicou. — Vou te dizer o que meu pai me contou. O pilar do primeiro dia se chama sacralização, "Ihram". É o ato inicial, o verdadeiro ponto de partida. O futuro peregrino já chegou na Arábia Saudita; é lá, em lugares estritamente definidos pelo Profeta de acordo com a proveniência geográfica dos fiéis, que declara solenemente sua

intenção de peregrinar. Então, em sinal de igualdade entre si, os peregrinos trocam as roupas por duas simples peças de pano branco, uma presa em torno da cintura, a outra enrolada nos ombros, as mesmas peças para todos. Os fiéis rezam, depois cortam as unhas e se perfumam, porque todas essas operações são proibidas após a sacralização.

— E seu pai, foi pelo Egito ou pelo Iraque?

— Calma — pediu Nasra. — Outrora, longas caravanas percorriam os desertos desde o fim do mundo, e os muçulmanos de Kansu, na China, levavam até três anos para ir a Meca. Hoje, o número de peregrinos se eleva a pelo menos dois milhões de fiéis durante o mês sagrado reservado à peregrinação anual. Meu pai chegou de avião e se trocou numa cabine ao desembarcar no aeroporto de Djeddah. Ficou surpreso: Meca é uma cidade cheia de edifícios e minaretes, surgindo entre montanhas desérticas … não tem mais nada de uma cidade antiga. Mas ele me disse que na planície há milhares de tendas brancas armadas, sem contar os hotéis e os albergues. A afluência é tamanha que o governo da Arábia Saudita, que tem o dever sagrado de zelar por tudo, vê-se confrontado ao perigo representado por uma multidão cada vez mais compacta … Às vezes a coisa desanda! Em todo caso, com meu pai tudo correu bem.

— Teve sorte — comentou tia Marthe. — Quando você for sozinha, tome cuidado!

— Se eu resolver ir — disse Nasra. — Não sei se tenho vontade de obedecer às instruções dos imãs! Meu pai era entusiasta, mas meu pai é homem, logo … enfim, ele apreciou muito seu segundo dia de peregrino. Vai-se a Arafat, o que significa em árabe "conhecimento". Foi lá que Adão e Eva foram bater depois de expulsos do Paraíso, porque Adão foi jogado na Terra, na Índia, e a Eva no Iêmen. Em lembrança do seu encontro, os descendentes de Adão e Eva devem se voltar para o Criador a fim de lhe

pedir perdão, socorro e ajuda no futuro. É esse o sentido do segundo pilar da peregrinação a Meca. O que é magnífico é que os hadjis do mundo inteiro se encontram no lugar da reunião dos ancestrais da humanidade … Segundo meu pai, Arafat é uma espécie de Babel onde se falam todas as línguas! Daí, na manhã do terceiro dia, foi a Muzdalifa para pegar setenta pedras.

— Por que tantas pedras? — surpreendeu-se Théo. — Não se comem pedras!

— Não, mas se atiram. No dia seguinte, não longe de Meca, em Mina, o crente deve lapidar as *cheytanes*, três estelas arredondadas, símbolos de Iblis, o Satã, sete vezes seguidas. Ali Adão escorraçou Iblis a pedradas, a não ser que tenham sido Ibrahim e seu filho Ismael. Em todo caso, meu pai escorraçou Satã por sua vez … No mesmo dia, sacrificou um carneiro, raspou a cabeça, e não estava mais em estado de sacralização. Somente então foi a Meca para fazer sete vezes o "Tawaf", a volta da Caaba, onde está engastada a "Pedra Negra", representação da mão direita de Deus na terra.

— Você deve ter visto fotos da Caaba, Théo — disse tia Marthe.

— Não lembro — refletiu o rapaz. — Uma pedra preta? Em forma de quê?

— Vou te explicar — respondeu Nasra. — A Caaba é uma alta construção coberta de um pano bordado de ouro. Mas a Pedra Negra mede apenas trinta centímetros de diâmetro: três simples pedaços de rocha de reflexos vermelhos. Atirada pelo anjo Gabriel, a Pedra foi recolhida pelo profeta Ibrahim e por seu filho Ismael, no momento em que construíam a Caaba. Não se adora a Pedra Negra, ninguém se prostra diante dela, o que seria idolatria … gira-se em torno dela no sentido contrário ao do relógio, recitando preces. Meu pai beijou a pedra, pôs suas mãos na mão direita de

Deus em sinal de compromisso definitivo … Foi assim que consumou o Tawaf, o cerne da peregrinação, seu terceiro pilar.

— Ufa! — fez Théo. — Espero que já tenha quase acabado!

— Quase, Théo? Falta o último pilar. Ir e vir do monte Safa ao monte Marwa, a pé, sete vezes, saltitando no meio de cada percurso.

— Para que isso? Que história esquisita!

— Você não imagina como falou certo, querido … — disse Nasra afetuosamente. — A história que deu nascimento a esse rito é estranha, mas tão comovente! Acontece no momento em que Ibrahim conduz sua mulher Agar para o deserto. Nesse lugar preciso, depois de Ibrahim deixar Agar e seu filho, Ismael, entregues ao Todo-Poderoso, a pobre mãe correu entre essas duas colinas procurando água para o bebê sedento. Ele vai morrer, coitado … Por milagre, a água jorra!

— *Of course*! — ironizou Théo. — Senão os descendentes de Ismael não estariam lá fazendo a peregrinação.

— A água que salvou a criança foi conservada no poço sagrado de Zemzem, e é em lembrança da louca corrida de Agar que o crente deve imitar seu percurso. Como você pode imaginar, faz muito tempo que o circuito sagrado não se encontra mais em pleno deserto. O monte Safa está coberto por um domo. Enfim, depois de percorrer sete vezes o caminho, meu pai voltou a Mina, onde passou três noites lapidando todos os dias sete vezes as *cheytanes* com as tais pedras.

— Nesse caso, precisa-se de muitas mesmo — notou Théo. — É melhor se munir de um grande saco.

— Em seguida, meu pai foi a Medina, segunda cidade santa do islã. O peregrino se lava, se perfuma e vai orar na santa mesquita do Profeta, um suntuoso edifício com o chão coberto de tapetes vermelhos com motivos cinzentos, que impressionou muito meu pai … Ele rezou no túmulo do

Profeta, depois no cemitério de seus dez mil companheiros, de seus filhos e de suas esposas.

— Agora acabou?

— Acabou! Meu pai afirma que essas prescrições parecem rígidas, mas o essencial a seus olhos reside nos quatro pilares: o momento da sacralização, as sete voltas em torno da Pedra Negra, as sete idas e vindas entre os dois montes e a oração no sítio de Arafat. Assim, graças à solenidade da sacralização, honra-se ao mesmo tempo Adão e Eva, Agar e seu filho Ismael, bem como o sinal da mão direita de Deus na terra. Estou repetindo o que ele me disse.

— A peregrinação a Meca é complicadíssima — suspirou Théo.

— Não mais que outra qualquer! — interveio tia Marthe. — Entre os cristãos, às vezes é preciso subir escadarias enormes de joelhos … Os hindus não têm igual no costume de obrigar os fiéis a caminhar dias a fio. Na China …

— Subir os sete mil degraus do santuário — cortou Théo. — Sempre cansar o corpo. Eu me pergunto por quê.

— Para obrigar o espírito a se apagar diante de Deus — respondeu Nasra com um sorriso. — Você que não sabia o sentido da palavra *Corão*, sabe o da palavra *islã*?

— Ah! É verdade, não sei! — exclamou Théo.

— O sentido da palavra *islã* em árabe é de uma clareza absoluta: *islã* significa ABANDONO. O Criador pede obediência, por isso *islã* também quer dizer "submissão". O islã não é a única religião neste caso … Todos os ritos do mundo são rigorosos com o corpo. Sabe que o cansaço é um dos melhores meios para alcançar o êxtase? Não é preciso ser cristão, budista ou muçulmano para conseguir. Atletas, alpinistas, andarilhos, todos conhece esse fenômeno. Ao cabo do esgotamento, vem a iluminação: o corpo escapa

do sofrimento, o espírito relaxa, desfalece e, de repente, a luz brilha. Vou te mostrar como a gente se cansa girando.

— Na França, quando você está cansado, descansa. Que receitas malucas são essas?

— O Ocidente perdeu o caminho do espírito — afirmou Nasra gravemente. — Muito conforto, nenhum esforço, uma vida encolhida. Com isso, como se surpreender com que tantos jovens se percam nas seitas?

— Por falar nisso, tenho uma pergunta — tornou Théo perturbado. — Se eu desmaio e danço em seguida sem perceber, é o que você chama de caminho do espírito?

— Sem dúvida nenhuma — respondeu Nasra. — Imagino que você esteja pensando na dança da sheikha em Luxor.

— Assim não vale, ela já sabe de tudo! — protestou Théo. — Estão me policiando!

— E ainda se queixa! — zangou tia Marthe. — Quem no mundo inteiro possui mais anjos da guarda do que você?

Istambul

Théo ficou calado. O ar perdia sua luz viva e o céu para lá das janelas estava cor-de-rosa. O islã tinha se aproximado, como uma forma aterradora num céu de tempestade que, visto de perto, não passava de uma grande nuvem antes da chuva. Os preceitos do Corão se revelavam tão simples que era impossível imaginar tanta violência explosiva, tanto sangue derramado por causa deles. Cansado de pensar, ele se debruçou no parapeito do terraço. Carregados pelo barulho da cidade, elevavam-se os apitos dos petroleiros, os mugidos dos navios, as buzinas, às vezes o pio frágil de uma gaivota, como uma flauta sufocada por uma imensa orquestra. Todo um mar de navios

habitava o Bósforo, cargueiros, veleiros, barcos de pesca, caíques, navios de cruzeiro com bandeiras tremulantes. Do outro lado do estreito, Istambul recebia as saudações sonoras com uma majestosa indiferença, como uma sultana. Suas colinas recendiam a lenda, suas mesquitas exalavam epopeias. A cidade velha de três nomes mergulhava num sono sem angústia. Aqui ninguém rezava pela volta do sol. Mais poderosa que seu passado, Istambul se deitava sobre ele. Na manhã seguinte, ela receberia as homenagens da aurora.

— Em outros lugares, o islã é mais austero — murmurou a voz de tia Marthe. — Como a dos judeus, é uma religião nascida no deserto. A água altera tudo: ela abranda. Mas não se engane: estas cúpulas tão luminosas na escuridão viram selvagerias incríveis serem consumadas em nome de Deus. Não se esqueça que antes dessas harmoniosas mesquitas Istambul se chamava Bizâncio e que Bizâncio desapareceu.

— É muito bonito, não é? — sussurrou Nasra pondo as mãos nos ombros de Théo.

— É — respondeu o rapaz, baixinho. — Tia Marthe não sabe ficar calada. Com ela, a gente tem que estar sempre aprendendo …

23

O amor louco

A visita do lama Gampo

No dia seguinte, Théo acordou num estado de grande excitação. O lama Gampo lhe aparecera em sonho! Num primeiro momento, o lama ria agitando uma folha na qual estavam escritos números incompreensíveis. Em seguida, ele havia crescido enormemente e tinha se transformado em estátua do Buda. Para acabar, mas essa parte não era muito clara, ele e seu pai haviam pegado pela mão sua mãe, que tinha grande dificuldade para se levantar. Apesar disso, era um sonho feliz, sem sombra de mal-estar …

— Dito e feito! — concluiu tia Marthe. — Ele não prometeu que viria te visitar em sonho?

Perplexo, Théo resolveu ligar para casa, a fim de saber se sua mãe ia bem.

— Mamãe? Tudo bem? Menos cansada? E a viagem de lua-de-mel, foi bem? Estou falando de Bruges, ora! Formidável? Bom … escute, você por acaso não está com dor nas pernas? Um pouco? Por quê? Inchadas? Cuidado! Como adivinhei? Você não vai acreditar … Meu amigo lama me

avisou num sonho. Verdade! A prova é que ele acertou … Se me mostrou outra coisa? Acho que ele me anunciou uma boa notícia, quer dizer, é uma interpretação minha. Você acha que ele tem razão? Aliás, mamãe, sobre o gêmeo, quer me explicar essa história de hereditariedade? Não, espere … Diga logo, ora! Sim, sou curioso, e daí? Vou bem, sim. Outro pra você. Eu te amo …

— Aparentemente, não vai muito mal — deduziu tia Marthe tranquilizada.

— Mas está com as pernas pesadas — murmurou Théo. — Como é que o lama soube?

— Ainda não conheço o lama Gampo — suspirou Nasra, que os ouvia com a maior atenção. — Ele me parece dotado de grandes poderes sobrenaturais. Nós, sufis, conhecemos isso: nossos santos sabem aparecer em dois lugares do mundo ao mesmo tempo.

— Sei! — fez Théo. — Nesta eu não caio!

— Está bem — admitiu ela sem reclamar. — Fica para outra vez. Enquanto isso, já é tempo de irmos encontrar o islã em seus lugares.

— Mas começando por Santa Sofia, por favor — interveio tia Marthe. — Essa mesquita foi desativada, mas quero fazer Théo respirar um pouco do ar bizantino.

O ícone entre a cruz e o crescente

De fora, não era a mais bonita das mesquitas de Istambul. Santa Sofia tinha a aparência de um bicho pesadão esmagado. Dentro é que a beleza dos mosaicos deslumbrava. Povoado de anjos de olhos grandes, o domo maciço se elevava sobre as suas alas, enquanto, na parede frontal, longas figuras trajando dalmáticas flutuavam sobre um fundo de ouro velho.

— Magnífica mesquita — apreciou Théo.

Mas Nasra não via as coisas assim. Santa Sofia não era uma simples mesquita. Construída da primeira vez por Constantino, aquele que impôs o cristianismo em todo o Império Romano e deu seu primeiro nome à cidade — Constantinopla, — Santa Sofia não celebrava o culto da santa mártir de quem parecia levar o nome. *Hagia Sophia*, em grego, queria dizer algo bem diferente: a suprema sabedoria, figura feminina da alma divina, metade mulher, metade anjo. Hagia Sophia fora a maior basílica da Igreja oriental. Desabada, reerguida, incendiada, foi reconstruída de uma vez por todas por ordem do imperador Justiniano em 537, por dez mil operários. O imperador, que não se achava um qualquer, exclamou ao entrar em sua basílica acabada: "Glória a Deus, que me julgou digno de realizar semelhante obra. Eu te venci, ó Salomão …".

— Nossa! Atrevido, o cara — comentou Théo.

Tanto mais atrevido que, vinte anos depois, um terremoto destruiu a cúpula. A cada vinte anos, a basílica ruía por causa dos sismos. Cada vez era reconstruída e cada vez mais bela, joia do império cristão do Oriente, Hagia Sophia exaltava a imagem da ordem imperial de Deus sobre o centro do mundo, Constantinopla. O princípio de Bizâncio era simples. No topo da hierarquia, reinava o imperador, reflexo de Deus na terra, adorado em sua irreal magnificência a tal ponto o cerimonial era bonito. "Cristo deu aos imperadores terrestres poder sobre todos", escreviam os cronistas da época. "Ele é onipotente, e o senhor daqui é a imagem do Onipotente." Ninguém tinha o direito de criticar o imperador de Bizâncio; diante dele, a gente observava silêncio e se prostrava.

— O contrário da democracia, em suma — disse Théo.

De fato, nada era mais autocrático do que a pirâmide do poder religioso bizantino. Mas poucos regimes fundados no religioso se concentraram na

beleza da arte com tamanha paixão. Pintar ícones, edificar igrejas, montar mosaicos, era ao mesmo tempo celebrar o imperador e Deus.

Mas o islã progredia em torno do império bizantino, e a proibição muçulmana da representação de Deus atravessava as fronteiras corroendo pouco a pouco o culto de Bizâncio. Deu-se que um primeiro imperador, Leão III, julgou excessivo o fervor popular que juntava multidões em torno dos ícones através do império. A Bíblia não proibia a idolatria? Devia-se representar Cristo na forma de um cordeiro ou de uma simples cruz? Esse imperador escrupuloso depôs o grande ícone representando Cristo que se encontrava na entrada principal de seu palácio e, em seu lugar, ergueu uma cruz. Um vasto movimento de destruição dos ícones começou em todo o Império Bizantino, dividindo os crentes em "quebradores de imagens", os iconoclastas, e "adoradores de imagens", os tradicionalistas.

— Os iconoclastas eram simplesmente uns brutos — interveio tia Marthe. — Destruíram tantas obras de arte!

Nasra não era dessa opinião. Ao substituírem os retratos pela cruz, os imperadores iconoclastas ajustavam a ortodoxia bizantina à pressão do islã. Símbolo de unidade entre todos os cristãos, a cruz se opunha ao crescente do islã com maior segurança do que os magníficos ícones de Bizâncio. Já nas moedas que circulavam além das fronteiras a cruz havia substituído o rosto de Cristo. Em vão … Após anos de batalhas campais entre quebradores e adoradores de imagens, o ícone ganhou contra a cruz. Na entrada do palácio, tornaram a colocar um grande retrato de Cristo e cunharam moedas com seu busto aureolado. A revolução cultural dos iconoclastas havia perdido a partida.

Radiante de uma glória única, Santa Sofia protegia o mundo ocidental contra os incessantes ataques muçulmanos. À sombra da basílica, o imperador divino não corria risco algum. Até aquele dia de apocalipse do

ano de 1453, que viu o conquistador turco penetrar em Hagia Sophia a cavalo.

— Ele não gostava dos ortodoxos — concluiu Théo.

Mehemet, o Conquistador, era um muçulmano fervoroso. Ele havia jurado tomar a capital do cristianismo oriental a qualquer preço. Protegida por poderosas muralhas e reforços vindos dos países cristãos, a cidade resistia. O sítio foi interminável. O terrível canhão "Chahí', o temível, fundido em Andrinopla e puxado por quatrocentos búfalos, explodiu com o choque de seus próprios projéteis, mas o sultão Mehemet não desistiu. Um sinal o encorajou: um velho sheik sufi sonhou que um célebre companheiro do Profeta, Eyüp EI Ensari, que o tinha protegido durante sua estada em Medina, estava sepultado sob os muros de Constantinopla. Nesse sonho premonitório, o sheik e o sultão se encontravam lado a lado em presença de Maomé, que erguia o xale vermelho sobre o rosto e dizia: "Eu te confio, ó Mehemet, a bandeira de Eyüp El Ensari". Então o xale vermelho se transformou em estandarte verde, enquanto em Bizâncio os ícones da Virgem quebravam-se com grande estrondo.

O sultão mandou cavar o chão, e o túmulo do santo apareceu. Então, para atacar Bizâncio do outro lado do mar, o sultão mandou rebocar seus navios por cima das colinas sobre imensas corrediças de madeira. Arrastada por milhares de braços, a frota do Conquistador passou para o outro lado, no ponto em que a cidade era vulnerável. Constantinopla caiu. O último imperador de Bizâncio sucumbiu na batalha, e somente seu calção imperial bordado de ouro permitiu a identificação de seus restos. A suas tropas, Mehemet havia prometido um direito de pilhagem ilimitado. Uma vez Constantinopla devastada, o sultão entrou em Santa Sofia em meio aos cadáveres.

No dia seguinte, o crescente substituiu a cruz, a basílica tornou-se mesquita e Constantinopla passou a se chamar Istambul. Cobriram os anjos e os santos de reboco branco, instalaram o nome de Alá, o culto mudou de Deus e de símbolos. Santa Sofia permaneceu mesquita até 1935, data na qual Atatürk, pai da Turquia moderna, laico ardoroso, decidiu desativá-la e tirar o reboco posto sobre os mosaicos de Bizâncio. Santa Sofia tornou-se museu.

— De vez em quando — acrescentou Nasra, — falam de restaurar o culto muçulmano na ilustre basílica; mas hesitam, porque na cidade de Istambul nenhum monumento oferece tal símbolo da passagem do Oriente cristão ao islã.

— E você, o que acha? — perguntou Théo.

— Não há outro deus além de Deus — respondeu Nasra. — O resto não me interessa. Tal como é, mesmo desativada, vejo nela o amor divino. Gosto de ver juntos o nome de Alá e os anjos bizantinos, o crescente e a cruz.

Cinco vezes por dia

Théo ficou pensativo. Que diferença havia entre o rosto de Cristo e o símbolo da cruz? Que mistério se escondia nisso?

— Tenho uma pergunta, Nasra — disse o rapaz. — Por que o islã proíbe as imagens?

— Pelo mesmo motivo do judaísmo. Porque o Criador não gerado não poderia ser representado. O Deus dos judeus nunca se mostrou, fez-se ouvir, o que é diferente. Na Bíblia, a representação de Deus é estritamente proibida. Para nós também Deus está acima da humanidade. Mas se você lhe dá o rosto de Cristo, então ele se torna homem.

— Justamente! — exclamou Théo. — É muito mais fácil se ver no olhar infeliz de Cristo!

— Se você achar que ele é o Filho de Deus feito homem, sim. Mas se não admitir, é uma ofensa a Deus. Pior ainda, é o retorno à idade da ignorância, à adoração dos ídolos e das pedras sagradas …

— Aliás, você não me explicou a significação do crescente, doçura — insinuou Théo. — Tudo bem que o islã não adore nenhuma imagem de Deus, mas o que é esse pedaço de lua?

— Bem, você vai ver. O Profeta se irritava tanto com a adoração do sol, em prática entre os politeístas, que escolheu a lua como símbolo do islã. Sem dúvida, também, o crescente permite não confundir a lua com o céu.

— O que eu acho é que é difícil orar no vazio — queixou-se Théo.

— Que nada — disse Nasra. — Venha ver como é simples, do outro lado da esplanada, na Mesquita Azul. A arte muçulmana do arabesco exprime, aí, a abertura da alegria divina …

Gigantesca, ladeada por seus elegantes minaretes, encimada por cúpulas que geram outras cúpulas até o cimo dourado, a Mesquita Azul devia seu apelido à clareza azulada das incontáveis flores de cerâmica em suas paredes. Como a penumbra de Santa Sofia falava de seu passado sangrento, assim a Mesquita Azul transpirava alegria. Não estava desativada; nas horas de prece, os *mollahs* impediam a entrada dos turistas. Nasra parlamentou com eles, e os três esperaram no meio dos pombos o apelo do muezim, sinal da prece da metade do dia.

Logo um alto-falante fez ecoar palavras cheias de chiados, lançadas aos quatro cantos da praça: "Allah o akbar …".

— O que estão dizendo? — quis saber Théo.

— Alá é grande — traduziu Nasra, — não há outro deus além de Deus e Maomé é o Enviado de Deus … A profissão de fé.

— Palavras que você ouviu na boca dos cantores de Nizamudin — emendou tia Marthe.

— Mas eles cantavam bem — reparou Théo.

Nasra deu um grande suspiro: como era pura, outrora, a voz do muezim sem sonorização eletrônica … Diante das fontes, os fiéis começavam seus preparativos. Cada um lavava o rosto e as mãos até os cotovelos, passava em seguida a mão na cabeça antes de terminar por uma lavagem dos pés até os tornozelos.

— Até parece que eles estão se polindo — comentou Théo. — Fazem isso todas as vezes?

— As abluções são obrigatórias antes de cada prece — explicou Nasra. — É preciso lavar-se das impurezas para orar a Deus. Mas se o fiel estiver em viagem e não houver água disponível, tem o direito de usar areia, contanto que esteja limpa.

— Não é muito higiênico — observou Théo.

— É que a impureza não é apenas material, mas moral. Claro, por se lavarem cinco vezes por dia, os muçulmanos foram limpos antes dos cristãos …

— Cinco vezes por dia! — espantou-se Théo.

— A prece da manhã, quando o céu fica rosado, uma — disse Nasra contando nos dedos. — A prece mediana, esta, ao meio dia, duas. A prece da tarde, entre três e cinco horas, três. A prece do crepúsculo, ao pôr-do-sol, quatro. Enfim, a da noite, antes de raiar o dia, está vendo, cinco.

— E quando as pessoas trabalham, como fazem?

— Isolam-se, desenrolam um pequeno tapete orientado na direção de Meca, certificam-se de que nenhum animal atravesse o espaço da prece e pronto. Não demora muito. Vamos entrar discretamente e ficar num canto, no fundo.

Como em Jacarta, os fiéis realizavam os mesmos gestos com uma disciplina impressionante, sob a direção do imã em pé diante de um nicho.

Tocar os ombros com as mãos abertas, passar a mão esquerda na direita e dizer a oração. Curvar as costas até as palmas das mãos alcançarem os joelhos, orar. Erguer-se de novo e recitar a oração. Prostrar-se completamente, com a testa no chão, endireitar-se sobre os joelhos, orar.

— Por que todos juntos? — sussurrou Théo.

— Espere até sairmos — murmurou tia Marthe, — senão vamos ter problemas.

Comportadamente, Théo contemplou as fileiras de costas dobradas sob a luz azul em honra ao Deus invisível e único. Enfim, após um derradeiro murmúrio, eles se levantaram e a desordem da vida retomou seu curso. A prece havia terminado.

— Então, posso perguntar? — cochichou Théo.

— Sou toda ouvidos! — disse Nasra.

— Qual a direção de Meca na mesquita?

— Nada mais simples — ela respondeu. — O nicho diante do qual o imã se coloca está ali para indicá-la.

— Por que eles rezam todos do mesmo modo? Nas igrejas, há os que se ajoelham, os que permanecem sentados, os que comungam, os que não comungam …

— Mas todo mundo deve baixar a cabeça no momento em que o padre, após a consagração, eleva a hóstia representando o corpo de Cristo. No islã, oramos juntos para expressar a voz da comunidade dos crentes, é exatamente a mesma coisa.

— É — fez o rapaz não muito convencido. — Cinco vezes por dia, não dá para esquecer.

— Exatamente! As preces não permitem que o crente esqueça que pertence à comunidade. É para isso!

— Não se pode rezar sozinho?

— Claro que sim … De noite, pode-se. Em viagem, é forçoso. E sempre que se deseja, é possível. Mas, de acordo com o Corão, a melhor prece é a que se faz na mesquita, no meio dos crentes.

— E você a faz? Não vi você se prostrar!

— Tenho outras maneiras de rezar — ela respondeu evasiva.

— Porque você é sufi — concluiu Théo. — Vocês têm seus macetes!

— Meus macetes, você vai ver esta noite — ela retorquiu. Por enquanto, sua tia me pediu para levar vocês à clínica, para os seus exames.

O éter

O médico rechonchudo que atendeu Théo era gentilíssimo, mas, como falava o tempo todo, espetou Théo de mau jeito e teve de recomeçar. A sala ladrilhada de branco tinha um forte cheiro de éter; Théo apertou os dentes. Entre a terceira e a quarta tentativa, o doutor percebeu que não tinha tapado um frasco e se desculpou mil vezes. Por fim, calou-se, concentrou-se e enfiou-lhe a agulha sem suavidade na veia.

— Filho da mãe — reclamou Théo quando acabou. — Vou ficar com o maior hematoma!

— Ele é meio tagarela, mas muito sério — sustentou Nasra. — Com ele, tenho certeza quanto aos resultados. Tome a sua receita.

— Uma receita? — espantou-se Théo. — Tenho meus remédios, ora bolas!

— Leia, em todo caso, é em francês — propôs Nasra. — Talvez descubra medicações desconhecidas …

— Disseram que não iriam mudar o tratamento — replicou o rapaz, enfezado.

— Mas que falta de curiosidade! — exclamou tia Marthe.

Théo leu a receita. Sob o nome e o endereço da clínica, a mensagem era breve e brutal: *Vá ao lugar de onde viemos quando os teus nos deportaram aos milhões.*

— Não foi o médico tagarela que escreveu este troço — disse o rapaz empalidecendo. — É uma mensagem?

— Claro — respondeu tia Marthe. — Ficou chocado?

— Ela não é nada simpática — murmurou Théo. — Os meus deportaram pessoas? Franceses?

— Você é que tem que descobrir — falou Nasra. — Garanto que a mensagem não mente.

— Não são os imigrantes, porque eles vêm por conta própria — refletiu Théo. — Os campos de trabalhos forçados, mas não eram milhões … milhões mesmo

— Mais que isso até — afirmou tia Marthe. — Essa história você conhece.

Théo lia e relia o enigma perturbador. Onde e quando os franceses deportaram gente em tamanha quantidade? Bruscamente a verdade lhe apareceu. Os escravos africanos! Os navios negreiros dos armadores franceses! A África de Fatou … Baixou a cabeça.

— Estou vendo que você compreendeu — observou tia Marthe. — Falta descobrir a que parte da África vamos.

— Senegal — ele murmurou. — Fatou me falou de uma ilha onde embarcavam os escravos acorrentados.

— Isso mesmo — afirmou tia Marthe.

Para dissipar o violento efeito da mensagem, Nasra resolveu que iriam almoçar num restaurante que dominava o Pequeno Bazar de Istambul, o mais chique. Os banquinhos eram de azulejos azuis e amarelos, a atmosfera alegre e a vista do porto animada, agradável, mas Théo não desapertava os dentes. Nasra pediu espadarte grelhado servido numa prancha de madeira, e

Théo beliscou sem apetite. O garçom incomodou-se, trouxe todo tipo de pratos para ele provar, em vão.

— Estou sem fome e meu braço está doendo — reclamou.

— Não será, isso sim, por causa da mensagem? — indagou tia Marthe. — Confesso que foi dura. Não? Ora, diga alguma coisa! Está cansado?

Nenhuma resposta. Théo estava cada vez mais pálido. De repente, correu para o banheiro e vomitou. Calmamente, Nasra segurou a testa do rapaz e enxugou-lhe o queixo. Em seu canto, tia Marthe se preocupava. Outro mal-estar de Théo!

— Pronto — falou Nasra forçando-o a sentar. — Você sentiu uma grande emoção agora há pouco. Tem que beber água, muita água. Tem um torrão de açúcar no bolso? Chupe-o. Pronto.

— Queria um chá — murmurou Théo. — Chá de verdade, como lá em casa.

Não foi fácil. Nasra negociou com o dono do restaurante em vão. Não havia Earl Grey no bazar de Istambul. Théo acabou engolindo uma bebida que se parecia vagamente com chá. Decidiram apressadamente voltar para a casa de Nasra e lá ficar o resto da tarde. Théo dormiu sem demora.

— E pensar que ele não teve um só mal-estar desde o Japão — suspirou tia Marthe. — Que será que ele tem?

— Não precisa dar tratos à bola — disse Nasra vivamente. — O cheiro de éter! Aquele médico danado deixou o frasco aberto. Quase desmaiei ali mesmo …

— Você acha? Tenho tanto medo!

— Eu sei, querida — falou Nasra, terna. — Mas o vômito não faz parte dos sintomas, pelo que eu saiba.

— É verdade — admitiu a tia. — E se ele pegou uma hepatite?

— Estaria com febre — replicou Nasra. — Sua testa estava gelada, como a de qualquer criança que vomita. Vomitar é necessário, você sabe! A pessoa expulsa o mal, se purifica … Para mim, Théo teve razão. O éter e a mensagem foram demais.

— Espero que esteja restabelecido para esta noite — suspirou tia Marthe. — A dança dos dervixes pode deixá-lo doente!

— Deixe-o em paz — retrucou Nasra. — Não o trate mais como um moribundo. Ele também tem o direito de sentir seus pequenos mal-estares.

Nasra tinha razão: lá para o fim do dia, Théo acordou faminto. Nasra serviu-lhe chá de verdade e obrigou-o a comer um prato de arroz branco.

— Se bem entendi, hoje à noite vamos sair? — perguntou.

Sairiam. Iriam a um *tekké*, que é o nome do recinto onde os dervixes giravam. Os convidados tomavam lugar numa tribuna erguida diante de uma espécie de pista de dança na qual o mestre comandaria os movimentos rituais. Porque a dança dos dervixes era uma cerimônia religiosa.

— Dervixe quer dizer alguma coisa? — perguntou Théo.

— Discípulo. Todo dervixe é submetido a um sheik, a um mestre.

— Qual a finalidade do rodopio? A vertigem?

Não. A dança dos dervixes não tinha nada de uma valsa estonteante, ao contrário. Quando terminava, o dervixe não cambaleava. Eram necessários longos anos para saber girar corretamente, e essa prática existia havia séculos.

— Mostre-me, por favor — suplicou Théo. — Só um pouquinho.

Nasra levantou-se e pôs um de seus pés descalços sobre o outro. Depois levantou um braço, voltando a palma da mão para o céu, estendeu o outro

braço, voltando a palma da mão para a terra. Em seguida, ela deu um giro sobre seus dois pés cruzados e pôs-se a rodopiar lentamente.

— Não posso ir além disso — ela suspirou parando. — Porque, antes de girar, precisamos da música. Meu mestre não está presente, não estou em estado de oração. O que posso te contar é por que pomos um pé em cima do outro.

A história remontava ao século XIII, quando o fundador da seita dos dervixes, Djeladdeddine Rumi, a quem chamavam Maulana, nosso mestre, juntara em torno de si fervorosos discípulos reunidos pelo divino amor. Entre eles havia um cozinheiro. Um dia, quando os dervixes giravam, o cozinheiro foi acometido de tamanho amor por seu mestre que esqueceu o fogão e queimou seriamente o pé, deixando cair um prato fervendo. Para não atrapalhar a prece, contentou-se com colocar o outro pé sobre o pé queimado. Comovido com tal sacrifício, o mestre decidiu honra-lo, e era em memória do simples cozinheiro que os dervixes começavam sua dança pondo um de seus pés em cima do outro.

— Espere um pouco — disse Théo. — Vocês amam a Deus ou ao mestre?

Era uma questão de fundo. Porque os sufis procuravam o amor divino através da pessoa de um mestre vivo. Não há prece sem mestre para aprender o espírito sufi, não há sufi sem seu mestre. O mestre não passava de um vetor orientado na direção de Deus. Deviam-lhe obediência, principalmente quando ele pronunciava palavras contrárias ao bom senso e à razão. Porque através das palavras singulares do mestre passavam as mensagens de Deus.

— Esquisito — constatou Théo. — Tem absurdo como no zen, amor como entre os russos, submissão pois é islã.

— E um abandono absoluto como na ioga — emendou Nasra. — Dizemos que o discípulo se encontra nas mãos do mestre como um cadáver

nas mãos do coveiro. Você teve lições de ioga, não foi? Lembre-se da última postura: não se chama "cadáver"?

Como os ismailitas e os xiitas, os sufis encontravam em outros homens um guia espiritual para praticar o islã, mas não esperavam nenhuma ressurreição, nenhum imã. O mestre era sempre descendente de uma longa série de mestres que haviam transmitido um ao outro o poder de guiar os sufis, formando desde a aurora do islã uma cadeia radiante de luzes divinas. Porque somente esses inspirados sabiam reunir em cada um a parte externa de Deus, simples reflexos terrestres, e sua parte interna, para lá da aparência. Os sufis se retiravam do mundo e viviam em estado de pobreza …

— Vendo você, ninguém diria — tornou Théo apontando para as suntuosas pulseiras de Nasra.

Bem, não era para exagerar. Em todo caso, nas cerimônias, o traje era dos mais sóbrios e o sufi devia cobrir-se com um simples manto. No sufismo, nada era mais importante do que o manto. De retalhos costurados, era feito de lã, *suf* em árabe, donde o termo "sufi", aquele que veste um manto de lã, como outrora Moisés no monte Sinai.

— Ah! Esse manto … — suspirou Nasra. — Num dos mais célebres comentários do Corão está escrito que o Profeta em êxtase entrou no Paraíso. O anjo Gabriel abriu-lhe a porta e o Profeta percebeu um pequeno baú. Para conhecer o conteúdo do baú, Maomé pediu permissão a Deus. Então encontrou dentro a pobreza espiritual e um manto. "Eis as duas coisas que escolhi para ti e teu povo", disse a voz do Criador. "Eu as dou apenas àqueles que amo, e não criei nada que mais aprecie." O Profeta voltou à terra e deu o manto a seu genro e primo, Ali, que o transmitiu a seus descendentes.

— E você o usa? — perguntou Théo.

— Antes da cerimônia, sim! É obrigatório. Um simples manto de lã marrom como a terra. Você vai vê-lo nos ombros dos dervixes. Na cabeça, eles usam um gorro alto e abaulado, símbolo do túmulo que nunca esquecem. Mas suas roupas são brancas, cor da peregrinação a Meca … porque, ao contrário do que disseram de nós, apesar das singularidades que nos valeram tantas perseguições, nós, sufis, somos verdadeiros muçulmanos. Amamos a Deus e nos abandonamos a Ele … mas, por princípio, pensamos que somente a parte externa de Deus difere conforme os países e os povos, a parte interna é a mesma para todos, universal em sua luz! Basta entregar-se ao mestre que levará a alma a seu centro verdadeiro, longe dos estorvos da aparência …

Com uma ponta de irritação, tia Marthe observou que a relação entre mestre e discípulo existia em todo o mundo. Théo ficou bravíssimo.

— Escute aqui! — exclamou. — Estamos ou não passando em revista as religiões? Se você misturar todas elas, como é que vou me orientar?

— É só não se deixar engabelar por qualquer lero-lero — resmungou a tia entre dentes.

— Você é um pouco ateia demais — interveio Nasra delicadamente. — A doutrina sufi a irrita, estou vendo, mas não é razão para indispor os outros contra ela.

— Disse bem — aprovou Théo. — Posso fazer duas perguntas?

Além do "eu" e do "tu"

Nasra brindou-o com o mais belo dos sorrisos.

— O que é o centro da alma?

— Vou responder em versos — disse ela. — Escute este poema do sufi Shabistari:

"Eu" e "tu" são o véu
Que o Inferno entre eles teceu.
Quando esse véu diante de ti se ergue, nada subsiste
Das seitas e dos credos que nos agrilhoaram.
Toda a autoridade das leis só pode referir-se
Ao teu "eu" ligado ao teu corpo e à tua alma.
Quando o "eu" e o "tu" não estão mais entre nós dois
O que são mesquita, templo do Fogo ou sinagoga?

— Nada mal — admitiu o rapaz. — Mas qual é o momento em que o "eu" e o "tu" não estão mais entre duas pessoas?

— O momento do amor — ela respondeu. — Quando duas pessoas se amam tanto que não constituem mais que um só todo. Foi o que aconteceu com o mestre fundador da ordem dos dervixes, o Maulana. Em sua juventude, não passava de um teólogo muçulmano clássico, até que encontrou um vagabundo enigmático chamado Shams, de Tabriz. Um dia Shams desapareceu. O Maulana procurou-o como se procura Deus. Mas, sem dúvida assassinado por rivais, Shams não mais reapareceu. O Maulana não tem palavras fortes o bastante para descrever o amor que o liga a esse homem: uma fusão divina, que leva a Deus.

— Homossexual, então? — observou Théo.

— Pouco importa. Tal amor não se incomoda com o sexo. A maior sufi do islã era uma mulher iraniana.

— No Irã? — exclamou tia Marthe num tom desdenhoso. — Que surpresa!

— Mais ignorância! Rabia foi, no século IX, a maior santa do mundo muçulmano. A vida toda ela viveu na pobreza, abrasada pelo amor divino. Os sultões vinham de longe visitá-la, os sábios admiravam-na, ela mal

olhava para eles. Um dia, não sentiu uma farpa que lhe furava o olho. Nenhum sofrimento …

— Temos santas assim no cristianismo — resmungou tia Marthe. — Não é específico do islã.

— O amor dos sufis não exclui nenhuma religião, já lhe disse! — rebateu Nasra agastada.

— Quanto ao amor divino, tudo bem. Mas e entre um homem e uma mulher? — indagou Théo.

— Por que seria proibido? Você conhece a mais bela história de amor de todo o islã?

— Tem uma? — exclamou Théo. — Legal! Conte!

— Duas crianças se amavam de um amor terno — começou Nasra. — Mas, de acordo com o costume, a garota, que se chamava Leila, foi casada pelo pai com outro homem. O rapaz deveria ter saído da sua vida.

— Por quê?

— Porque, na sociedade árabe, o pai sempre tinha todo o poder sobre suas filhas. Sua escolha não era discutida, e o amor fora do casamento era proibido. Sabe que, de acordo com a lei islâmica, o adultério pode ser punido com morte?

— Como assim, "pode"? — indignou-se Théo. — Vi fotos de apedrejamento! Matam os amantes pra valer!

— Não em todos os países muçulmanos! Em todo caso, dá para entender por que nosso rapaz deveria ter se resignado. Mas não! A despeito da sociedade, ele se obstinou. Rondava a casa de Leila cantando seu amor com tamanho desespero que logo todos acharam que ele estava com o espírito perturbado. O rapaz tornou-se então "Mejnun", o Louco.

— Os garotos de Jerusalém gritam isso para os loucos que se tomam pelo Messias — comentou Théo.

— Pois bem! Mejnun procurava Leila como seu Messias … Mejnun errava no deserto gritando para as estrelas o amor a Leila. Morreu por causa desse amor. Ela também. A rígida sociedade árabe se inclinou diante da força de um amor que nada devia ao sexo, e tudo à divina chama da loucura sagrada. A história de Mejnun e de Leila ainda é recitada no islã árabe. Eis o que é o amor.

— Amor por amor prefiro o de Romeu — disse Théo. — Pelo menos, ele vai para a cama com Julieta.

— Mas Romeu não se preocupava com o divino, ao passo que os sufis se interessam ardentemente pelo amor a Deus, qualquer que seja ele. Hatif Isfahani, um sufi da Pérsia, se apaixonou por uma cristã com a qual ia à igreja. "Ó tu que manténs cativa minha alma em sua rede", disse-lhe durante a missa, "cada um dos meus cabelos permanece preso a teu cinto! Quanto tempo ainda quererás impor Àquele que é Uno a vergonha da Trindade? Como se pode nomear o único Deus verdadeiro Pai, Espírito Santo e Filho?"

— É o que eu pergunto — o rapaz disse. — A cristã não respondeu nada, aposto.

— Respondeu, sim! Com um meigo sorriso e como numa calda de açúcar, diz o poeta. Ouça … "Se sabes o segredo da Unidade divina, não põe em nós o ferro dos infiéis. A eterna beleza em três espelhos projeta um raio puro, ofuscante, da Sua luz." Então o sino da igreja pôs-se a soar, e o poeta concluiu: "Seu canto nos dizia: 'Ele é Uno, e Ele não é nada mais que Ele. Não há outro Deus'".

— Ele disse então a última palavra — reparou Théo.

— Mas ela respondeu e compreendeu — replicou Nasra com um sorriso. — É isso, nossa tolerância.

— Bem! — atalhou tia Marthe levantando-se. — Théo já sabe o bastante para ver os dervixes dançarem.

— Ainda não — retrucou Nasra. — Duas precisões. A cerimônia que você vai ver se chama "Sama". Ao pé da letra, a palavra é intraduzível. Podemos dizer "audição" ou "escuta", se você quiser. Você entra no Sama, que pode se apossar de você … Alguns dervixes em estado de Sama rasgam as roupas soluçando. No Iraque, rolam nas brasas, comem-nas ainda ardendo, furam braços e bochechas sem fazer correr uma gota de sangue.

— Não vamos ver isso, não é, tia Marthe? — murmurou Théo.

— Não, justamente — respondeu Nasra. — Nosso Sama não tem nada desses transes desvairados. Nós nos pomos à escuta da flauta divina, e é ela que nos guia, encadeados num círculo no centro de nós mesmos. Formamos uma roda em torno do astro central, figura invisível de Deus. É por isso que os dervixes giram em torno de si mesmos, como os planetas no vazio sideral. Se ficam com uma palma virada para cima e outra para a terra, é que o corpo deles é o eixo que liga os dois mundos.

— Sei — fez Théo, — restabelecedores de circuito …

— Como um metal condutor de eletricidade — finalizou Nasra. — O outro ponto que quero precisar é o sentido dos cantos que preludiam a dança: "Diz adeus à razão, adeus, adeus, adeus …"

— Ah! Minha mensagem está completa — notou o rapaz. Dizer adeus à razão, eu não entendia. Mais um negócio em que é preciso perder a cabeça!

— Ao contrário! É preciso encontrá-la …

A ronda dos planetas

Estava na hora de ir encontrar os dervixes. Enrolada em seu manto sufi, Nasra ia calada. Tia Marthe e Théo não ousaram perturbar seu silêncio. Diante do *tekké*, pessoas em fila entravam sem fazer barulho e se instalavam na tribuna, atrás do balcão de madeira esculpida. Nasra havia prevenido:

não era "seu" *tekké*, porque seu mestre não estava presente. Ela não giraria, participaria pela vista e pelo coração.

Descalços e de braços cruzados, com as sobrepelizes marrons nos ombros, os dervixes entraram em procissão. O mestre mantinha-se de pé com um manto de lã cor de terra. O som suave de uma flauta perturbadora soou … O rosto de Nasra se iluminou.

— O *ney* — ela murmurou. — A flauta de bambu indispensável ao dervixe. Ela se queixa da separação …

Viola leve, batidas surdas dos tímpanos, tilintar contido dos a címbalos, o Sama começava. O mestre pôs-se no centro do estrado. Um a um os dervixes tiraram o manto, depois desfilaram diante do mestre para se colocar sob sua órbita. Os ombros se abriram … Juntos, os dançarinos cruzaram os pés, ergueram uma palma; da mão para o céu, baixaram a outra para o chão e começaram a girar lentamente. As largas saias brancas tornaram-se corolas, o adeus à razão se acelerou … Os homens não eram mais homens, e sim astros brilhando em torno de um sol ausente, flores de cerejeiras destinadas ao desaparecimento, velas nas águas do rio, sorriso de Buda, luz passageira. Tonta, tia Marthe fechou os olhos. Já Théo não perdia nada. De olhos cravados no lento rodopio, ouvia a voz gêmea que lhe falava de dentro, tranquilizadora, reconciliada.

A flauta acalmou-se por sua vez e as corolas tornaram a se fechar. Nasra não se mexia. Tia Marthe abriu os olhos e percebeu o olhar vago de Théo.

— Eh! — murmurou sacudindo Nasra. — Olhe em que estado se encontra Théo …

— Não toque nele — replicou Nasra sem se inquietar. — Vamos dar tempo para ele voltar à razão.

Os dervixes saíram um a um. No estrado vazio, nada restava da ronda dos astros. Théo sacudiu os cabelos e saiu de seu sonho com a maior

naturalidade.

— Por onde você andava? — perguntou tia Marthe.

— Eu estava aqui — ele respondeu. — No centro. É simples.

— E seu gêmeo também, não é?

— Finalmente! — exclamou o rapaz feliz. — Já era hora de ele reaparecer …

— Todos nós somos duplos — falou Nasra. — Todos temos uma face externa … e a outra.

24

O livro ou a palavra?

O trabalho dos místicos

Théo foi para a cama sem dizer nada. Tia Marthe enfiou-se nos lençóis, apagou a luz e preparava-se para dormir …

— Posso falar um pouco com você?

— Claro, querido. Quer que acenda a luz?

— Não! Prefiro o escuro. Nasra é mística?

— Sem dúvida, se é dervixe. Por que essa pergunta?

— Porque ela disse que trabalhava. Qual a profissão dela?

— Nasra faz parte do Alto Comissariado dos Refugiados, cuja sede fica em Genebra. É um departamento da ONU, que cuida dos refugiados do mundo inteiro.

— Não falta trabalho — constatou Théo. — Mas o que ela faz em Istambul?

— Quando está de férias, Nasra vem para junto do seu sheik. Mas o celular não sai da sua bolsa … O resto do tempo, está sempre em missão.

— Então uma pessoa pode ser mística e trabalhar — deduziu Théo, pensativo. — Eu achava que o místico tinha que se isolar do mundo.

— Não no islã. A ideia de comunidade dos crentes não permite o isolamento. A melhor prece é coletiva, como você viu. Outras religiões dividem a prece entre os que estão "no mundo" e os que se retiram dele. Certos monges cristãos se enclausuram em seu convento e se vedam a palavra. O mesmo se dá com algumas ordens de mulheres, as que costumam ser chamadas de "freiras", mas que preferem ser chamadas "religiosas" … Acham que lhes cai melhor. Na tradição cristã, são chamados "contemplativos", porque têm uma só ocupação: orar.

— Não são muito úteis — observou Théo. — Deixam os outros trabalhar …

— Não é o que pensam! A prece dos contemplativos se eleva tanto em seu nome como no dos "ativos". É outra concepção da comunidade: a cada um seu trabalho em relação a Deus. Veja os hindus: quando acabam de criar os filhos, têm o direito de largar a família e tornar-se "renunciantes" errando pelas estradas … Os budistas têm seus mosteiros, e os taoístas, o gosto pelo retiro solitário. Nasra é diferente. Ela tem duas formas de trabalho. Aqui, em Istambul, ela gira em honra a Deus; fora daqui, é uma esposa muçulmana trabalhando.

— O que faz seu marido?

— É um industrial suíço, bom rapaz, que lhe dá liberdade. Quando ela escapa para voltar ao mestre, ele nunca a acompanha.

— Esse cara não tem ciúmes?

— Ele conhece sua mulher. Já imaginou Nasra infiel? Impossível!

— Eu acho que ela o engana com Deus — decretou Théo. — Viu os olhos dela ao sair do *tekké*?

— Neste caso, são milhões de esposas pias que enganam o marido com Deus … Você prefere as verdadeiras religiosas, pelo que vejo!

— Prefiro mesmo — confirmou. — Elas pelo menos são casadas com Deus legalmente. E eu, será que sou místico?

— Você … Você é uma ave rara. Eu vi você se ausentar tantas vezes, como que sonhando! Será que está em seu estado normal?

— Sei lá. Gosto quando viajo assim. Falando nisso, não te contei a melhor! Meu gêmeo é uma gêmea!

— Como é que você sabe? — exclamou a tia, erguendo-se na cama.

— Sei porque agorinha mesmo ela me disse dentro de mim — respondeu o rapaz calmamente. — Parece que tenho que perguntar seu nome de menina a mamãe. Tenho a impressão de que mamãe está me escondendo alguma coisa, você não acha? Uma prima morta, quem sabe.

— Boba …gem — replicou tia Marthe tomada por um acesso de tosse. — É … sua doença.

— Que nada, já estou curado. Em todo caso, vou perguntar a mamãe.

Tia Marthe deitou-se de novo protestando que estava com sono, no que mentia deslavadamente. Théo tentou lançar de novo a conversa, mas ela fingiu roncar.

A revelação

No dia seguinte, Nasra recebeu um telefonema do médico tagarela. Os resultados eram espantosos: o mal regredira bruscamente … Nasra beijou Théo, a despeito da lei muçulmana e correu para a cozinha, a fim de preparar algo com que festejar dignamente a notícia.

— Está vendo, eu tinha razão — observou Théo. — É por isso que Raio Bento parecia tão contente! A folha do meu sonho era a dos exames …

— Sossegue um pouco — resmungou tia Marthe. — E vá já telefonar para a sua mãe!

No telefone, Théo bancava o durão, mas sentia-se constrangido, porque, como era de esperar, Melina chorava a mais não poder. A certa altura, Marthe aguçou os ouvidos.

— … Então, vai responder? — perguntava Théo. — Ah, é? Você conhece? Quem? Minha gêmea? Isso eu sei, obrigado … De verdade? Não estou entendendo. Espere … repita … ah … tudo bem. Não, não é nada grave. Por que você não me disse antes? Não, mãezinha, não estou zangado. Não, você não estava errada, pare com isso! Não foi culpa sua! É só encomendar outra! Outra o quê? Uma irmãzinha, ora essa …

Quando ela desligou, Théo estava meio pálido. Foi se sentar ao lado de tia Marthe e aconchegou-se a ela, envolvendo-lhe o pescoço.

— Minha irmã gêmea morreu ao nascer, logo depois de mim — murmurou. — Você sabia?

— Ignorava que era uma menina — confessou tia Marthe. — Então, ela acabou te dizendo? Ótimo. Assim, você agora sabe porque tem uma gêmea dentro de você.

— Mas se ela fala comigo é porque não morreu. Quer dizer, não morreu totalmente.

— Isso não parece te espantar …

— Não sou tão bobo assim. Simplesmente, eu gostaria de compreender como esse negócio funciona. Os mortos vêm habitar nosso corpo?

— Na África vemos isso em toda parte — ela riu. — Não é impossível que os africanos tenham razão.

— Você acha que ela vai ficar comigo a vida toda? — preocupou-se Théo. — Não que ela me incomode, mas afinal!

— Ela irá embora quando você estiver curado — garantiu tia Marthe. — Aposto que veio te ajudar.

— É possível. Ontem à noite, ela até parecia conhecer os resultados. Estava tão tranquila!

— Chega de sonhar, garoto! — interrompeu a tia. — Nada de perambular muito no mundo dos mortos. Isso levou você longe demais!

— Ora! Corri mundo e em toda parte se preocupam com os mortos, salvo em nosso país. Vovó Théano vai o tempo todo ao cemitério. Nós, nunca. E se não fosse certo?

— Espere a África. Lá eles não achariam isso nada certo — ela respondeu sorrindo.

Mas se em Istambul o anúncio dos bons resultados não provocou nenhuma revolução, na Rue de 1'Abbé-Grégoire era outra coisa. Jérôme ligou do laboratório dez minutos depois, exigiu que lessem a folha de resultados integralmente para ele, que lhe dessem o telefone do doutor tagarela, emitiu dúvidas sobre a fiabilidade das análises e sugeriu recomeçar tudo, para fúria de Théo, que descreveu os hematomas deixados pelas agulhas do médico tagarela com tamanho lirismo que seu pai bateu em retirada. Na hora do almoço, as meninas telefonaram porque estavam contentes. Mal visitaram o célebre Serralho dos sultões, e foi a vez de Fatou, que não tinha nada a dizer mas que ria, feliz.

— Que que houve com eles? — espantou-se Théo. — Piraram?

— Dê-lhes tempo para se acostumarem — aconselhou tia Marthe. — São incréus!

— Menos Fatou! — protestou Théo. — Continuo usando seus amuletos …

— Amuletos? — perguntou Nasra. — Estou vendo no seu pescoço um amuleto e um Corão. Não é a mesma coisa! O islã te protege, Théo!

— Um momentinho … não gosto que me enrolem. Tudo bem, você é a mais linda das huris do Paraíso de Alá. Mas isso não é motivo para tentar me tapear.

— Como é desconfiado! — exclamou Nasra rindo.

O resto da semana foi gasto em passeios deliciosos. Nasra levou seus amigos ao santuário de Eyüp El Ensari, onde os crentes se colavam contra as laterais do túmulo do santo, como os de Nizamudin contra as do dele. Os pombos bicavam os grãos de açúcar caídos das oferendas, e Théo comprou uma suntuosa reprodução do nome de Alá, escrito em letras douradas sobre um fundo preto. Alugaram um caíque que costeou as praias em que se erguiam velhas casas de veraneio com sacadas dominando as águas. Os cemitérios eram poéticos, as mesquitas, acolhedoras, e o espadarte, delicioso. Após intermináveis discussões com o doutor tagarela, Jérôme tinha se acalmado. Por pouco ele teria decidido que a viagem podia parar por ali, porque Théo estava curado. Tia Marthe deu-lhe uma boa bronca. Se voltasse logo, Théo ficaria doente de novo, disso ela tinha certeza.

Querela sobre o islã negro

Alguns dias depois, tia Marthe anunciou que partiriam para a África negra.

— Você quer dizer para o islã africano — retificou Nasra. — O Senegal é um país muçulmano.

— A mais antiga democracia da África — rebateu tia Marthe. — Absolutamente laica.

— Onde todos os cidadãos são muçulmanos — insistiu Nasra.

— Não — protestou tia Marthe. — Você esquece os cristãos e os animistas.

— Eles existem, é claro — concordou a outra. — Mas você não pode negar que a maioria dos senegaleses são não apenas muçulmanos, mas sufis.

— De novo! — exclamou Théo. — Sufis africanos?

— Sim — respondeu Nasra.

— Não! — gritou tia Marthe.

Foi uma senhora batalha entre as duas amigas. Nasra afirmava que os muçulmanos do Senegal eram autênticos sufis, tia Marthe, que de sufis só tinham o nome.

Nasra afirmava que os sheiks do Senegal haviam herdado a tradição do amor a Deus, tia Marthe replicava que eles tinham substituído o amor pela obediência dos discípulos. O tom subiu.

— Ei, meninas, chega! — disse Théo. — Já sou grande o bastante para fazer minha própria opinião. Calem a boca, senão …

Levando esse balde de água fria, as duas mulheres se olharam de cara amarrada.

— Puxa vida — murmurou Théo. — Vocês não vão dar uma de integristas na última noite, não é?

A temperatura baixou. Arrependida, Nasra correu com seus pezinhos descalços e beijou tia Marthe para se fazer perdoar.

— Vou sentir falta de você — arrulhou estendendo a mão a Théo. — Estávamos nos dando tão bem, nós três!

— Reparou, tia Marthe! — disse Théo encantado. — Todos dizem a mesma coisa!

— Seu vaidoso! — ralhou ela docemente. — Vá arrumar a mala, agora que está curado.

— Você é minha huri de olhos pintados com *khôl* — soprou no ouvido de Nasra, que se encolheu gargalhando.

A partida de Istambul se parecia com todas as outras. Uma silhueta miúda agitava um lenço no aeroporto antes de desaparecer debaixo das asas do avião. Dessa vez, tia Marthe enxugou uma lágrima.

Amendoim e prece

Saindo na escada do avião que acabava de aterrissar em Dacar, Théo recebeu um bafo de ar quente.

— Ponha seu chapéu — mandou tia Marthe. — O sol aqui é tão forte quanto no Egito. Avance um pouco … vamos perder o encontro.

— Homem ou mulher? — perguntou Théo.

— Homem. Uma pessoa que você conhece bem.

Foi uma surpresa e tanto. Quem estava no encontro era nada menos que Abdoulaye Diop, o pai de Fatou, de terno e gravata apesar do calor.

— Como vai, rapaz? — cumprimentou, erguendo Théo como uma pluma. — Seus pais me disseram para cuidar bem de você. E a senhora, dona Marthe, vai bem?

— Muito bem, obrigada. E sua família?

— Vai bem — repetiu o Sr. Diop com um sorriso. — Pegamos as malas e vamos para minha casa. Todo mundo está esperando.

Nas ruas de Dacar, perambulavam os homens de cafetã e as mulheres de bubu[12], com a espádua redonda descoberta e o turbante glorioso. Sentadas na calçada, mulheres grelhavam amendoim rolando os grãos na areia ardente do fundo de um caldeirão. Ambulantes ofereciam regadores de plástico, sandálias fluorescentes, sacos de maçãs, mosquiteiros e isqueiros. Em cada cruzamento de ruas, uma criança mendigava piscando olhos enternecedores. O sr. Diop desviava a cabeça; tia Marthe pôs-se a resmungar.

— Está vendo, Théo — começou ela, — esses pequenos mendigos se chamam *talibês* …

— Que significa "estudante" — encadeou depressa Abdoulaye Diop.

— Sim, como a palavra *talibã*, no Afeganistão … Não vão me dizer que essas crianças estudam mendigando nas ruas! Que vergonha!

— Não, elas não estudam — suspirou Abdoulaye Diop. — Mas garanto-lhes que a tradição de nossas confrarias sufis não se resume a algumas crianças desgarradas.

— Curioso — interveio Théo. — Em Istambul, minha tia e a amiga dela, Nasra, já tiveram essa discussão. O senhor pode me explicar?

— Claro — ele respondeu. — É o seguinte: quatro confrarias sufistas dividem entre si o Senegal …

— Uma confraria — disse Théo. — Vi uma na tevê. São pessoas disfarçadas de medievais, que se reúnem para tomar vinho. Não parece ser isso!

Não era. Uma confraria reunia um conjunto de pessoas que havia aderido a uma fé comum. Embora, a rigor, fosse possível irmanar-se no culto do vinho francês, a fé do islã reunia em confrarias muito mais sérias vários crentes no mundo. Nas regiões muçulmanas da África, existiam confrarias sufistas que agrupavam, cada qual, inúmeros fiéis em torno de um mestre. Era o caso do Senegal, país em que o islã sufista havia unificado vários povos, entre os quais os peúles, os tuculeros, os lebus, os mandingas e, enfim, os uolofes, que constituíam a massa dos fiéis.

A mais antiga confraria, a Quadiriyya, vinha em linha reta de Bagdá e de uma escola sufista do século XII. A segunda, a dos ilustres e respeitados "tijianes", havia se espalhado pela África saheliana a partir do Maghreb[13] sob a égide de um sheik nascido na Argélia e falecido em Fez, Marrocos, no século XVIII. No século XX, o maior mestre espiritual da confraria dos

tijianes foi Tierno Bokar, um malinês, o "Sábio de Bandiagara", de pensamento luminoso. A terceira confraria do Senegal, a dos "layenes", seguia os passos de um novo profeta africano, Seydina Laye, enviado por Deus à raça negra no século XIX. Mas a última, ah, era outra coisa! Ela devia sua existência a um africano excepcional. Ahmadou Bamba foi o fundador da confraria dos muridas, cujo nome, "murida", significava "aspirante em religião".

Tia Marthe protestou. Claro, os quatro veneráveis califas das quatro confrarias exerciam uma influência considerável, respeitada pelo poder democrático, mas se a espiritualidade pessoal deles era inconteste, a do sólido enquadramento dos fiéis pela hierarquia subalterna nem sempre era da mesma qualidade … Quanto aos muridas, não se devia esquecer que o fundador da confraria havia sido um dos primeiros a se revoltar contra a França colonial, que o deportara para o Gabão por motivos políticos. Era isso o essencial.

— Engana-se! — replicou Abdoulaye. — O sheik Ahmadou Bamba não se preocupava com lutar contra o jugo do colonizador. Esse grande mestre tinha um só objetivo: a elevação da fé dos fiéis. Em seu leito de morte, seu pai, homem piedosíssimo, havia lhe confiado a sorte de seus irmãos muçulmanos — e o rapaz se tornou então teólogo no seio da antiquíssima confraria Quadiriyya. Mas somente a meditação o atraía. Ele desaparecia nas florestas, buscando: em alguma parte do país esperava-o um lugar sagrado. Um dia, guiado por uma luz incomum, pôs-se a caminho e parou debaixo de um baobá, no ponto em que o raio luminoso se imobilizara. À sombra da árvore, compreendeu que havia chegado ao centro da sua alma. Teve a "sua" revelação e riu de contentamento. Seu riso soou tão forte que os camponeses o escutaram num raio de trinta quilômetros … Naquele dia nasceu-lhe um filho, que se chamou Mohammed.

Tudo isso era muito bonito, replicou tia Marthe, mas ninguém podia negar a existência dos falsos marabus, esses charlatães que percorriam as ruas de Dacar. Um dia, um de seus amigos senegaleses lhe mostrara um espetáculo edificante. Um falso marabu trajando um bubu de cerimônia chegava a uma extremidade da rua, enquanto seus três comparsas, na outra extremidade, se prostravam mal o percebiam: "Eis o grande marabu!", murmuravam. As pessoas paravam. O marabu iniciava então um longo discurso: não precisava de dinheiro, não pedia nada, aliás era rico o bastante para já possuir três mulheres, seu único objetivo era ajudar quem precisasse.

— Cara simpático — comentou Théo. — O que você critica nele?

Ah, o problema era que o marabu dizia que só aceitaria oito pessoas, nem mais uma só. A gente acorria. O marabu escolhia oito que mandava chegar bem junto dele: a cada um pedia dinheiro por sua bênção, quinhentos francos africanos por dedo da mão e do pé … Os eleitos pagavam. Depois, como o amigo de tia Marthe observasse a manobra com um olhar zombeteiro, o marabu apontou para ele: "Para você, vou fazer um preço especial", falou. Arrastou-o para um canto e enfiou-lhe dois mil francos africanos na mão, para que ficasse calado.

Abdoulaye deu de ombros. Histórias assim, ele conhecia aos montes! Claro, existiam trapaceiros, mas ninguém podia confundi-los com os marabus das confrarias. Donos de um prestígio considerável, esses marabus de verdade eram respeitadíssimos e reconheciam uma só autoridade suprema: seu califa. Não faziam nenhuma tramoia, geriam os discípulos, cuidavam da sua educação e coletavam o dinheiro dos fiéis em benefício da comunidade. Nenhum senegalês digno desse nome podia se enganar quanto à autenticidade de um verdadeiro marabu, e se houvesse crédulos carentes de crença, azar o deles!

Théo, que escutava distraído, ouviu surgir bruscamente o ritmo de tantãs ensurdecedores. Perambulando no meio da grande avenida, um grupo de foliões dançava, rindo sem parar. Essas estranhas figuras com mantos coloridos, colar de couro no pescoço, cabelos desgrenhados e cacete debaixo do braço, batiam em seus instrumentos com uma das mãos e seguravam uma cabaça na outra, pulando como diabos e fazendo caretas como eles.

— São legais! — exclamou Théo. — Um conjunto de músicos

— Nada disso! — respondeu Abdoulaye Diop. — São Baye Fall. Fazem parte de um ramo muito particular do muridismo. Discípulos do sheik Ahmadou Bamba em poucas palavras.

— Por que não diz a verdade? — irritou-se tia Marthe. — Os Baye Fall não constituem, na verdade, uma espécie de milícia religiosa que protege os agricultores em detrimento dos criadores de gado?

Pacientemente, Abdoulaye Diop explicou que a história dos Baye Fall era muito mais complicada do que tia Marthe imaginava. Um príncipe de sangue real chamado Ibra Fall ouviu falar de um grande místico instalado em algum canto do Senegal. Levou nove anos para encontrá-lo. Mas em cada aldeia que atravessava, Ibra Fall, um colosso prestativo, buscava água para as mulheres, cortava lenha, realizava sozinho o trabalho de uma semana … e ia embora no dia seguinte, atrás do sheik. Por fim, após anos de andança laboriosa, Ibra Fall encontrou-o no lugar que se tornaria a cidade santa dos muridas, Touba. O sheik Ahmadou Bamba lhe daria o nome de Touba por causa da palavra *uolof*, que significa "retorno a Deus". Em seguida, depois de ter se prostrado diante do mestre que havia tanto tempo procurava, Ibra Fall assumiu o controle das coisas. Protegeu o sheik, afastou os intrusos, introduziu a disciplina e obteve de Ahmadou Bamba um estatuto singular: seria dispensado das preces que substituiria pelo trabalho. Logo teve seus discípulos, os Baye Fall, que o chamavam de "Profeta".

O culto do trabalho tornou-se frenético. Contanto que pudessem fornecer o trabalho mais pesado, os Baye Fall eram por sua vez dispensados das preces. Em troca dessa concessão, deviam mendigar um a um os pedaços de pano que, costurados, se tornariam seu manto de sufistas. De uma devoção cega, recebiam uma formação severíssima. Tinham uma particularidade: dentre todos os muridas, somente eles cantavam e dançavam ao ritmo dos tantãs, segundo antigos costumes do país. Reunidos à noite em círculos de iniciados, os Baye Fall entravam em transe repetindo a grande invocação sufista …

— Pia legenda! — retrucou tia Marthe.

Os Baye Fall constituíam uma tropa de choque! Quanto à sua religião do trabalho, demonstrava a essência do muridismo. Os muridas do Senegal haviam inventado um sistema engenhoso. Trabalhar é orar. Que dádiva! O pacto entre os discípulos e o mestre era simples: o mestre garantia a salvação do discípulo, se o discípulo trabalhasse para o mestre. Os muridas eram excelentes empreendedores … porque com a massa de braçais representada pelos discípulos sem remuneração em dinheiro, os muridas haviam desenvolvido o cultivo do amendoim no Senegal, principal riqueza do país. Depois compraram lojas, adquiriram mercados … em resumo, os muridas eram comerciantes formidáveis.

Tia Marthe ficou com a vantagem.

— Foram os governadores coloniais da França que compreenderam o interesse econômico do sistema murida! — indignou-se Abdoulaye Diop. — Eles utilizaram os muridas para colher o amendoim … O sheik não teve nada com isso!

— A França servir-se do muridismo! — retorquiu tia Marthe. — Os franceses condenaram o sheik Ahmadou Bamba ao exílio!

— Mas depois fizeram que voltasse — afirmou o sr. Diop. — A senhora está confundindo a política colonial com a busca mística de um sheik inspirado … Ele, como verdadeiro sufista que era, se recusava a colaborar com a administração francesa. Porque os sufis não se submetem às autoridades políticas: sultão, rei, imperador, administrador, presidente, não importa. O sheik Ahmadou Bamba pregava a pobreza!

— Quem o senhor quer que acredite nessa fantasia? — resmungou ela. — Tudo isso porque o senhor mesmo é murida!

Abdoulaye Diop se zangou. Os documentos históricos eram irrefutáveis … Quanto ao sistema de troca entre o discípulo e o mestre, a ideia do sheik era clara: a educação antes de tudo. Fornecendo o ensino, o mestre dava um bem precioso e, exigindo trabalho, formava o discípulo para a vida. Além disso, o mestre hospedava o discípulo, alimentava-o e casava-o. Aliás, o sheik insistia num ponto capital: nenhum discípulo trabalharia contra a vontade. Com sua confraria, o sheik havia levado ordem e educação a uma sociedade cheia de violência e de guerras. Graças a ele, no momento em que a colonização francesa perturbava as populações, o povo senegalês havia se reunido, havia cultivado suas terras, encontrado um compromisso com os novos mestres, enriquecido o país …

— Isso tudo é economia — falou Théo. — Onde está o islã aí?

Abdoulaye Diop aproveitou a deixa. Tia Marthe conhecia os poemas místicos do sheik Ahmadou Bamba? Havia lido Os *itinerários do Paraíso*? Não?

Prolonga tua meditação, amigo
Na terra e no céu, nas estrelas também
No sol e na lua, assim como nas árvores
Na água e no fogo, e mesmo nas pedras
Em outras coisas mais como a noite, o dia,

Tu obterás a paz do coração e a luz.

Abdoulaye Diop marcou um ponto.

— Não é difícil compor poemas — grunhiu tia Marthe. — Dizer que é místico é exagero!

— Vá então à cidade santa dos muridas, a Touba! — enraiveceu-se o sr. Diop. — Lá a senhora vai ouvir na mesquita monumental autênticos cantos sufistas, e eles são os poemas inspirados do sheik Ahmadou Bamba!

— Vou desempatar a peleja — interveio Théo. — Respondam ao seguinte: existe uma só religião que não faça seus fiéis trabalharem?

Fez-se um silêncio.

— Sim — respondeu Abdoulaye Diop. — Todas as religiões, sem exceção. Nenhuma delas se baseia na exigência do trabalho. Cada uma a seu modo traça o caminho de Deus.

— Não — respondeu tia Marthe. — Não existe nenhuma religião que não se transforme em sistema de exploração. Nisso estou de acordo com Karl Marx: "A religião é o ópio do povo". Adormecem-no para fazê-lo suar sangue e água.

— Obrigado pelo esclarecimento — ironizou Théo. — Mas tenho outra pergunta. O que os muridas têm de africano?

Novo silêncio.

— Digamos que a África negra nunca desaparece sob as grandes religiões — lançou tia Marthe. — As confrarias do Senegal consumaram a islamização do povo uolof. Antes do aparecimento das confrarias, os uolofes valorizavam o exercício físico do trabalho da terra. O sheik Ahmadou Bamba contentou-se com africanizar o islã à sua maneira. Sob o muridismo, os valores dos uolofes estão presentes.

— Não estou de acordo com a senhora — replicou Abdoulaye Diop. — Os uolofes tinham castas e escravos. Por exemplo, o sheik Ahmadou Bamba

provocou um escândalo quando quis imitar o Profeta, e, de caso pensado, casou sua filha Zanayda com um ex-escravo. Como os muridas se indignassem, o sheik lembrou-lhes o princípio de igualdade do islã. No dia seguinte, elevava a dignitários um grupo de homens de castas inferiores. O sheik Ahmadou Bamba levou, portanto, a igualdade ao povo uolof, que a ignorava.

— Vou resumir — disse Théo. — "Islã senegalês = sufis + casta + escravos + amendoim." Não estou entendendo. Castas e escravos na África?

Foi assim que Théo descobriu que os brancos não haviam inventado a escravidão na África. A sociedade uolof era hierarquizada em nobres, homens livres e escravos. Os escravos domésticos, que pertenciam à mãe, viviam na família do amo e não eram maltratados. Os escravos do pai não eram nada, não tinham nada, não valiam nada. Enfim, os escravos do chefe o acompanhavam à guerra, recebiam sua parte do butim, tinham direito de pilhar e aterrorizavam as aldeias. De forma que os "homens livres", os coitados dos camponeses, eram com frequência presas de escravos arrogantes, mas armados.

— Compare, se quiser, com a Europa feudal — sugeriu o sr. Diop. — Os camponeses seriam os "servos" submetidos aos senhores do castelo. Acrescente os escravos da casa paterna, e terá duas categorias de miseráveis que encontraram no islã a igualdade que lhes faltava.

— Há algo pior — interveio tia Marthe. — Os reis africanos vinham capturar a gente para vendê-la nos mercados. Se não fossem eles, os brancos nunca poderiam ter se enriquecido com o tráfico negreiro: tinham fornecedores locais.

— Infelizmente assim foi! — suspirou o sr. Diop. — A verdadeira falha do islã conquistador na África foi o tráfico de escravos negros até o século XIX. Quantos impérios africanos se edificaram sobre as tribos servas … O

império de Gao, que se estendia até o Baixo Senegal e até o Saara; o Mali, que viu seu chefe Kongo Moussa ir em peregrinação com um enorme séquito de escravos negros … Eram trocados por cavalos, utilizados para o trabalho nos campos! Acusamos os brancos de terem deportado nossa gente, mas, na verdade, a vergonha pesa em boa parte sobre a África, devo admitir.

Os filhos de cadáveres

Chegaram à residência da família Diop, uma casa branca abrigada sob as buganvílias. Abdoulaye levou Théo à sala de jantar, onde, sentadas num sofá de veludo, três senhoras de turbante na cabeça se abanavam em silêncio.

— Minha mãe, minha tia e minha irmã, Anta — disse o sr. Diop apresentando uma a uma a tia Marthe. — Suas crianças estão deitadas?

— Estão, mas ainda não estão dormindo — sussurrou a mais moça das mulheres. — Principalmente Aminata, que está com os dentes nascendo.

— Nada mais normal na idade dela — comentou Abdoulaye. — Se ela chorar, Anta, traga-a para junto da gente.

A conversa era tão simplesmente familiar, que Théo sentiu-se em casa. Abdoulaye sumiu e voltou metido num grande bubu branco, com chinelos combinando nos pés.

— Ufa! — murmurou refestelando-se. — O jantar está pronto?

Silenciosa, a velha sra. Diop levantou-se dignamente e todo mundo se pôs à mesa. Montanha de cuscuz de milhete[14], com frango assado, molho de cebola, legumes cozidos. Théo sentiu vir o apetite. As mulheres falavam pouco, ou em voz baixa. Fato notável, tia Marthe fazia como elas.

— Tenho uma pergunta — disse Théo levantando o nariz do prato. — Você não me explicou direito as castas no Senegal, agora há pouco. Seu país

é como a Índia?

A velha sra. Diop ergueu uma sobrancelha embirrada, e a tia, boquiaberta, deixou cair o garfo. Quanto à mãe de Aminata, levantou-se precipitadamente murmurando que sua filha estava chorando. Voltou com o bebê no colo.

— Falamos no assunto depois do jantar, se você quiser — disse Abdoulaye com um sorriso. — É um pouco demorado de explicar.

— Tudo bem — respondeu Théo. — E em sua família, vocês são de que casta?

— Cale a boca — ralhou tia Marthe entre dentes. — Ah! Que menina linda … Que idade tem? Quanto pesa?

A pequena Aminata logo se tornou o centro da conversa. Os olhos piscando de sono, boca amuada, ela olhava sem ver os adultos à sua volta. A mãe sorria com encantadora modéstia, e Théo, fascinado pela linda cabeça redonda da criança, esqueceu suas perguntas sobre as castas. Nisso, chegou a sobremesa: fatias de melancia, ovos nevados. As três mulheres levaram Aminata para a cama e Abdoulaye voltou a seu lugar no sofá.

— Pronto — suspirou. — Agora podemos conversar. Os senegaleses não gostam muito de evocar a questão das castas.

— Ainda mais na frente de um jovem "tubab"! — exclamou tia Marthe.

— Sou eu o tubab? — inquietou-se Théo. — Quer dizer "cretino"?

— Os tubabs são os estrangeiros e, por extensão, os brancos europeus — disse o sr. Diop sorrindo. — Mas, no Senegal, não falamos das castas com os tubabs. Aliás, em teoria, as castas não existem mais. Na realidade, devo reconhecer que elas ainda têm alguma importância.

— Só alguma? — interveio Anta, voltando para se instalar no sofá. — Você trabalha em Paris. Mas eu vivo aqui, tenho ouvidos! Apesar dos nossos sociólogos, nossos historiadores, nossos estudos eruditos, ninguém se priva

de fofocar sobre a filha de uma família de griotos! Por exemplo, na minha faculdade, dediquei-me a lutar contra a injustiça das castas. Falo, explico, condeno … Eu me desdobro, mas será que funciona? Quem sabe!

— Anta é professora de sociologia na universidade — esclareceu o sr. Diop. — Explique você a Théo, vai fazê-lo melhor do que eu.

As castas, começou Anta, estavam implantadas numa vasta parte da África. As castas "superiores" nem eram citadas. De um lado, encontrava-se o conjunto dos homens livres, do outro, lá embaixo, os desprezados, com quem uma mulher não podia se casar sem se desonrar: ferreiros, oleiros, sapateiros, joalheiros, tecelões e griotos.

— Os griotos são aqueles feiticeiros cantadores, não é? — interveio Théo. — Fatou me falou deles. Parece que são divertidos!

O caso dos griotos era dos mais singulares. Encarregados de declamar as gloriosas genealogias dos chefes, os griotos se assemelhavam aos bobos da corte, de que não se podia prescindir, mas que eram relegados às trevas externas. Bardos, saltimbancos, pregoeiros públicos, os griotos juntavam a gente cantando ao som de seu instrumento, mas não tinham o direito de entrar nas casas, nem de repousar debaixo da terra: nunca eram enterrados. Então, por não lhe concederem um lugar sob o chão, emparedavam seu corpo no oco dos grandes baobás, cobrindo-os de argila.

— Caramba! — fez Théo. — Ainda fazem isso?

Não, porque os velhos costumes haviam recuado diante da democracia, e os griotos tinham mudado de status. Quando era inaugurada uma exposição, lá estavam eles … Nas grandes ocasiões oficiais, lá estavam eles. De sua função, cercada hoje do respeito que se deve às tradições, só restava o elogio cantado, lançado a pleno pulmão diante do povo.

— Estranho — espantou-se Théo. — Por que eram excluídos?

— Há numerosas lendas acerca da origem dos griotos — disse ela. — A mais curiosa se aplica a uma casta particular deles, os nyoles. Não se sabe muito bem se devemos classificá-los no nível mais baixo dos griotos ou na casta logo acima, mas é uma história e tanto! Se você soubesse!

— Queria muito saber — disse Théo. — Conte!

— Um belo dia, isso foi no Sahel, um homem se adoentou, não se sabe de que doença, ninguém era capaz de curá-lo! Começou a emagrecer e morreu. Mas quando seus vizinhos se reuniram diante do corpo para a cerimônia fúnebre, perceberam com estupor que o sexo do morto estava … meio inconveniente.

— Sujo? — perguntou Théo.

— Não — respondeu a moça, embaraçada. — Em ereção. A mulher dele, diziam, era muito bonita. Um velho aconselhou-a a deitar-se em cima do marido, para o último adeus … Ela obedeceu. Consumado o ato e tendo o corpo voltado ao estado normal, o defunto foi enterrado como se nada tivesse acontecido. Ora, a viúva do cadáver, grávida por obra sua, deu à luz dois gêmeos, uma menina e um menino.

— Os dois vivos? — indagou Théo.

Vivíssimos. A despeito desse estranho milagre, o nascimento dos gêmeos não criou nenhuma dificuldade. Eles cresceram, se casaram e tiveram numerosos descendentes … mas, um belo dia, os uolofes descobriram a maldição que atingia os descendentes do cadáver: quando morriam, o corpo deles se decompunha num instante! Primeiro a pele rachava de uma maneira nojenta, depois a carne se putrefazia a olhos vistos … Os griotos não eram totalmente homens. Desde então, as outras castas evitaram qualquer aliança matrimonial com aqueles que passaram a chamar de "filhos de cadáveres". Era essa a razão pela qual apressavam-se a emparedá-los com argila no oco dos baobás.

— Que nojo! — exclamou Théo fazendo uma careta. — É de arrepiar!

— Isso não te faz lembrar de alguma coisa? — perguntou tia Marthe.

— Não — respondeu o rapaz. — Ah, sim! Parece Osíris morto, só que a coitada da Ísis nunca conseguiu levantar o pinto dele.

Anta acrescentou que, de acordo com teorias muito sérias, os primeiros africanos não eram outros senão os egípcios, ancestrais da África negra e, eles próprios, negros. Na aurora dos tempos, os povos do Senegal tinham partido do Egito. Varando montanhas e desertos, empreenderam a longa marcha através do continente negro, do oceano Índico ao Atlântico, onde instalaram um tronco egípcio na ponta extrema da África, em frente do Brasil. Não era surpreendente, portanto, encontrar nos mitos africanos alguns ecos do Egito, como atestava o sexo ereto do pai-cadáver dos griotos.

Mas o caso deles era ainda mais esquisito porque a gente das outras castas tinha um ponto em comum: ferreiros, oleiros, sapateiros, joalheiros, todos trabalhavam com as mãos. Ora, enquanto estes eram hábeis artesãos, o grioto só tinha um dom, o da declamação. Mesmo quando eram reconhecidos como ilustres artistas, dotados de uma voz magnífica e de uma inspiração fecunda, os griotos continuavam em seu status de malditos. Às vezes morriam nos campos de batalha, aonde iam acompanhando seu chefe, mas isso não lhes dava nenhum direito a um enterro comum. Para o baobá, como os outros!

Abdoulaye Diop observou que a fé muçulmana rejeitava qualquer discriminação de casta. Todos os crentes tinham direito à mesma sepultura, inclusive os griotos.

— Na França, os atores também não tinham direito ao cemitério católico — interveio tia Marthe. — A proibição da Igreja só cessou no século XIX, e no entanto desde a Revolução Francesa não havia mais castas na França! Sua história não me convence. Para mim, simplesmente, tem-se

medo de quem leva a palavra: grioto, ator, dá na mesma. Os que fazem do verbo um ofício são perigosos.

— O islã respeita os poetas — notou Abdoulaye.

— É mesmo? Em pleno século XX, quem foi que lançou a *fatwa* sobre o escritor Salman Rushdie? Não, estão vendo, os manejadores da linguagem provocam estranhos sentimentos. Platão, o grande filósofo grego, queria expulsar o poeta da cidade, e a tentação de proibir esse tipo de gente é constante. Quando não têm o monopólio do verbo, as religiões não gostam dos que dele fazem profissão. A exclusão dos griotos não foge à regra.

— No entanto, existe uma história que salva os griotos da infâmia — retorquiu Anta. — Você se lembra, Abdou? O mito dos guellowares …

— A princesa e o grioto — terminou Abdoulaye.

De todos os povos que compunham o Senegal, o povo serere era o único a ter uma dinastia real de origem estrangeira. Vindos de outras plagas, os guellowares reinaram na terra serere do século XIV ao século XIX. No entanto, o tronco dos soberanos era marcado com o cunho da infâmia.

Era uma vez, no século XIII, uma princesa, filha de um grande rei do Mali. Quem havia feito a criança que ela trazia no ventre? Seu noivo? Seu cunhado? Em todo caso, seu pai, o soberano, ignorava a gravidez da filha. O filho seria ilegítimo. Envergonhada, a princesa fugiu antes do raiar do dia, na hora em que a aldeia acorda com o barulho surdo do milhete sendo amassado pelos pilões. Ela não estava sozinha. Um grioto apaixonado a acompanhava. Seria ele o pai da criança que iria nascer? Quem pode saber essas coisas?

O caso é que os fujões percorreram a pé quatrocentos quilômetros e encontraram refúgio numa gruta de pedra no meio da floresta. Sete anos mais tarde, os caçadores da região descobriram a princesa, seu grioto e as filhas deles — porque, entrementes, duas outras filhas nasceram. A coisa

poderia ter acabado mal … mas não! Os caçadores ficaram maravilhados com a sobrevivência dos exilados, sinal divino. A princesa foi coroada e fundou a dinastia gellowar, palavra que significa “enigma”.

O que aconteceu com o grioto apaixonado? Ninguém sabe. Somente a princesa corajosa suscitou a admiração do povo. Seu longo desaparecimento, a gruta do seu refúgio, o milagre da floresta em que os caçadores a descobriram, tudo encorajava o fervor devido às aparições misteriosas. Apesar de tudo, as filhas da primeira rainha da dinastia eram ilegítimas, ou mesmo descendentes de griotos.

— Que linda história! — comentou tia Marthe. — Pena que o grioto tenha sumido, de passagem …

— Ele havia cumprido sua missão — respondeu Anta. — Tinha semeado no ventre da princesa o dom da palavra. Não havia mais nenhum vestígio da decomposição instantânea do corpo: dir-se-ia que a princesa purificou o grioto … As mulheres da dinastia sempre foram rainhas fortes.

O tantã e a palavra

— Que fim levaram os sereres? — quis saber tia Marthe.

— Em parte católicos, mas sobretudo muçulmanos — respondeu Anta. — Mas sejam uma coisa ou outra, as antigas religiões não desapareceram inteiramente. Por exemplo, os Baye Fall uolofes. Vocês deviam vê-los reunidos em torno de uma fogueira concentrados em seus cantos, o olhar ausente … Com o tantã, introduziram o ritmo africano no islã. Graças ao ritmo, preservaram neles o verdadeiro transe da África.

— O que é transe? — perguntou Théo.

— Uma espécie de estado entre a vigília e o sonho — respondeu tia Marthe. — Você perde a consciência, se arrepia, treme, gira e dança, pode

cair de repente, você é ao mesmo tempo você mesmo e um outro.

— Tenho um colega epiléptico na minha turma — murmurou Théo. — Uma vez, ele teve uma crise durante o recreio. Um transe?

— De jeito nenhum. A epilepsia provém de uma lesão cerebral. É raro curar, mas pode ser controlada com remédios. Mas quando você está em transe, não está doente, você passa para outro estado de consciência. Não apenas os remédios não têm efeito, como o transe sozinho pode curar você.

— Por que está dizendo você? — inquietou-se Théo. — Por caso estive em transe?

— Claro que sim — ela respondeu. — Em Luxor.

— É isso então? — espantou-se. — Quer dizer que eu também sou da África?

— De jeito nenhum! — indignou-se tia Marthe. — Que ideia!

— Não entendo por que a senhora ralha com ele — interveio Abdoulaye. — Nem porque Théo não seria "da África", como ele diz. Por todos os lugares em que estive, na América, na Ásia, vi o transe. A meu ver, o transe espreita todos nós. O transe pegou Théo, talvez um dia também a pegue, cara Marthe.

— Mas posso apostar que o senhor nunca viu o transe no Ocidente. Não, Anta tem razão: o transe da África é outra coisa.

— Se me permite, vou contradizê-la — disse Abdoulaye. — Primeiro porque um show techno desencadeia um transe idêntico ao da África.

— Quanto a isso, estou de acordo — afirmou Théo. — Mas minha tia não entende nada da música techno.

— Música de selvagens — rosnou tia Marthe.

— Palavra engraçada na boca da senhora! — ironizou Abdoulaye. — Sabia a senhora que aqui mesmo, no subúrbio de Dacar, as louras europeias

entram em transe durante as cerimônias mais antigas do Senegal? Vocês também têm isso em seu país.

— No entanto, sua irmã falou do verdadeiro transe da África! — disse tia Marthe. — Não sonhei! O que você queria dizer, Anta?

— Sei lá — murmurou a moça. — Nossos corpos não dançam do mesmo modo … O ritmo arrebata tudo …

— Estão vendo! — triunfou tia Marthe. — Vocês não podem comparar os aspargos descorados que se balançam num show techno com a maravilhosa maneira que vocês têm de dançar!

— Os meios do transe são diferentes em cada lugar — retomou Abdoulaye, — mas o resultado é o mesmo. Os corpos não são iguais, mas no transe os olhos viram do mesmo jeito em toda parte. Claro, existe um verdadeiro transe africano. De que decorre? Do som irresistível do tantã. O transe da África é o ritmo.

— Mais nada? — perguntou Théo desapontado. — Eu imaginava que havia sangue de galinha, máscaras em torno da fogueira à noite, magia, coisas incríveis … Fatou me contava …

— É típico de Fatou — sorriu Abdoulaye. — Está sempre fazendo mistérios … Sim, há outra coisa. Só que não é o que você está pensando. É a palavra. Na África tradicional, a palavra age de verdade. Não serve para transmitir uma mensagem, ela recria o mundo e nos recria sem cessar. O Livro revelado ordena, é diferente. Porque, apesar das suas virtudes, o Corão, a Bíblia, esses grandes livros sagrados nem sempre conseguem nos reconstituir. Os africanos podem rezar com o Profeta ou com Jesus, mas nunca serão curados por outra coisa que a graça da sua palavra de origem.

— Não estou entendendo — reclamou tia Marthe. — De que estão falando?

— “Estar nu é estar sem palavra” — respondeu Abdoulaye misteriosamente. — Assim dizem, ainda hoje, os anciãos do Mali, nos penhascos de Bandiagara.

— Então, se eu falo, me visto? — perguntou Théo bocejando. — Desculpe. Acho que estou com sono, estou dizendo besteira …

— Para a cama! — decidiu Anta. — Com seus discursos, Abdou, você deixou o menino tonto! Apoie-se em mim, Théo. Seu quarto não fica longe.

— O pior é que ele tem razão — concluiu Abdoulaye acompanhando Théo com o olhar.

25

A vida dos ancestrais

Tristeza da África

No dia seguinte, deram um passeio pela cidade, visitando a grande mesquita, a catedral e as minimesquitas. O céu estava pálido, o sol branco, o mar cinzento. Ao longe, Théo percebeu uma linha de casas com tetos cor-de-rosa, numa ilha.

— Gorée — disse tia Marthe. — O símbolo do tráfico negreiro.

— Mais tarde iremos lá, Théo — atalhou Abdoulaye. — Gostaria que você descobrisse primeiro nossas Áfricas. Sempre terá tempo de ver em que condições partimos daqui.

— Vamos ficar em Dacar? — perguntou Théo. — Parece uma cidade francesa, por isso estou perguntando …

— … Com sua prefeitura, sua estação ferroviária, seus quartéis, todo o necessário. Os franceses construíram Dacar, e nós nos apropriamos dela.

Bubús e cafetãs negligentes passavam pelas calçadas. Por toda parte desenvolvia-se uma atividade de colmeia, vendedores de papagaios, de

máscaras e de amuletos, um monte de gente a trabalhar que andava pelas avenidas margeadas de árvores alinhadas. Não era a África de Fatou. Fatou falava de baobás, de tulhas sobre pilotis, de pirogas com um olho pintado na proa, de montículos funerários[15] feitos de conchas, do voo de pelicanos e de mais baobás. Fatou descrevia o vermelho da terra o verde das bananeiras, o sabor almiscarado das mangas, a areia branca das praias, o tronco prateado do baobá. Fatou, de olhos semicerrados, sonhava com árvores sagradas, com o regresso dos pescadores, com céus riscados pelos relâmpagos antes da tempestade. E sempre voltava o baobá.

— Certo, muito simpático — disse ele. — Mas e os baobás?

Iam vê-los, ziguezagueando entre as filas de caminhões. Iam através dos subúrbios em que as ruas não eram mais margeadas de árvores, não eram mais asfaltadas, não tinham mais vitrines. Rodavam evitando as crianças que decidiam de repente atravessar a estrada para pegar um cachorro. Esperavam, parados por um micro-ônibus em que os viajantes se empilhavam deixando a porta aberta. Rodavam lentamente ao longo de lagos brumosos onde garças pescavam, extensões desoladas em que o sal secava em dunas. Passavam por alamedas margeadas de leves ramagens debaixo das quais vendiam-se mangas em pirâmide, estranhos arranjos de ervas para chá e objetos coloridos de palha. Cruzavam charretes puxadas por pequenos cavalos e burricos montados por crianças. Viam mangueirais escuros carregados de seus frutos dourados. Percebiam estranhas silhuetas ao longe, uma floresta de fantasmas imensos e maciços de braços descarnados …

— Lá estão os baobás, Théo — disse tia Marthe.

— Aquelas árvores feias e peladas? — exclamou o rapaz.

Abdoulaye deu uma freada, os pneus cantaram, o carro parou.

— Para nós, os baobás são sagrados — falou. — A casca deles serve para trançar cordas, as folhas servem para dar liga aos molhos e os frutos contêm uma espécie de goma de mascar, mole e doce. A gente chupa ou deixa de molho na água, é uma delícia. Daqui a uma semana, a cabeça dos baobás vai se cobrir de uma folhagem densa e essas árvores feias e peladas terão penduradas na ponta de seus galhos flores brancas repletas de água. A pele fiel de seu tronco conserva as marcas das gerações passadas e se, por acaso, fosse preciso cortá-las, seria necessário regá-las com leite para que elas não se zangassem.

— Que mancada a minha! — exclamou Théo.

— Não foi nada — replicou o africano. — Mas, na África, é preciso aprender a olhar. O que você vai dizer das nossas aldeias, se não sabe enxergar um baobá?

— Aquele baobá grandão ali é um cemitério de griotos? — perguntou o rapaz com uma vozinha sumida.

— Quem sabe? — sorriu Abdoulaye Diop. — Num país de selvagens como nós …

Théo calou-se. A terra estava seca, o chão poeirento, o céu ardente, e os baobás eram inquietantes. Os passantes iam como na Índia, com uma echarpe em torno do pescoço e, ao longo da estrada poeirenta, as mulheres perambulavam com o bubu ao vento, carregando suas coisas na cabeça com majestade. Um nó de tristeza subiu na garganta de Théo.

— Com as chuvas de agosto tudo muda — prosseguiu Abdoulaye. — O Senegal se cobre de um verde suave, as flores desabrocham, a vida renasce, o céu se cobre de nuvens e volta a ser azul após a tempestade …

— É verdade que o Sahel é seco — murmurou tia Marthe.

— Vamos à floresta de baobás — sugeriu Abdoulaye. — Eu vou lhes mostrar uma coisa.

Era uma floresta sem folhagem, sem abrigo e sem escuridão, uma floresta mágica caída no deserto. As cabras mascavam os galhos dos arbustos, os zebus deitados de lado aguardavam o fim do dia. Abdoulaye avistou um baobá cujo tronco enorme dava um pouco de sombra. Ali dava para sentarem-se. Tia Marthe puxou um lenço e enxugou o colo sob o decote.

— Em outros países, é a neve da montanha que mata — comentou Abdoulaye. — Aqui, é a areia. Durante quase vinte anos, as chuvas nos abandonaram. O deserto do Sahel devorava a terra pouco a pouco. Mas as chuvas voltaram! Daqui a dois meses, no máximo, poderemos semear. As sementes são a vida … É o que nos dizem os anciões do Sahel, os dogones.

Na terra dos dogones, começou o sr. Diop, as aldeias ficavam penduradas em altos penhascos de rocha amarela, tão altas que os dogones tinham de escalar os degraus escarpados para descer e subir com a água que faltava no alto. A menor cavidade, o menor canto do rochedo eram utilizados para cultivar cebola, plantada em canteiros minúsculos. Esse povo preservou tão bem seus cultos e sua religião que os turistas iam visitar os dogones como se visita Notre-Dame de Paris … Os dogones, suas máscaras, suas danças e suas tulhas passaram a fazer parte do ritual da descoberta africana. Isso não só não lhes causou problemas como lhes proporcionava bons lucros, que eles embolsavam sem perder em nada sua altivez.

— Formidáveis dogones! — exclamou tia Marthe. — Parece inclusive que a mitologia deles se aproxima muito dos fundamentos da cultura greco-latina, não é?

— Olhe, cara Marthe, tudo bem que os etnólogos de vocês tenham puxado nossas religiões para as religiões de vocês, é sempre melhor do que nos tratar de selvagens. Mas os dogones são da África, e a África poderia perfeitamente ser a mãe de todos os mitos.

— Preste atenção, Théo, você vai penetrar na cosmologia africana — disse tia Marthe. — Ouça bem …

Abdoulaye tomou fôlego, porque o mito dogon era uma longa epopeia.

— No começo — disse ele, — Deus criou a menor semente do universo, o grão do cereal a que chamamos *fonio*. A "semente do mundo" era animada de um turbilhão tão vivo que explodiu e se tornou o ovo do mundo. No interior da parede do ovo matricial encontravam-se dois pares de peixes que se tornaram dois pares de gêmeos … O ovo amadurecia lentamente, como uma criança no ventre de uma mulher, quando saiu um menino sozinho, nascido prematuramente, Ogo.

— Veja só — fez Théo. — Sozinho …

— Precisamente! Não era normal! Ora, esse prematuro esperto arrancou um pedaço da sua placenta, deixou-a cair, e foi à terra. Determinado, Ogo entrou na terra para procurar sua gêmea Yasigui, que ele pensava ter nascido com ele … plantou a semente de *fonio* no sangue sujo da terra placentária, mas não encontrou sua irmã gêmea, porque a tinha guardado no resto do ovo.

— Coitado do Ogo — murmurou Théo. — Perder a irmã gêmea não é nada alegre.

— Coitado do Ogo? Um menino malcriado, isso sim! Sujando a "semente do mundo" com sangue impuro, estragou a comida na terra! Então Deus transformou o tinhoso Ogo em Raposo pálido, responsável pelo infortúnio do universo. Depois, para reparar o mal, sacrificou um dos gêmeos restantes, cortou-o em setenta pedaços, que modelou em forma humana servindo-se da placenta para colar sua obra. Foi o primeiro homem, chamado Nommo, o que significa "dar de beber" … Nommo tornou-se o senhor da palavra e da água.

— Sacrificado, morto e ressuscitado — observou Théo. — Às vezes Deus é meio repetitivo.

— Não compare tão depressa assim! Enfim, Deus mandou à terra impura do raposo quatro pares de gêmeos, meninos e meninas, instalados nos quatro cantos de uma arca feita de suas placentas reunidas. Os astros puseram-se em movimento e o sol iluminou a terra purificada … O pesadelo da criação malsucedida terminava. Conforme os cálculos divinos, os gêmeos se multiplicaram, mas dois a dois.

— Gostei — comentou Théo. — Todo mundo tinha seu gêmeo!

— Não durou muito! Porque sob a nova criação ainda jazia a impureza do *fonio* avermelhado pelo sangue da placenta maldita … No quarto dia, durante o primeiro eclipse do Sol, Yasigui, a gêmea perdida, pulou na terra na forma de mulher.

— Tinham se esquecido dela!

— Pois é, era um erro … Ela se casou com um dos gêmeos como se nada tivesse acontecido, depois fez que ele comesse de surpresa a semente ensanguentada do *fonio*. Foi preciso sacrificar o marido para purificar o campo.

— Previsível — constatou Théo, pegando um punhado de areia. — Segundo sacrifício humano …

— Digamos. Mas a continuação é muito particular. As gêmeas grávidas pariram filhos únicos … A humanidade acabava de perder o dom precioso da geminidade.

— Droga! — fez Théo.

— Pois é, rapaz. É por isso que, em lembrança desse sonho dissipado, cada indivíduo é dotado de um só corpo, mas de almas gêmeas. Uma anima o corpo: se for homem, é a alma masculina; se for mulher, é a alma feminina. Mas a alma gêmea nunca está longe do corpo: no fundo de um

lago guardado por Nommo, o ancestral ressuscitado, a alma feminina protege a alma masculina no corpo do homem, e a alma masculina protege a alma feminina no corpo da mulher. Cada uma guia sua metade de alma em segredo … porque todo ser humano descende do Nommo primordial morto e ressuscitado em pares de gêmeos masculinos e femininos.

— De modo que todos nós temos uma alma gêmea que vaga em algum lugar — murmurou Théo. — O que acontece comigo, só que eu encontrei minha gêmea. Não sou como o Raposo pálido! No entanto, sou francês, não sou dogon … Como você explica isso?

— Talvez os dogones exprimam uma verdade que os outros ainda não saibam. A África inteira vive sob o signo dos gêmeos … São honrados ou temidos, oferecem-lhes as primeiras colheitas ou matam um dos gêmeos ao nascer, mas nunca são indiferentes a eles.

— Quem é que ousa matar um gêmeo? — espantou-se tia Marthe.

— Oh, não se faz mais isso! Não se esqueça que os gêmeos são os ancestrais da humanidade: seu nascimento no mundo atual pertence ao sobrenatural.

— Se bem entendi, com minha gêmea desaparecida, não nasci normal — concluiu Théo. — Sou quase divino …

— Ao contrário! — exclamou Abdoulaye. — Você é único, logo é normal. O singular, no seu caso, é que sua irmãzinha morta consegue falar com você …

— Ah, você está a par? — perguntou Théo corando. — Tia Marthe dedou de novo!

— É essa a razão que me leva a te contar a história de Nommo — replicou Abdoulaye. — Porque o pai da humanidade, o gêmeo sacrificado que faz beber e falar, designa os dois elementos essenciais à vida: a água e a palavra. Quando você dizia ontem que, quando fala, se veste, tinha razão. Porque, se

estar nu é estar sem palavra, de fato a palavra veste o homem … Em nome do ancestral, ela o tece! A salvação sempre vem do ancestral morto. É por isso que nós, africanos, nunca nos contentamos com um documento de identidade … Um homem não é ele mesmo, se não for filho, irmão, neto, sobrinho, sobrinho-neto, primo dos membros da sua família. Um menino ou uma menina nunca estão sós no mundo. Mortos ou vivos, os pais vestem o corpo deles.

— E o amor nisso tudo? — perguntou tia Marthe. — O que vocês fazem dele?

— O amor? — hesitou Abdoulaye. — Pode ser que, como Yasigui procurava Ogo, o impuro, cada metade de alma procure sua metade gêmea …

— Eu sei — interveio Théo. — O amor é depositar toda a sua tralha ancestral na casa de quem se ama. Põem-se as malas no chão, fica-se em paz.

— Entre nós, oferecemos sacrifícios aos ancestrais — disse Abdoulaye. — É a eles que entregamos as tralhas, como reparação. Também não é ruim.

Levantou-se limpando a poeira de seu bubu. Depois, erguendo o braço, envergou um galhinho e mostrou uma minúscula folha de um amarelo fresco.

— Olhe o que eu queria mostrar — falou. — Sem água, sozinho, o baobá prepara sua folhagem. Como nós, ele se vira.

O nascimento dos mortos

A etapa seguinte era a da água.

À medida que se aproximavam do território serere, as aldeias mudavam de aspecto. Entre os bosques de acácias, Théo viu as primeiras casas de sapé, tais como Fatou as descrevera. Chegaram a Joal, estacionaram o carro,

atravessaram a pé as pontes de madeira sobre os manguezais com suas raízes lamacentas …

Fadiouth era de fato uma aldeia extraordinária. As tulhas sobre pilotis dominavam a água negra que mordiscava as mangarobeiras cobertas de ostras. No entanto, o mais singular era, na outra margem, o cemitério de conchas imaculadas, eriçado de cruzes brancas e de baobás centenários. Católicos na maioria, os habitantes de Fadiouth haviam herdado esse estranho cemitério da velha religião serere.

O chão chiava debaixo dos pés. Em recatados montes de calcário bem arrumados, as sepulturas se alinhavam no flanco dos montículos funerários. Tia Marthe tropeçou, blasfemou, reequilibrou-se como pôde. Já Théo galgava o monte de conchas com tal ligeireza que parecia uma das garças que sobrevoavam o território serere. Como eram altas aquelas colinas fúnebres! Não fosse seu material de conchas, se diria que eram pirâmides erigidas para a imortalidade …

— Você nem imagina como falou apropriadamente, Théo — observou Abdoulaye instalando-se ao pé da imensa cruz na maior das colinas.

— Por quê? São pirâmides? — espantou-se Théo.

— Quando morria um chefe em território serere — explicou Abdoulaye, — ele era instalado numa urna funerária feita com o teto da choupana do defunto. Após algum tempo, os aldeões das cercanias vinham ajudar a edificar a sepultura na qual fincavam um pau de palmeira-leque, que, você sabe, é uma árvore de madeira imputrescível, com folhas em forma de mãos. Mais tarde, quando foram convertidos, os sereres católicos edificaram seus túmulos sobre os montículos funerários de conchas que dissimulavam os alimentos enterrados com o morto para a longa viagem rumo à Cidade dos ancestrais.

— Curioso — notou Théo. — Aqui também prepara-se a comida para a viagem dos mortos, como no Egito?

— Não é a única semelhança entre o território serere e o Egito! Aqui também o touro foi um duplo do homem, tanto que os grandes chefes eram costurados na pele do animal antes de ser inumados … Aqui, como no Egito, o espírito do morto se agita se não for alimentado. A partir do quarto dia, deve-se oferecer ao defunto cuscuz, água ou leite, conforme os gostos. Olhe, ouvi falar até de um rico patriarca serere que aumentava seus rebanhos na esperança de que seus descendentes pudessem lhe oferecer leite em quantidade suficiente …

— Suficiente para quê? — perguntou Théo.

— Para chegar à Cidade dos ancestrais, ora essa! A viagem se parece com a do Egito: para se tornar um morto decente, é preciso ter provisões, senão não se morre de verdade … O homem de que estou falando tinha onze ancestrais sagrados. Ele tinha certeza de se tornar o décimo segundo ancestral, contanto que lhe oferecessem leite para consegui-lo.

— Quer dizer que um morto pode se dar mal? — indagou Théo.

Nem todos os mortos tinham êxito. Para alcançar o status de ancestral, era necessário ter sido bem-sucedido na vida, ter feito filhos, garantido de antemão bons funerais, reservado um boi para o sacrifício, em suma, ter preparado a linhagem para se tornar o protetor dela. Porque, uma vez ancestral, o defunto vivia no pensamento de seus descendentes. A sobrevivência recíproca deles dependia disso. O ancestral sabia curar seus descendentes, mas sem os descendentes o morto não seria ancestral. O ancestral servia de intermediário entre seus filhos e Deus, contanto que sua família soubesse acompanhá-lo ao longo da viagem. Entre vivos e mortos, a ordem era recíproca e a ajuda, mútua.

O que não era totalmente egípcio eram os funerais dos gellowares, os descendentes da princesa e do grioto. Eles eram enterrados duas vezes. Os primeiros funerais eram realizados no local da morte: costurava-se o chefe na pele do touro e descia-se o corpo de pé em seu esquife, a uma profundidade de três metros, num poço. O chefe ia se tornar deus-touro e o enterro era secreto … porque os segundos funerais transcorriam oficialmente em público, diante de um esquife cheio de terra e de amuletos. Ninguém se deixava enganar! Todo mundo sabia que o esquife oficial estava vazio … mas ninguém sabia o lugar secreto do poço no fundo do qual o chefe morto iniciava sua transformação em imortal.

— Ah, é? — fez Théo. — Quer dizer que a transformação não acontece na hora?

Na África, prosseguiu o pacientíssimo Abdoulaye, nada da vida de um homem se fazia na hora. A criança no ventre da mãe não se constituía em apenas nove meses, de jeito nenhum, ela também estocava a herança dos nomes da sua linhagem, alguns dos quais lhe seriam dados ao nascer. Quando nascia, continuava a se construir passando por etapas previsíveis: sua circuncisão, sua iniciação. Quando morria, sua construção não se detinha no meio do caminho. Era esse o sentido dos funerais duplos: celebrava-se a morte social do chefe serere diante do esquife vazio, mas a construção no além continuava no poço.

— Não estou entendendo — protestou Théo. — O que acontece com o morto? No Egito Antigo, é julgado e ponto final. Mas e na África?

— Tomemos outro exemplo, o dos iorubas do Sul do Benin. A família começa por enterrar seu morto. Antes do enterro, veste-se o defunto com roupas novas, deixando-lhe alguns objetos familiares para que tenha consigo coisas novas e velhas. Queimam-se as outras para livrar o morto dos

estorvos do passado. Depois festeja-se para celebrar o início de uma nova vida. Começa enfim a longa espera …

— E o que podem esperar? — perguntou Théo.

— Que os invólucros do corpo vão embora! O morto segue o caminho inverso ao do nascimento. Desfaz-se de sua carne pouco a pouco e, um belo dia, cinco ou seis anos depois, está pronto.

Então vai poder começar sua iniciação à morte.

— Um minutinho — interveio Théo. — Como se sabe que está pronto? Ele grita "tô pronto!" lá do fundo da cova?

— Quase isso! Alguém fica doente, marido e mulher brigam, enfim, a coisa desanda. Compreende-se que o morto deu um sinal, está na hora. Tiram então o crânio do túmulo, lavam-no com uma planta purificadora, sacrificam uma galinha, derramam sangue puro no crânio, dividem a galinha em dois, uma parte para a família, outra para o defunto. É a iniciação do morto.

— Espere aí, como é que vão iniciar uma caveira? — exclamou Théo. — Que coisa mais sem pé nem cabeça!

— É uma iniciação sim — insistiu Abdoulaye. — Iniciação significa "introdução aos segredos" … Ensinam ao morto seus novos segredos. Como para um rapaz, veste-se o crânio com uma roupa branca. Saúdam seu retorno: porque ele retornou! Enfim, encerram num saco o crânio vestido e a cabeça da galinha e penduram isso tudo na casa do morto. Não acabou. Os segundos funerais ainda não começaram. O morto retornou, mas ainda está sozinho. Com os últimos ritos, vai reunir-se à comunidade da aldeia …

— Tia Marthe, nunca vimos um enterro tão complicado! Comentou o rapaz. — Decididamente, a morte é coisa que se doméstica …

— Ouça a continuação — respondeu a tia. — Depois você pode filosofar …

— A etapa seguinte reúne várias famílias. Cada qual leva o crânio do seu morto numa cesta até a frente da casa coletiva dos ancestrais. Chegou o momento capital. A pessoa encarregada do rito lava as cabeças tomando o cuidado de recolher a água da lavagem. Fazem as últimas oferendas antes de encerrá-las em vasos, que são vestidos, levados a passear, alimentados, apresentados nas aldeias, exatamente como os recém-nascidos.

— Bebês mortos! — exclamou Théo.

— Tal e qual. Depois enterram-nos para valer num grande buraco mantido em segredo. Dizem que os mortos partiram de piroga para o mar.

— Ufa! — fez Théo. — Acabou!

— Ainda não. O morto tem que ter seu lugar na aldeia. Plantam então um para-sol em seu nome na casa dos ancestrais. Está fixado. É finalmente ancestral.

— Terminou dessa vez? Como é demorado!

— Na terra de vocês, sepulta-se num dia, uma vez. O que resta dos mortos de suas famílias, depois? Vocês vão todos os anos levar-lhes flores no Dia de Finados. E o mesmo que nada! Vocês perderam o senso da linhagem. A meu ver, isso os torna muito infelizes. Na África, não se pode viver sem os ancestrais. Eles nos suportam, nos apoiam, nos seguram. Já vocês, não conhecem mais o apoio dos ancestrais. Estão sozinhos!

— De jeito nenhum! — indignou-se Théo. — Vivemos em família!

— Tudo bem, mas e depois? Onde está a continuidade com o passado? E família, sabe … Na terra de vocês ela é mirrada. Vocês são pequenos grupos apinhados num barquinho minúsculo no meio do oceano.

— Não quer que eu vá desenterrar minha avó para lavar o crânio dela, não é?

— Não faz parte de seus costumes. É uma pena que, na Europa, vocês quase não tenham mais costumes. Vocês se contentam com um só Deus que

perdoa, e basta. Com nossos ancestrais, geramos nossas próprias divindades, é mais seguro.

Fazia tempo que tia Marthe estava sentada nas conchas, entre as sepulturas.

Deus não se cansa

— Poderíamos comer ostras no restaurante que vimos em Joal? — ela perguntou. — Estas conchinhas estão espetando meu eixo traseiro!

Embaraçado, Abdoulaye admitiu que o local não era dos mais confortáveis. O vento continuava soprando sobre a laguna sulcada por garças negras e maçaricos-reais furtivos. Desceram de volta com prudência, atravessaram as duas pontes e rodaram até o restaurante para saborear as ostras das mangarobeiras. Depois de comerem, Abdoulaye bebericou seu suco vermelho de azedinha, Théo sua coca-cola e tia Marthe um vinho branco.

— Escute, Abdoulaye, como é que os cristãos da África não mudaram o tipo de túmulo? — perguntou Théo.

— Mas você não se cansa!

— Eu tinha dito ao senhor que essa cabecinha não para nunca — lembrou-lhe tia Marthe. — Só desacordando!

Théo se calou, olhou para as folhas dos coqueiros, examinou as ostras e se remexeu na cadeira.

— Que chato aqui — suspirou. — Posso me levantar?

— Ponha o chapéu! — ordenou tia Marthe.

Saiu da mesa chispando. Tia Marthe e Abdoulaye pediram uma nova rodada e saborearam suas bebidas tranquilamente. Sedenta, tia Marthe pediu mais uma jarrinha de vinho branco.

— Théo está metamorfoseado — comentou Abdoulaye após um silêncio. — Nem parece o mesmo! Cresceu, está com uma cara ótima, ninguém diria que está tão doente …

— Não está mais — grunhiu tia Marthe.

— A senhora acha mesmo? Seria bom demais!

— Certeza — soltou Marthe.

— A senhora não está muito para conversa. O que foi que houve?

— É o vinho — gemeu ela. — Me entorpece!

Incomodado, Abdoulaye concentrou-se em seu copo. Um gole mais, e pronto. De cotovelo na mesa, Marthe roncava inocentemente. De vez em quando, um soluço erguia-lhe a cabeça, ela deslizava na cadeira, e Abdoulaye a endireitava. Conferia seu relógio. E Théo que não voltava!

— Até que enfim! — disse-lhe quando o avistou. — Por onde andava?

— Estava no mercado … Tia Marthe … Ela está roncando!

— Acho que bebeu demais — disse Abdoulaye. — Sente-se. Você me fez uma pergunta agora há pouco. Por que os africanos cristãos conservaram seus montículos fúnebres?

— É mesmo! — fez Théo. — Tinha me esquecido.

— Mas eu não. Na África, não é proibido misturar o antigo com o novo. O Deus dos cristãos não perturba os ancestrais. Ao contrário! A ressurreição de Jesus combina perfeitamente com a viagem dos mortos.

— Tia Marthe! — gritou o rapaz. — Ela vai cair!

— Não se preocupe — falou Abdoulaye endireitando tia Marthe. — Entendeu o que eu disse?

— Não. Eu me pergunto onde está Deus nisso tudo.

— O Deus dos africanos não está presente entre os homens. Entre os dogones, chama-se Amma. Aqui, na terra dos sereres, tem o nome de Roog-Sen. Mas, chame-se Roog-Sen ou Amma, não passa do criador do mundo.

— E já é muito! — exclamou Théo.

— Mas não é perfeito … Deus não é mal-intencionado, ele é razoável, faz o que pode. Quando sua criação lhe escapa, expulsa o Raposo pálido e repara. Não é ele que gere a vida dos homens, e sim os espíritos, os ancestrais. Deus só intervém em caso de catástrofe.

— Um dilúvio? — perguntou Théo.

— Na terra dos sereres há coisa muito pior — respondeu Abdoulaye. — No começo, viviam na floresta os homens, os animais e as árvores. Depois uns brigaram com os outros. Certo dia, quando homens e bichos se matavam na floresta, as árvores se tornaram assassinas por sua vez … Devo te dizer que, naquele tempo, as árvores falavam, ouviam e se mexiam. A guerra era total entre as três espécies, árvores, animais e homens, e Deus teve que intervir. Puniu as árvores: mudas, cegas, paralisadas, foram imobilizadas para a eternidade. Mas Roog-Sen não lhes tirou os ouvidos, e é por isso que as árvores são sagradas: elas ouvem tudo …

— Mas não podem repetir nada — observou Théo.

— Isso eu não sei. Devemos ser prudentes com as árvores. Quanto aos animais, são desordenados, Roog-Sen insuflou-lhes a loucura, mas não lhes tirou o instinto. Quanto aos homens, contentou-se com reduzir sua estatura e sua vida, mas não seu espírito. Desde então, Roog-Sen não intervém mais.

— Logo não o adoram — concluiu Théo.

— Claro que sim! Muitas vezes, nos pátios, Roog-Sen tem uma estela de madeira. Depositam junto dela, numa cabaça, chifres, raízes, pedras. Se a colheita for boa, o chefe de família derrama leite na estela. Mas é aos *pangoles* que pedem ajuda, não a ele.

— Repita! — gritou Théo. — Ela está roncando cada vez mais.

— Aos *PANGOLES*!

Tia Marthe acordou sobressaltada.

— Caramba, como você roncou, minha velha — comentou Théo.

— Hein? — ela murmurou abestalhada. — O quê? … Eu dormi? Que horas são?

— Hora de ir ver os *pangoles* — respondeu Abdoulaye levantando-se.

Uma pele de sereia e um pilão de milhete

De Joal, seguiram por uma estrada de terra através da floresta de eucaliptos até uma larga extensão de água azul ligada ao mar, apenas perturbada pela pesca de um íbis.

— É um *pangol,* este lago? — perguntou Théo.

— Não — respondeu o sr. Diop. — Um *pangol* é um espírito. Mas um grande poeta do país serere conta que, neste lago, vinham beber as sereias. Os pescadores daqui as conhecem bem! Para poder pescá-las no mar é preciso consolar o *pangol* delas … Acalma-se a sereia com cantos e sacrifícios. Só então ela se deixa capturar, porque os pescadores a trataram decentemente.

— Sereias de verdade, com seios de verdade, rabo de peixe, que cantam?

— Bem, não exatamente. São manatis, uma espécie de peixe-boi. Como esses grandes animais, têm tetas e foram muitas vezes tomados pelas sereias das lendas. Aqui o gênio dos manatis é vestido de mulher com uma tanga branca …

— Quero ver — disse Théo debruçando-se sobre o lago. — Se você está aí, sereia manati, mostre-se!

Espantado, o íbis alçou voo e o lago arrepiou-se. Depois nada. Théo mergulhou a mão na água e retirou dela um pedaço de pele, gosmenta de lama negra.

— A pele da sereia! — gritou. — Uma pele de gênio!

— Ou a muda de uma cobra — opinou Abdoulaye. — Em ambos os casos, você está com sorte, Théo. Porque o espírito da cobra também é um *pangol*.

— Como fede — reclamou tia Marthe. — Depois vá limpa-la, faça-me o favor … Enquanto isso, ponha neste saco de plástico.

— Aqui, poriam numa árvore sagrada, como esta — comentou Abdoulaye, apontando para um conjunto de velhos troncos cheios de trapos. — Desse modo, você se torna aliado do *pangol*. Não quer oferecer sua pele de cobra a esta árvore?

— De jeito nenhum!

Foi assim, brandindo seu troféu enlameado, que Théo acompanhou Abdoulaye até a primeira choupana da aldeia. No espaço entre três grandes árvores, protegido por dois assistentes, estava o curandeiro em sua cabana.

Abdoulaye trocou com o guardião da porta intermináveis saudações à senegalesa: "Como vai?" "Bem." "E a família?" "Bem." "E a mãe?" "Vai bem." "E as crianças?" "Bem." "E o trabalho?" "Bem." "E a saúde?" "Bem.", e reciprocamente. Por fim, terminado o ritual, o guardião mandou Abdoulaye e Théo entrarem. Tia Marthe preferiu sentar-se à beira da grande laguna para curar sua ressaca.

Encostada em três grandes troncos, a cabana escura cabia num bolso. Um teto de folhas de palmeira, uma paliçada, um pano estendido … No centro, uma cabaça gigante cheia de água verde aguardava. Pés de galinha e moelas partidas se acumulavam à parte. O curandeiro esperava na sombra.

Era um velho perneta com um gorro de lã na cabeça, o pescoço envolto em echarpes vermelhas, uma bengala esculpida à mão e a perna-de-pau apoiada no chão com dignidade. Em seu rosto enrugado, lia-se uma desconfiança divertida. Aquele jovem tubab não podia entender nada … As saudações recomeçaram. O velhote continuava com um ar desconfiado.

Abdoulaye brincou, suplicou, pôs-se de quatro … Enfim, após demoradas negociações, o perneta começou a rir. Tudo bem, falaria!

Quando atendia em consulta, o curandeiro sacrificava uma galinha para começar: na moela cortada em dois, encontrava a causa da doença de que seu paciente sofria. Depois tratava dele administrando-lhe o banho ritual na grande cabaça. Nu na miniatura de banheira o paciente de cócoras recebia a água terapêutica derramada pelo curandeiro com uma concha de madeira. Como era estranha aquela água turva e mágica …

— O que há no fundo? — quis saber Théo.

— É só mergulhar a mão! — respondeu Abdoulaye. — É permitido.

Sem hesitar, Théo retirou uns seixos cinzentos de formato curioso. Na superfície flutuavam pedacinhos de madeira que o paciente levaria depois do banho ritual, em sinal de proteção. E os seixos? Graças à inspiração sobrenatural, eles haviam sido encontrados nas florestas no lugar em que um raio atingira o chão, muito, muito tempo antes de serem descobertos pelo curandeiro. Mas como identificar os seixos fulminados? Somente o curandeiro sabia reconhecer a força divina.

— Há mais alguma coisa? — perguntou Théo um pouco decepcionado.

— Há — respondeu o velho apontando para a própria boca desdentada. — Há as palavras que lanço. Se você quiser, também posso te mostrar o *pangol* do lugar.

Empunhou a bengala e levantou-se. Bem atrás da cabana, no meio de um círculo roçado, erguia-se uma minúscula estaca untada de leite seco. O *pangol*! Um pilão para o milhete enfiado no chão, cujo segredo se transmitia de tio a sobrinho havia gerações.

Em torno do gênio leitoso, fez-se silêncio. Não passava da ponta de um velho pilão à sombra de três árvores, mas a força de um espírito estava

escondida nele … Théo procurou saber mais, no entanto o velho curandeiro se recusou com a maior energia. Falar do *pangol* era proibido.

A estrela serere

O dia passava depressa na África; já era hora de voltar. O carro refez o caminho no sentido inverso; as palmeiras e os arvoredos de acácias desapareceram. Tia Marthe adormecera. À medida que se aproximavam da cidade voltavam os grandes baobás.

— Ali! — gritou Théo. — Nosso baobá!

Abdoulaye parou o carro.

— Vá ver se os griotos estão lá — mandou. — Não estou pedindo a sua opinião, Théo. Vá!

Théo avançou na ponta dos pés, com seu pedaço de pele na mão. Mergulhou cuidadosamente a cabeça num oco enorme e percebeu um papel enrolado no chão.

— Griotos, sei! — exclamou. — É uma mensagem!

— Sim, mas numa árvore sagrada. Faça o favor de tratá-la corretamente.

— Por que é sagrada? Você não me disse agora há pouco.

— Talvez seja seu baobá encantado … Está vendo o raio de sol se pondo através dos galhos? Está? Pois bem, é assim que se manifesta um gênio. Um dia, dois sereres perceberam a mesma luz no topo de um baobá. Mas quando se aproximaram, não havia mais baobá! Então foram consultar uma adivinha. Ela se instalou no lugar indicado e no fim do dia viu, surpresa, um baobá se erguer lentamente acima do chão.

— Sei! Ele estava brincando de esconder?

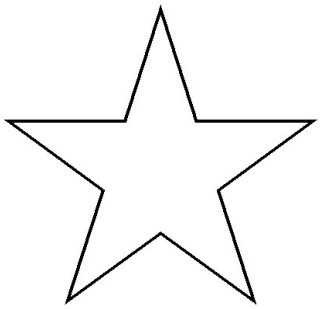
— Era um baobá tímido. De noite saía da terra para juntar se a seus irmãos baobás, mas de dia entrava na terra. A adivinha prendeu um pano na

ponta de um galho, e o baobá permaneceu fixado no chão.

— Oh! — exclamou Théo. — Estou vendo um trapo lá em cima, todo rasgado! Será este, o baobá encantado?

— Quem sabe? — murmurou Abdoulaye com um sorriso. Na terra dos sereres, basta um tronco erguido à guisa de sinal masculino ou um pote virado, para a mulher … Ouça bem, Théo, nem os *pangoles*, nem Roog-Sen têm sentido se você não conhecer a estrela serere. Olhe.

Abdoulaye acocorou-se, afastou os gravetos caídos e desenhou na areia, com um só movimento, uma estrela de cinco pontas.



— Lá no alto da estrela é o lugar de Roog-Sen. Aqui embaixo, no espaço entre as duas pontas, é o lugar do homem, ligado a Deus pelo eixo do mundo, está vendo, a pequena forquilha. Em segurança, no centro da estrela. Sempre no centro do universo. Agora vá para baixo do baobá e leia sua mensagem, por favor.

Branca e morena, sou a deusa das águas. Espero em minha terra, no país das sereias, leu Théo.

— Mas eu estou no país das sereias — murmurou o rapaz, entrando de novo no carro. — O que quer dizer isso?

— Consulte os adivinhos … — sugeriu Abdoulaye. — Temos excelentes!

— Não trapaceiem — ronronou tia Marthe com uma voz pastosa.

— Psiu! — fez Théo, irritado. — Você está completamente alta!

— Como ousa faltar com o respeito a sua tia! — indignou-se Abdoulaye. — Não se envergonha? Faça o favor de desculpar-se!

— Por que se importa? — rebateu o rapaz. — É MINHA tia!

— Na África, fedelho, é proibido. Obedeça, seu malandro!

Théo deu um beijo na tia, reclamando. Tia Marthe soltou um suspiro de alívio e adormeceu de novo no ato.

— Agora, sua mensagem. Então?

— Sei lá — respondeu Théo emburrado, remexendo no saco de plástico com o fetiche. — Preciso do dicionário.

— Bom. Vou te dar uma dica. Existe outro país das sereias. Longe, muito longe daqui, mas pertinho também.

— Na África também?

— Sim e não. Outra África. Já estou falando muito!

— Demais! — fez o rapaz entre dentes. — É para isso que preciso do meu gênio, não é, pele de sereia?

Eletrochoque à vista

Quando voltaram à casa dos Diop, tia Marthe foi logo se deitar. Abdoulaye lançou-se num grande discurso para explicar à sua venerável mãe que a sra. Marthe sentira-se um pouco mal durante o passeio, mas que não era necessário lhe preparar um chá de ervas medicinais, não mesmo. Théo exibiu sua pele de sereia, que lhe pediram para ir lavar depressa. Depois do jantar, embolou-a e colocou-a debaixo do travesseiro — nunca se sabia.

Na sala de jantar, Anta e seu irmão comentavam os acontecimentos do dia. Théo apurou os ouvidos.

— Então, o que acha do garoto, você que o conhece bem? — Ela perguntou.

— Acho … — refletiu Abdoulaye. — Acho que não sei. É um garoto muito bem-dotado e que zomba demais para não acreditar no sagrado. Mas ouve. Em compensação, nossa amiga Marthe parece estar esgotada …

— Cansaço, sem dúvida — disse Anta.

— Acho que está deprimida. Agora que Théo está a caminho da cura, ela entrega os pontos. Estou preocupado com ela.

— E, no entanto, o mais duro ainda está por fazer …

— Eu sei! É amanhã de manhã que começamos o percurso.

— Mas depois de amanhã é que as coisas vão ficar difíceis. Espero que o menino aguente firme!

— Se ele ficar com medo, caímos fora — afirmou Abdoulaye. — Seria arriscado demais.

Em seguida continuaram numa língua desconhecida, mas às vezes surgiam palavras em francês: *hospital principal, traumatismo, síncope, eletrochoque* … Eletrochoque? Théo sentiu-se gelar. O que ia acontecer no dia seguinte de manhã? Aonde iam levá-lo? Seria um tratamento, o mais terrível de todos? Tia Marthe não o havia preparado …

Procurou um modo de fugir, mas as janelas eram gradeadas. Entreabriu a porta, mas Anta e seu irmão estavam no caminho. Tia Marthe roncava mais que nunca. Théo espiou com angústia as luzes trêmulas no muro do jardim, o voo silencioso de um enorme morcego de pele ruça, três estrelas num canto de noite pura … Como proteção, não tinha mais que sua sereia.

26

O boi, a cabra, os galos e o iniciado

N'doeup

No café da manhã, Abdoulaye iniciou as primeiras explicações. De olheiras, tia Marthe não parecia em forma. Théo, que não dormira, não estava muito melhor.

— É o seguinte, Théo — começou Abdoulaye. — Vamos assistir a uma cerimônia um pouco particular que se chama "N'Doeup".

— Como você pronuncia? — perguntou Théo.

— Não tente repetir. Você seria obrigado a dizer ENE-DOEUP, e os senegaleses iriam te gozar. Os tubabs não podem pronunciar esse nome … é um rito de cura do povo lebu, uns pescadores que vivem desde sempre na região de Dacar. Entre os lebus, esse ritual de cura se reveste de uma importância considerável. O N'Doeup também é um espetáculo, porque o espetacular faz parte da cura.

— Espetacular — murmurou Théo. — Vamos ver mascarados?

— Não, mas o N'Doeup é ainda mais impressionante do que as danças de mascarados. Na África, temos nossos métodos de cura. Vocês, na Europa, utilizam medicações e cirurgia; é ótimo, mas não para tudo …

— Paguei caro para descobrir isso — disse tia Marthe. — Essa viagem custa uma fortuna! Vocês nem imaginam …

— Em todo caso, cara Marthe, a senhora sabe perfeitamente … Quando se trata de males que afetam nossas almas, os remédios de vocês não adiantam. Para eles, nós nos reunimos em grupo, e nosso grupo age. Só que temos nosso próprio teatro.

— Um teatro de verdade, com palco e plateia? — perguntou Théo.

Não. O teatro era a casa e a praia, enfim era a rua, onde o drama acabava. Porque havia um drama, majestoso, patético, violento. Uma purificação coletiva, uma paixão acompanhada pela multidão. Uma …

— Tudo isso é filosofia — protestou Théo. — Eu queria que você me explicasse desde o começo!

— Muito bem — fez Abdoulaye concentrando-se. — No começo, uma mulher sente-se mal. Ela chora, não fala mais, fica na cama o dia inteiro, tem pesadelos. Vai consultar uma das mulheres especialistas — porque, na maioria das vezes, são mulheres. A mulher a faz contar seus sonhos, ou suas alucinações.

— Até aqui, sua especialista parece uma psicanalista — interveio tia Marthe.

— Não creio que uma psicanalista utilizasse uma cabaça em que boiam raízes — retrucou Abdoulaye. — A especialista agita a água … Conforme o tamanho das raízes que flutuam na superfície, ela define a natureza do sacrifício: um boi, uma cabra ou uma galinha, que a doente deve oferecer à própria custa.

— A psicanalista é paga em dinheiro, a sua mulher em espécie — continuou tia Marthe. — É pouca a diferença!

— Mas o boi não é para ela! — indignou-se Abdoulaye. — É para o *rab*! É ele quem o reclama!

— Em vez de se irritar, você deveria explicar que *rab* é um espírito — precisou a irmã do sr. Diop. — De acordo com o conteúdo do sonho, a curandeira sabe que *rab* se apossou da doente. Se é um gênio do lado do pai ou do lado da mãe.

— Aliás, é comum o *rab* abater-se sobre a enferma após um trauma — prosseguiu Abdoulaye. — Um luto, um acidente, um acontecimento incomum. Terminada a consulta, a doente se prepara para a cerimônia, que pode durar oito dias.

— Não vamos ficar uma semana vendo isso! — exclamou tia Marthe. — Não vou aguentar …

Estava fora de cogitação acompanhar o N'Doeup integralmente! Primeiro porque a etapa inicial da cerimônia se passava na intimidade familiar em presença do colégio das *N'Doeup-kat*, curandeiras especializadas nessa terapia. Elas cobriam a cabeça da doente, derramavam sobre ela água com ervas, acalentavam-na para fazê-la voltar ao estado infantil. A doente se deixava manipular como um bebê. Depois a curandeira-chefe enchia a boca de leite talhado que borrifava cuspindo na doente, antes de friccioná-la com o mesmo leite por um bom tempo. Começavam então os ritmos. Sinetas que a curandeira agitava incansavelmente atrás do ouvido da doente. Cabaças soantes. Tambores dos griotos. As curandeiras punham-se a dançar, dançar, invocando a ajuda dos sete grandes chefes *rabs* … Atormentada pelo tilintar obcecante das sinetas, por sua vez a doente se levantava e dançava.

— Aposto que ela vai entrar em transe — disse Théo.

Exatamente. Mas o transe não bastava. Era necessário além disso que, no decorrer de seus êxtases, a doente pronunciasse o nome próprio do seu *rab*. Para tanto, tocadores de tamborins e curandeiras escolhiam juntos diferentes ritmos conforme os vários *rabs*, experimentando todos até encontrar o adequado … Somente então, no ritmo de seu *rab*, a doente berrava a mais não poder o nome do gênio que a possuía e caía no chão. Estava feito!

— Parece um parto — comentou Théo.

Pois bem, na verdade tratava-se também de uma morte. Era o segundo momento do N'Doeup, aquele que se desenrolava em público e que estava na hora de irem ver.

— Não é muito cansativo? — indagou tia Marthe com um fio de voz.

Os gênios num cesto

Chegaram a um pátio sossegado, rodeado de casas baixas, de onde saíam crianças sonolentas e mulheres espreguiçando com graça. Saboreava-se mingau de milhete com leite talhado no fundo das cabaças, cozinhava-se sem pressa em imensas panelas postas sobre brasas. À sombra da árvore no meio do pátio, a velha curandeira esperava o despertar dos homens.

— Eu lhes previno que vamos viver uma situação algo rara — sussurrou Abdoulaye. — Desta vez, é um homem o possuído, não uma mulher.

Inerte, de olhos vagos, o doente sentado ao pé da velha senhora era de uma docilidade alarmante. Tratava-se de um adulto de aparência juvenil, trazendo na testa uma faixa de couro enfeitada com búzios e trajando uma simples túnica branca de percal. Parecia só um pouco mais velho do que Théo, mas já tinha trinta anos. A curandeira explicou que ele gritava e corria

para lá e para cá, não dormia mais, comia pouco, em resumo, tinha perdido a razão, até o dia em que emitiu num sopro o nome dela, sinal seguro!

A curandeira diagnosticara o mal. O rapaz estava possuído por dois gênios do lado materno, o da floresta e o do mar: o caso era sério. Os *rabs* já haviam matado sua mãe e sua irmãzinha … Por isso ela ia jogar uma grande cartada e sacrificar um enorme touro, uma cabra e três galos. Antes, era necessário passar pelo ritual secreto das medidas.

— Medidas? — murmurou Théo. — Com fita métrica?

— Com uma porção de fitas — replicou Abdoulaye. — Agora fique calado.

Graças aos bons cuidados do sr. Diop, tia Marthe e Théo foram introduzidos descalços no cômodo em que o colégio de curandeiras ia preparar o doente. As mulheres da família, deitadas em esteiras, limpavam os dentes com palitos. Sentado bem no meio, de pernas estendidas, o doente deixava-se manipular. As curandeiras tiraram-lhe a túnica, puseram em sua cabeça um pedaço de pano simbolizando a mortalha, dobrado na testa e preso pela faixa de couro. Os preparativos começaram no maior silêncio.

De uma roca, as curandeiras puxaram sete fios brancos, estendendo-os da testa aos pés, depois aos joelhos. Em seguida, a chefe das curandeiras tirou de um saco de plástico raízes e chifres costurados num pano vermelho bordado com búzios, que ela depositou num cesto de milhete cheio pela metade. Depois, com majestade, soprou milhete na cabeça do doente através de um tubo de madeira. O rito das medidas começava. O cesto passou debaixo das pernas do doente, roçou sua cabeça, correu ao longo da cintura antes de pousar em seus joelhos. A curandeira cochichou uma ordem breve: o homem pôs as mãos no cesto, onde derramaram milhete, e duas raízes se ergueram. Um murmúrio satisfeito percorreu a assistência.

— As raízes representam os dois *rabs* — sussurrou Abdoulaye. — Agora, ele vai ter que equilibrar o cesto na cabeça, com os *rabs* e tudo.

A operação não dava certo. Como se estivesse se recusando a obedecer, o cesto escorregava a cada tentativa. A concentração tornava-se intensa. A curandeira batia com autoridade no milhete e nas raízes, para forçar os *rabs* a se equilibrar … O cesto finalmente empoleirou-se em seu lugar: os *rabs* haviam cedido. A curandeira inclinou-se na direção do doente e lhe falou numa voz surda, agitando o indicador.

— Ela o obriga a dizer o nome dos *rabs* — sussurrou Abdoulave.

O doente emitiu com dificuldade dois nomes. Tiraram a mortalha, fizeram-no enfiar a túnica, puseram a faixa de couro escuro novamente na testa …

— Pronto, ele está iniciado — explicou Abdoulaye. — Vamos deixá-las vesti-lo para o resto.

Quando saiu da casa, o iniciado estava com um ar altivo. O rosto emoldurado por um gorro pontudo, na testa a faixa de couro, o busto envolto em três cinturões azuis com listas pretas, trazia na extremidade dos braços esticados uma corda branca com sete nós. Trouxeram o touro ruço, puxado com uma corda. Os tantãs começaram, o iniciado pôs-se a dançar, um séquito de crianças arrastou-o através das ruelas …

— Ele vai ter que dançar em frente de cada casa da aldeia disse Abdoulaye. — Vamos para a praia, a coisa deve demorar.

O cavaleiro montou!

Sentaram-se debaixo de uma cobertura de palha; encostando a cabeça num pilar, tia Marthe adormeceu. O céu estava ardente e o vento rigoroso. Em torno deles, os bebês corriam, as garotinhas vinham espiá-los com olhares

curiosos, os burricos vagavam … Logo se fez ouvir o eco dos tantãs: o séquito reaparecia à beira-mar. Théo saiu correndo. A imensa praia cheia de gente se agitava como um mar em fúria.

Mas o mar de verdade, como era calmo! A espuma das ondas lambia o louro da areia, o céu estava terno e o touro parecia ir banhar-se numa festa inocente. Estranho era o homem de testa coroada que brandia vigorosamente uma corda em sinal de vitória. Ligeiro como um deus, ele pulou de pedra em pedra, com uma agilidade espantosa …

— Fazem o animal entrar no oceano — explicou Abdoulaye, — a fim de apresentá-lo ao poderoso *rab* de Dacar, habitante da espuma das ondas. Olhe só … O Boi está bastante reticente!

— Pensei que fosse um touro! — comentou Théo.

— Sempre dizemos "Boi" — precisou o sr. Diop.

A curandeira fez o doente se aproximar e puseram-no no lombo do animal, à beira das ondas. O iniciado ergueu triunfalmente os braços e a multidão deu gritos de alegria ao som dos tambores.

— Sabe o que estão dizendo? — perguntou Abdoulaye. — "O cavaleiro montou!" Agora o iniciado está em contato físico com seu boi. Só lhe resta sacrificá-lo, como seus gênios lhe pedem.

— Não me diga que vão matá-lo! — exclamou Théo.

— Os *rabs* assim exigem — respondeu Abdoulaye. — Senão, continuarão a possuir o doente. É o Boi ou ele

— E o que o touro tem a ver com isso? — insistiu Théo. — Não é ele o doente!

— Ainda não — replicou Abdoulaye. — Mas já vai ser.

Arrastaram o touro até o pátio da casa, obrigaram-no a se deitar, prendendo suas patas, e estenderam o doente contra o corpo maciço do bicho, com um braço em cima do couro do animal.

Trouxeram uma cabra, que teve a mesma sorte berrando de surpresa. Para transformar "o Boi" em vítima sagrada, a curandeira fincou três grandes chifres-fetiches em volta dele, depois colocou uma raiz preta em sua barriga. Em seguida, as mulheres da família jogaram no homem e nos animais uma porção de tangas coloridas bem abertas.

Fora a respiração do touro que levantava a pesada camada de pano, nada se mexia. A curandeira agarrou os galos brancos presos pelos pés e passou-os de cabeça para baixo sobre o monte de tangas e corpos misturados.

— O rito das carícias — sussurrou Abdoulaye no ouvido de Théo. — As penas dos galos vivos serão agradáveis aos *rabs* quando eles entrarem na pele do Boi.

O tempo passou. Tantãs crepitantes, fogo estalando e, de repente, silêncio. Então as curandeiras conduziram as mulheres da família numa lenta roda em torno do montículo de tangas ao som grave dos tambores contidos, cantando.

— O que o coitado do Boi está fazendo debaixo da colcha? — perguntou Théo, inquieto. — E o que elas estão cantando? Parecem cânticos …

— Elas rogam a todos os gênios — sussurrou Abdoulaye. — Vão suplicar a seus *rabs* que aceitem passar do corpo do doente para o corpo do animal. O iniciado vai morrer e renascer.

— Como assim, morrer? Parece bem vivo!

— Sim, mas fazem como se ele estivesse morto para simular em seguida seu novo nascimento. Agora há pouco, quando lhe passaram debaixo das pernas o cesto de milhete, era para fazer o *rab* descer da cabeça até os pés, ficando pronto para sair. Entende? Prepararam-no para uma espécie de parto no qual ele representa o papel do bebê.

— Como no caso dos ancestrais? — murmurou Théo. — Morto e ressuscitado?

— Digamos. Agora, para que eles aceitem se transferir para o Boi, é preciso inspirar compaixão nos *rabs* …

— E para isso que as mulheres estão chorando?

— É indispensável que chorem! As lágrimas devem enternecer os gênios a qualquer custo. Para fazer o doente renascer é preciso chorar. Olhe … está vendo? Ele emerge das tangas. Em princípio, os *rabs* passaram para o Boi.

— Por que entrar num corpo de gente? — indagou Théo. Que ideia!

— Os *rabs* são suscetíveis! Quando se zangam, entram no corpo da pessoa e sobem-lhe à cabeça … Não há outra solução, a não ser fazê-los passar para um boi, uma cabra, um galo branco, conforme eles preferirem. Desta vez, são exigentes, sem dúvida porque são dois. Veja … A curandeira vai ressuscitar o iniciado.

As mulheres haviam parado de chorar. No silêncio, a curandeira sentou o doente no lombo do Boi e batizou-o, vaporizando lhe água na cabeça através do tubo de madeira. Três vezes seguidas, ela o fez pular por cima da vítima antes de consumar a última consagração: quatro ovos frescos jogados no animal, unção pegajosa e amarela acompanhada de uma cusparada certeira.

— O ovo contém o germe da vida — explicou Abdoulaye. Agora o Boi está divinizado. É por isso que todos vão poder falar com ele … Abra bem os olhos!

Levantaram a cabeça do animal imobilizado, abriram-lhe o focinho, o doente se inclinou e deixou cair algumas palavras na goela do touro. Depois uma cusparada. Uma depois da outra, as mulheres da família vieram soltar palavras e jogar saliva na boca sagrada. Que estranho espetáculo! Mulheres cuspiam um sopro de humanidade no fundo de um focinho torcido, espírito divino e touro amarrado …

— Agora vão ser sacrificados os animais — murmurou Abdoulaye. — Você não vai ver. Não precisa tapar o rosto … Já estão sendo degolados lá

nos fundos …

— Por que, se o cara já está curado? — gemeu Théo com as mãos tapando os ouvidos.

— Não fique apreensivo: matam-nos de um só golpe, para evitar o sofrimento. Somente depois recolhem o sangue das vítimas para lavar o corpo do iniciado.

— Lavar com sangue? Que nojo!

— Mas para nós o sangue purifica, protege … Ele vai dormir a noite inteira sob essa proteção. Com as entranhas do Boi, a curandeira vai lhe fazer um colar para o pescoço, e dois outros para os tornozelos, isso também protege. Ao raiar do dia, o doente terá o direito de tirar as tripas e o sangue seco … Vai ser outra pessoa. Satisfeitos, os *rabs* já o terão deixado.

— Aonde irão? — espantou-se Théo.

Enquanto na areia esfolavam o Boi antes de esquartejá-lo, o sr. Diop, com sua paciência costumeira, explicou que, para fixar os *rabs*, a curandeira ia construir para eles um altar na morada familiar. No decorrer dessa operação, ela disporia em várias cabaças a carne do sacrifício, os chifres, as raízes, o milhete, e as enterraria no chão fincando o pilão transformado em *pangol*. A partir desse instante, o doente curado passaria a ser o sacerdote de seus gênios protetores.

Os tambores tinham se calado. Rodeado pelas curandeiras, o iniciado rumou para a sua casa. A multidão se dispersou. O pátio voltou à calma e o mar a seu murmúrio … As pernas de Théo tremiam; Abdoulaye o fez sentar-se. Foi então que percebeu que tia Marthe havia desaparecido.

Escondida atrás de um barco de pesca, com um lenço na boca, tia Marthe procurava conter um soluço convulsivo. Abdoulay ajudou-a a se levantar e pespegou-lhe um bom tapa nas costas. O soluço parou.

— Ui! — gemeu ela. — Eu não aguentava mais. O sangue, os tambores, o calor …

— A senhora está pálida — notou Abdoulaye. — Nosso Théo parece estar tão abalado quanto a senhora. Venha sentar-se junto dele.

Estendidos na areia, a tia e o sobrinho recuperaram-se lentamente. O digno sr. Diop foi caminhar na praia procurando conchas para deixar tia Marthe e Théo à vontade.

— Puxa, é pesado esse negócio deles, hein? — comentou Théo. — É isso o "animismo"?

— Sim — respondeu ela. — Se o animismo consiste em venerar espíritos invisíveis que podem tomar posse da vida dos homens, é isso mesmo.

— Mas eu pensava que os senegaleses fossem muçulmanos! Esses espíritos não existem no Corão!

— No Corão há os djins, lembre-se … Aqui são chamados gênios, *pangoles* ou *rabs*. Sacrificam um touro, mas salmodiam ao mesmo tempo o nome de Alá …

— Ah! É como em toda parte! O sincretismo!

— Se pelo menos esses tantãs não perfurassem os ouvidos — gemeu tia Marthe. — Fico doente!

— O que me deixa doente é ver sangue — comentou Théo.

— Fique quieto um pouco — murmurou ela fechando os olhos. — Estou cansada.

Uma garotinha corria descalça na areia acariciando um gatinho amarelo. Théo foi ter com ela: era adorável com seu vestido vermelho e suas trancinhas minúsculas na cabeça … Inclinando a cabeça, ela lhe estendeu o

gato, um lindo animal de olhos azuis. Théo o segurou suavemente. A menina escapou gritando: "É pra você!".

— Tia Marthe não vai gostar nada — murmurou Théo acariciando o gato. — Azar! Vou te adotar, meu chapa.

Que nada! Tia Marthe estava tão abatida que nem piou! Abdoulaye sugeriu que uma sesta antes do almoço talvez não fosse má ideia … Tia Marthe e Théo aceitaram a sugestão na hora, e assim que chegaram à casa apagaram! O gatinho se enrolou nos pés do seu novo dono. Descansar.

Abdoulaye juntou-se a Anta na sala de estar.

— E então? — perguntou sua irmã.

— Nossa amiga reagiu mal. O garoto, é normal, por ser a primeira vez. Mas Marthe conhece a África!

— Temos de tratá-los como a meu bebê — disse Anta sentenciosa. — Comerão quando acordarem.

No fim do dia, o bebê Aminata deu sinal de comer, e os três outros bebês acordaram ao mesmo tempo: tia Marthe, Théo e o gato. Anta serviu uma mamadeira, frango frio e uma torta. Empoleirado no colo de Théo, o gato amarelo devorou os restos da ave.

— Então a África é isso — murmurou Théo pensativo.

— Isso o quê? — tornou Anta. — O Boi sacrificado? Na Ásia também sacrificam animais. Os espíritos possuidores? São encontrados em todo o planeta, até na França, se você procurar bem no interior.

— Mas em nenhum outro lugar encontramos homens que se fazem passar por animais deitando-se no chão! — exclamou Théo.

— Claro que sim! Não se esqueça que sou socióloga, li muitos livros … No Sul da Itália, as mulheres se contorcem no chão como aranhas. Elas dizem que foram mordidas nos campos por uma tarântula … E então, no aniversário da picada, ficam doentes de novo. Ora, em primeiro lugar, não

existem aranhas venenosas naquela região; em segundo, do ponto de vista médico, nenhuma mordida de inseto reaparece no ano seguinte. Logo …

— Logo, elas piram — concluiu Théo.

— Não — rebateu Anta. — Elas estão possuídas. Prova disso é que somente a música pode curá-las. Chamam-se os músicos e a doente "tarantulada" começa a imitar os movimentos dessa aranha, arrastando-se pelo chão ao som do violino. A coisa dura dias … Ela se cura. No ano seguinte, no dia do aniversário da picada, começa tudo de novo. Onde está a diferença com nosso N'Doeup?

— As aranhas não são *rabs* — retorquiu Théo.

— Claro que são! Eu te pergunto o que a África tem de particular no N'Doeup!

— Não há sacrifício, não há possessão … — ruminou Théo. — A morte e o renascimento?

— É a primeira diferença — respondeu Anta. — Na sua opinião, há outras?

— Os tantãs — murmurou tia Marthe, que não havia dito uma palavra.

— Vocês ainda não acabaram de ouvi-los! — exclamou Anta dando uma risada. — Amanhã tem mais!

— Eu sei — falou tia Marthe com um ar sombrio.

— Legal! — exclamou Théo. — Os tantãs sozinhos?

Não propriamente.

Os possessos

A última parte do N'Doeup se desenrolava numa pracinha. A multidão estava atenta, olhos fixos no círculo traçado na areia pelas curandeiras. Porque elas estavam todas presentes, as especialistas, trajando grandes bubus

presos por cintos de couro; e, com elas, o novo iniciado com sua faixa na cabeça, lavado do sangue de boi e desembaraçado de seu colar de tripas. Na borda do círculo, tia Marthe apertava a mão de seu querido Théo sob o olhar vigilante de Abdoulaye.

A curandeira do iniciado agitou as sinetas nos ouvidos dele … Um arrepio percorreu a multidão. O iniciado foi tomado de um tremor convulsivo e os griotos entraram em ação. Eles excitavam os *rabs*, chamavam-nos com seus tambores profundos, intimavam-nos a se encarnar no corpo das curandeiras … Eles perseguiam as mulheres no círculo sagrado, assediavam-nas. As primeiras cederam. Com olhos fora das órbitas, expeliam o ar sufocando, giravam em torno de si mesmas até que, vacilantes, deixavam cair a cabeça agitando-se freneticamente.

— Por que elas fazem isso? — indagou Théo num sussurro.

— Porque cada uma delas deve honrar seu *rab*, a fim de reintegrar o iniciado no círculo das curandeiras. Todas elas devem entrar em transe, senão o rito não acaba.

— Cada uma com seu *rab*? — surpreendeu-se Théo. — Quer dizer que todas elas estão possuídas?

— Sem exceção! É assim que uma mulher se torna curandeira. Tendo primeiro curado a si mesma. Mas o iniciado ainda não chegou ao fim … Olhe só.

Os griotos cercaram o iniciado e não o largaram mais. Acossado pelos tambores, botou a língua para fora e acabou caindo aos berros. Mas não bastava. Os tantãs continuavam famintos de mulheres abatidas, queriam as que ainda não haviam cedido. As possessas resistiam! Aguentavam firme … A guerra entre as mulheres e os tantãs estava no auge. O ritmo tornou-se trovejante, e os gritos, dilacerantes.

— Tia Marthe! — gritou Théo. — Cuidado!

Com a cabeça balançando, o ar ausente, tia Marthe dançava apoiando-se ora num pé, ora no outro, ao ritmo dos tantãs. Abdoulaye tentou imobilizá-la.

— Segure-a! — esgoelou-se Théo. — Ela vai cair!

Animada por um movimento regular, ela titubeava de olhos fechados … Apavorado, Théo via Abdoulaye conter a tia de olhos esgazeados. Bruscamente tudo parou. Todas as curandeiras estavam no chão. Os tantãs vencedores tinham parado de soar. Abdoulaye apoderou-se de tia Marthe e empurrou-a depressa até o carro.

— Não fale com ela — ordenou.

— Não é grave? — gemeu Théo.

— Só um transezinho à toa. Acontece.

— Não é melhor levá-la para o hospital? Eles poderiam tratar dela!

— Iam entupi-la de calmantes … Ela vai dormir um bocado e amanhã estará melhor.

— Tem certeza? — insistiu Théo. — Ela não é da África, viu? Será que vai ficar boa?

— É como você em Luxor. Veja, está abrindo os olhos. Não fale nada!

Tia Marthe saía do seu torpor. Num murmúrio, ela embaralhou palavras desconexas de que se depreendia que tinha visto luzes agradáveis, que se sentia leve, que sentira um pouco de calor. Théo pegou na sua mão. Tia Marthe não parecia muito doente, não. Simplesmente esgotada, um vago sorriso nos lábios … Anta ajudou-a a despir-se, deu-lhe um chá de ervas bem quente para beber, e tia Marthe dormiu o sono dos justos, velada por seu Theozinho querido. O gato bem que tentou, em vão, chamar a atenção do rapaz. Na hora do jantar, Anta encontrou os três adormecidos.

— Estão dormindo — disse ela voltando à sala de jantar. — Você tinha mesmo razão, Abdou! Nossa amiga Marthe estava meio deprimida …

— Estou pasmo … Que necessidade ela devia ter de se expressar!

— Responsabilidades demais! Angústia demais! Este garoto quase morrendo que ela levou para correr mundo … Eu não teria feito isso. Ela está pagando pela coragem que teve!

— Tudo bem, posso compreender que no momento em que Théo começa a estar curado ela ceda. Mas nossa Marthe, tão racional, tão controlada, em transe! Ela nunca deu o menor sinal de fraqueza …

— Mas nunca tinha se lançado numa aventura assim — replicou Anta. — Vá saber o que Théo fez mexer nela!

Pensativo, Abdoulaye concordou que, afinal de contas, ele não sabia grande coisa do passado de d. Marthe. Ela não era de falar muito a esse respeito. A morte de seu marido, quem sabe? D. Marthe não havia conseguido salvá-lo. Com Théo, ela fez das tripas coração … Sim, sem dúvida esse duro combate contra a morte esgotara sua considerável energia.

— Acho bom ela ter entrado em transe — afirmou Anta. — É sempre melhor que uma doença de verdade.

— Mas se ela não entende uma só palavra que se diz no N'Doeup, como pode ter sido?

— A ocasião faz o ladrão — respondeu Anta. — Você se esquece dos tantãs. Ela tem horror deles!

Os tantãs! O ritmo e a música tinham submergido d. Marthe. Ela rejeitava os tantãs com tamanho vigor, recusava-os com tal força que eles acabaram vencendo …

— Pelo menos está purgada — disse Anta. — O que me surpreende é que o menino não teve nada.

Sobre esse ponto, Abdoulaye tinha uma explicação. Théo havia experimentado o transe, sem saber já no início da viagem, no Egito. Fora o bastante. Tanto mais que havia descoberto pouco a pouco a história da sua gêmea morta ao nascer … As coisas estavam claras agora. Théo não necessitava mais do transe, porque estava curado.

— Admitamos — anuiu Anta. — Mas ainda lhe falta alguma coisa. O nome da sua irmã gêmea. Sua gêmea é seu *rab*, em resumo.

A outra África

O dia seguinte era dia de hospital. Mas, dessa vez, tia Marthe também entrou na dança. Abdoulaye exigiu um exame completo, para verificar se o transe de d. Marthe não dissimulava um caso mais sério. Em Théo, fizeram um exame de sangue. Mas tia Marthe ficou quatro horas por lá: radiografias, pressão, auscultação, ionograma. E, para o ionograma, exame de sangue …

— Foi a sua vez — disse Théo. — Eu já estou acostumado.

— Engraçadinho? — ralhou ela. — Pois eu não?

Ao que tudo indicava, tia Marthe sofria de hipotensão e de uma diminuição do fluxo sanguíneo, mas era preciso aguardar os re-sul-ta-dos. Tia Marthe não estava nada satisfeita. Furiosa por ter se deixado apanhar, furiosa com o hospital. Humilhada no mais profundo de si, não parava de amaldiçoar os tantãs da África, figuras da barbárie ao mesmo título que a música techno. Para distraí-la, Abdoulaye propôs uma breve estada em Casamance: o mar de lá era lindo, a natureza magnífica e os pelicanos numerosos. Além do mais, era uma região das mais misteriosas. Partiriam no dia seguinte.

De manhã, Théo acordou sobressaltado: alguém batia na janela. Meio adormecido, aproximou-se do vidro e viu-se cara a cara com um bicho

enorme com um bico alaranjado interminável. O pássaro torceu o pescoço, bicou o vidro e olhou para Théo com um olho redondo.

— Você está com fome — resmungou Théo. — Não tenho nada para você aqui, meu velho.

Furioso, o pássaro levantou voo. O gato miou. Théo caiu na gargalhada, e tia Marthe abriu os olhos.

— Quem estava batendo no vidro? — perguntou.

— Uma espécie de tucano com pescoço de cisne …

— Um calau. Quando ele voa, parece que vai direto para Meca.

— Meca! — exclamou Théo. — Que sortudo!

— Você é outro sortudo — replicou ela. — Porque nós vamos levantar voo para a África profunda, para a floresta. Mexa-se! O avião sai daqui a duas horas.

— Avião de novo! — protestou Théo. — Já estou cheio …

Mas este não era um avião como os demais. Era um teco-teco de cinco lugares, uma miniatura de avião. Lançando um olhar temeroso pela janela, Théo percebeu através das nuvens um oceano de árvores, compridos fios azuis todos torcidos, pequenos quadrados esmeralda cuidadosamente desenhados.

— Está vendo os arrozais? — indicou Abdoulaye. — E os braços do rio? São chamados de *bolongs*.

— Onde estamos? — indagou Théo, inquieto. — Saímos do Senegal?

— Estamos sobrevoando Casamance — respondeu Abdoulaye.

— Casamance é um país?

— É o outro Senegal — interveio tia Marthe. — A África da floresta.

— A terra dos diolas — acrescentou Abdoulaye. — São primos dos sereres.

Vindas do Norte do Senegal, contou o excelente Abdoulaye com segurança, Aguaine e Diambogne, irmãs gêmeas, desceram ao longo da costa até a ponta das lagunas do Saloum, não longe da aldeia do velho curandeiro serere. Do outro lado do braço de mar, elas perceberam lindas árvores e uma piroga, na qual as duas embarcaram. Um tornado quebrou a piroga em dois pedaços … As gêmeas teriam perecido na tempestade se os gênios das águas não tivessem levado cada uma das irmãs para as margens do rio Gâmbia. Ficando na margem sul, Aguaine tornou-se mãe dos diolas, ao passo que Diambogne, ao norte, se tornava a mãe dos sereres. Assim, os dois povos eram originários de gêmeas separadas pela tempestade e por um rio.

— Na África, há gêmeos por toda parte — comentou sobriamente Théo.

Cada uma das gêmeas dera nascimento a regiões diferentes. O território serere era de florestas ralas, palmeiras-leques na savana e baobás maciços. O território diola mergulhava na sombra das gigantescas sumaúmas rodeadas de impenetráveis matagais de cipós emaranhados. No território serere, cultivava-se milhete; em Casamance, um arroz vermelho e redondo. O território serere era o da estrela e dos *pangoles*, o território diola o das iniciações misteriosas nas florestas sagradas, em que nenhum estrangeiro podia penetrar.

— Eram gêmeas verdadeiras, as irmãs? — perguntou Théo desconfiado.

Talvez não fossem homozigóticas! Porque a especificidade dos diolas não ficava apenas nessas diferenças. A sociedade deles era organizada à imagem do cosmo: cada indivíduo era intimamente relacionado com a comunidade da aldeia, ela própria regida pela ordem da energia divina que se expressava por meio dos fenômenos, dos gestos e dos rituais. Ninguém agia sem afetar a coletividade inteira e, apesar disso, os diolas pareciam ferozmente zelosos de sua autonomia pessoal. Dizia-se que eram rebeldes, brigões, fechados. A

religião diola era infinitamente secreta; nenhum iniciado podia falar dos segredos sem pôr em risco toda a sua aldeia, o que equivale a dizer o cosmo. Sem dúvida era esse motivo dos inúmeros boatos que corriam sobre as cerimônias as florestas sagradas … Sacrifícios humanos, decapitações sangrentas, cadáveres de parturientes defumados sobre um trançado de caniços para serem comidos em comum.

— Que coisa! — explodiu tia Marthe. — O senhor fala dos diolas como os conquistadores espanhóis falavam dos "selvagens", como eles diziam! Canibais, pagãos atrasados! Não se envergonha, Abdoulaye?

— Não passam de boatos, insisto! — ele se insurgiu. — Imagino que, nas florestas sagradas, sacrifiquem animais, como em todo o resto da África! Para dizer a verdade, não sei nada. Não sou diola! Vamos aterrissar. Viram que não demorou tanto …

Os reis da floresta

A bruma envolvia o minúsculo aeroporto à beira-mar. O ar estava úmido e parado: começavam as monções da África. A despeito de todos os seus esforços, Abdoulaye não conseguiu consertar os efeitos desastrosos de seus inábeis boatos. Não houve jeito antes de se instalarem nos bangalôs do hotel no meio dos jardins. Vista para o mar, praia com coqueiros, espreguiçadeiras, palhoças … O hotel cumpriu às mil maravilhas sua função apaziguadora. Théo pôs a sunga e tia Marthe espichou-se debaixo de uma barraca de praia. Abdoulaye respirou aliviado.

— Não é uma delícia aqui, Marthe? — arriscou ele.

— Até parece que estamos na Califórnia num seriado americano! — exclamou Théo.

— Mas na Califórnia ninguém é canibal — resmungou tia Marthe. — Você não deveria veicular essas besteiras sobre os diolas, Abdoulaye. Não fica bem para você!

— Se eles fossem menos secretos, não diriam tanta coisa! Aliás, não vou ser eu a guiar vocês na terra dos diolas, mas um de meus amigos, Armand Diatta, especialista em ecossistemas. Vou ficar esperando aqui, tenho que preparar um relatório. Além do mais, Armand não me mostraria nada. Nada mesmo!

— Um novo guia? — indagou Théo. — Onde está?

— Aqui — respondeu uma voz suave.

O sr. Diatta tinha uns cinquenta anos, um sorriso deslumbrante, bonitos olhos, cintilantes de malícia. Com uma voz tímida e reservada, fez suas sugestões. Se a sra. Marthe estivesse de acordo, iriam visitar alguns dignitários religiosos. Não?

— Sim! — decidiu Théo. — A Califórnia pode esperar.

Assim que recebeu a resposta, o sr. Diatta sumiu para telefonar.

— Ele vai avisá-los — murmurou Abdoulaye. — Nada é simples em Casamance. Saibam, por exemplo, que meu amigo é de família real, o que ele não vai lhes dizer.

— Quer dizer que há reis em Casamance? — espantou-se tia Marthe.

— Isso não é nenhum segredo — respondeu Abdoulaye. — Posso lhes falar a esse respeito.

Na religião diola, o rei desempenhava o papel de grão-sacerdote em íntima relação com as divindades da aldeia, elas próprias intermediárias entre Deus e os homens. Era difícil compreender como era designado um rei diola em Casamance, salvo para os iniciados. Sabia-se que a realeza não era hereditária, que os dignitários deviam reconhecer o futuro rei nas famílias reais por determinados sinais e que, uma vez consagrado, o rei exercia seus

poderes religiosos em duras condições. Ele se confundia com a manifestação divina, porque havia passado para o outro mundo, o mundo do espírito.

O rei consagrado vivia sozinho na floresta real. Não tinha direito nem de viver em público, nem de se casar, nem de comer ou beber diante de testemunhas, com a única exceção dos iniciados. Um dia, os rigorosos deveres dos reis de Casamance provocaram um drama horrível. Em 1903, um rei diola chamado Sihalebé foi detido pelos franceses, encarcerado com os demais prisioneiros e, como não tinha o direito de se alimentar diante de outros homens, deixou-se morrer de fome …

— Meu Deus — murmurou tia Marthe. — Um verdadeiro crime de ignorância!

— Então o rei é muitíssimo sagrado! — concluiu Théo. — Porque, para viver longe dos outros, deve ser perigosíssimo!

Mas suas funções eram capitais … O rei era encarregado da paz da aldeia. Ele realizava as cerimônias da chuva, necessária para os arrozais e, por conseguinte, para a vida. Mas se estourasse uma guerra ou não viesse a chuva, o rei fracassado poderia pagar caro!

— Isso me lembra um mito dos antigos romanos, muito tempo antes da República e do Império — atalhou tia Marthe. — Roma não passava de uma aldeia, na época. E seu chefe vivia encerrado num denso bosque, o bosque de Nemi. Chamavam o soberano da aldeia de "Rei do Bosque". Eleito divino, perigoso para a comunidade, o rei de Nemi também vivia sozinho. Não podiam tocá-lo, porque ele era tabu. Não podiam prescindir dele, mas temiam-no por causa de seus poderes. Ao cabo de um ano, outro rei era designado, e matavam o rei desgastado.

— Que poder esquisito! — comentou Théo. — Onde está o prazer?

— Em lugar nenhum — ela respondeu. — A verdadeira realeza é sempre ligada ao divino. O rei não escolhe ser rei: o poder cai sobre ele como um

destino, uma catástrofe que ele não tem o direito de evitar. Os verdadeiros reis são chamados reis "de direito divino". Sabe que os reis da França também eram curandeiros? Eles tinham o poder de curar as glândulas infeccionadas do pescoço!

— Que piada — fez Théo. — Está provado?

— Nem mais nem menos do que o banho ritual do curandeiro serere — ela respondeu. — Mas se não dá certo, ai dos detentores do poder mágico! Tenho dó deles.

Abdoulaye sacudiu a cabeça. Era mais simples abandonar se à onipotência de Alá do que se meter com a temível força sagrada do cosmo. Armand Diatta reapareceu e Abdoulaye ficou emburrado. Ainda não era daquela vez que saberia os segredos de seu amigo de Casamance.

O vermelho consagrado

O circuito preparado pelo sr. Diatta aparentemente não tinha nada de enigmático. Viram numa aldeia a árvore de fetiches e o imenso tambor no centro da praça, enorme tronco oco no qual ressoavam as mensagens ouvidas num raio de quinze quilômetros, transmitidas de acordo com o código aprendido durante a iniciação na floresta sagrada. O chefe de aldeia ofereceu vinho de palmeira, que tia Marthe recusou prudentemente e que Théo provou. Avistaram grupos de pelicanos e cegonhas brancas no alto das palmeiras-leques. De longe, entreviram várias matas fechadas, talvez sagradas, talvez não. Cruzaram com turistas de calção, uns de bicicleta, outros de carro. Encontraram numa feira um curandeiro de Gana, cuja barraca apresentava num tecido pintado os males que suas poções curavam: impotência, hemorroidas, dor de barriga, vermes intestinais, incontinência urinária.

— Quando vamos ver os amigos do senhor? — perguntou Théo um pouco decepcionado.

— Estão nos esperando na entrada da aldeia — respondeu brevemente o sr. Diatta.

— E depois?

Sem resposta. O carro parou diante de um velhote de boné. Sem dúvida ele estava explicando coisas complicadas, porque Arimand Diatta parecia muito zangado. Para concluir, ele ergueu a voz e o outro se pôs a caminho sem uma palavra.

— Ele colocou dificuldades, mas vai nos guiar — disse o sr. Diatta com autoridade. — Só faltava esse homem resistir a mim! Fica a dois quilômetros a pé. Dona Marthe, a senhora poderia tirar esta echarpe vermelha do pescoço, por favor?

— Minha echarpe? Ela atrapalha?

— Por causa da cor — explicou Diatta. — Aonde vamos, não se deve usar vermelho. E, por acaso, vocês dois estão de azul.

Perplexos, tia Marthe e Théo seguiram-no através das trilhas, dos campos e dos matos. Passaram diante de choupanas onde as mulheres socavam o milhete, cruzaram com crianças que faziam piadas, viraram uma vez, duas vezes, vinte vezes em torno dos arvoredos e logo chegaram à orla de uma mata profunda.

— Ah, até que enfim — suspirou tia Marthe enxugando a testa. — É uma floresta sagrada?

— É. Aliás, tenho o dever sagrado de lhes dizer que é. Estamos na entrada do espaço real. Entremos. O rei nos aguarda.

— O rei em pessoa? — exclamou Théo. — Vou encontrar o rei? Na floresta sagrada? E estou com o anel da minha mãe! Bárbaro! A pítia da *Cólera dos deuses* tinha razão!

— Não grite assim — ralhou tia Marthe. — Contenha-se.

Passada a abertura das ramagens, deram com uma clareira à sombra das árvores. Armand Diatta fez seus amigos sentarem-se nuns troncos. No fundo da clareira, um muro de folhas de palmeira magnificamente trançadas barrava o caminho. Havia uma espécie de porta com uns pilões esquisitos fincados nela, mas ninguém saiu por ali. Nos galhos de uma sumaúma filhotes de urubu esticavam preguiçosamente as asas. A calma era perfeita e a espera, infinita.

— Que parede é aquela? — perguntou Théo para quebrar o silêncio.

— Digamos que é como um palácio — murmurou Armand. — Na realidade, é outra coisa, mas não posso lhes contar, porque prejudicaria nossas comunidades, entendem? Nossa religião muitas vezes é considerada uma tradição antiquada, e devemos nos proteger … Nosso rei é muito importante para nós. Não se preocupem, ele vai recebê-los, porque está combinado. Ah! Lá está ele.

Espontaneamente, tia Marthe e Théo se levantaram. Um homem velhíssimo, de barbicha branca, saiu das folhas de palmeira sem fazer barulho. O rei da aldeia estava de vermelho. Seu imponente barrete de feltro era vermelho, seu bubu era vermelho, o rei vestia vermelho. Numa mão, trazia uma vassoura de ramos secos e, na outra, um tamborete redondo, no qual se sentou. Armand Diatta fez as apresentações e, como se tratava de uma audiência, tia Marthe achou-se no dever de agradecer ao rei o melhor que podia. O rei respondeu com algumas palavras de boas-vindas, mas não falava francês.

— O rei está muito honrado com a presença de vocês — traduziu Armand Diatta. — Sente muito não os receber melhor, mas é que a aldeia está preparando uma cerimônia.

— Que ele vai dirigir, entendo — disse tia Marthe.

— Quer dizer … — hesitou o sr. Diatta. — O rei não faz. Entre nós, o rei é. Ele encarna o espírito da realidade cósmica e nos liga a nosso Deus, Ata-Emit, o deus do Céu. Temos um só Deus absoluto, invisível, ao qual não devemos faltar. Dizemos "Atemit Sembé", "Deus é força e poder".

— Vocês não têm *pangoles*? — perguntou Théo.

— Temos altares e espíritos, mas falaremos disso mais tarde — respondeu prudentemente Armand Diatta. — Porque aqui estamos diante do rei, que garante o equilíbrio das energias divinas.

— Posso perguntar ao rei se ele se encarrega das guerras? — interveio tia Marthe.

Quando ouviu a tradução, o rei se transformou. Tudo nele se animou, os olhos cintilavam, o corpo vibrava, a força se adivinhava nele … Erguendo os braços para o céu, lançou-se num longo discurso. Acompanhando suas palavras de gestos largos e graciosos, mostrou sua vassoura e afastou as mãos, como para abençoar o espaço à sua volta. Depois calou-se.

— Minha pergunta foi inconveniente? — indagou tia Marthe. — O rei parece escandalizado …

— Ele disse que nem sequer tem o direito de ver correr sangue — respondeu Armand. — Que sua única arma é seu cetro, esta vassoura. Que seu papel não é administrar os assuntos dos homens, mas os do sagrado, de que é gerente. Mas não é um chefe militar, muito pelo contrário! Não pertence mais a este mundo. Nada seria mais sacrílego do que um rei de Casamance que faria jorrar o sangue do corpo do homem!

— Ele pode pelo menos firmar a paz? — perguntou Théo.

O rei fez saber que se rejubilava com a paz e que a abençoava, mas que, dito isso, só se comprometia a título individual. Porque as comunidades dos diolas tinham acima de tudo respeito pelo consenso, o que não era de forma

alguma um encargo do rei. O rei da aldeia só cuidava do sagrado de que era a garantia viva.

— É o próprio Rei da Floresta — murmurou tia Marthe. — O fiador do inacessível oculto. Que majestade …

A audiência tinha acabado. O rei se despediu e desapareceu nas folhagens. De repente o espaço pareceu vazio.

— Foi por causa do vermelho da sua roupa que tive de tirar minha echarpe, imagino — comentou tia Marthe, pensativa.

— Quando ele está em traje de cerimônia, é o único que pode usar a cor do sangue — respondeu Armand. — O vermelho também é a cor do fogo … Se ele se apagasse, seria terrível! Quando as aldeias não têm mais rei, a coisa se complica! O rei é o centro da energia.

— Como este rei se chama? — perguntou tia Marthe.

— Ele não se chama. Não se chama o rei por seu nome, diz-se "man", uma palavra que não tem outro significado além de ser título sagrado do rei. Nossos reis não têm nenhum poder, eles encarnam Deus … E não morrem!

— Claro que morrem! — exclamou Théo. — O que foi preso pelos franceses deixou-se morrer de fome …

— O rei Sihalebé não morreu — respondeu gravemente Armand Diatta. — Ele desapareceu. No momento de sua detenção, dizem que a terra se quebrou. Quando, para melhor destruir seu poder, os franceses queimaram seu barrete real, a fumaça subiu até o céu …

— E vocês o enterraram de acordo com os ritos — acrescentou tia Marthe.

— Ai — suspirou ele. — Os restos do rei Sihalebé não estão mais em Casamance. Eu não deveria lhes dizer onde estão, mas vocês são franceses, então vou dizer. Os despojos reais estão no Museu do Homem, em Paris.

— Que horror! — fez tia Marthe.

— Mas, como ele não está morto, não falemos mais no assunto — disse precipitadamente Armand. — Esqueçam.

— Por que convém estar vestido de azul? — perguntou Théo.

Sem resposta.

— E os altares, então? — insistiu Théo.

Os altares eles viram na volta. Tinham passado diante deles sem sequer perceber, porque os altares pareciam duas choupanas, uma grande e aberta, a outra minúscula e fechada, cobertas de sapé e encimadas por um pote de terra. De longe, distinguiam se grandes tambores presos nos pilares, todos no mesmo sentido.

— Eis os locais de prece — disse Armand. — Vão lhes contar que temos fetiches, os *boekin*, mas não é totalmente verdade … não passam de representações da energia única. Estão vendo, nós, diolas, nos parecemos um pouco com os judeus. O grão-sacerdote dos hebreus também encarnava a realeza, e se quiserem saber mais sobre nossos sacrifícios, aconselho-os a ler o Levítico na Bíblia. E o livro dos Números.

— O Levítico … — murmurou Théo. — Eliezer me falou dele em Jerusalém. Acho que é o manual que proíbe comer lebre … Trata das impurezas, não é?

— Não só disso — respondeu Armand. — A escolha do animal do sacrifício, a maneira de abatê-lo, como reparti-lo depois …

— E na choupana menor, o que se faz? — perguntou Théo curioso.

— Você está fazendo perguntas indiscretas, menino! — indignou-se tia Marthe.

— É verdade, mas posso lhes explicar as coisas simplesmente — respondeu Armand com um sorriso. — Na pequena choupana, sopra o espírito vivo.

Tia Marthe e Théo entraram de volta no carro, em silêncio. Armand Diatta tentou explicar mais umas coisas, mas batia com as proibições e parava embaraçado. O universo sagrado não devia ser invadido pela traição do segredo.

As mulheres de Bignona

— Enfim, no lugar aonde vamos agora, as coisas serão públicas — soltou Armand para terminar. — Vamos a Bignona, ver as religiosas. Não há mais segredo!

Num vasto átrio de presbitério à sombra da igreja católica, esperavam debaixo de uma grande nespereira as mulheres e os músicos. As freiras deram boas-vindas a seus convidados e se instalaram ao lado deles em cadeiras ajuizadamente enfileiradas. Concentradas num lado, as mulheres de Bignona batiam papo de olho nos tantãs, que os músicos afinavam aquecendo suas peles numa fogueira. De repente, os tantãs soaram …

Descalças, as mulheres de Bignona tiraram de seus bubus dois pedaços de pau, que bateram um contra o outro ao ritmo, dos tantãs remexendo-se sem sair do lugar. Atrás da sombra densa das folhagens, estava um dançarino trazendo na cabeça um adereço de crina de cabra. De repente, de um pulo, saltou para o meio do círculo, de olhos fixos e sorriso nos lábios. Levava no pescoço um colar de contas azuis, no braço braceletes de pelos, lenços que se agitavam, na mão uma flauta … Assim vestido, parecia um jovem deus rodeado de sacerdotisas.

— Se fosse hindu, eu juraria que era Krishna — murmurou tia Marthe.

— Ou então Dioniso e suas bacantes — acrescentou Théo. Sabe, o deus grego da embriaguez.

— Claro que sei! — fez ela. — Mas … Cuidado!

Pulando, o dançarino ia em sua direção para lhe saltar em cima … No último momento, petrificou-se a dois passos de tia Marthe, com um braço esticado como se a convidasse para dançar. Tia Marthe encolheu-se na cadeira e enrubesceu. O dançarino recuou com refinada elegância e tia Marthe sentiu-se envergonhada. Diante do pânico da estrangeira, as mulheres de Bignona gargalhavam, batendo em seus instrumentos de madeira.

Uma delas saiu da fila e se lançou numa evolução frenética. Dobrada em dois, braços na horizontal, o traseiro empinado, ela sapateou velozmente; depois, como o dançarino, parou de repente e voltou ao seu lugar entre as outras. Uma segunda saiu por sua vez, depois outra. De vez em quando o dançarino recomeçava seus saltos prodigiosos paralisados de repente num sorriso … Duas horas seguidas passaram-se debaixo da nespereira ao som das madeiras percutidas e dos tantãs aquecidos, duas horas de dançarino saltitante. Às vezes ele acompanhava uma moça na flauta, turbilhonando em volta dela para incentivá-la, mas sempre as mulheres de Bignona interrompiam alegremente a postura e voltavam a seu lugar no momento mais inesperado. As vezes uma delas atirava seu xale leve nos joelhos de uma jovem religiosa.

Rindo confusa, a freira se levantava e entrava na dança amarrando o xale em torno de seu hábito branco, na altura dos quadris. Com exceção das velhas, as religiosas foram convidadas uma a uma a sapatear sem tirar os sapatos. Todas o fizeram com um frenesi contido, loucamente alegre. Depois as mulheres de Bignona se reuniram e, tendo os tantãs alcançado a intensidade máxima, puseram-se a caminho sorrindo, tranquilas, em passos lentos, ocupando o espaço inteiro como uma onda humana. O dançarino desapareceu. Os tantãs se extinguiram.

Tia Marthe enxugou o pescoço com um lenço.

— Ufa! — ela exclamou. — Achei que elas iam me obrigar a dançar!

— Elas não ousaram — respondeu Armand. — Não foi por falta de vontade …

— Até as freiras entraram na dança! — ela exclamou. — Eram transes?

— De maneira nenhuma. Não são cerimônias sagradas, pois estamos no átrio de um presbitério católico. É dança, simplesmente. Enquanto não for vista numa aldeia, não dá para entender nossas religiões. Nossos corpos são feitos de dança. Os tantãs importunaram a senhora?

— Ao contrário! — respondeu tia Marthe. — Eu me sentia muito bem … Fiquei foi surpresa!

— Pelo menos a senhora está iniciada nos tambores diolas!

— Onde Théo foi parar? — inquietou-se ela de repente. Não o estou vendo mais …

Théo conversava sobre o que acabavam de assistir com a mais moça das freiras.

— Ela se chama Augustine — falou. — É formidável! Ela me ensinou a dançar, olhe …

Empinou o traseiro, dobrou-se em dois, abriu os braços, saltitou sem sair do lugar, tropeçou e rolou na poeira. A irmã Augustine caiu na gargalhada e tirou-lhe o pó.

— Problema de equilíbrio, você ainda tem muito caminho pela frente — comentou tia Marthe. — Quando você dança, parece um pintinho procurando a galinha.

— Por agora, não tenho mais nada a lhes mostrar — disse Armand. — Talvez outro dia …

No hotel, Abdoulaye fingia trabalhar. Mal tirou o nariz do seu relatório … Théo foi correndo beijá-lo, mas o sr. Diop o afastou.

— E então? — fez ele.

— Então, vimos o Rei da Floresta! — exclamou Théo. — Todo de vermelho!

— Isso eu tinha dito a vocês — replicou Abdoulaye. — Que mais?

— Como, que mais? Você por acaso já viu o rei?

— Não, mas sei disso — respondeu Abdoulaye confuso. — Leio livros sobre os diolas, não me resta outra opção … Um dia desses, Armand, você vai ter que parar de me considerar um bárbaro.

— É difícil, sabe, para os iniciados … Vocês, muçulmanos, nos consideram uns demônios, então como podemos explicar a vocês nosso universo? — retrucou Armand incomodado.

— E eles, então? Não são diolas, que eu saiba!

— Não — murmurou Armand. — Mas dão a volta ao mundo das religiões e a nossa é uma. Eles sabem.

De noite, tia Marthe fuçou nas malas e encontrou o Levítico. Nesse livro, o Eterno convocava Moisés e lhe transmitia os mandamentos do sacrifício: quanto ao gado, um jovem touro perfeito cujo sangue seria derramado em oferenda de purificação no altar antes de ser esfolado e esquartejado. Quem tivesse cometido um ato culposo, mesmo sem saber, deveria oferecer ao Eterno o sacrifício do tourinho e confessar publicamente sua falta. Só então o grão-sacerdote, Ungido do Senhor, poderia proteger o povo graças à força de Deus.

— Um rei-sacerdote, um touro perfeito, um sacrifício, uma comunidade solidária, uma confissão pública, um Deus absoluto, altares — disse ela. — Uma religião de verdade, sem dúvida nenhuma.

— Espere aí — pediu Théo. — Vou copiar tudo isso em meu caderninho. Um Rei da Floresta, um touro, uma confissão, um altar, Deus, isso é obrigatório … Você se esqueceu do puro e do impuro, minha velha. Judaísmo, hinduísmo, agora os diolas … Os grão-sacerdotes são tão puros

que ninguém pode tocar neles. E os outros? Bem, são necessários sacrifícios para purificá-los. Não?

— Parece-me plausível. Mas você está se esquecendo da comunidade solidária. Armand nos disse para ler os Números também, não foi? Vejamos …

No Livro dos Números, o Eterno mandava que Moisés convocasse as tribos de Israel, divididas de acordo com suas longas genealogias. Em seguida, mandou afastar os impuros, homens ou mulheres, leprosos e imundos. Depois, uma vez expurgadas as tribos, o Eterno atribuiu a cada uma suas tarefas, determinando igualmente as rações de vinho, farinha e azeite que acompanham o sacrifício do touro. Somente os membros da tribo de Levi, chamados levitas, teriam o direito de levar a Arca da Aliança.

— Que raio de gente é essa? — espantou-se Théo.

— Essa gente serve para regulamentar os clãs na comunidade — explicou tia Marthe. — Os levitas são os sacerdotes nobres, mais ou menos como os brâmanes. Nosso amigo Diatta é um levita diola, poderíamos dizer. Não apenas é iniciado, mas tem sangue real … A única coisa que não está nem nos Números nem no Levítico é a madeira sagrada. Eu me pergunto como a energia de Deus circula nela.

A ilha dos escravos

Depois de Casamance, tiveram de trocar a África das florestas pela capital. Abdoulaye bem que tentou fazer seus amigos falarem dos segredos que teriam descoberto, mas, a não ser as danças de Bignona, eles ficaram de bico calado. Nem tia Marthe nem Théo tinham vontade de falar sobre o Rei da Floresta, e Abdoulaye ficou a ver navios.

De volta, a realidade concreta tomou o lugar do invisível. Tia Marthe temia os resultados de seus exames médicos. Quanto a Théo, estava com a garganta irritada e morria de sede o dia inteiro. Mas os resultados dele mostravam nova melhora. Consultado sobre a dor de garganta, o médico afirmou que era a África, sua poeira. Quanto a tia Marthe, sem dúvida tivera uma crise de espasmofilia, mas não havia certeza.

— Espasmo, transe, é a mesma coisa — resmungou ao saírem do hospital. — Decididamente, os médicos são uns asnos. Dizer que ele me deu magnésio! Conheço o mal e seu remédio: em ambos os casos, é o tantã.

Como os doentes estavam curados, Abdoulaye achou que era hora de irem a Gorée. Tia Marthe insistiu para que telefonassem a Paris e fez questão de contar ela mesma seu transe africano.

— Não — disse ao irmão, — não doeu nada. Foi muito leve, muito suave … O que foi que eu fiz? Não me lembro mais. Perdi os sentidos … Pois é, logo eu, já pensou! Bem, no fim das contas, fiquei muito satisfeita. Tive minha parcela de iniciação … Sim, no hospital, claro … Falam de espasmofilia, mas não conhecem essas coisas. Théo? Ele, nada. Abdoulaye diz que Théo já teve sua dose. De quê? De transe, ora essa! Quer falar com ele? Já te passo. Falando nisso, os resultados dos exames de sangue dele foram excelentes!

Théo confirmou a veracidade do que sua tia afirmara e de repente ficou petrificado. Fatou, dizia o pai. Fatou! Estava muito triste, não parava de chorar … tinha se esquecido novamente de lhe telefonar! E sua mensagem? Não pensara mais nela … Se tia Marthe não disse nada?

— Raios me partam! — exclamou tia Marthe. — É a primeira vez que esqueço uma mensagem para Théo.

Era tempo de se dedicar a ela. Outra África, dissera Abdoulaye. Com uma deusa branca e morena das águas. Branca? Isso não tinha pé nem cabeça!

Théo aproveitou e ligou para Fatou dando-lhe um monte de beijos. Quem sabe ela lhe dava uma boa dica?

— *A deusa veio da África com teus navios* — clamou a pítia parisiense com uma voz inspirada.

Théo também não compreendeu nada. Claro, os escravos negros haviam sido deportados. Mas em que país de ex-escravos vivia a deusa das águas? Havia tantos nas Américas … Apressando-os, Abdoulaye consultou seu relógio e declarou que iam perder a próxima chalupa para Gorée. Passagens, embarque, bancos públicos, mar forte com as ondas das monções, Alcatrazes sobrevoando …

— Os uolofes, os sereres, os lebus, os diolas: são quatro contou Théo. — Quatro povos para uma só nação!

— Há mais do que você pensa — retrucou Abdoulaye. — Há também os tuculeros, os mandingas, os soninkés, os bassaris e os peúles. O que dá nove.

— Mais que na Índia! — exclamou Théo. — Incrível, o Senegal! E você, o que é?

— Meu pai é uolof, minha mãe é peul, mas minha trisavó era lebu — respondeu Abdoulaye. — Procurando bem, encontraríamos algum mandinga na família. O Senegal é mestiço. Ah! … Já ia me esquecendo da gente de Saint-Louis …

— É um povo? — indagou tia Marthe. — Saint-Louis é uma cidade, se não me engano.

— Uma cidade que teve deputados franceses mestiços de brancos, dona Marthe! A gente de Saint-Louis não é como as outras … é gente muito distinta, muito educada, muito …

— E você, por acaso não é distinto? — interveio Théo.

— Minha avó era de Saint-Louis, fique sabendo. Sei do que falo! Toda uma educação …

— Entendo — fez Théo. — Você é esnobe!

— E daí? — rebateu Abdoulaye. — O esnobismo é ruim?

Xeque-mate, Théo se calou. Ao cabo de uns vinte minutos, chegaram à ilha de Gorée e andaram na areia ardente até a Casa dos Escravos, grande construção cor-de-rosa com uma bela escadaria dupla, um verdadeiro palácio.

O conservador do museu exaltara o símbolo. Os cartazes escritos à mão precisavam o número dos milhões de deportados da África, reconstituíam seu martírio, suas mortes cruéis nos porões, a dos navios negreiros, seus suicídios no momento da partida separação entre filhos e mães, a barbárie de um comércio de homens tratados como mercadorias vivas. Ele reproduziu piedosamente suas súplicas, suas preces e seus cantos. Falava deles com uma sinceridade comovente. Vindo em peregrinação, um grupo de negros americanos soluçava em coro … Emocionados, tia Marthe e Théo também desataram a chorar.

No subsolo, no lugar em que ficavam as celas onde os cativos eram amontoados, uma porta estreita se abria para o Atlântico. Ali, dizia o conservador, naqueles rochedos sombrios, embarcavam a chicotadas os africanos agrilhoados. Ali continuava a longa viagem iniciada no Sahel com as capturas de escravos realizadas pelos chefes africanos. Ali os negreiros brancos amontoavam o negro gado humano que lhes permitiria construir seus palacetes magníficos, em Bordeaux ou em Nantes. Obscura, terrível, a porta se abria para o oceano dos exilados, para os Estados Unidos, as Antilhas, o Brasil.

— O Brasil! — exclamou Théo. — Tem alguma divindade das águas lá?

Sim. Ela se chamava Iemanjá, viera do Benin. Embarcando sob as chicotadas lancinantes dos amos, os escravos negros levavam consigo o único bem que ninguém lhes podia tomar: seus deuses. A deusa das águas

africanas navegara junto com seus fiéis. Mas embora suas sacerdotisas viessem da África, Iemanjá tinha a pele branca como o leite derramado sobre os *pangoles*.

27

A cavalgada dos deuses

O cargueiro Belmonte

A partida de Dacar não foi dramática. Théo voltaria a ver o pai de Fatou em Paris. E pela primeira vez levava um amigo: Arthur, o gato, nocauteado por uma migalha de sonífero, dormia numa sacola especial. O voo da Air Afrique decolou em plena noite para Lisboa, onde desembarcariam.

— Lisboa-Rio vai ser um senhor voo — reclamou Théo.

— Quem falou em voo? — replicou tia Marthe. — Vamos de navio!

Théo ficou boquiaberto. Um navio para as Américas! Um suntuoso transatlântico branco com espreguiçadeiras, uma piscina no convés e uma sala de cinema …

— Não sonhe — atalhou a tia. — As linhas transatlânticas da Europa ao Brasil não existem mais faz tempo. Vamos viajar de cargueiro.

De cargueiro? No porão, como os escravos negros? Acorrentado com os contêineres, ao lado dos motores barulhentos? O que tinha feito para

merecer semelhante punição?

— Assim você vai aprender! — respondeu a tia caindo na risada. — Vai ver pelo que passavam os primeiros navegadores portugueses … Afinal de contas, eles foram os primeiros brancos a aportar nas Índias Ocidentais com suas caravelas. Não tem de que se queixar: nós vamos num navio a motor, é bem melhor!

Tia Marthe não era capaz de armar um golpe daqueles … O que diriam os pais dele? Mas ela varreu com um gesto as objeções do sobrinho. Tia Marthe parecia falar infinitamente sério, mas Théo não acreditou antes de ver o cargueiro com seus próprios olhos.

O *Belmonte* estava atracado, novinho em folha com suas chaminés vermelhas e sua bandeira de Portugal. Com vivacidade, tia Marthe galgou os degraus da passarela, arrastando um Théo abatido pela dureza dos tempos. Os marinheiros haviam se apoderado das malas e das sacolas, cuja quantidade já se multiplicara por quatro. A bordo, o comandante beijou tia Marthe com efusão antes de levá-la à sua cabine. Empurrando a porta, Théo descobriu um quarto com duas camas, poltronas, mesas, tudo de pinho claro, e um banheiro.

— Espere aí — fez o rapaz. — Isto é um navio de luxo ou um cargueiro?

Tia Marthe caiu na gargalhada. Divertido, o comandante Silva explicou que em vários cargueiros havia camarotes de passageiros à disposição dos convidados. Claro, um cargueiro não tinha nem piscina nem sala de cinema. Tia Marthe e Théo teriam de se contentar com o papo do comandante em seu camarote. Mas …

— Bárbaro! — exclamou Théo. — Vocês dois me tapearam direitinho … Onde ficam as turbinas? Você me mostra como se maneja o timão?

Claro, só que não havia mais um timão como nos livros ilustrados. O comandante deixou-os se acomodar e foi se trancar em seu camarote até

tirar o *Belmonte* do porto. Mal tia Marthe acabou de desarrumar uma das malas, o pesado navio pôs-se a grunhir. Théo subiu correndo para o passadiço, mas não encontrou nem timão nem comandante: o cargueiro era pilotado de um painel eletrônico a vante do navio, numa sala onde ninguém podia entrar. Restavam o Atlântico e suas largas ondas que Théo contemplou com inquietude.

Profetas e misturas

— Então, o que me diz da minha surpresa? — indagou tia Marthe, quando ele desceu de volta. — Você já estava cheio de avião. Ficou contente?

— Muito — garantiu o rapaz. — Só tenho medo de enjoar.

— Não tem importância. Depois se acostuma.

Théo preferiu se deitar, por via das dúvidas. Mas não sentiu nada. Arthur continuava dormindo. Ao cabo de um minuto Théo não aguentava mais.

— Tia Marthe, tenho uma pergunta — começou.

— Já fazia tempo — suspirou resignada a tia.

— É a história do touro do outro dia. Continuo achando muito esquisito.

— O sacrifício do touro não é raro mundo afora, sabe? Mas, para nós, é sem dúvida nenhuma um espetáculo chocante.

— Justamente. Por quê?

— Pense bem. Quantas vezes você vê na televisão crianças morrendo de fome no mundo? Não é, na realidade, mil vezes pior do que degolar um touro?

— Claro que sim. Só que na televisão não se vê de verdade. Não podiam dar um remédio para a loucura daquele cara que estava tão doente?

— Poderiam tê-lo tratado num hospital psiquiátrico — ela respondeu dando de ombros. — Teriam enchido o coitado de psicotrópicos que não o

teriam curado. Ao passo que reencontrando suas raízes africanas ele tem uma possibilidade de se safar, entende?

— Tudo bem — admitiu Théo. — Mas eu não me curarei sem vovó Théano. Minha raiz é grega.

— E seu pai francês, esqueceu-se dele?

Ele se virou de lado. Dois minutos.

— Tenho outra pergunta — anunciou.

— Questionite aguda. Socorro!

— O que resiste melhor na África? O islã, o cristianismo ou as religiões antigas? Porque besuntar-se de sangue de touro em nome de Alá, cá entre nós …

— A África é como a Índia — respondeu tia Marthe. — São dois continentes com estômago de ruminante. Eles engolem o capim estrangeiro, impregnam-no com seus sucos, trituram-no devidamente e digerem-no com calma. Mas, qualquer que seja o exotismo do capim, a África permanece intacta.

— O Deus único não os incomoda? — espantou-se Théo.

Nem um pouco. Assim como os hindus haviam integrado Maria em seu numeroso panteão de deuses, os africanos haviam assimilado sem esforço o Deus supremo, Jesus e o Profeta. Isso não impedia que os tambores ritmassem, nem que os transes prostrassem o corpo e purgassem o coração de seus alarmes. As missas católicas ao ar livre dedicadas à Virgem eram pontuadas pelos gritos penetrantes das mulheres que caíam, e ninguém se espantava com isso, pois se estava sob o sol da África. Em compensação, surgiam no âmago do cristianismo inspirados que se proclamavam profetas, fundadores de novas religiões …

A África conhecera vários profetas ilustres, como o pastor Harris, que pregava em nome do anjo Gabriel e da honestidade, Albert Atcho, que

curava por meio de telegramas aos enfermos fazendo seu prontuário sair do grande arquivo de Deus, ou Simon Kimbangu, servo de Deus e da libertação de seu povo. Os colonizadores os reprimiram, porque os profetas africanos competiam com o cristianismo. Em seguida, os inspirados negros se instalaram como puderam em seu país, sendo substituídos por sua vez por novos profetas surgidos das florestas, armados de Jesus e munidos do poder dos fetiches.

— Afinal de contas, os africanos têm todo o direito a ter seus próprios messias — concluiu Théo. — Por que lhes infligir profetas de pele clara?

— Exato — concordou tia Marthe. — Mesmo viajando com os invasores, as religiões quebram a cara contra a memória dos povos. Você vai ver no Brasil!

— O que as pessoas são, no Brasil? Cristãos, muçulmanos, animistas, o quê?

Podiam-se encontrar no Brasil africanos cristãos, brancos animistas, índios cristãos, brancos católicos ou protestantes, mulatos com sangue índio e até índios mesmo, que protegiam com grande dificuldade suas religiões contra os garimpeiros, a construção de estradas e os investidores. O Brasil era o mais vasto cadinho das religiões do mundo, o lugar em que elas tinham se misturado sem remorsos, o país do sincretismo absoluto, o país da loucura divina.

— E o Carnaval? — quis saber o rapaz.

O Carnaval também fazia parte do quinhão religioso. Sobre esses temas precisos, o comandante Silva estava muito bem informado, porque seu primo Brutus era brasileiro puro.

No confortável camarote do comandante Silva, o almoço o esperava. Vieiras! Théo atacou.

— Quer dizer que seu primo é brasileiro puro? — perguntou.

— Brutus? — espantou-se o comandante. — Quem te contou?

— Tia Marthe, ora. Por quê?

O comandante pôs-se a rir. Seu primo Brutus era brasileiro, logo não era "puro", porque isso não tinha o menor sentido no Brasil. Claro, tinha nome português, Silva, ao qual se acrescentara um belo dia um "Carneiro" do melhor efeito. Os arquivos portugueses da família atestavam, de fato, que um Silva havia emigrado para o Brasil no tempo das caravelas, depois não se sabia mais nada do ramo americano. Nascido do casamento entre a genealogia portuguesa e uma bela Greta de família alemã emigrada no início do século XX, o primo Brutus afirmava que tinha sangue índio nas veias em consequência de uma mestiçagem entre seu ancestral e uma linda jovem das tribos locais, uma espécie de Pocahontas. Tinha orgulho de seu sangue índio: descender de um indígena provava uma mestiçagem de alto nível entre o conquistador branco e o índio, em sua dignidade de primeiro habitante do país. Mas o primo Brutus evitava explicar de onde vinham seus cabelos crespos e sua boca carnosa, porque no Brasil, quando se era de boa família, não se admitia ter sangue negro.

— Tenho certeza de que o antepassado português se apaixonou por uma das suas escravas africanas — concluiu o comandante. — O primo Brutus insiste tanto na ausência de sangue africano em suas veias que isso só prova que o tem!

— Que salada! — exclamou Théo. — Descender dos índios é melhor? Por quê?

— Ah! Porque os índios não eram escravos, ao contrário! Claro, andaram se arrebentando no começo. Depois, por razões econômicas os portugueses

decidiram substituir os índios por escravos negros, mais sólidos, mais bem adaptados ao duro trabalho das colônias. Foi assim que começou o tráfico de negros entre a Europa e a América.

— Mas os portugueses dormiram com suas escravas africanas — retrucou Théo.

— Não fizeram só isso! A colonização portuguesa repousava num princípio simples: arranjavam uma mulher ao desembarcar. Portanto havia no Brasil mestiços de negros e brancos, de negros e índios, de índios e brancos. E as religiões se misturaram por intermédio das mulheres. Das índias os brasileiros emprestaram os deuses animais das florestas, o curupira, gênio das matas de dentes verdes, a estranha caipora que fumava um pito montada num porco-do-mato, ou o boto do rio Amazonas, um sedutor golfinho que engravidava as mulheres. Da África, as brasileiras haviam herdado os deuses ocultos nos porões dos navios negreiros, um panteão vindo do antigo reino do Daomé, hoje Benin. Batizados à força, os escravos africanos haviam adotado o culto dos santos católicos que eles misturavam com desenvoltura aos seus próprios deuses. De modo que as religiões do Brasil constituíam um carnaval desenfreado em que dominavam a dança e os tambores, isto é, a poderosa África.

— Os tantãs, tia Marthe! — exclamou Théo. — Bárbaro!

— Sim, os tantãs. Assim começara a lenta reconquista da África pelos escravos africanos. Os senhores eram duros, mas bons economistas. Ora, os escravos se suicidavam engolindo terra: escravos mortos não eram rentáveis. Para evitar as perdas comerciais, os senhores autorizaram seus escravos a tocar seus tambores. Começaram os "batuques": todos os tambores da África reunidos. Os deuses saíram das memórias em segredo com as línguas africanas. Depois surgiram em segredo os altares e as cerimônias clandestinas, hoje oficiais. Um dia na década de 1870, os africanos desceram

os morros do Rio e invadiram a cidade dos amos com seus tambores. Foi o primeiro Carnaval.

Carnavais e procissões religiosas, houve muitos e faustosos em Portugal. Além do clero de casula, desfilavam santos, diabos, imperadores, reis e rainhas, ferreiros, macacos, Vênus, Baco, são Sebastião flechado, são Pedro, são Tiago e Abraão. As loucas procissões emigraram com os portugueses. Os africanos adotaram os reis e as rainhas, bordaram em suas bandeiras seus totens, depois seus emblemas sindicais e inflamaram o Carnaval com sua dança e seus tambores. As escolas de samba floresceram, o Carnaval brasileiro tornou-se célebre. Pouco a pouco, a África ressuscitou, convertendo os brancos, muitos dos quais compartilhavam os cultos africanos do Brasil. E se não eram adeptos da África, voltavam-se para os índios, adotando suas penas e seus símbolos.

— Os índios legaram aos brasileiros a rede de deitar, o milho, o fumo e o costume de se banhar na água do rio — acrescentou tia Marthe.

— E os africanos, o azeite-de-dendê, o ritmo, a pimenta, os turbantes, os penduricalhos, as contas de vidro! — completou o comandante Silva. — É por isso que o Brasil me agrada. Nele nos sentimos na encruzilhada do mundo …

— Fale a Théo do lema inscrito na bandeira do Brasil — sugeriu tia Marthe.

— Boa ideia. Nesse país em que se fundem em desordem o índio, o negro e o branco, a divisa brasileira afirma nobremente: "Ordem e Progresso".

— Sabe de onde vem isso, Théo? — perguntou tia Marthe. — De uma espécie de religião inventada por um filósofo francês do século XIX, Augusto Comte. Ele pretendeu substituir as religiões de Deus pela religião da Humanidade, que batizou de "positivismo". Eram positivas as ciências da

sociedade, rigorosamente regidas pelo encadeamento dos fatos. Depois redigiu um catecismo positivista …

— Catecismo? — surpreendeu-se Théo. — Por que não um culto, logo de uma vez?

— Foi o que ele fez! Com um calendário festejando Moisés, Carlos Magno, Descartes, o proletariado e as mulheres … Os fundadores da República do Brasil eram fervorosos discípulos de Augusto Comte, daí a divisa. Ainda se veem templos positivistas no Brasil.

— Mais uma religião — concluiu Théo.

— Sem esquecer a *saudade* — emendou o comandante. — Um estranho sentimento, meio triste, meio alegre, confiante e desesperado. Se não é uma religião, é um culto.

— O samba também — acrescentou tia Marthe.

— Vou gostar — disse Théo. — Mas o que vamos ver exatamente?

— Ah, isso é segredo! — respondeu o comandante Silva. — Mas os tambores eu lhe garanto.

O professor Carneiro da Silva

Bem no meio do Atlântico, o *Belmonte* começou a jogar. Arthur enfiou-se num canto. Tia Marthe percorria o convés a passos curtos dando o braço a Théo, que se comportava encantadoramente, fanfarronava sob o céu chuvoso, achava as ondas exaltantes e tia Marthe uma medrosa, quando de repente correu para a amurada empalidecendo. Théo, decididamente, não era do mar.

Ficou dias fechado na cabine dos convidados, recusando-se a sair ao ar livre do convés, como o comandante lhe aconselhou. Por fim, no quarto dia, resignou-se a seguir a recomendação. Quando a travessia acabou, não

enjoava mais. Tia Marthe observou que não havia o menor mérito nisso, porque o oceano tinha se acalmado. Théo replicou que tia Marthe não era capaz de atravessar o convés correndo … Furiosa, ela aceitou o desafio e adernava perigosamente quando o apito do navio soou. O *Belmonte* ia atracar no cais do porto, onde o primo Brutus os esperava.

Metido num terno do mais lindo verde, o primo Brutus tinha uma aparência altiva. Seus olhos eram mais verdes do que seu costume de três peças, mas, inegavelmente, tinha cabelos crespos — uma mecha branca esvoaçava em torno da testa. Abraçou demoradamente o comandante Silva, curvou seu corpanzil alto e beijou a mão de tia Marthe com elegância.

— Este é o meu amigo Brutus Carneiro da Silva, professor universitário — declarou ela. — Cumprimente-o Théo, por favor.

— Vai bem? — disse Théo estendendo a mão. — E a família, vai bem?

— Melhor, impossível — respondeu ele com bom humor. Não está muito cansado, meu jovem amigo?

— Nem um pouco. E o trabalho, vai bem?

— ALTO! — gritou tia Marthe. — Não estamos mais em Dacar!

— Ora — fez Théo, emburrado, — você me pediu para ser educado, não pediu?

O primo Brutus mandou carregar as bagagens, para as quais reservara prudentemente dois carros, embarcou com um ar reticente a sacola em que Arthur miava, e lançou-se em longas explicações históricas sobre a fundação do Rio de Janeiro por Estácio de Sá, os desastres da expedição dos protestantes franceses liderados pelo almirante Villegaignon, o saque do Rio por Duguay-Trouin, a chegada de Albuquerque …

— Onde está o Pão de Açúcar? — cortou Théo.

— É o que mais se vê — respondeu tia Marthe. — Quieto!

Théo teve de engolir mais vice-reis e imperadores e, quando chegou à República em 1889, não se conteve.

— O que é aquele treco branco em forma de avião lá em cima?

— A estátua do Cristo Redentor no Corcovado! — gritou tia Marthe.

O primo Brutus apressou-se a citar o nome do escultor Landowski, um francês, que dera ao mundo a obra-prima que domina a baía de Guanabara, a que os portugueses chamaram de baía do Rio de Janeiro, por ter sido descoberta no dia 1 de janeiro de 1502 …

— Quando vamos comer? — perguntou Théo.

— Théo não se interessa muito pela história — comentou tia Marthe. — Desculpeº…

O primo Brutus tirou o lenço do bolso, limpou seus sapatos brancos e calou-se. Instalou Théo e sua tia no hotel sem abrir a boca e marcou um encontro para as dezessete horas, para tomarem um cafezinho. Depois, ajustando a gravata-borboleta, desapareceu.

— Puxa, daqui até lá vamos nos chatear — comentou o rapaz. — Ainda bem que temos Arthur!

Não se chatearam nem um segundo. Foram almoçar no alto do Pão de Açúcar, onde os ventos sopravam tão forte que Arthur arranhou Théo, antes de roubar um pedaço de churrasco do prato de tia Marthe. Depois subiram por estradas sinuosas até a imaculada estátua do Cristo Redentor, cujos braços gigantescos pareciam abraçar o universo. Théo achou-o verdadeiramente grande. Tiveram de descer correndo para não perder a hora do encontro. Mas tia Marthe não parecia tão apressada assim!

Às dezoito e trinta, o primo Brutus chegou de cabeça erguida e pediu um cafezinho, três gotas de café numa xícara minúscula. Depois achou-se no dever de explicar com loquacidade que pegariam o avião para a Bahia na manhã seguinte; infelizmente, Théo não teria tempo de subir no Pão de

Açúcar nem de ver de perto a célebre estátua de Cristo. Tia Marthe deu uma cotovelada no sobrinho, que ficou de bico calado. Enfim, após um beija mão irrepreensível, Brutus despediu-se.

— Como é formal esse seu amigo!

— Não acredite nisso — ela respondeu. — No Rio, ele é sempre polido. Mas na Bahia …

O primo Brutus se transforma

No avião, o professor se soltou um pouquinho. Foi cheio de atenções com tia Marthe, deu uma olhada em Arthur em sua sacola, apertou o cinto de Théo e pôs-se a conversar com ele exaltando os encantos de Salvador, a cidade mais sedutora do Brasil.

— Claro, poder-se-ia lamentar o aspecto deplorável de algumas casas antigas — notou. — Vamos restaurar tudo, como fizemos no Pelourinho. Mas as ruas são cheias de vida, os cheiros são deliciosos, e as frutas! Os doces! …

Quando o primo Brutus enumerou os doces — baba-de-moça, beiju …, — Théo logo se interessou. O professor Carneiro da Silva se animava falando da culinária; de repente, tornava-se simpático. Saindo do aeroporto, tirou a gravata-borboleta; no saguão do hotel, foi a vez do paletó. E quando saíram para almoçar, o primo Brutus havia trocado seu terno por uma camisa bordada de grande efeito. Apesar de seus ombros curvados, havia rejuvenescido.

Théo deixou-se guiar diante dos tabuleiros das mulheres de pele escura vestindo rendas brancas, turbante na cabeça, penduricalhos no pescoço. O primo Brutus o fez experimentar bobó de camarão, acarajé, cuscuz de tapioca e cocada.

— Não vou ter fome para almoçar — suspirou Théo, farto.

— Mas é o almoço! — indignou-se o primo Brutus. — Não gostou? Vamos comprar umas frutas.

A não ser a manga e a fruta-do-conde, Théo não conhecia nenhuma. Hesitando entre umas nêsperas esquisitas e enormes abacaxis redondos, deu preferência a estranhas frutas azuladas formando pencas.

— Não são frutas! — gargalhou o primo Brutus. — É uma espécie de pequenos caranguejos, excelentes quando recheados. Venha, vamos tomar um caldo de cana para digerir. Depois vai experimentar um vatapá.

Passadas duas horas, Théo pediu clemência. Tia Marthe tinha sumido nas lojas e o professor Brutus continuava a comer. Théo sentou-se na calçada. Tia Marthe apareceu com uns penduricalhos que ela brandiu alegremente.

— Comprei umas figas! — anunciou. — Tem uma grande para você, Théo, é um amuleto brasileiro … Olhe só, é uma mão com os dedos fechados, e o dedão se enfiando entre o indicador e o médio.

— Quer apostar que a mão se abre? As mensagens não me pegam mais de surpresa. Sempre abrem!

Mas a figa não se abria. Minúsculas, as outras figas eram de água-marinha, de pedra-da-lua e de quartzo rosa; em resumo, tia Marthe comprou amuletos bastantes para dar sorte a todo um batalhão. "Ela deve ter ganho uma boa nota com suas ações na Bolsa", pensou Théo.

Os orixás

Após uma longa sesta, encontraram-se no restaurante do hotel. Tia Marthe exigiu do professor Brutus que passassem às coisas sérias.

— Bom — começou ele, curvando-se ainda mais. — Vamos assistir esta noite a uma cerimônia … ou, antes, a um culto originário da África, secreto

mas aberto ao público. Embora não seja fácil entrar neste lugar chamado terreiro, onde se pratica …

— O candomblé — precisou tia Marthe.

— Exatamente, minha querida. No Rio, pratica-se a macumba, no Haiti chamam de vudu, palavra bem próxima do *vodun* praticado em Benin. Pouco importam as denominações, porque os ritos são quase os mesmos e aqui, na Bahia, essas cerimônias, quer dizer, esses cultos afro-brasileiros são chamados …

— Candomblés — cortou tia Marthe. — Prossiga!

— Quando os escravos negros foram deportados da África, levaram nos porões, quer dizer, não em sua forma material, mas em seu espírito e em sua memória …

— Seus deuses, já sabemos — atalhou Marthe. — Seu primo nos explicou no navio.

— Ah, é? — murmurou Brutus desapontado. — Então não preciso lhes falar dos orixás.

— Claro que sim! — exclamou Théo. — Eu não sei o que são.

O professor Brutus não se fez de rogado. O candomblé tinha se inspirado nos cultos do povo ioruba, tronco comum adotado pelos escravos vindos de todos os cantos da África. Entre os iorubas, cada deus tinha sua confraria, não havia misturas. Mas no Brasil, como os escravos estavam dispersos, o conjunto dos orixás era adorado ao mesmo tempo. Com isso, foi necessário arranjar-lhes uma hierarquia. E como as cerimônias haviam sido por muito tempo clandestinas, os escravos disfarçaram os orixás de santos do calendário católico.

No topo estava o deus do céu, Obatalá/Jesus, seguido do deus do raio Xangô/São Jerônimo, com suas três esposas, entre elas a bela Oxum/Nossa Senhora da Candelária, deusa das águas doces, assim como seu irmão

Ogum/santo Antônio, deus da forja. Os orixás eram uma dúzia, entre eles o indispensável Exu, o diabo, intermediário obrigatório entre os fiéis e os orixás. Na África ele se chamava Legba, deus das encruzilhadas e da malícia, capaz de salvar ou destruir, removedor de barreiras, malvado ou generoso, em suma, um malandro.

— E Iemanjá? — perguntou Théo.

— Ah! Iemanjá … A mais conhecida, a mais amada, a bela deusa das águas salgadas e do amor, que os africanos haviam dissimulado sob os traços da Virgem Maria …

— De cabelos negros? — surpreendeu-se Théo.

O professor Brutus observou que, no Novo Testamento, nada indicava que a mãe de Jesus tivesse cabelos louros. Na Europa, a Virgem tinha pele clara, olhos azuis e cabelos cor de linho. No Brasil, a Virgem dos mares usava vestido branco, cinto azul, mas tinha olhos e cabelos negros como os das mulheres locais. No curso do candomblé, com alguma sorte, talvez ela se dignasse aparecer aos olhos de seus fiéis …

— Como assim, aparecer? — espantou-se Théo.

Não se tratava de uma aparição milagrosa. No candomblé, os deuses não se mostravam sob a forma de visões sublimes e luminosas à maneira da Virgem de Lourdes ou de Fátima. As divindades baixavam no corpo dos fiéis que lhe haviam sido consagrados após uma longa iniciação. O deus possuía o iniciado, transformava seu rosto, impunha-lhe sua dança e seus emblemas, depois voltava ao invisível enquanto esperava apossar-se de novo dele. O iniciado era chamado "cavalo", porque o deus o cavalgava durante a cerimônia.

— E é assim que vou ver Iemanjá? — inquietou-se Théo. — Sob a forma de uma mulher de compridos cabelos negros?

Mulher ou homem, precisou o primo Brutus. Os deuses eram indiferentes ao sexo de seus cavalos. Tudo dependia da iniciação, que não era coisa simples. Depois, quando o iniciado havia sido consagrado à sua divindade …

O professor Carneiro da Silva se calou.

— Por que parou no meio do caminho? — interveio tia Marthe. — Conte-lhe como é a iniciação!

— É que ela tem seus mistérios — murmurou o primo Brutus, — e eu não sei, querida …

— Ora, deixe disso! Um pouco de coragem … — ela insistiu. — Brutus não ousa te dizer que ele próprio é um iniciado!

— Você? — fez Théo, perplexo. — Você é o cavalo de um deus?

O digno professor aquiesceu sem dizer nada. Foi preciso tempo para persuadi-lo a falar! Tia Marthe repetiu que Brutus não era de forma alguma obrigado a dizer tudo e jurou por todos os seus deuses que nem ela nem Théo diriam uma só palavra a quem quer que fosse. Enfim, sob a condição de trancarem-se à chave no quarto de tia Marthe, Brutus cedeu. Arthur logo veio se esfregar nas suas pernas.

Três meses de convento

— É o seguinte — começou, acariciando Arthur. — Graças a um dos meus amigos, eu havia assistido várias vezes aos candomblés da Bahia, que me interessavam. Sou especialista em história do Brasil, entendam. Uma noite, sem que esperasse, comecei a ter arrepios e perdi a consciência, presa de um transe. Como a divindade tinha se manifestado, era preciso me iniciar. Foi o que meu amigo me aconselhou. Hesitei muito, porque a iniciação dura cerca

de três meses, mas eu tinha um sono agitado, minha cabeça andava tão pesada que … Resumindo, aceitei.

— Três meses! — exclamou Théo.

— Na África, a iniciação às vezes dura doze anos … mas, para transformar uma mulher ou um homem, o tempo é necessário. Meu amigo era um homem idoso situado no topo da hierarquia do candomblé: um pai-de-santo, como dizemos aqui. Eu tinha confiança nele. Então …

— Coragem — estimulou-o tia Marthe.

— Uma semana antes da iniciação, juntei-me a um grupo de futuros iniciados, trajando roupas brancas e munidos de objetos … de que não posso falar. Todos os dias íamos orar na igreja para obter a bênção do céu para nossa iniciação, e tomávamos banhos sagrados de água e de folhas.

— Sincretismo e companhia — comentou Théo.

— A Igreja ganha com isso preces, e nós, sua bênção. Não estamos mais na época em que os bruxos morriam na fogueira!

— Espero que tenha razão! — suspirou tia Marthe. — Continue.

— Chega a noite do deitar: mandam-nos deitar no chão, repreendem-nos em público, batem-nos por nossas besteiras …

— Quais? — perguntou Théo.

— Não sei o que fiz — admitiu Brutus. — Em todo caso, fui repreendido como os outros! Depois puseram uma pedra na cabeça de cada um e dançamos em séquito. Nossa mestra de iniciação pôs-se a chorar, porque íamos morrer. Chegara a hora de entrarmos no convento.

— Miau — fez Arthur, com muito senso de oportunidade.

— Morrer é conversa, como no N'Doeup — constatou Théo. — Mas o convento é como os nossos?

— A iniciação — replicou gravemente Brutus — é um casamento místico com o deus, que podemos comparar com o casamento das freiras com o

Esposo divino. O convento é o lugar onde entramos em reclusão. Não tenho o direito de falar dele. O que posso lhes dizer é que eu não estava em meu estado normal!

— Uma espécie de transe — interveio tia Marthe. — Puseram vocês fora de si, com toda a certeza! É verdade que o iniciado volta à infância, que brinca com trapos como uma criança? Que as responsáveis não deixam vocês um instante, como se tivessem três aninhos? Que vocês não sabem mais falar? Que depois o pai-de-santo arranca a língua de uma galinha com os dentes, torce-lhe o pescoço e cola as penas na cabeça de vocês com o sangue do sacrifício?

— Perguntas indiscretas — esquivou-se Brutus. — Posso lhes dizer que é no convento que nos lavam a cabeça para fixar nela o deus. A lavagem não se faz com água, mas com uma mistura de substâncias orgânicas que não se deve tirar durante a reclusão. A mestra de iniciação verifica a identidade do deus de cada iniciado, e a iniciação se consuma.

— Devem ter feito você mesmo pronunciar o nome do seu orixá — comentou tia Marthe. — Li que os iniciados em reclusão estavam mais ou menos drogados … Não precisa dizer nada! Continue.

— Ao cabo de três meses, vestidos de branco, cabeça raspada, saímos em público. Finalmente ressuscitamos. Fazem-nos dançar antes de nos fortalecerem pelo fogo: devemos pegar uns bolinhos no óleo fervendo que não nos queima. Depois nos mandam entrar de novo no convento para nos restituírem à vida normal. Ai! O gato está me arranhando!

— Não tem lembranças da sua reclusão, não é? — indagou tia Marthe.

— Isso também é segredo. Saí mudado dela. Eu era um sujeito exuberante, ora excitado, ora melancólico, sempre colérico, suscetível …

— Ainda lhe sobram resquícios de tudo isso! — ressaltou ela.

— Às vezes — admitiu Brutus. — Mas, antes, eu teria sido capaz de bater em Théo! Agora, meu orixá me guia e me acalma. Em troca, eu lhe entrego meu corpo para que ele se manifeste. É isso …

— Mas qual é o seu deus? — perguntou Théo com os olhos brilhando.

— Xangô — murmurou Brutus. — Deus do raio, justiceiro, violento, viril. Um pouco libertino às vezes.

— Xangô é são Jerônimo, não é? Engraçado, é o nome de meu pai, Jérôme …

Arthur aproveitou para pular no colo de Brutus.

Oxum, Iemanjá e Xangô

Brutus não contou mais nada. A cerimônia não ia demorar. No terreiro, tinham preparado desde a manhã a comida dos deuses para chamá-los à terra … Já era mais que hora de ir para lá, e de carro, porque aquele lugar de culto ficava fora de Salvador. Théo alimentou Arthur, que foi dormir na cama. Tia Marthe se preparou tão nervosamente que Théo ficou com a pulga atrás da orelha. Com certeza ela estava com medo de entrar de novo em transe!

Iluminada por velas, a entrada do terreiro não tinha nada de espetacular. Com suas palmas e suas cortinas, a sala de culto de teto plano se assemelhava vagamente com uma danceteria na praia, com um grande poste fincado bem no meio. Mas quando soou o som grave do sino, tudo mudou. Vestido de branco e coberto de colares, o pai-de-santo presidiu a abertura. Três tambores executaram o toque do primeiro deus chamado pelos cantos dos fiéis: Exu, o Legba da África, mensageiro dos homens. O pai-de-santo percorreu os fiéis, examinando-os um a um; quando cruzou o olhar de tia

Marthe, ela desviou vivamente a cabeça. Théo pegou-lhe a mão e apertou-a com toda a força … Quanto a Brutus, não era mais o mesmo.

Um primeiro grito ecoou. Uma mulher vestindo uma larga saia de renda titubeava fechando os olhos … Imediatamente o Pai-de-santo mandou levarem-na para o santuário. Amparada por dois assistentes, ela voltou de lá trazendo na cabeça uma tiara de lantejoulas de que pendiam fios de contas douradas que a velavam inteiramente. Brutus gritou "Oxum!", porque era ela, a deusa das águas doces, que cavalgava a possuída. As pulseiras tilintavam suavemente, suaves eram o espelho em que Oxum se mirava e o leque que a arejava … Uma segunda mulher foi acometida de leves tremores. Quando voltou adornada com os emblemas de seu orixá, também trazia uma tiara e empunhava um leque redondo.

— Duas Oxum! — espantou-se Théo.

— Não — sussurrou tia Marthe. — Olhe a cor de seu véu de contas. Cristal e prata … Escute o que os adeptos gritam. É a sua Iemanjá.

— Oi, querida! — falou Théo. — Tudo bem?

As duas mulheres giravam em torno do poste do meio ante o olhar penetrante do pai-de-santo, atento ao menor indício de transe entre os fiéis. O terceiro cavalo foi Brutus. Agitado por violentos arrepios, desapareceu por sua vez. Quando reapareceu, trazia um machado na mão e um colar vermelho e branco em volta do pescoço. Seria mesmo o professor Carneiro da Silva? Seu olhar brilhava, seus ombros estavam eretos, sua boca se espichava num muxoxo altaneiro, ele dançava com autoridade brandindo seu machado de dois gumes … Brutus tinha se tornado Xangô.

— Não é possível! — exclamou Théo.

— Ele não está melhor assim? — disse tia Marthe. — Gosto quando a África fala nele.

Tia Marthe tinha um ar calmo, nada assustada. Ela fechava os olhos para não ver muito, era sensata. Não se mexia, pelo menos não muito, em todo caso devagarinho, apoiando-se ora num pé, ora no outro. Théo tranquilizou-se. Mas no momento em que soltou a mão de tia Marthe, o pai-de-santo se aproximou dela e pegou-a pela cintura, apertando o indicador em sua testa, como se quisesse aparafusá-la com toda a força … Tia Marthe gemeu e abriu os olhos.

— Tia Marthe! — gritou Théo. — Tudo bem?

— Vamos sair — ela murmurou. — Minha cabeça está girando.

Lá fora ecoavam os três tambores e os cantos dos fiéis. Tia Marthe sentou-se num banco e recuperou a respiração.

— Aquele cara te machucou? — perguntou o rapaz, desconfiado.

— Acho que ele me impediu de recomeçar — ela suspirou. — Eu me sentia indo embora … E ele me chamou de volta. Devo-lhe uma boa vela!

— É? — espantou-se Théo. — Só um dedo na testa basta?

— O dele. O dedo do pai-de-santo. Oh! Ele tem força, garanto. Tenho certeza de que estou com a testa roxa …

— Você acha que se transformou num cavalo? — murmurou Théo impressionado.

— Nem numa égua! Sempre fui sensível aos tambores, só isso.

— Agora entendo por que você detesta o rock e a techno: — concluiu o sobrinho. — Só ouça Mozart, não tem riscos … Vamos voltar lá?

— Nunca na vida! Esperamos Brutus aqui fora.

Esperaram até o raiar do dia, encolhidos um contra o outro, os olhos arregalados fixando as velas que se apagaram uma a uma. Quando, depois de ter deixado Xangô dançar em seu lugar, o professor Carneiro da Silva veio ter com eles, estavam bem mais cansados do que ele. Brutus enfiou um papel no bolso de Théo adormecido e levou-o para o carro.

Brutus só apareceu de novo na noite seguinte. Tia Marthe e Théo haviam passado o dia todo na cama. Apesar das olheiras, o professor tinha os olhos brilhando.

— Parece que você quase sucumbiu a nossos deuses, querida — falou afetuosamente. — Pena que não continuou! Sabe de quem se tratava?

— Nem quero saber! — exclamou tia Marthe.

— Vou dizer mesmo assim — ele insistiu. — Você teria se tornado cavalo de Iansã, deusa das tempestades, a única capaz de dominar as almas dos mortos. Está aí um orixá que lhe cai como uma luva!

— Não quero ser cavalo — ela murmurou.

— Erro seu. No fundo, os orixás nada mais são que nossas características ocultas. Como cavalo de Iansã, não sentiria mais dor nas pernas e ficaria mais animada … mas o principal eu ainda não te disse, querida amiga: Iansã é mulher de Xangô …

— Obrigadíssima — fez ela. — Mas essas bodas não têm nada de verdadeiro.

— Só cabe a você torná-las reais, querida Marthe — retrucou gravemente Brutus.

— Espero que não esteja falando a sério — disse ela num sopro.

— Estou, sim — tornou Brutus, pegando-lhe a mão. — Nós nos conhecemos há tanto tempo! Os deuses falaram, Marthe …

— Olhem, se quiserem posso deixar vocês a sós — interveio Théo. — Vocês casando ou não casando, Arthur e eu estamos com fome.

Eles também, afinal. Théo tentou fazer Brutus falar sobre suas lembranças de Xangô. O professor não se lembrava de nada, e o pai-de-santo é que lhe revelara o orixá de tia Marthe. Ao sair do transe, Brutus esquecia tudo, com o que ficava plenamente satisfeito. Pensativa, tia Marthe observou-o devorar

um prato de camarões com apetite … Afinal de contas, o primo Brutus não era nada mal.

Na sobremesa, ele deu-se um tapa na testa.

— Você olhou o seu bolso, Théo? — disse de supetão. — Esqueci de te avisar …

— Já entendi — respondeu Théo abrindo o papelzinho. — Quem me manda a mensagem, Xangô ou Brutus? Prefiro Xangô, é mais divertido! Vejamos … *Siga a pista da África até a Grande Maçã*.

— Moleza — comentou tia Marthe.

— Grande Maçã … Isso me recorda alguma coisa — disse Théo. — Depois de dormir, eu me lembro.

Mal fecharam os olhos, tia Marthe e ele, o telefone tocou. Era a mãe.

— Mamãe? — atendeu Théo bocejando. — O que aconteceu? Não! Aqui é uma da manhã … Você se enganou com o fuso horário! Tudo bem com você? Não está mais sentindo as pernas pesadas? O que foi? Por que está rindo assim? Claro que sim, você está morrendo de rir … Tem certeza? Tem dormido bem? Bom, nós, justamente, não dormimos direito. Não, nada, uma festa que acabou tarde, estava ótima? Os exames? Tia Marthe nem me falou nisso … Como assim, posso fazê-los em Nova York? Os médicos acham que pode esperar? Então estou curado! Para dizer a verdade, já estava desconfiado … Ei, foi Nova York que você disse? Ah! Deu uma mancada. Vamos para Nova York … Tudo bem. Não, ela não vai ficar brava. Não se incomode, ela tem outras coisas na cabeça. Não, não, vai muito bem. O quê? Ah! É segredo … Um beijão pra você também. Para o resto do pessoal também …

Ela tinha desligado. Théo adormeceu em seguida, apesar do ronronar de Arthur.

Mas se enganara: tia Marthe ficou fula da vida. Como! Depois de tanto esforço para amarrar as mensagens, alguém vem e estraga uma bem no meio da noite! Uma mensagem divertida e fácil, ainda por cima!

— Fácil? — exclamou Brutus, passando manteiga no croissant. — Eu não teria descoberto. Grande Maçã?

— Como, você não conhece o apelido de Nova York? — rebateu ela. — Em que mundo você vive?

— Vivo no meu Brasil, ora essa — admitiu. — Nunca tive a oportunidade de provar a maçã. Você teria adivinhado, Théo?

— Já tinha — mentiu o rapaz. — Mamãe não tem culpa … Eu estava contente porque ela parecia alegre. Deixe para lá, tia Marthe. Quando partimos?

— Primeiro vai fazer seus exames — respondeu tia Marthe irritada. — Sua mãe sempre foi exagerada. Antes, se preocupava demais, agora divaga! Não sei direito que bicho a mordeu, mas nem pensar em relaxar o acompanhamento médico. Aliás, vamos ao hospital sem marcar hora. Agora. Pronto!

— A gente faz o que você quiser — interveio Brutus, — mas não se zangue mais, por favor … Escute, Théo, eu vou te levar ao hospital enquanto nossa querida Marthe descansa.

— Descansar, eu? Não estou precisando!

— Pois mesmo assim vai descansar! — proferiu Brutus erguendo a voz e levantando-se da mesa. — Para ver se se acalma!

Espantada, ela se calou. Théo apertou a mão do primo Brutus que piscou o olho para ele.

— Nada mal — disse Théo no elevador. — Ninguém nunca falou com ela nesse tom!

— Está vendo? — sorriu Brutus. — É minha natureza secreta, sabe …

Depois do hospital, Brutus levou Théo para se entupir de doce de leite. E então perambularam pela praia, no meio da multidão de banhistas. Brutus comprou sorvetes, tocou um violão tomado de empréstimo de um músico da rua, cantou com uma voz muito bonita, cumpre reconhecer, e obteve um certo reconhecimento dos curiosos. Quando voltaram do passeio, tia Marthe estava com os olhos vermelhos.

— Deveríamos ter voltado para o Rio, para fazer lá os exames — ela gemeu. — Não fui razoável … Por que você não se opôs, Brutus?

— Théo vai muito melhor, querida … Veja quanta energia! Doente, ele? Esses exames não eram necessários! Você insistiu por mania de autoridade, Marthe, só por isso.

— Juro … — replicou ela queixosa. — Brutus, acredite em mim …

— Acredito, acredito — tornou ele precipitadamente. — Não chore mais. Vamos fazer o seguinte …

Enquanto esperavam os resultados, foram para a foz do Amazonas, em Belém, onde as árvores frondosas mitigavam o calor úmido. Brutus levou-os para a feira da mandinga para descobrirem os encantos protetores e os filtros de amor, cobras conservadas em estranhos licores ou vaginas secas de botos fêmeas, poderoso auxiliar para os amantes. Tia Marthe não quis tocar naqueles sexos de mamíferos de aparência repugnante e contentou-se com um frasco transparente, por causa da etiqueta onde sorriam dois namorados abraçados. Por via das dúvidas, Théo comprou três filtros, mais uma cabeça de cobra mumificada para divertir Arthur. Brutus avaliou os produtos, apalpou algumas pelagens, cheirou unguentos e decidiu-se por uma garra de tatu.

— Aqui, domina o espírito índio — falou. — O sangue de meus ancestrais africanos me inspira.

— Seus ancestrais africanos? — exclamou Théo. — Então você está em seu ambiente!

— Claro. Em Belém, pratica-se o culto dos caboclos, que são os mestiços de negros e índios. Por sorte, herdei os três ramos ao mesmo tempo, o branco, o negro e o índio. Sozinho sou o Brasil inteiro!

— Está vendo, tia Marthe, ele não renega sua África — constatou Théo. — Seu primo tinha dito …

— Meu primo! — gargalhou Brutus. — Ele tem raiva de ser somente português … Venham, vou fazer vocês provarem um prato interessante.

O ensopado de pato não parecia ter nada de especial. Mas Brutus avisou tia Marthe e Théo: o pato apimentado queimava a boca e o purê de tucupi, uma erva, apagava o fogo. Um bocado de pato, outro de tucupi. Ao provar a ave apimentada, tia Marthe quase sufocou; Brutus enfiou-lhe uma colher de purê na boca …

— Não sinto mais nada — disse ela surpresa. — Até parece que minha língua é de madeira!

Era esse o segredo da estranha aliança entre a pimenta e a erva tucupi, anestésico digno de um consultório dentário. Para dizer a verdade, entre o fogo e o nada, não dava tempo de apreciar gosto algum, de modo que Théo foi à forra nos doces. Autoritariamente, Brutus pôs tia Marthe no regime. Proibida de comer doces!

— Com que direito você se mete na minha vida? — ela ralhou. — Ninguém nunca me tratou assim!

— Tudo tem um começo, querida — decretou Brutus tirando o prato dela. — Sou magro demais, você, cheia demais.

A título de consolo, comprou os emblemas do orixá de tia Marthe, uma grande espada de madeira, um rabo de cavalo, um colar de granada, a pedra da deusa das tempestades.

— Quando você se zangar, querida, pegue sua espada — disse-lhe com ternura. — Vai ficar com uma bela aparência …

Passeios pelo cinzento Amazonas, barcos carregados de redes usadas, ecos furtivos de passarinhos na floresta, pobres rostos enrugados das vendedoras do mercado, carregadores sucumbindo sob os sacos, peixes enormes com escamas duras como pau, peixes-boi, fim do mundo … O Amazonas era triste, mas Brutus estava todo aceso. Conquistada, tia Marthe deixou-se convencer a visitar as cidades barrocas do interior do Brasil, em Minas Gerais. Conversa vai, conversa vem, Brutus passeou com eles durante três semanas. Enfim, presa de remorsos, tia Marthe resolveu voltar à Bahia para pegarem os resultados.

Catástrofe! Contra todas as expectativas, eram desastrosos … Tia Marthe precipitou-se para o telefone e ligou para seu contato em Nova York, para hospitalizar Théo. Quem sabe se os americanos não fariam um milagre? Mas para cúmulo do azar, o "guia" de Nova York estava de cama, com hepatite. O sistema de tia Marthe ia por água abaixo.

Brutus sumiu. Tia Marthe lançou contra ele toda sorte de maldições, jurou que vingaria aquela inominável covardia, telefonou para tudo o que é canto, mas não encontrou ninguém para vir ajudá-la. Pânico a bordo. Théo pegou Arthur no colo e chorou em seu canto. O pior seria avisar a mãe dele. Tudo perdido! Em uma hora, a aventura tinha se tornado um pesadelo. Tia Marthe veio abaixo. Quando Brutus voltou na ponta dos pés, ela soluçava a ponto de ficar sem fôlego.

— Marthe, foi um erro — ele murmurou.

— Um erro fatal! — ela gemeu. — Como é que eu pude acreditar … A culpa é minha! Sua também!

— O hospital enganou-se de paciente — afirmou ele tirando um papelório do bolso. — Foi de fato um erro. Deixamos passar tempo

demais … Os resultados verdadeiros estão aqui. Bem melhores!

Ela pulou no pescoço de Brutus, tamanha a alegria. E como o guia nova-iorquino estava fora do jogo, tia Marthe convido Brutus a acompanhá-los até lá, à Grande Maçã que ele não conhecia. Na euforia geral, Brutus aceitou.

— Quer saber de uma coisa? — disse Théo ao gato, ao ver tia Marthe ajustar a gravata-borboleta do professor Carneiro da Silva. — Primeiro, eu sabia muito bem que estava curado. Segundo, aqueles dois vão acabar se casando …

28

O grande protesto

Mau começo na Grande Maçã

Era a primeira vez que ninguém os esperava no aeroporto. Imobilizada pela fila de espera diante dos controles da polícia americana, tia Marthe irritou-se um bocado.

— Aqui é sempre assim! Leva horas!

— Espada de pau! — proferiu Brutus.

Tia Marthe fitou-o sem entender.

— Pegue sua espada de deusa, querida — disse ele inclinando-se. — Sua cólera será mais eficaz …

Ela pôs-se a rir. Excitado pelas gargalhadas, Arthur, carregado escondido na sacola de Brutus, miou, chamando a atenção dos policiais. A multa foi salgada. Nova York se anunciava mal. Encarregado de arranjar um táxi, Brutus voltou com uma limusine preta de vidros escuros, alarmando a eleita do seu coração, que conhecia os preços.

— Eu pago — disse ele nobremente.

— Você não tem um tostão furado! — retorquiu tia Marthe.

— Vendo minha biblioteca — ele suspirou.

— Não diga bobagem! — ela rebateu ternamente. — Sou rica o bastante para dois!

— Quando acabarem, vamos para o hotel — disse Théo.

O hotel! Na correria, tia Marthe tinha se esquecido de fazer a reserva … Planejara ficar na casa de Noémi, mas Noémi estava doente; resumindo, de avenida em avenida, vagaram duas horas de limusine antes de encontrar dois quartos apertados num hotel para estudantes perto da New York University. Tia Marthe decidiu que a Grande Maçã perdera seus encantos, mas Théo adorou as fachadas de vidro, os tetos irregulares dos arranha-céus, os pequenos jardins, os campos de futebol gradeados e, nas ruas, as pessoas estranhas, cada um por si mas todos juntos … deixou tia Marthe explodir e Brutus acalmá-la.

Alimentado Arthur, despachadas as bagagens, trocadas as roupas, foi preciso avisar os pais de Théo, dar o telefone do hotel, explicar o longo silêncio e a história dos exames errados. Ainda bem que Brutus estava lá!

— Brutus? Que Brutus? — perguntou Jérôme.

— Brutus, ora! — exclamou tia Marthe. — Claro que conhece. O professor Carneiro da Silva. Isso, o historiador brasileiro. Nome esquisito, você acha? Eu não acho assim tão detestável. Ele veio conosco a Nova York. Por quê? Jérôme, você está me enchendo a paciência com suas perguntas … porque sim, ora essa!

Plof! Ela desligou. O pai não melhorou o humor de tia Marthe. Ela decidiu que iriam deixar Arthur na casa de Noémi, para não ficarem atravancados. Não adiantou nada Théo suplicar, tia Marthe meteu Arthur na sacola, pulou num táxi e voltou de cara amarrada uma hora depois.

— Por que você fez isso? — choramingou Théo. — Que fim meu gato vai levar?

— Ele pulou na cama de Noémi — disse ela. — Está te traindo!

— Por que você é tão má comigo?

— Porque sim! — ela gritou exasperada.

Brutus tentou falar da espada de pau, mas tia Marthe não queria se acalmar. Só relaxou um pouco na cafeteria, café à vontade, panquecas e xarope de *maple*.

— Pfff! — ela suspirou. — Não há liberdade neste mundo. A gente tem que estar sempre se justificando …

— Falando nisso — arriscou Théo prudentemente, — acabamos de dar a volta ao mundo das religiões, não? Judeus, católicos, muçulmanos, animistas, hindus, budistas, confucionistas, xintoístas … Não vimos tudo?

— Que pergunta! — ela se indignou. — Claro que não! Encontre a resposta, sobrinho querido. Por que será que estamos nos Estados Unidos da América?

— Não sei — respondeu Théo. — Por causa das seitas malucas?

— Isso tem no mundo todo — ela replicou. — Pense!

— Protesto! — interveio Brutus. — Você não está ajudando o rapaz! Théo, ainda falta você explorar uma religião fundamental, uma das principais do mundo, majoritária aqui. Protesto …

— Proteste, proteste, o mundo não vai acabar por isso — ironizou tia Marthe.

— Majoritária aqui? — murmurou Théo. — Os caras que pregam aos berros na tevê? Ah! Já sei. Os protestantes.

— Até que enfim! — ela exclamou. — Ainda bem que Brutus te ajudou … "Protesto" foi mesmo um achado. Brutus, você é maravilhoso.

— Ééé — fez Théo. — Meio pesadão. Aliás, além de terem sido massacrados, um monte deles, na noite de são Bartolomeu, em Paris, nem sei no que os protestantes acreditam.

— Na verdade, eu também não — falou Brutus. — Que tal nos esclarecer, querida?

Quando o papa se torna o Anticristo

Feliz por entoar seu refrão anticlerical, tia Marthe deleitou se com o pedido.

Contra o que se revoltaram os protestantes no século XVI? Contra os incontáveis abusos da Igreja apostólica romana. Os padres pervertiam-se publicamente, viviam em concubinato, engravidavam as virgens e enchiam os bolsos com o dinheiro que os fiéis tinham de desembolsar por quase tudo. Os batismos, os funerais, os casamentos, os registros, as esmolas e, sobretudo, as indulgências. Porque, de tanto degenerar, a Igreja inventara um sistema de resgate dos pecados.

O pecador podia pagar "indulgências" fornecidas pela Igreja, a preço de custo. Se o pecado fosse grande, o pecador comprava um pacote de indulgências, isto é, o perdão garantido. Esse tráfico rendia um dinheirão! Com medo de irem para o inferno, os cristãos investiam nas indulgências como hoje se especula na Bolsa, com a diferença de que, em vez de formarem um pecúlio para quando se aposentassem, compravam a aposentadoria eterna, um bom investimento … Os pobres, bem, ficariam a ver navios.

Não era o único tráfico da Igreja. Ela vendia relíquias, pedaços da Verdadeira Cruz, cabelo de santa Úrsula, metacarpo de são Sebastião, mortalha de são José, pelo da barba de são Tiago, lágrimas da Virgem. Se esse bricabraque fosse juntado num mesmo lugar, pareceria a feira da

mandinga de Belém do Pará. Em resumo, a Igreja rumava direto para um paganismo sem limites. Ora, quem comandava a Igreja? O papa. Quem se comportava como um chefe de guerra, com elmo e armadura, conduzindo seu exército nos campos de batalha em nome da Igreja? O papa. Quem reinava sobre as riquezas da Igreja? Quem ousava ter amantes e filhos, apesar do sacerdócio? O papa.

— Verdade? — exclamou Théo. — Todos os papas?

Na verdade, um só, Alexandre Borgia. Mas os outros não eram irrepreensíveis. Quem deixava a Inquisição ter livre curso, quem mandava para a fogueira qualquer contestador? O papa. Injusto, criminoso, indigno da herança de são Pedro, o papa, qualquer que fosse, tinha se tornado o "Anticristo".

A revolta fermentava fazia muito, quando um monge católico chamado Martinho Lutero decidiu propor a reforma da Igreja. Claro, purgá-la de seus erros não era uma ideia nova: vários sacerdotes eruditos sonhavam com isso fazia um século. Lutero não era, portanto, o primeiro reformador, mas, ao contrário de seus distantes predecessores, não morreu por causa disso. Excomungado pela Igreja em 1520, Lutero queimou solenemente a bula que o condenava. Pior, tornou público um escrito que intitulou *Porque os livros do papa e de seus discípulos foram queimados pelo doutor Martinho Lutero*. Em outros tempos, teria sido queimado numa fogueira. O que não aconteceu porque os príncipes alemães, cansados dos abusos da Igreja, aliaram-se às posições de Lutero. Eles o ajudaram a escapar dos mandados de prisão, das ameaças, esconderam-no sob um nome falso e Lutero sobreviveu. Grande vitória! Estados inteiros se converteram ao que passou a ser chamado de Reforma, imenso movimento de protesto contra a autoridade da Igreja e do papa. Os reformadores não demoraram a sentir apenas desprezo pelos que chamariam de "papistas".

Depois de muitos outros, Martinho Lutero queria voltar ao cristianismo das origens. Sem papa, sem conventos, sem comércio sagrado. Sem hierarquia e sem clero, sem atentado à igualdade dos filhos de Cristo. A proibição do casamento dos padres não existia nos primórdios da Igreja: imposta bem mais tarde pelos papas, não constava dos Evangelhos. Lutero mandou-a às favas, junto com seu hábito de monge e se casou com a freira Catarina, que escapara de um convento com suas irmãs rebeldes. A ideia da Reforma era simples: despojar a Igreja de seus disfarces, renunciar às mentiras, às falsificações das Sagradas Escrituras. Voltar à Bíblia, adotá-la como guia. Principalmente, aceitar a graça da fé, vivê-la com intensidade, de todo o coração. Somente a graça de Deus salvava a alma. Porque Lutero não se contentava com criticar a Igreja romana: ele desejava apaixonadamente reencontrar seu contato com Deus.

— Um místico! — exclamou Théo. — Tinha êxtases?

Não estava longe do êxtase. Seu destino era marcado pela estranheza … Aterrorizado com uma tempestade, Martinho Lutero fez a promessa de entrar para um convento se escapasse vivo dela. Corajosamente, esforçou-se por se tornar um bom monge. Martirizou-se, obrigou-se ao jejum, às vigílias, à prova do frio. Não adiantou. Apesar da sua sinceridade, o monge Martinho Lutero não dominava nem seus violentos movimentos de humor, nem o amor da carne que o atazanava. Em resumo, ele amava perdidamente a vida. Acusou Satã de tê-lo apavorado para se apossar da sua alma, duvidou de si mesmo, do convento, do cristianismo, até o dia em que descobriu a iluminação de uma fé despojada. Longe das imposições da Igreja, como a fé era simples!

— Esquisito — comentou Théo. — Parece Buda ao quebrar o jejum … Torturam o corpo por todos os meios e o divino volta com tudo.

Sem dúvida. Mas, ao contrário de Buda, Lutero conheceu a vida toda os mesmos tormentos. Ora exaltado, ora abatido. Inspirado ou derrotado, vítima de terríveis dores de cabeça, Lutero desenvolvia uma atividade frenética ou caía numa melancolia inativa. Devorando vorazmente a vida nos períodos fastos, bebendo bem, comendo bem, o bicho-papão de Deus se decompunha durante longos meses. Esse temperamento feito de violência sagrada possuía força bastante para lançar a Reforma, e fraqueza bastante para não fazer dele um santo.

— Humano, humano demais … — concluiu tia Marthe.

— Injusto, contraditório, excessivo — retrucou Brutus. — Lutero era implacável com seus principais inimigos: o papa, o diabo, os turcos … e os judeus. Lutero não hesitou em apoiar o massacre dos camponeses pelos príncipes alemães. Lutero não se dobrou, é verdade, mas manipulou o ferro e o fogo, como o papa!

— Ué, você não disse que não conhecia patavina do protestantismo? — espantou-se tia Marthe.

— Bem, quero dizer … tenho que confessar uma coisa. É o seguinte. Menti um pouquinho para melhor te ouvir, querida! Fiz bem, porque, sobre a Reforma, tenho ideias diferentes das suas …

Quando o mundo cristão se esfacela

Brutus tinha sua versão. Martinho Lutero não teria saído da sombra se sua força não se tivesse manifestado no momento adequado. Porque o século XVI era o ponto de chegada de um longo caminho. Fazia muito que o mundo cristão estava se esfacelando. Dizimado pela peste negra, obcecado pela morte, perecendo de guerras e fome, ameaçado pelo império turco, ele tinha perdido a cabeça. A história não tinha mais nenhum sentido, logo o

Juízo Final se aproximava. Os pregadores começaram a amaldiçoar os danados, perseguiram as bruxas, ameaçaram os crentes de catástrofe à mais ínfima falta … Viram-se crimes abomináveis, seitas suicidas, crianças sacrificadas … Apavorados, os crentes só pensavam na morte, que levaria direto ao Inferno tão repisado pelos padres.

— Até parece o mundo de hoje! — observou Théo.

De fato, para se proteger da danação eterna, nasceram a paixão pelas relíquias e o tráfico das indulgências. O papa era responsável pela crise coletiva de um mundo que se esfacelava? Não, porque não podia fazer nada para detê-la. Mas era o chefe, o bode expiatório de uma Igreja em perdição. Privados então de guia, os cristãos procuraram seus próprios caminhos. Uns encontraram na Mãe de Cristo a figura que os tranquilizava: Nossa Senhora do Socorro. Acrescentaram a mãe da mãe, santa Ana, avó de Jesus: foi a ela que Lutero fez a promessa de entrar para o convento. Outros buscaram no êxtase um meio de sair de um mundo horrível. Enfim, alguns pensaram que, se a Igreja não era mais capaz de cumprir sua missão, bastava cumpri-la de outro modo, sem esperar. Todo cristão era responsável pelos Evangelhos. Portanto todo cristão, qualquer que fosse seu nível, podia ter razão contra o papa. Era preciso arregaçar as mangas.

Ao lado disso, após Lutero, sobreveio um acontecimento considerável: a invenção da imprensa. O clero e os monges não eram mais os únicos a poder ler os livros da Bíblia: bastava aprender a ler para descobri-la. Publicada, também foi traduzida e tornou-se acessível a milhares de pessoas: não era muito, mas o bastante para que os novos leitores pudessem interpretá-la por si próprios como gente grande. De repente, a informação circulava como nunca antes … A Europa entrou em ebulição: o mundo que se imaginava fechado se abria.

— Então o livro foi a Internet do século XVI! — exclamou Théo.

O livro não, mas a imprensa, com certeza. No momento em que o cristianismo do clero ia abaixo, a assembleia dos fiéis apoderou-se da Bíblia e ergueu de novo a cabeça. Antes da invenção da imprensa, Lutero havia traduzido a Bíblia para o alemão. Foi um desses fiéis, um crente entre outros, um exaltado servido pela violência da sua revolta. Era por isso que Brutus não admirava muito o fundador da Reforma, tanto mais que depois dele outros acabaram o trabalho começado.

— O caso clássico — comentou Théo. — Nunca está sozinho quem funda uma religião. Morre e, plaf!, os outros mudam tudo.

Tia Marthe insurgiu-se: "os outros" não tinham mudado "tudo". Lutero havia lançado os verdadeiros fundamentos da Reforma: a busca interior, o abandono a Deus, único senhor. A graça da fé dependia dele, assim Deus havia iluminado Martinho Lutero no momento em que o pobre monge atormentado naufragava na escuridão da dúvida. O homem nada podia sem Deus para alcançar a fé. Não era livre para fazer o bem e o mal, porque tudo dependia de Deus. Até então, quem protegia os cristãos do diabo, quem garantia a salvação? A Igreja e seu patrono, o papa. Ora, como Lutero comprovava, era possível dispensar a Igreja abandonando-se à confiança em Deus, isto é, à fé. Driblada, a Igreja se tornava inútil.

— Vejam só — fez Théo. — Quer dizer então que foi o papa em pessoa que cortou a corda entre o céu e a terra?

Para Lutero, sim. O fundador da Reforma havia restabelecido o vínculo com Deus.

— Bem, não é novidade — falou Brutus.

— Claro que é! — rebateu tia Marthe irritada. — Porque Lutero não se contentou com Deus só para si. A verdadeira Igreja está nos corações, dizia ele. Ele recuperou a verdadeira definição de Igreja, *ecclesia*, assembleia dos crentes em torno do Evangelho.

— Não foi Lutero! — protestou Brutus. — Foi Calvino!

— Você está se esquecendo de Jan Hus! — rebateu ela.

— Ei, calma aí, namoradinhos — interveio Théo. — Em vez de ficarem jogando nomes um na cara do outro, seria melhor me explicarem o que fazem os protestantes. Afinal essa gente reza! Têm um culto! Qual?

— Eu me pergunto — respondeu Brutus. — Os que conheço não parecem respirar a confiança em Deus. São tristes como flores de velório!

— Pois bem, vou levar vocês a mudar de opinião — disse tia Marthe. — Esperem até amanhã, vão ficar surpresos.

Emoções africanas

O dia seguinte era domingo, dia do Senhor. Tia Marthe, Brutus e Théo dirigiram-se à rua 130, na igreja abissínia, onde entravam famílias africanas endomingadas. Cabelos alisados com gel, as meninas usavam vestidos de babados, as senhoras, chapeuzinhos com véu, às vezes trajes de noite enfeitados, os homens, ternos elegantes. A multidão era tão compacta que tiveram de esperar no adro para entrar na igreja. Junto do harmônio, do lado esquerdo, estava o coro composto de três mulheres com sobrepelizes azul-rei.

— Quase não tem brancos — constatou Théo, batendo a sola do sapato na calçada. — É uma igreja reservada aos africanos?

— Não propriamente — respondeu tia Marthe. — Mas pense um pouco. A pista da África é a deixada pelos escravos. Eles eram milhões nos Estados Unidos da América … E a mestiçagem entre brancos e negros era estritamente proibida. Os escravos afro-americanos só foram libertados com a guerra de Secessão …

— Por causa de Abraham Lincoln — cortou Théo.

— Na mesma época, a mestiçagem já realizara sua obra de fusão no Brasil. Mas aqui onde se encontrou a África escravizada? Em casebres miseráveis e nas plantações dos senhores. A África foi batizada à força. Como encontrá-la, a não ser pela voz e pelo ritmo dos algodoais? Os escravos africanos cantavam. Uma vez libertados, foi outra história. Antes da guerra civil, os filhos dos escravos viviam com os filhos dos amos … mas depois!

— Não vai me dizer que depois da libertação foi pior …

— Melhor é que não foi — suspirou ela. — Os senhores de escravos vencidos os rejeitaram … As duas sociedades, a branca e a negra, eram separadas por uma segregação implacável. Nasceram assim os guetos negros. Em certo sentido, eles salvaram a África nos Estados Unidos. Cortados dos brancos, os negros puderam viver à sua maneira.

— Eu não falo "negros" — afirmou Théo. — Prefiro dizer "africanos da América". Senão é racismo!

— Se você prefere, Théo, tudo bem. Não vou questionar. Então, como antes nas plantações de algodão, floresceram nos bairros pobres o *negro spiritual,* o *gospel* e o *blue*s, queixumes consoladores longe dos brancos … Depois, por terem direito a apenas dois ou três instrumentos de música, os africanos da América inventaram o jazz, primeira reconquista obtida sobre o mundo dos senhores.

— De acordo, mas onde está o religioso nisso aí?

— Você vai ver. O ofício vai começar.

Os fiéis estavam sentados nos bancos, em face de um pódio onde um homem idoso de sobrepeliz amarelo-ouro mantinha-se de pé. O pastor. As mãos postas sobre a Bíblia, começou lentamente o sermão. Mal dava para ouvi-lo; ainda se preparava. Depois sua voz se elevou, se inflamou … Ele se pôs a gritar apontando o dedo para a multidão.

— O diabo está entre vocês!

— *Yeah*! — respondeu a multidão batendo as mãos.

— Vocês não conhecem o rosto dele, mas ele anda por aí, sim, ele está por aí!

— *Yeah*! — gritou a multidão.

— É você? — lançou apontando um dedo acusador.

— Ou será você, irmão?

— Não! — respondeu a multidão.

— Mentira! Ele se insinua em toda parte … Eu o vi entrar na minha igreja … Ele estava todo vermelho! Sim, eu o vi instalar-se na primeira fila e me olhar com um ar insolente!

— Ai! — gemeu a multidão.

— Eu o escorracei com o Livro!

— Aleluia! — suspirou a multidão.

— Quem protegerá vocês dele, irmãos e irmãs? — berrou. — Quem?

— JE-SUS … — respondeu a multidão balançando-se num mesmo ritmo.

A um sinal invisível, o pastor e a multidão puseram-se a cantar e a dançar batendo as mãos em cadência. Era uma vaga imensa rolando de banco em banco, uma só voz, um só corpo. Os chapéus, as tranças das meninas, as flores dos chapéus, as mãos enluvadas ondulavam … Ninguém berrava, ninguém caía. Nenhum transe surgia da vaga humana agitada. Nenhum toque de tambor, só o som unânime das palmas das mãos batidas uma contra a outra. Um deus múltiplo balançando ao ritmo do nome de Jesus. Imóveis, tia Marthe e Théo não ousavam perturbar o harmonioso movimento. Brutus entrou na dança.

— Mas vocês escolheram o batismo! — lançou o pastor.

— *Yeah*! — murmurou a multidão em êxtase.

— Vocês foram purificados pela imersão na fé! Sabem no que creem?

— *Yeah*!

— Na Bíblia! — berrou ele. — Só ela é nosso guia! Graças à Bíblia, vocês vivem sua fé!

— Amém …

— Somente ela, irmãos e irmãs, combaterá a droga do demônio, o mal que corrompe nossos filhos, devora a cabeça deles e os mata!

— Ai …

— Ele, o diabo vermelho, que priva vocês de Deus e leva vocês à pobreza!

— Sim …

— A igualdade de todos no seio da nossa Igreja! Sem separação, sem injustiça! Cada um de nós é apenas um entre os outros! Em nome de quem a fraternidade, irmãos e irmãs, de quem?

— JE-SUS! — respondeu a multidão batendo os pés.

Os braços se ergueram, gritos agudos surgiram, mulheres se jogaram fechando os olhos de felicidade, corpos estremeceram, as mãos começaram a bater ritmos alternados, síncopes, contrapontos, música. O transe estava ali. Controlado, guiado pelos cantos no auge da sua força. Brutus parou de repente.

— Amai-vos uns aos outros! — gritou o pastor.

— Amemo-nos! — respondeu a multidão.

Nos bancos circularam beijos de paz acompanhados da fórmula: "Eu te amo, irmão. Eu te amo, irmã".

— E são cristãos? — sussurrou Théo.

— Claro que sim — respondeu tia Marthe. — Batistas.

— Eu gostaria de sair — murmurou Brutus. — Afinal, não é a minha África.

Viram-se à mesa diante de tortas repletas de creme chantilly. Pretextando que o ofício mexera com ele, Brutus entupiu-se como de costume.

— Você disse que esses africanos americanos eram batistas, não foi? — perguntou Théo a tia Marthe. — Explique!

— Vou logo avisando que vai ser demorado. Não é, Brutus?

— Humpf! — respondeu ele, com a boca cheia de chocolate.

— De qualquer modo, você não sabe nada a esse respeito.

A reforma iniciada por Martinho Lutero lançara um movimento irreversível. Logo a febre purificadora agitava numerosas regiões da Europa, a Flandres, a Alemanha … Por toda parte apareciam pregadores revolucionários chamando à igualdade, assim como à luta contra os ricos: como o sofrimento de Cristo na cruz, o sofrimento do povo ia quebrar as leis. Nomeado por recomendação de Lutero, um desses pregadores se destacou. Orador inspirado, Thomas Müntzer ia mais longe que Lutero no caminho da revolta dos pobres … porque o honrado Lutero, apavorado com a desordem nas cidades, afirmou de saída que os príncipes tinham o direito divino de exterminar os revoltados seguidores de seu ex-discípulo.

Thomas Müntzer ergueu-se contra seu mestre, fundou uma democracia dos puros, pregou a liberdade como condição da palavra divina e foi executado sob os aplausos de Lutero. Foi o primeiro dos chamados "anabatistas", porque preconizava a liberdade do batismo na idade adulta.

No entanto, depois da sua morte, o pregador da democracia dos puros inspirou um movimento messiânico muito mais radical. Na cidade de Münster, um padeiro e um alfaiate instituíram uma espécie de reino bíblico igualitário. Vindo da Holanda, Jan Matthij quis passar os ímpios pelas armas e organizou uma comunidade baseada na comunhão dos bens. Outro holandês, Jan Beukels, dito João de Leiden, intitulou-se "Rei de Justiça",

autorizou a poligamia e se fez passar por um deus. O anabatismo ganhava fôlego! Para a Igreja católica, era demais … O bispo do "Anticristo" lançou suas tropas contra a cidade celeste de Münster e o reino utópico veio abaixo, banhado pelo sangue de seus fiéis. Os corpos dos líderes anabatistas foram expostos em gaiolas de ferro penduradas nas torres da Lambertikirche, a igreja gótica de Münster, na Alemanha.

— Continuo sem saber onde estão os batistas! — exclamou Théo. — Por enquanto, é só loucura e massacre …

A Reforma vinha à luz numa dor obscura … As ideias de Lutero eram ultrapassadas por pequenos grupos de fiéis que queriam se organizar livremente, com regras próprias. Entre essas regras era comum estar o batismo dos adultos, escolhido em toda a liberdade, com imersão completa do batizado na água do Jordão, como João Batista fez com Jesus.

— Agora entendi! — fez Théo. — Os batistas!

Na época, eram chamados anabatistas. Mas o horrível cerco da louca cidade de Münster deixara marcas que demoraram para ser apagadas. Foi necessário um bom século para que nascesse a verdadeira religião batista, na Inglaterra. A religião batista anglo-saxã repousava em fundamentos inabaláveis: a Bíblia é a autoridade suprema, o batismo é reservado apenas aos crentes, a Igreja é constituída apenas dos crentes, todos iguais, sem nenhuma relação com o Estado e o poder. E cada um devia atestar sua fé com coração e simplicidade, sem passar pelo dogma, pelas regras ou pelos sacramentos … A religião batista emigrou em seguida para os Estados Unidos, terra de liberdade, refúgio de numerosos protestantes perseguidos. Nos Estados Unidos, a Igreja batista agiu no sentido da liberdade e da igualdade: seu mais ilustre representante foi Martin Luther King …

— Ele? — exclamou Théo. — O não-violento, assassinado como Gandhi?

O próprio. Sim, o defensor dos direitos civis para os afro-americanos, o ardente pacifista, era um pastor batista fiel à fonte da sua Igreja.

— Agora entendo por que os africanos da América se tornaram batistas — comentou Théo. — Tinham toda a razão! Mas, para seguir com precisão a história da Igreja batista, era preciso fazer um longo desvio pela Inglaterra.

No século XVI, em plena mutação da Europa, a Reforma teve aí um curioso destino. O rei da Inglaterra se apaixonou. Ora, ele era casado e, como o papa não quis lhe conceder o divórcio, o rei Henrique VIII fez-se reconhecer por seu Parlamento como chefe supremo da Igreja anglicana da Inglaterra. Concedeu a si mesmo o divórcio recusado pelo papa, e pronto.

No início, o anglicanismo não passava de um catolicismo sem papa. Alguns anos depois, porém, fortalecido pela rainha Elizabeth, primeira deste nome, evoluiu no sentido de um protestantismo rigoroso antes de provocar verdadeiras guerras entre os "papistas" ingleses e os que foram chamados de "puritanos". Amantes da pureza, como outrora Thomas Müntzer, os puritanos não aceitavam nenhuma outra autoridade além da Bíblia, ao passo que os papistas obedeciam ao papa, como seu nome indicava. Depois, sucedendo aos reis anglicanos, Carlos I, soberano católico, deixou os puritanos serem perseguidos. Deu-se mal! A revolta eclodiu, um exército se formou e Oliver Cromwell, líder dos puritanos, decapitou o rei Carlos em praça pública.

— Puritano não quer dizer careta? — perguntou Théo.

O verdadeiro puritano buscava a pureza e desconfiava das tentações do diabo: na época de Cromwell, para lutar contra a depravação, homens e mulheres usavam gola alta, roupas pretas e não se concediam nenhum dos prazeres da vida. Os divertimentos eram condenados, a música era suspeita …

— Uns integristas! — exclamou Théo.

Era este o reverso da medalha: os protestantes costumavam ter medo demais do diabo … Fora da Bíblia, não havia salvação! Ai das ovelhas desgarradas pelo Maligno! Não existia perdão no protestantismo: as pessoas eram salvas ou danadas, sem nuances. Atormentadas por Satã, comunidades protestantes executaram, no século XVII, na cidadezinha de Salem, nos Estados Unidos, dezenove feiticeiras, culpadas de tudo e de nada, suspeitas por sua beleza, por seu linguajar, por seu olhar, resumindo, enforcaram inocentes … Os vestígios desses surtos de loucura nunca desapareceram. Marcados pelo protestantismo rígido dos primeiros emigrados, os Estados Unidos da América assistiam regularmente a ondas de puritanismo e de caça às bruxas, que refluíam de uma maneira ou de outra. A liberdade americana voltava-se contra si mesma, a pureza causava estragos, o ideal da Reforma se perdia.

— É o que eu dizia, uns caretas! — concluiu Théo.

— Uns pessimistas!, corrigiu Brutus. Os anglicanos da Inglaterra acreditavam no conhecimento do bem apenas pela razão; mas, para os puritanos, o homem havia sido inteiramente pervertido pelo pecado original. Os anglicanos queriam reformar a terra tal como ela é; mas os puritanos construíam a Jerusalém celeste mudando a sociedade de cabo a rabo. Os anglicanos tinham uma vida mais amena, mas os puritanos mostravam mais energia … Foi no vácuo desse divórcio que a Igreja batista se instalou na Inglaterra. Libertários sem dogma, optando pela emoção contra o trabalho da razão, pela fé direta contra a teologia, participavam de ambas as correntes. Reformavam o mundo tal como é, mas construíam também a Jerusalém de seus corações.

— Você gosta dos batistas, não é? — indagou Théo.

— É, de fato eu gosto — admitiu tia Marthe. — Quando Martin Luther King morreu, eu chorei.

— Agora, já temos o panorama dos protestantes — concluiu Théo.

— Não! — exclamou Brutus. — Falta Calvino!

— Já acabou de comer seus doces, Brutus? — lançou tia Marthe limpando-lhe os lábios.

Cruzes e pontos

O domingo transcorreu em passeios pelas ruas animadas do Village, visitas às exposições e às livrarias aconchegantes. Théo adorou os skatistas, as duchas nas fontes e a atmosfera de liberdade. Andaram tanto que chegaram mortos à Little Italy, onde tia Marthe conhecia um excelente restaurante de massas. Mas o restaurante italiano tinha virado chinês: Chinatown comia a Little Italy. Porco agridoce, camarões no gengibre, carne de boi com pimentão, Théo já estava acostumado.

No dia seguinte, segunda-feira, hospital. Tia Marthe tomara o cuidado de não relatar a Théo a conversa que tivera com Jérôme às escondidas. Não, Théo não devia saber que estava curado, nem que os médicos, de tanto procurar descobrir as causas dessa surpreendente involução, talvez houvessem identificado sua misteriosa doença … Ele terminaria a viagem conforme o previsto, segundo as regras. Aliás, Théo pouco se importava. Uma injeção a mais ou a menos … mas Brutus exigiu um último controle da pressão de tia Marthe, e Théo se divertiu muito com isso.

O coitado do Brutus não conseguia falar do seu Calvino. Cada vez que provocava tia Marthe sobre esse importante personagem, ela se esquivava. Via na calçada em frente um gorro tibetano absolutamente sublime ou dizia-se cansada e, quando paravam numa cafeteria, era só ouvir o nome de

Calvino que ela desaparecia no reservado. Brutus chamou-lhe a atenção sobre isso amavelmente: ela se zangou.

— Não, não tenho nada contra Calvino, ora! Eu só queria respirar um pouco …

Esquisito. Fora isso, ela tinha se reconciliado com a Grande Maçã na Broadway, ao sair de uma lacrimejante comédia musical. Brutus aproveitava cada emoção e avançava seus peões conjugais — porque, quando estava comovida, tia Marthe se enternecia. Nesses raros momentos, ela já não dizia não sobre a ideia de casamento … No dia seguinte, voltava ao que era antes. Casar-se? Impossível, ora essa, onde iríamos viver? Na Bahia, em Los Angeles? E terem depois uma vida independente? Era mesmo um sonho inútil, pobre Brutus …

Voltava tudo à estaca zero. Théo anotava no calendário uma cruz para os não e pontos para os sim. Segunda, duas cruzes, nenhum sim, dia ruim. Terça, dois pontos, uma cruz, progresso. Quarta, dois pontos, duas cruzes, empate. Os museus eram vistos, os concertos aconteciam, os dias passavam sem resultado consistentes. Mas continuavam sem abordar Calvino.

Na quinta, após três pontos positivos e uma só cruz negativa, Brutus, com o coração transbordante de esperança, avistou um restaurante belga de ótima aparência.

— Um restaurante belga! — ela se espantou. — Que ideia esquisitas você tem, Brutus!

— Adoro cerveja belga — replicou ele, guloso. — E também gosto da Bélgica.

Deu sorte: a carta trazia cervejas de framboesa, cereja, pêssego. Tia Marthe provou todas, principalmente a de pêssego. A cerveja lhe caiu bem: estava cada vez mais alegre. Quando tia Marthe ficou no ponto, Brutus introduziu seu Calvino sorrateiramente.

— Na Bélgica não existem apenas cervejas com frutas, querido — falou. — Você poderia falar a Théo sobre as beguinas, por exemplo!

Ah! As beguinas! Encantada, tia Marthe se animou. Muito antes da Reforma lançada por Lutero, as beguinas e os beguinos haviam constituído comunidades laicas dedicadas à meditação solitária e à caridade. Secretas, as beguinas viviam em pavilhões agrupados num recinto florido, não eram nem freiras enclausuradas num convento nem leigas às voltas com a vida deste mundo, eram verdadeiras protestantes antes de existir o protestantismo. Seu emblema era a fênix, símbolo do renascimento e da ressurreição de Cristo … Claro, algumas delas foram parar na fogueira, acusadas de bruxaria. Mas a beguinaria sobrevivia na Bélgica, testemunha de uma corrente simples e mística nascida no vale do Reno, porque a Alemanha da Renânia era terra fértil em inspirados …

— Todas as regiões germânicas deram origem a grandes reformadores — acrescentou Brutus. — Calvino não nasceu em Genebra?

— Lá vem você com Calvino — resmungou tia Marthe. — Fique sabendo que ele não nasceu em Genebra, mas na França. Calvino era da Picardia, primeiro. Refugiou-se em Genebra, segundo. Assim você aprende, Brutus! Naturalmente, seria preciso falar de Calvino. Mas bebi muito …

— Você sabe onde ele nasceu e diz que está de porre? — espantou-se Théo. — Está zombando da gente!

— Vou lhes contar — confessou tia Marthe enterrando o nariz em sua caneca de cerveja. — Sobre a doutrina de Calvino, eu … enfim, eu não … sei nada …

— Coitadinha — apiedou-se Brutus, pegando-lhe a mão. Pois bem, eu farei o trabalho, se você quiser.

— Está bem, Brutus — concordou ela.

— Está vendo que não pode viver sem mim — ele concluiu.

— É verdade! — ela disse num fio de voz, os olhos afogados de emoção. Quatro pontos num dia! Théo estava pasmo.

A força do Espírito

E Brutus fez o trabalho.

Lutero acabava sua vida quando o jovem João Calvino empenhou-se na Reforma dirigindo-se ao rei da França, Francisco I, que perseguia os primeiros protestantes. O que revoltava Calvino era a injustiça dos poderosos. O martírio dos protestantes fez o jovem abraçar-lhes a causa. Mas, ao contrário de Lutero, Calvino não era monge. Calvino era um universitário erudito, um intelectual, um construtor de ideias. Ainda bem que ele surgiu para dar consistência aos arroubos não raro nebulosos de Lutero …

— Nebulosos? — exclamou tia Marthe. — Diga "exaltados"!

Nebulosos, insistiu Brutus. Com Calvino, ao contrário, cristalizavam-se princípios coerentes. A fé repousava na gloriosa soberania de Deus, que pode tudo, decide tudo, quanto aos sentimentos, às emoções e sobretudo à graça que concede ao crente … Os crentes dependiam, pois, absolutamente de Deus, que escolhe sem outro critério além da sua vontade: uns estavam destinados à vida eterna, os outros à eterna danação.

— Espere aí — interrompeu Théo. — Se sou danado de antemão, não posso fazer nada para me salvar?

— Não, porque você não sabe que se dana — respondeu Brutus. — Basta você formular a questão da vida eterna para ser salvo: você não é responsável por sua questão, Deus é que te ilumina, Deus é que te elegeu desde o começo. Você é predestinado. Seu destino está previsto por Deus.

— Não é justo! — indignou-se Théo.

Deus não era nem "justo" nem "injusto": quem podia julgar os desígnios divinos? Ninguém! Era esse o sentido desse fundamento radical: Deus decidia so-be-ra-na-men-te a graça. Seus eleitos viam-se com isso fortalecidos por um profundo sentimento de solidariedade, principalmente quando enfrentavam as inevitáveis perseguições. Porque aqueles a quem Deus concedeu o dom da graça eram, por definição, seus protegidos: eles ganhariam o combate. Os calvinistas, discípulos de Calvino, logo se tornaram lutadores irredutíveis, a tal ponto tinham a fé ancorada na alma … O princípio da eleição por Deus, que Calvino chamava de predestinação, podia parecer esquisito na época moderna, mas no século XVI as guerras entre "papistas" e protestantes exigiam uma doutrina que desse confiança aos novos adeptos. Calvino enxergara direito: saber-se eleito de Deus torna invencível.

— Mas já há um povo eleito, Israel! — interveio tia Marthe.

Calvino compreendia isso tão bem, que sua Igreja se inspirou nas desgraças de Israel. A longa perseguição dos protestantes equivalia à escravidão no Egito, as derrotas e as vitórias às do povo hebreu, e a saída do Egito viria no dia certo, quando a Igreja teria reconstruído o mundo. É por isso que João Calvino decidiu sem demora fundar uma república divina em seu tempo, longe dos governantes, dos Estados e das guerras. Os judeus não tinham conseguido, o Templo fora destruído … Por sua vez, a Igreja católica havia incorrido em grave falta. Era tempo de tomar seu lugar: Calvino queria enfim edificar a cidade consagrada à glória divina, a Jerusalém por duas vezes malograda.

Na esteira de Lutero, transformou a ideia de sacramento, demasiado mágica a seu ver. O sacramento, dizia ele, só existe na consciência do gesto. O pão não é o corpo de Cristo, é o símbolo da partilha; o fermento não é o símbolo físico da ressurreição, mas a ideia de levantar a massa, isto é, o

mundo. Comer o pão não significava que o crente mastigava o verdadeiro corpo de Cristo: não passava de pão, símbolo que recordava a última ceia de Jesus.

— Não acho isso nada bobo — disse Théo. — É verdade que é possível praticar a justiça na terra e partilhar o pão …

Mas não sem a Escritura! Porque era o único vestígio vindo de Deus. A Bíblia não dependia de modo nenhum da Igreja, mas sim do Espírito Santo encarregado de iluminar o crente … Se fosse um dos eleitos, o crente teria luz interior bastante para acertar livremente sua vida, segundo a Escritura: somente o Espírito o guiava. Era preciso também pertencer ao lado certo da predestinação e não ser condenado de antemão à danação eterna!

— Você mesmo diz — comentou tia Marthe. — Por isso essa religião sem recurso sempre me deixou de cabelo em pé! Não sei por que, sempre me sinto do lado dos danados …

Brutus protestou. Tia Marthe era uma eleita, percebia-se à primeira vista! Mesmo seu transe passageiro era um sinal divino! Porque João Calvino também pregava a tolerância …

— Por isso mandou para a fogueira, como herético, seu amigo Michel Servet, que negava a Trindade e a divindade de Cristo! — acrescentou tia Marthe.

— Ninguém é perfeito — suspirou Brutus. — No entanto, no caso de Calvino, quem exprime a fé na Escritura, qualquer que seja o modo de expressão, é um eleito de Deus. As palavras não contam, somente os fatos importam, Calvino assim escreveu com todas as letras.

— Como é que você conhece tão bem o protestantismo, querido Brutus? — perguntou ela desconfiada. — Você, filho-de-santo, adepto do candomblé!

Brutus deu duas explicações. A primeira pertencia à história recente do Brasil, da qual, fez questão de lembrar era um dos melhores especialistas. No Sul do país, tinham se instalado Igrejas pentecostais que passavam por uma expansão sem precedentes: um terço dos brasileiros da enorme cidade de São Paulo eram pentecostais. Os miseráveis analfabetos dos bairros periféricos acorriam em massa a elas, porque o pentecostismo parecia talhado sob medida para eles. Porque, como todos os protestantes, os pentecostais queriam voltar aos primeiros tempos da Igreja cristã; mas, em vez de adotar o batismo como emblema, os pentecostais, como o nome indicava, tinham se fixado no advento de Pentecostes. O momento sobrenatural em que o Espírito Santo desceu sobre os apóstolos de Cristo lhes parecia essencial, e seus ofícios renovavam esse milagre assiduamente.

— O que você quer dizer? — surpreendeu-se Théo.

Os pentecostais acreditavam na comunicação direta com Deus, no milagre cotidiano e no "falar línguas". Quando a multidão de fiéis atingia o ponto de comunhão suficiente, de repente um deles punha-se a falar uma língua desconhecida sob o efeito da inspiração. Muitas vezes a língua era incompreensível, mas às vezes era uma língua existente, que o inspirado não conhecia. Milagre do Espírito Santo! A fé permitia redescobrir o estado de Pentecostes …

— Tia Marthe já tinha me falado desse treco — disse Théo. — A glossolila … Glossolalia! Claro, eles inventam …

Não inventam mais que os filhos e filhas-de-santo cavalgados pelos orixás! Por que uma pessoa não falaria uma língua que não conhece? A memória não é capaz de varar os séculos? Essas línguas desconhecidas talvez tenham existido muito tempo antes, como as línguas africanas persistiram no Brasil … Era essa a segunda razão pela qual o professor Carneiro tinha se interessado pela história do protestantismo, por suas estranhas evoluções.

Em seu país mesmo, o Brasil, o candomblé no Norte e o pentecostismo no Sul permitiam que os pobres, que não sabiam nem ler nem escrever, se exprimissem com suas próprias palavras, suas personagens, suas línguas. Como o candomblé, o pentecostismo curava os doentes! Ele, Brutus, por exemplo, combinava sem dificuldade a Bíblia com o candomblé, a África com a Escritura, já que a cavalgada dos santos nos corpos dos iniciados era um modo de expressão como outro qualquer, não é?

— Você daria um excelente pregador, meu caro — disse tia Marthe da boca para fora. — O pastor Carneiro da Silva evangeliza os francesinhos …

— Cale a boca — fez Théo. — O francesinho compreende muito bem o que diz o pregador!

O pregador foi mais longe. A influência da inspiração pela graça havia progredido tanto que, nos anos 60, após a transformação liberal da Igreja católica desejada pelo papa João XXIII, nascera em seu seio uma poderosa corrente que, como a Igreja pentecostal, compreendia o "falar línguas": longe dos ritos instituídos, o movimento carismático também buscava a fonte viva do cristianismo. Porque, era esse o traço característico de João Calvino, por causa do engajamento militante na cidade terrestre o calvinismo contribuíra muito para uma evolução social no sentido de mais justiça e igualdade. Lutero pouco se importava com isso … Ele incitava os príncipes alemães a esmagar a revolta dos camponeses. Lutero tinha uma só preocupação: destruir o papa e seu poder. Calvino, insistia Brutus, era a força do Espírito, a liberdade em marcha …

— De acordo com os livros que li — resmungou tia Marthe, — Calvino é o pai do capitalismo mercantil! Bela façanha … O esmagamento dos pobres, você acha bonito?

— Um minuto! — fez Théo. — Brutus está dizendo exatamente o contrário. O que o capitalismo veio fazer aqui?

Tia Marthe não estava totalmente errada, admitiu Brutus. Porque, para edificar a cidade terrestre sem mais delongas, os protestantes haviam trabalhado duro, acumulado riquezas privadas, em suma, tinham gerado essa forma da economia moderna chamada capitalismo, sem recurso ao Estado, a mil léguas do poder político. A cidade calvinista requeria esse esforço mercantil, capaz de aplicar a justiça social em suas comunidades. Sim, o capitalismo vinha em parte da inspiração protestante! O trabalho era o dever de ser exigente pela glória de Deus, e o sucesso nos negócios era a prova da presença divina. Lógico. Tão lógico que, na Espanha, no século XX, embora não sendo de forma alguma de origem protestante, um reformador católico, Josemaría Escrivá de Balaguer, fundara na província de Navarra uma sólida organização destinada a santificar o crente católico pelo trabalho: a Opus Dei, "Obra de Deus".

— Parece os muridas — disse Théo.

— Todos os teólogos modernistas fazem a ligação entre trabalho e prece — replicou tia Marthe. — Mas o progresso social nem sempre acompanha!

Brutus insurgiu-se. Não era culpa dos calvinistas o capitalismo ter se tornado selvagem, destruidor, imbecil! Ao contrário, eles se esforçavam para corrigi-lo!

— Pois falharam — disse tia Marthe. — Não tenho essa concepção da igualdade das riquezas, sabe?

— Mas você é capitalista! — exclamou Théo. — Todos os dias lê as cotações da Bolsa …

— Foi isso que me permitiu levar você para viajar! — respondeu ela furiosa.

— A predestinação, querida, sempre a predestinação — murmurou Brutus enternecido. — Théo e eu acreditamos nela: você é uma eleita …

Ela não estava nada contente e se vingou na cerveja de framboesa.

Noémi

No dia seguinte, tia Marthe recebeu um telefonema de sua amiga doente. Noémi estava melhor, Arthur era adorável, um bom companheiro … Ela teria preferido conhecer Théo. Não fosse por isso: tia Marthe decidiu que iriam visitar Noémi. Théo deu pulos de alegria. Ia rever Arthur!

Num apartamento velhusco, cheio de bibelôs e de quadros, Noémi esperava à porta. Como era velha! Mais velha ainda que todos os outros amigos de tia Marthe … mas tinha uma pele tão pálida, cabelos tão crespos e um olhar tão claro que Théo logo a adotou.

— Seu gato vai bem! — disse ela como introdução. — Obrigada por tê-lo deixado comigo … Arthur me ajudou muito.

— Ainda bem — murmurou Théo. — Fico contente. Onde está ele?

— No meu travesseiro — respondeu ela. — Ele se queixa muito por não te ver. Vá logo! Terceira porta à direita …

Tia Marthe apresentou Brutus com tanta cerimônia que Noémi sorriu maliciosamente. Muito à vontade, o prof. Carneiro da Silva esmerou-se no seu melhor beija-mão. O chá aguardava na mesa baixa, e Théo voltou com Arthur nos braços.

— Então, Théo, o que foi que você descobriu em Nova York? — perguntou Noémi.

— Tudo! — entusiasmou-se Théo. — Os patins, as pessoas engraçadas nas ruas, a comida, os cafés ao ar livre …

— Eu estava me referindo à sua viagem — ela precisou. Pena não ter podido te acompanhar!

— Você é batista? — indagou Théo.

— Sou. A fé do coração me convém.

— Mas não é africana! — surpreendeu-se Théo.

— E daí? Somos todos iguais!

— Noémi sempre lutou ao lado dos africanos da América — interveio tia Marthe. — Chegou inclusive a conhecer Martin Luther King.

— Muito tempo antes de você nascer — murmurou Noémi. — Mas é melhor falar de você, Théo. Entendeu o sentido da nossa Igreja?

— É bárbara! — exclamou Théo. — Os fiéis cantam, dançam, ficam juntos … Se não fosse o diabo, seria perfeito.

— O diabo não é tão importante assim — suspirou ela. — O que conta é o encontro com Deus na emoção. A ação social depende disso: a fé é de fato necessária para mover montanhas! E as montanhas são hoje enormes. Todas essas guerras de religião …

— Como no século XVI entre protestantes e católicos — comentou Brutus. — Os partidários dos reformadores eram tão fanáticos quanto seus perseguidores.

— Eu sei — respondeu Noémi. — É só pensar nas torturas que eles infligiam às mulheres católicas! Faziam o ventre delas explodir enchendo-lhes o sexo de pólvora! É atroz! Mas os católicos não nos pouparam também. Uma das minhas ancestrais foi estripada, os papistas tiraram a criança que ela trazia no útero e rebentaram a cabeça do bebê contra um muro …

— Uma das suas ancestrais? Onde? — espantou-se Théo.

— Na França, nas Cévennes[16]. Pertenço a uma família protestante que tinha se escondido lá, nas montanhas, para praticar o culto clandestinamente, na época do Deserto.

— Época do Deserto? Até parece Israel no Egito …

— Exatamente — ela assentiu. — Chamamos de "Deserto" o longo período durante o qual fomos privados da liberdade religiosa. Depois que o rei Luís XIV decidiu abolir as leis que nos protegiam, em 1685, seus soldados nos massacraram. Combatemos … depois fomos obrigados a nos esconder. Só recobramos nossos direitos um século mais tarde, em 1787. Mas, enquanto isso, um de meus ancestrais conseguiu embarcar para a América, por isso nasci americana. Ele se chamava em francês como você se chamaria em grego, Théo: Dieudonné, dom de Deus.

— Você costuma voltar às Cévennes? — perguntou Théo.

— Todos os anos vou a Mialet, apesar da minha idade avançada. Os protestantes se reúnem lá em setembro para comemorar as assembleias do Deserto, à sombra das árvores, ao ar livre. É a mais linda de todas as igrejas! Será que vou poder ir este ano com esta hepatite?

— Vai, sim — garantiu tia Marthe. — Vai sarar!

— A propósito, Théo, tenho uma ideia — falou Noémi. — Você conhece o salmo 139? Vejo que não. Os salmos são preces poéticas que o rei Davi teria transcrito de próprio punho. Vou lê-lo para você e para mim, menino. Escute.

Aonde ir, Senhor, longe do teu sopro?
Onde me esconder, longe da tua face?
Subo aos céus: lá estás.
Desço entre os mortos: aqui estás.
Tomo as asas da aurora
e pouso além dos mares:
mesmo lá, tua mão me conduz,
tua mão direita me agarra.

— Bonito — disse Théo.

— Está vendo — murmurou Noémi fechando a Bíblia, — a mão do Senhor te conduziu além dos mares e te curou. O mesmo acontecerá comigo, se ele quiser.

— Não duvido! — interveio tia Marthe. — Minha querida Noémi, você não tem …

— Ah! É verdade — disse ela. — Théo, estou encarregada de te entregar uma mensagem. Marthe queria colocá-la debaixo seu prato, mas não gosto dessas brincadeiras de esconde-esconde. Aqui está.

Sou a cidade do castelo, a cidade do Leão, a cidade dos alquimistas.

— Veneza? — fez Théo. — Tem um leão na bandeira …

— Mas não tem castelo — cortou tia Marthe.

— Versalhes? — hesitou Théo. — Não, não é. Não sei, mas vou descobrir.

— Pense no castelo — sugeriu Brutus. — Não é um castelo qualquer.

— Nem um leão qualquer — completou Noémi. — Marthe, seu enigma é difícil demais. Vou te ajudar: leão em alemão é *Lödwe*.

— Um castelo na Alemanha? Não sei. Não sei nem mesmo o que é um alquimista!

Brutus explicou que um alquimista era um estudioso que buscava a pedra filosofal por meio da fusão de diferentes materiais aquecidos numa retorta.

— Pedra o quê? — perguntou Théo. — Filosófica?

— Fi-lo-so-fal! Uma substância que permitiria adquirir a imortalidade transformando o vil chumbo da alma pecadora em ouro espiritual!

— Entendi. Os alquimistas fazem como os taoístas na China … Bruxaria e companhia limitada!

— Nada disso — rebateu Brutus. — Os alquimistas não eram feiticeiros, mas ancestrais dos químicos que, mais tarde, dispensaram a magia e livraram a alquimia de seus enfeites mitológicos. Nenhum alquimista encontrou a pedra filosofal, mas muitas vezes, de passagem, um ou outro

abordava belos segredos da natureza … Os químicos simplificaram o sistema dos alquimistas para fazer dele uma ciência.

— Isso não me diz o nome da cidade — constatou Théo acariciando seu gato. — Mas vou achar, não é, Arthur?

— Você deixa o Arthur mais um pouco comigo? — pediu Noémi. — Ele é um ótimo curandeiro …

Magnânimo, Théo passou-lhe o gato, que se aninhou nos braços de Noémi. Ela precisava descansar. Théo despediu-se a contragosto da velha senhora batista de olhar azul.

Théo trapaceia

Decidido a encontrar seu enigma, Théo percorreu seus livros sem resultado. Alquimistas, leões e castelos havia em todo canto. Além do mais, tia Marthe zombava dele! Furioso, teve um acesso de raiva e saiu correndo a pretexto de arejar-se um pouco dando a volta no quarteirão … Depois instalou-se num banco e pegou o celular.

— Fatou? Estou ligando da rua … para ter mais calma. Claro que te amo … muito! Eles parecem dizer que estou curado. Eu? … Faz tempo que desconfiava disso! Você também? Normal. Ah, não! Não posso voltar logo! O que tia Marthe iria dizer? Devo isso a ela, você não acha? … Pois é, me diz qual é a próxima etapa. Não, não quero a dica. Diga tudo. Trapaça … Tudo bem, é um jogo, mas calma aí! Chega de bobagem! É, já estou cheio dos enigmas. Tia Marthe? Ela está pouco ligando, sabe … Você não imagina o que aconteceu com ela … Está apaixonada! Palavra de honra! Por um professor brasileiro. Fisicamente? Nada mal, para um coroa. Ele quer se casar com ela. Ela quase disse sim … Ah! Está vendo que não tem mais

importância … Então, vai me dizer o nome da cidade do castelo? Mais alto! PRAGA?

"Danada", murmurou consigo mesmo, olhando para o celular. "Desligou. Não posso soltar o nome Praga assim, sem mais nem menos. E, aliás, onde fica Praga?"

Voltou para o hotel … Tia Marthe tinha saído com Brutus, por sorte. Dicionário. Praga, capital da República Tcheca. Nenhum vestígio de castelo, nem de leão. Tchecoslováquia: repressão soviética 1968, revolução de veludo 1989; torna-se República Tcheca após a separação da Eslováquia, 1992. Praga, universidade; Praga, ex-capital da Boêmia. Nada! Dando-se por vencido, pegou de novo o celular e trancou-se no banheiro.

— Fatou? Se você não me explicar o leão, o castelo e o resto, estou frito! Preciso pelo menos poder fingir … A dica? Melhor que nada … Boêmia, isso eu encontrei. Mas e o castelo? Domina a cidade, tá. E o leão? É o nome de um rabino? Tem certeza? Rabi Löw, anotei. Os alquimistas? Eles têm uma rua no castelo? A Ruela do Ouro? Eu te adoro. Um beijão. Até logo …

"Agora", disse de si para si guardando o celular, "vou fechar a boca da tia Marthe."

Na hora do jantar, armou o golpe. Fingiu remexer a memória. Agarrou a cabeça entre as mãos, fechou os olhos …

— Telefone a Fatou — sugeriu obsequiosamente tia Marthe.

— Vou descobrir sozinho — ele murmurou concentrado. Vejamos … Leão em alemão … E se fosse um rabino? O rabi Löw é conhecidíssimo! Onde é mesmo que ele vivia? Numa cidade dominada por um grande castelo … Ah, está na cara, é Praga!

Tia Marthe ficou boquiaberta.

— Esse menino é um gênio! — exclamou. — Aliás, foi o que sempre achei!

— Em que época esse famoso rabino viveu em Praga? — perguntou Brutus desconfiado.

— Época? — gaguejou Théo. — Bom … Na Idade Média, ora!

— No século XVI — corrigiu Brutus. — O que é o Golem?

— O nome do castelo! — gritou Théo. — Porque tanta pergunta?

— Porque você trapaceou — concluiu Brutus rindo. — O Golem é um homem de barro criado pelo rabino que você não conhece. Está aí.

— Théo! Você não telefonou a Fatou, não é? — perguntou tia Marthe.

— Telefonei, sim. Tinha medo de não descobrir a resposta. Ah, e querem saber, estou por aqui de enigmas!

— Como você mudou … — murmurou ela.

— Eu cresci. A culpa em parte é sua, minha velha!

— Não a chame mais de "minha velha", que eu me zango! — Declarou Brutus. — Marthe é a própria juventude …

— Aliás, a jovem aí disse sim para o casamento? — perguntou Théo.

Embaraçada, tia Marthe mostrou a mão esquerda, onde brilhava uma pedra de um lindo vermelho translúcido.

— Estou sonhando! — exclamou Théo. — Um anel de noivado!

— Uma granada, a pedra de Oxum — explicou Brutus com modéstia. — Eu a trouxe por via das dúvidas.

A capela universal

Antes de partirem para a Europa, o programa de tia Marthe para Nova York comportava apenas mais uma visita. Curiosamente, ela passava pelos edifícios da ONU, à beira do rio. Controles, crachás, segurança, guardas amáveis de quepe, filas de visitantes … Théo se perguntava como iam encontrar algo religioso num lugar daqueles. Na ONU?

— Nesta máquina de solucionar conflitos? — murmurou Brutus, que se fazia a mesma pergunta. — Não vai me dizer que é o templo da paz!

Após negociações com um guarda, tia Marthe conseguiu que lhe abrissem uma porta perto da grande entrada. A porta dava para a capela da ONU. Construída nos anos 50 ao lado do edifício, era destinada a todos os fiéis de todas as religiões do mundo. Sem cruz, sem imagens, sem nomes, sem altar, sem estacas rituais, sem estátuas nem fetiches, sem árvores nem sorriso. Um raio de luz iluminava uma enorme pedra, presente da Suécia: um negro bloco de hematita extraído de suas minas. Fileiras de bancos permitiam que as pessoas ali viessem orar ou meditar. Nada mais.

— Maravilhoso, não é? — extasiou-se tia Marthe.

— Mas sem vida — murmurou Brutus. — A religião é algo vivo!

— Eu gosto — disse Théo. — Religião curinga, encaixa em qualquer jogo. Acho legal!

29

Volta às origens

A despedida de Brutus e tia Marthe

Decididamente, as despedidas não tinham mais nada a ver. Antes, Théo perdia um novo amigo a cada vez; desde Dacar o roteiro mudara. Disseram "até Paris!" a Abdoulaye Diop. Partiram para os Estados Unidos em companhia do prof. Carneiro … E partiam de Nova York sem ele, apesar do noivado. A única novidade era o gato Arthur, miando como se estivesse perdido em sua sacola. No aeroporto, a despedida entre tia Marthe e Brutus foi um pouco triste, mas dessa vez ele era só espectador.

— Você sabe que tenho que voltar à universidade, querida — disse Brutus.

— Claro — suspirou tia Marthe. — Isso só depõe a seu favor. Mas quando vamos voltar a nos ver?

— Logo, logo! Acha que estou menos impaciente do que você? Dê-me só um tempinho para encontrar nossa futura casa!

— Onde? — inquietou-se ela. — Não vai ser no Brasil, espero.

— Como? — ele murmurou empalidecendo. — Você não quer viver no meu país? Eu tinha entendido que …

— Ainda não decidimos, Brutus — atalhou tia Marthe. — Não quero nem Rio nem Bahia!

— Nem Rio nem Bahia, tudo bem. Enquanto isso, largue sua espadona de pau, me dê um beijo e olhe bastante para a sua granada, querida …

— Venha a Praga! A vida é tão chata sem você …

— Muito obrigado pela parte que me toca! — exclamou Théo. — Quer dizer que eu não sirvo para nada?

Eles nem o escutavam. Os velhos apaixonados não conseguiam se separar. Théo deu meia-volta e foi bater pernas nas lojas do freeshop, onde comprou um isqueiro para o pai, chamativo e engraçado, nem caro nem pesado; desta vez, tia Marthe não ficaria brava. Coitada da tia Marthe, fungava de dar dó …

No avião, ela continuava assoando o nariz. Aborrecido, Théo mergulhou nos jornais e fingiu se interessar pelas notícias. Ela não parava. Théo pediu um uísque, que lhe ofereceu sem dizer palavra.

— Está me confundindo com quem? — ela protestou. — Não sou Liz Taylor não!

— Ainda bem que não — sorriu Théo. — Mas não pode ficar nesse estado. Você vai voltar a ver seu namorado!

— Diz-se isso, depois … Você acha que ele me ama mesmo?

— Ahn … — gaguejou Théo. — Você tem dúvidas?

— Não — ela respondeu engolindo seu uísque. — Enfim, na minha idade, nunca se sabe.

E pôs-se a choramingar ainda mais.

— Cada um tem a sua vez — disse Théo pegando-lhe a mão. — Antes, você me consolava. Agora sou eu. Vamos, minha velha, coragem! Que tal me

dizer o que vamos fazer em Praga? Depois do protestantismo, não vejo o que pode ser …

— Boa pergunta — disse tia Marthe puxando o lenço. — Deixe eu me assoar mais uma vez …

— A última, viu? — ameaçou Théo.

— Pronto! — fez ela após um barulhão de trombeta. — Acabou. Vou explicar por que vamos a Praga. Lembra-se do rabi Eliezer?

— De Jerusalém? Claro que sim! Ele não queria mais me largar!

— Justamente. O que ele nos disse no aeroporto? Que você não tinha visto nada do judaísmo. Lembre-se da minha resposta: "Outros continuarão o trabalho começado". Pois bem, é essa a razão da nossa viagem a Praga. Porque você continua sem conhecer a prática do judaísmo, Théo.

— Vi o Muro, as preces, as lamentações, o bairro religioso, uma escola, que mais falta?

— Uma sinagoga — ela respondeu. — Um Shabat. A refeição, as luzes, a bênção, a partilha do pão. A vida da religião judaica … Você não tem a menor ideia.

— Você não escolheu Praga por acaso. Eu te conheço! Ainda há judeus por lá? Pensei que tinham sido todos massacrados durante a guerra …

— Nem todos, felizmente — ela respondeu. — Mas não é a única razão da minha escolha.

Por que Praga?

Em Praga existia um gueto diferente dos outros. Primeiro, estava intacto: quatro sinagogas, um velho cemitério, velhas casas, um bairro inteiro, célebre no mundo todo. Além disso, a razão pela qual foi preservado era abominável. Após ter concebido a "solução final", isto é, o extermínio maciço

dos judeus da Europa, Adolf Hitler decretou que o gueto de Praga serviria de museu de uma raça desaparecida. Destinado a um futuro de pré-história devorada, o gueto de Praga fora poupado, portanto, por ordem do Führer. Os nazistas tinham começado a estocar nele maravilhas da arte judaica, preciosos objetos de culto, véus de tabernáculos, cortinas admiráveis. A guerra terminou, Hitler suicidou-se em seu bunker de Berlim. Mas o gueto sobreviveu. Após a derrocada do império soviético em 1989, a comunidade judaica de Praga recuperou a propriedade do gueto. Ela passou então a administrar a sinagoga desativada, que se tornou Museu Judaico, o patrimônio das outras sinagogas, assim como o cemitério que recebia tantos visitantes que era necessário reservar o lugar, como no teatro.

— Já vi um gueto — notou Théo. — Em Mea-Shearim.

Por mais fiel que fosse às tradições do gueto, o de Mea-Shearim em Jerusalém não passava de uma ressurreição bem-sucedida. Mas o gueto de Praga era marcado pela história. Claro, nele não se cruzava nas ruas com homens de cafetã e cachinhos atrás das orelhas, nem tampouco garotos de calças curtas de veludo. Em compensação, as paredes não haviam mudado, as pedras murmuravam e os túmulos, mágicos, eram verdadeiros locais de peregrinação …

— Túmulos mágicos? — espantou-se Théo. — No judaísmo? Sim, mágicos, no judaísmo. Após a queda do Templo de Jerusalém, o judaísmo no exílio construiu sinagogas onde se instalavam os judeus, mas o Templo de Salomão só existia nos corações. A Jerusalém deles tornou-se uma fabulosa construção de Livros sagrados. A tradição rezava que, no monte Sinai, Moisés recebeu do Deus de nome impronunciável palavras reservadas a homens excepcionais. Os mandamentos se dirigiam ao povo hebreu, mas as palavras de Deus se dirigiam aos puros entre os puros. Foram os profetas

de Israel, os "nabis": Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel, homens do Espírito divino do qual não podiam esquivar-se.

— Como João Batista e Maomé, resumindo — comentou Théo.

A palavra *nabi* havia de fato permanecido no árabe do Corão, no qual, sob o nome de *Al-Nabi*, designava o profeta Maomé. Os quatro grandes profetas foram seguidos de doze outros e, quando veio o exílio do povo de Israel, a tradição prosseguiu. Mas havia duas tradições judaicas: a primeira, que não era profética, prendia-se ao estudo, *talmude* em hebraico; a segunda, surgida na época do segundo Templo de Jerusalém, chamava-se simplesmente "tradição", que é *cabala* em hebraico. As duas correntes não tardaram a se distinguir: os talmudistas, que comentavam ao infinito as partes da Lei escrita, e os cabalistas, aos quais só interessava a mística da relação direta com Deus.

— Interessa a mim também — disse Théo.

O fato é que os cabalistas nunca careceram de inspiração … Após a expulsão dos judeus da Espanha, os que retornaram à Palestina se instalaram em Safed, pequena cidade escarpada escondida nas montanhas da Galileia. Foi ali, sob o vento inspirado das colinas floridas, que se desenvolveu no século XVI a corrente mais mística da Cabala, sob a influência benéfica do jovem rabino Isaac Luria. Nascido em Jerusalém numa família expulsa da Alemanha, o rabi Luria retirara-se para o Egito às margens do Nilo, à maneira dos ascetas do cristianismo dos primeiros tempos. Depois foi a Safed e elaborou sua doutrina.

As almas dos homens descendiam da alma de Adão, mas nem todas estavam situadas nas mesmas partes do corpo de Adão. As que emanavam dos órgãos inferiores, as más, haviam sido atribuídas aos pagãos, as outras, as das partes nobres, aos judeus. Para reparar o pecado original, as "boas" almas deviam migrar para os corpos dos outros homens, ou dos animais,

dos rios, das árvores e das pedras. Assim o bem se difundia no mundo. Era por isso que o rabi Luria falava a língua dos insetos, invocava as almas desaparecidas nos cemitérios, entrando em êxtase, ensinava a reencarnação das almas individuais oriundas da alma global do primeiro homem … Apelidaram o rabi Luria de "Ari", Leão, chamaram seus discípulos de "leõezinhos" e ainda veneravam seu túmulo em Safed, no velho cemitério situado na encosta da montanha.

— Ou muito me engano — constatou Théo, — ou essa história de língua dos insetos não é lá muito regulamentar … O rabi Eliezer não estaria de acordo!

Pode ser que não. Mas o rabi Eliezer, como bom cidadão de Israel, sonhava com a volta de todos os judeus do mundo para a Terra Prometida. Nem sempre era essa a opinião dos interessados. Muitos judeus da diáspora preferiam permanecer onde estavam, em lugares que para eles eram ricos de memória, os lugares de seus pais, da vida deles próprios. Tal fora o caso de numerosos judeus de Praga. Ora, nessa cidade havia vivido, no século XVII, o ilustre rabi Löw o Leão, sobre o qual corriam fabulosas lendas contadas ainda nas ruas do gueto: os guias para turistas não se privavam de ecoá-las!

Graças à magia judaica, o rabi Löw inventara um serviçal de barro que ele animava à vontade, o Golem, o homem artificial evocado por Brutus. O Golem podia edificar um palácio num piscar de olhos, transportar-se de um lugar para o outro voando, invocar espíritos, satisfazer pedidos …

— Mais ou menos como o outro leão fajuto, Luria, o pirado — disse Théo. — O rabi Löw também fazia parte da Cabala, então.

Não se tinha certeza disso. Porque a magia do rabi de Praga era sem dúvida lendária … A verdade histórica era mais simples, porém mais valorosa também. Muito estudioso, erudito, político fino, bom negociador, o excelente rabi Löw soube proteger os judeus do gueto contra o

antissemitismo dos habitantes da cidade. Gozava de tamanha autoridade que fascinou o Império em pessoa, que o convocou em segredo a seu castelo … Nunca nenhum rabino havia encontrado nenhum imperador na Europa! O rabi Löw foi ao palácio. Durante uma noite inteira, conversou com o imperador …

— Conversou sobre magia? — quis saber Théo.

Ele, não sabemos, mas o imperador da Áustria, sim! Devo dizer que não era um imperador qualquer. Rodolfo II de Habsburgo tinha escolhido viver em Praga e fazer da cidade a capital do seu império. Ampliara o castelo, que se tornou uma verdadeira cidade; reuniu lá incríveis coleções de animais empalhados, chifres de rinoceronte, línguas de cobra, dentes de tubarão, ovos de avestruz, corais esquisitos, parafusos da Arca de Noé, taças contra veneno, bezoares[17] de cabra e até o pedaço de barro com que Deus tinha feito Adão. Reformou os fossos para construir neles um zoológico … Enfim, esse maluco simpático instalara numa ruela de seu castelo uma porção de alquimistas encarregados de descobrir o segredo da fabricação do ouro …

— O castelo, os alquimistas, a Ruela do Ouro! — exclamou Théo. — Só falta o leão.

O verdadeiro, o único leão de Praga era seu venerável rabino. Porque, em vida do rabi Löw, os judeus conheceram prosperidade e paz. Foi esse o único milagre autêntico daquele que os fiéis apelidaram de Maharal, "nosso bom Mestre". Depois da sua morte, a lenda decidira atribuir-lhe outros, nenhum dos quais foi comprovado. Vindos do mundo inteiro, os judeus continuavam a depositar sobre sua pedra tumular papéis contendo os pedidos que queriam ver satisfeitos, como nas fendas do muro do Ocidente, em Jerusalém.

— Então essas histórias de túmulos mágicos são regulamentares — disse Théo. — Posso depositar lá meu pedido?

Naturalmente. Mas Praga não era apenas a sede do mais preservado dos guetos da Europa. Apesar do extermínio de um número considerável dos membros da comunidade judaica durante a Segunda Guerra Mundial, celebravam o culto na liberdade reencontrada, simplesmente, como tinham celebrado havia séculos na Europa. E como Théo começara sua viagem por Jerusalém, tia Marthe queria que a terminasse em Praga, na companhia dos judeus da Europa.

— Você quer dizer que depois de Praga acabou? — desolou-se Théo. — Voltamos a Paris?

— Ainda não — ela respondeu. — Eu te reservei uma última etapa.

— Mais um enigma para eu decifrar! — reclamou ele.

— Você vai entender em dois segundos — replicou tia Marthe. — Esse enigma é claro como o cristal.

O cálice da liberdade

O guia escolhido por tia Marthe para a etapa de Praga chamava-se srta. Riva Oppenheimer, professora de francês no Instituto Cultural da rua Stepanka. Théo julgou-a nem moça nem velha, nem bonita nem feia. Vestia-se de preto, caminhava de olhos baixos, falava timidamente, desculpava-se por seus erros de francês, resumindo, não era nem um pouco cativante a srta. Riva. Ainda por cima, no táxi que os levava ao hotel, enganou-se com o nome de uma rua e desculpou-se mais do que antes …

— Relaxe, Rivkelé — suspirou tia Marthe.

— Como é que você a chama? — surpreendeu-se Théo. — Você me disse Riva …

— Rivkelé é o encantador apelido de Riva em iídiche — explicou tia Marthe. — E o iídiche é a língua dos judeus da Europa Central: dois terços

alemão, um terço hebraico.

— É bom acrescentar que Riva é o equivalente de Rebeca — murmurou a tímida senhorita. — Pode me chamar de Rivkelé, senhor Théo.

— É bonito, Rivkelé — concedeu Théo. — Parece um riacho …

Chegaram finalmente ao hotel, uma suntuosa construção dos anos 20 recentemente restaurada, estuques refeitos e lianas floridas pintadas de novo nas paredes. Magnífico, o saguão deixava pressagiar o melhor da hotelaria de Praga. Mas quando tia Marthe entrou no quarto, deteve-se. O espaço era tão pequeno que mal dava para duas pessoas estarem ali em pé …

— Que gaiolinhas são essas! — exclamou. — Acabam de reformar o hotel!

— Peço infinitamente mil desculpas — disse Rivkelé. — Infelizmente mantiveram os quartos da época soviética.

— Desconforto totalitário! — trovejou tia Marthe. — Acumular seres humanos como se fossem animais … Enfim, vamos nos virar. Aonde vamos para começar?

— Para hoje, previ a visita ao castelo e à catedral, o museu, as igrejas barrocas e a colina de Mala Strana — enumerou a séria Rivkelé.

— Quer nos ver mortos? — indignou-se tia Marthe. — Nada disso. Vamos tomar um drinque na praça, em frente do relógio. Conversaremos aí sobre nossa programação, está bem?

— Claro, senhora Mac Larey — respondeu Rivkelé toda trêmula.

— Faça o favor de me chamar de Marthe! Pegue a sacola de Arthur e, por favor, acalme-se, Rivkelé …

Ao descobrir a imensa praça da Cidade Velha, Théo deu um grito de admiração. Torre de teto pontudo, flechas douradas das igrejas, bulbos verdes dos campanários, a cidade respirava magia. Num estrado, cantavam; um palhaço divertia as crianças; um violinista tocava Haydn. O ar estava

repleto de música e de conversas. Rivkelé teve a maior dificuldade para encontrar uma mesa livre.

— Quanta gente! — suspirou tia Marthe. E dizer que estamos em setembro …

— Desculpe, dona Marthe — disse Rivkelé, — mas desde a revolução e a grande mudança, recebemos em Praga tantos turistas quanto Veneza. Parece que é bom para nossa economia.

— Bem, um chocolate quente, um chá, água com um pouco de leite para Arthur. E você, querida?

Um refrigerante e silêncio. Rivkelé não era mesmo nem um pouco divertida. De nada adiantou Arthur pôr a cabeça para fora da sacola com um miado enternecedor: Rivkelé não saiu de seu mutismo.

— Théo … está vendo a grande estátua no meio da praça? — perguntou tia Marthe.

— Aquele cara verde numa túnica pregueada? — respondeu Théo. — Quem é?

— Um grande homem. Um século antes de Lutero, quis reformar a Igreja católica. Mas, ao contrário de Lutero, foi queimado numa fogueira, em Constança. Guarde bem seu nome, Théo, Jan Hus.

— Por que foi para a fogueira? — espantou-se Théo. — Pensava errado?

— Pensava livremente. Dá no mesmo, muitas vezes.

Nascido no século XIV, numa família de camponeses da Boêmia, Jan Hus de Husinec, do nome de sua aldeia natal, era um honesto teólogo quando se interessou pelas ideias novas. Todos os pensadores católicos buscavam como renovar sua Igreja. Jan Hus foi um deles e fez seu trabalho de teólogo: tornou públicas suas ideias, que nada tinham de audaciosas. A imprensa ainda não havia sido inventada, mas Jan Hus era dotado para a palavra. Era tão bom orador que não tardou a entusiasmar a multidão dos católicos que

se acotovelavam para ouvi-lo em sua paróquia de Belém, em Praga. Reconstruída, a igreja de Belém podia conter três mil fiéis, e Jan Hus aí pregava em tcheco, a língua do povo. Nas outras igrejas, pregava-se em alemão para os ricos … Seu renome cresceu. Ora, ele ainda não sabia que era o pior dos perigos.

Que dizia ele? Que era necessário voltar às origens do cristianismo, à autêntica celebração da missa. Que um verdadeiro católico devia comungar na missa sob as duas espécies, como fez Jesus em sua última ceia. Todos os católicos tinham direito de partilhar a carne e o sangue divino, pois Jesus assim ordenara naquela noite. Um bom católico devia comer o pão e tomar o vinho no cálice, como o padre.

— Não tem nada de mais — comentou Théo.

A hierarquia católica não era dessa opinião. Aquele padre tcheco estava se metendo em seara alheia. Mudar o ritual da missa! E a autoridade do papa, que fazia dela? Se esse tal de Jan Hus pelo menos se contentasse com pensar no seu canto … mas não! O povo de Praga o adorava! Não tardaram a criar-lhe problemas. A hierarquia o convocou e passou-lhe uma descompostura. Ele ouviu e não mudou em nada suas ideias. Ao contrário, movido por um ideal de liberdade, ele as fortaleceu tanto e tornou-se tão popular que, ao cabo de alguns anos, teve de responder a um longo processo. Para o honesto católico Jan Hus, a opção era simples: ou ele renunciava publicamente a seus pensamentos, ou era condenado à morte. Ninguém havia decidido de fato queimá-lo vivo e todos esperavam que, como tantos outros em seu tempo, Jan Hus optasse sensatamente por fazer penitência admitindo seu erro para salvar a pele. Ora, fez o contrário. Sim, a opção era simples. Jan Hus preferiu morrer por suas ideias.

— Não é para qualquer um — murmurou Théo.

Foi para ele, que morreu na fogueira. O povo tcheco se revoltou contra a Igreja católica. A rebelião foi maciça, poderosa e veio do povo. Os fiéis de Jan Hus não queriam renunciar às ideias de seu herói nacional. O cálice em que o fiel bebia o sangue de Cristo tornou-se símbolo da revolta. Em nome de seu cálice, os "hussitas" organizaram exércitos e combateram. O culto hussita nasceu, com a comunhão na missa sob as duas espécies, pão e vinho. Expulsos das igrejas pelo clero tradicional, os hussitas celebravam a missa nos bosques e nos campos, ao ar livre … Com essa prática proibida, nasceram os primeiros germes da Reforma que viria à luz mais tarde, com Martinho Lutero.

Um herói surgiu, um nobre habituado à guerra, ex-monteiro-mor[18] da caça do rei, Jan Zizka. Assumiu o comando da guerra santa com o nome de "Irmão Zizka do Cálice" e fundou a cidade santa dos hussitas, Tabor. A Boêmia havia se tornado infiel à Igreja de Roma! Para sufocar a rebelião, o papa lançou uma cruzada que fracassou. Uma segunda, fracassou também. Da terceira vez, os cruzados massacraram sem piedade os hussitas.

Desde essa época sangrenta, Jan Hus tornou-se símbolo da liberdade tcheca. Não pelo pão e o vinho, mas porque teve a coragem de morrer por suas ideias. Cinco séculos depois, em pleno século XX, quando a Tchecoslováquia gemia sob o jugo do império soviético, um rapaz imitou Jan Hus. Ele embebeu-se de gasolina e ateou-se fogo. Como Jan Hus, o estudante Jan Palach quis morrer por suas ideias, em nome da liberdade roubada do povo tcheco.

— Ele também tem uma estátua? — perguntou Théo.

— Tem seu lugar — respondeu Rivkelé erguendo a cabeça. — Mas, se você quiser, poderemos depositar flores no lugar em que se inflamou. É um gesto que faço com frequência.

O olhar de Rivkelé brilhava pela primeira vez.

— Seus pais sofreram muito durante esse período — disse tia Marthe. — Privados de emprego por razões políticas, reduzidos à miséria … Você não era muito grande na época.

— Eu fiz o que eles me disseram — atalhou a moça num tom vivo. — Li os Livros e pedi ao Eterno que nos tirasse da escravidão. Hoje somos livres.

— Sabe que você é muito mais bonita quando dá para ver seus olhos negros? — comentou Théo.

— Claro que sei — respondeu Rivkelé. — Mas sou tão tímida. Foi preciso calar-me por tanto tempo …

O John louro e o John moreno

Bem no momento em que ela mudava de tom, chegaram diante do café dois jovens de gravata. Armaram uma pequena banca, arrumaram metodicamente nela umas brochuras e esperaram.

— Vou ver o que estão vendendo — disse Théo. — Vamos, Rivkelé?

Os jovens não estavam vendendo nada. Respondiam num tcheco hesitante e davam suas brochuras a quem se interessasse por suas ideias. Rivkelé fez algumas perguntas a que eles responderam com a maior seriedade.

— Tia Marthe! — exclamou Théo. — Mórmons, imagine! Há mórmons em Praga!

— Por que os mórmons não viriam a Praga? — perguntou tia Marthe sem sair da mesa. — Aproveite para saber mais! Eu fico com Arthur …

Então, auxiliado por Rivkelé, Théo começou a conversar com os dois rapazes. Ambos se chamavam John. John 1 era louro e John 2 era moreno. Não eram parentes e vinham direto de Salt Lake City, a cidade santa de todos os mórmons do mundo, “o lugar justo”, como declarara ao cabo de

uma dolorosa epopeia Brigham Young, o sucessor do visionário Joseph Smith.

— Que epopeia? — perguntou Théo.

Após o linchamento de Joseph Smith, o conselho da Nova Igreja resolveu se instalar longe dos perseguidores. Foi necessário um ano e meio para os primeiros mórmons atravessarem mais de dois mil quilômetros em condições pavorosas. Tendo enfim chegado ao alto das Montanhas Rochosas, perceberam um lago no meio do deserto. A água era salgada, a cidade foi chamada Salt Lake City, "cidade do lago salgado". Hoje, a cidade mórmon era próspera, em plena expansão financeira. Construir o reino de Deus requeria um senso agudo do bom governo da sociedade.

— E o que eles fazem em Praga? Pergunte a eles, Rivkelé.

Como em cada pia família mórmon, seus pais haviam decidido enviar os filhos mais velhos em missão por um ano. Era a regra. Claro, eles poderiam ter recusado. Mas seus pais teriam ficado tão aborrecidos que eles acabaram decidindo enfrentar a grande prova. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias decidia qual o país da missão, preparava-os cuidadosamente, mas depois tinham de se virar sozinhos, difundir os princípios da fé contidos no Livro dos Mórmons, ajudar as populações, enfim, o trabalho clássico dos missionários de todas as religiões.

— Contem — perguntou Théo excitadíssimo. — O que vocês fazem em suas cerimónias?

— Para saber, é preciso estar entre nós — respondeu o John louro. — Em todo caso, não temos cruzes em nossas igrejas, porque Cristo vivo está entre nós.

— Podemos lhes explicar nossas regras de vida — acrescentou o John moreno. — Não cometemos nenhum excesso.

Não bebemos nem álcool nem café, não consumimos drogas e não fumamos. Não temos clero, a igualdade entre nós é plena: qualquer menino de doze anos pode celebrar o culto … Nossa vida é austera e simples, fiel à das tribos de Israel.

— Porque, de acordo com nosso Livro, somos as tribos perdidas de Israel, que se encontraram na América do Norte — completou o John louro. — Quatro séculos depois da sua ressurreição, Jesus Cristo veio visitar nossos ancestrais remotos … Graças a ele, sabemos: o que Deus fez pelo Filho, faz por todos. Todos somos destinados à ressurreição.

— É por isso que temos o dever sagrado de batizar as almas mortas do mundo inteiro desde o começo dos tempos — explicou o John moreno. — Queremos reintegrá-las no seio de Deus para lhes garantir a ressurreição.

— Desde o começo dos tempos? — espantou-se Théo. — Isso é impossível!

— É possível, sim — retrucou o John moreno. — Em Salt Lake City pusemos no computador as genealogias do mundo. Claro, vamos levar algumas décadas. Mas graças aos incontáveis mórmons de nossas comunidades, progredimos rápido! Família após família, reconstituímos o passado e descobrimos os ancestrais desaparecidos … Depois batizamos suas almas.

— Assim salvaremos o conjunto do mundo — acrescentou o John louro. — Nosso ideal é simples!

— É verdade que vocês praticam a poligamia? — perguntou Rivkelé fitando-os nos olhos.

— Não — respondeu o John moreno. — A poligamia é ilegal nos Estados Unidos e somos bons cidadãos.

— Mas nossos fundadores consideravam um dever garantir a proteção das mulheres — completou logo em seguida o John louro. — Isso é verídico.

— Então, sim ou não? — irritou-se Théo. — O que eles disseram, Rivkelé?

John e John se olharam sem responder.

— Não — admitiu por fim o John louro. — Mas que importância tem, se todos nós somos deuses em devir … Nosso Cristo não é o da Paixão, mas o da Ressurreição. Vejam como ele brilha!

— Até parece um herói de seriado americano — comentou Théo entre dentes fitando a imagem. — Cristo em Malibu!

— Seja educado — soprou-lhe Rivkelé. — Não vou traduzir o que você disse.

— Pergunte então se a vida em missão longe do lago salgado deles não é muito difícil — pediu.

O John moreno afirmou que estava muito feliz por pregar na Europa Central. O John louro lhe fez coro, sem grande entusiasmo. Às vezes, viam-se jovens missionários mórmons sucumbir diante da dificuldade da tarefa e voltar para casa mortificados, arrasados até. Mas John 1 e John 2 tiveram sorte: outros haviam sido mandados para regiões pobres no interior da América Latina, ao passo que Praga em setembro …

— Tenho uma pergunta — disse Théo. — Por que somente os meninos podem celebrar o culto a partir dos doze anos?

John 1 e John 2 ficaram mudos como carpas. No capítulo das mulheres, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias não era muito falante.

Cidras, palmeiras, chifres e coroas

No dia seguinte, visitaram o gueto de Praga. A inabalável Rivkelé quis, a todo custo, começar pelo Museu Judaico, instalado em sinagogas desativadas.

— Um museu! — recalcitrou Théo. — Para quê?

— Ela tem razão — respondeu tia Marthe. — Vai ver os objetos do culto, sobre o qual você não conhece bulhufas.

Nas vitrines, Théo viu magníficas coroas encimadas por leões de ouro, cortinas de veludo bordado, castiçais, candelabros, uns tubinhos enigmáticos, chifres de animais ornados de ourivesaria, mais toda uma coleção de compridos bastões terminados por uma mão com o indicador apontando, de prata. Pareciam cálices e ostensórios cristãos, mas, como estavam no Museu Judaico, que significavam aqueles singulares objetos?

Rivkelé ia se encarregar das significações. A mão na ponta da vara comprida servia para seguir as linhas dos textos sagrados em hebraico, e o indicador indicava a letra e seu símbolo. Os tubinhos, as *mezuzot*, eram colocados do lado de fora das casas judias; tocava-se neles ao entrar e ao sair, porque continham um minúsculo rolo da Torá, o Livro Santo. As cortinas eram colocadas diante do tabernáculo para velar as Torás, esses rolos enormes contendo os cinco primeiros livros da Bíblia que eram tirados dali durante as cerimônias. Os castiçais …

— De sete braços, eu sei — afirmou Théo.

Mas ninguém ainda era capaz de explicar de onde vinham os sete braços do célebre candelabro. A Bíblia não dizia nada. Ele apareceu num baixo-relevo do Império Romano representando os objetos do butim após o saque de Jerusalém. Pertenceria ao mobiliário do Templo destruído? Certamente. Carregado nos ombros diante do imperador triunfante, o candelabro significava a derrota do povo hebreu … Estranhamente, apesar da obscuridade das suas origens, esse candelabro chamado *menorá* havia se tornado, com a estrela de Davi, o símbolo vivo do judaísmo. Quanto aos castiçais, eram reservados à bela Festa das Luzes, *Chanuká*, que comemorava a restauração passageira do Templo após a luta contra a ocupação romana.

— E essa espécie de abacaxi que vemos em toda parte? Perguntou Théo. — Ali, na coroa, e no veludo …

Não era um abacaxi, mas um limão gigante, a cidra. Nos objetos de ourivesaria, Rivkelé mostrou a Théo um ramo de murta, um de palmeira e outro de salgueiro: a cidra, a palmeira, o salgueiro e a murta compunham o buquê ritual utilizado na festa das cabanas, *Sukot* em hebraico. Ao sair do Egito, o povo judeu havia caminhado longamente no deserto para enfim chegar à Terra Prometida; em memória desses tempos nômades, a festa das cabanas reconstituía as tendas de ramos e folhagens que serviam de casa aos hebreus em marcha.

— Os chifres são para os sacrifícios? — indagou novamente Théo.

Não! Tirado da testa de um carneiro em recordação do animal que, no último momento, substituiu Isaac quando do sacrifício de Abraão, o chifre chamado *chofar* era uma trombeta sagrada com som grave e mugente, soando como a voz de Adonai Elohim. Quanto às reais coroas de ouro e prata, destinadas às Torás, elas as aureolavam de glória e eternidade.

— Puxa, quantas festas tem o judaísmo! — constatou Théo.

— As Cabanas, as Luzes … Há outras?

Se há! Havia a alegre festa do *Puri*m, que recordava como a bela Ester, esposa do rei pagão Assuero, havia salvado seu povo revelando que era judia. Nesse dia, as pessoas se fantasiavam, cantavam, um verdadeiro Carnaval! O ano-novo era celebrado no fim do verão, desejando feliz ano como no resto do mundo, só que não era em 1° de janeiro. Oito dias depois vinha a celebração do Grande Perdão, o *Yom Kippur*, e essa cerimônia não era nada alegre. Era destinada a remir os pecados cometidos no ano precedente. Os judeus imploravam o perdão de Deus e oravam pelos mortos.

— Sobra pelo menos uma festa que você conhece, Théo — observou tia Marthe. — Falamos dela antes mesmo de chegar a Jerusalém.

— Antes de Jerusalém? — refletiu Théo. — Faz tempo já … Espere! Não seriam as Páscoas?

— A Páscoa, por favor — ela corrigiu. — *Pessach* em hebraico. Não a confunda com a festa da ressurreição de Cristo, lembra-se?

— Mais ou menos — respondeu Théo. — Para os judeus, Jesus não é o Messias ressuscitado. O caso deles é a noite da saída do Egito, quando comem aquele pão delicioso que papai compra. Mas qual dessas festas é a mais importante?

— A Pessach — respondeu Rivkelé. — Nada é mais importante do que o fim da escravidão no Egito. É preciso ter conhecido a privação da liberdade para medir a libertação.

O túmulo do Maharal

Para penetrar no estreito espaço do velho cemitério judeu, Rivkelé escolheu o melhor momento: os ônibus de turistas iam embora, junto com o sol. Sob as folhagens das árvores intermináveis erguiam-se na maior desordem milhares de pedras tumulares, umas de pé, outras inclinadas, outras deitadas, outras enfim quebradas.

— Isto é um cemitério? — espantou-se Théo. — Este bricabraque?

— É o mais respeitado dos cemitérios judeus, Théo — retrucou Rivkelé. — Do século XIII ao século XIV, onze mil judeus foram enterrados neste pequeno espaço. Debaixo de cada pedra tumular, acumulam-se camadas de mortos, enterrados bem fundo na terra …

— Por que não arranjaram um terreno maior? — perguntou o rapaz.

— A regra do gueto — interveio tia Marthe. — Os judeus eram amontoados no gueto, vivos e mortos.

Silencioso, Théo perambulou ao longo das passagens em que os últimos raios do sol não iluminavam mais que o topo dos túmulos. As ervas, pisadas, eram raras, os caminhos, cheios de galhos, os melros e os corvos projetavam luzes negras no recinto abandonado. Apesar do dourado do outono nas folhas, o velho cemitério judeu não respirava paz. Tomado pela tristeza, Théo caminhava mal olhando para os nomes gravados nos frontões das pedras.

— Pare aí, Théo! — disse Rivkelé. — Este é o célebre túmulo do Maharal, o rabi Yehuda Liva ben Betsalel, o Leão.

— Bonito à beça — admitiu Théo contemplando as duas arcas majestosas. — E está bem conservado. Ah! O leão empinando no medalhão …

— No topo, a cidra — acrescentou Rivkelé. — Embaixo, os cachos da uva da fertilidade. Preparou seu pedido?

— Preparei — respondeu Théo, tirando do bolso um papelzinho dobrado. — Onde devo colocá-lo?

— Debaixo do leão, ao lado dos outros. Pegue uma pedra e prenda o papel debaixo dela … Agora beije a pedra e medite. Assim, o Maharal satisfará seu pedido.

— Ei, este rabino sozinho é um Muro das Lamentações inteiro! — exclamou Théo. — Por causa do Golem?

— Sem dúvida — ela respondeu. — Venha sentar-se naquele banco ali. Falta pouco tempo para o dia acabar. Vou te contar a história do Golem.

Enquanto se distanciavam, tia Marthe colocou discretamente um papel debaixo de uma pedra preta, bem ao lado da de Théo. Numa voz suave, Rivkelé começou a narrar a lenda.

O Maharal não havia inventado o nome de Golem, nem o segredo da sua fabricação. De acordo com o Talmude, *Golem* era empregado para designar objetos inacabados, um cântaro por acabar, uma mulher sem filhos. Antes de o sopro divino anima-lo, Adão era um Golem. Depois um sábio rabino descobriu como imitar Deus.

Quando, em 1580, o Maharal compreendeu que era necessário proteger os judeus do gueto contra os excessos dos habitantes de Praga, decidiu animar um Golem. Primeiro, tomou um banho purificador e enfiou um capuz branco. Depois, em companhia de seu genro e de um de seus discípulos, foi à noite à margem do rio e lá pegou um bom punhado de barro. Era preciso modelar a estátua, depois dar quatrocentas e sessenta e duas voltas em torno dela recitando as letras sagradas. Em seguida, o Maharal introduziu no buraco da boca terrosa a folha na qual estavam escritas as letras sagradas. Então o gigante de barro começou a se mexer. O Maharal deu-lhe o nome de Yosselé. Ele não falava, contentava-se com obedecer. E como era imenso, Yosselé Golem metia medo: era o que o gueto esperava dele. Ao cair a noite, o Maharal tirava a folha sagrada da boca do Golem, que não se mexia mais até o raiar do dia.

— Repita para mim o que estava escrito na folha — pediu Théo.

— A palavra hebraica que significa "verdade" — disse ela.

— Mas se tirarmos a primeira letra, essa palavra passa a significar "morte".

As coisas desandaram quando Perl, mulher do Maharal, levou o Golem à feira. Ele era bonzinho e forte! Mas, é claro, não entendia nada de nada. Um dia, ela lhe pediu que pegasse um saco de batatas: enquanto ela pagava, o Golem agarrou a vendedora com sua barraca e colocou-os nas costas, semeando o terror entre os feirantes … Perl tinha muitas dificuldades com o criado de barro. Tanto que, certa noite, agastado com as reclamações da

esposa, o Maharal se esqueceu de tirar a tal folha. No meio da noite, o coitado do Yosselé Golem pôs-se a percorrer as ruas do gueto com seus pesados pés de barro, bum, bum, bum, quebrando tudo ao passar …

Foi preciso destruí-lo. Porque, se não se fizessem as mesmas operações ao contrário com o maior cuidado, haveria problemas, como sucedeu com o Baal-Chem-Tov que, dizia-se, havia tolamente pedido ao seu Golem que se inclinasse para que ele lhe tirasse a folha da boca …

— Ah, um velho conhecido! — exclamou Théo. — Não tinham me contado que o Baal-Chem fez bobagens …

O Golem do Baal-Chem-Tov se inclinou tanto que esmagou o rabino com todo o seu peso … Mais prudente, o Maharal apagou a primeira letra, tirou a folha, girou no sentido inverso em torno de Yosselé o número necessário de vezes recitando as letras de trás para a frente e, quando acabou, o Golem voltou a ser um monte de barro. O Maharal transportou-o para a margem do rio e devolveu-o à terra de onde o havia tirado. A não ser que o tenha escondido no sótão da sinagoga, porque, após a destruição de Yosselé Golem, o Maharal vedou o acesso ao lugar.

— Pena que seja uma lenda — suspirou Théo. — Eu teria gostado de ver Yosselé.

— Oh! — fez Rivkelé aterrorizada, apontando o dedo para o muro. — A sombra gigante lá, atrás da árvore … É Yosselé Golem, é ele!

— Calma, Rivkelé! — interveio tia Marthe. — Estamos no século XX e o Golem não existe mais …

— Dizem que ele reaparece quando os judeus estão em perigo — arrepiou-se Rivkelé. — A última vez que o viram foi em 1939, pouco antes da Shoah …

— Ora, ora — suspirou tia Marthe. — A noite já caiu, como é que você pode distinguir uma sombra gigante?

— Mas olhe, dona Marthe — murmurou a jovem estremecendo, — está se mexendo!

— Raios, não é que você tem razão! — vociferou tia Marthe, intranquila.

— Vou ver — decidiu Théo valentemente.

Atrás de um tronco de árvore, um gigante se escondia mesmo. Um homem alto enrolado numa grande peliça cor de barro … Brutus?

— Psiu! — murmurou Brutus pondo o dedo nos lábios. Ela não sabe que estou em Praga …

— Tá legal — fez Théo. — Fecho o bico. Sumo daqui!

Brutus fugiu nas pontas dos pés e Théo foi tranquilizar as mulheres. Se fosse o Golem, ele queria ser mico de circo … Com exceção de um visitante que voltara para pegar o capote esquecido, Théo não vira mais nada. Ah, sim! Um enorme galho cortado.

Para se recobrarem das suas emoções, tia Marthe e Rivkelé pediram dois chocolates quentes no café situado em frente do gueto. Théo foi fuçar na lojinha de antiguidades, onde comprou um horrendo Golem de terracota, um suposto retrato do Maharal e um cartão-postal com seu túmulo para mandar ao rabi Eliezer, em Jerusalém.

A princesa Shabat

Depois, veio a noite, veio manhã. Na sexta-feira, Rivkelé convidou seus amigos para partilharem o Shabat, que seus pais idosos praticavam com toda a simplicidade. O apartamento dos Oppenheimer ficava pertinho do gueto, numa das largas avenidas abertas na época da urbanização do bairro. Professor aposentado, o velhíssimo sr. Oppenheimer esperava à porta, onde estava pregada a *mezuzá* de cobre patinado. De longe, sua mulher recebeu as visitas com uma voz sonora:

— Bom Shabat!

— Bom Shabat — repetiu o sr. Oppenheimer.

— Bom Shabat, David — disse tia Marthe beijando-o nas duas faces. — Trouxemos um convidado inesperado, Arthur, o gato de Théo.

— Bom Shabat a todos! — repetiu Ruth do fundo do corredor. — Já vou! Querem leite para o gato?

A excelente Ruth Oppenheimer irradiava uma alegria contagiante. As mãos cobertas de farinha, cobriu Théo de beijos e de manchas brancas, depois levou-o para a cozinha onde preparava a refeição. Rivkelé abriu uma toalha branca na mesa, colocou duas velas, uma taça, os pratos, os talheres e o vinho. Num canto da sala de refeições, uma estufa avermelhava-se.

— Mamãe, você está atrasada para as *chalot*! — gritou.

— Eu sei — gritou Ruth por sua vez. — Estão assando! Trate de arranjar alguém para apagar o fogo!

— Por favor! — irritou-se Rivkelé. — Você está cansada de saber que não se deve pedir isso nunca, para ninguém …

— Sua mãe está distraída hoje — comentou o sr. Oppenheimer. — Não brigue com ela, Rivkelé, ela faz o melhor que pode …

Passando a cabeça pela porta da sala de refeições, Théo não entendeu o motivo da querela entre mãe e filha. Como à noite fazia um pouco de frio, a estufa acesa era uma boa ideia! Por que apagá-la? Por que seria preciso pedir ou não pedir?

O sr. Oppenheimer lançou um olhar mudo em direção à tia Marthe.

— Está bem, querido David — disse ela. — Eu apago.

Pasmo com aqueles mistérios, Théo voltou à cozinha para esmagar os ovos cozidos com o garfo, como d. Ruth tinha pedido. Ela picou as cebolas cruas praguejando por causa das lágrimas, apressou-se a misturá-las com os fígados de galinha picados, pimenta-do-reino, sal, depressa, Théo … Abriu o

forno, deu uma olhada na trança de pão que dourava. Numa grande travessa, um majestoso peixe frio já estava pronto — Arthur cuidou dele ativamente. Ruth enxugou a testa com a mão cheia de farinha dando um suspiro de alívio.

— O que está faltando? — ela murmurou. — Ah! O bolo. Claro, voltei tarde, mas, afinal de contas, tudo em ordem. Olho no gato … Vou trocar de roupa.

Ruth acabou de enfiar seu corpo rechonchudo num vestido de veludo em cima da hora. Com um gesto suave, riscou um fósforo e acendeu as mechas das velas, murmurando a bênção da luz. O Shabat começava. Então, como se se tratasse de um sinal combinado, tia Marthe se levantou e apagou a estufa.

— Durante o Shabat, os judeus não têm mais o direito de mexer no fogo — explicou Rivkelé. — Somente um não-judeu pode ajudá-los, mas os judeus também não têm o direito de lhe pedir esse favor. Dona Marthe fez isso muitas vezes em nossa casa … Agora, meu pai vai recitar as preces.

— As *chalot* não estão na mesa, Ruth — observou David. — Onde você as esqueceu?

— No forno! — exclamou Ruth precipitando-se para a cozinha. — Marthe, venha apagar o gás, por favor …

As *chalot*, as tranças de pão da noite de sexta-feira, pareciam no ponto: douradas, crocantes. Ruth colocou-as numa cesta e cobriu-as com um paninho com letras bordadas.

— Está escrito em hebraico: "Santo Shabat" — disse Rivkelé gravemente. — Festejamos a vinda da princesa do silêncio … O Santo Shabat é como uma noiva que habita conosco durante esse tempo maravilhoso. A princesa Shabat nos traz o calor do coração, a paz. Meu pai logo vai abençoar as *chalot* e dividi-las.

— Tenho dificuldade para andar, de modo que não posso ir todos os sábados à sinagoga — suspirou o velho David. — Mas ainda posso ler as preces que saúdam a volta do ofício. "Que a paz esteja convosco, anjos do serviço divino, anjos do Deus supremo, do rei dos reis, bendito seja!" Também posso entoar o hino à esposa valorosa, porque ela é infinitamente mais preciosa do que as pérolas, mesmo se está atrasada hoje … não é, Ruth? Depois, Théo, é o momento do *Kidush*, o mais importante do Shabat. Escute …

O sr. Oppenheimer encheu a taça de vinho, colocou-a na palma da mão e todos se levantaram.

"A noite se fez e a manhã se fez; foi o sexto dia. Assim foram terminados o céu e a terra e todo o seu exército. No sétimo dia, Deus havia terminado sua obra e no sétimo dia ele descansou. Deus abençoou o sétimo dia e proclamou-o santo, porque tinha descansado da sua criação nesse dia."

Em seguida, bebeu um gole e passou a taça à sua esposa. Depois que todos beberam, o velho lavou as mãos com um pouco d'água e ergueu-as para pronunciar as palavras das abluções. Para abençoar as tranças de pão, ergueu o paninho bordado que as cobria e pôs sobre elas os dedos recitando a bênção antes de cortá-las em pedaços.

— Ruth, suas *chalot* não estão assadas — repreendeu amavelmente. — Queimadas de um lado, moles do outro …

— Estou ficando com a cabeça ruim — gemeu Ruth. — Estou velha, David …

— Mas é mais preciosa que as pérolas, querida — ele repetiu com um sorriso. — Agora podemos sentar e comer.

Théo sentou-se desajeitadamente. Tia Marthe atacou o peixe com apetite. Arthur se interessou muito pelo fígado de galinha picado. Com as faces rosadas, Rivkelé tinha se animado e conversava com vivacidade. O velho

David comia lentamente contemplando a mesa do Shabat. Quanto a Ruth, entupia Théo sem parar. As velas acariciavam os rostos com reflexos magníficos e traçavam no branco da toalha círculos misteriosos. Foi tão bonito quanto um banquete de casamento em homenagem à chegada da noiva ao lar conjugal.

No fim da refeição, David Oppenheimer entoou a ação de graças: "Escuta, Israel, o eterno é nosso Deus, o Eterno é Um. Amarás o Eterno teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças […]".

— O "Chema Israel" — cochichou tia Marthe. — A essência da prece dos judeus, Théo …

— […] Imprimi pois minhas palavras em vosso coração e em vosso pensamento; prendei-as como símbolos em vosso braço e levai-as em testeira entre os olhos … Inscrevei-as nas vigas da vossa casa e em vossas portas. Então a duração de vossos dias e dos dias de vossos filhos, no solo que o Eterno prometeu dar a vossos pais, igualará a duração do céu acima da terra — terminou o velho sr. Oppenheimer.

Quando tia Marthe e Théo chegaram ao quarto do hotel, o lugar lhes pareceu triste. Até Arthur reclamou, dormindo debaixo da cama.

A prece velha-nova

Sábado, dia de Shabat, Rivkelé não apareceu. Tia Marthe e Théo passaram o dia no castelo que dominava Praga. A multidão dos turistas era considerável e, para penetrar na estreita Ruela do Ouro onde haviam vivido os alquimistas do imperador Rodolfo, era preciso fazer fila … Eles se refugiaram nos jardins criados sobre os fossos e contemplaram os tetos de Praga, os bulbos verdes e a bruma dourada que pairava sobre a cidade.

— Nada mal — constatou Théo. — Só que muito mais complicado que o gueto!

— Aqui você vê o triunfo da arte barroca. Mas é bom saber uma coisa — avisou tia Marthe. — Para combater a Reforma protestante, a Igreja católica utilizou vários meios. A guerra, os massacres, as cruzadas, para começar. Depois uma boa polida em seus usos e costumes. Enfim, a arte barroca que você está vendo. A arma da exaltação pela beleza foi o melhor meio da Contrarreforma católica na Europa.

— Poderiam ter pensado nisso antes …

— Mas teríamos ficado privados destas obras-primas. Não queira refazer a história!

— Quando vamos ver de novo Rivkelé?

— Amanhã à noite. Este ano, o Grande Perdão começa domingo ao cair da tarde. Você também precisa ver um serviço na sinagoga …

Domingo, Théo voltou a seu querido gueto. Tia Marthe fizera questão de chegar antes para mostrar a Théo a fachada da sinagoga chamada Velha-Nova. Velha, porque era a mais velha, e Nova porque havia sido, muitíssimo tempo atrás, restaurada. A sinagoga Velha-Nova era tida como eterna: anjos haviam trazido as pedras para construí-la do Templo de Jerusalém … O fato é que ela sobreviveu intacta, tendo no sótão a poeira de Yosselé Golem escondida pelo Maharal.

Na hora combinada, a família Oppenheimer chegou, com Rivkelé e sua mãe amparando o velho senhor tremendo sobre suas pernas. Na entrada da sinagoga, deram a Théo uma quipá e um xale de oração branco com listas pretas, que lhe puseram nos ombros. David tinha o dele, que abriu com cuidado. Depois, mulheres de um lado, homens do outro.

Submerso no grupo dos fiéis de branco, Théo percebia as mulheres na tribuna sob seus chapéus elegantes. A cortina do tabernáculo avermelhava-

se de veludo e ouro. E quando a puxaram para abrir o armário, quando tiraram daí os majestosos rolos das Torás, um frêmito sagrado percorreu a assembleia dos judeus. Emocionado, Théo se arrepiou. Não compreendeu nada do canto agudo do *kantor* encarregado das orações, não entendeu nada das palavras murmuradas, nada das palavras do rabino, mas sentiu-se transportado três mil anos atrás, na aurora das religiões do mundo, em Jerusalém ou em outro lugar qualquer.

— É o dia do Perdão dos judeus — murmurou David a seu lado. — Mas é também o dia das boas-vindas para o estrangeiro, Théo. Seja bem-vindo entre nós, meu rapaz …

De repente, virando-se para ajeitar o xale, Théo percebeu Brutus envolto em branco e preto, com uma quipá na cabeça e um sorriso nos lábios. O prof. Carneiro bem no meio da sinagoga parecia tão à vontade quanto na igreja da Abissínia ou em seu terreiro de candomblé … Brutus piscou o olho e entoou um canto repetido em coro. Ainda por cima, cantava em hebraico!

Quem quase caiu para trás na saída do ofício? Tia Marthe, ao vê-lo dobrar seu xale de oração e devolvê-lo ao funcionário da sinagoga. Quem lhe deu uma furiosa bronca ao saber da brincadeira de mau gosto no cemitério judeu? Tia Marthe. Quem pulou no pescoço dele para terminar? Tia Marthe.

— Pedi minha aposentadoria, querida — disse-lhe apertando-a nos braços. — Minha única profissão será viver com você.

— Não no Rio ou na Bahia, espero!

— Herdei uma casa velha na cidade barroca de Olinda — murmurou. — Você vai morar sob o meu teto, querida, como convém …

— Mas vou preservar minha independência, promete? — disse ela desconfiada. — Poderei viajar quando quiser?

— Para onde quiser, querida. Mas não irá sozinha.

— Verdade, não vai me deixar mais?

— Para quando o casamento? — perguntou Théo.

— Quando voltarmos a Paris — respondeu tia Marthe. — Só te resta uma mensagem, e um lugar. Espere por amanhã!

Théo adivinhou fácil onde achar a mensagem. Debaixo de uma pedra, no frontão do túmulo do Maharal, um papel indicava o fim da viagem.

E agora vai encontrar tua Pítia em seu santuário.

Dois dias depois, partiam com Rivkelé para a Grécia, rumo a Delfos.

30

A viagem acabou, a viagem começa

Vovó Théano

Théo conhecia de cor o aeroporto de Atenas. O guichê para comprar as fichas que davam direito a um carrinho. A saída das bagagens, as manhas para evitar a multidão. Assumiu a direção das operações e deu ordens ao seu rebanho — Rivkelé, Brutus e tia Marthe, — que o seguia obedientemente. E, dessa vez, ele sabia muito bem quem estaria esperando lá fora. Vovó Théano, empertigada sob seus cabelos brancos.

Ele se jogou em seus braços, ela quase o sufocou de tanto apertá-lo.

— Meu netinho que quase perdi — soluçava ela. — Meu Theozinho querido, meu neto adorado …

— Já acabou vovó, estou curado — ele murmurou, com o nariz no pescoço dela. — Não chore mais …

— Um verdadeiro milagre! Rezei tanto …

— Fez bem … Tanto assim que serviu.

— Como você cresceu! — ela exclamou, segurando-o com os braços esticados. — Pelo menos dez centímetros!

— A juventude cresce com as viagens — concluiu Théo. — Cuidado com a sacola azul! Meu gato está nela, um gato amarelo que se chama Arthur …

— Você fez a viagem toda com um gato? Marthe não disse nada?

— Não, porque eu o ganhei somente na África. E ele é tão fofo, olhe só …

— É, tem olhos azuis — ela admitiu. — Como é mesmo o nome dele?

— Arthur! — repetiu Théo. — Bem vovó, os outros estão esperando, receba-os direito, por favor. Rivkelé vem de Praga, onde é professora. O homem grandão é o futuro marido de tia Marthe. Ele se chama Brutus e é brasileiro. Não fique com essa cara de espanto … Ele é bárbaro!

— Marthe vai se casar de novo! — exclamou vovó Théano. — Bem, não é nenhum luxo. Com um pouco de sorte, o casamento vai pôr um pouco de recheio na sua cabeça oca …

Vovó Théano, toda a família sabia, de vez em quando tinha uma língua de víbora. Mas, como era bem-educada, congratulou tia Marthe com as efusões necessárias e ficou encantada com o beija-mão de Brutus. Quanto à tímida Rivkelé, foi adotada na hora.

Ao anoitecer, vovó Théano mandou os três intrusos irem jantar num restaurantezinho em Plaka, porque ela queria ficar a sós com o neto.

Sentados na sala de refeições, onde havia passado muito do tempo de férias, Théo contemplou os ícones na parede, as velhas fotografias de seu avô, a cabeça de Deméter comprada em Alexandria, o violino, a estante e as partituras.

— Você continua tocando? — perguntou.

— Claro que sim! — respondeu vovó Théano. — Às vezes ainda dou concertos! Está rindo de quê? Até parece que não me leva a sério.

— Não posso acreditar que você seja violinista — suspirou o rapaz. — Para mim, você é minha avó e faz caldo de galinha com suco de limão. Bobagem, né?

— Não. Mas, decididamente, você cresceu! Antes, você nunca tinha perguntado pelo meu violino. Desde criança, você vivia com o nariz enfiado nos livros … Minha profissão não te interessava.

— Pois é, eu mudei. Passei dos livros ao mundo, que não é tão ruim quanto dizem.

— Está aí um ótimo começo. E essa volta ao mundo das religiões, que proveito te trouxe?

— Opa! — fez Théo. — Está parecendo um desses jogos da tevê! É para ganhar uma viagem às ilhas ou móveis para escritório?

— Você tem todo o tempo para contar e pode hesitar, mas quero saber, menino. Não que eu seja grande conhecedora em matéria de religião, mas quando se tem um gênio na família … O gênio coçou a cabeça e bocejou.

— Tudo bem. Mas só se for com um café turco e *lukum*[19].

— Preparei tudo — ela disse, levantando um paninho bordado. — Eu te conheço!

A árvore de Théo

— Bem — ele murmurou puxando o caderninho de notas. Vamos fazer o negócio direito. À medida que a gente viajava, eu fui escrevendo umas coisas. Também fiz uns desenhos, está vendo? O último é apenas uma árvore. Vou te explicar. Escute … vejo as religiões como os galhos de uma árvore. Uma só árvore grande, com raízes subterrâneas que correm sob a Terra inteira … Depois o tronco sai da terra, bem reto, bem limpo. A árvore é um baobá da África, porque pode-se gravar em sua casca o que bem se

entender. Leia você mesma: "Deus existe para o bem do homem". É o que está escrito no tronco.

— Quer dizer então que você não encontrou nenhum Deus malvado — ela concluiu.

— Calma lá! O tronco comum das religiões não se contenta com afirmar que Deus é bonzinho! Ao lado, numa tabuleta, anotei suas prescrições, que não cabem na casca. O manual de instruções, digamos assim. Deus existe para o bem dos homens com algumas condições: que seja venerado, que roguem a Ele, que lhe façam sacrifícios. Senão, Deus se torna terrível! Ele faz o dilúvio, o exílio, a guerra, a seca, os raios, conforme o gosto.

— De modo que o homem tem deveres para com Deus — acrescentou vovó Théano.

— Isso também está no tronco comum. O manual de instruções da árvore é enorme! Todas as religiões querem reunir e proteger. Para consegui-lo, exigem elas, não se pode desviar um milímetro. Uma árvore tem que ser regada com água limpa. Não se pode fazer xixi nela, nem estragá-la jogando lixo em seu pé. Também não pode haver poluição! Portanto as religiões se preocupam muito com a pureza. Isso também, a proteção contra a poluição, está no tronco comum. O adubo também, que se chama sacrifício. Até aqui, tudo igual.

— Ah! E o que acontece em seguida?

— Acontece que os primeiros jardineiros de Deus morrem. Os seguintes brigam uns com os outros, parece que é humano. Cada jardineiro tem sua opinião sobre o adubo. Para o primeiro, é sangue de animal; para o segundo, é vinho e migalhas de pão; para o terceiro, apenas água; o quarto quer água mineral; o quinto, água filtrada; o sexto quer apenas fogo para queimar as folhas murchas; o sexto, apenas ar; em suma, parece briga de ecologistas. Um belo dia, cada um deles publica seu manual de instruções para a

manutenção da árvore. A vaca vai para o brejo. Todas as religiões põem-se a defender e a combater. A coisa não funciona mais. E quando, a cada primavera, a árvore volta a dar brotos, cada um dos jardineiros reserva para si um galho, cada um dos quais com seu deus.

— Interessante — disse vovó Théano. — O que você acha dos galhos?

— É uma árvore, ora essa, logo dá galhos, é a função dela! E sabe o que acontece com a árvore? Se não for podada, morre … Pois bem, quando por acaso um galho maior da árvore não dá mais folhas, um novo jardineiro aparece para cortá-lo. E todas as vezes ela torna a dar brotos. Quando o judaísmo se resseca, o jardineiro Jesus corta o galho morto. E surgem dois novos galhos, em vez de um. Um velho, um novo. Quando o galho do cristianismo fica todo embolorado, o jardineiro Lutero arranca o galho sem tratá-lo, de um só golpe. E acontece a mesma coisa. Quando o galho do bramanismo não cresce mais na primavera, o jardineiro Buda chega e limpa. E não acaba nunca …

— Pelo que estou vendo, você gosta dos jardineiros … Mas de onde saem?

— Não sei bem. Dizem que são enviados de Deus. Aparentemente, têm dicas sobre a árvore, o que eles chamam de revelações. Estiveram no alto da montanha, ou retiraram-se para o deserto, para a floresta, viveram na neve, na areia, longe, em todo caso. São meio malucos e muito sábios … Como um se parece com o outro! Moisés, Jesus, Maomé, Buda, Joseph Smith …

— Quem? — surpreendeu-se vovó Théano.

— O americano a quem Deus enviou o Livro dos Mórmons. Sabe, você me fez pensar numa coisa … São excelentes jardineiros, não é? Por que então fazem tão mal seu trabalho? Não são capazes de formar aprendizes … Assim que morrem, o pau come! Em vez de um só galho forte, a gente vê

três, seis, tantos quantos os novos jardineiros! Gosto dos podadores, só que eles cortam e pronto! … Vão embora.

— Não é culpa deles, se morrem — ela replicou. — Mas você me faz dizer asneiras! Cristo não morreu, justamente …

— Pois fique sabendo que não é o único! Maomé voou montado em sua égua do teto da mesquita de Jerusalém, Buda entrou no Nirvana, posso te citar uma pá de imãs que desapareceram, mas não morreram … Moisés, ele sim, morreu pra valer. Mas os outros! Ninguém quer admitir que esses jardineiros excepcionais são homens.

— Mas Cristo é o Filho de Deus, afinal! — irritou-se vovó Théano.

— É o único jardineiro que diz de onde vem — concedeu Théo. — Depois, só acreditando. Eu não sei. Você, sim. Eu me interesso pela árvore inteira. Acontece uma porção de coisas com uma árvore. Pode crescer uma hera em seu corpo, ou cipós. Se os jardineiros não prestam atenção, a hera sufoca a árvore … O resultado disso são os integrismos, e é um resultado mortal.

— Digamos — admitiu ela. — Como sua árvore se acaba?

— Não se acaba. Minha árvore é tenaz. Os galhos bons aguentam. Podados, tornam a crescer ou produzem outros galhos. Os outros são cortados ou acabam caindo … Já a árvore sempre cresce.

— Você está me fazendo perder a paciência. Até parece que nunca ouviu falar da árvore do conhecimento, no Paraíso …

— Claro que ouvi! Vou te contar como vejo essa história. No começo havia a árvore. Os humanos tinham um só desejo: subir o mais alto possível, onde as folhas da árvore tocavam as nuvens. Inventaram a escada, que funcionava bem. Um dia, um espertinho quebrou a escada, para ver no que dava. Não havia mais jeito de ir até o alto! Em todas as religiões, sempre há um espertinho que quebra a escada entre o céu e a terra. Depois chegaram

os jardineiros para experimentar outros meios. Fazer a árvore crescer o mais alto possível, permitir que os homens subam nela. Não pararam de subir …

— E a serpente diabólica? E a maçã? Que fim você dá a esse fruto do conhecimento proibido? — ela se indignou.

— Falar em serpente diabólica é simplificar as coisas! Conheço galhos índios da árvore em que as serpentes são muito convenientes, muito divinas! E, sabe, não posso acreditar que Deus seja capaz de proibir o conhecimento. Senão, o que estou fazendo na escola, hein? Gostaria de saber!

— Quer dizer que você não acredita no pecado? — indagou inquieta.

— Qual? Beber álcool, fumar, comer carne de boi, carne de porco ou deixar os cabelos à mostra, no caso das mulheres? Tantos galhos, tantas definições do pecado! Está escrito no tronco: Deus proíbe. O quê? É coisa dos jardineiros.

— Deus meu! — ela suspirou. — Marthe conseguiu: você voltou ateu, como ela!

— De jeito nenhum, vovó! A força do divino eu senti, garanto! Simplesmente, eu a encontrei em toda parte, só isso. As raízes é que falam através dos galhos. Mas se for preciso escolher um galho, então fico atrapalhado!

— Espere aí … Quer dizer que você também quer trepar na árvore?

— Tenho a impressão de que os homens não têm outra opção — murmurou ele. — Parece até que a raiz cresce dentro do corpo deles: têm de subir, mais alto, mais alto ainda. E quando enfrentam as religiões, continua sendo uma guerra religiosa, de modo que …

— Você não me respondeu, Théo.

— Sim, tenho vontade de subir. Não muito. Gostaria mesmo é de me instalar num galho meio baixo de onde poderia ficar de olho na hera. Ver o jardineiro trabalhar, dizer-lhe que não pode muito, que serre direito, que

não estrague a árvore tirando lascas nela toda. Também lhe diria que a deixasse em paz na primavera: há um tempo para podar, um tempo para adubar. Eu lhe pediria que não protegesse os galhos com redes ou grades. Que não tirasse os ninhos, mesmo que os passarinhos façam sujeira. A sujeira faz parte da vida da árvore.

— Decididamente, você virou ecologista! — ela suspirou. — Não vejo nada de religioso no que você está falando.

— Desculpe, vovó — disse ele após um silêncio. — Você encontrou seu galho. Eu estou procurando o meu, é diferente.

— Chega desta árvore que não dá frutos!

— Se dá! Dá cidras, cachos de uvas, grãos de trigo ou de *fonio*, pêssegos da mocidade, toda uma cesta de frutos … Minha árvore é bárbara: ela sozinha dá os frutos do mundo! E quantos animais vivem a seus pés … O touro, a cabra, o carneiro, o galo, a serpente, a águia, o cordeiro, a garça, o rato, sem contar os passarinhos de são Francisco. Isso é a árvore do Paraíso!

— Cuidado com o pecado, meu filho — ela ameaçou. — É fácil ser expulso do Paraíso!

— É o que Deus tem de chato. Ele é violento demais! Quando não está satisfeito, maneja o raio. É excessivo, convenhamos.

— Quem é você para julgar Deus, seu vermezinho? — exclamou ela.

— Eu sou somente eu. Está certo, não é grande coisa. Mas se você for lógica, terá que admitir que Deus me criou assim.

— Pois bem, Deus fez poucas e boas!

— Ah! Está vendo? Você também o julga! Por que não quer me deixar ter meu galho?

— Porque … Sei lá! Você me deixa tonta. Não é minha concepção das coisas. Não esperava por essa … Enfim, quem te curou, Théo?

— Umas pessoas. Bons jardineiros. Existem em toda parte.

— Então não foi Deus? — disse ela temerosa.

— Foi a árvore — respondeu o rapaz, obstinando-se. — Posso chamá-la de Deus, se te agrada.

— Você mudou tanto, Théo — ela gemeu. — Precisa me dar um tempinho para eu me acostumar! Venha jantar. Fiz para você …

— Caldo de galinha com limão e um ovo batido? — perguntou Théo. — Oba! De tanto falar de árvore e de frutos, fiquei com fome!

Quando as cargas chegarem

No café da manhã do dia seguinte, vovó Théano tinha a fisionomia cansada. Por causa da árvore de Théo, garantia não ter pregado os olhos, tinha passado quatro horas refletindo, depois, cansada, pegara o violino e tocara Bartók para recobrar a calma.

— Não ouvi nada — bocejou Théo com Arthur no colo. — Você tocou de verdade?

— Baixinho, para não acordar você. Queria voltar à história da árvore. Sem te aborrecer, Théo. Me explique um pouco … Todos os galhos têm o mesmo valor, a seu ver?

— Valor! — exclamou Théo. — Por acaso uma árvore julga seus galhos? Há galhos que morrem e caem. Mas às vezes, também, há galhinhos minúsculos com uma linda folhagem bem verde! Valem menos que os galhos grandes?

— É o que eu imaginava! — ela explodiu. — Você justifica a existência das seitas!

— Ah! Isso é o que você pensa! Está vendo, quebrei a cabeça a propósito das seitas e da minha árvore. As seitas são nojentas … Mas, afinal de contas, agora enxergo direito. A partir do momento em que um engraçadinho que

se pretende profeta pede o tempo todo dinheiro a seus adeptos, enclausura-os e os faz trabalhar só para ele, é uma seita! Pode ficar sossegada, disso eu sei.

— Sim, mas as seitas estão na sua árvore, Théo? É importante saber!

— Não, elas não estão na árvore. Elas estão ao pé da árvore. Sabe, quando uns brotos pequenos se recusam a passar pelo tronco? Como nos seus pés de morango … Se o jardineiro não arrancar esses brotos, não dá morango! Com as seitas é a mesma coisa. Não apenas elas não fazem parte da árvore, mas a prejudicam. Ervas daninhas.

— Não me convenceu. Tomemos um exemplo. Tia Marthe te falou dos cultos do Cargo, imagino.

— Cargo? — perguntou Théo. — Não. Sabe o que é, Arthur?

— Curioso — refletiu vovó Théano. — Porque foi ela que me informou da existência dessas estranhas seitas da Oceania …

— Não fomos até lá — admitiu Théo. — De que se trata?

— Vou tentar me lembrar — ela hesitou. — Em certas ilhas da Oceania, no meio do Pacífico, os indígenas …

— Os habitantes — corrigiu Théo. — Somos todos indígenas.

— Bem, eles viram chegar os primeiros europeus de navio. Esses brancos tiravam das embarcações caixas de todo tipo, esquisitas engenhocas, bebidas desconhecidas … Resumindo, um belo dia nasceram os cultos do Cargo.

— Os navios milagrosos eram cargueiros — deduziu Théo.

— *Cargo* em inglês é "carregamento", "carga" — ela precisou. — Os indíg … os habitantes das ilhas adoram a carga. Antes, praticava-se nas ilhas o culto dos ancestrais protetores, que voltavam para passar um tempo com os vivos. Um dia, eles creem, chegarão nas ilhas da Oceania imensos barcos cheios de carregamento, de víveres e de riquezas que serão divididas entre todos em perfeita igualdade …

— Importantíssima, a igualdade — afirmou Théo. — Aposto que esperam o Messias deles!

— Não sei. A crença deles é tão forte que muitas vezes, para antecipar a chegada das cargas, os habitantes das ilhas destroem todos os seus bens na esperança de conquistar a simpatia dos navegadores divinos! Aí está uma seita destruidora!

— Para você, os cultos do Cargo são seitas — murmurou Théo pensativo. — Mas quem maneja o leme dos barcos? Os brancos?

— Não! Os ancestrais que retornam!

— Você não estava dizendo o essencial! — exclamou Théo. — Então, se os ancestrais tomam parte na coisa, não são seitas, não. É o galho da Oceania que cresce. Por que as raízes da minha árvore não se encontrariam debaixo da terra das ilhas do Pacífico? Acho interessante a ideia das cargas. Verdade! O Paraíso chega pelo mar … Os ancestrais descarregam os fardos, distribuem a comida, dão presentes. Os ancestrais são sempre formidáveis. Aprendi isso na África. Vivam os ancestrais!

— Destruir tudo por causa de uma ilusão! — indignou-se a avó.

— Você diria que o panteão dos deuses gregos era uma ilusão, vovó?

— Ora, Théo, você não pode comparar os deuses gregos com …

— Com esses selvagens? — completou Théo. — Não é o que você ia dizendo? Não se envergonha?

— Está bem — ela concedeu. — Digamos que tenho medo de te ver tolerante demais para com seitas de qualquer coisa.

— Minha árvore faz a diferença. Está vendo que é necessário jardineiros … Acho que não sou muito ruim em matéria de jardinagem. Não se preocupe, vovó.

— Théo, até que enfim você está falando corretamente! Antes você dizia "Não se preocupa", agora diz "Não se preocupe …". Aprendeu a

concordância!

— É mesmo — percebeu o rapaz. — Deve ser de tanto conversar com adultos. Quando tornar a ver meus colegas, vão estranhar …

— Com certeza — ela concluiu levantando-se da mesa. — Bem, temos trabalho, menino. Amanhã, piquenique geral em Delfos! Vamos fazer umas comprinhas.

Como sempre, vovó Théano comprou dez vezes mais que o necessário para Brutus, tia Marthe, Rivkelé, ela e ele, cem vezes mais até, tanto estava contente. Théo bem que tentou chamá-la à razão, mas ela não ouvia. Dez garrafas de raki[20], vinte caixas de lukum, cinco quilos de azeitonas, três latas de comida para Arthur, trinta quilos de tomates. Trinta!

O travesseiro foi bom conselheiro para vovó Théano, que não contestou mais a árvore de Théo. Em vez disso, ela ficou furiosa com a incompetência dos médicos que não tinham visto, não tinham sabido, não tinham encontrado, não …

— Eles fizeram o melhor que puderam — cortou Théo. — Deixe-os em paz! Ninguém é capaz de explicar como sarei …

— Eles dizem que fizeram o diagnóstico correto!

— E daí? Que importância tem, se estou vivo …

— Eu bem que gostaria de compreender — obstinou-se ela.

— Vou te dizer — murmurou o rapaz. — Da primeira vez que ouvi a voz da minha gêmea, senti um peso sobre mim … Até o momento em que mamãe contou seu segredo. Aí, fiquei francamente melhor.

— Ah! A irmãzinha morta — resmungou vovó Théano. — Eu sempre censurei Melina por não te dizer a verdade. Ela não queria saber. Tinha medo por você. Preocupava-se tanto …

— Tanto que acabei ficando doente de verdade — completou ele. — Quer dizer, não de verdade, mas como se fosse. Mais uma da árvore! Foi preciso

podar …

— Eu sempre disse que ela te mimava demais — acrescentou vovó Théano precipitadamente.

— Eu bem que gostava … Não era para cortar tão depressa! O café da manhã na cama, por exemplo …

— Preguiçoso! Você não está mais na idade!

— Vovó, falando da minha gêmea, você sabe o nome dela?

— Não se dá nome às crianças mortas ao nascer — ela murmurou. — Ia se chamar Théodora, acho.

— Eu deveria ter imaginado — disse Théo pensativo. — Théodora quase não fala mais comigo. Aliás, porque mamãe não me telefona? Ela vai bem?

— Melhor, impossível — respondeu vovó Théano com um sorriso estranho. — Bem … Quando você a vir, vai entender por que ela está silenciosa neste momento.

— Quando vou vê-la? — perguntou ele excitado. — Amanhã?

— Amanhã. Quando estivermos em Delfos. Não perca o fim da sua viagem, Théo.

— Esta eu não entendi — murmurou Théo. — Não há mais deuses em Delfos …

— Apesar de ser uma boa ortodoxa, eu creio que o espírito ainda sopra na Grécia! — protestou vovó Théano. — Não vá me roubar os deuses gregos! Eu me zangaria.

— Minha avó é pagã! — gritou Théo dando pulinhos. — O galho da árvore torna a crescer … Viva Deus!

Tia Marthe, Brutus e Rivkelé foram por conta própria. Vovó Théano pôs-se ao volante de seu carro novo, um conversível que ela dirigia a toda. Ziguezagueando entre os caminhões, ela triunfava passando em cima da linha amarela, buzinando furiosamente e acelerando como uma louca … Afundado em seu banco, Théo não ousava abrir o bico: quando dirigia, vovó Théano não estava em seu estado normal. Com a cabeça fora da sacola, Arthur miava desesperadamente … Lugarejos, curvas, derrapagens, cidadezinhas, engarrafamentos, freadas, pneus cantando, cuidado com a criança no acostamento! Olha o cachorro!

Cabelos ao vento, orgulhosa como um general, vovó Théano chegou a Delfos em tempo recorde. Era mais ou menos meio-dia: o sol estava a pino, as cigarras chiavam freneticamente. Nessa estação, os turistas já não eram tão numerosos. Théo contou os veículos: um, dois, três micro-ônibus … Ótimo. Estranhamente, quando começaram a subir os degraus do antigo sítio, não havia ninguém. Como se os turistas dos micro-ônibus tivessem desaparecido na sombra do santuário.

— Vou precisar encontrar a Pítia — disse ele pensativo. — O problema é que você sempre me disse que não se sabia direito onde ela oficiava.

— Já que você gosta tanto de subir, suba! — ordenou vovó Théano. — O deus Apolo também gostava das alturas.

— Falando nele, não é que ele também tinha uma gêmea?

— É verdade — confirmou a avó. — A deusa Ártemis, nascida sob uma palmeira no mesmo instante que ele. Apolo é o Sol, e Ártemis é a Lua. Eles não se encontram, é melhor assim.

— Por quê? — espantou-se Théo. — Que tristeza!

— Cada um tem seu lugar entre os deuses — disse ela sentenciosa. — E cada um, seu trabalho. Ninguém pergunta o que acham disso. Ártemis se

ocupa das parturientes, Apolo do oráculo. Ela trabalha de noite, ele, de dia. Imagine se se encontrassem … O mundo ficaria de pernas para o ar!

— Bem, e onde é que a mulher do oráculo se esconderia? Vou ter que encontrar uma última mensagem?

— O que o papel te diz, Théo? — ela sugeriu. — Que você tem que encontrar a sua pítia. A sua pítia pessoal. Olhe à sua volta.

Théo arregalou os olhos e não viu mais que as pedras aquecidas pelo sol. Um lagarto lagarteando numa mão de mármore. Um pardal desgarrado. Um gavião no céu. Oliveiras e ciprestes. Pedras por toda parte. Uma grande coluna caída de lado e, na coluna …

Sentada na coluna, uma silhueta coberta com um véu branco! Uma ilusão? Mas os dedos dos pés da ilusão se mexiam dentro de um par de meias floridas …

— Não acredito! — exclamou. — Tia Marthe arranjou mesmo uma pítia!

— Para início de conversa não sou uma pítia qualquer — gritou a forma velada. — Sou sua pítia, seu mal-educado!

Fatou! Como é que ele não pensara nisso? Correu, tirou o véu e beijou as tranças em que iam presas contas de todas as cores. Beijou as faces, a testa, o queixo, os lábios de Fatou. Os olhos negros de Fatou.

— Diga o meu oráculo, minha gazela — ele murmurou.

— *Aprende a le*r — disse ela.

— Está debochando de mim? — protestou Théo. — Eu não sei ler?

— Não soube ler sua última mensagem! — replicou ela. Estava escrito tua pítia. Não era claro? Ou você encontrou outra pítia no meio do caminho?

— Não, claro que não! Eu te amo, você sabe muito bem.

— Veremos — retrucou Fatou, pulando da coluna. — Agora, abra bem os olhos, Theozinho.

Através dos ciprestes e das oliveiras, surgidos das ruínas dos templos, chegavam sorridentes os guias de Théo. Estupefato, Théo reconheceu o sári cor-de-rosa de Ila, os brincos de Amal, a egípcia, o leve véu branco nos cabelos de Nasra, o belo olhar de Rivkelé, a quipá na cabeça loura do rabi Eliezer, o bubu bordado de Abdoulaye, a túnica cor de ameixa de Raio Bento, o hábito vermelho do cardeal, a barba negra do padre Dubourg, Sudharto de jeans última moda e, atrás deles, Aliocha de mãos dadas com Irina lacrimejante de emoção.

— Estão todos aí … — ele murmurou. — A mais linda carga do mundo! Eles não respondiam nada, cercavam Théo e fitavam-no com olhos cheios de alegria. Não ousavam tocá-lo, contemplavam-no com amor. Théo pegou de um lado a mão de Ila, do outro a de Amal e reuniu seus guias em torno de si.

— É a minha Jerusalém — murmurou. — Estamos todos juntos em Delfos. Incrível!

— Quase todos — observou Nasra após um silêncio.

— É verdade! Está faltando um! Onde está o sheik Suleyman? Está atrasado?

— Não pôde vir — respondeu o rabi Eliezer embaraçado. — Você tem que ouvir uma notícia triste.

— Nosso velho amigo nos deixou faz um mês, Théo — suspirou o padre Dubourg. — Nós dois estivemos à sua cabeceira.

— Morreu? — fez Théo. — Por que ele fez isso?

— Porque sua hora havia chegado — respondeu o rabino. — Extinguiu-se calmamente. Sabia que você estava curado. Ele gostou muito de você, Théo …

Théo sentou-se numa pedra e pôs-se a chorar. Os braços de seus guias o rodearam, toda uma árvore de mãos acariciantes …

— Um de nós não devia sobreviver — disse Raio Bento. — Estava escrito nas estrelas. Era o mais velho dos seus guias, Théo … Mas sua alma ficou com você, você sabe.

— Não é a mesma coisa! — soluçou Théo. — Está faltando alguém!

— Está faltando também, como ela se chama? … — disse vovó Théano consultando a lista. — A senhora Ashiko Desrosiers.

— Ashiko? — exclamou Théo erguendo a cabeça. — Já se casou? Caramba, não perdeu tempo!

— Ela te mandou um telegrama falando de flores de cerejeira, mas esqueci em casa — desculpou-se a avó.

— Não tem pressa — falou Théo. — Ashiko não morreu. É o que importa.

— Nosso santo amigo subiu ao Paraíso de Alá — retomou o padre Dubourg. — Ninguém tinha um coração maior que o dele, não é, Eliezer?

— Ele vai sobreviver em nossas memórias — respondeu o rabino. — Assim é a concepção que nós, judeus, temos da eternidade. Os mortos sobrevivem em nós. Procure em você, Théo, que vai encontrar nosso amigo.

— Eu o imagino no meio das huris — murmurou Théo com lágrimas nos olhos. — Deve estar numa encrenca e tanto! Com a idade que tem, o que vai fazer com todas essas gatas?

— Théo! — indignou-se o rabino. — Não se brinca com temas assim! Suleyman era um excelente muçulmano … Eu o vejo perfeitamente com as huris. Você não o conheceu quando ele era jovem!

— Então vocês agora são apenas dois para fazer as pazes entre as religiões? — perguntou tristemente Théo.

— Com você, continuaremos a ser três — respondeu o rabino. — Nós te esperamos lá. Sabe, ano que vem em Jerusalém. Eu havia predito que você estaria livre … Tem que vir!

— Gosto muito dessa ideia! — exclamou Théo. — Vou voltar lá, vou fazer como Suleyman! Quando eu acabar meus estudos, vocês topam?

— Ano que vem, meu rapaz — insistiu o rabino. — A paz é uma urgência!

— Não esqueci — disse Théo. — Mas me deem tempo para eu me acertar! Aconteceram tantas coisas na minha vida … Aliás, tia Marthe e Brutus, onde estão? E meus pais?

— Paciência — pediu Fatou com solenidade. — Em Delfos sou eu quem comanda. Preparei um desfile para você. Queridos guias, para a saudação dos artistas, formem o círculo! Papai, ajude …

Sob o comando de Abdoulaye, as mulheres sentaram-se em círculo, com os homens de pé atrás delas. Fatou trepou na coluna e ajustou seu véu.

Sede ternos convosco

— Os noivos! — anunciou Fatou. — A senhora Marthe Mac Larey e o senhor Brutus Carneiro da Silva!

— *Mazel Tov*! — exclamou o rabi Eliezer. — Batam todos palmas para recebê-los!

Tia Marthe saiu do bosque com um vestido negro vaporoso, chiquérrima. Dando-lhe o braço, Brutus resplandecia de felicidade. Théo correu para beijá-los.

— Que vestido lindo — cochichou no ouvido de tia Marthe. — Desta vez você não se fantasiou!

— Foi Brutus que escolheu — respondeu a tia baixinho. — Gostou mesmo?

— Muito. Está feliz, minha velha?

— Se estou! Você vem nos visitar em Olinda?

— Claro, senhora Silva. Com Fatou.

— Não vai esquecer sua viagem?

— Essa é boa — ralhou Théo. — Ela me salva a vida e me pergunta se vou esquecê-la! Sua boboca …

— A boboca reservou para você uma prece para o fim da viagem — murmurou ela, enfiando-lhe um papel na mão. — Leia com Fatou, quando estiverem a sós.

— Quem cochicha, o rabo espicha! — falou Brutus. — A pítia está esperando.

— As irmãs de Théo. Primeiro Athéna! — anunciou Fatou de sua coluna, introduzindo Attie, que tinha cortado os cabelos. — Em seguida, Irène Fournay e Jeff Malard!

Théo franziu o cenho. Jeff Malard? De onde ele saiu? Um sujeito alto e louro que vinha de mãos dadas com Irène …

— Meu namorado — apresentou Irène. — Jean-François, mas pode chamá-lo de Jeff.

— Saiam da frente! — ordenou a pítia. — Agora, o pai de Théo! Sozinho? Théo teve um calafrio.

— Cadê mamãe? — perguntou saltando no pescoço do pai. — Não veio?

— Claro que veio — respondeu o pai rindo. — Não seja tão apressado!

— E, finalmente, nossa estrela! — enfatizou Fatou. — A mãe de Théo!

Radiosa, deslumbrante, Melina adiantou-se com precaução, protegendo com as mãos um ventre levemente arredondado. Arregalando os olhos, Théo contemplou a mãe atônito. Grávida, mamãe? Louco de alegria, correu para ela e levantou-a no ar.

— Théo, cuidado! — gritou papai. — Não me vá quebrá-la!

— Não tem perigo, fiquei forte como um mouro! — exclamou Théo pousando-a de novo no chão. — É para quando?

— Para o fim do ano — respondeu Melina. — Devagar, Théo! É menina.

— A irmãzinha que eu tinha pedido! — explodiu Théo. — Bárbaro! Como vai se chamar?

— Zoé — respondeu mamãe. — Em grego, *zoé* quer dizer "vida". Gostou?

— Zoé Fournay — disse. — Nada mal. Vou chamá-la de Zozo.

— Zozo é você — ralhou mamãe. — Agora, trate de devolver meu anel, depressa!

Théo tirou a aliança do dedo e enfiou-a no anular da mãe, beijando-lhe a mão.

A pítia da *Cólera dos deuses* não mentira: no fim da viagem, ele encontrava a família inteira. O círculo dos guias se aproximou e sem demora, vindos do mundo inteiro, seus rostos sorridentes juntaram-se em torno de Melina e de Théo.

Dois turistas alemães que vinham arquejando pelo caminho pararam ao ver Fatou de pé na coluna.

— *Was ist das*? — gritou o senhor bem vestido. — *Ein Film*?

— Acertou — respondeu Fatou pulando do seu poleiro. Cinemascope, estereofônico, em cores, com final feliz. Eu faço papel de pítia.

— *Ach, eine schwarze Pythie*! — fez a senhora, retomando a caminhada. — *Etwas ganz neues, wie interessant*!

Vovó Théano havia começado a reunir o pessoal. Chegara a hora de subir de volta nos micro-ônibus e ir fazer um piquenique na praia. Mas o grupo dos guias de Théo carecia de disciplina …

Irène ficava para trás com Aliocha, Rivkelé estava de mãos dadas com Sudharto, Irina falava alemão com o padre Dubourg, o rabi Eliezer não acabava mais de felicitar tia Marthe, Nasra batia papo com Brutus, d. Ottavio com Ila, Abdoulaye com Attie, o pai com a mãe e Raio Bento flertava com Amal, a egípcia.

— Apressem-se! — esgoelou-se vovó Théano. — Um pouco de ordem, meus amigos! Senhor cardeal, poderia se encarregar do gato?

— Acha que podemos tomar um banho de mar senhora Chakros? — lançou d. Ottavio pegando Arthur pelo cangote.

— Oh! — fez Ila, assustada. — Não trouxe maiô …

— Entre nas ondas de sári, filha — ele respondeu paternalmente. — Não é assim que fazem as mulheres de seu país?

— Adoro o mar — disse Aliocha. — E você, Irina Yeremeievitch?

— Não muito — respondeu Irène.

— Eu não entro — decretou Nasra. — A água é fria demais em setembro.

— Eu já esperava — interveio Sudharto. — Trouxe minha roupa de borracha!

— Que homem previdente …

— Acham que tem tubarão no mar?

— No Mediterrâneo! Claro que não …

— Ah! Às vezes dizem que …

— E o gato? O que vamos fazer do gato …

— Tomo conta dele …

— Deixe-o, querida …

— Tem certeza de que gato não gosta de água?

— Quem sabe …

As palavras se afastavam com eles entre as ruínas. Théo ficou a sós com Fatou.

— Coitado do meu amigo de Jerusalém — suspirou o rapaz.

— Foi o primeiro que se desdobrou para me curar …

— Pena que eu não o conheci — disse Fatou. — Era muito velho, não é?

— Velhíssimo — confirmou Théo. — Cheio de bondade. Iremos a Jerusalém pôr uma rosa em seu túmulo.

— No Natal? — fez ela com os olhinhos brilhando.

— Está se esquecendo do nascimento de Zoé? Um dia iremos … porque, sabe, nós dois, mais tarde, vamos viajar!

— Então a viagem de Théo acabou — murmurou Fatou. — Como demorou!

— Tanto assim? Do Natal a setembro … Nove mesinhos à toa!

— Mas demorou tanto para eu te ver de novo! — suspirou a moça. — Alá é grande! Você voltou vivo.

— Quase me esquecia! — exclamou Théo. — Tia Marthe me deu uma prece para nós dois lermos sozinhos. Tome, leia para mim.

— "Ide tranquilamente entre o tumulto e a pressa" — começou Fatou a meia voz — "e lembrai-vos da paz que pode existir no silêncio. Sem alienação, vivei tanto quanto possível em bons termos com todas as pessoas. Dizei calma e claramente vossa verdade, e ouvi os outros, mesmo o pobre de espírito e o ignorante; eles também têm sua história. Evitai os indivíduos barulhentos e agressivos, eles são um insulto para o espírito. Não vos compareis com ninguém: correríeis o risco de vos tornar vaidosos. Sempre há alguém maior e menor que vós …"

— É verdade — comentou Théo. — Espere, agora eu. "Desfrutai vossos projetos assim como vossas realizações, sede sempre interessados em vossa carreira, por mais modesta que seja: é uma verdadeira posse nas prosperidades mutáveis do tempo. Sede prudentes em vossos negócios, porque o mundo está cheio de malícias."

— Não gosto muito dessa passagem — disse Fatou. — Quer que eu continue? "Mas não sejais cegos no que concerne à virtude que existe: vários indivíduos buscam os grandes ideais e em toda parte a vida é repleta de heroísmo. Sede vós mesmos. Sobretudo não simuleis a amizade! Tampouco

sede cínicos no amor, porque em face de qualquer esterilidade e de qualquer desencanto ele é tão eterno quanto a relva …"

— Viva a relva! — exclamou Théo. — Eu prossigo. "Aceitai com bondade o conselho dos anos renunciando com graça a vossa juventude. Fortalecei a prudência de espírito para vos proteger em caso de infortúnio repentino. Mas não vos aborreçais com quimeras! Numerosos temores nascem da fadiga e da solidão … Para lá de uma disciplina sadia, sede ternos convosco mesmos. Sois filhos do universo, tanto quanto as árvores e as estrelas: tendes o direito de estar aqui …"

— Ouviu? — indagou ele. — Temos o direito de estar aqui …

— Deixe eu ler o fim — suplicou Fatou. — "E, percebais ou não, o universo se desenrola sem dúvida como deveria. Estai em paz com Deus, qualquer que seja vossa concepção dele e, quaisquer que sejam vossas obras e vossos sonhos, guardai no desconcerto ruidoso da vida a paz em vossa alma. Com todas as suas perfídias, as suas tarefas fastidiosas e os seus sonhos desfeitos, o mundo é belo! Prestai atenção … Tratai de ser felizes."

— Quem terá escrito isso? — murmurou Théo.

— No pé da página, ali — disse Fatou. — Olhe … Só tem uma linha. "Encontrado numa velha igreja de Baltimore em 1692. Autor desconhecido."

— Tia Marthe mesma poderia ter escrito — observou Théo pensativo. — A mais linda prece para todo mundo: foi ela quem acabou encontrando.

Fatou dobrou a oração de tia Marthe e aninhou-se nos braços de Théo.

— Prestai atenção — sussurrou ela. — Tratai de ser felizes … O que você vai fazer amanhã, Théo?

— Eu? Voltar a Paris, tirar os presentes das malas, recuperaras aulas perdidas e ver os amigos … Estou com uma vontade de jogar futebol! Bom, vamos para a praia?

— Sacrificar o touro? — perguntou ela com malícia.

— Cair nas ondas!

— … THÉO! — gritou a voz de Melina. — Viu que horas são? Está na hora do almoço! THÉO …

Fatou e Théo trocaram um sorriso e desceram a toda os degraus do santuário de Delfos, aos pinotes, como cabritos. Na coluna caída, esvoaçava o véu esquecido da pítia. O império das cigarras recobrou a calma, o sol a corrida de seu carro no azul, o lagarto sua tranquilidade e o sítio sua solidão. Ao longe, sob as oliveiras, ressoava o eco do riso de Théo.

Agradecimentos

Professor Pierre Amado, Louise Avon, Chotte Baranyi,
R. P. Joseph, Roger de Benoist, dr. J.-P. Bernoux,
Jacques Binsztok, Patrick Carré, Claude Cherki,
Jean-Christophe Deberre, professor Suleymane Bachir Diagne,
Professor Christian-Sina Diatta, Babacar Diouf, Gérard Fontaine,
Dr. Erik Gbodossou, Françoise Gründ, Lilyan Kesteloot,
Jacqueline Laporte, Nathalie Loiseau-Ducoulombier,
Veer Badhra Mishra, Lionel Pasquier,
Alexandre Eulalio Pimenta da Cunha (†),
Françoise Pingaud, Jean-Louis Schlegel, Daniel Sibony,
Man Mohan Singh, Françoise Verny e, naturalmente, A. L.

Esta obra, composta pelo Estúdio O.L.M. em Palatino,
teve seus filmes gerados no Bureau 34 e foi impressa pela
Donnelley Cochrane Gráfica Editora do Brasil em offset
sobre papel Pólen Soft da Companhia Suzano para a
Editora Schwarcz em outubro de 1998.

Notas

1. Como é bom falar com você … Sim, eu vou. Não, em Paris no momento. Ah, você tem e-mail em Varanasi? OK, OK. Mas eu não estou sozinha. Meu sobrinho vai viajar comigo. É …

2. Sagrado Coração, em francês. Trata-se da célebre igreja no alto do bairro Parisiense de Montmartre. (N. T.)

3. Nome da prensa usada para espremer frutos, como a oliva para o azeite a uva para o vinho. (N. T.)

4. Durante a ocupação da França pela Alemanha, na Segunda Guerra Mundial, a cidade de Vichy famosa estação de águas, foi sede do governo francês entre 1940 e 1944. Chefiado pelo Marechal Pétain, o governo colaborou com o regime nazista. (N. T.)

5. Boa tarde, senhoras e senhores, bem-vindos a bordo. Sou o capitão Lumba e lhes desejo uma boa viagem a Varanasi. Nosso voo será de uma hora. Gostaria de saudar nosso convidado especial, o jovem Théo …

6. Raio Bento é o nome do personagem em francês. No Brasil, foi batizado de irmão Bené. (N. T.)

7. Coluna, marco, placa, contendo figura ou inscrição, geralmente funerária. (N. T.)

8. Acolchoados de algodão, que os japoneses usam como colchão. (N. T.)

9. Revista satírica francesa. (N. T.)

10. Casa de pinho típica da zona rural do Norte da Rússia. (N. T.)

11. Gorro de pele. (N. T)

12. O cafetã e o bubu são túnicas longas, típicas da África, sendo a primeira, também do Oriente Médio. (N. T.)

13. O Sahel é, aqui, a região da África situada entre as zonas desértica e tropical, que abarca Mauritânia, Senegal, Mali, Burkina Fasso, Níger, Chade, Sudão. O Maghreb é a parte norte da África, formada por Marrocos, Argélia e Tunísia. (N. T.)

14. O milhete é uma variedade de milho de grãos bem miúdos. O cuscuz servido é o árabe, diferente do paulista e do de tapioca, doce tão apreciado por baianos e cariocas. (N. T.)

15. Comuns a várias civilizações, esses montículos são parte importante dos ritos funerários. De terra, pedra ou, como aqui, conchas, são erguidos sobre uma ou várias covas e é comum atingirem vastas dimensões (vinte a trinta metros), tendo às vezes um rochedo, um monumento, um troféu no topo. (N. T.)

16. Região da França na vertente sudeste do Maciço Central. (N. T.)

17. Bezoares são cálculos que se formam no estômago dos ruminantes, resultado da solidificação de pelos ou resíduos vegetais. Acreditava-se que serviam de antídoto para venenos e doenças infecciosas. (N. T.)

18. Superintendente das caçadas e das reservas de caça reais. (N. T.)

19. Doce do Oriente Médio: uma goma aromatizada (com água de rosas, por exemplo) envolta num finíssimo pó de açúcar. (N. T.)

20. Espécie de licor de anis. (N. T.)